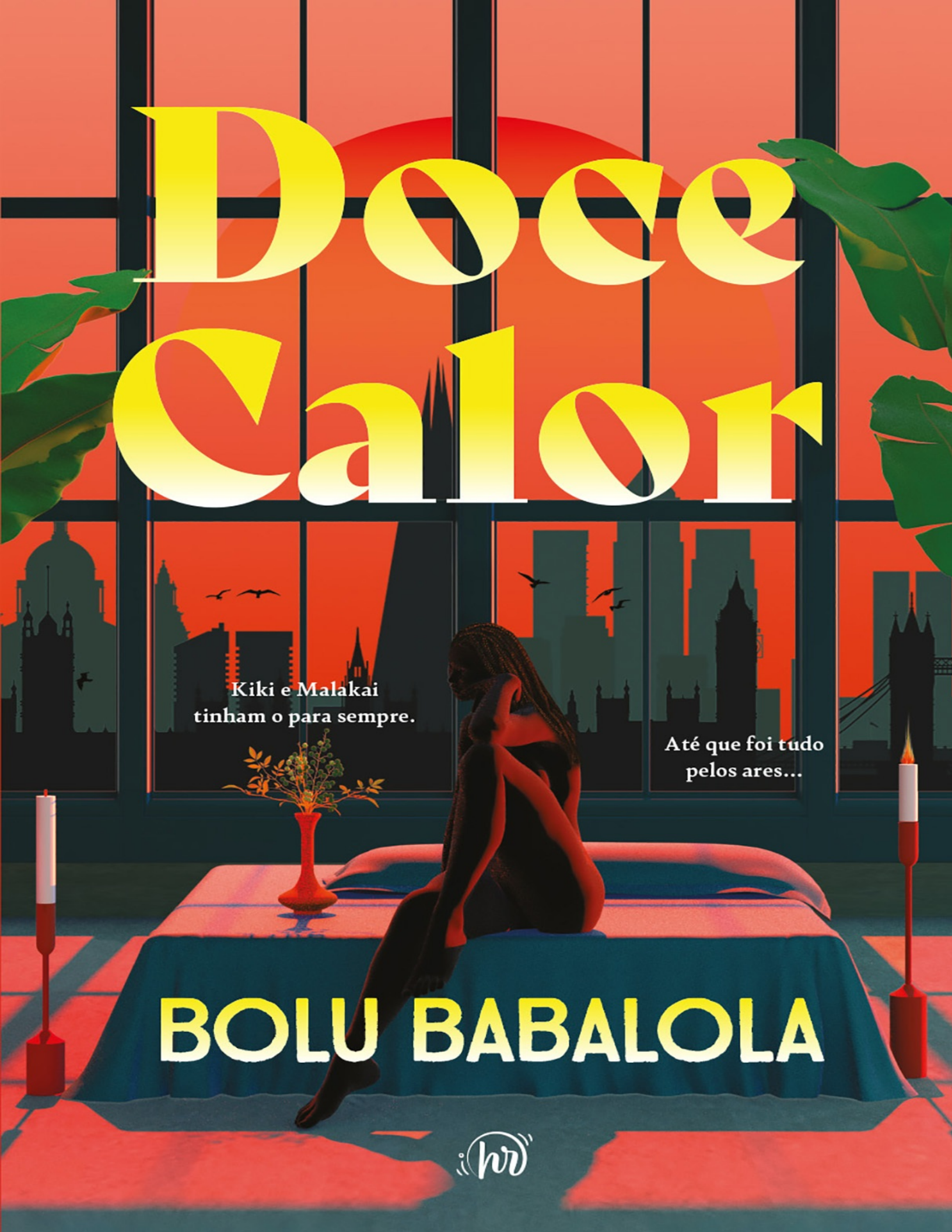
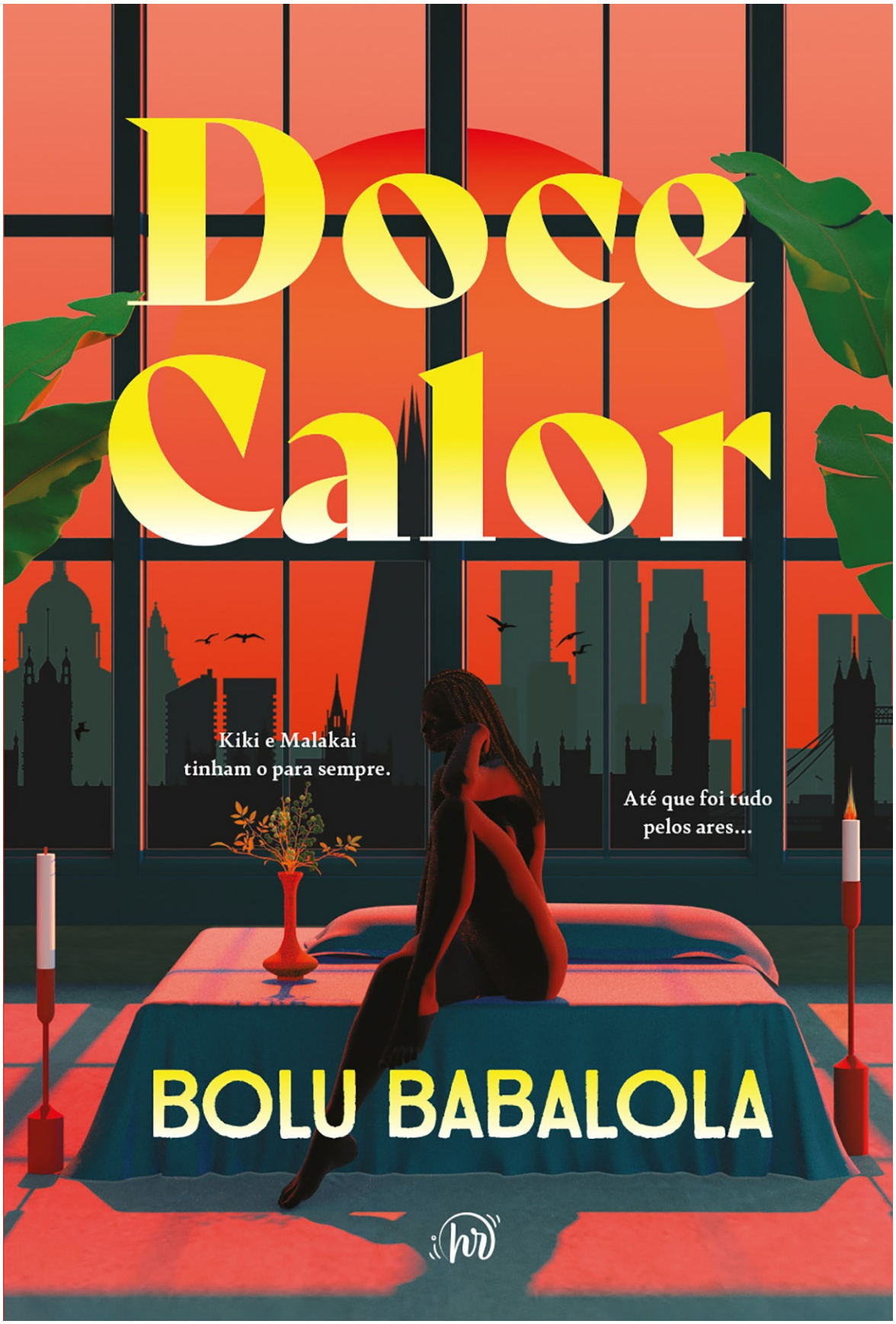
Doce Calor



BOLU BABALOLA


Doce Calor
Kiki e Malakai
tinham o para sempre.
Até que foi tudo
pelos ares...
BOLU BABALOLA

Outras obras de Bolu Babalola publicadas pela Harlequin

Amor em cores
Pimenta & Mel

BOLU BABALOLA

Doce Calor

Tradução
Gabriela Araújo

HARLEQUIN
Rio de Janeiro, 2026

Copyright © 2025 by Bolu Babalola. Todos os direitos reservados.
Copyright da tradução © 2026 by Gabriela Araújo por Editora HR LTDA.
Todos os direitos reservados.

Título original: *Sweet Heat*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores do copyright.

Copidesque	Anna Clara Gonçalves
Revisão	Natália Mori e Mariana Gomes
Design de capa	Yeon Kim
Ilustração de capa	Tishk Barzanji
Adaptação de capa	Guilherme Peres
Diagramação	Abreu's System

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Babalola, Bolu
Doce calor / Bolu Babalola; tradução Gabriela Araújo. - 1. ed. - Rio de Janeiro, RJ : Harlequin, 2026.

Título original: Sweet heat.
ISBN 978-65-5970-580-1

1. Ficção nigeriana em inglês I. Título.

25-307413.0 CDD-823.92

Índice para catálogo sistemático: 1. Ficção nigeriana em inglês 823.92
Bibliotecária responsável: Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Harlequin é uma marca licenciada à Editora HR Ltda. Todos os direitos reservados à Editora HR LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 601A – Centro
Rio de Janeiro/RJ – CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.harpercollins.com.br

Para meu amor, T, por ter chegado no momento certo.

Quando você está aqui, quase sempre
Eu me sinto um verso
Cantado por Roberta Flack

— Nikki Giovanni

CAPÍTULO 1
Sobre amor e linguine com lagosta

Dizem que certos acontecimentos drásticos capazes de transformar (ou arruinar) a vida de alguém são por vezes previsíveis nos instantes que os precedem. Não sei se esse é um conselho misterioso vindo dos mais sábios ao longo do tempo, de psicólogos ou de certa matriarca nigeriana que jura ter recebido as mensagens em sonho, mas a questão é que acredito. Somos seres espirituais, instintivos — de forma até primitiva —, por isso conseguimos sentir e antecipar mudanças em nosso destino momentos antes de se concretizarem. Um acidente de carro, por exemplo. Pode haver um espasmo no punho, uma visão turva, um coração disparado antes que o cérebro consiga detectar o que está acontecendo. A fração de segundo antes de o medo tomar conta é pior do que o medo em si: a expectativa, o frio na barriga pré-catástrofe, o sabor amargo do medo na língua que dá vontade de vomitar, rir, gritar ou pensar em qualquer coisa, *qualquer coisa*, menos no que está por vir.

Isso acontece também quando seu coração se parte.

Dá para pressentir isso no espaço que existe entre a gente e a pessoa que tem sua esperança em mãos. Na afabilidade ou na firmeza da voz dela, na maneira que as palavras chegam até você, feito ferroadas, feito mísseis. Dá para sentir a palma das mãos formigar, a respiração ficar ofegante, o coração martelar. Junto do guincho estridente do pneu no asfalto, da abundância de sentimentos, vem o olhar de remorso antes de a esperança ser esmagada com as palavras: "Para mim, não dá mais", seguido pelo silêncio sufocante que antecede a queda catastrófica.

É exatamente assim que me sinto, como se eu estivesse prestes a bater o carro, prestes a capotar de um penhasco, como se todos os meus ossos estivessem prestes a se quebrar e meu coração, a parar de funcionar… e isso tudo instantes antes de ser pedida em casamento por meu namorado, que é um amor e tudo o que eu poderia desejar.

Pelo menos acho que é o que vai acontecer. Ao que tudo indica, o homem de quem gosto a ponto de aceitar ser acordada às seis da manhã em plenas férias para fazer caminhada vai me pedir em casamento.



Hoje é vale night. Meio que sempre odiei esse termo porque me faz pensar naquele casal que a gente conhece no ensino médio e se refere um ao outro como "o maridão" e "a patroa" no Instagram. Para mim, "vale night" passa uma ideia de romance restrito a bares de narguilé com adesivos de mandala nas paredes e letreiros em neon com os dizeres "Good Vibes" em letra cursiva. Tudo isso sendo transmitido para o povo do outro lado da tela, os olhos brilhando com a ânsia de alcançar o nível #metaderelacionamento e a pele radiante cheia de filtros do Facetune.

"Vale night" sugere certa melancolia, uma monotonia, uma compartimentação da diversão que devia estar presente na rotina de um casal. Ou talvez eu só esteja com ranço porque ultimamente precisamos disso, do romance com hora marcada na agenda, uma vez que ambos andamos ocupados. Eu tentando (talvez sem êxito) não sucumbir a uma crise dos 20 e tantos anos, e ele atarefado com a integração remota do novo sistema de um novo aplicativo com uma nova equipe de desenvolvimento da Coreia do Sul, uma coisa que passo longe de entender. A única coisa que sei é que meu namorado fica acordado até tarde falando de tecnologia no que diz ser inglês, mas que poderia muito bem ser coreano a meu ver (isso vindo de uma pessoa cujo conhecimento do idioma se limita a frases soltas que ouço em dramas coreanos). Então, como ele teve uma rara noite de folga das conversas sobre robôs em coreano e eu terminei a última parte da turnê ao vivo do *A Batida do Coração: Qual é seu Ritmo?*, este virou um "vale night". Por isso estamos na casa dele, sentados à mesa de jantar de design japonês à luz de velas. Meu namorado segura minha mão, olha para mim com os olhos cor de mel, tão doces e amorosos que conseguiram ressuscitar minha esperança no amor, e diz:

— Kiki… a gente está dando certo, não está?

Minha amiga Shanti é editora de beleza e maquiadora, o que quer dizer que tiro uma casquinha de muitas amostras grátis dela (ela dá muitas coisas para nosso grupinho, tipo a Mamãe Noel dos cosméticos). Isso também quer dizer que tenho

uma infinidade de produtos para usar mesmo em dates em casa, tipo o gloss com o infeliz nome *Lábios de Ninfa*. A marca não durou muito tempo; acho que teve algo a ver com um processo por machismo, mas o gloss de fato proporciona hidratação máxima. Isso veio a calhar neste momento, considerando que estou com a boca seca como se tivesse engolido um punhado de areia.

Forço os lábios brilhantes a exibirem o que estou rezando para ser um sorriso. Na música que toca ao fundo, um rapper murmura algo sobre o dilema de querer encontrar um amor para a vida inteira apesar de ter amor demais dentro de si para se casar com apenas uma mulher. Meu namorado parece não ter muita *noção* quando se trata de adequar uma música à situação. Quando fui à casa dele pela primeira vez, estava tocando uma música do rapper Future. Segundo ele, era só uma "música legal". E apesar de tecnicamente ter estado certo (e de parte de minha atração por Bakari vir do fato de que ele sempre está certo; tudo sempre é direto e reto, simples, sem confusão nem enrolação), é meio chato ouvir "Não vou te ligar amanhã/Só quero tirar seu sutiã" estando prestes a transar pela primeira vez com um cara de quem se gosta a ponto de fazer depilação com cera quente. Ou talvez não? Talvez tenha sido só engraçado, e o fato de ele ouvir rap de boy lixo e não meu tipo de música favorito (que é, no caso, R&B lento e neo soul) não seja prova de nossa incompatibilidade inerente. Além do mais, tem Tchaikovsky e Chopin na playlist de sexo dele. Um cara eclético, sem dúvida.

Bakari assimila fatos e os transforma em sentimentos em vez de fazer o contrário. Ele foca a qualidade objetiva da produção musical, a técnica, a habilidade, o bit-rate, não em como tudo isso se transforma em alquimia dentro do peito, suavizando, fortalecendo, consolidando e estimulando um humor. Ele acredita que a qualidade é o que determina a adequação de uma música a uma situação. A música em questão é bem produzida e está entre as dez melhores do momento. Para Bakari, isso equivale ao "melhor". Faz sentido, então, que este homem *me ame.* É matemática simples.

Ele está me encarando fixamente, e o olhar amoroso dele parece perfurar meu coração, que se debate e esperneia ao tentar compreender o fato de que, apesar de eu amá-lo e ter certeza disso, estou com vontade de vomitar o linguini com lagosta que ele preparou com tanto carinho.

Bakari fez a massa do zero com habilidades que adquiriu na aula de culinária que dei a ele de aniversário. Isso aconteceu depois de vermos uma série de dramédia na

HBO sobre um chef ranzinza e seus funcionários desorganizados mas dedicados que no fim das contas formam uma grande família. Meu namorado ficou obcecado com a "precisão da culinária", a matemática e a ciência exata de mexer e fatiar e misturar ingredientes para obter um resultado perfeito. Eu, por outro lado, fiquei muito ansiosa vendo aquele cara perfeccionista e assoberbado tentando segurar as pontas do restaurante familiar em declínio. A situação era tão íntima para mim que chegou a doer, uma vez que sou a filha mais velha de dois donos de restaurante que em breve vão se aposentar. A aula que dei de presente a Bakari serviu também como um pedido de desculpas depois da decisão equivocada de dizer brincando "Sim, chef" na cama certa vez. (Ele gozou bem quando comecei a rir. Eu estava brincando, e ele levou a sério graças a um fetiche muito específico e muito inédito que eu desconhecia. Foi um grande mal-entendido.)

A massa está um pouco borrachuda, mas ele se saiu muito bem. Não acho que a náusea que estou sentindo seja salmonela, e sim algo causado pelo fato de que ele *não deveria estar me perguntando isso hoje*. Nem nunca. Nunca considerei isso. Não estou pronta. *Nós* não estamos prontos. Acho que minha garganta está se fechando. Tento pigarrear.

— Está tudo bem, amor?

Parecendo preocupado, Bakari franze as sobrancelhas bonitas e naturalmente grossas.

Confirmo com a cabeça e giro o dedo em frente ao pescoço em sinal de que estou engasgada com alguma coisa. Tipo com comida, não com as palavras: "É cedo demais para isso, e nem sei se confio em seu gosto para escolher alianças sozinho, considerando que a última joia que você me deu foi um pingente em formato de coração". Não gosto de joias em formato de coração.

Apesar de ser fevereiro e eu estar usando um vestido preto de alcinha no apartamento recém-reformado de Bakari, e ali o ar-condicionado nunca estar acima dos vinte graus, minha pele começa a formigar e sinto que estou dentro de um forno, um que serviria muito bem para terminar de cozinhar o macarrão borrachudo. Dá para desenvolver alergia a frutos do mar aos 28 anos? Dá para desenvolver alergia a frutos do mar vinte e quatro horas depois de ter jantado metade de um bagel de coquetel camarão cremoso enquanto tentava não surtar com a própria carreira? A pior parte é que o bagel nem foi dividido bonitinho em duas partes iguais, só foi cortado de qualquer jeito na vertical, atravessando o buraco no

meio.

Eu estava estressadíssima.

Ainda estou.

Olho para meu celular virado para baixo na mesa. Queria me concentrar neste momento, afinal hoje é o "vale night", mas também estou com vontade de fazer uma pesquisa no Google sobre o possível fenômeno biológico de minha súbita reação alérgica ou descoberta de que sou uma aberração da natureza, mas acho que seria falta de educação fazer isso, considerando toda a situação do possível pedido de casamento. Também quero ligar para Aminah para desabafar sobre isso em um ambiente seguro e para perguntar se ela já sabia. Em outro universo, meu namorado me pedir em casamento sem a bênção de minha melhor amiga teria sido impensável, mas o apocalipse aconteceu naquele universo, montanhas vieram abaixo, nuvens feitas de algodão-doce fizeram chover ácido, oceanos adocicados se revolveram até virarem lava, e sóis se esconderam sob a epiderme do céu. Então já sei que às vezes situações impensáveis acontecem apesar de nunca terem sido imaginadas, por isso neste universo é perfeitamente plausível que meu namorado me peça em casamento sem receber a bênção de Aminah com um "Claro, manda ver, mas juro que se magoá-la vou invocar uma maldição iorubá que vai fazer de sua vida um inferno".

Além do mais, Aminah não deu nenhuma pista sobre nada quando nos encontramos para o Tititi de Terça à Noite, embora tenhamos passado muito tempo lidando com a punhalada pelas costas que levei depois de ela ter enfim admitido que começou a reassistir *Insecure* sem mim, o que talvez tenha sido uma distração.

Dou um gole no pinot noir que sei que Bakari estava guardando para uma ocasião especial, porque quando fui abri-lo três semanas atrás depois de uma conversa exaustiva com minha agente, ele disse:

"Ah, Kiks, ganhei esse depois do lançamento de meu último aplicativo… Estou guardando para uma ocasião especial." Como se ele não ganhasse bebidas alcoólicas sempre que um de seus aplicativos é lançado. Depois Bakari beijou minha testa e meu nariz e reforçou a razão de eu estar com ele, sussurrando: "E se eu abrir a garrafa de rum que minha mãe trouxe da Jamaica?".

Depois ele fez massagem nos meus ombros e me deixou assistir *Romance nos Trópicos* sem os comentários habituais sobre como era superficial e sem sentido, o que, no fim das contas, era bem do que eu precisava.

— A gente está, sim — respondo enfim. — Acho que está dando certo. — Depois, como se para assegurar a nós dois, acrescento: — A gente está muito bem, amor.



E não soa como uma mentira. Tem sido um ano e pouco de afeto mútuo e leve, afinal. Eu estava em uma festa e sentia um caos crescente dentro de mim, mas no segundo em que o vi pela primeira vez — ou talvez no segundo segundo —, de imediato fui tomada pela calma e tranquilidade.

Para ser mais exata, era um evento de networking disfarçado de after de uma festa que ninguém sabia ao certo quando tinha começado. Eu estava conversando com um fotógrafo que fazia fotos urbanas e estava vestido feito um menino de rua da era vitoriana. Ele estava me contando sobre "o senso de propósito" que encontrava em capturar a pele negra com a câmera e sobre a última viagem que tinha feito para o Senegal. Eu tinha ido de ofendida direto para distraidamente fascinada, sorrindo e desviando o olhar da foto no celular dele, que mostrava mulheres bonitas e sérias em frente a frutas e legumes frescos, mulheres cujo dia de trabalho tinha sido interrompido por alguém que por certo não tinha pagado pelo tempo delas.

Enquanto bebia o champanhe, balancei a cabeça ao ritmo de uma música meio desconhecida de um artista de soul de 1997 que lançou apenas um álbum antes de desaparecer da indústria. Adorei a melodia e me apeguei a ela porque ajudava a neutralizar o absurdo de estar ali, em uma festa particular decorada em estilo barroco e tons de vermelho e dourado, com veludo e antiguidades por toda parte. Procurando pelo banheiro em um corredor estreito e acarpetado que parecia levar a pesadelos, avistei uma pintura renascentista italiana que retratava um banquete pastoral fartíssimo, com presunto, faisão, frutas, bolos e um menino negro acorrentado debaixo da mesa. Comecei a ficar com a impressão de que aquela noite tinha sido dirigida por Jordan Peele. Era meu primeiro Evento com E maiúsculo depois que meu humilde podcast tinha sido comprado pela SoundSugar, o serviço premium de streaming que investira uma quantia assombrosa em mim e no que tinha sido um projeto pós-término.

Algumas pessoas começam a fazer aulas de cerâmica, outras lançam álbuns

vencedores do Grammy. Comigo foi um meio-termo: havia decidido falar de amor, música e a intersecção disso tudo com desconhecidos que aparentemente se conectaram ao espaço seguro que construí para mim mesma no universo pós-apocalíptico de decepções amorosas.

Fui percebendo que eu gostava da companhia. Otis, Stevie e Luther. Mariah e Babyface. Jill Scott, Bilal, D'Angelo e Lauryn. Beyoncé e Summer e SZA e Jhene. Depois artistas independentes e mais novatos de R&B e soul no Soundcloud, descobertos em noites de música ao vivo em bares minúsculos que tinham chão grudento, bebidas fortes e um público negro do tipo que faz careta e torce o rosto em júbilo quando uma nota musical os leva ao paraíso ou um acorde de baixo atinge aquele ponto de dar frio na barriga.

Eu me sentia viva fazendo aquilo.

Alguns artistas começaram a entrar em contato, felizes com minhas análises das obras às quais tinham se dedicado tanto, agradecendo a compreensão de como suas artes eram sobre corações partidos, relacionamentos profundos ou casuais, sobre o tipo de amor que parecia tão grande a ponto de não caber no peito. Comecei a receber convites para mediar entrevistas e conversas com eles e, de repente, acabei virando um canal para novos artistas que queriam se consolidar na música, nas mídias, nos ouvidos das pessoas. Foi quando Aminah, com aquele cérebro genial de mestre do branding, sugeriu que eu começasse a fazer vídeos para me aproximar ainda mais dos ouvintes, porque, nas palavras dela, "as pessoas vão pirar quando perceberem que essa voz maravilhosa está vindo de um rostinho igualmente maravilhoso". Por mais que ela fosse suspeita para falar, de fato houve um aumento no número de ouvintes depois que adicionei os vídeos.

As pessoas começaram a me procurar em busca de conselhos românticos, para compartilhar ideias ou só para se sentirem menos sozinhas. Então descobri que tinha um público real. De repente eu também tinha uma agente bem real e me vi em reuniões com "criativos" com quem eu deveria me dar bem, mesmo quando fetichizavam pessoas negras e chamavam de arte.

O podcast resultou no renascimento de uma autoconfiança quase esquecida, como se eu fosse uma fênix sobrevivente ao fogo que percebera que, no fim das contas, o inferno pelo qual tinha passado só serviu para fazê-la crescer. A experiência também serviu para carbonizar as impurezas que tinham se infiltrado em mim depois de um término tenebroso que pareceu ter saído da primeira metade do

Lemonade, só que sem a qualidade artística. Resgatei a autoconfiança dos escombros da raiva, da mágoa e da tristeza. Descobri uma nova clareza, uma segurança que alcançaria uma classificação impressionante na escala de Mohs, tanto é que fiquei com medo de que aquilo não coubesse mais a mim.

Naquela festa cheia de influenciadores — cuja influência parecia não ter a ver com nenhum tipo de produto, mas sim com conceitos vagos como "positividade" — e figurões da indústria que se cumprimentavam com dois beijinhos e confundiam amizade com curtidas em fotos, percebi que aquela autoconfiança cabia, sim, a mim. Não porque eu me encaixava naquele ambiente, mas porque eu sabia quem eu era e sabia que aquilo tudo não era real, não passava de uma realidade inventada. Contudo, eu teria que jogar aquele jogo para ganhar dinheiro, fechar contratos, cimentar meu lugar naquele mundo. Eu tinha uma carreira para consolidar, uma identidade para forjar e mais de mim para descobrir. Só que de uma coisa eu sabia: nada disso dependia da conversa com aquele homem de olhos azuis vazios que pareciam estar grudados em meu decote.

Respondi ao fotógrafo:

— E o que significa "encontrar propósito" para você?

Ele estreitou os olhos e coçou a barba por fazer, soltando um cheiro suave de cigarro e sândalo que parecia ser a marca registrada de todo criativo inusitado que vive na corda bamba entre ser pretensioso e descolado, o que, por sua vez, contrariava o próprio propósito.

— Hum… essa é uma ótima pergunta… Hã… Acho que percebi que queria, tipo, capturar o invisível, sabe?

— Ah. — Concordei com a cabeça. — Soa muito… profundo.

Ele sorriu, e cheguei mais perto de um jeito que talvez pudesse ser lido como flerte. Então levantei o dedo do meio. Minha unha estava perfeita. Inclinei a cabeça e estreitei os olhos com curiosidade gentil.

— Está vendo isso?

Ele pestanejou, aparentemente confuso com a incoerência entre a insinuação de intimidade e o fato de eu estar mostrando o dedo do meio.

— Esse é o mesmo tom de pele dessas mulheres — continuei —, então só fiquei curiosa… será que eu também sou invisível? Na verdade, como você me notou hoje?

O fotógrafo disfarçado de criança vitoriana piscou várias vezes, em silêncio, depois começou a rir, coçando o queixo.

— Touché. Olha, eu entendo aonde quer chegar, mas não sou um desses caras brancos com síndrome de salvador. Passei várias férias na África com meu pai. Ele trabalha no Congo. Você já foi para lá?

Ficou bem nítido que se continuasse falando com aquele cara acabaria partindo para a agressão. O ambiente que já estava abafado começou a parecer opressivo e sufocante. A missão que eu tinha recebido para o after, tanto de Nina, minha agente, quanto de Aminah, minha melhor amiga e agente não oficial, fora socializar, *conhecer pessoas* e recusar cocaína. Ser obrigada a aguentar microagressões do neponeto do príncipe Leopoldo *não* estava na lista. Então para não arrancar na unha o brinquinho com pingente de cruz que ele usava, decidi dar uma volta.

Até aquele momento, eu tinha conhecido uma pessoa de uma editora cujos donos eram negros e dois agentes musicais que me convidaram para shows dos artistas que representavam. Também havia recusado três ofertas (não relacionadas aos previamente mencionados) para cheirar cocaína. Uma noite bem-sucedida a meu ver, apesar dos pesares. Mas de repente senti uma onda de solidão profunda. Queria ir embora. Eu não tinha amigo nenhum ali e as pessoas com quem estabelecera conexões superficiais tinham ido embora, uma vez que suas carreiras estavam desenvolvidas o bastante para que não precisassem ficar. Ter que aturar aquele projeto de Cecil Rhodes do mundo das artes teria sido muito mais satisfatório se Aminah estivesse comigo. Ou Shanti, ou Chioma.

Só que os pais de Aminah tinham vindo de Lagos para uma visita, então ela e Kofi estavam jantando em família. Shanti tinha um encontro com um cara que ela tinha jurado não querer ver mais nem pintado de ouro e Chi-Chi estava em um retiro de ioga em Bali, o que já seria a cara de Chioma, se não tivesse perdido o posto para algo ainda mais Chioma: ela havia tirado a certificação de professora de ioga e estava dando aulas naquele retiro. Como sempre acontecia, minha mente foi direto para a única outra pessoa com quem eu poderia ter rido daquela situação e, como era de praxe, senti calafrios e fiquei zonza por um instante. Flashback de guerra. Ele não fazia mais parte de minha vida. Eu não podia pensar nele, não podia regredir. Eu mal me permitia pensar naquele nome, mas o problema é que minha mente sempre me boicota e não apenas ignora meus limites como os transforma em desafios a serem superados. Afastei aqueles pensamentos e as ferroadas de dor que vinham por tabela. Eu tinha mesmo que ir embora.

Abri caminho entre mesas, garçons transportando bandejas com mini cachorros-

quentes veganos e coquetéis suspeitos feitos por um suposto "álcool diet" — a festa estava sendo patrocinada por certa marca chamada *Gin Sem Culpa* —, desviando de beijos soprados de longe e sorrisos que sumiam no ar tão rápido quanto surgiam. Quando cheguei ao elevador do outro lado do salão, notei um canto que parecia mais tranquilo, uma entrada logo depois da área principal que, convenientemente, estava identificada por uma placa em moldura de madeira acima da porta. Em letras douradas, lia-se: "Biblioteca". Um refúgio. Difícil perder um velho hábito.

Entrei na sala em formato de meia-lua com chão acarpetado, e o cheiro forte de papel e couro me acalmou no mesmo minuto, fazendo meus ombros relaxarem apesar de nem ter percebido a tensão. Havia um lustre de bronze polido pendendo do teto que dava a impressão de estar prestes a ganhar vida a qualquer momento e me dar boas-vindas. Bibliotecas de todo e qualquer tipo sempre representaram um lugar seguro para mim ao longo da vida. Quando eu era criança e minha mãe tinha adoecido; quando eu estava na universidade com um quase-ex maluco e obcecado por pornografia de vingança; e também na vida adulta, tentando fugir de um homem com um brinco de cruz em uma festa. Talvez soasse clichê, mas para mim uma biblioteca sempre foi um alívio em meio ao caos. Inspirei fundo e exalei devagar. Eu só precisava de alguns minutos ali para ficar bem. Estava indo até um exemplar de *Orgulho e Preconceito* de capa em couro e título em letras douradas quando uma voz masculina aveludada me interrompeu antes que eu pudesse ler de novo a verdade universalmente conhecida.

— Oi. A babá ligou. A gente tem que ir embora.

Eu me virei e franzi a testa, perplexa e ao mesmo tempo intrigada com a frase, com o dono da voz e com a energia vívida que emanava de seu rosto estreito que parecia ter sido esculpido em argila. Ele tinha maçãs do rosto protuberantes, olhos grandes e um tanto alongados e boca larga. O homem desconhecido usava um gorro verde por cima de cachinhos escuros e uma camiseta branca e folgada que caía como seda em seu corpo esguio. Tinha vários anéis de titânio nos dedos, que eram longos e pareciam perfeitos para pintar ou esculpir (não era o caso, serviam apenas para programar). Símbolos *adinkra* em preto — Grandeza, Resistência, Alguma Outra Coisa de Resistência Afro — subiam graciosamente pelos antebraços musculosos que pareciam ter ganhado força carregando djembês para cima e para baixo para apresentações de slam em vez de fazendo academia. Seus olhos castanhos eram tão brilhantes que iluminaram um lugar dentro de mim que pensei que fosse ficar

apagado para sempre. Só que não percebi isso de imediato. Na época, achei que ele era só um cara gato e esquisitão, então respondi como uma pessoa responderia a um cara gato e esquisitão.

— Hã… oi?

Ele se aproximou com um sorriso contagiante, um pouco tímido e sem graça ao mesmo tempo, e não consegui ficar ressabiada. E nem queria. O que eu queria era aproveitar aquela velha sensação de querer conhecer algo novo.

— Então, vou mandar a real — disse ele. — Eu ouvi partes de sua conversa com aquele Sebastião Coalhado e decidi que interviria para salvar você, dizendo: "A babá ligou. A gente tem que ir embora".

Contive um sorriso.

— Nossa, que cavalheiro… acho, mas também ousado.

— É, mas esse é o ponto. É uma mentira absurda que cortaria a onda dele e me ajudaria a conquistar você. Dois coelhos com uma cajadada só. Mas aí eu cheguei mais perto, continuei a ouvir e percebi duas coisas: primeiro, que você tinha tudo sob controle. De um jeito incrível, devo dizer. Sendo assim, meu plano de bancar o príncipe no cavalo branco foi pelo ralo. E, segundo, que minha ideia foi muito, muito tosca e que você é inteligente e legal demais para que ela fosse colar. Pensei até que você fosse me achar meio bizarro. Acho que ia errar feio. E olha que eu trabalho com dados, então devia ter considerado também a possibilidade de você ser areia demais para meu caminhãozinho.

Daquela vez deixei o sorriso aparecer.

— Aí você decidiu me seguir até aqui, numa biblioteca vazia, onde estou sozinha, achando que seria menos bizarro?

Ele riu e assentiu.

— Pois é. Foi exatamente isso. Bom, na verdade eu ia fingir que tinha chegado aqui por acaso, só que quando te vi só consegui dizer que "a babá ligou". Ver você causou um curto-circuito nos poucos neurônios que me restaram depois de uma longa conversa com uma pessoa que diz trabalhar como "Consultor de Vibe de Marca".

Não houve bem uma faísca ou o frio na barriga que eu estava acostumada quando se tratava de atração. Eu só me senti bem, senti que gostei dele, fiquei à vontade para ser eu mesma, sem esquiva. E já tinha um tempo que isso não acontecia.

O nervosismo estava estampado no olhar dele, presente e volátil.

— E eu gostei de seu estilo — acrescentou ele.

Olhei para baixo. Sapato brogue com plataforma, calça pantalona preta feita sob medida, um blazer oversized por cima de um top preto. Como acessórios, eu usava várias correntinhas finas de ouro de comprimentos diferentes. Uma tinha um pingente com a letra "A", de Aminah, outra tinha minha inicial, "K" e outra um pingente de livro que ganhei de minha irmã mais nova. Eu também usava um pingente de pimenta chili que ganhei de uma pessoa específica, que não tinha encontrado um pingente de pimenta *scotch*, alguém em quem eu ainda não conseguia pensar sem ficar tonta e triste. Eu não fazia ideia de como me vestir para ocasiões como aquela e ainda não tinha conseguido comprar minha primeira peça de grife, então tinha montado o look na base da reza e da intuição, torcendo para não ficar deslocada em uma festa que poderia ter sido patrocinada por uma varejista de moda de grife.

— Obrigada — respondi, com um sorriso.

Eu não levava muito jeito para flertar, então fiquei muito agradecida pelo esforço dele porque, apesar de conseguir detectar sinais gerais de desejo, tudo era sutil demais e eu não queria arriscar.

O suposto pai dos meus filhos chegou mais perto.

— Quando digo que gosto de seu estilo, quer dizer que você é muito linda. Não quis assustar você falando assim do nada, mas é isso. Fiquei com vontade de te conhecer desde que te vi chegar e fazer careta para o cara branco de dreads que tentou chegar em você. — Ele fez uma pausa. Pigarreou. — Não que eu não tenha gostado de seu estilo também…

Ele era atrapalhado, mas confiante ao mesmo tempo, nerd, descolado sem fazer esforço, como se estivesse seguro das próprias ações. A razão pela qual quis falar com ele foi a mesma pela qual senti vontade de ir embora: aquilo tinha potencial, eu sentia que tinha potencial, mas não sabia se estava pronta para algo assim.

No ano e meio em que fiquei solteira (bom, pelo menos nos últimos seis meses daquele período), eu tivera encontros insuportavelmente chatos (se tivesse que responder qual era minha cor favorita mais uma vez, começaria a dizer "preto bem escuro, como a cor da sensação de estar no fundo do poço que este encontro me proporciona"); encontros excitantes, só que rasos (não é muito sensato dizer sim para um homem só porque ele tem quase dois metros de altura); encontros cheios

de beijos com língua demais e sentimento de menos (porque muitas vezes homens de quase dois metros de altura se escoram no atrativo da própria altura e não se dão ao trabalho de aprender a beijar); e encontros de pouco assunto (em que eu ia embora depois de ouvir "e aí, o que você curte fazer?").

Era tudo superficial e isso até que era um consolo, porque assim eu não precisava me esforçar, não precisava arriscar ser magoada. Só que encontros assim não significavam que eu estava repetindo velhos padrões? Talvez estivesse evitando qualquer tipo de sentimento por medo da vulnerabilidade, sendo que era justamente isso que resultava em coisas boas, em coisas bonitas. Permitir-me ser vulnerável tinha sido ótimo para mim, até não ser mais. Eu tinha preenchido minha vida com trabalho e amigos, com a descoberta de quem eu era, mas talvez houvesse espaço para um novo tipo de alegria. Eu sabia que não seria um romance como o que eu tivera antes, mas talvez isso fosse positivo. Antes de encontrá-lo ali, eu não tinha conhecido homem algum com quem conseguisse conversar por mais de trinta segundos. Se meus cálculos estivessem certos, aquele papo já estava durando pelo menos três minutos.

Sorri. Acenei com a cabeça.

— Solanginha está bem?

Ele franziu a testa.

— Quem é Solange?

Fazia um tempo que eu não me interessava por um homem que não sacava de imediato minhas piadas, então contive a confusão diante da confusão dele e continuei:

— Como assim? Você não lembra o nome da nossa filha?

O pai da criança ficou sem reação por um momento, aí riu e concordou com a cabeça.

— Ah, é. Ela está bem, só com febre, mas… Foi mal, não sou bom nisso. Que se dane. Quer ir tomar uma comigo?

— Depende. É bebida com calorias? Não aguento mais a água com Ozempic que estão servindo por aqui.

— Muitas calorias. Prometo. Seu nível de açúcar vai às alturas.

Com Bakari, tudo era *simples*, direto e reto, nada de romance em uma floresta encantada, e sim em um parque público bem cuidado, com trilhas bem demarcadas, sebes aparadas, sem bagunça. Eu gostava daquilo. Eu precisava daquilo.



Engraçado pensar em como brinquei sobre termos uma filha nos primeiros dez minutos de conversa e, um ano depois, estou quase tendo um piripaque só em pensar em me casar com ele.

Bakari pigarreia, parecendo um pouco nervoso, e pressiona o dorso de minha mão com o polegar ao falar.

— Olha, você anda estressada com o que vai fazer quando terminar a turnê do *A Batida do Coração*. A Cypher acabou de comprar o Melanina Mista e, sem querer soar babaca, estou em uma posição muito confortável por causa disso.

Ele está falando da mega aquisição que transformou o aplicativo de relacionamento que ele criou aos 23 anos em um sucesso internacional. É estranho como Bakari e eu falamos pouco de dinheiro, apesar do fato de ele ser um gênio da tecnologia que saiu na lista da Forbes aos 25 anos ao passo que eu sou a pessoa que escaneia abacates maduros com a etiqueta de abacates verdes no caixa do mercado para economizar vinte centavos.

Bakari criou um aplicativo de relacionamento para pessoas da comunidade preta que queriam encontrar o amor, depois criou um aplicativo chamado Na Régua, que listava todos os barbeiros perto do usuário — e tudo isso o levou a criar a Ônix, uma empresa guarda-chuva para atender a grupos minoritários. A empresa tinha uma equipe de vinte pessoas que aumentava depressa e mercadorias personalizadas que variavam: desde a camiseta enorme que uso enquanto como manteiga de amendoim direto do pote quando estou Na Fossa até a capa do caderno que uso de diário quando estou Na Fossa. Ambas as coisas foram usadas recentemente. Enquanto tudo estava Ótimo para meu namorado, para mim, estava só Bem. Ou tecnicamente Bem. Tão bem quanto as coisas poderiam estar para uma filha mais velha nigeriana que quer ser perfeita em tudo… e que do nada saiu do próprio emprego. Consegui reduzir a busca por cursos de pós-graduação a apenas uma vez ao dia em vez de uma vez por hora, sete dias por semana.

Aceno de leve com a cabeça, embora não saiba ao certo com o que estou concordando. Talvez seja com o fato de que a carreira dele está decolando enquanto a minha está afundando? Bakari não é o cara mais romântico no sentido clássico da palavra. Uma vez, ele disse que andar de mãos dadas na rua era "pouco eficiente para a atividade em questão" ("Pensa, por que faríamos isso? Você sabe que gosto de

você. Dar as mãos atrapalha a velocidade de nossos passos"). Mesmo assim, não imaginei que a justificativa para um pedido de casamento fosse ter a ver com o aspecto financeiro da relação, como se estivéssemos em um romance de época e eu fosse de uma família aristocrata em decadência e estivesse arranjando um casamento na tentativa de salvar a mansão caindo aos pedaços passada de geração em geração. Ainda assim, é curiosa a semelhança com a situação do restaurante nigeriano dos meus pais que começou a falir porque um certo tipo de público disposto a pagar um valor exorbitante por uma simples fatia de bolo na "padaria e confeitaria artesanal" começou a se mudar para a vizinhança. (O nome da padaria em questão é Óleo & Levedura. Os bagels são bem ressecados.)

Bakari segura minha mão, atento à minha expressão confusa.

— Olha, amor, só quero dizer que a vida mudou para mim agora. E acho que, por tabela, pode mudar para nós dois. Estamos em um momento de mudanças, e acho que é uma oportunidade de evoluir nosso relacionamento.

Por que de repente ele começou a falar como se fosse um guru de estilo de vida dando uma palestra TEDx? Bakari sempre quis palestrar no TEDx. Ele me disse isso uma vez, depois de transarmos, em um momento em que ele se abriu comigo, estando vulnerável o suficiente para admitir. Ele ficou olhando para o teto, com um sorriso melancólico enquanto fazia a confissão, como se tivesse acabado de revelar que um dia queria escalar o Kilimanjaro.

Nos últimos tempos, Bakari começou a usar a mesma combinação de roupa todos os dias, tipo um uniforme: camisa sofisticada de linho na cor ardósia e calça chino azul-marinho, porque aparentemente essa combinação transmite uma imagem "confiante e confiável", as cores de um homem que sabe quem é. Orgulhosamente Negro, alguém a ser levado a sério. Essas eram as qualidades que eu admirava nele — confiante e confiável, alguém que sabe quem é —, mas já estou me perguntando se todas as escolhas de vida dele não foram feitas com o objetivo de escrever um livro de autoajuda de título *Diário de um Disruptor: as 93 Leis Essenciais para chegar ao CORE do Sucesso.*

— Estamos namorando há mais ou menos um ano e acho que damos certo juntos, não damos? — indaga ele.

Deixo a pergunta no ar enquanto tomo mais um pouco do vinho especial dele. Aminah acha Bakari legal, mas no começo do relacionamento ela uma vez o comparou a escolher um frango grelhado no cardápio ("Mas não de um jeito ruim!

É gostoso, mata a fome. Não dá pra errar. Kiks, o que estou querendo dizer é que ele é o tipo de pessoa que, se vocês estão em público, só beijará você na bochecha. E eu estou acostumada a te ver com alguém que parece que vai morrer se passar três segundos sem pegar na sua mão ou tocar alguma parte do seu corpo"). E Kofi, devido à lealdade a meu ex (e melhor amigo dele) e ao amor por mim, a pseudo-cunhada, é educado e só.

Mas deixando de lado a ambivalência de meus amigos, *claro* que damos certo. Beleza, não é o relacionamento mais apaixonado do mundo, e os beijos dele provocam uma sensação agradável e afetuosa em vez de uma onda de calor que me faz derreter. Só que as coisas são fáceis e estáveis, e a ausência de abundância me basta. Eu me amo o suficiente para suprir qualquer falta. Por exemplo, Bakari não entende quando preciso de silêncio absoluto em partes específicas de algumas músicas para deixar a melodia e a letra penetrarem meus ossos, pois ele ainda fala nesses momentos, seja sussurrando ou em tom normal. Também acha que sou muito sentimental às vezes. Bakari nunca ouviu um episódio sequer de meu podcast (embora sempre o divulgue). Às vezes escondo o sarcasmo, o humor, porque sei que ele não vai entender e que, se entendesse, talvez não soubesse como reagir.

Eu já tinha sentido o tipo de amor que transborda e isso quase acabou comigo. Mal tinha conseguido contê-lo. Tudo fora intenso e sério demais para um corpo que estava apenas começando a se conhecer. Por isso gosto do afeto comedido com Bakari, do calor moderado. Dá até para colocar em uma equação. 1 + 1 = Nada Em Demasia.

Bakari pesquisa os melhores restaurantes antes de me levar para jantar. O que servem não faz diferença e ele não me pergunta o que eu estou a fim de comer, só reserva, porque, afinal, é o melhor, e ele diz que mereço o melhor. Nossas viagens são resultado de buscas no Google pelos "dez melhores destinos para uma viagem romântica e tranquila" em vez de irmos para lugares que ele sempre sonhou conhecer. Ele é sério; eu, não tanto. Eu o distraio dos próprios pensamentos, e ele é sossegado o bastante para permitir que eu permaneça pensando nos meus. Nós damos certo.

— Acho que sim.

Bakari sorri e me olha bem nos olhos enquanto engulo em seco, sentindo o sabor amargo da dúvida.

— Que bom, era o que eu esperava ouvir — diz ele. — Porque…

Minha taça de vinho vibra com uma notificação do celular. Um lampejo de irritação passa pelo semblante dele.

— Você disse que tinha colocado no modo silencioso…

— Mas o modo vibração é silencioso…

— Não, vibrar é tipo o toque normal. A gente não é boomer, ninguém deixa o celular com o som ligado hoje em dia. O modo *silencioso* é silencioso.

Viro a cabeça para observar a sala de conceito aberto cheia de decorações cromadas e em tons de bege e de cinza. Passo os olhos pelas obras de arte que foram escolhidas a dedo pela assistente dele em uma lista de "artistas que estão dando o que falar" e depois analiso a janela panorâmica que dá para a vista noturna da cidade, onde as luzes brilham em contraste com o céu escuro. Faço esse gesto teatral, fingindo procurar a pessoa a quem ele está se dirigindo. Depois olho de volta para Bakari, comprovando a conclusão confusa de que ele só poderia estar falando comigo.

— Ei — digo. — Que tom é *esse*? O que deu em você?

Parecendo arrependido, ele ajeita os óculos, um hábito que sempre me amolece.

— Desculpe. Me desculpe. É que estou nervoso e inquieto porque tenho uma coisa séria para dizer.

Sem abrir o celular, eu o coloco no modo silencioso com o botão na lateral conforme minha irritação vai passando diante da sinceridade em seu rosto.

Bakari acena com a cabeça.

— Obrigado. — Ele respira fundo. — Você quer… Você…

Sinto o estômago se revirando com linguine, dúvida e vinho especial e, afinal, por que ele não entendeu que eu estava brincando quando perguntei se Solanginha estava bem quando nos conhecemos e por que ele tem *adinkras* no braço, mas come inhame amassado com garfo e faca e não tem nenhuma obra de arte africana neste apartamento que custa três mil libras por mês e por que ele deixa um dos sócios, um americano branco, chamá-lo de "Barry" dizendo que Bakari lembra Barack Obama, seja lá o que isso signifique?

— … estaria aberta a trabalhar na Ônix?

— Não posso me casar com você — brado, e minhas palavras quentes feito lava atropelam a pergunta.

Pensei que as tinha engolido, mas ficaram presas no céu da boca, prontas para serem vomitadas e ferrarem meu relacionamento.

Bakari fica paralisado assim como eu. Hesito.

— Espera aí. Como assim?

Ele solta minha mão.

— "Como assim" digo *eu.*

Sinto um nó na garganta do tamanho de um pedregulho.

— Você primeiro.

Bakari soa muitíssimo casual, apesar da desconfiança pesada no olhar.

— Você saiu de seu emprego, Kiki. Sem nenhum plano além de, o quê? Ajudar no restaurante de seus pais? — começa ele. Quando inclino a cabeça, ele chega mais perto, com um entusiasmo frágil surgindo em meio ao climão. — Olha, a Ônix está desenvolvendo um programa para mapear o público da música negra. A ideia é analisar como as pessoas ouvem música para auxiliar produtores de shows e plataformas de streaming. Você cairia como uma luva na liderança do departamento de pesquisa. Quem sabe mais dessas coisas todas do que você? Preciso de uma especialista no assunto para esse desafio e não conheço ninguém que saque mais de música negra do que você.

Fico inquieta com a leveza das palavras dele. Não consigo decidir se é melhor ou pior do que um pedido de casamento.

— Fico feliz por ter pensado em mim, mas eu… tenho, *sim*, algumas oportunidades em vista…

— Que oportunidades, Kiki? Cursos de pós-graduação?

Que golpe. Doeu mais do que depilar a virilha com cera quente, porque eu *de fato* estava pesquisando cursos de pós-graduação em Direito. Eu poderia trabalhar para a ONU! Amal Clooney faz isso parecer uma ótima ideia. Como estou com tempo sobrando, comecei a maratonar a série *Suits* e cheguei à conclusão de que tenho a bunda ideal para o estilo de roupa que Meghan Markle usa. Sempre me preocupei com justiça, ajudei a organizar vários protestos na universidade, participei de várias marchas e só chorei durante uma discussão com a única pessoa que felizmente não faz mais parte de minha vida, então posso fingir que nunca aconteceu.

— Ou vai voltar para o *editorial*? — questiona meu namorado, falando como se eu tivesse dito que ia ser mandada para uma plantação de cana-de-açúcar.

Embora tecnicamente não esteja muito longe disso considerando toda a exploração pela qual passei no ramo editorial, *ele* não está reagindo assim pelo

motivo certo.

— Quer dizer, ainda que fosse o caso, nada se compararia a trabalhar na Ônix. Você teria um salário fixo e *muito* generoso. E tudo isso com o benefício de transar com o chefe.

Inclino a cabeça. É difícil saber quando ele está brincando porque o olhar dele não muda, continua estável. Ele é sempre tão estável. Só se sabe que Bakari está brincando quando ele diz: "É brincadeira". Ele sempre explica, nunca demonstra.

Ele levanta as sobrancelhas quando continuo sem dizer nada.

— Kiki. Estou brincando, amor. Mas sim, claro, espero de verdade que a gente continue transando.

Respondo com o que espero ser um sorriso, tentando me acalmar e pensar por um segundo. Meu namorado, que é gato, quase sempre gentil e *bastante rico*, está me oferecendo uma vaga na empresa dele, onde tem poke de graça e uma copa com comidinhas que é reabastecida o dia inteiro. O mínimo que posso fazer é pensar na proposta. Poderia me considerar uma mulher que trabalha com tecnologia de verdade, e não ironicamente só porque usei uma VPN para que Aminah e eu pudéssemos assistir à temporada nova de *Abbott Elementary*.



Tecnicamente, Bakari tinha razão. Não havia um plano definido para minha carreira porque eu não devia ter saído do podcast. Tinha sido dois meses antes, em uma reunião para discutir a renovação do contrato. Eu e Nina, minha agente, estávamos com os executivos da SoundSugar em um escritório com bolas de pilates, uma mesa de pebolim e uma geladeira cheia de kombucha. A sala de reunião escolhida era chamada de "Útero de Ideias" (tudo lá dentro era rosa pastel) e lá, com sotaques transatlânticos difíceis de entender que pareciam vir de Berkshire e Clapham, os executivos elogiaram o *Batida do Coração*, dizendo estar animados com a potência *diversificada* e com o sucesso dos shows ao vivo.

Até aí, era a mesma baboseira de sempre.

Só que eu estava sentindo um frio ruim na barriga, meio que um enjoo, e dei um gole na kombucha para ajudar antes de lembrar que Nunca Gostei Daquele Negócio. Então resolvi começar a pensar em algo relaxante. Comecei a listar na mente os agudos da Mariah Carey de que eu mais gostava. Respirei com mais calma

e revisei os fatos: sim, aqueles executivos estavam demorando demais para responder a meus e-mails, mas a turnê estava esgotada e meus números estavam subindo. Não como um foguete, era um crescimento estável, os ouvintes aumentavam pouco a pouco. Além disso, eu estava *ali,* no escritório deles, que era a materialização da imagem que aparece caso se buscasse no Google "galpão corporativo decorado inspirado em um hub criativo". Estava tudo bem. A SoundSugar levantou a possibilidade de fazer um episódio ao vivo em Nova York, elogiando minha "habilidade única" de me conectar com os artistas, uma vez que eu "falava a língua deles". Ou seja, parecia positivo. Eles ainda estavam interessados em mim. Minha agente Nina olhou para mim com um semblante confiante. Respondi com um aceno de cabeça, mais calma.

— Adorei a ideia — respondi. — Que tal em Lagos também?

Eles sorriram com aqueles dentes brancos branquíssimos, saídos direto de uma série millenial da HBO em 2016, e responderam:

— Claro! Vamos falar da possibilidade. Claro que sim. É uma possibilidade. Vamos analisar a viabilidade.

Como eu já sabia o que a repetição de "possibilidade" e "claro" significava naquele tipo de ambiente (uma resposta engessada que se disfarçava de algo relaxado e despreocupado, tipo um pastor de igreja usando calça jeans skinny*)*, tentei facilitar as coisas, dizendo:

— Vocês sabem que coloco a mão na massa nas turnês. E sei que a infraestrutura pode ser complicada quando não se está acostumado com o lugar, mas eu tenho muitos contatos e conheço muita gente na cidade. Posso ajudar com o planejamento. Acho que seria legal expandir, conversar com artistas nigerianos na Nigéria, falar de arte, incorporar algumas apresentações ao vivo mais descontraídas, tipo o Tiny Desk da NPR…

Eles sorriram mais um pouco. Sorrisos ainda mais forçados, ainda mais duros, e um dos executivos, Tristram — o maldito *Tristram* —, começou a acenar a cabeça com vontade até uma mecha do cabelo lustroso cair nos olhos só para que pudesse ajeitá-la. Ele me lembrava os modelos bonitões, estilo Ken da Barbie, que decoravam a frente de lojas no início dos anos 2000. Lojas que eram o puro estilo de vida norte-americano, com fachadas que imitavam arquitetura colonial ou praiana. Cascas vazias mas muito bem perfumadas vendendo mentiras, dismorfia, fome e moletons falsificados de Harvard.

— É bem isso que adoramos em você, Kiki. Sua facilidade geral de conexão. A gente adora seu entusiasmo.

Sou mesmo entusiasmada, isso é verdade, mas também gosto de acreditar que sou inteligente. Pensando em testar até onde eles iriam, querendo saber o quanto me adoravam, resolvi ir mais longe, considerando que já estava ali. Então expus em voz alta umas ideias que causaram um pânico cultural.

— Hum, então… Na verdade, tenho feito algumas pesquisas sobre lacunas no mercado, tentando entender como expandir a estrutura que já tenho. Posso enviar os números e as informações por e-mail depois, mas em resumo este é um podcast que tem a ver com explorar as camadas, com descobertas na arte e na comunidade…

Foi quando apresentei a ideia que estava amadurecendo na cabeça: encontrar artistas reclusos, artistas que fizeram sucesso com uma música só e que eram mais apaixonados pela arte do que pela máquina da indústria musical, artistas que se afastaram do monstro da fama e escolheram a magia da criatividade, de criar algo do nada. Eu imaginava que, em grande maioria, seriam de minorias sub-representadas, pessoas jogadas para escanteio por não caberem no padrão ou por se recusarem a tentar fazer isso. Pela primeira vez em muito tempo, eu estava animada. O *Batida do Coração* nasceu a partir de uma descoberta de mim mesma, uma tentativa de atribuir sentido à minha dor ou pelo menos amenizá-la. E eu tinha conseguido. Aquilo, porém, era novo, algo que poderia me fazer crescer.

Contudo, os executivos não pareceram compartilhar de meu entusiasmo. Seus rostos eram sorridentes, mas as expressões, vazias, tentando descobrir a melhor maneira de dizer "não" sem parecerem racistas — e, não pela primeira vez, me perguntei qual era meu lugar ali. O problema com o pânico cultural vindo de figurões da mídia é que existe um limite. Ou eles dão corda para aquele tipo de ideia movidos pela culpa — um deles até se referiu a mim, cheio de dedos, como uma "mulher de ascendência melanizada", e eu automaticamente desconfio de pessoas que não conseguem só dizer "negra" — ou ficam com medo de propostas novas, querem controlá-las, alterá-las e domesticá-las. Eu me perguntei qual das duas coisas estava prestes a ouvir.

Após um breve silêncio, uma executiva chamada Verity disse, com voz arrastada:

— É uma ideia muito ambiciosa. — Ela tamborilou com a mão para enfatizar o argumento, as unhas com francesinha batendo na mesa como se ela fosse uma pianista frenética. — Adorei. Isso, com certeza. Adorei. — Minha esperança era

mais e mais esmagada a cada tilintar daquelas unhas pintadas com um tom nude. — Nós superconcordamos com a expansão, mas, abrindo um parêntese, estamos pensando em ampliar um pouco o apelo do *Batida* de uma forma que faça mais sentido com nosso trabalho atual.

Verity havia postado uma foto da rainha Elizabeth II quando ela morrera com a legenda: "Obrigada e descanse em paz. A maior girl boss que já tivemos. Uma inspiração para todas nós". Eu me lembrei disso e me senti enrijecer, ficando desconfiada. "Todas nós", quem? Onde eu me encaixava naquele "nós"? O quanto eu cedia de meus valores ao me vincular àquele "nós"? Quem ela achava que eu era? Dei uma olhada para Nina à esquerda, que me encarou no mesmo instante. Seus olhos verdes estavam atentos sob os cílios compridos, ainda mais alongados por uma camada de rímel preto.

Nós já dominávamos a arte da comunicação silenciosa. Ela era só alguns anos mais velha do que eu e tinha me pegado como primeira cliente quando era agente júnior. Sendo ela uma londrina multigeracional do sul de Londres, a primeira da família a frequentar a universidade, Nina sabia o que era lutar por um espaço em lugares nos quais as pessoas diziam que você não se encaixava. Em um evento do pessoal de criatividade, enquanto ouvia frequentadores dos condados falarem, todo saudosos, sobre verões em família e refeições suntuosas no sul da França e na costa da Itália (citando algo sobre frutas frescas típicas do local, acessíveis graças às casas de campo da família próximas a pomares), Nina tomou um gole de champanhe, acenou com a cabeça e disse:

"Sei como é. A gente ia de excursão para um parque aquático aqui por perto que tinha um self-service sensacional, também."

Nós duas éramos jovens, motivadas e perseverantes, e a primeira coisa que Nina me disse enquanto tomávamos café com leite perto do escritório dela foi:

"Diz pra mim quais são seus sonhos e eu vou te apoiar. Não tem gente suficiente nessa área que trabalhe por amor e isso basta para que eu queira embarcar nessa com você. E, se alguém sair da linha, compro sua briga. E, se mesmo assim você quiser participar da briga, tudo bem também."

Nina podia ser dura na queda ou muito doce, a depender do que pedia a situação. Sua avó administrava um pub e uma vez, para defender uma mulher, esfaqueou com um caco de copo de cerveja um sujeito que estava ficando meio agressivo — e ela se safou. Naquele momento, de batom vermelho e cabelo ruivo

preso em um coque elegante, Nina parecia estar canalizando aquele poder. Depois de endireitar a coluna, ficando em uma posição defensiva, ela inclinou a cabeça de modo que os brinquinhos dourados de argola brilharam no sol de inverno que entrava pelas amplas janelas que davam para o Soho.

— Kiki já tem uma boa base de fãs. O apelo dela está justamente no quanto é específica — declarou Nina.

— Claro, claro — murmurou Verity, tamborilando com os dedos inquietos na grande garrafa de água rosa pastel. — É só que precisamos pensar bem em como a gente quer seguir com esse apelo, entendem? Por isso, queremos ampliar essa especificidade mágica para incluir outros artistas que estão mais no centro das atenções culturais neste momento. Eu estava em um after no Annabel's… — meus lábios se curvaram de leve por causa da necessidade de mencionar o local — … quando esbarrei na Kitty St. James. Ela mencionou o nome da Kiki, porque te adora. Claro. E sabe a coluna dela sobre sexo e relacionamento no *Journal*? Bem, está crescendo super. E ela estava pensando que vocês duas poderiam unir forças. Não seria tudo? Algo parecido com análise de namoro intercultural. Você a conhece, não conhece?

Não consegui conter uma risada. Katherine ou "Kitty" St. James era queridinha da revista *Tatler*, filha da ex-ministra de estado Agnes St. James (que ajudou a aumentar o número de abordagens policiais durante seu mandato) e autora do livro de incrível título *Katarse com a Kat*. A coluna de relacionamentos dela era descrita como "ousada, irreverente e cheia de girl power", o que, claro, significava que ela xingava muito e sua foto de autora era ela vestindo um top rosa com os dizeres "Viva la Vulva" para ilustrar toda a ousadia. Recentemente, ela havia escrito um artigo sobre como o racismo nos "dias de hoje" é um conceito que "gira em torno do pênis". Ela explica letra por letra para nós, que somos tão ignorantes: "Quanto mais as pessoas transarem com pessoas diferentes delas, mais vão perceber que somos todos iguais". E o texto termina de maneira triunfante com a seguinte canetada: "Que sonhemos com um dia em que as pessoas não serão julgadas pela cor da pele, mas pela qualidade do coito que praticam".

Bem impressionante mesmo. Partes do artigo circularam pelos grupos com minhas amigas negras e o comentário geral foi tipo: "Que maluquice é essa? Ela só pode estar de brincadeira" e "Pera aí, acabei de perder a vaga de emprego para um branco menos qualificado do que eu. Vou ser obrigada a ligar para o sindicato" e

“Sessão espírita às oito, migas? Temos que trazer o Martin Luther King de volta!!!”. A resposta foi: “Ele já voltou, amiga. Reencarnou no corpo da Kitty St. James 🙏”.

Nas redes sociais, ela recebeu todo o “carinho da torcida” que a comunidade preta tinha para dar, mas claro que Verity não devia ter visto nada disso. Pouco depois de todo o bafafá, Kitty St. James assumiu o namoro com um ator negro famoso. O anúncio aconteceu em um post do Instagram em que a legenda era dois emojis de sorvete, um de baunilha e outro de chocolate.

Consegui engolir a risada e argumentei:

— Bom, eu posso pensar nela como convidada.

Eu não faria isso nem morta, mas achei que não fazia mal fingir até que o contrato fosse assinado.

Verity pigarreou.

— Hum. Nossa intenção seria torná-la uma coapresentadora permanente, mas claro que ainda cuidaríamos do seu protagonismo. Com a renovação do contrato se aproximando, queríamos rever ou expandir o escopo do que o *Batida* poderia vir a ser… Na verdade, tudo depende desse tipo de crescimento. Já pensou em como seria uma turnê norte-americana com o público da Kitty? Vocês estariam… maximizando o sucesso conjunto!

A última parte saiu com um toque de orgulho. Verity sorria como se tivesse enfim acertado uma frase no Duolingo.

Senti um frio na barriga e uma sensação de formigamento nas palmas das mãos. Fiquei meio ofegante, e minha paciência e disposição para manter a conversa agradável foi para o espaço.

— Meu programa não é um safári nem um retiro tipo ano sabático para acrescentar um pouco de tempero ao currículo alheio. Além do mais, é *meu*.

Verity ficou vermelha e arregalou os olhos.

— Não! A gente está aqui para apoiar Kiki Banjo.

Por que ela disse meu nome daquele jeito? Foi como se eu não estivesse presente, quando eu estava, sim, dolorosamente presente, sentindo a kombucha chacoalhando dentro de mim e meu estômago se revirando porque eu sabia que algo estava prestes a mudar.

— “Apoiar” parece uma palavra equivocada para o que vocês estão oferecendo. — A voz de Nina era cristalina como a água gelada da Antártida. — É a cruz ou a espada. Estão propondo renovar o programa com a inclusão de uma

coapresentadora, o que mudaria a essência do podcast, ou ela vai ter que abrir mão de tudo.

— A gente ama a voz da Kiki! A dicção tão… clara — afirmou Tristram, e tive que rir de novo.

Provavelmente a risada soou meio desvairada a julgar pela expressão deles, então assenti com empatia.

— Aham. Clara. Só precisaria ser um pouco mais branca para ficar clara o suficiente.

Verity ficou da cor do batom Ruby Woo da Mac, e não me lembro do que mais aconteceu porque meu coração disparou a ponto de obscurecer minha coerência. Tudo o que eu sentia era raiva por eles terem a pachorra de pegar meu sonho e distorcê-lo, e isso combinado à audácia de me pedir para ainda assinar embaixo. Só me lembro de ter interrompido Verity com uma gargalhada e um sonoro: "Não".

Ela hesitou.

— Não… o quê?

Eu não tinha percebido que tinha falado em voz alta até ver a expressão de choque deles, mas quando o "não" veio à tona, soou muito bem, quase melódico. Então resolvi não voltar atrás, porque, pensando bem, nem fodendo, nem a pau, ha-ha.

Abri um sorriso de orelha a orelha.

— Não. Nem ferrando.

Ao dizer isso, senti uma enorme paz tomar conta de mim, do tipo que vem quando se olha ao redor de uma festa e resolve que já é hora de ir embora, já bebeu o suficiente, já dançou bastante com as amigas, já socializou, já conversou, já fez tudo o que tinha para fazer. Tem certeza de que não vai perder nada.

Eu não precisava ouvir mais nada.

— Não.

Quando contei para Bakari no dia seguinte, muito nervosa, ele ficou em choque, coçando a barba em silêncio. Depois, olhando para o café com uma expressão séria, ele começou a falar, cheio de dedos:

— Kiki… tem certeza de que não foi uma coisa impulsiva a se fazer? Não é a pior ideia do mundo trabalhar com outra pessoa para ampliar seu público.

— Se o que faço é autêntico, o público vai me encontrar.

Ele suspirou e concordou com a cabeça.

— Tomara, mas, sendo realista, teria sido uma ótima oportunidade. Você poderia ter aproveitado para fazer uma boa grana e… — prosseguiu ele. Quando percebeu que meu queixo estava tremendo e meus olhos estavam marejados, Bakari esfregou meus braços com carinho e beijou o topo de minha cabeça. — Sabe de uma coisa? Talvez tenha sido melhor, mesmo. Você não poderia ter um podcast para o resto da vida.

Tento pensar no que teria feito diferente e não consigo. Foi uma resposta impulsiva, claro que foi, mas veio de algo que partiu de uma coisa concreta. Ser impulsiva não tem nada a ver comigo a não ser que eu esteja transbordando de emoções que estão borbulhando ali, implorando por validação. Quando beijei meu ex pela primeira vez, anos e anos antes, quando ele não passava de alguém que conheci em uma festa universitária onde o chão era mais grudento que chiclete, foi para escapar de um esquisitão que se referia a mulheres como "fêmeas", mas também porque eu queria saber como era o beijo dele. Houve um sentimento real envolvido: uma sede, o desejo de experimentar — a *necessidade* de experimentar. Quando eu disse "não" no "Útero de Ideias" foi porque no fundo eu sabia que se ficasse ali, vendo meu sonho ser esquadrinhado e virado do avesso, acabaria morrendo um pouco por dentro. Não faria sentido continuar porque o propósito do podcast teria sido deturpado.



— Kiki, fala sério — diz Bakari naquele momento, na casa dele. — Seu trabalho ia ser falar sobre "os cinco melhores álbuns para ouvir quando seu boy faz merda" para o resto da vida? Pode até ser divertido, mas você é capaz de muito mais.

Sinto o sangue ferver e meu coração gelar. Todas as minhas ambições soam frívolas na boca dele. Isso nunca aconteceu antes. Ele sempre disse que o que eu fazia era *necessário*, que as pessoas precisam de um lugar para entrar em contato com os próprios sentimentos e que eu proporcionava isso. O tanino do que eu pensava ser o vinho de comemoração fica grudado no céu de minha boca, intensificando o sabor amargo da situação.

— Eu sei bem do que sou capaz, Bakari. Por isso caí fora. E sei que não estou salvando o mundo, mas *alguma coisa* estou salvando. Estou falando de sentimentos. E, na verdade, esse trabalho que você está me oferecendo, *mapear o público negro*,

vender essa informação para corporações, parece um lance meio X9 demais para mim. Não quero *explorar* nossa arte para que…

— Kiki, fala sério, cara. É *assim* que a gente ajuda a aprimorar a cultura negra. Permitindo que nos compreendam.

— "Permitindo que nos compreendam"? Você se ouve? Quer ser compreendido por quem? Gente branca que fala "Bei-oncé" em vez de "Bioncê"? Gente que só sabe o que é afrobeats por causa de um remix da Selena Gomez?

— Qual o problema em dizer "Bei-oncé"?

Minha pressão arterial vai às alturas.

— Bakari, está de sacanagem?

— Beleza. Acho que a gente está fugindo do assunto…

Particularmente acho que o fato de ele não ver problema na pronúncia "Bei-oncé", tipo uma mulher que usa camisetinhas soltas com os dizeres "Foca o café & deixa Zé Povinho falar", é por si só um problema muito grave, mas resolvo ser madura e deixar passar.

Depois de controlar a respiração, digo:

— Eu só pensei que você entendesse meu propósito. Como você se sentiria se alguém entrasse em contato com a Ônix, que foi feita para apoiar a comunidade negra, e dissesse que você *tem* que fazer parceria com alguém branco para que seu trabalho seja validado?

— Eu toparia, Kiks. Na verdade, é o que estou prestes a fazer. Estou quase fechando um contrato com uma empresa francesa. Eles sabem como ampliar nosso escopo e enxergam nosso potencial. Minha futura sócia, Amelie…

Amelie?! Não é possível. Ele só pode ter acabado de inventar isso. Não é possível que justo o nome dessa mulher seja a primeira coisa que aparece quando se procura "nomes femininos franceses" no Google. E por que ele não tinha falado disso antes?

— … entende bem o que estou tentando passar. Não falei disso antes porque sabia que você ia dar o maior show por causa disso. Essa é uma decisão estratégica para o negócio. Olha, só estou dizendo que há um jeito de cuidar da nossa cultura e ganhar dinheiro ao mesmo tempo. Como você está ajudando o cara sem instrução que faz entregas…

Não quero acreditar que ele acabou de dizer "o cara sem instrução que faz entregas" de maneira séria, então espero até que termine.

— … sem um puto no bolso?

Uau.

— Você tem uns patrocínios e alguns freelas de redação, mas o podcast acabou. Está na hora de ser realista.

Então percebo que Bakari sequer considerou a possibilidade de o podcast ganhar uma nova chance em outro lugar. Os direitos ainda são meus. Eu poderia procurar outro lugar, se quisesse. Não teria orçamento nem recursos, mas poderia, *sim*, se quisesse. Sinto um calafrio de irritação. Não precisava de uma sessão com um coach, precisava de alguém que levasse meus sonhos a sério, alguém que enxergasse possibilidades no horizonte.

— Sabe de uma coisa, amor? De alguma forma, eu consigo imaginar uma realidade em que sua oferta de emprego não é a única coisa que me impede de ter que vender pack do pezinho na internet. Embora, só para deixar claro, eu tenha pés muito elegantes e pudesse ganhar muito dinheiro vendendo fotos deles se quisesse. Mas a questão é que seria *uma escolha minha*. Você nem está me dando a chance de pensar no que quero fazer…

Bakari suspira de uma forma que me faz desejar ter dito a ele que falta alguma coisa no molho da lagosta, que o linguine precisa de um pouco mais de manteiga com um pouquinho de açúcar, um pouco mais de sal. Um pouco mais de *sabor*.

— Kiks, quero contratar você porque acho que seria um grande ativo para a Ônix. Não precisa agir como se a gente estivesse em *Mad Men* e eu estivesse te pedindo para ser minha secretária. Mas isso seria sexy, claro.

Mais uma vez espero que ele diga que está brincando. Em vez disso, Bakari termina de tomar o vinho na taça. A pior parte é que eu tenho certeza absoluta de que ele nunca viu *Mad Men*, apesar de fingir que conhece.

Aceno com a cabeça.

— Só uma dúvida, Bakari, por acaso é por algum tipo de fetiche que você quer ser meu chefe? Porque a gente pode fazer um role play, não precisa ir tão longe a ponto de querer me contratar para trabalhar para você. E, tipo, foda-se, vamos deixar minhas ambições pessoais de lado por um segundo, como acha que isso afetaria nosso relacionamento?

Com certeza estou caminhando para um surto total. Isso é muito atípico em nossa relação. Nós não fazemos isso, nós não discutimos, e no momento estou percebendo que é porque não temos o que discutir. Esse fato está me deixando quase tão incomodada quanto todo o resto da conversa. Bakari parece estar atônito.

E entendo; ele nunca me viu assim. Mas ele se recompõe, coloca os talheres na mesa com gentileza e se recosta na cadeira.

— Não sei, Kiki. Como você acha que rejeitar um pedido de casamento hipotético meu vai afetar nosso relacionamento?

Meu ar de superioridade evapora. Fecho a boca. Remexo-me na cadeira sem jeito e puxo as tranças por cima do ombro para ter alguma coisa para fazer com as mãos. Pigarreio.

— Bakari, eu… — Tento formular um pedido de desculpa que está escondido em algum lugar das profundezas de minha frustração. Só pode estar, porque não consigo encontrá-lo e não tenho tempo para isso. — Eu só entrei em pânico…

Ele acena a cabeça com calma.

— Beleza. Eu entendi, mas por quê? Quer dizer, teoricamente a gente dá certo. Você se importa comigo e eu me importo com você, tanto que estou disposto a ter você como parte da *minha* empresa, o que, de certa forma, é mais importante do que um casamento…

Será que é mesmo? Decido que não é a hora de questionar isso. Devo dizer que fico orgulhosa de meu autocontrole. "Concentre-se no problema sendo abordado", foi o que disse a psicóloga nas duas sessões que fiz antes que o valor da sessão me fizesse perceber que estou muito bem, obrigada.

— Mas essa é a questão, Bakari. Você acabou de dizer que se *importa* comigo. Você por acaso me *ama?*

Seis meses depois de começarmos a namorar, Bakari começou a encerrar nossas ligações com "amo você" e comecei a responder com "também amo você". Foi isso. Não houve nenhum suspense, nada de frio na barriga. Minhas mãos não suaram nem um pouco, só olhei em volta naquele dia e pensei: "Hum, acho que isso pode ser amor, então?". Ficar com Bakari por meio ano foi meio que um milagre, considerando que houve uma época em que eu achava difícil imaginar a vida com outra pessoa que não fosse Meu Ex sem querer vomitar. Eu gostava de Bakari o suficiente para esperá-lo (ou pelo menos para fingir que esperava) em vez de assistir sozinha aos episódios de uma série que tínhamos começado juntos. Eu gostava da mãe dele, que sempre mandava marmitinhas congeladas com caldo de galinha para mim.

Quando estava com ele, eu me sentia bem e acolhida, segura em mim mesma. Sentia a alma ancorada, sem tentar se enrolar na dele, mas feliz com a companhia.

Do que mais eu precisava? Pensei que isso poderia significar amor no fim das contas. É o único amor que estou disposta a sentir neste momento. Sem ansiedade, sem suor nas mãos, sem sentimentos fazendo o sangue correr mais rápido ou fazendo o ambiente parecer muito mais quente. Era só… suficiente. Só suficiente. E o suficiente basta.

— Claro que amo — responde ele, quase com irritação. — *Você* me ama?

Engulo um gosto teimoso, não do linguine nem do vinho, mas de um tempo esquecido: pimenta e mel, inebriante e irresistível.

— Como eu poderia não amar?

Meu celular começa a vibrar de novo e, por algum motivo, desta vez parece ser uma emergência. Estou esquecendo de alguma coisa e a vibração do celular me impacta com fervor. Preciso atender, mas percebo a frustração e a confusão tomando conta do rosto normalmente sereno de Bakari.

— Kiki, por que preciso dizer isso o tempo todo para você acreditar? Somos adultos. Eu compartilho seus podcasts em minhas redes sociais mesmo que meu público não consuma esse conteúdo. Apoio você em todas as suas crises criativas, que são muitas e, para ser franco, um pouco exageradas.

Solto um arquejo, deixando o barulho do celular ser ofuscado por um momento.

— Exageradas? *Exageradas*? Desculpa se ter que regravar um episódio do podcast porque um de meus artistas favoritos lançou uma música de surpresa me deixa um pouco estressada…

Bakari volta a falar.

— E eu sempre vou nos encontros de casal com seus amigos, que são super-desconfortáveis, porque eles claramente não gostam de mim…

— Calma aí, a gente foi a *um* encontro de casal e sim, as coisas ficaram meio estranhas depois de você dizer para Kofi que o trabalho dele como designer de produtos provavelmente vai ser substituído por *I.A.* daqui a pouco. E eu vou a todos os seus eventos de negócios e fico de parzinho com você apesar de seus amigos nerds agirem como se meu podcast fosse um capricho bonitinho só porque não é sobre criptografia ou *I.A.*…

— Por que você fica falando I.A. desse jeito, como se não fosse algo a ser levado a sério? A Inteligência Artificial é uma realidade, Kiki.

— *Você* por acaso foi gerado por I.A.? Por isso não consegue detectar como está sendo insuportável agora?

— Na verdade, a I.A. conseguiria…

— *Cara.*

Quando falo, minha voz revela um tom grave nigeriano que tem um toque de alerta mortal. Estreito os olhos. Bakari suspira e esfrega o ossinho do nariz, ajeitando os óculos de grife em formato hexagonal.

— Kiki, por que a gente está brigando, afinal? Não estou pedindo você em casamento ainda, porque não estamos prontos, mas nós funcionamos. Damos certo. Estamos felizes. Fazemos as noites de cinema, temos pelo menos duas séries em comum. Testamos receitas que vemos nos programas da Netflix. E tiramos boas férias daquela vez, quando fizemos trilha. Nos divertimos bastante lá, apesar… do que aconteceu.

Bakari está falando do fiasco do "Sim, chef" com uma expressão neutríssima.

Olho fixamente para ele para tentar descobrir se está sendo sarcástico, mas tudo o que encontro, claro, é sinceridade. Quando ele me pediu para tentar falar "Sim, chef" na cama sem dar risada alguns meses depois do Acontecido, dei risada outra vez, pensando que estivesse brincando. Só que ele não estava. E foi aí que Bakari disse que talvez a gente devesse deixar todo o rolê de fetiche para lá de uma vez por todas para "não criar problemas".

Bakari começa a falar manso. Meu celular ainda está tocando, o que significa que quem está telefonando desligou e ligou de novo. Só uma pessoa faria isso.

— Kiki, às vezes sinto que você… *romantiza* demais as coisas. E sei que é a essência do *Batida*, mas você entende que isso é um trabalho, não é? É encenação. E acho muito legal que você proporcione essa válvula de escape para as pessoas, mas não passa disso, uma válvula de escape. Para você também. Não foi assim que superou seu término, afinal? Mas como você não está mais nesse momento da vida, talvez seja hora de deixar isso para trás. Talvez seja por isso que você está estagnada.

Há um momento de silêncio e percebo que respirei fundo. Engulo em seco e empurro algo sólido e amargo goela abaixo. Sinto os olhos ficarem turvos. Pego o celular em silêncio.

— Kiki, espera…

— Minha melhor amiga precisa de mim.

— Qual é a emergência agora? Alguém ficou com o ex de alguém no *Romance nos Trópicos*?

É uma resposta atípica e meio venenosa, mas discussões são atípicas em nossa

relação, então talvez a alfinetada seja algo comum para ele. Ignoro, até porque a temporada de *Romance nos Trópicos* nem começou, é um reality show de verão. Viro o celular e vejo o nome "Minah Money" na tela. Com uma pontada de culpa, atendo a ligação de minha melhor amiga. Nos primeiros cinco segundos, ouço apenas um soluço de choro e travo de imediato, sentindo um aperto no peito.

— Minah? Aminah, amiga, você está bem? Onde você está? Diz alguma coisa…

Já estou me levantando, pronta para ir aonde quer que ela esteja, para brigar com quem for preciso, para fazer chorar quem quer que tenha feito a "carne da minha unha" chorar.

— Se *estou bem*? — grita ela do outro lado, alarmada. — Como *assim*, "você está bem"?

Aminah e eu adquirimos hábitos semelhantes em nossos dez anos de amizade. Sua voz aveludada de princesinha da classe média de Lagos misturada com o sotaque do leste de Londres repete perguntas retóricas com uma emoção intensa que ainda não consigo decifrar.

— "*Você* está bem?" — pergunta em um agudo que deixaria Mariah Carey com inveja. — Estou muito *puta* com você! Como teve coragem de esconder isso de mim?

Ouço Kofi rindo ao fundo, dizendo:

— Amor, quer matar ela do coração?

Minha mente começa a calcular, esquematizar e traduzir, e de repente meu coração esquece toda e qualquer angústia ao entender o que está acontecendo, meu próprio sangue entende, porque uma onda de alegria acalma meu estômago e dissipa meu estresse e começo a me sentir bem assim que ouço a emoção escondida na voz dela.

— Kiks… — Os gritos dela se transformaram em risadinhas contagiantes, a versão sonora de sentir o toque de uma borboleta no primeiro dia da primavera. — Onde você estava? Não precisa responder! Não tem problema! SUA ÌYÁWÓ VAI VIRAR UMA ÌYÁWÓ, mas você já sabia disso, não é, ô piranha maravilhosa e dissimulada? Eu ia ligar o vídeo, mas, hum… A gente está em um quarto de hotel.

Rio com uma alegria desimpedida que alivia todo o peso de meus ombros. Depois vou até a janela, encosto a testa no vidro e sorrio para o horizonte. Quando fui ajudar Kofi a escolher as alianças, minhas únicas instruções foram:

- Não me dizer ao certo quando ele faria o pedido, porque para Aminah sou um livro aberto, e daqueles de autoajuda para mulheres negras e bem-sucedidas que a gente lê de cabo a rabo, e assim eu teria que evitá-la ou ignorá-la, o que seria impossível e até trágico, porque ela me perseguiria exigindo saber por que resolvi desprezá-la e matá-la de tristeza;
- Pedir a mão dela logo após sua manicure quinzenal (cor do esmalte: Sorvete de Creme; formato das unhas: amendoado; comprimento: médio).

Começo a dar risada.

— Foi mal, amiga. Achei que não seria legal estragar a surpresa do noivo e tal.

— Valeu, Kiks — diz Kofi ao fundo.

— De nada, amigo.

Aminah finge um barulho de vômito no celular, mas não consegue esconder a felicidade.

— Eca! Você é melhor amiga de quem, afinal? Mas vamos ao que importa, MADRINHA DE CASAMENTO! VAMOS NOS CASAR! ESTÁ PREPARADA?

Só percebo que estou chorando quando uma lágrima escorre por meu queixo e cai em meu peito. E só percebo que estou sorrindo muito quando me afasto da janela e vejo meu reflexo no vidro. Um sorriso largo e bobo toma conta de meu rosto e meus olhos estão brilhando. Vejo também que Bakari está limpando a mesa atrás de mim em completo silêncio, evitando olhar para onde estou. Engulo em seco e me concentro na alegria de minha melhor amiga, que está prestes a se casar com o amor da vida dela.

— Estou mais do que preparada.

Então ouço Kofi ao fundo, rindo para si mesmo e resmungando:

— Caramba, vocês duas acham que são as únicas melhores amigas nesse mundo? Quero ligar para meu padrinho também, ele está esperando.

Neste momento, meu corpo inteiro fica tenso com os resquícios de um velho apocalipse neste meu novo mundo.

Então percebo que ter dito que estou preparada foi a mentira mais deslavada de todos os tempos.

CAPÍTULO 2
Não me esqueça

—Espera aí, deixa eu ver se entendi — diz Shanti, apontando para mim com um garfo como se fosse uma arma letal e inclinando a cabeça para o lado de forma inquisitiva, mas fingindo gentileza.

Seus cachos castanhos de indo-jamaicana são curvados como pontos de interrogação e parecem me questionar também enquanto ela bate os cílios postiços de uma forma que entrega que estou prestes a ser esganada.

— Seu namorado bonitão e bilionário da tecnologia se ofereceu para financiar sua vida e você disse "não, valeu"? Com todo o respeito, amiga, você só pode ter caído e batido a cabeça. Juro, estou preocupada de verdade. Você levou essa palhaçada de defensora da justiça social longe demais. Você não é Angela Davis, não, minha filha. Ninguém que é membro da Soho House é socialista *de verdade*. Descansa.

Fico indignada.

— Ei, eu ganhei um ano de associação de graça por ter feito uma palestra lá no ano passado!

Shanti abre um sorriso convencido. Um sorriso lindo, por sinal, que de alguma forma sempre consegue falar mais alto do que seu potencial para a maldade.

— Só quero dizer que ninguém é perfeito, e às vezes você tem que relaxar um pouco e fazer alguns sacrifícios. E quando digo "fazer sacrifícios", quero dizer "aceitar andar de jatinho particular".

Aminah revira os olhos ao mesmo tempo que eu, balançando a cabeça enquanto leva uma porção de arroz jollof defumado até o garfo com ajuda da faca de um jeito elegante.

— Ashanti, *abeg*, dá um desconto para a minha amiga — comenta ela, e abro um sorriso de gratidão quando Aminah finaliza com: — Ele não é tudo isso.

Ela passa a mão no rabo de cavalo arrumado e o joga pelos ombros por cima do blazer de tweed oversized, uma ação que no fundo serve para exibir o diamante do tamanho de Júpiter que ela tem no dedo.

— Também não é bilionário — prossegue Aminah. — Eu pesquisei no Google hoje de manhã para confirmar…

Coloco a taça de champanhe na mesa.

— Não acredito.

Aminah arregala os olhos enormes. Ela parece uma fada indignada com aquele nariz redondinho e lábios brilhantes em formato de coração.

— Não estou dizendo que ele não é bonito, Kiks. Ele é. Para um homem magro. Ele parece LaKeith Stanfield, só que depois de um banho. *Só estou dizendo* que ele não é bonito o suficiente para estar fazendo tudo *isso*. Quem ele pensa que é para minar sua ambição dessa maneira?

Contenho um sorriso relutante. Só Aminah consegue se safar assim das coisas.

— Tudo bem, obrigada pela opinião. Agora, será que a gente pode falar mais baixo?

Olho para trás, desconfiada, de olho nos clientes de sábado que almoçam no Sákárà.

A luz do sol de fim de inverno atravessa a fachada que dá de frente para a rua londrina, iluminando o interior aconchegante repleto de mesas de metal preto e cadeiras de veludo azul. Está praticamente vazio. Não que eu tenha medo do que os clientes do restaurante dos meus pais têm a dizer. Há exatamente dois: um é o motorista do UberEats que está pegando um pedido e o outro é meu tio Kole, sentado à mesa mais próxima ao bar com uma Guinness, concentrado em uma conversa animada com meu pai sobre a situação da política nigeriana. Meu pai apoia o cotovelo no bar de mármore, chamando as pessoas de "paspalhos de uma figa" enquanto gesticula cheio de vigor, como se estivesse conduzindo a alegre banda de percussionistas iorubás na pintura acrílica gigante que está pendurada atrás dele.

Uma onda de calor me invade com a cena familiar, mas a sensação é logo engolida pelo frio sóbrio à espreita. Não contei a meus pais sobre meus problemas com Bakari porque isso também significaria ter que contar que tudo começou quando ele me ofereceu um emprego. Sabendo disso, eles perguntariam *por que* ele ofereceria um emprego à filha mais velha dos dois, uma vez que isso seria aos olhos deles praticamente me condenar a uma vida de servidão a um homem sendo que

eles não tinham vindo para este país para que eu terminasse assim.

Apesar de meus pais saberem que estou dando um tempo do podcast, o que não sabem é que minhas economias estão indo embora depressa e que minha busca por emprego está cada vez mais difícil. Estou me candidatando para toda e qualquer vaga que seja minimamente relacionada à mídia. Ontem à noite me candidatei para um cargo de "alquimista dos sonhos" em uma agência de publicidade, que *acho* que tem a ver com redação, mas só Deus sabe. Só o que *sei* é que eles têm um contrato com uma empresa moderninha de leite e criaram o slogan "Gente grande toma leitada", então parecem estar precisando de mim. De qualquer forma, por não querer preocupar meus pais com o grau exato de meu desemprego quando eles estão prestes a vender o restaurante e se aposentar, minha situação com Bakari também precisa ficar em segredo.

— Bom… — A voz de Chioma, que já é suave e melódica, soa ainda mais branda enquanto ela corta o *moin-moin* e dá de ombros. — Por que ele ser bilionário seria um atrativo, afinal? Acho sua decisão admirável. — Ela acena com a mão, e suas múltiplas pulseiras criam uma percussão extra para as músicas da playlist "Groove Anos 1980" que meu pai colocou para tocar. — Todo mundo está careca de saber que não existe uma forma ética de ser bilionário. E sim, Shanti, isso inclui sua maquiadora favorita…

Shanti espeta um pedaço de carne com afinco desnecessário e abre um sorriso inocente para a melhor amiga vegana.

— Sei bem, Erykah Badane-se. Só que não vejo você reclamar quando eu apareço com amostras grátis.

Chioma sorri, reconhecendo de imediato a provocação bem-humorada de Shanti.

— Ninguém nunca falou "Erykah Badane-se".

— Deveria ser um clássico — argumento.

— E, em segundo lugar — continua Chioma um tanto triunfante —, só porque você disse isso, vou passar um batom nude cor-de-rosa sem contorno marrom, colocar uma peruca chinfrim que achei em um brechó e postar no Instagram com a legenda #DicaDaShanti.

É a hashtag que vários dos vinte e cinco mil seguidores de Shanti no Instagram (que só aumentam) usam quando replicam as dicas e truques de estilo e beleza que ela dá nos vídeos.

Chioma usa o cabelo em dreadlocks castanho há anos, e mesmo assim Shanti ri com a ameaça ao seu projeto de império de influenciadora.

— Seria muita sacanagem porque, como alguém que *já* apareceu no meu Instagram várias vezes, você é quase uma representação externa da marca @ShantiBeauty. Não posso permitir que saia por aí tipo aquelas mulheres negras conservadoras que adoram falar que as pessoas precisam superar o colonialismo.

Rio. Já faz quase uma década desde que Aminah e eu viramos um grupo com Shanti e Chioma na universidade — dois pares de amigas vindas de lados opostos de um espectro social que decidiram unir forças. Éramos paz e amor, um misto do sul de Londres com a acidez de mulheres nigerianas: alta costura e compras combinadas com a habilidade fraternal de zoar umas às outras — e a disposição de matar umas pelas outras se preciso fosse. Somos muito diferentes, mas funcionamos em sinfonia, em um ritmo só nosso. É mágico.

Aminah sorri e se serve de mais champanhe que meu pai trouxe especialmente para nós.

— Sou total a favor de Shanti divulgar os produtos de maquiagem da bilionária se isso significa que ela vai conseguir aquele bronzer que está para ser lançado a tempo de meu casamento. Mas estamos fugindo do assunto.

Eu me ajeito na cadeira com certo alívio, feliz por podermos voltar à pauta principal daquele Brunch das Brabas de Paço Preto, que não era apenas dissecar o estado lamentável de minha vida romântica, mas também planejar os próximos meses: despedida de solteira, festa de noivado e várias outras coisas que estão sob minha responsabilidade como Madrinha de Casamento, Vice-Noiva e Chefe do Comitê Nupcial, como ditam os títulos apropriadamente atribuídos a mim por Aminah.

— Isso mesmo — concordo, batendo palmas e arrastando o tablet pela mesa. — Quando estaremos todas livres para as provas dos vestidos das madrinhas?

Aminah balança a cabeça.

— Nada *disso*, o que eu quis dizer é que elas não estavam entendendo o fato de você ter terminado com seu namorado…

Sinto o corpo pinicar todo dentro do body preto de gola quadrada, toda quente, mesmo com o ar-condicionado que meu pai sempre deixa a vinte graus.

— A gente não terminou…

Chioma inclina a cabeça, pensativa.

— Hum, mesmo que vocês saibam o que eu penso da instituição do casamento… Sem querer ofender, Aminah.

Aminah acena a cabeça com vigor.

— Não ofende. Você sabe o que eu penso da instituição "comprar e usar roupas de brechó que podem muito bem carregar encosto".

Chioma não se deixa afetar e dá de ombros.

— Justo. Mas eu sempre faço uma limpeza com incenso de sálvia.

— Amiga, se você precisa *exorcizar* as roupas antes de usá-las, talvez seja hora de repensar essas compras — opina Shanti, franzindo a testa enquanto mastiga o peixe.

Chioma pega o cristal rosa na corrente de ouro que traz no pescoço e o aponta na direção de Shanti, acho que para afastar as vibes ruins, antes de se voltar para mim.

— Enfim. Você meio que disse não à *ideia* de se casar com Bakari, e concordo totalmente, mas conhecendo o ego masculino heterossexual cisgênero…

— É, parece que vocês terminaram — declara Shanti, arqueando a sobrancelha perfeita.

Eu me inclino para a frente, massageando as têmporas. Além de não querer desviar a atenção do casamento de Aminah, aquela era exatamente a razão pela qual não contei nada para ninguém por um mês. Amo minhas amigas, mas eu sabia que elas não entenderiam e fariam com que a situação parecesse mais séria do que de fato é. Embora Bakari e eu tenhamos decidido que precisávamos de um pouco de espaço depois daquela noite para espairecer, nós dois concordamos que era temporário.

Toda a confusão com minha carreira estava mexendo comigo e Bakari só precisava entender que não era um problema que ele podia resolver. Nós ainda usamos a mesma conta da Netflix! Concordamos com os termos e condições, por isso sabemos que vamos voltar a ficar juntos. A discussão tinha passado um pouco dos limites, *mas* não foi nada catastrófico, se colocássemos na escala de brigas tempestuosas e tudo mais. Quando fui à casa dele para buscar meu sutiã favorito que acabei esquecendo, nós nos beijamos por três minutos antes de eu ir embora. Uma prova de que não terminamos.



Aconteceu assim:

— É estranho não ter você aqui — disse ele.

E eu disse que estava sentindo a mesma coisa, embora, na verdade, apesar de estar com saudade dele, não estava sendo tão ruim assim. Meu relacionamento com Bakari funciona de uma forma que nossas vidas se encontram de maneiras muito específicas. A decisão de dormirmos um na casa do outro não é aleatória ou espontânea, sempre planejamos antes. Não só "ficamos de boa", sempre temos atividades muito bem definidas. Jantar, fazer companhia um para o outro enquanto trabalhamos juntos, ir ao cinema — mas só depois de ele ler várias resenhas para confirmar se o filme é bom mesmo, tipo filmes cotados para o Oscar, porque Bakari gosta de garantir que não vamos perder tempo. Se temos uma festa de aniversário de algum amigo, o outro não é obrigado a ir. Não conversamos sobre trabalho, a menos que seja por um motivo específico: a venda ou compra de uma empresa, por exemplo, ou, digamos, uma demissão surpresa. Não somos grudados. Já fui assim em um relacionamento passado e não só é difícil se desatar, como também, quando se consegue, é preciso esperar que um pedaço de si mesmo volte a se desenvolver. Assim é melhor. A saudade que sinto de Bakari tem mais a ver com achar estranho não mandar mensagem para alguém perguntando se devo passar para pegar comida tailandesa no caminho para casa.

Ele continuou:

— Parece que o algoritmo de minha vida está desregulado. Estou acostumado a pisar em um batom no chão do banheiro enquanto faço a barba, ou enviar um e-mail enquanto *Romance nos Trópicos* passa ao fundo. E sei que não gosto de dormir de conchinha, mas é estranho esticar o braço à noite e não ter você lá. Talvez, na verdade, eu goste de dormir de conchinha.

Achei bonitinho, apesar de tudo aquilo ser o tipo de conforto que um gato pode proporcionar. Vivendo no pano de fundo, presente para oferecer carinho quando solicitado. Eu me aproximei para um abraço carinhoso, mas Bakari achou que eu estava indo beijá-lo. Cedi, pensando: "Que mal tem?".

Foi bom, foi agradável, foi afetuoso. Línguas fazendo o que fazem, embora muito cordialmente (primeiro você, não, primeiro *você*). Sendo sincera, eu queria que a mão dele tivesse escorregado para minha bunda durante o beijo, mas sei que Bakari não é uma pessoa de grandes arroubos de paixão. Ele é comedido e, em sua cabeça, sem dúvida calculou que aquela era a quantidade apropriada de intimidade para duas pessoas que estão precisando de espaço, mas que, na teoria, ainda estão

romanticamente interessadas uma na outra. E talvez tivesse razão. Bakari calcula a maioria das coisas com precisão, exceto, ao que parece, quando se trata da maneira correta de oferecer à namorada um emprego que pode afetar a dinâmica do relacionamento.

A questão é que o beijo provou meu ponto.



— Não foi um término — digo com firmeza, espetando um pedaço de tilápia no prato.

— O que não foi um término?

Os olhos de meu pai brilham com uma curiosidade educada por trás dos óculos sem armação quando ele se aproxima de nossa mesa. Ele está usando uma camisa de botão azul de mangas curtas e vem trazendo uma jarra do que parece ser Chapman, com pepino fatiado e limão balançando em meio às pedras de gelo. Minhas amigas arregalam os olhos, mas disfarço.

— Hum… O último drama entre JLo e Ben Affleck.

Meu pai faz um gesto de cabeça como se compreendesse tudo enquanto coloca a bebida avermelhada na mesa, cruzando os braços com autoridade.

— Ah, claro. Tenho certeza de que eles vão resolver esses problemas. Às vezes as pessoas só precisam dar um tempo para espairecer e descobrir o que querem de verdade.

Sorrio com carinho para Olatunde Banjo, dono de uma mente curiosa que lê tudo o que vê pela frente, inclusive notícias do mundo do entretenimento, e fala sobre tudo como se fosse um mestre no assunto.

— Exato. — Lanço olhares incisivos para minhas melhores amigas, que estão tentando não rir. — É isso mesmo o que eu acho…

— Às vezes é preciso uma separação para que as duas pessoas se encontrem com ainda mais amor, como foi comigo e sua mãe em 1987.

Arqueio a sobrancelha.

— A mãe disse que vocês ficaram separados por duas semanas.

Meu pai parece não entender o que quero dizer, franzindo a testa.

— E daí? Separação é separação. Achei que fosse morrer. Eu suava à noite como se tivesse malária. Não conseguia comer nem dormir, fiquei fraco. Cheguei a ir ao

médico, o dr. Lawrie, em Camberwell. Ele me olhou como se eu fosse maluco e disse que os mosquitos transmissores de malária eram "bem raros" em Londres. Enfim. A única explicação era que eu estava sofrendo a dor do amor.

Minhas amigas dão risadinhas com o relato, enquanto meu pai, potencialmente cotado para o Oscar de Melhor Ator, leva a mão à cabeça careca, fingindo estar angustiado com a lembrança.

— Eu amadureci muito naquelas duas semanas. Percebi que não poderia viver sem ela, até meu corpo rejeitou a separação. Mas ela ficou bem. Uma semana depois, vi sua mãe na festa de uns amigos com um novo corte de cabelo e ela me perguntou por que eu estava tão magro. Tive que implorar de joelhos!

Sorri, pensando em todo o afeto daquela história. Na versão de minha mãe, ela convenceu a amiga a dar uma festa só para encontrar meu pai. Cortou o cabelo para a ocasião e pegou emprestada a minissaia da amiga. Jamais vou contar esse segredo, claro. Isso poderia contribuir para o desequilíbrio de um sistema intrincado que as exuberantes mulheres iorubás construíram por gerações, usando a astúcia para se aproximar dos homens sem deixar que eles percebessem.

Aminah suspira e apoia o queixo nas mãos entrelaçadas.

— Caramba. Você e a tia são minha meta de relacionamento. Só posso rezar para que meu casamento com Kofi seja como o de vocês um dia.

Meu pai dá uma risadinha.

— Já vi vocês dois juntos. Kofi é um jovem esperto, ele sabe quando ficar de boca fechada. Vocês vão se sair bem, só não tenham medo de ir à luta, usem o amor como incentivo para arregaçar as mangas. O maior erro das pessoas é achar que um relacionamento deve ser fácil só porque amar a pessoa certa é fácil. Amor é suave, é verdade, mas também é *firmeza*. Empenho.

Minha mente se prende às palavras de meu pai e meu sorriso fica engessado. "Usem o amor como incentivo para arregaçar as mangas." Eu tentei. Tenho certeza de que tentei. Será que não tentei? Por que *ele* não tentou? E tenho certeza, certeza absoluta, quase certeza, de que estou pensando em meu relacionamento com Bakari. Até que um rosto surge em minha mente. Um nariz imponente e majestoso, lábios fartos, olhos que me desestabilizam em um segundo. Não é Bakari. Não. Sinto um choque de pavor, *de pânico*, no sistema nervoso.

Desde que Aminah anunciou o noivado, parece que a perspectiva tangível de ver *aquela pessoa* de novo me tirou do prumo. É como se a ideia tivesse trazido à tona

perguntas com o potencial de fazer rachar o cimento que joguei por cima das lembranças que fiz questão de enterrar. É inacreditável. Ainda falta quase um ano para que isso aconteça e, mesmo assim, ele é *passado*. Bakari é meu presente. Ou algo assim. Como dito anteriormente, ainda compartilhamos uma conta na Netflix. A voz de meu pai interrompe minha crise emocional quando ele pergunta, olhando para os pratos na mesa:

— As senhoritas gostaram da comida?

Ele faz isso todas as vezes que minhas amigas comem aqui, como se não supervisionasse pessoalmente o preparo do pedido delas, deixando o peixe ainda mais apimentado para Shanti, o arroz jollof defumado ainda mais defumado para Aminah e garantindo que o *moin-moin* seja totalmente vegano para Chioma, com uma receita especial com caldo de legumes em vez de carne. Ele não faz alterações no cardápio para qualquer um — "As pessoas acham que minha cozinha não tem método? Sou o quê, um paspalho? Por acaso isto é um drive-thru?" —, mas adora agradar minhas amigas como se fossem filhas adotivas. Ele acena com a cabeça com orgulho e satisfação contida quando minhas amigas elogiam os pratos, como sempre.

— Excelente. Bem, fico feliz que minha comida seja *de arrastar.*

Seguro a risada.

— "De arrasar", pai.

Meu pai olha para mim com o rosto inexpressivo, parecendo não entender por que eu acho que ele liga para o jeito correto de falar.

— Arrastar, arrasar, arremessar. *Ki lo kan mi?* Que diferença faz? É tudo igual. Só estou feliz que tenham comido bem — diz ele, apertando meu ombro com carinho. — Bom, sua mãe está me esperando para irmos à festa de aniversário de 70 anos da vovó Akinyeles. Obrigada por ficar de olho no restaurante pelo resto do dia, sei que é sábado e que você deveria estar passeando…

Não trabalho no Sákàrà desde a época da faculdade, mas estamos com a equipe reduzida. O movimento tem sido fraco desde que a demografia de nossa rua mudou. Uma confeitaria abriu no lugar da antiga loja de conserto de celulares onde o sr. Abdi arrumou de graça a tela quebrada de meu celular quando eu tinha 22 anos. Uma loja de queijos e vinhos abriu no lugar do estabelecimento da sra. Eunice, que sempre avisava, muito séria, que o frango assado picante tinha acabado. Um pouco mais adiante, estão abrindo mais uma daquelas academias em que se

pedala em uma bicicleta ergométrica enquanto alguém grita com você. As pessoas que passam pela fachada são menos diversas, evidentemente menos interessadas em comida nigeriana e mais interessadas em roupas esportivas. Tudo isso significa menos clientes, menos dinheiro e cortes de pessoal, o que quer dizer que tenho que ajudar sempre que posso.

— Está tudo bem, pai.

Ele franze a testa com gentileza, inclinando a cabeça para o lado.

— Tem certeza? Porque ainda posso pedir ao seu tio Kole…

Olho para um dos amigos mais antigos de meu pai, que nos últimos dez minutos conseguiu cair no sono ali sentado na cadeira, acordando com os próprios roncos a cada poucos segundos.

Balanço a cabeça devagar, com um sorriso irônico.

— Pai, já disse para parar de servir inhame amassado e Guinness para ele antes das seis da tarde. Mas sim, tenho certeza. De qualquer forma, tenho, hum, umas coisas para pesquisar para um artigo.

Com isso quero dizer que preciso enviar um e-mail para todos os contatos de mídia que tenho, dizendo "Oi, sumido! Vamos marcar um café?" e rezar para que meu desespero não fique evidente. Ele se inclina e me dá um beijo na testa.

— *Ọ ṣé ọmọ mi.* Até depois. Aproveitem o Chapman, meninas. É uma receita especial para comemorar o noivado de Aminah. E, Kikiola, quando conversar com sua irmã, diz a ela que só porque ela está na universidade não significa que não precisa mais ir à igreja.

Prometo a meu pai que vou me certificar de que Kayefi ainda está em busca da salvação divina antes de ele se despedir de minhas amigas e sair pela porta dos fundos.

— A receita especial de Chapman é exatamente como a original, só que com rum — conto, servindo a todo mundo.

Shanti ri.

— Adoro sua mãe, mas, com todo o respeito, será que seu pai me aceitaria como segunda esposa? Estou cansada da solteirice e acho que estou começando a gostar de homens mais velhos.

Jogo um guardanapo nela e reviro os olhos.

— Cala a boca, Shanti.

— Sim, Shanti, por favor. Tenha modos — diz Aminah, pegando o copo. — Se

alguém tem potencial para ser a segunda esposa, sou eu. Não com o pai de Kiki, eca, ele é tipo meu outro pai. Mas de modo geral. Acho que tenho o tipo de *joie de vivre* necessário para isso. É menos pressão, sabe?

Chioma fica pensativa.

— Mas não é bem um papel, é uma *parceria*. Quando eu estava no relacionamento poli com o baterista daquela banda de free jazz e o advogado…

Contenho a risada e corto rapidamente.

— Bom, deixando de lado minha vontade de vomitar por essa conversa ter começado *a partir de meu pai,* preciso dizer que não foi um relacionamento poliamoroso, amiga.

— Não mesmo — diz Shanti, concordando com um sorriso. — O advogado era só um contatinho enquanto você namorava o baterista.

— Mas eles sabiam um do outro! — contrapõe Chioma, indignada com a insinuação de sua convencionalidade.

Aminah acena com a mão.

— Amiga, não força a barra. Seu bateristinha me mandou mensagem desolado, perguntando o que tinha que fazer para ter você de volta.

— Implorando para ser a única pessoa a ter acesso ao seu *pa rum pa pum pum* — complemento, com uma risada.

Shanti quase cospe o Chapman.

— É, Chi, sua fase de amor livre foi uma ilusão. E foi tipo pré-Kiki e Malakai na universidade.

Shanti logo se retrai, e seu sorriso murcha. O ar fica pesado com o aparente deslize, como sempre acontece quando alguém menciona meu ex sem querer. Aminah arregala os olhos e Chioma começa a inspecionar o *moin-moin* como se tivesse algum resquício de carne. No silêncio, uma música começa a tocar ao fundo com uma letra da música de Patrice Rushen que repete "Não me esqueça", por mais ridículo que pareça.

Eu me engasgo com um riso seco, sentindo o som raspar minha garganta.

— Sabe, vocês podem dizer o nome dele. Não precisa ser tão estranho.

Shanti relaxa com um leve suspiro de alívio.

— Ainda bem. Isso significa que posso perguntar se você já pensou se seus problemas com Bakari têm algo a ver com o fato de Malakai estar vindo dos Estados Unidos para a festa de noivado de Minah…?

Aminah ergue a perna envelopada em denim e, com as sapatilhas Gucci Princetown, chuta os escarpins da YSL de Shanti, achando que não vou perceber.

Sinto o ambiente ficar quente e meu estômago dá mais piruetas do que Simone Biles. Forço um riso que consegue passar despercebido por meu coração, entalado na garganta.

— Hum… — Tento me concentrar em servir mais um pouco de Chapman para mim mesma, mas fico zonza com a notícia. — Ele está vindo para a festa de noivado? Daqui a dois meses?

Tomo um gole da bebida torcendo para estar soando indiferente. Claramente me esqueci da mão pesada de meu pai ao dosar bebidas alcóolicas, porque acabo tendo uma crise de tosse e soando bem mais preocupada do que eu deveria estar.

Aminah fica nervosa.

— Você está bem, amiga?

Levanto o dedo antes de uma última tossida engasgada.

— Estou ótima. Tipo, *muito* ótima. Só pensei que Malakai não poderia vir por causa do trabalho. Você disse que ele viria mais perto do casamento. Que é daqui a uns dez… meses. — Aquilo não tinha soado indiferente. — Não que isso importe, lógico.

Espero que a emenda à explicação as convença.

Aminah acena com a cabeça e coça o pescoço com a ponta de uma unha afiada, um hábito que denuncia seu desconforto e suas mentiras. Da última vez que fez isso, estávamos jogando "Eu Nunca" e, em vez de tomar uma dose dupla de tequila, ela disse que nunca tinha transado fora do quarto, como se Malakai e eu não tivéssemos a visto com Kofi no sofá da casa que dividimos em Creta. Eles estavam fazendo coisas que tentei apagar da memória com múltiplas doses de ouzo.

Depois de pigarrear, ela continua:

— É, eu tinha dito isso. Mas Kofi me disse na semana passada que Malakai tem uma reunião em Londres perto da festa de noivado…

Levanto a sobrancelha. Aminah e eu não escondemos nada uma da outra, nunca. Contamos todas as mentirinhas inofensivas, todos os segredos, todos os pormenores de nossas verdades, todas as mágoas por trás de um comentário ácido e todos os palavrões por trás de um sorriso. Por isso é inusitado para mim que ela tenha escondido o fato de que em dois meses meu ex vai estar na mesma cidade que eu pela primeira vez em dois anos e meio.

Depois de um momento de silêncio que Shanti e Chioma respeitam como crianças diante de um desentendimento silencioso entre os pais na mesa de jantar, resolvo falar.

— Olha, querem saber? Vamos colocar os pingos nos is — digo com alegria. — Sim, é verdade, o ex com quem não falo há dois anos é o padrinho de casamento de minha melhor amiga. Não é nada de mais! Somos dois adultos! Que transavam! Podemos coexistir e nos comportar! Sophia Bush não morreu quando trabalhou com Chad Michael Murray em *One Tree Hill: Lances da Vida*!

Shanti levanta uma sobrancelha.

— Essa é uma das suas séries de gente branca norte-americana?

— É — responde Aminah, seríssima. Depois se vira para mim. — Kiks, sua voz acabou atingir um agudo da Mariah. Tem certeza de que está bem?

Tento fazer a voz soar mais grave.

— Estou bem. Estou *bem*. Uma coisa de que tenho certeza é que nós… — Eu me interrompo. Não somos mais "nós". — Ele e eu amamos muito você e Kofi. Então não precisam ficar pisando em ovos, porque não é sobre o passado. Isso é irrelevante em relação ao casamento, na verdade.

Os olhos atentos de Aminah me desarmam, e fico muitíssimo ciente do quanto estou frágil, como se pudesse desabar ao menor sopro.

— Tudo bem — diz ela com suavidade. — Obrigada. Eu sei que deveria ter contado antes, me desculpe. Só estava esperando o momento certo.

Preciso conter as batidas desenfreadas do coração que mais se parecem com pancadas. Preciso me cercar de luz para afastar a escuridão da tempestade em potencial, então consigo forçar um sorriso grande. Os flashbacks do apocalipse andam me abalando no último mês. Se penso no casamento fico feliz e empolgada, vibrando de emoção, mas logo depois chegam os tremores, uma sensação desestabilizadora vinda do nada que faz meu peito ficar apertado, o coração bater forte e a barriga se revirar.

Dou de ombros, fingindo estar bem.

— Está tudo certo. Não precisa de todo esse cuidado. Eu consigo até dizer o nome dele. Lembra quando eu não conseguia? — *Tipo três segundos atrás?* — Malakai. Viram só? *Malakai*.

Logo fico zonza, o que se deve à mistura caótica de champanhe e o que é praticamente rum puro com um toque de suco de limão e de laranja, lógico. Não

tem nada a ver com o nome que não digo em voz alta há mais de seis meses.

Minhas amigas sorriem amarelo para me encorajar.

— Ah, sim, você disse o nome dele em um tom muitíssimo normal…

— Claro, amiga, a gente sabe que você está tranquila em relação a ele…

— Sim, você parece super em paz…

Shanti pigarreia no silêncio que se segue e pega a Telfar rosa-bebê.

— Bom, eu tenho um aniversário marcado para hoje à noite, então preciso me preparar. É de uma influenciadora com uns cem mil seguidores e é fundamental para a expansão de minha marca.

Chioma concorda com a cabeça, levantando-se com Ashanti e pegando a própria bolsa.

— E eu tenho aula de desenho de modelo vivo à noite, então vou com você…

— Não sabia que você ia dar aula hoje — digo, aliviada pela mudança de assunto.

Chi-chi é uma designer de interiores assistente, mas às vezes dá aulas de arte em centros comunitários para ganhar um dinheiro extra. Ela balança a cabeça ao jogar a bolsa de camurça vegana nos ombros.

— Ah, não. Hoje não estou. Vou ser modelo.

Levanto as sobrancelhas, impressionada.

— Ah, é? Bom, vá abençoar os alunos com esses peitos, então.

Chioma junta as mãos com solenidade e abaixa a cabeça como uma humilde líder religiosa.

— Pode deixar. É meu dever humanitário. Fui abençoada com atributos extraordinários. Que tipo de pessoa eu seria se não os compartilhasse com o mundo?

Shanti me dá um beijo no rosto antes de se abaixar ao lado de Aminah e sussurrar:

— Ah, droga, esqueci de perguntar… Será que eu poderia ser dispensada dos deveres de madrinha? Tipo, hipoteticamente, e se eu quiser ser só uma convidada normal? Porque eu amo você, mas sei que você vai ser uma noiva completamente maluca e eu não sou como Kiki ou Chioma. Não tenho a paciência delas e não pega bem dar uma surra na noiva antes do dia do casamento. Já dei uma surra numa noiva *no dia* do casamento, mas é uma longa história. E ela começou.

A expressão de Aminah endurece. Sinto um calafrio ao ver aquele rosto sempre lindo de repente tão desprovido de emoção. Aminah e Shanti são igualmente

caóticas, mas de um jeito bom, e de temperamento forte, e ambas revezam de acordo com a situação.

— Ashanti Jackson, espero que seja a *porra* de uma piada.

Quando Aminah diz palavrão, é sempre de fazer as pernas tremerem e o coração disparar. Tipo, "sim, esse é o propósito de um palavrão, essa é a razão pela qual foram criados, para causar calafrios e fazer você temer pela própria vida".

Ela continua:

— Eu não iniciei essa amizade há quase dez anos para você me deixar na mão agora, além do mais…

Relaxo ao ver a cara de riso de Shanti, percebendo que não estamos prestes a testemunhar uma batalha de gostosas.

— Caramba, mulher, como é fácil tirar você do sério. Vê se relaxa. Vai ser uma honra, piranha. Mas eu vou, *sim*, te dar um tabefe se você bancar a maluca.

Aminah revira os olhos, contendo um sorriso quando Shanti dá um beijo estalado em sua bochecha. As duas têm uma dinâmica muito peculiar que consiste em alfinetadas carinhosas e uma fachada de tapas e beijos que só se vê entre irmãs um tanto competitivas entre si.

— E vai levar um tapão de volta, meu amor.

— Estranho seria se não fosse assim — responde Shanti, antes de ela e Chioma se despedirem e saírem.

Aminah e eu nos entreolhamos enquanto uma música do Sister Sledge toca ao fundo, repetindo que somos uma família. Nosso silêncio é quase palpável. Conheci Shanti e Chioma no segundo ano da faculdade, de uma maneira tradicional e adorável, que aqui significa: ambas já tinham saído com o homem por quem eu viria a me apaixonar. Mas minha amizade com Aminah começou no primeiro dia da universidade. Juntas, arrancamos a toga de um jogador de rúgbi nojento depois de um episódio de assédio racial e sexual da parte dele em frente a nosso prédio. Foi amor ao primeiro ranço compartilhado. É como se fôssemos almas gêmeas. Ela é minha melhor amiga, minha irmã, minha pessoa. Nosso amor uma pela outra só cresce conforme amadurecemos. Mais do que nosso amor mútuo por Beyoncé, nossa total incapacidade de engolir sapo e nossa aversão a homens que usam brincos com pingente de cruz, a principal coisa que temos em comum é que nossas mentes funcionam em sincronia. Nossas diferenças nos fazem crescer. Ela me conhece como conhece a si mesma e é parte de mim tanto quanto sou parte dela.

Como se estivesse pensando na mesma coisa, ela abaixa a cabeça e estende o braço para segurar minha mão por cima da mesa, inclinando-se para a frente de forma que seu pingente de ouro em forma de "K", antes acomodado sobre a gola quadrada de sua blusa, fica pendendo no prato.

— Você está brava comigo.

— Não estou brava, Minah. Só confusa. Por que não me disse que Malakai estava vindo para a festa de noivado? Eu estava preparada para o casamento, ainda falta um tempo… mas a festa de noivado é praticamente amanhã…

— Eu sei, eu *sei*. — Aminah se endireita, e vejo seu semblante culpado, o que suaviza minha irritação no mesmo instante. — Só estava esperando o momento certo para contar, mas o tempo foi passando e eu me distraí com as coisas do casamento.

Aceno com a cabeça e aperto sua mão. Meu corpo não consegue metabolizar nenhum grau de irritação com Aminah; só a rejeita. Chega a me causar refluxo. Então só deixo para lá, não quero brigar e ainda entendo as razões dela. Aminah passou pelo término a meu lado, minha dor doendo nela, que ficou lá, deitada comigo na cama. Minha tristeza viajava em ondas através do silêncio das mensagens que ela mandava e permaneciam não lidas porque eu estava com medo demais de pegar o celular caso ele enviasse uma mensagem e caso não enviasse.

— Eu entendo — digo depois de pigarrear.

— E como você está com a situação de Bakari? Diga a verdade. Como esperou um mês para contar? A gente se fala todo dia! Eu sei até o horário em que você faz o número dois. Inclusive, parabéns, seu intestino anda funcionando feito um reloginho.

— Pois é, comecei a colocar sementes de chia no mingau. E só não contei porque não é um grande problema, nem sequer é um término! Vamos resolver as coisas. Só foi estranho ele se oferecer para ser meu chefe, achando que eu aceitaria. Parece que ele não me conhece. Uma vez ele me deu um colar com um pingente em formato de coração.

Aminah torce o nariz, parecendo elegantemente enojada.

— Eca.

— Pois é.

— De ouro? — pergunta ela com certa generosidade, dando uma colher de chá para Bakari na expectativa de que ele pelo menos tenha acertado meu metal favorito.

Faço careta.

— Prata.

— Não — diz Aminah, incrédula.

— É. — Suspiro, apoiando o queixo na palma da mão. — Eu sei.

— Como eu não sabia disso?

— Eu não quis contar.

Aminah pondera a resposta, inclinando um pouco o queixo e estreitando os olhos. Então assente, decidida.

— Quer saber? Eu respeito o fato de você não ter me contado. Presentear com joias em formato de coração é como um pedido de casamento no Dia dos Namorados.

— Pois é! — digo, erguendo as mãos no ar. — Ou como fazer uma festa de Ano-Novo com o tema de *O Grande Gatsby*.

— Nada original.

— Manjado.

— Como se o tema já não fosse brilhante o bastante! O tema é inato ao evento.

Aminah estremece e balança a cabeça.

— Será que ele tem algum fetiche em trabalho? Não era ele que tinha tesão em ouvir "Sim, chef"?

Dou um tapa na mão dela.

— Meu Deus. É isso! Ele quer mesmo estrelar o *Cinquenta Tons de Bakari*. E quando eu pedi para ele… hum… falar coisas na cama, ele só conseguiu dizer "você é incrível", o que soa muito como algo que um chefe diria a um funcionário. Mas, tipo, não de um jeito que dá tesão.

Aminah assente e toma um gole do Chapman como se fosse um elixir de conhecimento.

— Viu só? Isso é o que eu faço, ligo os pontos. Acho que faz parte de trabalhar com comunicação. E o que *você* faz é inovar, criar coisas do zero e do seu jeito. Se fosse diferente, não seria você. O que foi chato foi ele nem sequer considerar que você tentaria encontrar outra coisa para substituir o *Batida*, mas a verdade é que acho que foi o jeito dele de se preocupar. Sem querer ofender, mas Bakari parece um alienígena que está aprendendo a ser humano. De um jeito fofo! — acrescenta ela de pronto. — As intenções foram boas. Até mesmo com o pingente de coração prata. E essa é a única vez que vou aliviar a barra dele.

Sorrio, feliz ao perceber que, como sempre, não precisei me explicar. Ela me entende. Aquele pequeno contratempo foi uma exceção. Estamos bem. Sempre estamos bem.

— Vamos dar um jeito. Mas esse momento é seu! Você vai se casar com seu segundo melhor amigo! A gente falava disso quando tinha *19 anos*. Você vai passar o resto da vida com o cara que ama. Ama tanto que inclusive permitiu que ele dedasse você na cabine de fotos do Baile de Inverno Afro, pouco antes de serem coroados rei e rainha…

— Não teve dedo nenhum. — Aminah dá um sorrisinho, e nós retomamos o ritmo de sempre. — Que vulgar! Foi só um esfrega-esfrega dos bons.

Eu me engasgo com a água.

— E *como* isso é menos vulgar?

Aminah ignora o que digo e olha para o teto, pensativa, no que se parece demais com um flashback para meu gosto.

— Mas é tão estranho que depois de dez anos esse momento continue sendo memorável…

— Bom, embora vocês tenham se esfregado antes, aquela sessão de esfrega em particular foi o que marcou o início oficial do relacionamento de vocês.

Aminah assente, toda sábia.

— Foi quando o seu começou, também. No Baile Afro, digo, não na sessão de esfrega ou S.E. Decidi que quero transformar em sigla.

— Acho que pode ser útil no futuro.

Aminah solta um suspiro delicado que soa como uma fada espirrando. Está entre os meus cinco sons favoritos no mundo.

— Bom. Enfim — continua ela —, aquela também foi a noite em que você teve sua primeira vez. Nunca vou me esquecer da sua cara no café da manhã do dia seguinte, comendo aqueles croissants secos. Eu soube *na hora*.

— Foi. Você me passou o café e perguntou se eu queria molhar o biscoito. E ainda deu uma maldita piscadinha — digo, revirando os olhos.

Sinto o corpo ficar quente com a lembrança, teimosa e abrasadora, que resiste à tentativa de afastá-la de meus pensamentos. Uma boca quente e macia em minha pele, sensações tão prazerosas que pareciam pecado. Ele beijou cada parte de meu corpo com toda a delicadeza do mundo até que eu ficasse entregue e me derretesse naquele momento, até que me sentisse segura. Ele fez questão de deixar bem claro o

quanto me queria, o que fez com que meu próprio desejo se tornasse evidente entre minhas coxas e por meio de suspiros e arrepios e arranhões seguidos de euteamoeuteamoeuteamo, um novo sabor na língua, mas familiar na sensação.

Engulo a saliva que se acumulou na boca. Isso não passa de frustração sexual. É algo puramente biológico, não emocional. É tipo sentir fome ou ter vontade de ir ao banheiro. Já faz um tempo que não faço sexo ou que não tenho uma S.E. Não vejo Bakari há um mês, mas, mesmo assim, não estávamos transando desde antes porque ele estava viajando. Meus seios estão particularmente bonitos com essa roupa justa. Estou ovulando, só pode.

Aminah nota e acha graça.

— *Ei!* Está brincando? Você está ficando vermelha.

Olho para o teto, em parte para uma demonstração drástica de exasperação e também para que ela não possa me olhar tão a fundo a ponto de *enxergar* minha alma.

— Aminah, fala sério. Eu não fico vermelha.

— A gente já falou disso. Você fica vermelha, *sim*. Suas bochechas ficam mais brilhantes e, além disso, você morde o lábio quando está corando. Você literalmente acabou de fazer isso pensando em uma transa de oito anos atrás.

Dou de ombros como se não fosse nada e jogo as tranças para trás, torcendo para que o gesto dissipe o calor subindo por meu corpo.

— Na verdade, eu estava mordendo a boca para *tentar* me lembrar da minha primeira vez. Eu tinha me esquecido, então obrigada por lembrar.

— Uau, sarcasmo. Quantas defesas. Viu só? Eu sabia que você tinha ficado desorientada com essa história de Malakai…

— Eu? Eu estou muitíssimo orientada, obrigada, de nada.

Aminah arqueia a sobrancelha, mas parece resolver deixar isso para lá e muda de assunto.

— Como anda a questão do emprego?

Suspiro, massageando o ossinho do nariz.

— Eu sei lá, amiga. Estou procurando. Tenho um papo marcado com uns amigos de uma revista virtual de música para sondar uma vaga de editora, mas é só um *papo*. Todos os meus contatos estão dizendo que não há muitas vagas disponíveis e que, quando encontram, eles mesmos estão se candidatando. Não sei. Talvez Bakari tenha razão. Talvez eu não devesse ter me demitido de forma tão

imprudente.

Aminah faz cara de repulsa, erguendo a mão cheia de joias.

— Eca. Nunca mais diga isso na minha presença. Você fez a coisa certa. O *Batida* tem a ver com o *coração* e eles queriam meio que *pará-lo*…

— Muito bem colocado.

Aminah dá de ombros, reconhecendo a própria perspicácia.

— Mas, sim, queriam deixar seu podcast sem alma. Você sabe que sou a favor da estabilidade e da segurança, mas eu te conheço. Não teria valido a pena. Estou orgulhosa de sua decisão. Foi arriscado, mas… — O semblante dela volta a ficar preocupado. — Bom… você está bem? Tipo, com dinheiro? Porque a gente está meio apertado por causa do casamento, mas dá para ajudar…

Ela aborda o assunto com cautela. Antes do podcast, Aminah sempre teve condições mais *favoráveis* do que as minhas porque os pais dela são donos de um império de lanchinhos de comida nigeriana. Mas isso nunca foi um problema entre a gente e ela nunca fez com que eu me sentisse inferior. Quando eu tinha que trabalhar no restaurante nas férias da faculdade, ela vinha me ver quase todos os dias para me fazer companhia. Uma vez até tentou ajudar, mas quase começou a bater boca com um homem mais velho que estalou os dedos para pedir que ela servisse mais Guinness (surpreendentemente não foi o tio Kole).

— Agradeço, mas estou bem. Pelo menos por enquanto. Ainda tenho alguns painéis pagos da Black Creative. O cachê do *Batida* vai pagar minhas contas por enquanto, então ainda não preciso vender minhas roupas…

— Que tragédia. Todas as mulheres negras fãs de comédias românticas dos anos 1990 estão chorando neste momento, sem saber onde mais vão conseguir tantas minissaias de couro marrom e croppeds de gola alta sem manga. — Mostro a língua, e Aminah dá risada. — Brincadeira. Você vai tirar isso de letra, como sempre.

— Obrigada, amiga. E eu estou bem, mesmo.

Aminah continua me encarando por trás dos cílios longos. Depois de alguns instantes, ela endireita a coluna e acena com a cabeça, parecendo satisfeita com o que viu.

— Certo. Bom saber. Porque… hum… preciso dizer mais uma coisa. — Ela puxa meu tablet, deliberadamente evitando contato visual. — Antes de mais nada, está tudo tão organizado! Você classificou os estilos de *Aṣọ-Ẹbí* por cor! Muito legal.

Qual seria a versão iorubá de Marie Kondo? Moji Kondo? É você. Esse é um de seus nomes do meio, não é? Mojisola?

Inclino a cabeça. Não sei o que ela quer dizer, mas aposto que vai me estressar.

— Desembucha, Minah.

Minha melhor amiga suspira e, depois de pigarrear, leva a mão ao peito.

— Vamos mudar a data da festa de noivado para daqui a três semanas.

Sinto o almoço subir pela garganta.

— Tipo daqui a vinte e um dias? — pergunto, como se houvesse a chance de eu ter passado 28 anos de minha vida sem compreender a passagem do tempo e "três semanas" quisesse dizer "seis meses".

Aminah confirma com a cabeça.

— Desculpe. É que essa é a data em que meus pais e os de Kofi vão estar no país ao mesmo tempo. Uma de minhas irmãs boca de sacola falou para eles da festa de noivado e eles insistiram em vir mesmo depois de eu ter dito que seria apenas uma reunião entre amigos e primos. Eu sei que é muita coisa para você. Posso cuidar da maior parte do planejamento, claro, e vai ser só uma comemoração pequena de qualquer forma, então…

Eu me obrigo a sorrir e tento disfarçar a ansiedade.

— Aminah, você tem que comprar o vestido de noiva e encontrar um lugar para o casamento. Eu disse que ajudaria a planejar a festa de noivado e vou ajudar.

Tudo isso tendo que me preparar para *papos* e entrevistas de emprego enquanto tento lidar com o fato de que vou rever meu ex-namorado em *três semanas* depois de quase três anos sem contato. Uma coisa é me adaptar à ideia de vê-lo no casamento, outra é pensar em vê-lo depois de dois meses. E uma terceira coisa *completamente distinta* das duas primeiras é me preparar para encontrá-lo antes mesmo de precisar fazer a manutenção das unhas.

Aminah me observa com atenção.

— Você está entrando em pânico.

Tento rir de um jeito tão forçado que acabo me engasgando e gaguejando ao tentar negar. O rosto de Aminah permanece inalterado ao me passar um copo d'água.

— Kikiola, eu conheço você desde a época em que você usava gargantilhas que imitavam renda.

— Você usava também!

— Exatamente. Já estivemos juntas em trincheiras piores. Você não me engana.

— Não estou entrando em pânico. A mudança em cima da hora só aumenta a pressão, só isso, mas não tem problema! Deixa comigo. Meu trabalho é facilitar sua vida neste momento, e sei que administrar dois pares de pais africanos não vai ser moleza, então não precisa se preocupar comigo.

— E quanto a Malakai?

— Parece que você também está engasgada, amiga. Está fazendo uns sons estranhos aí. Quer um pouco de água?

Aminah sorri e levanta a mão como se estivesse se rendendo.

— Tudo bem, tudo bem, já entendi. Mas saiba que amo você e quero que você fique bem.

— Eu amo você e estou bem — digo, apertando a mão dela. — Agora pode guardar todas essas coisas melosas para seu noivo. A gente pode falar do que importa?

Nós rimos e a tensão se dissipa quanto ela ajeita a postura e balança os ombros, entusiasmada. Aminah é uma fada cujo único poder é espantar qualquer desconforto com a própria fofura. A incapacidade de achá-la irritante é irritante.

— Antes de mais nada, vamos nos abster de usar termos como "noite da noiva" e coisa parecida, é cafona demais. Gosto de "despedida de solteira". Essa foi uma invenção bem melhor, soa divertido e leve. Sobre o tema, o que acha de algo renascentista?

— História da arte ou álbum de Beyoncé?

— Dá até para misturar os dois, se fizermos em uma vila na Toscana.

Puxo o tablet de volta e percorro os arquivos cheios de detalhes nos quais tenho investido toda a energia em vez de estar procurando emprego.

— "História da arte" está na página doze e "Beyoncé" na página cinco. Entrei em contato com algumas instituições de proteção animal e aparentemente não é permitido pintar um cavalo de verdade com tinta prata.

Minha melhor amiga suspira, fingindo indignação.

— Não se pode fazer mais nada hoje em dia!

— Pois é. Pode-se argumentar que crueldade animal é, na verdade, *proibir* o pobre cavalo de participar de algo tão icônico.

— Você deveria ser advogada.

— Amiga, *eu sei*!

— Com esse bumbum, você nasceu para usar saia lápis.

— *Não é?* Eu seria a sensação do tribunal. Falando nisso — digo, em meio às risadas —, vamos falar de roupas.

Então uso todo o poder de persuasão para tentar convencer Aminah de que ela não precisa de oito trocas de roupa para representar os oito tipos de amor da Grécia.

"Pensei em usar uma roupa vermelha para representar o fogo da paixão", tinha sugerido minha melhor amiga.

Demoro um tempo para convencê-la a usar apenas três, mas fico aliviada por poder pensar em outra coisa que não seja como não vou desmontar ao ver o homem que roubou meu coração aparentemente com o único objetivo de parti-lo depois.

CAPÍTULO 3
Palavras de afirmação

— Casa comigo. — A voz rouca de Malakai ressoou em meu ouvido, sonolenta e inebriante. — Diz que sim e me ajoelho agora mesmo.

As palavras provocaram um arrepio em meu corpo pecaminosamente exausto, o que me levou a me virar para olhá-lo. A imagem dele, ali, era como uma faca quente cortando manteiga: me derretia, me deixava mole. Depois de cinco anos, eu ainda me impressionava com a voluptuosidade firme de sua boca, com a profundidade de seus olhos que me tiravam para dançar. Meu coração ficou disparado, como sempre, embalado pelo ritmo dele. Sorri na seda escura que era sua pele e deixei que meu sorriso se transformasse em um beijo, sentindo o gosto do sal de seu suor, ou de meu suor — de nosso suor — e passei a mão pelo peito dele.

— Hum. Que estranho. Achei que a gente tivesse um lance sem compromisso.

Ele deu uma mordidinha na ponta da minha orelha, e a sensação de dentes e língua foi um motivo mais intenso para meus batimentos acelerados do que o pedido de casamento. Malakai vivia dizendo que queria se casar comigo. Era sempre:

"Amor, o instituto de proteção animal vai me odiar pela quantidade de cabras que vou colocar a seus pés para ter sua mão em casamento", brincava ele.

Ou:

"Acho que preciso fazer uma visita ao sr. e à sra. B. Tenho uma coisa para perguntar a eles. Conhaque para seu pai e vinho tinto para sua mãe, certo?"

Ou:

"Diz para Aminah responder às minhas mensagens logo, caramba. Preciso da ajuda dela para fazer umas comprinhas." Uma pausa. "Mas não com essas palavras, claro. Peça à Aminah para que *por gentileza* responda às minhas mensagens quando tiver um tempo ou quando estiver a fim. Preciso comprar um anel."

Ou:

"Não quer mesmo entrar na igreja ao som de "Thong Song"?"

Ou:

— Queria ficar o resto da vida assim com você — sussurrara ele uma vez, durante a calmaria pós-transa.

Ao que eu tinha respondido:

— Tem certeza de que ainda aguenta?

E ele se afastou com a sobrancelha arqueada, perguntando em tom sugestivo:

— Scotch, o que foi que você acabou de dizer?

E eu abri um sorriso maroto, mas mantive a expressão séria ao dizer:

— Desculpe, minha garganta está meio ruim…

— De nada…

— … depois da noite de karaokê ontem.

— Eu não estou valendo mais nada mesmo!

— O que eu perguntei foi: tem certeza de que ainda aguenta eu…

E ele calava minha boca provando que aguentava, sim. Com a boca, com as mãos, com a parte cada vez mais enrijecida de seu corpo, que ficava cada vez mais nítida encostando na minha bunda enquanto falávamos, o que fora minha intenção desde o começo. Ele sempre mordia a isca.

Ou talvez eu sempre mordesse a isca, porque todas as vezes que Malakai fazia isso, falava como se tivesse tanta certeza de que um dia seria meu marido, como se tivesse tanta certeza em relação a mim e a nós dois; todas as vezes que ele dizia que depois de cinco anos ainda era louco por mim, que não se arrependia da loucura absoluta de ter se colocado diante de todos os nossos colegas da universidade em um baile lotado para declarar seu amor por mim aos 20 anos, meu coração ficava todo desnorteado por alguns segundos, entregue ao doce pensamento de que o amor de minha vida queria passar a vida dele a meu lado. Tudo não passava de um desejo teórico naquele momento, claro. Eu tinha 24 anos, e ele, 25; ainda tínhamos muito a aprender, a fazer, a nos tornar. A concretização disso estava distante, bem no futuro, mas, ainda assim, o peso da existência daquela vontade me ancorava a nós dois.

Malakai passou a mão por minha barriga e depois desceu cintura abaixo, me segurando e me pressionando na rigidez de seu corpo. Gemi com a pressão da palma da mão dele e estremeci quando ele enfiou um dedo em mim. Ele me segurou firme

e foi mais fundo, acrescentando um dedo com um movimento enlouquecedor que fez com que um prazer crescente começasse a se espalhar inquieto por um corpo que, de repente, não estava mais cansado. Fiquei grata por não ter ninguém além de nós no apartamento; eu poderia fazer o barulho que quisesse.

Os lábios dele se fecharam em volta da minha orelha esquerda e ele sussurrou de novo, com a crueldade lasciva de alguém que literalmente detém o prazer de outra pessoa na palma das mãos:

— Isso parece ser coisa de um lance sem compromisso, Scotch?

Suspirei.

— Eu odeio você.

— Eu sei, meu amor. — O toque dos lábios dele era quente e macio em meu pescoço, e isso estava me deixando quente e molhada como uma tempestade tropical. Pressionei o corpo no dele em resposta. — Então ainda bem que isso não passa de um lance, não acha?

Sorri em meio aos tremores de prazer. Ele era tão babaca. Eu o amava. Eu me remexi e me desvencilhei dele apenas o suficiente para colocar a mão para trás e segurá-lo. Malakai sibilou e se retesou enquanto eu o acariciava devagar, fazendo com que ficasse ainda mais duro. Minha visão começou a ficar turva, inebriada pelo poder e pelo desejo, enquanto sua mão inscrevia nossa linguagem em meu corpo e seus movimentos transformavam meus pensamentos em um milk-shake de tesão. Quando eu estava prestes a guiá-lo para dentro de mim, hipnotizada pela forma como ele gemia, meus olhos semicerrados focaram a tela do laptop em cima da mesa, cujo descanso de tela informava as horas. Por que meu alarme não tinha tocado? Então vi o celular na mesa de cabeceira de Malakai, provavelmente descarregado depois de ter sido acidentalmente retirado da tomada em meio a alguma acrobacia da noite anterior. Fiquei tensa.

— *Droga.* Que droga. Não acredito!

Relutante, Malakai me soltou, saí de seus braços e pulei da cama, tentando decidir se uma ducha de três minutos seria suficiente para tirar o cheiro de sexo do corpo e cogitando só tomar um banho de hidratante no banheiro da Jupiter Press antes da reunião global de segunda de manhã.

— Que droga. Cadê meu sutiã?

— Talvez… — Malakai curvou a boca macia em um sorriso convencido que o deixou ainda mais gostoso. Ele se reclinou, exibindo o peitoral firme desnudo, como

se fosse uma divindade iorubá. — … em algum lugar pelo chão do corredor?

Revirei os olhos e saí do quarto dele, pegando o sutiã preto rendado da M&S do chão. Eu lavaria só as partes íntimas, um banho de gato. É assim que se diz? Não, falar assim não pega bem. Eu tomaria um banho a jato. Enfim. Ia ser rápido: axilas e vulva. E escovar os dentes. Precisava escovar os dentes, claro. Depois eu tiraria o horário de almoço para tomar uma ducha completa na academia do escritório. Voltei para o quarto depois de colocar o sutiã e Malakai soltou um gemido totalmente diferente dos que soltara no minuto anterior.

— Não dá para tirar o dia de folga?

Tirei o travesseiro debaixo da cabeça dele para acertá-lo em cheio no rosto.

— *Claro que não*, Kai. Nem todo mundo trabalha das quatro da tarde às quatro da manhã três dias por semana com um diretor vencedor do BAFTA!



Depois de se formar, Malakai teve vários empregos breves em produtoras e agências de pós-produção como assistente faz-tudo, além de fazer bico filmando casamentos, batizados e festas de aniversário de 50 anos para senhoras de 55. Ele já estava a ponto de usar o diploma em economia para arranjar um emprego que ninguém entendia, mas que lidava com números, em uma empresa de bacana. Em momentos de mais desespero, pensava até em ir trabalhar para o pai em Lagos.

Foi quando conheceu um editor de roteiros, primo distante de trocentésimo grau, em um casamento tradicional no qual estava a trabalho. Enquanto o cerimonialista fazia uma piadinha sugestiva sobre a noiva e inhame amassado que só fez os tios do noivo darem risada, o editor comentou com Malakai que sua empresa estava organizando um encontro de negócios para jovens criativos negros. E foi no porão de um bar de coquetéis no Soho chamado Véu & Ilusão que Malakai conheceu e encantou Matthew Knight, o britânico que foi de queridinho do mercado independente para a grande aposta de Hollywood, o primeiro homem negro a ganhar um Oscar de Melhor Diretor (por um filme de fotografia deslumbrante chamado *Primativo*, uma releitura livre de *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe).

"A luta pela liberdade continua, e a arte é a lança", dissera o diretor no empolgante discurso de aceitação, que viralizou ao receber o prêmio por um filme

da Black Viking, produtora fundada por ele e o parceiro sueco.

Malakai não quis perguntar se poderia mostrar seus curtas, *Cortes* (sobre a música na barbearia negra) e *Sem Título* (uma reflexão sobre amor, juventude e, por coincidência, sobre mim) por medo de parecer "pidão".

Eu sabia que o que ele temia mesmo era a rejeição. Malakai estava tão perto do que desejava que praticamente conseguia sentir o sabor da conquista, e perder a oportunidade o deixaria ainda mais faminto, se sentindo ainda mais vazio. Pouco antes da formatura, ele tinha inscrito *Sem Título* em uma competição e, embora tivesse sido o único filme a receber menção honrosa, acabara perdendo para um curta-metragem chamado *Sirena*, sobre um policial branco que se apaixona por uma mulher negra "membro" de uma gangue urbana. Malakai tentara fingir que não estava triste, mas eu tinha percebido. Fora um golpe na sua autoconfiança, e ele não tinha criado nada desde então; suas ideias passaram a se resumir a rabiscos e rapsódias regadas a álcool em nossos encontros. Mas Malakai era brilhante, brilhante *de verdade*. Eu não pensava isso só pela maneira como ele me beijava, me tocava e transava comigo. Nem pensava isso só porque ele me amava de uma forma elementar, como se eu fosse ar, água e fogo e ele fosse um homem paleolítico em busca de algo para adorar. Não. Eu o achava brilhante porque isso era um fato.

Malakai tinha um dom para captar os sentimentos mais viscerais e um coração sensível aos aspectos visuais mais evocativos, como se tivesse sido feito para isso, para registrar momentos, ajudar a contar histórias, ajudar as pessoas a se sentirem menos sozinhas. Era parte dele. Se estávamos na rua, ele parava e me cutucava, gesticulando para que eu visse o irmão mais velho ajudando a amarrar os cadarços dos sapatos do mais novo, ou me cutucava para ver um casal de idosos nigerianos de mãos dadas no metrô, o grupo de moleques no fundo do ônibus zoando uns aos outros, e às vezes me cutucava para olhar para mim mesma. Algumas vezes, enquanto eu lia um livro com as pernas esticadas em cima dele, Malakai parava o filme a que estava assistindo para me observar.

"Que foi?"

"Como assim, que foi? Olha só para *você*, Scotch."

Eu me via nos olhos dele e ficava sem fôlego, desorientada por saber que eu era a coisa encantadora que fazia com que brilhassem daquele jeito. Aquela suavidade me fazia derreter.

Então eu sabia que meu trabalho naquele momento era fazer com que ele se

visse.

"*Ah*, legal, legal. Entendi." Eu tinha assentido, esfregando as costas dele com delicadeza. "Então você prefere implorar para que seu pai deixe você trabalhar na imobiliária em Ikoyi? Quer ir até ele e dizer que tinha razão, que sua carreira de cineasta não passou de uma ilusão? Excelente. Eu sempre sonhei em ser uma dona de casa em Lekki, mesmo."

Malakai tinha se virado para mim devagar. Eu inclinara a cabeça e olhara de volta.

Ele enviou os links dos curtas no dia seguinte e, como eu tinha previsto, Knight marcou uma reunião na outra semana. E então, um ano depois, meu namorado era o queridinho de um dos diretores mais aclamados do mundo, frequentando festas com a elite do entretenimento e sugerindo que eu saísse do cargo de assistente em uma editora que se resumia a pedir o almoço e ocupar uma cadeira na sala de reuniões sempre que um editor branco (todos eram brancos) precisasse de um negro para conseguir fechar um contrato com um livro *necessário* e *importantíssimo* sobre raça.



Malakai pegou minha mão e a beijou.

— Me desculpe. É sério, eu vacilei. Você tem razão.

O calor de sua boca despertou uma fome em mim, como se aquele beijo não tivesse sido relativamente mais casto em comparação com os outros lugares que ele tinha beijado na noite anterior. Eu ainda ficava fascinada com a forma como meu corpo reagia a ele mesmo depois de cinco anos, reduzido a reações químicas e sensações tão intensas que me faziam exceder os limites da pele como se eu fosse feita de vapor e, ao mesmo tempo, cada vez mais plena e à vontade dentro de *mim mesma*.

— Senta aqui por um segundo. Só um segundo, amor — pediu ele, com um olhar feito de mel e desejo que afogava qualquer argumento.

Os horários de Malakai andavam irregulares, o que significava que não tínhamos tanto tempo juntos. O karaokê com nossos amigos na noite anterior tinha sido a primeira vez que nos víamos em duas semanas. Fui puxada de volta para a beirada da cama. Quando me sentei, ele me abraçou e me puxou de costas para seu peito,

descansando o queixo em meu ombro. Por um momento, eu me esqueci de onde deveria estar. Parecia um pouco estranha a ideia de estar em qualquer outro lugar que não fosse ali, sentada com o calor daquele coração batendo às minhas costas, envolvida por seus braços. Inspirei fundo, deixando que a firmeza do afeto dele se infiltrasse em meus ossos.

— É que eu odeio ver você tão estressada com um trabalho que te trata de um jeito tão merda — murmurou ele em minha pele.

Suspirei e soltei uma risada amarga.

— É. Eu também.



Minha jornada após a formatura tinha sido um pouco mais complicada do que a de Kai. Enquanto ele tinha uma direção clara — queria trabalhar com filmes —, eu, pela primeira vez na vida, percebi que não tinha ideia do que queria fazer. Quando ainda estava na faculdade, eu era decidida e ambiciosa: queria tirar notas altas no curso de Mídia e Política, garantir que a AAC (Associação Afro-Caribenha) de nossa universidade, a Paço Preto, não desabasse sob minha liderança, e depois queria entrar no mestrado, para então cursar Política Global e Cultura Popular. Foi só quando terminei tudo isso que me dei conta de que não tinha ideia do que fazer com minha vida. Minhas habilidades — compreender as pessoas, falar sobre cultura pop, música e sentimentos — não vinham bem com um plano de carreira. Meus pais eram muito tranquilos para imigrantes nigerianos, mas mesmo assim eu estava começando a me sentir como a geração que deu errado, um exemplo a ser dado de como *não* fazer as coisas.

"Sabe a prima rebelde, Kikiola? A que tem piercing no nariz? Olha só onde ela foi parar com aquele diploma tão inútil. É melhor enfiar a cara nos livros de Direito, hein."

Eu gostava de política, mas não sabia se conseguiria entrar no setor público sem ficar maluca. Eu escrevia o tempo todo, mas não sabia se era boa a ponto de tentar estudar jornalismo; parecia difícil escrever sobre meus interesses em um campo no qual o assunto era música, política *ou* relacionamentos. Pensei nos Estados Unidos, onde passei um verão bem bom na NYU quando ganhei uma bolsa de estudos. Eu sabia que, mesmo se fosse, Malakai e eu ficaríamos bem. Para mim, éramos uma

inevitabilidade, uma certeza. Éramos o sol e nada poderia nos obscurecer. Mas quando saí da universidade, todos os contatos que eu tinha me disseram que não poderiam patrocinar um visto. Então me candidatei a uma agência de mídia em Londres para ser freelancer e, quando estava pensando na possibilidade de voltar para o restaurante de meus pais de vez, me vi em uma vaga para cobrir licença-maternidade por seis meses na editora Jupiter Press.

Eu sorria quando fazia os chás. Eu ia às festinhas de aniversário nos pubs, e lá aprendi a fingir beber gim-tônica depois de muita insistência, pensando que isso talvez fosse fazer com que confiassem em mim, com que me considerassem parte da turma. Elogiei sapatos e franjas, fiz perguntas sobre corridas beneficentes e fins de semana no Soho Farmhouse, além de ouvir conversinhas sussurradas sobre como estavam traindo os respectivos parceiros com alguém do grupo de corrida. Eu respondia "nossa!" e "é verdade!" a cada poucos segundos para me enturmar e, de repente, escuta só, os fins de semana na Soho Farmhouse na verdade tinham sido com amantes. Ninguém esperava nada de mim além de que eu ouvisse.

Quando, aos poucos, comecei a fazer perguntas sobre os livros em que as pessoas estavam trabalhando, começaram a fazer perguntas *para mim* também e, por alguma razão, todos ficaram chocados com o fato de eu ler tudo o que publicavam. Quando cansei de segredos bobos compartilhados no porão de um pub de Monument, uma editora (que, aos prantos, me confessou estar dormindo com o ex da melhor amiga que por acaso trabalhava na área de marketing) pediu meu currículo e me disse para me candidatar a um cargo de assistente editorial.

"A gente precisa de alguém como você", disse ela com uma piscadela exagerada, o que foi estranho.

Não entendi se ela estava falando isso por causa de minha inteligência, raça ou da suposta discrição ao guardar segredos, mas, francamente, não importava. Era um emprego com *potencial* e o cargo tinha a palavra "editorial", o que significava que meus pais podiam dizer aos amigos que eu era editora se quisessem, e assim eles faziam. Eu não sabia se era bem a coisa certa para mim, mas quem tinha um emprego perfeito? Pouca gente tinha uma vocação como Malakai. Eu adorava livros e adorava ler, então talvez fosse o suficiente.

O "talvez", no entanto, era um pouco frustrante. Sempre tive certeza de muitas coisas na vida — *de mim mesma,* sobretudo — e no momento sentia que estava em um lugar no qual perdia um pouco minha individualidade, minha voz. Fiquei lá por

um ano e a sobrinha do diretor de marketing foi contratada para ser editora assistente, sendo que era eu que cuidava das responsabilidades do cargo dela, embora não oficialmente.

Também houve a vez em que encontrei um conto de tirar o fôlego sobre Mami Wata escrito por uma jovem senegalesa e fui falar com a editora. Ela respirou fundo antes de dizer que apesar de ter "adorado" minha "iniciativa" e me encorajar a "continuar assim" (isso tudo dito com um sorriso amarelo que alguém daria a uma criança mostrando o desenho de um triângulo feio), afirmou que contos de fadas eram muito arcaicos.

"Além do mais, releituras racializadas de *A Pequena Sereia* já estão meio batidas, não é?"

E, em vez de perguntar por que a raça da porra de uma criatura mítica e humanoide com guelras era considerada uma "releitura", eu disse apenas:

"Claro, Pippa, eu entendo."

O que foi patético de minha parte, porque eu poderia ter dito que o que estava batido era o look ridículo dela, um combo de franjão, vestido largo e tênis branco sujo e também que era incrível como ela tinha resumido tão mal o conto que sem dúvida nem se deu ao trabalho de ler.

Não gostei da minha resposta, mas não podia dizer que não tinha gostado da *dela*, porque na única vez que discordei verbalmente de um editor (dizendo que talvez não devêssemos comprar um livro chamado *Grades* sobre um cara branco de cabeça raspada que escrevia sobre a relação entre encarceramento e sujeira) me disseram para "não me deixar levar por meus sentimentos" e ser mais "mente aberta", porque se não comprássemos o livro outra editora compraria. O que significava que eu era ingênua e inexperiente, mas só quando não estava representando a comunidade negra em reuniões com autores negros que eram do interesse deles (ou seja, autores negros que falavam exclusivamente sobre raça).

Tentei me convencer de que era temporário, só para pagar as contas. E eu fazia o que podia: embora não tivesse conseguido fazer um editor ler o livro que eu tinha encontrado, consegui apresentar a autora para um agente legal que conheci graças à editora. Passos de formiguinha.



Dei de ombros.

— Mas é tranquilo. Não é péssimo. — Acenei com a cabeça para mim mesma, tentando criar esperanças. — Vai melhorar.

Malakai beijou meu ombro.

— As coisas lá vão melhorar por sua causa, porque você é a melhor de todas. Sagaz, meiga, gentil, determinada. Não deixe ninguém mexer com você, minha linda. — Ele mordeu meu pescoço, seu sotaque mudando para um iorubá carinhoso. — Doce assassina. — Seu nariz e seus lábios tocaram minha bochecha. — *Ìyáwó mi*.

Senti um frio na barriga, apesar de saber que ele só estava me chamando de esposa como demonstração de afeto, mas me contive e tentei contê-lo também.

— Ainda não. Tenho que encontrar meu rumo primeiro, como você está fazendo. No momento, estou só… perdida.

Malakai se virou para me olhar direito e puxou meu queixo, arqueando as sobrancelhas que emolduravam um olhar profundo. Senti algo quente e terno desabrochar em mim. Seu polegar roçou meus lábios com suavidade como se assim tentasse sanar minhas dúvidas, provar a certeza que ele tinha em mim.

— Scotch, eu vou para onde você for. Você é a estrela Polaris para mim. Se consigo ver você, sei bem onde estou. Sei que vai ficar tudo bem. Porque você nunca se perde, é impossível. Existe alguma coisa dentro de você que sempre sabe o que quer. Você só precisa… dar tempo ao tempo. Permitir que seu propósito te encontre. Você deu duro para conseguir um lugar. *Tenho certeza* de que vai encontrar seu caminho, certeza absoluta. É uma das poucas coisas que sei nessa vida. Uma coisa meio religiosa, até.

E o amor, ardente e genuíno, fez com que um sorriso brotasse em meu rosto e me arrancou um beijo.

— Você é o quê, um monge?

A mão dele deslizou por minha barriga, provocante.

— Quero beber sua água benta. Fico de joelhos, se quiser.

— Que blasfêmia.

— Você continuaria comigo se eu investisse nisso de verdade?

— Em ser monge? Acho que seu superior não aprovaria as coisas que quero fazer com você.

Seus olhos brilharam, famintos.

— Depois quero saber que coisas são essas. Mas não, estou falando de música.

Ele pigarreou e sua voz rouca e desafinada, por alguma razão ainda gostosa de ouvir, reverberou em meu pescoço, me provocando ainda mais desejo.

— *How does it feeeeeeeeeeel…*

Eu queria que ele continuasse, mas, naquele exato momento, fingi uma careta com sua imitação de D'Angelo.

— Hum. Dá para melhorar.

Ouvi seu sorriso preguiçoso ecoar pelos poros de minha pele.

— Ah, é? Quer dizer então que não quer apoiar os sonhos de um jovem negro?

— Indiscriminadamente, não, mas tente de novo daqui um tempo. Quem sabe não dá certo?

Ele mordeu meu ombro, abafando uma risada.

— Que língua afiada, Scotch. Acha que é a única que sabe usar a boca?

Foi uma ameaça deliciosa. Insisti no assunto, apesar de ficar cada vez mais difícil. Era quase um teste de autocontrole: quanto tempo conseguia pensar com clareza enquanto a boca de Malakai estava em mim?

— Além disso — continuei —, músicos não tentam ser músicos. Você não se descobre como músico, apenas *sabe que é*, é inevitável, a ponto de não conseguir viver sem aquilo.

— Ah, então é assim? Entendi. É tipo amar Kiki Banjo. Não existe "tentar", só acontece. Só se ama. — Os lábios dele me provocaram um arrepio ao tocarem minha orelha. — É inevitável.

Não passei no teste de resistência.

— Kai, acha que estou quente?

— É pegadinha?

— Não, estou falando sério. Sinto que estou com febre.

Peguei a mão dele e a pressionei no seio direito.

— Está sentindo? Acho que estou ficando doente.

O sorriso de Malakai ao entender o que eu queria dizer foi lento e sugestivo, seus olhos escuros se iluminaram enquanto ele me apalpava com gentileza.

— É mesmo. Você está pegando fogo. Provavelmente precisa ficar de repouso.

— Foi o que eu pensei. Que merda. Eu estava tão ansiosa para ler as lembranças fictícias de um escravagista.

Peguei o celular para digitar um e-mail para minha chefe. Malakai fez que sim

com a cabeça, puxando-me.

— Sabe qual é a melhor maneira de baixar a febre?

— Não diga su…

— Suar.

— É um mito.

— Não é. Sou um homem das ciências, sei o que estou dizendo.

— Claro, claro. Fez doutorado na mesma instituição que os coaches de saúde?

— Vou ignorar essa malcriação para o bem de nosso relacionamento. É sério, Scotch, sei muito de medicina. Por exemplo, posso induzir amnésia. Vou fazer você esquecer do próprio nome em questão de minutos. É só dizer que quer.

Sorri.

— Eu quero.

Malakai tocou a própria orelha.

— O que disse?

— Eu quero.

Ele desceu pela cama, beijando minha barriga devagar no caminho.

— Diga de novo.

— *Eu quero.* — Estalei o dedo como se estivesse criando uma melodia. — Eu quero — repeti, dando risada. — Eu quero… — Um suspiro. — *Eu…*

E aí saí de mim.

CAPÍTULO 4
O caso do ex

Bakari ❤: Kiki, amor. Eu sei que falei que ia contigo lá na Aminah, mas fiquei pensando e acho que não é uma boa. Não quero ficar fingindo que está tudo bem quando a gente está lidando com nossas questões, sabe? É difícil demais. Eu te amo. De verdade. Você é tudo que eu poderia querer. Acho só que a gente precisa de um pouco de espaço para redescobrir quem somos e entender como direcionar a energia para esta relação da melhor forma possível. Tem uma coisa que a gente faz lá no trabalho chamada "teste de unidade". É quando a gente analisa as partezinhas de um aplicativo com minúcia para ver se estão operando no potencial máximo. É como a gente cria o melhor produto possível. O que estamos fazendo é só uma versão disso. Te amo demais e com força, Kiks.
P.S.: Mandei um vinho lá para o salão. Parabéns para Kofi e Aminah de novo.

Por cima da caixa com garrafas de champanhe que estou carregando, estreito os olhos para o calendário do celular, na marcação desse evento, na esperança de que as palavras mudem de repente até virarem um "desculpa, amor, atrasei uns dez minutinhos, tô chegando". Porque eu *sei* que esse homem não acabou de desmarcar comigo logo antes da festa de noivado de minha melhor amiga ao mesmo tempo que comparava nosso relacionamento ao caralho de um aplicativo? Por que o amor dele era *forte* e *profundo* o bastante para entrar em uma leve S.E. comigo na semana anterior quando fui pegar uns sapatos que deixei em seu apartamento (foi divertido e tudo, matou a vontade), mas não o bastante para trazer aquela bundinha saradíssima até aqui?

Meu estômago se revira de decepção, o impacto da sensação é ágil demais para ser contida, enquanto apoio o celular na caixa e a escoro no joelho de forma elegante. Preciso dele aqui. Para ajudar a carregar a caixa de champanhe que Aminah mandou entregar lá em casa sabe Deus o motivo, claro; porque seria ótimo comemorar o noivado de minha melhor amiga ao lado dele, lógico; mas também porque não consigo evitar pensar que poderia ser um pouco mais fácil encontrar

meu ex pela primeira vez em dois anos e meio se meu namorado bonito, rico e destaque na lista da *Forbes* Under 30 — também conhecido como um *acompanhante* — estivesse ao meu lado.

Não acho tão horrível assim admitir que preciso — não, que *prefiro* — que meu ex saiba que não fiquei na merda enquanto ele estava em Los Angeles (sem dúvida) passando o rodo em mulheres lindas com um nome tipo Clover. Era provável que fizessem ioga com frequência, e não só depois de assistir a *Homecoming* e resolver que precisavam dar um jeito na vida ao marcar uma aula para iniciantes com desconto pela décima quinta vez. Não que tenha a ver, mas já rolou de eu usar um perfil fake no Instagram uma vez e ver uma mulher chamada Clover marcada nos stories dele. Os dois estavam tomando um smoothie. Desde quando Malakai tomava *smoothies*? Na bio dela estava escrito "mãe de planta". Ela era muito linda, fazia uma texturização perfeita com twists no cabelo, tinha peitos daqueles que parecem saltitar ao caminhar e parecia viver usando short de ciclismo e cropped. No perfil dela havia vídeos ensinando mulheres a ativarem os chacras sagrados. Tentei seguir um dos tutoriais e acabei com câimbra. Será que Malakai tinha ativado o chacra sagrado dela?

Enfim, a questão é: que mal tem em esfregar uma coisa ou outra na cara do meu ex? Tento amenizar a respiração irregular e acalmar a fúria ao apoiar a caixa no quadril, que escorrega pelo tecido acetinado de meu vestido bronze com decote drapeado. Está tudo bem. *Eu* estou bem. Ao menos de dois jeitos diferentes. Consigo passar por isso. Sou uma mulher moderna e independente que não precisa estar acompanhada por um homem para irritar o ex. O vestido abraça minhas curvas suaves, e a cor bronze destaca as tonalidades quentes de minha pele; é chique o bastante para usar na presença das mulheres mais velhas, mas sexy o suficiente para bagunçar a mente de um homem. E o mais importante: eu sei que faz minha bunda ficar maravilhosa. Consigo superar isso, assim como estou conseguindo carregar essa caixa aleatória de champanhe.

Eu me recomponho e guardo na mente que preciso tirar uma foto do que estou vestindo para mandar para Bakari.

Entro no espaço e me deparo com o movimento agitado e barulhento dos garçons aprontando as taças de champanhe. Há o som de mesas arranhando o piso terracota, atribuindo profundidade ao R&B antigo e acelerado emanando dos alto-falantes, a frase "rosas são vermelhas e violetas são azuis" me dando boas-vindas à

festa.

Já está lindo. Consegui arranjar um espaço de cobertura e terraço de um hotel badalado no leste de Londres; conheci o lugar quando fui a uma festa de lançamento de um álbum. Combina a elegância de Aminah com a descontração de Kofi. A vista panorâmica da cidade cintila pelas janelas arejadas de ateliê e as correntes de corações exuberantes se derramam de uma cascata no teto, passando uma sensação de encantamento, que é intensificada pelas lâmpadas de ouro polido. O aroma amadeirado e refinado do lugar se mistura às notas de amêndoas torradas do champanhe e ao calor aconchegante do buffet organizado pelo Sákárà. Orquestrei pequenas versões das comidas favoritas de Kofi e Aminah: porções de fufu de inhame com sopa égúsí por cima; almôndegas de *wagyu* com tempero *suya*; bolinhos de banana-da-terra fritos e bolinhos puff puff/bofloto (deixei as duas denominações no cardápio para evitar uma guerra entre os presentes de diferentes países da África Ocidental) salpicados com canela.

Toda a comida chegou à cozinha trinta minutos antes de mim. Sinto uma ondinha de orgulho. Nada mal considerando que tive três semanas (duas e meia, na verdade) para organizar tudo enquanto lidava com uma separação romântica e encontrava pessoas para infinitos "papos" com colegas da área de mídia, que não deram em nada. O que eles realmente queriam, lógico, era fofoca, e o que quero é um emprego. Óbvio que nunca contei o verdadeiro motivo de o *Batida* ter acabado. Sou iorubá, não se dá munição para os outros atirarem na gente. Minha explicação pública, como aprovado por Aminah, é a seguinte: "Foi uma dissolução amigável com a SoundSugar, e estou em busca de um novo desafio. Sim, já vi o anúncio do novo podcast de Kitty St. James, *No Ritmo das Relações*, e sim, vi que a primeira convidada dela vai ser Taylor Swift! É incrível para ela! Tem público para todo mundo", e a frase é finalizada com um sorriso doce e impassível.

A SoundSugar me substituiu em um piscar de olhos. Desejei toda má sorte do mundo com aquele pastiche insosso feito sopa de chuchu que fizeram de meu projeto. Mas eu ia conseguir guardar esse pensamento para mim mesma.

E aí, depois de minha bela esquiva, conforme os matchas chegavam, eu redirecionaria a sede de fofoca para outro tópico: "Ficou sabendo que aquela memorialista feministuda famosíssima estava de caso com aquele influencer red pill que usa calça tão apertada que sem dúvida o sangue não circula mais no cérebro, aquele que diz coisas tipo 'beber de canudinho foi um ato inventado para deixar os

homens mais femininos'?".

Meu colega ia embora satisfeito, e eu passava uma impressão simpática o bastante para que lembrasse de mim no caso de uma potencial vaga disponível — mas ainda seria *em potencial*, e infelizmente potencial não é aceitável como pagamento de aluguel nem de hipoteca.

Sinto a frieza tomando meus pensamentos, fazendo a sensação feliz vacilar. Quando Malakai e eu terminamos, fiquei determinada a começar do zero, reformulando cada aspecto da vida. A primeira atitude foi fazer uma tatuagem do nascer do sol na parte interna do antebraço, criada com tracejados, lembrando a mim mesma que o astro era uma constante, que a luz era uma constante — eu só tinha que ter paciência. Um clichê, provavelmente, mas toda vez que eu vejo o desenho sinto orgulho por ter me reencontrado, por ter conjurado minha própria luz e, o mais importante, por eu ter completado o maior ato de rebeldia de uma filha nigeriana ao fazer uma tatuagem. Até gostei da dor: serviu como certo desprendimento da dor de um coração partido que tinha se entranhado no meu sangue.

A segunda ação foi me mudar para o apê de um quarto que fica em cima do restaurante de meus pais, no sobrado comercial reaproveitado que eles tinham juntado moedinhas para conseguir comprar no início dos anos 1990. Morávamos lá quando eu era criança e nos mudamos quando, oito anos depois de mim, minha irmã Kayefi nasceu — então ficou destinado a parentes da Nigéria que sempre diziam que ficariam por duas semanas e acabavam ficando dois anos. Quando uma tia-avó enfim desocupou o imóvel um mês depois de meu término, vi como o espaço perfeito para me aninhar, onde eu juntaria os fragmentos de meu coração. Recrutei as meninas para me ajudarem a pintar o quarto de uma cor "jade branca", que Chioma me garantiu representar harmonia e Aminah julgou como chique. Shanti admirou nosso trabalho do sofá, servindo-nos de um vinho rosé de seis libras em canecas que não combinavam. Transformei a pequena alcova no meu quarto em um escritório improvisado, e foi ali que gravei o primeiro episódio do *Batida do Coração*.

Meus pais estão querendo vender o restaurante e ficar com o apê, mas, ainda assim, preciso arranjar um jeito de continuar pagando o resto da hipoteca para que o negócio seja rentável para eles. Além do mais, não aguento nem pensar em nosso restaurante virar uma startup do ramo alimentício que tem o slogan tipo "Para

quem diz que branco não sabe fazer arroz jollof", fruto de um financiamento coletivo comandado por dois barbudos de Devon que usam camisas de flanela; quem dirá considerar outra pessoa morando no espaço em que meus pais construíram uma vida. A mera ideia me faz sentir um vazio. Fiz daquele o meu lugar; foi onde chorei até dormir e onde me curei; onde me abri para o amor de novo ao transar pela primeira vez com alguém que não era *ele*; onde testei novas combinações de receitas de "purê e frango" que vi no Instagram; onde minhas melhores amigas se amontoaram e se embebedaram em meu primeiro aniversário sem Malakai, pegando no sono uma por cima da outra e cantando alto vários clássicos de grupos femininos de R&B. (Nosso cover de "Don't Let Go", de En Vogue, nos garantiu um grito de "Isso aí, meninas!" vindo de alguém na rua.)

Pela primeira vez em um bom tempo sinto um formigamento de pânico no nariz, a ameaça intensa de perder o controle. Se eu ficar pensando demais que, teoricamente, estou desempregada, vou desmaiar. Não sou assim. Sempre tenho um plano — um caminho para seguir. Eu me recomponho. De certa forma, a preparação do casamento de Aminah é uma excelente distração de uma crise dos 20 e tantos anos. Na última semana não tive tempo de ser arrebatada pela síndrome da Filha Mais Velha da Primeira Geração de Imigrantes e, assim, não visitei sites de universidades de Direito. Acabei, sim, olhando uns sapatos slingbacks de grife que eu poderia usar no escritório antes de perceber que eu precisaria de um trabalho para conseguir bancá-los.

— Você está atrasada.

O tom brusco da voz de minha melhor amiga interrompe meus pensamentos, e Aminah aparece, do nada, como o ser sobrenatural que é, andando às pressas em minha direção em um rebuliço de jasmim, peônias e o óleo de argan que usou ao fazer chapinha no cabelo.

Perco o fôlego por outro motivo que não é o fato de ainda estar carregando seis garrafas de champanhe. Coloco a caixa no chão para analisá-la direito e, ao fazer isso, a imagem me acerta direto no peito, fazendo o coração inflar. Seus cachos compridos modelados com babyliss emolduram seu rosto de boneca e balançam com o movimento, e ela parece uma estrela hollywoodiana da década de 1940 com o vestido de seda na cor creme e a maquiagem delicada de tons bronze e o batom aveludado com contorno labial marrom.

— Você está *atrasada* — repete, e pelo jeito que ela comprime os lábios sei que

está estressada, então ignoro o fato de que essa é a recepção que recebo e respondo, com uma notável calma:

— Cheguei exatamente na hora.

— O que é tarde! Você é a conoiva, lembra? Chegamos juntas! Além disso, você também chegou tarde para ver o salão esta semana! E ainda saiu cedo!

Acalmo a respiração e mantenho o sorriso no rosto. Ela está lidando com duas matriarcas africanas — não tem como estar batendo bem da cabeça. Eu a desarmo com facilidade, afinal são dez anos de amizade e experiência.

— Bem, eu estou organizando isto há pouco mais de duas semanas e fiz questão de que tudo estivesse arrumado, então imaginei que minha presença não fosse necessária. Cheguei quinze minutos atrasada para ver o salão porque fui tomar um café com uma editora. Você sabe. Porque estou em busca de um emprego. E saí cedo porque tive que pegar outro turno no restaurante. Lembra?

Aminah fica sem reação, como se tivesse sido arrancada no susto de um torpor induzido pelo espírito da Noivazilla que a possuiu.

— Ai, meu Deus. Sim! Como eu pude me esquecer? Mil desculpas. Estou só um pouco… cansada. Como que foi com a editora? Ela deu algum retorno?

Dou de ombros.

— Ela disse que vai me dar retorno se tiverem algo em aberto, mas acha que eu tenho "uma ótima vibe", o que significa que não tem nada a me oferecer. Mas, enfim. — Deixo de lado o leve ressentimento e sorrio, apaziguando tudo. — A gente pode focar as coisas importantes? Tipo… Minah, você ainda tem noivo? Porque Kofi deve ter caído durinho assim que te viu. Dá uma voltinha para mim, rapidinho.

Como imaginei, o estresse se esvai do rosto de Aminah e ela se envaidece toda ao dar uma volta, equilibrando-se no stiletto que a eleva a uma altura mediana.

— Amiga, *pa-ra*. Jura? Ai, nem consigo fingir. Quem que eu quero enganar? Estou gostosa demais, não estou?

Como se atraído pelo chamado da sua mulher se sentindo, Kofi se aproxima, passa o braço pela cintura dela e a beija na bochecha.

— O suficiente para comer, na verdade. Será que é melhor a gente cancelar tudo e ir fazer outra coisa?

O sorriso de Aminah parece emanar alegria para todo o seu rosto, iluminando-a enquanto ela dá um tapa brincalhão no noivo. Eles são lindos juntos: Kofi está tão

estiloso quanto o corte de cabelo, com a pele escura lustrosa e maçãs do rosto acentuadas, trajando um terno azul-marinho sofisticado junto a uma camisa de gola branca imaculada; e Aminah é graciosidade e malícia, um anjo tirando férias do paraíso e fazendo os homens mortais caírem de joelhos. Para além de meus pais, eles vêm sendo meu conto de fadas pessoal, dando-me esperança. É por isso que comecei a preparar um livro de memórias surpresa, escrevendo a história de amor deles — a ideia é entregar a eles depois, no casamento, e deixar as páginas em branco expostas durante a festa, assim os convidados podem assinar e colar fotos em polaroid.

Era uma vez uma bela princesa iorubá chamada Aminah Bakare que tinha muito bom gosto para alta-costura e paciência negativa para gracinhas… Então ela conheceu o Príncipe do Sul, Kofi, que tinha um gosto excelente para mulheres (ele só tinha olhos para ela) e não era de fazer gracinhas (a única gracinha na vida dele era ela).

O mais bonito de tudo é que não é mentira. Acompanhei a história desde o início, e os dois se adoraram desde o primeiro momento em que se viram em uma festa estudantil ruim na Universidade de Paço do Rio Branco com chão grudento, uma batida pulsante e dezenas de outras opções de ficantes. Seus espíritos se infiltraram nas lacunas um do outro assim que suas bocas se conectaram. Aminah tentou lutar contra o sentimento porque tinha medo de se entregar, porque teve medo do quanto era fácil — e em certo ponto pareceu que Kofi se cansou de esperar ela aceitar tudo o que ele havia aceitado de imediato —, mas no fim, depois de um vaivém prolongado, os espíritos venceram, um correndo na direção do outro, mesmo com o risco da dor, com a pompa de Aminah e o orgulho de Kofi, porque nada poderia ser mais doloroso que um ficar sem o outro. Amo o amor deles e amo minha amiga e amo o jeito como Kofi ama minha amiga e amo o jeito como o amor envolve a essência de Aminah.

Ela fica toda-toda, aconchegando-se nos braços de Kofi antes de o acotovelar com gentileza.

— Não podemos cancelar. Kiki trabalhou muito para fazer tudo isto acontecer.

Sou um elemento permanente na relação deles, tanto que ficam quase confortáveis *demais* perto de mim, o que me faz ser testemunha de demonstrações intensas e públicas de afeto — então não fico surpresa nem ofendida quando Kofi só percebe naquele momento que estou parada bem aqui.

Quando o faz, porém, ele direciona o sorrisão para mim, pura energia acolhedora e fraternal.

— Banjo Bélica! — exclama ele, antes de se afastar da noiva e me dar um abraço de urso. — Você arrasou, amiga. Obrigado. Ficou incrível. — Kofi abaixa a voz, murmurando depressa: — Um adendo de alerta: nossa rainha está sensível hoje… A mãe e as irmãs sob o mesmo teto e tal. Você sabe como pode ser. Talvez a gente tenha que se revezar para fazer a contenção.

Abro um sorriso sabichão quando ele me solta, com um aceno mínimo da cabeça, um gesto cúmplice em nossa tentativa de proteger a mulher que amamos dela mesma.

— De boa — respondo em voz alta, respondendo aos dois apontamentos.

Kofi abre mais o sorriso quando tropeça um pouco na caixa de champanhe.

— Espera aí… Isso é um presente seu?

Franzo a testa, confusa, quando Aminah se joga em minha frente e intervém.

— É, aham! Ela não é uma querida?

— Queridíssima! Nossa Mestre do Entretenimento. Deixa eu ajudar você com isso. Aí vamos arranjar uma taça para você. Vou entregar isto lá na cozinha — anuncia Kofi, pegando a caixa e se afastando enquanto lanço um olhar de interrogação à Aminah.

Minha melhor amiga entrelaça o braço ao meu e me puxa mais adentro do espaço vazio. Só vejo a mãe, as irmãs dela e alguns dos primos de Kofi — importante destacar que não há sinal de ex-namorados —, então vamos até o canto menos movimentado e ficamos perto das portas de correr que dão na sacada circundante.

— Tem algum motivo para você ter acabado de mentir para seu noivo? Você disse que pediu para entregarem o champanhe lá em casa porque seria complicado mandar entregar direto no hotel… Embora agora que estou dizendo em voz alta, soe bem ridículo…

Aminah abaixa a voz e arregala os olhos.

— Eu não *menti*, eu só… adiei a verdade. Pedi champanhe a mais só por precaução. Usei parte do dinheiro que meus pais deram para o casamento… E eu sei que Kofi ficaria chiando sobre guardar ou sei lá o quê, e sobre como esta festa de noivado devia ser só "uns drinques lá em casa", mas e aí o que vinha depois? Eu me casando em um celeiro e a gente fazendo o brinde de casamento com jarros? — Ela estremece em profundo desgosto e gesticula, como se o mero pensamento fosse horripilante demais. — Poxa, vamos falar a real. A festa de noivado de minha irmã

foi em um iate, lá na Costa Amalfitana. O iate que Jay e Bey alugaram uma vez! Eu tinha que fazer alguma coisa!

Não comento que a irmã dela é casada com um gestor de fundo de hedge. Não sei bem o que isso significa, mas sei que representa ter acesso fácil ao iate romântico de Jay e Bey.

— E eu teria contado isso a você se a gente tivesse se arrumado junto, como devia ter acontecido. Você sabe que não era para Kofi me ver nesta roupa antes da festa; dá azar. A ideia era usarmos dois táxis diferentes, mas, como você me deu bolo, ele teve que fechar o zíper do vestido e fomos no mesmo carro, como se estivéssemos indo para um encontro qualquer!

Ah, uau. Kofi não estava exagerando. Minha amiga está, sim, *sensível*. Ela só fica assim quando suas irmãs mais velhas estão brincando de cabo de guerra com suas terminações nervosas.

Aminah respira fundo e prossegue:

— Não que eu acredite em azar. Acredito em Deus, e nenhuma arma forjada contra mim prosperará.

Ela gesticula a mão de unhas bem-feitas na frente do peito em forma de cruz: um vislumbre perolado da religiosidade. A mesma mulher que me lembrou que não podia ter nada feito com carne de porco no cardápio do evento, "lógico". A verdadeira cristã que fecha com todo mundo.

Pigarreio com cuidado, adentrando com delicadeza o episódio de Melô da Minah.

— Beleza, bem, primeiro, acho que a superstição só vale para o casamento, não para a festa de noivado, e, segundo, a gente não conseguiu se encontrar antes pelo mesmo motivo de eu ter me atrasado. Eu estava no restaurante supervisionando tudo para garantir que todo o cardápio saísse perfeito. Lembre-se: o pedido foi adiantado, e eles já estavam cuidando de outra encomenda hoje…

Aminah suaviza o olhar, trocando a leve irritação para um afeto sincero, e pende os ombros para baixo ao aliviar a raiva enquanto me puxa para um abraço apertado, envolvendo-me com doçura e o cheiro do creme corporal Hermès que sei que ela reserva para ocasiões especiais.

— Não liga para o que eu digo, amiga. Desculpa. Sou muito grata, este lugar é incrível, e estou só morrendo de raiva porque minha mãe convidou, tipo, mais de dez tias que nem conheço direto, apesar de eu ter deixado muito claro que a festa de

noivado era para *nós* e nossos amigos, e só convidamos nossos pais por obrigação. Eles têm os *doi*s casamentos! O tradicional e o de branco! Eu não convidei minha manicure porque não tinha mais espaço, mas minha mãe pode trazer a moça que se sentou do lado dela *uma vez* em uma festa? Tipo, se eu soubesse que as tias e os tios vinham, seus pais poderiam ter vindo!

Balanço a cabeça e coloco as mãos em seus ombros para acalmá-la, tirando um cacho errante de seu rosto com delicadeza.

— Bem, eu não ia dizer nada, meus seus pais convidaram, *sim*, os meus. Eles só não vieram porque foram para Nottingham visitar Kayefi. Além disso, eu nunca ligo para o que você diz, mas você tem que se acalmar e segurar a onda. Conte até dez. Dez de verdade, não a contagem da música da Beyoncé, porque a gente está com pouco tempo. Vai ter mais gente chegando já, já.

Aminah desacelera a respiração e fecha os olhos enquanto seguro suas mãozinhas e respiro junto.

— Agora, a gente vai se divertir hoje, ouviu? Você vai se casar com o amor da sua vida… depois de mim, lógico… e esta é a festa que inaugura tudo. É a fase um do processo, e a gente não pode perder a cabeça ainda. É melhor guardar energia. Vamos ao menos esperar até que a mãe de Kofi comece a insistir para servir arroz jollof ganiano no casamento.

Ela abre os olhos e contém o sorriso.

— Não é engraçado! — Depois de expirar fundo, Aminah assente para si mesma. — Beleza. Estou melhor. Obrigada. — Ela me analisa, abrindo um sorriso enorme. Então dá um tapa em minha bunda. — Ai, meu Deus. Como que não reparei nisso? Você está um *espetáculo*, vai me fazer ter outro ataque de pânico! Bakari teve uma parada cardíaca quando viu você? Ele entrou em curto-circuito? Ele disse que você parecia uma antiga rainha da Núbia enquanto saía fogo das ventas dele? — Ela franze a testa e para de falar, como se tivesse acabado de notar algo. — Espera aí. Cadê ele? Eu achei que ele viesse, apesar do momento R&R de vocês.

Fico olhando para ela por alguns segundos, usando o Tradutor Minah para analisar a frase. Momento R&R… Ross & Rachel… *Dando um tempo*. Tento adicionar leveza à voz, orando para que Aminah esteja envolta demais nas próprias questões para captar a hesitação no meu tom.

— Hum. Não deu para ele vir… por causa do trabalho, sabe? Nada de mais. Ele pediu desculpas. E, ao que parece, mandou um vinho para cá.

— Ah! — Ela fica parada por menos de um segundo antes de assentir e sorrir. Parece convencida da história (ou está só enrolando). De um jeito ou de outro, fico grata. — Eu estava me perguntando de onde tinha vindo aquela caixa. Coisa cara, viu. Diga a ele que agradeço. Já tomei um pouco. A meu ver, parece o tipo de coisa que os imperadores romanos bebiam. O dinheiro da tecnologia é do bom. — Aminah pigarreia, recompondo-se, lançando-me um olhar cuidadoso. — Mas você está bem? Porque, se não estiver, vou *acabar* com a raça daquele Mark Zuckerberg genérico.

Sem pensar, respondo:

— Mark Zuckerbosta.

Aminah sorri.

— Ah, olha aí, um trocadilho. Essa é minha Banjo Bélica. Então você está mesmo bem.

— Estou, sim. A gente vai ficar bem. Tenho certeza. — Ou quase isso. — E só aproveitei a chance do trocadilho. Ele não é um merda, tá? Não quero que acabe com ele, mas, só por curiosidade, como que acabaria com ele?

Aminah dá de ombros.

— Sabotagem, óbvio. Eu arranjaria alguém tipo a Rachel Dolezal para infiltrar o Mescla de Melanina ou algo do tipo. E aí mandaria alguém expor tudo. Dizendo que ele, sei lá, contratou gente duvidosa para aumentar a quantidade de usuários no app.

Inclino a cabeça para o lado e fico olhando para os um metro e cinquenta oito de altura de minha melhor amiga. Para alguém tão compacto fisicamente, ela de fato comporta um volume impressionante de energia belicosa. Como um cãozinho Bichon Frisé criado por tigres. Nunca deixo de ficar maravilhada.

— Sabe, às vezes acho que você se daria bem chefiando um grupo de crime organizado.

— Dã. Por isso que nas ruas sou conhecia como Máfia Minah.

Há uma pausa, e aí, em pânico, ela arregala tanto os olhos que os cílios quase batem na borda das sobrancelhas impecáveis. Máfia Minah foi o apelido que Malakai deu para Aminah depois que nós dois começamos a sair, a princípio porque ele morria de medo dela, mas depois por causa do jeito como ela ganhava todo mundo do campus no charme e conseguia que fizessem o que queria, como angariar mais doações para seu cargo na comunicação da sociedade de Paço Preto e

convencer um grupo que cantava à capela a realocar os ensaios para que tivéssemos uma hora extra para nos preparar para uma social da AAC.

O apelido também é um lembrete de que nossa vida já esteve emaranhada a tal ponto que minha melhor amiga é amiga dele e o melhor amigo dele, meu, e logo vou ter que confrontar esse fato. Meu coração começa a martelar na frequência 808 e escolho acreditar que é por causa dos três matchas que tomei hoje, e não por causa de O Retorno de Kai, porque estou de boa, estou maravilhosa, já superei. E sim, beleza, nos últimos dias mais lembranças minhas e de Malakai saíram das profundezas nas quais estavam enterradas e vêm empesteando minha consciência, mas isso não é nada, só prova uma mente ociosa — talvez eu deva, *sim*, fazer um mestrado. Ou começar a jogar sudoku.

Aminah se aproxima de mim e segura minhas mãos.

— Hum, ele ainda não chegou, mas vai chegar já, já.

Forço um sorriso grandão e solto a mão para entrelaçar seu braço enquanto a conduzo para a festa, garantindo que não é na direção da mãe dela, que está tentando chamar sua atenção para apresentá-la a uma tia aleatória.

— Que bom. Com certeza Kofi sentiu falta dele. É bom que alguém aqui tenha sentido.



Duas horas depois e Malakai ainda não chegou, e eu ainda não estou nem aí. Não poderia estar aí nem se eu quisesse. Estou ocupadíssima, garantindo que a maquiagem de Aminah siga na escala perfeita entre mate e luminosa com o sprayzinho fixador que não sai da minha mão e impedindo que qualquer conversa dela com as irmãs dure mais de sete minutos. É a quantidade de tempo específica que leva até que elas digam algo que a faz querer bater nelas. (A última coisa que fez Aminah querer surtar foi a irmã dizendo que ela estava "lindinha". "'Lindinha?' *Lindinha?* Você chamaria a Capela Sistina de *lindinha*?".)

Além disso, há muito o que se curtir e no que prestar atenção, por exemplo: Shanti, usando um vestido sereia tomara que caia azul-marinho lindo e justo no corpo, está flertando com o primo de Kofi, um cara das finanças que usa terno, lá no bar, e eles são o tipo de casal que é perfeito por uns dez minutos até ele começar a falar o quanto ama e respeita mulheres, mas que elas não podem "só" ser

feministas quando querem e que ele não liga de pagar por tudo se ela também compreender "o dever do divino feminino". E não duvido que ele vá tentar diminuir a carreira dela como empreendedora. Já fui encurralada uma vez em uma das festas de aniversário de Kofi; o cara disse que ficou impressionado com minha habilidade de construir uma carreira "do zero", o que vindo de outra pessoa poderia ter sido um elogio, mas vindo dele — um homem cujo status permanente do WhatsApp é "o corre não tem fim" — ficou parecendo que estava parabenizando uma menina de 5 anos por administrar bem a venda da barraca de limonada. Além disso, sei que ele vai acabar tomando um banho de álcool em algum momento da noite, mas a pergunta é: quem vai jogar a bebida?

Por enquanto Shanti ainda está no champanhe. Amizades de longa data nos proporcionam uma oportunidade de uma observação íntima, então sei que daqui a uns trinta minutos é provável que ela passe para o rum e cerveja de gengibre do bar lá embaixo. O ex dela dos tempos de faculdade, nosso amigo Ty Baptiste (um atleta de rúgbi que virou um redator esportivo fofo e um queridinho da internet por causa de sua energia de "golden retriever" em um vídeo viral dele ficando descaradamente maravilhado com uma atleta) também vai chegar a qualquer momento, e ouvi dizer que ele acabou de ficar solteiro, então isso pode deixar as coisas mais interessantes, considerando que aquele cara enorme se derrete na palma da mão de Shanti.

E também tem Chioma, trajando um vestido lamê prateado, sentada em um sofá de veludo rosa almofadado perto da janela com a tia maneira de Aminah, uma designer de moda que se divorciou duas vezes e usa um cafetã roxo majestoso, o cabelo grisalho em twists que vão até a cintura e um piercing dourado de bolinha no nariz. Chi-Chi está assentindo com vigor, estreitando os olhos e dando risadinhas, totalmente encantada e anotando várias lições de vida. Há alguns minutos, ela chegou para mim e Shanti e elogiou horrores a mulher: "Gente. Eu acho de verdade que ela é minha alma gêmea espiritual. Ou minha eu do futuro. Vejo tanto de mim nela. Sabiam que ela teve um relacionamento com Fela Kuti? E que ela ajudou a radicalização dele?".

Lutei contra a vontade de destacar que na década de 1970 não era tão difícil para alguém ter uma "relação" com Fela Kuti e que, embora eu adore a tia Wura e jamais ouse duvidar do poder de sua mente nem de sua sentada, meio que acho mais provável que a mãe ativista de Kuti tenha sido a responsável por radicalizá-lo. Uma informação relevante é que a tia Wura também alega que David Bowie só se casou

com Iman porque *ela* o rejeitou. Não falei nada disso, considerando que Chioma parecia tão animada por ter encontrado uma nova musa e exemplo a ser seguido. Em vez disso, respondi: "Uau, que incrível". Indiferente, Shanti deu um gole na bebida e perguntou se Chioma estava chapada. Ela está, de fato, bem chapada. Dá para ver pelo jeito que a vi comendo um pedaço de suya às escondidas, o que significa que daqui a uns quarenta minutos vou ter que evitar que ela comece a ler as auras das pessoas — desconfio que os vários mais velhos africanos presentes não aprovariam muito. Uma vez Chioma fez um comentário casual sobre a mãe de Aminah "ser muito virginiana", o que levou tia Rafiat a encará-la como se ela fosse uma bruxa de verdade.

Estou bebendo champanhe com a mãe de Aminah agora, perto das janelas altas e amplas, e as luzes da cidade formam uma tapeçaria cintilante atrás de nós. Rafiat Bakare é uma ex-executiva formidável de um banco nigeriano que se aposentou antecipadamente para ajudar o marido a administrar um império de lanchinhos, e o clã de três filhas obstinadas nasceu do espírito dela. Fico ao mesmo tempo apavorada e obcecada com ela, que é gentil e acolhedora de um jeito regrado, como uma rainha que concede acesso parcial à corte. Agraciando pessoas com sua atenção, não apenas a concedendo, e no momento, sou abençoada com esse foco. Ela está graciosa no vestido de renda rosa pastel, de manga comprida e decote quadrado. A sra. Bakare usa um lenço gele rosa, e suas orelhas e pescoço estão adornados com joias cristalinas e reluzentes que tento me convencer de que não são diamantes, caso contrário vou querer chorar. Um batom do mesmo tom de rosa cobre seus lábios e ela abre um sorriso quando me pergunta como está minha família ("estão bem, obrigada, *ma*, graças a Deus"), como está o trabalho ("estou trabalhando em um novo projeto criativo bem bacana, graças a Deus", e ela assente com gentileza, como se alguma das palavras fizesse sentido. Não menti. Criar um trabalho do zero é, sim, bacana, de um jeito apocalíptico e tal).

— E como vai — pergunta ela, por fim — aquele seu rapaz? Na verdade, cadê ele? Era para ele estar aqui.

Não acho que dá para explicar direito o motivo para tia Rafiat, que está me olhando com uma expectativa que é, de algum modo, calma e impaciente ao mesmo tempo. Então digo:

— Bakari? Ah, ele teve uma reunião. — Engulo o resto do champanhe. — Em Tóquio.

Uma mentira tenebrosa, mas imagino que alocar a reunião fictícia fora do país é uma justificativa menos constrangedora para meu namorado (ainda é isso?) não comparecer à festa de noivado de minha melhor amiga. Logo descubro que não é o caso porque a sra. Bakare fica me encarando, confusa, e o olhar ainda consegue se enquadrar no tema *elegante* da festa. Ela pisca mais depressa que o normal, um lampejo de rosa e cintilante, mas não tão depressa a ponto de ser *desajeitado*.

— Minha querida — murmura com uma perplexidade genuína —, quem é Bakari?

Tia Rafiat ri um pouco, como se eu fosse uma esquisitona peculiar balbuciando nomes desconexos, e a pergunta é logo descartada — ela está pouco se lixando para quem é Bakari, e não é para eu perder meu tempo explicando.

— Estou falando de Malakai.

— Ah.

Coloco a taça vazia em uma bandeja quando alguém passa servindo e pego outra cheia. É uma ação de que logo me arrependo, porque, de maneira quase imperceptível àqueles não familiarizados com a linguagem corporal de uma tia crítica, o olhar da sra. Bakare acompanha meus movimentos, ágil como as asas de um rouxinol, taxando-me de cachaceira. Há algumas coisas que podem explicar o presente momento.

- Sou uma estúpida por achar que a tia Rafiat teria guardado qualquer informação sobre minha vida amorosa, ainda mais considerando o fato de que tive o total de dois namorados na vida toda. Ela conheceu Malakai no casamento de Oyinda, a segunda irmã mais velha de Aminah, portanto, esse é o único namorado possível. Por que eu esperaria que a sra. Bakare ficasse se atualizando sobre meu revezamento de macho? Ela é uma mulher ocupada que comparece e viabiliza conferências de empresárias nigerianas em Houston, Atlanta e Lagos.
- Ela se lembra de Bakari e não aprova o relacionamento. Mostrei a ela uma foto dele da última vez que nos encontramos (três meses atrás) e sua resposta foi: "Hum. Tudo bem. Deus está sempre contigo quando toma suas decisões, minha filha".

Uma coisa que sei com certeza, entretanto, é que nenhuma das opções me impele

a corrigi-la. Na verdade, a correção seria tomada como uma ofensa.

Então só respondo:

— Não sei ao certo, *ma*.

Ela assente, um pouco decepcionada.

— Ah. Que pena. Um bom rapaz. Um rapaz bonito. Eu gostava de como você sorria com ele. Com o corpo todo. Leve e livre. Eu queria perguntar a ele quando vai ser a vez de vocês.

Tia Rafiat fala tudo isso com um sorriso grande e acolhedor enquanto meu sangue zomba da biologia e da física, esfriando e esquentando ao mesmo tempo. De repente fico tonta, e o tempo se distorce, encolhendo anos e acontecimentos em uma sensação de choque com o fato de que um futuro que já foi tão certo me deu uma rasteira, derrubando-me em direção ao desconhecido.

Houve uma época em que nós poderíamos ter jurado que nos casaríamos. Em que Malakai teria estado a meu lado e respondido à tia Rafiat com: "Assim que ela deixar, *ma*. Estou esperando", sorrindo de lado, o olhar atento em mim com uma luz bem conhecida por mim, uma que jurei conhecer bem, uma luz que eu tinha conjurado.

Fico zonza, confusa, desorientada por um milésimo de segundo, perguntando-me como vim parar aqui, na festa de noivado de Kofi e Aminah, sem ele, sem sermos nós. Parece que é um sonho do qual vou despertar, como se os últimos anos fossem uma alucinação hiper-realista resultante de uma febre, e vou abrir os olhos na cama de Kai, com seu braço ao redor do meu torso, ele abrindo um único olho e o rosto se iluminando, os lábios se curvando ao me ver, virando-se para o lado com um meloso: "Bom dia, Scotch. Está tudo bem, amor?".

Merda, como vim parar aqui? Champanhe demais. Com certeza bebi champanhe demais.

Como se minha melhor amiga pressentisse a mudança em meu humor no próprio sangue, Aminah aparece a meu lado em um segundo, chegando em uma nuvem de aromas gourmand e florais, como uma Sininho nigeriana, entrelaçando o braço ao meu e me apertando junto ao corpo de forma protetora.

— Oi, amiga! Chegou a hora de seu discurso! — exclama antes de arregalar os olhos de maneira significativa, assentindo um tantinho para eu compreender.

Abaixo a cabeça.

— Ah… é! Óbvio. Mil desculpas. — Faço uma reverência à tia Rafiat. —

Licença, *ma*.

Sob o olhar contundente e cético da mãe dela pontuado com sobrancelha arqueada, bem igual ao que a própria Aminah faz, minha amiga me conduz em meio ao montante de gente até o canto do espaço, antes de se virar para mim com uma leve preocupação, segurando meus cotovelos enquanto me encara de um jeito que é gentil mas firme, como uma paramédica examinando um ciclista que foi atropelado por uma Bentley.

— Ai, Deus, o que foi que ela disse, Kiks? Perguntou quando você vai se casar? Se pensou em fazer Direito? Falou que você está com uns pneuzinhos? Pediu para você curtir a postagem dela no LinkedIn?

Abro um sorriso sombrio.

— A primeira opção. Só que ela estava falando de eu me casar com Malakai.

Aminah solta um grunhido e revira os olhos idênticos ao da mãe.

— *Afê*! Desculpa. Ela é tão irritante. Já falei mil vezes que você está com Bakari! Era de se pensar que ela aprovaria já que ele saiu na *Forbes*! Eu mostrei o artigo! Acho que rolou uma decepção ao ver as tatuagens e a camisa de gola larga que ele escolheu usar na foto. Lembra quando ela me perguntou há quanto tempo eu estava "vivendo a vida de uma filha desencaminhada" quando percebeu o piercing que eu usava na raiz do hélix para enxaqueca? Ela se passa demais.

Solto uma risadinha, a mania momentânea senda amenizada pela Magia da Minah, desacelerando minha respiração.

— Não. De boa, mas por que ela gosta tanto de Malakai? Ele é diretor!

Aminah dá de ombros.

— Ah, sim, Malakai é diretor, o que ela não considera um trabalho de verdade, mas ele foi educado, a fez rir, tirou umas fotos ótimas no casamento de minha irmã, se curvou bem quando a conheceu e fez um prato para minha tia-avó, então acho que ele tem excelentes modos. Você sabe que ela tem um fraco por gente com bons modos.

Faço um sonzinho qualquer porque minha mente voltou para Malakai, mas estou *aliviada* por ele não estar aqui — ao mesmo tempo… cadê ele, cacete? Está se achando hollywoodiano demais para aparecer na festa de noivado do melhor amigo? O Malakai que eu conhecia não teria se achado tanto. Bem, o Malakai que achei que conhecia. Pigarreio, afastando a mente dele.

— Mas e você, está gostando da festa?

Aminah abre um sorrisão.

— Estou, obrigada, anjo. Está sendo tudo ótimo, e, graças a seu sistema de interrupção de primeira, eu não dei um único tapa em nenhuma de minhas irmãs.

— Mas foi por pouco quando Laide perguntou se você tinha um vestido reserva.

Aminah lança um olhar irritado à segunda irmã mais velha, que parece um pouco com ela, mas é mais esticada, as bochechas mais marcadas, o nariz um tanto menos no formato botão. Laide dá ordens rigorosas a um garçom para que ele arranje um cosmopolitan para ela, embora Aminah tenha deixado clara a ordem de só servir vinho.

— E ela está usando meu sapato, ainda. Bruaca. Dá para imaginar? Ela está pedindo um cosmopolitan e usando *meu* sapato. Quanta cafonice. Quem pede um cosmopolitan? A gente por acaso está em *Sex and the City*? Ela é tão *velha*.

Evito confirmar se ainda é verdade que Laide é só dois anos mais velha que Aminah.

Em vez disso sorrio, traduzindo a Linguagem Aminah. Quando há uma grande mudança na vida das irmãs Bakare, tem certa tensão, por motivos não tão óbvios. Não é exatamente por causa de inveja ou competitividade nem por causa de salões ideais de casamento roubados (embora tenha sido uma questão uma vez) — é porque elas ficam apavoradas com a possibilidade de isso afetar a relação que elas têm umas com as outras. As irmãs são próximas de um jeito nada fofo, uma apoia muito a outra, mas brigam sem parar mesmo assim.

— *Por favor*. Não teria nem como ela chegar perto daquele sapato se você, no fundo, não quisesse.

— Porque eu sou a Santa de Yves Saint Laurent — declara Aminah, antes de suspirar como a mártir que é, então seu olhar foca Kofi, que está assentindo e conversando com um grupo de vários amigos.

Ele está sorrindo, mas está um pouco mais contido que o normal quando está com a sua galera.

— Estou meio mal por Kofi — confessa Aminah ao olhar para mim de novo. — Ele está se divertindo, mas está um pouco… apagado hoje. Achei que fosse por ficar um pouco tímido na frente de minha família, mas acabei de reparar o que é falando com você. É porque o melhor amigo dele não está aqui. Ele está tentando esconder, mas está decepcionado. — Ela estreita os olhos enquanto balança a cabeça, os fios de cabelo lustrosos se mexendo como água. — Cara, eu poderia *matar* Malakai

Korede. Espera só eu encontrar aquele garoto, viu! Só porque ele é um diretor poderosão acha que pode não dar as caras na festa de noivado do amigo?

É evidente que Aminah está *bastante* irritada, porque seu sotaque passou de uma sofisticação britânica para uma sofisticação lagosiana.

— Eu o vi nos stories daquele ator… Qual o nome dele, Monae Noble? Aquele *palhaço* caricato do programa de Motown? Estavam em uma festa qualquer. Se eu descobrir que Malakai perdeu o voo porque estava *de ressaca* e bebendo shots do umbigo de uma modelo, ele vai se ver comigo! Ele não sabe que Ty está igual um urubu esperando para assumir o lugar dele? Eu… — Aminah está a toda agora, pronta para liberar todo o arsenal de ofensas, mas algo deve ter transparecido em meu rosto porque ela logo me lança um olhar de desculpa. — Ah…

Forço outro sorriso, esperando que a intensidade do gesto reprima a imagem de Malakai bebendo um shot da barriga trincada de uma mulher que provavelmente faz vídeos tipo "Venha passar o dia com uma encantadora de plantas e coreógrafa" em uma cadência sedutora e sussurrada.

— Acho que está na hora de meu discurso.



— Bom, minha amiga nunca fez o tipo que ama a natureza. Na verdade, eu acho que a versão de acampar de Aminah seria ficar em um hotel que não tem piscina.

Há algumas risadas afetuosas partindo das mais ou menos cinquenta pessoas diante das quais estou em pé, e Aminah se aconchega nos braços do noivo, assentindo enquanto dá de ombros de um jeito fofo.

— Dito isso, eu sempre soube que chegaria o dia em que meu amigo Kofi a presentearia com uma pedra preciosa daquelas bem… *bem* grandes, e ela aceitaria.

Há celebrações ao longo do salão, o som envolvendo o casal assim que Aminah ergue a mão, exibindo a pedra em um aceno majestoso.

Kofi ergue o braço dela para cima e, triunfante, diz:

— É, o pai aqui é geólogo, não sabiam?

Solto uma risada e aceno.

— É, e também um DJ e um produtor dos bons. Não gosto de elogiar homens, mas vou fazer a boa. E acontece que Kofi sempre levou jeito quando o assunto é combinar coisas. Ele ajudava no programa de rádio que eu tinha, fazia umas

mixagens e sempre sabia qual música casava bem com qual, qual potencializaria qual, qual destacaria a harmonia ou o sentimento… que *conversaria* com outra. E acredito de verdade que, quando ele viu minha amiga linda e maravilhosa naquela primeira vez, em uma festa da faculdade, fazendo aquele passinho de dois para lá e dois para cá, cheia de ginga, provavelmente limpando todos os assentos antes de se sentar, tomando um drinquezinho de amaretto com abacaxi, ele sabia que os dois seriam uma combinação perfeita. Que um *casaria* bem com o outro. Que um melhoraria o outro…

Aminah e Kofi se olham, apaixonados, e a ternura da cena faz um bolo se formar em minha garganta, dificultando o ato de falar. Tento prosseguir.

— … o que não é o caso de amaretto com abacaxi — completo. Aminah retruca com um "Ei!" indignado, que ignoro com alegria. — Kofi é leve como a brisa, e Aminah… bem, não é, como a gente bem sabe.

Risadas se espalham pelo salão enquanto foco o rosto de minha melhor amiga, tão estonteante quanto o anel em seu dedo, quanto sua alma, quanto o amor que dedica a quem julga digno.

— Mas ela é uma flor silvestre. Bela, desafiadora, florescendo onde quer que vá, porque ela sabe quem é. O lugar dela é onde quer que esteja, e Aminah banca isso tudo. Cara, ela banca isso muito bem. — Os olhos de minha amiga ficam marejados, e ela solta a mão de Kofi para fazer um coraçãozinho para mim. Respondo tocando o lado esquerdo do peito com dois dedos. — E, acontece que a brisa precisa da flor para se orientar, serve de elemento pelo qual fluir, e bem… a flor precisa da brisa para se lembrar de se curvar, de girar. São perfeitas juntas. — Kofi dá um beijo na têmpora de Aminah, apertando-a junto de si, e ela acaricia o braço dele. A pressão em meu peito se intensifica, e meus olhos começam a marejar. — Agora, há, vou deixar o melhor para o discurso no casamento, mas…

— Espera aí… esse não foi o melhor? Você já deixou a gente no chão. Tenha misericórdia — brada Shanti lá do outro lado do salão, provocando risadas, enxugando os cantos dos olhos com o dedo indicador enquanto Chioma a belisca na cintura de provocação e passa o braço por seus ombros.

— … mas esses dois têm algo especial — continuo. — E…

Volto a olhar para o grupo, e as palavras que estou prestes a dizer se dissipam, o calor da presença dele as faz evaporar. No automático meus olhos o focam, sem nem saber o que os atrai, mas, ainda assim, sabendo.

Sempre vou saber. O ar parece mudar, abrir espaço para sentimentos reprimidos serem trazidos à tona, e parece que o oxigênio foi para *longe* de mim porque mal consigo respirar. Juro que sinto até o cheiro dele — madeira, âmbar e ressentimento. Sei, porque, por bem ou por mal, meu corpo reage à presença dele, sal em ferida aberta. Meu coração sibila. Há movimentação conforme ele adentra mais o salão a passos firmes e ágeis que fazem meu peito vibrar. Cabeças se viram para olhar, e uma boa quantidade das mulheres segue olhando por um tempo, porque é isso que Malakai faz: deixa nossos olhos grudados, e o coração, pegajoso, agarrando-se a ele, até a pessoa ficar presa, *emaranhada*…

Caralho, por que *agora*? Ele pega uma taça de champanhe em uma bandeja próxima, e é então que olha para mim, prendendo os resquícios de oxigênio que tentam sobreviver em meus pulmões. Sinto que estou sendo atravessada por uma lâmina envolta em mel. Meus joelhos quase cedem. Não me passa despercebido que a última vez que estive diante de pessoas conhecidas discursando foi para declarar amor eterno a ele. Minha mão escorrega um pouco na taça, e a seguro com mais força.

Seu rosto, o rosto que não vejo há dois anos e meio, está indecifrável. O tempo não marcou a pele, só destacou os detalhes, como era para ser. As maçãs do rosto continuam pronunciadas, mas a mandíbula está mais larga, coberta por uma barba tão aveludada quanto o céu noturno, reluzente, e a pele é uma piscina serena de elixir escuro onde é possível nadar para se refrescar; na verdade, era o que eu fazia no passado. Em seus olhos profundos não há amor, nem ódio, mas algo forte e intenso, envolto em papel-filme para se preservar ou para afastar alguma coisa… Afastar a mim.

Achei que estava pronta, mas acontece que Não Estou Pronta. Preciso arranjar um jeito de separar meu espírito de meu corpo, e infelizmente o único jeito de fazer isso é morrendo. Considero a ideia por alguns segundos (prendendo a respiração por muito, muito tempo), mas então a descarto por muitos motivos, que incluem, mas não se limitam a:

- Não posso morrer por causa de *homem*. Seria vergonhoso.
- Não posso morrer na frente da mãe de Aminah. Ainda mais vergonhoso.
- Não posso morrer por causa de homem na frente da mãe de Aminah. Seria uma desgraça para a honra de minha família.

- Não posso morrer na festa de noivado de Aminah, porque ela infringiria a regra de Não Praticar Juju ao fazer uma sessão espírita para me trazer de volta à vida, assim poderia me matar ela mesma.

Aminah já percebeu Malakai e está olhando com os olhos arregalados, cheios de temor e uma grande preocupação, e sou relembrada de que preciso falar… Caralho, Kiki, *fala*! Uso a raiva para derreter a lâmina que me atravessa e despejo o sentimento na voz para que ainda soe firme enquanto foco qualquer um que não seja A Pessoa.

— Hum, como eu dizia, é preciso bastante coragem para preservar algo tão grande quanto o que Aminah e Kofi têm. Para não deixar isso escapar. Nem todo mundo consegue.

Lanço um olhar para o outro lado do salão. O rosto de Malakai é um lago plácido, mas os cantos de seus lábios tremem, o que é perceptível apenas para quem sabe do que aquela boca é capaz.

— Então vamos brindar. — Ergo uma mão trêmula, mas mantenho a voz estável porque meu coração, joelhos e cérebro com certeza não estão, então algo tem que salvar. — A Aminah e Kofi. E a não deixar o amor escapar.

Por infelicidade, meu olhar, rebelando-se contra meu autocontrole, foca o de Malakai quando a boca dele murmura:

— A não deixar o amor escapar.

Ele vira a bebida em um gole só e me lança um olhar que é tão vazio quanto a taça em suas mãos.

CAPÍTULO 5
Sprezzatura

—Olha o grande homem, rei Korede!

Uma declaração de Ty, profunda, estrondosa e ressoante, que me transporta de volta às festas quentes, fervilhantes e caóticas que ele dava na casa de campo e à lembrança de estar no colo de Malakai.

Aqui, a saudação é bradada mediante a visão do Irmão Pródigo que à casa torna, vindo da terra do leite de amêndoas e do dinheiro, de Nova York a Los Angeles e de volta à glória do próprio lar. Ty caminha na direção de Malakai por entre a multidão, a postura alta e robusta encontrando a postura recém-robusta vinda do exterior, dois dos antigos solteiros cobiçados de Paço Preto se reencontrando. O filho do sul de Londres e Egbaland sorri o sorriso que faz o rosto ir de bonito a perigoso. É iluminado, largo, um sorriso que desarma, que busca companhia, que convida você a se aproximar. Ele não brilha em minha direção. Talvez porque saiba que sei que é balela, talvez porque sei como é quando não é forçado. Fico um pouco longe da série de abraços e cheiros, a uma distância segura, conversando com as poucas pessoas que resistiram ao charme dele.

Murmuro "Ah, muito obrigada. Foi fácil, o amor deles que me inspirou, de verdade" para todo mundo que elogia meu discurso — ao menos acho que é isso que estão dizendo, e acho que é o que respondo. Não consigo ter certeza, considerando que meu coração continua martelando uma batida de amapiano nos ouvidos. *Yebo*, parece que tem uma coisa dura, fina e afiada se apoiando no meio de meu peito, e qualquer passo em falso vai fazer com que se crave em minha pele.

Era para eu estar bem.

Malakai aperta mãos e abraça nossos antigos amigos como um político em época de campanha, e tento focar as pessoas à minha frente, mas parece que elas se mesclam em um borrão de cores, por mais que eu tente. E assim, como se para

checar se meus olhos estão funcionando direito, em uma tentativa de me manter sã e consciente, permito que meu olhar se volte na direção dele, só para testar a vista. Não é uma alucinação. Ali está ele, cem por cento de nitidez, 4K, o Garoto de Ouro do grupo, cintilando todo lindo, tão gostoso que chega doer, confortável como ninguém, ocupando espaço fora de minha cabeça, bem além de meu coração.

Kofi se aproxima do amigo com casualidade, o entusiasmo bem mensurado enquanto ele o cumprimenta com um "*Oga*" e com uma saudação iorubá *ọbalẹ* de brincadeira, ao que Malakai responde com "Chefe!" junto a uma reverência. O noivo, não querendo ficar para trás, retruca com um "General" antes que Malakai escolha dizer de um jeito extravagante e jovial: "El Jefe!". É isso que quebra a quarta parede, e eles se acabam de rir, trocam toques de mãos e palmas e enfim um abraço, com soquinhos firmes nas costas.

— Oi! Terra chamando Kiki! — A voz de minha melhor amiga me faz sobressaltar, infiltrando-se por entre o caos do que sou madura o bastante para reconhecer como surto emocional.

Aminah agita a mão diante de meu rosto enquanto estende uma taça de champanhe para mim, franzindo um pouco a testa.

Aceito a bebida, grata.

— Hum. Oi. Tá de boa?

Ela ergue mais as sobrancelhas enquanto me observa virar o champanhe em dois segundos.

— Hum, oi? *Você* tá de boa, amiga?

Forço um sorriso.

— Aham. Aham, de boa. Tipo, é *esquisito*, mas estou de boa. De certa forma, estou feliz por ele estar aqui. Olha o sorrisão de Kofi.

Aminah olha para os rapazes.

— Sei… Acho que estou feliz por Kofi estar com o marido de novo. Assim me sinto um pouco menos pressionada — retruca ela, e me engasgo com a risada. Aminah balança a cabeça enquanto observa a cena. — Cara. Malakai está horroroso. Todo acabado. Aquela academia Equinox e os sucos verdes não fizeram nada bem para ele. Você escapou por pouco. Que tipo de produto de pele estão usando em Los Angeles hoje em dia? Catarro de polvo?

— Sêmen de tubarão.

— Está acabando com ele.

Faço uma pausa, reparando na curva reveladora da boca dela, no brilho no olhar. Uma amiga abençoada é aquela que sabe a hora de contar uma mentira deslavada para fazer a gente se sentir melhor.

Simulo um estremecimento.

— Um ogro. Tem certeza de que quer que ele apareça em suas fotos de casamento?

— Hum. Vou tirar ele no Photoshop.

Nossos olhos se encontram, e as risadinhas escapam. Eu me derreto na sensação e aí fico bem. Juro. Fico bem.

— Máfia Minaaaah!

Como se tivesse com as orelhas queimando, ele foca Aminah — única e exclusivamente Aminah —, envolvendo a boca com a mão em uma imitação de megafone, o sorriso tão aberto e acolhedor para ela quanto é hostil para mim. É a primeira vez em quase três anos que ouço a voz de Malakai, e o som grave caramelado, suave e pecaminoso, infiltra-se em minha psique, já sabendo por onde entrar, perturbando a paz. Malakai parece prestes a se aproximar, mas Aminah aperta meu cotovelo com discrição, indo até ele. Sei que é para evitar o momento constrangedor de ele ter que ir até nós (até mim). Ela lhe permite um abraço de lado e um beijo na bochecha antes de se afastar, parecendo olhar para Malakai de cima apesar de ser quase trinta centímetros mais baixa que ele. Aminah cruza os braços e arqueia a sobrancelha.

— Bem, olha só quem apareceu. O *ashewo* pródigo.

Malakai tem um jeito fácil, sempre tão *fácil* — como ele ousa ser tão fácil? —, que meu sangue esquenta e ferve ao observar ele abrir um sorriso cheio de afeto verdadeiro pela mulher que sei que ama como uma irmã e a quem também teme de leve.

— Nossa noiva! Ótimo ver você também, lady Aminah. Por que eu sou um *ashewo* mesmo?

— Sem a proteção de Kiki, você volta ao estado em que eu via você antes. Um cafajeste libertino.

O rosto de Malakai só se altera de leve com a menção de meu nome, mas a expressão permanece plácida. Por algum motivo, estou paralisada no lugar. Ele ergue a sobrancelha com um humor perplexo, de um jeito que antes me causava frio na barriga. Estou com um frio na barriga agora, mas só por causa da batalha interna

entre sentimentos homicidas e champanhe demais.

— Libertino?

— Eu tenho lido os romances de época da Kiki.

Aminah já me mencionou duas vezes. Ela está o testando, e o implícito "*falando* em romance de época" é um alarme que soa alto.

Malakai não morde a isca, não titubeia, não gagueja, o comportamento continua sereno como sempre, ao responder:

— Senti muita saudade, Minah.

— E é uma gentileza sua nos agraciar com sua presença, Novato.

Ele esfrega a nuca, tendo a decência de parecer arrependido.

— Desculpa, sinto muito mesmo…

— E devia se desculpar mesmo — repreende ela, antes de abrir um sorriso doce, amenizando o tom afiado.

Se Malakai se afeta, não demonstra. Não parece ter se abalado em nada, apenas adentra mais uma vez o espaço que sua ausência deixou no grupo, tão confortável, tão ileso. Aí, com um sorriso saído de uma risada, ele desvia o olhar, busca o meu, com os olhos escuros e indecifráveis. Sinto palpitações. O sorriso dele fica firme, mas diminui um pouco. Então se alarga de novo, fazendo-me perder o fôlego. Não é amigável — é um desafio. Quem vai ser o mais maduro nessa história?

O elefante branco trompeteia, atraindo a atenção de minhas amigas, que, sem perceberem, começam a revezar olhares entre mim e Malakai, tentando ver qual dos dois vai quebrar o gelo. De repente fico com vontade de fazer xixi. E me olhar no espelho. Checar o batom, os seios, mas não posso — tenho que vencer — e forço um sorriso tranquilo, impulsionado pelo fato de que estou incomodada pra caralho. Dou um passo à frente, os saltos do sapato funcionando como um marreta, quebrando o gelo entre nós, mas Malakai se mexe também, casual, passos longos e precisos. Nós nos encontramos no meio do caminho.

Não sou tão orgulhosa a ponto de negar que sua proximidade me desorienta. Lógico que Malakai conseguiu ficar cerca de 2,75x mais atraente desde a última vez que o vi, quando ele já era tão atraente que beirava o absurdo. E não consigo evitar sentir que isso é só para me irritar. Partir meu coração não era o suficiente — ele tinha que ficar mais gostoso também. Não é como se eu quisesse que Malakai parecesse só uma casca abrigando o vazio no qual meu amor morava e que isso transparecesse em seus olhos, mas ele precisa mesmo *brilhar* de tanta saúde? A gente

entendeu, cara. Sua rotina de cuidados com a pele inclui ácido ascórbico, sêmen de tubarão e distância das minhas garras.

A camisa de botão branca está um pouco amarrotada — é óbvio que se vestiu às pressas —, mas Malakai faz a coisa parecer intencional, convencido com a aura de quem tem o molho sem nem tentar. A peça o serve com perfeição, com confiança, não muito apertada, mas justa o bastante para deixar nítido que seu corpo mudou. Está mais largo, mais musculoso. Combina com ele. Malakai cresceu. A calça preta afunilada de caimento perfeito roça no sapato brogue de couro, e ele tem um aroma acolhedor, amadeirado, tipo pimenta-do-reino preta, conhaque e o fogo em minhas veias. A barba emoldura a boca, carnuda e sadia, uma obra-prima que faz a gente querer traçar com os dedos. E se curva como uma foice.

— Kiki Banjo. Primeira e única.

A textura áspera e grave de meu nome na língua dele é como alfinetes pinicando meus poros. Tento me manter no controle e inclino a cabeça com casualidade, como se não estivesse tentando remediar o efeito de sua voz em mim.

— Awn. Você procurou outras enquanto viajava?

Ele dá uma risada baixa.

— Nada disso. Uma só já foi o bastante para uma vida inteira.

É um comentário ambíguo. O que ele quer dizer é que já teve o suficiente. Não vou cair nessa. Lanço um olhar para o inexplicável copo de uísque na mão dele. *Tão* prepotente, com a preferência por "café preto" e bebidas "puras". Sei que consideram um sinal de que se pode depender e confiar na pessoa, mas será que alguém já considerou que se esquivar de sabores pode ser um leve sinal de sociopatia? Talvez eu devesse mesmo fazer um mestrado em psicologia e fazer desse o tema de minha tese.

— Como que você subornou o barman? Só estamos servindo vinho. Sabe, por causa do que acontece quando a tia Wura chega perto demais das bebidas destiladas.

— Ah, eu lembro do casamento da irmã de Aminah. Ela beliscou minha bunda.

— E você adorou.

A frase me escapa sem permissão, as palavras encontrando um ritmo antigo, apesar da tempestade se formando em meu peito.

Malakai confirma com a cabeça, o rosto sério.

— Isso, eu vim mesmo por causa dela. Ela é meu grande amor perdido.

O instante que se segue é silencioso, a não ser pelo Não Dito que berra, em

busca de atenção. Malakai pigarreia, coça o nariz, desviando o olhar para um ponto acima de minha cabeça antes de me olhar de novo.

— Eu fui ao bar lá embaixo. Pedi o melhor *scotch* da casa, quer dizer, o segundo melhor.

Um sorriso se insinua por dentro de minha boca. Não o deixo aparecer.

— Está orgulhoso da piadinha?

— Bastante. Fiquei pensando no caminho para cá.

— Espero que saiba que você é um palhaço.

— Bem, você não esteve por perto para me lembrar. Como que eu ia lembrar sozinho?

Malakai está usando o charme para se esquivar, sua marca registrada. Por sorte, já estou imunizada. A gente não está de boa. Isso é uma simulação de estar de boa. É inevitável que, mesmo no escuro, no apocalipse, com a ausência de sol, nosso ritmo um com o outro fosse ser este. Conseguimos harmonizar mesmo sem nossos braços se tocarem, sem nossos corações se tocarem. Não significa nada. É só o jeito como nós somos. Eu me afasto, só por precaução.

— Por que você se atrasou?

Seus olhos ficam um pouco turvos, mas o olhar logo some.

— O voo atrasou. — Ele leva o copo aos lábios, olhando para um ponto atrás de mim antes de indagar: — Seu namorado não veio? Estava ansioso para conhecê-lo.

Porra nenhuma. Malakai só quer dizer que sabe que tenho um namorado e que está pouco se fodendo. Bem, estou pouco me fodendo para ele estar pouco se fodendo.

— Ele atrasou.

A mentira me escapa com facilidade. A verdade de meu status de relacionamento complicado é o último assunto que quero tratar com meu ex a quem estou determinada a projetar um "eu" pós-término encaminhada e realizada. O que Malakai precisa saber é que estou vivendo a minha melhor fase, 99 problemas de uma negra bonita etc. e tal. Há um lampejo nos olhos de Malakai, e sou analisada de cima a baixo, o que faz meu coração disparar. Dura poucos segundos, mas é o bastante para o calor me tomar por inteiro, arrepiando todos os pelos em meu corpo e agitando o sangue em ondas altas que chegam à lua que é ele. Quanto tempo dura a ovulação mesmo?

— O cara que me chamava de "Scotch" — digo, mudando de assunto —, na

verdade, estava falando da pimenta, não de uísque.

Os olhos de Kai cintilam um pouco, um tanto contido, mas presente.

— Pequena, mas poderosa. Dá sabor. Faz um homem cair de joelhos. É, faz sentido — diz ele, os olhos me acendem como um fósforo, deixando um rastro de puro fogo. — Mas com a bebida funciona também. Potente, pode deixar um homem tonto, desorientado. Causa dor de cabeça.

Kai ergue a sobrancelha, e assinto com um sorriso mordaz. Olha só onde viemos parar. Pulando a conversa civilizada. Maneiro.

Foco o olhar no dele.

— Também consegue fazer um homem esquecer do próprio nome.

Malakai fica imóvel, e algo atravessa a intensidade de seus olhos. Percebo que faz tempo que Malakai e eu não estamos juntos, e sim *separados*. Ele foi embora logo depois que terminamos, e percebo que meu corpo está se recalibrando à nova energia entre nós, às novas tensões que colidem com o conforto, lutando para se libertarem. O olhar dele é um caleidoscópio de emoções, e nada fica inerte por tempo o bastante para que eu identifique, mas sinto o calor, a pressão do que quer que sejam os sentimentos, queimando em mim.

Abro um sorriso.

— Já faz um tempo.

— Tempo demais.

— Não é isso que eu diria. — A resposta é afiada, rápida, e hesito, lembrando de onde estamos, de nossos amigos que sem dúvida ainda observam e adiciono: — Bom ver você.

O sorriso dele é tão cortante que quase me tira do eixo.

— É bom mesmo?

— Estou sendo educada.

— Eu prefiro quando você é grosseira.

— É *ótimo* ver você.

Malakai permite que a boca se curve no cantinho direito, que se finca no lado esquerdo de meu peito. Já há um buraco ali, uma ferida de batalha. O sorriso dele se amplia, mas não é amigável. Nada disso é amigável. Isso é a gente brigando sem brigar. Nós dois estamos com raiva, eu sei, mas estamos deixando nosso idioma latente assumir as rédeas. Conseguimos fazer isso — sempre fomos bons nisso. Nossas frases se envolvem umas nas outras. Essa sempre foi a parte fácil.

Nossos amigos estão por perto, assistindo ao duelo com discrição, desfrutando das bebidas, hipnotizados pelo reencontro que acharam que nunca veriam.

Nós nos afastamos.

Sem nem saber, Malakai e eu definimos uma justificativa oficial, no estilo relações públicas, para o término. Foram os últimos fios de nossa conexão que trabalharam para nos atrelar à mentira. Não fazia sentido. Malakai e eu não tínhamos um amor frágil e quebradiço o suficiente para se romper. Nosso amor foi muitas coisas, mas fraco, não. Éramos teimosos a nosso próprio modo, a gente se estranhava, ele se fechava e eu atacava, mas o que formava nosso vínculo não permitia que nós flutuássemos para longe um do outro. Exigia uma ruptura, uma separação tectônica brutal. Nosso amor foi indiscreto e irresistível. Algo que nos cobria, nos encharcava e talvez fosse esse o problema. Acabou nos dominando, fez nossos ossos se envergarem até quebrarmos.

Aminah sabe um pouco mais sobre o que aconteceu, mas na época eu estava muito ferida para descrever tudo sem sangrar mais — então fiz um resumo para ela, e conforme o tempo passava e eu me curava mais, fiquei morrendo de medo de retornar àqueles momentos, apavorada com a ideia de me reinfectar, então guardei os detalhes para mim.

Nós nos afastamos.

Além do mais, *eu* mesma mal sei o que houve. Só o que sei, o que importa, é que em um dia éramos nós, e no outro não éramos mais. Em um dia meu coração estava intacto, e no outro estava estilhaçado em tantos pedaços que ainda não sei se recuperei todos. Preciso proteger o que restou. Estamos parados a uma distância gritante, separados pelos vários Não Ditos. Malakai me analisa com uma curiosidade ociosa, uma varredura de meu rosto, corpo, que deixa rastros flamejantes de um jeito dissonante e que faz meus mamilos se enrijecerem em alerta. Sou embalada pelo momento. Ah. Nem ferrando. Isso é só meu corpo se recalibrando ao choque de estar perto dele. O que significa que tenho que me afastar.

Dou um passo para trás.

— Bem, com certeza tem muita gente aí querendo pôr o papo em dia com você. Não vou te segurar aqui.

— Olha, Kiki. As coisas não precisam ficar esquisitas.

Solto uma bufada bem-humorada.

— A gente estava indo muito bem fingindo que não estavam esquisitas até você dizer isso.

Malakai coloca a mão no bolso, de um jeito que o deixa tão gostoso que chega a ser irritante, e inclina a cabeça.

— Estava mesmo?

Pigarreio.

— Beleza, sim. Óbvio que é um pouco estranho, e lógico que não podemos, tipo… ser *amigos*. — A palavra soa cortante, raspando pela garganta quando sai. — Mas… — Forço um tom descontraído como a brisa, o que é um verdadeiro milagre, porque parece que por dentro me falta todo o ar. — Nós só precisamos guiar nossos melhores amigos ao altar e ajudá-los a dar uma Festona de Casamento à moda da África Ocidental. É nossa única função. Amar os dois e manter a paz. Não é sobre nós. Mas vamos nos falando para combinar as atividades.

Malakai assente em concordância.

— Somos colegas.

— Conhecidos — respondo.

Ele curva a boca em uma inclinação perigosa que é tão brincalhona quanto uma faca suspensa em meio à escuridão.

— Só não se distraia com o fato de já ter me visto pelado. Não é nada profissional.

Estreito os olhos ao parecer pensativa, inclinando a cabeça.

Ele faz uma expressão confusa.

— O que você está fazendo?

— Tentando discernir você em meio à fileira dos tórax e paus de que me recordo.

A risada de Malakai é satisfatoriamente baixa e profunda, e fico ressentida do quanto o som me estimula por dentro.

— Uau. Sabe, Kiki, agir como se eu não fosse memorável não é uma mentira que eu escolheria. Tenta algo crível, pelo menos.

Mantenho a expressão pensativa.

— Rapidinho, me ajuda a lembrar. Você era o que tinha o… — Faço um gesto encurvado com a mão. — Ah, espera aí, aquele foi o… — Abro um sorriso lento quando finjo lembrar. — Bom, deixa pra lá.

Malakai balança a cabeça devagar, os olhos brilhando em desafio.

— Não, eu entendo. Dizer a si mesma que não lembra é seu jeito de lidar com a perda.

Solto uma gargalhada alta, como se ele tivesse dito algo ridículo e que não estou, de fato, mentindo na cara dura, porque lógico que lembro. Na verdade, é provável que eu lembre até demais, se eu for ser sincera. O que não serei.

— Obrigada pela preocupação, mas estou de boa. Estou sendo bem cuidada.

— Que alívio, porque, sabe, essa *era* minha principal preocupação. Eu passava a noite em claro, pensando: cara, sabe de uma coisa? Espero que Kiki esteja levando um trato daqueles hoje.

— Ah, então tenho que agradecer a você pelos orgasmos? — respondo no mesmo tom seco.

— Bom, não seria a primeira vez.

Infelizmente, caí direitinho nessa, um passarinho tonto colidindo com janelas do chão ao teto sob a forma de homem alto, lindo, amplo e estressante. Reprimo a ânsia visceral de abrir a boca e responder, mas a chama no olhar dele reduz as palavras a cinzas. Reviro os olhos depressa, lançando o olhar na direção das luzes penduradas acima, e conjuro palavras novas.

— Você deve ter esquecido de quem eu sou, Malakai. Eu *conheço* você. Não caio nesse seu papinho mole de boy lixo bonito…

— Então você ainda me acha bonito…

Ignoro seu sorrisão.

— Não sou uma de suas mulheres de Los Angeles, que são mães de planta e têm piercing no nariz, não. Muito menos as que ouvem seu sotaque e os joelhos viram gelatina só porque acham que você é o Damson Idris.

— Kiki, é a segunda vez que você diz que eu sou bonito em cinco segundos. E eu tenho mais músculos que Damson Idris. Aliás, isso tudo foi bem específico. Está stalkeando as mulheres com quem saio?

Por favor. Quanta arrogância. Foi só uma vez, há mais de um ano. Ignoro-o.

— Elas não veem seu rosto. Só ouvem o sotaque. Escutam uma palavrinha britânica e as pernas logo tremem. Enfim, já vi você perto de gatos. Não dá para ficar cantando de galo com alguém que já viu você ter um piripaque quando um gatinho roça sua perna.

Malakai estremece de verdade, com um olhar distante e assombrado.

— São uns demônios peludos.

Balanço a cabeça, e algo dentro de mim incita outro sorriso verdadeiro. Não é para isto estar acontecendo. Diminuo o sorriso drasticamente e pigarreio, torcendo para que o choque quente e incômodo suma de meu peito.

— Enfim. A gente se fala quando for preciso. Não tem muito que se cruze entre nossas funções até o dia em si, então deve ser de boa.

— Aposto que você tem uma pasta toda para o casamento. Documentos no Google. Drives compartilhados. Todos com etiquetas específicas. Talvez até separado por cor.

Fico sem reação.

— E de que outro jeito eu organizaria tudo? Tipo, de verdade.

— Essa é a minha mulher. — Malakai desvia o olhar antes de pigarrear. — Digo…

— Eu sei.

— "Essa é a mulher que era minha, mas mandou nossa relação para os ares" é uma frase meio grande.

Meu desconforto vira algo frágil.

— Ah, é? É nisso mesmo que a gente vai entrar agora, Malakai? Porque se é o que você quer, vambora.

O rosto dele fica tenso de um jeito irritante.

— Eu estava brincando, Kiki.

— Aham. Você devia fazer um especial de stand-up. Meio como o *Delírio* de Eddie Murphy, só que com o nome *Delirando*, porque não fui eu que meti o pé.

Sei que devia deixar o assunto de lado, sei que não vale a pena, que é melhor que nós continuemos em algum dos lados do abismo e sem brigar até que um de nós, ou os dois, caia, mas não consigo conter a indignação que toma minha língua.

Malakai hesita, e vejo um pensamento deixar seu rosto mais sério antes que ele solte uma risada entrecortada, de bordas afiadas e serradas, arranhando minha pele.

— Não. Você só me afastou mesmo.

A coisa me acerta em cheio. Estou relembrando o apocalipse. Minha pele está queimando, e a mágoa vira raiva, porque a raiva consegue existir sem corroer minha força, a raiva dá para controlar e devolver para ele. Minha voz soa como um sibilo gélido.

— Sabe, Malakai, eu tenho muita força porque fiz uma aula e meia de pilates — digo, apesar de quase ter morrido nessa experiência —, mas nem *eu* consigo afastar

uma pessoa que já não quer ir embora…

— Você não faz ideia do que eu quero fazer, Kiki. — Malakai me olha de cima a baixo de novo, e reprimo um tremor errante e insolente que esbarra no fato de que quero jogar uma bebida na cara dele. — Nem na época nem agora. Porque, se fizesse, saberia que não tenho que estar aqui tentando fazer as pazes com alguém de quem eu realmente não quero ficar perto.

Reviro os olhos, a ira fazendo com que eu me aproxime, a seda de meu vestido roçando em seu peito. Uso o calor que me invade com o contato para potencializar as palavras, aproveitando a energia renovável, tipo uma Greta Tretaberg.

— Ah, meu Deus, me poupe. Obrigada demais por seus esforços filantrópicos. Com certeza vai ganhar um Prêmio Nobel da Paz por isso, ó Nelson Palerma. Ninguém o obrigou a vir falar comigo, então está aqui por quê? Eu não te controlo.

Nossos rostos estão a centímetros de distância, e Malakai observa minhas feições, apertando a boca macia em uma linha rígida, a severidade lutando contra a diversão ilícita em seu olhar. Faz com que eu queria me afastar, porque faz com que eu queira chegar mais perto.

Ele volta a focar os olhos nos meus, opacos, pesados.

— É verdade. Isto foi um erro. Achei que pudéssemos ser civilizados.

— Não, Malakai, você *achou* que podíamos *fingir*, porque isso é o que *você* faz muito bem. Engraçado você ser diretor, porque acho que arrasaria como ator.

— Essa foi boa.

— Eu não preciso de elogio seu.

— Não é disso que eu me lembro.

Inspiro com força, absorvendo seu cheiro, os momentos noturnos e beijos no pescoço, marcados pelas notas de fundo de meus gemidos, e minha mente reveza entre a fúria e algo que borbulha mais quente, que faz minha pele formigar, que desperta um pulsar obscuro e visceral entre minhas pernas; arrepios tomam minha pele como em uma dança.

Um lampejo passa pelos olhos de Malakai, e ele pigarreia e dá um gole na bebida, como se estivesse se controlando.

— Desculpa. Isso foi…

Meu sorriso é árido.

— Não preciso que você se desculpe, Malakai. Preciso que você cresça. Olha, tudo isso é sobre nossos melhores amigos. E, se nós fizermos isso direito, a única

outra vez que vamos nos encontrar vai ser por causa deles. Então que tal se nunca mais falarmos de nós, focar o que importa e ficar cada um no próprio canto?

As saliências na mandíbula de Malakai ondulam, e ele dá um passo para trás.

— Acho perfeito.

Exalo devagar uma respiração que nem sabia que estava prendendo.

— Que bom.

— Ótimo.

— *Fantástico*.

Malakai parece pronto para complementar com um "estupendo" quando ouvimos uma voz bêbada gritando "Kiks" que corta a energia tensa. Nós nos viramos e vimos minha melhor amiga inebriada se equilibrando nos saltos de um jeito que garantiria um lugar para ela no Cirque du Soleil.

— Eu estava procurando você! — Ela deve estar bêbada mesmo porque faz um tempo que não saio do lugar. — Chioma falou que quer recitar um poema para a gente, e eu *não* vou deixar você perder isso. Você tem que sofrer comigo! Aqui nenhuma fica para trás! Eu vi o primeiro verso. É "Aminah e Kofi… amor que devolve a vida como o primeiro gole de café…" — Ela estremece, então olha para Malakai, e a compreensão escurece seu olhar antes de Aminah se voltar para mim, alerta. — Ah, não. Isso, não. Estou tendo um déjà-vu. Por favor diz que isso não é o que estou pensando…

Dou de ombros, casual.

— Malakai e eu estávamos colocando uns pingos nos is. Estamos de boa agora. Uma família grande e feliz para a temporada de casamento.

Aminah ergue a sobrancelha de um jeito cético e cruza os braços, revezando o olhar entre nós dois.

— Simples assim.

Malakai abre um sorriso agradável e meloso de popstar.

— Simples assim. A gente percebeu que precisava… conversar sobre umas coisas. O passado foi apagado. Novinho em folha. Não é, Kiki?

Assinto, afastando-me da proximidade crescente dele.

— Opa.

"O passado foi apagado." O que isso significa quando seu conceito de amor foi moldado por alguém que olhou, viu, conheceu e tocou você como se fosse a essência da própria vida? Significa que a pessoa não via o que tinham como você via. O que

significa que na verdade nunca se teve. O vazio preenche um pouco meu peito, o que é confuso, porque não há nenhuma perda, nenhuma esperança, nenhum amor. *Nós* não somos nada. Forço um sorriso que é luminoso que nem luz fluorescente de hospital.

— Com certeza — confirmo. — É como se nunca tivéssemos tido um.

CAPÍTULO 6
Contentamento carnal

De alguma forma, por causa de um terrível erro de cálculo de minha parte, Malakai e eu somos as únicas duas pessoas esperando o táxi chegar depois de um monte de abraços e beijos — "Tem certeza de que o carro está vindo?" — junto a leves ameaças de violência se deixássemos de avisar que tínhamos chegado em casa com segurança e Aminah apertando meu cotovelo, lançando um olhar afiado a Malakai e sussurrando para mim: "Comporte-se".

Estamos distantes um do outro, olhando para a rua principal silenciosa no leste de Londres. Dá para ouvir um finzinho de folia se misturando ao ar frio da noite enquanto observamos os ônibus passando junto a táxis carregando os errantes animadinhos e embriagados da Shoreditch House, seja dormindo, beijando-se, recapitulando a noite por meio de vídeos no celular com medo de terem perdido alguma diversão presente, atentos para checar se seus crushes viram a selfie espontânea, escolhida a dedo em meio a outras 67 fotos idênticas.

Como uma aparição turva e bêbada, um homem com um bigode com as pontas viradas para cima e um chapéu de pescador chega para buscar uma bicicleta Lime estacionada de qualquer jeito. Mordo o lábio para conter o sorriso, mas a coisa transborda e, sem perceber pelo que estou buscando, viro para a esquerda e meu olhar encontra o de Malakai, e, caralho, não, ali está. Os olhos dele, aguardando os meus, a luz em seu olhar me convidando.

— Você também está vendo isso, não está? Tipo, não é imaginação minha.

Dou de ombros.

— Não faço ideia do que está falando… Ah, espera, você diz o fantasma do ciclista vitoriano? O sr. Ramsbottom? Não sabe quem ele é? Você passou tempo demais nos Estados Unidos, cara. Ele veio de 1863 para cá uns meses atrás. É uma dessas coisas clássicas de Londres, sabe? Tipo a certeza de que nunca se está tão

longe do elenco de *Skins*.

— É sério isso?

— Devia ser.

É uma conversa tão sem sentido, e parece fácil entrar nisso para evitar a intensidade emocional que se entranhou no ar entre nós. Pigarreio e olho o celular — mais quatro minutos.

Malakai está rígido me encarando, a meio metro de distância, como se a fragrância de jasmim e pimenta-rosa que estou usando fosse um patógeno.

— Cadê seu namorado? Achei que você tinha dito que ele estava atrasado.

Engulo em seco e foco o celular, prestes a mentir, mas percebo que minha língua não está conseguindo formar as palavras enganosas, acostumada demais a dizer a verdade a ele, mesmo com o abismo entre nós, o Não Dito e os Ditos Demais espiralando no ar.

— Ele não estava atrasado. — Engulo em seco e ergo a cabeça, encontrando o olhar curioso de Malakai conforme ele se vira um pouco em minha direção, com a mão no bolso. — Ele já não vinha mesmo. Estamos… estamos meio que… dando um tempo.

Malakai se vira para mim de todo com um interesse descarado, franzindo um pouco a testa.

— Por que você…

Eu me irrito, levantando o queixo.

— Eu não estava muito a fim de revelar os detalhes de meu status de relacionamento para você.

Ele continua com o olhar fixo no meu e então assente devagar.

— Compreensível. — Então faz uma pausa e observa meu rosto com atenção. Seu olhar é indecifrável, mas quase consigo sentir o sabor da luz em seus olhos, forte e doce. — Que pena. Espero que consigam se acertar.

Solto uma risada corrosiva.

— Sei, valeu.

Malakai ajeita a postura, uma leve irritação tomando seu rosto de um jeito que destaca a força das sobrancelhas, a sensualidade maleável da boca.

— Sabe, acredite você ou não, Kiki, não fico agourando os outros. Sua tristeza não me deixa feliz.

Sinto um arrepio e me viro para ele, brusca.

— Como é que é, caralho? Quem falou que estou triste? Pareço estar na miséria?

Malakai me olha de cima a baixo, e isso me deixa bem ciente do fato de que não estou usando sutiã, e de que a brisa da noite enrijeceu os pontinhos macios, e que a seda de meu vestido abraça meus quadris. Sinto como se estivesse em meio a uma areia movediça feita de mel. Ele volta a me olhar nos olhos, o rosto sem entregar nada, mas a mandíbula está tensa.

— Não. — Ele solta um muxoxo e coça a ponte do nariz, voltando a olhar para a rua. Sua voz é casual, como se estivesse falando só para fazer o tempo passar. — Então, isso significa o quê? Você está feliz por estarem dando um tempo?

Estou encurralada. O calor me atravessa quando percebo que não saberia responder mesmo se quisesse. Embora, de alguma maneira, eu sinta falta de Bakari, tem sido… tolerável ter um espacinho para pensar nas coisas. Foco Malakai para que ele saiba que estou ignorando a pergunta de propósito, antes de verificar o celular, tocando na tecla e vendo que… *Merda*, o Uber cancelou.

Malakai pigarreia, aceitando a mudança de assunto.

— Quanto tempo falta para seu Uber chegar?

Olho para o celular, com seus dois por cento de bateria e tentando se reconectar.

— Hã. Tipo, seis minutos. — Daqui a seis minutos lido com a mentira. Por alguma razão, o motorista cancelar parece um fracasso, e preciso mostrar para Malakai que tenho controle de cada aspecto de minha vida, que estou de boa, super de boa. — Quanto tempo falta para o seu chegar?

Ele coça a nuca — um gesto que indica que está sem jeito — e desvia o olhar.

— Eu não chamei um.

— Quê? Por que não?

— Eu reservei um quarto aqui no hotel por umas noites. Mais conveniente. O apê que aluguei para a temporada fica pronto daqui a dois dias.

— Então por que você… — Faço uma pausa quando entendo. — Malakai, você não precisa ficar esperando comigo. Estou de boa sozinha. Posso esperar dentro do saguão…

Cansado, ele passa a mão no rosto, ao que parece achando a conversa bem entediante.

— Kiki, por favor, não me diz o que fazer. Para mim, importa saber se você está em segurança ou não. Não deixa a situação mais esquisita que o necessário. Além do mais, isso é para minha própria tranquilidade. Não vou me sentir bem de deixar

você aqui sozinha.

Seu tom de voz é despido de sentimentos, e Malakai mal me olha, concentrado em uma propaganda de um perfume da Dua Lipa que está em um ponto de ônibus do outro lado da rua, como se estivesse superfascinado pela retomada do fenômeno que é a fragrância da marca de uma popstar. Sinto uma mudança e algo se suavizando, e logo fico em alerta. Beleza, ele não quer me ver morta. E daí? Não quero vê-lo morto também. Conheço Malakai, e ele faria isso por qualquer um. Não quer dizer nada. Nada, como a bateria de meu celular agora. Um por cento. Xingo baixinho, mas ao que parece não o bastante porque ele percebe, e seus olhos ficam atentos.

— Tudo bem?

— Hum. — O orgulho que sou forçada a engolir se aloja em minha garganta, e minha voz sai mais baixinha. — Minha bateria está indo pro ralo. Emprestei meu carregador portátil para Shanti, e ela levou embora. E o Uber cancelou… Pode chamar um carro para mim? Óbvio que vou pagar você de volta…

O gracejo convencido que estou esperando não acontece, e Malakai me interrompe.

— Para. Você sabe que está de boa, mas acho mais seguro você estar com um pouco de bateria quando entrar no carro.

Suspiro e concordo com a cabeça.

— É, verdade. Vou carregar um pouco ali na recepção…

Malakai se aproxima de mim, parecendo exasperado.

— Kiki, é, tipo, uma da manhã. Você pode carregar lá no meu quarto. — Ele hesita, desconcertado. — A menos que não seja confortável para você, e aí, claro, sem problema…

Não consigo imaginar um mundo em que eu me sentiria insegura com Malakai. Ao menos não nesse sentido. No quesito romântico, porém, talvez seja uma armadilha letal. O problema é o quanto meu corpo fica confortável perto dele. Sinto insegurança com a versão de mim que surge ao seu redor, mas ele não pode saber disso. Malakai não vai ter esse poder. E talvez o único jeito de me livrar do risco seja o confrontando.

Balanço a cabeça depressa.

— Não, óbvio que não. Digo, óbvio que posso ir. Tipo, tranquilo. Beleza. Eu, hum, vamos subir, então.

Tento ao máximo soar casual, mas ao que parece minha voz não está de acordo com minha intenção.

Malakai franze a testa, inclinando-se um pouco à frente para garantir que eu esteja vendo a sinceridade em seus olhos.

— Tem certeza? Tipo, eu posso esperar contigo no saguão se…

— Não, você tem razão. Não tem problema. Vão ser só uns quinze minutos e aí eu te deixo em paz. Obrigada.

Malakai assente minimamente e se afasta para eu passar.

— Depois de você.

Ando na frente dele, e talvez, *talvez*, eu rebole um pouco mais que o normal, porque, embora eu não queira o ver morto, posso ao menos torturá-lo.



— Desde quando você comemora o Dia dos Namorados? — pergunta Malakai da pequena cozinha enquanto coloca meu celular para carregar.

Ao que parece, a grana de Los Angeles é boa, porque o "quarto" tem mais ou menos a mesma metragem de meu apê inteiro. É uma suíte no décimo sétimo andar dividida em uma sala de estar de conceito aberto e um quarto. As janelas do chão ao teto dão vista para a paisagem urbana deslumbrante, as luzes de Londres formam a própria constelação em contraste com o azul-marinho do céu de inverno. Eu parei perto da janela, observando pelo vidro cintilante a vista arrasadora para não ter que olhar para ele. Estou tentando dosar os vislumbres da gostosura de Malakai em meu atual estado de fragilidade, mas agora me viro, curiosa.

— Como assim?

Aquilo nunca foi muito minha praia. Sou uma daquelas chatas que acha a coisa toda performática, que acha que, se o amor for celebrado o ano todo, não precisa ser comprovado em um dia capitalista com chocolates em formato de coração, restaurantes lotados e toda a pressão, tanta pressão, para provar que o afeto é real. Isso sem falar que as pessoas que não estão em relações ficam ouvindo que estar em uma é o padrão. E as pessoas que estão em rolos fingem ser o que não são Só Por Uma Noite, antes de voltarem ao jogo de amarelinha emocional no dia seguinte.

Um único dia não deveria reivindicar o romance, e sim o romance, quando verdadeiro, se reivindicar todos os dias, em todos os recantos de uma relação,

entranhando-se nos contornos da conexão; Malakai me ensinou isso. E todo dia treze de fevereiro, ele, lutando contra um sorriso espertinho, comprava um buquê de cravos com um bilhete que dizia "Feliz Dia dos Desnamorados, Scotch" e uma fatia de bolo Tottenham, meu favorito. Ele escolhia cravos por causa de um verso de meu poema favorito, *The Way I Feel*, de Nikki Giovanni. A escritora se referia a uma marca de leite evaporado, mas não acho que Malakai sabia disso, e nunca me importei a ponto de corrigi-lo. *Ele* era importante para mim. Tanto que meu coração se contorcia todo em cada Dia dos Desnamorados, o que ia contra a ideia, mas na verdade provava nosso propósito, porque era só para nós dois. Único em nosso mundo. Só que aquilo foi Antes, pré-apocalipse, pré-ressentimento e mágoa calcificados a ponto de deixar o espaço entre nós gélido.

No ano anterior, Bakari me presenteou com uma pulseira de grife brilhante popular entre os influencers de luxo; era linda como é de se esperar, e, saindo do padrão, postei o presente, satisfeita com a prova concreta de que eu conseguia amar alguém que não era Malakai Korede. Agora, essa mesma pessoa está a alguns passos de mim, como se mal aguentasse ficar muito perto.

— Não pergunta como que eu sei, mas ano passado vi uma foto sua. Toda toda com o pulso brilhando.

— Você me stalkeou no Instagram?

— Por que está sorrindo assim? Não fica sorrindo, não. Foi um doido qualquer que me mandou.

Sinto um arrepio ao pensar em Malakai analisando minhas fotos.

— De boa. "Doido" é o nome de seu subconsciente? — provoco.

Ele fez isso enquanto estava sem camisa? Deitado na cama à noite? Será que deu dois toques na tela sem querer, e depois torceu para eu não ver a notificação? Não sou ingênua o bastante para ignorar que a curiosidade é normal, não tem nada a ver com desejo em si, só… um acesso a uma lembrança. Ainda assim, me divirto com a ideia.

Seis meses depois do término, entrei na onda de dar uma repaginada e começar a biscoitar na internet, com um ganho de peso após a segunda puberdade aos 20 e poucos anos (e após o término) modulando meus quadris, aumentando a bunda, e eu estava me achando gata, confortável na própria pele, plena, *nova*. Shanti foi a diretora criativa em uma viagem só das meninas para Mykonos e me fazia posar como as modelos de uma revista, o que sem dúvida teria feito Tyra Banks dizer que

eu ainda estava na disputa da *America's Next Top Model*.

Gosto de Malakai ter visto isso, de saber que não fiquei definhando sem ele. O que Destiny's Child diria? "Você pensou que eu ficaria fraca sem você, mas estou com um corpão, achou que eu ficaria estressada sem você, mas estou é gostosa pra caramba." Algo assim. A não ser pelo único momento de fraqueza olhando os stories dele, não descobri muito o stalkeando no Instagram. A nova persona de Malakai Korede nas redes sociais é todo vibes urbana e austera: fotos lindas da *realidade* da Vida Preta estadunidense, imagens de perfil cintilantes e fotos abstratas de, tipo, uma corrente de ouro em uma blusa branca, mas quase nada de si mesmo.

Antes de a gente terminar, ainda era isso, mas com fotos dele e dos amigos em meio a uma filmagem granulada, fotos da galera de Paço Preto em uma noitada, rindo, se divertindo, dançando; ele encontraria a luz para a coisa ficar bonita em qualquer fim de carreira em que nós estivéssemos, pele negra reluzindo, um caindo sobre o outro, obcecados com a companhia um do outro. De vez em quando havia umas capturas discretas de mim: eu deitada no sofá em um domingo, usando short confortável e top, a cara enfiada em um livro. Legenda: "Espero que todo mundo esteja agradecendo a Deus pelas bênçãos hoje. Eu estou. Toda a glória seja dada a Deus, olhem esta glória aqui".

O Malakai à minha frente não parece constrangido ao me observar com olhos desafiadores.

— Tudo bem. Eu estava vendo se a qualidade de suas fotos tinha caído depois que parei de fotografar você.

Ergo a sobrancelha.

— Sei. E qual foi sua conclusão profissional?

Ele hesita e responde, com a voz neutra e casual, como se desse uma aula:

— Se o tema for bom, a foto só pode ser ruim até certo ponto.

Inclino a cabeça para dissipar a intensidade da sensação que me atravessa.

— Ah, é?

A expressão dele não muda.

— Kiki. Qual é… — Ele me analisa depressa, e reprimo as chamas entre as minhas pernas quando Malakai ergue o olhar outra vez de um jeito preguiçoso. — Você sabe que é maravilhosa.

A frase não é proferida com sentimento nenhum. Ele faz uma declaração neutra, como se estivesse entediado, irritado por ter que dizer algo tão banal. Acho que isso

acaba sendo pior. Meu corpo responde à frase como se ele tivesse sugerido arrancar minha roupa com os dentes. Minha respiração acelera, meu peito se contrai. Consigo sentir todo o raciocínio se dissipando, então me volto ao começo da conversa para me reorientar.

— Hum, respondendo a sua pergunta, ainda não sou chegada ao Dia dos Namorados. Acho que talvez só estivesse tentando provar algo para mim mesma? Me jogando com tudo. Para me envolver na coisa. E tentar, sei lá, conseguir um ponto extra.

Ele faz uma expressão azeda, então se controla, assente, a voz interrogativa neutra:

— E você não queria o ponto extra comigo.

— Eu não precisava disso com você.

— Porque nossa relação não era o suficiente…

— Porque nossa relação era mais que suficiente.

Ele fica imóvel, e engulo em seco, em pânico, tentando amenizar a Intensidade de Tudo que escapou, mas já era, então emendo com a verdade:

— Ou eu achei que fosse.

Eu me viro para o céu da madrugada, principalmente para me maravilhar com o fato de que, apesar de eu estar falando com Malakai sobre relacionamentos, o céu não despencou constelações abaixo, e também para evitar olhar para o rosto dele. A sensação em meu baixo-ventre se assentou bem, de forma perigosa. O ar vibra com uma energia que reconheço. Não é neutro nem uma energia gerada com qualquer um que teoricamente se pode beijar; é *nossa*, calibrada de acordo com a gente, pela gente — não pode ser replicada. Começo a pensar que isto pode ser catastrófico.

Sinto Malakai parar bem atrás de mim, e meu corpo todo se arrepia em alerta.

— O que você estava tentando provar?

A pergunta desvia minha atenção das luzes no escuro lá fora para a luz no escuro dos olhos dele; a curiosidade em chamas.

— Que eu tinha superado você. — Meu olhar foca a boca dele, porque não dá para evitar. É escura e aveludada e carnuda; se eu a morder, quero que escorra toda por mim como o suco de manga madura. — E eu superei. — A verdade toma os meus lábios no mesmo instante que ele passa a língua sobre os próprios. — Emocionalmente.

Eu me sinto dando as costas para o bom senso, a revolta em meu cérebro. Há um

sabor único e furtivo de ousadia que só desperta perto dele, e embora eu tenha tentado domá-lo, a coisa se agita em meu peito. Está se ampliando, anunciando-se. Vejo o pomo de adão de Malakai se movimentando e fico muito ciente de cada molécula no espaço, cada átomo de ar entre nós.

Ele concorda com a cabeça, travando a própria batalha mesquinha, revezando a atenção entre meus olhos, boca e até o ponto em que meus mamilos, rígidos sob a seda, exibem-se diante de seu foco, petulantes, marcando o tecido, tendo sofrido com a ausência da atenção de Malakai por tanto tempo.

— E fisicamente?

— Fisicamente…

Sei bem como Malakai fica quando o desejo está tomando seus sentidos. Ele pisca devagar, como faz agora, o sistema lógico ficando pegajoso de desejo, e é um ciclo, algo contagioso, porque a intensidade de seu foco dificulta que eu pense, respire, me lembre que isto é uma Péssima Ideia.

— … é difícil estar perto de você. — Dou meio passo à frente, apesar da ordem de meu cérebro para pegar o celular e ir embora. — Meu corpo está… com raiva de você.

As pálpebras de Malakai estão pesadas, os olhos turvos, nuvens *cirrus* tempestuosas.

— É? Meu corpo está espumando de raiva. É difícil… — Malakai inclina a cabeça, e quando me olha de cima a baixo de novo, um tremor quente me corta por dentro — … até olhar para você.

O cheiro dele chega a mim, me acerta que nem uma droga, e percebo que reconheço.

— Você está cheiroso. É o perfume que te dei quatro anos atrás?

— Comprei outro frasco depois que acabou. Essa coisa não é barata. Você devia estar muito afim de mim mesmo.

— Eu estava tentando conseguir pontos em meu cartão de crédito.

Malakai dá um sorriso de canto e me olha do jeito que só ele consegue — como quem sabe demais. Ele interpreta meu rosto, envolvendo-se com os meu olhos, com minha boca, nariz, de novo e de novo. Conheço bem esse autocontrole. Antes era minha parte favorita de minha música predileta, e o calor dentro de mim se revolve, sedoso e fervente. É uma miragem, eu sei, um sentimento fantasma, mas aceito por enquanto. É só por enquanto.

— Você está bonita, Kiki. — Malakai ergue a mão para segurar meu queixo com delicadeza entre o polegar e o indicador, e prendo a respiração. — Esse é o mesmo rosto que tinha quando conheci você oito anos atrás?

— Mais ou menos.

— Mais.

Ele move o polegar pouquíssimos centímetros em minha pele, uma fração de toque, mas sinto no corpo todo até os dedos dos pés. Uma eletricidade irradia do meu ventre para baixo. Engulo outro nó na garganta quando Malakai continua:

— O que nem tem lógica, mas você nunca foi de jogar limpo.

O calor da proximidade dele apaga a camada que esconde o desejo adormecido em mim, renovando-o. Estou correndo grave perigo, porque, embora meu cérebro reconheça que não há nada aqui, meu corpo não parece discernir tempo nem espaço, só este sentimento que me invade quando o corpo de Malakai está a milímetros do meu, uma necessidade fervente, o instinto de me entregar ao seu toque. A luz na suíte é baixa, âmbar com o abajur, e ainda assim, na penumbra, a pele dele é lustrosa de uma forma que incita minha vontade, e a certeza de meu corpo se estica à frente, buscando, sentindo falta da melodia suave da energia dele. Cara, como ele ainda é lindo. Não posso negar isso. Mas também não consigo permitir que meu coração siga na direção que que meu corpo claramente quer ir. Minha pele mal se recuperou do último contato com Malakai Korede. Tenho que ficar alerta, ser rigorosa, não deixar o desejo confundir meus sentimentos.

A energia entre nós fica mais tensa, mais densa, e sei que ele também sente, porque suas bochechas tremulam. Suas pálpebras ficam mais pesadas, cedendo sob o peso do desejo, abrigando em seu olhar pedras preciosas e afiadas que dilaceram meu raciocínio. A vontade se finca em meu corpo, e me afasto para respirar um pouco, para me equilibrar, o que o faz abaixar a mão. Volto a olhar para as estrelas elétricas cintilantes de Londres em busca de alívio — uma última tentativa de desacelerar o ritmo das péssimas decisões que estou tomando.

— Eu não sei como não sentiu falta dessa vista quando esteve nos Estados Unidos.

Malakai não diz nada. Quando me viro, algo mudou em seu rosto, uma sombra de dúvida parece batalhar com o desejo. Ele engole em seco e dá um passo para trás, coça a mandíbula, passa a mão pela cabeça, claramente estressado.

— Kiki, eu acho melhor você ir. Eu não quero a gente faça uma coisa de que

você vai se arrepender.

Meus dedos estão coçando para tocar a boca dele. Eu poderia fechar os olhos e interpretá-lo só pelo toque.

— Não quis dizer uma coisa de que *nós* vamos nos arrepender?

Malakai volta a me acariciar com o olhar, a seda em minha pele, o decote profundo do vestido, os bicos de meus seios, a extensão suave de minha coxa, antes de focar meus olhos de novo. Dá um sorriso de lado, sem humor.

— Não.

É um perigo irresistível. Estou me afogando na coisa, saboreando o gosto antes de chegar a meus pulmões. Meus joelhos estão cedendo. Escolho jogar uma isca, reivindicando parte do poder — é viciante saber que tenho a atenção dele, que posso brincar com isso.

— Mas *eu* vou me arrepender? Você perdeu o jeito? Estou impressionada com a autocrítica.

Ergo a cabeça. Malakai sorri com o desafio descarado, um sorriso tão genuíno que é alarmante. É pecaminoso e delicioso. O estresse latente sumiu de seu rosto. Ele dá um único passo e acaba com o espaço entre nós. Inclina a cabeça, sem tocar em mim.

— Você vai se arrepender porque vai querer fazer de novo. E aí você me diz se perdi o jeito ou não.

As palavras envolvem minha garganta e vão descendo até estarem entre minhas pernas. Quase solto um gemido. Invoco os resquícios de bom senso e força, conseguindo revirar os olhos com sarcasmo. Preciso conseguir fingir para mim mesma que tentei resistir.

— E o que faz você pensar que eu vou deixar qualquer coisa acontecer? Quem você pensa que é?

Malakai me lança um olhar gentilmente perplexo e se inclina à frente até sua boca pairar pertinho de minha orelha, quase roçando a pele.

— Kikiola, eu sou o cara que sabe como você fica quando quer foder. — Ele afasta as tranças de meu ombro com delicadeza, sua respiração desliza por minha clavícula e o calor me deixa febril, suando, tremendo. — E eu também sei quando está querendo ser fodida.

Uma represa se irrompe, o desejo transborda junto a outra coisa, e mesmo se não sentisse a umidade se acumulando em mim, sei que já era. Não adianta chorar, mas

talvez dê para implorar um pouco. Preciso dele dentro de mim o quanto antes. Se não posso enterrar a cabeça na areia, talvez possa enterrar outra cabeça em…

Preciso de uma última confirmação de que não estou sozinha neste desastre natural.

— Beleza. Tenho uma ideia — declaro.

— Sou todo ouvidos.

— É óbvio que temos umas… pendências físicas.

— É assim que vamos chamar agora?

— Bem, você quer chamar de quê?

— Fome de foda — declara ele.

— Não. Como eu dizia, e se a gente fizer uma anistia física? E aí, acabamos com toda essa… tensão sexual inconveniente de uma vez por todas. O que acha?

Malakai não se mexe, sua expressão é de quem está achando graça. Sigo o movimento rápido de seus olhos para baixo, vendo a ereção marcando a calça, orgulhosa, presente, hipnotizante. Sinto a boca quase encher d'água; e tudo em mim pulsar com a visão. Quero entender o que ele acha da situação. Vários monumentos londrinos à vista hoje: os arranha-céus The Shard e Gherkin, e a ereção de Malakai Korede causada por mim.

— Eu *acho* — responde ele — que estou como estava lá embaixo assim que você se virou e balançou essa bunda. Eu soube na hora que estava fodido. — Malakai analisa meu corpo com um olhar descarado. — E eu sei que você fez aquela merda de propósito.

Abro um sorriso malicioso, viro-me de frente para a janela e empino o corpo no dele em resposta. Estou *desperta*, uma coisa antiga em mim, viva. É uma "eu" única a este espaço, este sabor, diante do olhar dele. No automático, ele me segura pela cintura, seda em cetim, e me puxa para seu pau cada vez mais duro. Um gemido me escapa. Malakai sobe as mãos até chegar a meus seios, uma insinuação de toque que me faz arquear nele, girando os quadris em um círculo que o faz arfar em meu pescoço, a frustração tomando a voz.

— *Porra*, Scotch.

Sua voz, tensa sob meu poder, é quase alucinógena — e lutei muito para vencer esse vício, e a sensação que me causa agora, no primeiro toque, é desnorteante, alarmante.

Cuidado, Kiks. A familiaridade é empolgante de tão estranha; nunca pensei que

sentiria isso de novo, e não quero parar, o que significa que talvez seja melhor parar. O talvez se desfaz sob as mãos de Malakai quando ele segura meus seios, apertando-os com firmeza em retaliação, e eu gemo quando ele circula meus mamilos com os polegares, o gesto me faz ficar ainda mais molhada, ainda mais pronta para ele — caralho, estou muito pronta para ele.

— Sabe o quanto foi difícil para mim hoje? Tive que tentar manter uma conversa com outras pessoas quando eu só conseguia pensar no quanto você está gostosa nesse vestido. No quanto eu queria seus peitos em minhas mãos. — Sua boca queima minha bochecha, as palavras me marcando a fogo com ânsia dele. — O quanto eu queria minha boca em você.

Malakai belisca os bicos com força entre o polegar e o indicador, e sibilo de prazer quando um rompante de tesão me deixa ainda mais molhada. É um êxtase angustiante; senti falta disso. Consigo forçar a voz a sair com o último resquício de raciocínio, porque estou bastante ciente do quanto isso pode ser perigoso.

— Regras. A gente… precisa de regras.

O rosto de Malakai está em meu pescoço, o nariz e a boca roçando a pele macia.

— O que você quiser.

A força que emprego para não derreter toda é digna de medalha olímpica.

— E eu sei que sabe disso, e que fodas casuais são normais para você… — Sinto ele parar, hesitar por uma fração de segundo enquanto continuo — … mas só quero confirmar. Isto só pode acontecer uma vez.

Seu queixo roça em meu ombro enquanto assente.

— De acordo.

Coloco a mão para trás para acariciar o volume em sua calça, e ele leva a própria a mão a meu pescoço e aperta de um jeito que me faz rebolar no seu corpo sem nenhuma vergonha ou pudor.

— Isso é só para… a gente se livrar dessa coisa. Para a gente poder seguir com a vida. Nada de sentimento. — Malakai mordisca meu pescoço, a mão ainda firme ali, sentindo as vibrações de cada gemido. Fico com a vista turva de prazer, a cidade vira pontinhos nebulosos de luz mediante o calor de sua mão. — Isso não significa que voltamos. — Ele roça os lábios pelo meu pescoço, a suavidade criando uma fricção junto à intensidade das mordiscadas famintas. Suspiro. — Hummm. E não vamos falar da gente.

— Regra boa. E nada de apelidos carinhosos. Nada de "Kai". — Sinto um

baque, mas ele tem razão. Perigoso demais, familiar demais, confuso demais chamar um ao outro de nomes que usávamos quando nos amávamos. — Nada de "Scotch". — Malakai sobe a mão até a fenda cavada do vestido na coxa, para cima e para baixo, conjurando arrepios vorazes, e abro as pernas, querendo que ele suba a mão, precisando que ele faça isso, pressionando mais o corpo ao dele, desfrutando da sensação de sua rigidez na maciez de minha bunda. — Nunca mais falamos disso depois deste momento. Nunca aconteceu.

Mordo o lábio, reprimindo um grunhido de desespero antes de conseguir responder:

— Aham. Porque eu não quero voltar com você.

Mesmo se eu ainda estivesse apaixonada por Malakai, seria um risco muito alto, muito perigoso. Talvez eu não conseguisse me recuperar uma segunda vez.

— Pode acreditar. É a última coisa que eu quero — concorda Malakai.

Em meio à névoa de tesão, uma pontada ridícula de dor me atravessa, como se eu já não soubesse disso, como se não fosse essa a questão, como se eu não sentisse o mesmo. Malakai deixou evidente: ele não quer um relacionamento sério. Fui uma tentativa. Fui um erro.

Eu me viro e olho no calor de seus olhos. Quero isto. Esta versão *disto*. Simples. Sem complicações, sem caos.

— Que bom. Então estamos entendidos.

Dou um passo para trás e abaixo as alças do vestido com delicadeza até caírem pelos ombros, revelando o peso dos meus seios. Inclino a cabeça, deixando todos os pensamentos imundos que já tive transparecerem em meus olhos.

— Bom, o que é aquilo mesmo de saber quando eu quero que você me foda? Porque não estou acreditando muito que…

É um novo Big Bang, um novo mundo depois do apocalipse, o mesmo, mas diferente, nosso desejo ainda mais feroz por causa da familiaridade. Estamos famintos, selvagens, chupando lábios, entrelaçando línguas, carícias profundas que inflamam o fogo dentro de mim; que já está abrasador. O sorriso de Malakai é malicioso quando envolve meu pescoço com uma mão, de um jeito que me lembra uma possessividade preciosa, e desce a outra por minhas costas até apertar minha bunda com vontade. Quando geme de alívio em minha boca, sinto um novo sol ganhar vida em uma explosão dentro de mim. Resolvo ignorar, não investigar — vou deixar acontecer.

— Isso é o que você queria, Kiki? Quando ficou andando na minha frente, foi isso que me imaginou fazendo? — Ele enfia a mão por dentro do vestido e aperta a pele enquanto sussurra: — Porque você só tinha que pedir com jeitinho.

Sorrio enquanto começo a acariciar devagar a ereção por cima da calça, vejo o olhar dele ficar turvo e o sinto apertar minha bunda com mais força.

— Você está falando muito para quem já, já vai gemer meu nome.

Malakai me tira do prumo quando enfia a mão por entre minhas coxas, acariciando a pele em círculos lentos. O prazer de expectativa me faz jogar a cabeça para trás — e ele a apoia, enganchando as tranças no punho fechado enquanto a outra mão sobe, e sobe, e sobe, pairando perto do ponto que lateja de tesão. Ele traça o formato em V da calcinha, marcando a renda.

— Você primeiro.

Solto um som felino e frustrado e cubro a mão dele, tentando guiá-lo para me tocar, mas Malakai nem se abala. É tão *rígido*.

— Nada disso, Kiki. Fala com a boca. Você é bem grandinha. — A voz dele soa como um grunhido brusco que contrasta com a ternura dos beijos em meu pescoço, as chupadas que vão direto para o meio de minhas pernas. — Fala o quanto você quer meu toque.

E odeio porque a resposta é que quero *tanto*, um *tanto* do tipo "não era para eu querer isto tanto assim", tanto que só com as palavras dele já fiquei encharcada. Olho bem para ele, e seu foco intenso e singular está em mim, seu rosto marcado com um desejo irrestrito por mim, e a imagem me faz lembrar de um milhão de versões nossas. Em meio à névoa cheia de tesão de meu cérebro, não consigo separar as outras versões desta versão. *Não*. O pânico me atravessa, e me viro, ficando de frente para as janelas da sacada e apoiando a mão no vidro.

— Quero que toque em mim por trás — peço. — Quero sentir você atrás de mim enquanto me toca.

É uma verdade coberta de medo. Não vou aguentar o contato visual, é algo emocional demais. O risco é alto demais.

Se Malakai pressente meu incômodo, não comenta — só obedece, depressa, enfiando a mão por entre a renda fina de minha calcinha e roçando o dedo por meu clitóris molhado, e fala baixinho em meu ouvido:

— Olha só, Kiki. Toda molhada para mim. Acha que eu perdi o jeito? Vem, se perde no meu toque.

É injusto, juro, como quase gozo só de ouvir isso. Injusto como ele sabe o quanto gosto de ouvi-lo falar assim. Seu nome sai de minha boca que nem um miado, e rebolo para encorajá-lo a continuar. Malakai afunda um dedo, grosso e cuidadoso, incitando, provocando, tocando-me como se eu fosse um instrumento afinado belamente à melodia dele. Minha vista fica turva enquanto giro os quadris, estimulando-o a ir mais fundo quando ele enfia mais um dedo.

— Kiki, você é perfeita. Eu amo quando faz assim. Continua rebolando para mim.

E isso me leva à loucura. Estou rebolando nos dedos dele de um jeito feroz, escorregando minha mão pelo vidro enquanto me esfrego em sua ereção, dando um show para Londres toda. Não sou do tipo exibicionista, mas neste bioma específico que é a atração que Malakai e eu temos um pelo outro, algo selvagem dentro de mim sempre floresce. Ou talvez este seja um estado natural, dormente até ser estimulado pelo toque dele. É por isso que não tinha como durarmos. É coisa demais; a energia é muito caótica.

Ele segura meu seio esquerdo e esfrega o mamilo, distribuindo beijos extasiados, quentes e desajeitados por meu pescoço enquanto os dedos continuam trabalhando em nome do tesão. Malakai mete os dedos muito, muito mais fundo, acariciando com delicadeza, mas precisão, com a confiança de quem sabe aonde está indo, sabe onde pressionar, como estimular meu êxtase. Ele muda a pressão de repente, deslizando os dedos com firmeza, fazendo o prazer se acumular até enfim subir o dedo até encontrar meu clitóris, massageando com calma, intensidade, um universo de terminações nervosas ficando frenéticas com o calor, nesse reencontro abençoado com o toque de Malakai, que manteve o outro dedo em um vaivém sem piedade dentro de mim. É demais, e não é o bastante. Eu me encosto no frio do vidro para me aliviar, empinando mais no toque dele, contorcendo-me em sintonia com seus movimentos, mal conseguindo conter o êxtase crescente.

— *Malakai* — murmuro, rouca.

— Goza para mim, Kiks. Caralho, você está fazendo direitinho…

A gente tinha combinado nada de apelidos, ele trapaceou, mas não tenho tempo de me emputecer porque o prazer me invade sem aviso, tão rápido que perco o fôlego, e o orgasmo me acerta tão depressa que arquejo, contorcendo-me nele, cobrindo sua mão com todo o desejo acumulado desde o primeiro minuto em que o vi hoje. Malakai me dá mais beijos no pescoço, na clavícula, na bochecha, de um

jeito tão tenso que chega a ser traiçoeiro e fico feliz por ter tido a sabedoria de não olhar nos olhos dele. Lembro a mim mesma: isto é temporário, só uma noite, um rompante de paixão. Quando me viro, o fogo no olhar de Malakai está queimando azul, voraz. Sua fome atingiu o ápice. Ele leva os dedos à boca e lambe. É obsceno pra caralho, e fico absorta; é isso.

— Senta no sofá — oriento entre um arquejo e outro, hipnotizada.

Malakai dá um sorriso predatório antes de obedecer.

— Sim, senhora.

Ele se senta no sofá da pequena área de estar enquanto desço o vestido pelos quadris, tiro a calcinha e chuto os saltos para longe. Malakai me observa, fascinado, seguindo meus movimentos até eu estar nua diante dele. Murmura algo, uma palavra: "*Como?*" — um sussurro irregular e maravilhado que se emaranha em meu peito de uma maneira que resolvo guardar e não pensar. Isso é só físico.

Minhas curvas estão mais macias, mais largas, e Malakai é um homem que gosta de massagear, apertar, pressionar. Chego perto dele devagar, desfrutando de sua atenção descarada antes de subir em seu colo, colocando uma perna de cada lado, segurando seu rosto com brusquidão e o beijando de um jeito indecente, lambendo-o, chupando seu lábio. É luxúria, mas a frustração vai junto, contaminando a sede absoluta. É frustração emocional, um toque pungente de raiva, e algo mais suave, mais doce, que ignoro. Foco as notas principais: o gosto dos beijos de Malakai. Chocolate meio amargo pecaminoso, um desejo irrestrito por mim, minha própria ousadia, a confiança dele, pimenta, mel. Seus quadris se impulsionam para cima no automático, uma violência açucarada, uma força doce e viciante que empurra a rigidez dele em mim de um modo que deixo o tecido de sua calça molhada.

Sorrio, coloco o dedo em seus lábios e vou descendo.

— Tenha paciência…

Os olhos dele brilham em malícia, sede.

— Você é cruel.

— Então é melhor fazer o que mando, não?

Desabotoo a camisa dele depressa. Malakai arranca a peça do corpo como se estivesse pegando fogo, e então distribuo beijos por seu peito, passando a língua por um mamilo. Ele sibila, e quando levanto a cabeça, encosta a cabeça na minha e exala um suspiro pesado, trêmulo.

— Olha ela aí. Doce assassina. Acho que você ainda está tentando me matar.

— Achei que um dos seus poderes sobre-humanos fosse ter imunidade contra minhas investidas?

— Já faz um tempo. Os mecanismos de defesa ficaram mais fracos.

— Às vezes o antídoto é um pouco mais de veneno. Você sabe como é: "o que não mata fortalece".

— Não sei se isso é verdade, mas estou disposto a morrer para descobrir.

O sorriso de Malakai some quando desabotoo sua calça, e ele se ergue um pouco para conseguir descer a peça junto com a cueca. Seu pau salta para fora, orgulhoso, tão impressionante quanto sempre, e me pergunto por um momento se é esquisito dizer que senti saudade de vê-lo — entendo que é provável que seja, mas a verdade é que senti mesmo. Quero lamber, me familiarizar de novo com a essência de seu gosto, tão doce para mim, mas me controlo. Preciso limitar as doses de Malakai — só o bastante para me conceder imunidade; se eu exagerar, posso acabar morrendo. Envolvo-o com a mão bem firme e o sinto; é aço quente envolto por veludo. Malakai solta um grunhido e segura minha nuca.

— Merda. Cuidado. Não sei se você sabe o poder que tem.

Lambo a palma da mão, e os olhos de Malakai viram lâminas pretas ao ver. Ele perdeu o último resquício de sanidade. Sorrio e beijo seu pescoço enquanto o toco, sentindo a emoção me atravessar.

— Não, eu sei. Quero é garantir que você não se esqueça.

— Isso nunca foi possível.

Algo se aperta em meu peito ao ouvir o sussurro brusco, mas ignoro, massageando a cabeça sensível do pau até ele sibilar.

— Kiki, você tem que ir mais devagar… Você vai me fazer… — Sua voz soa rouca e tensa, e ele aperta tanto minhas coxas que o toque deixa marca.

Abro um sorrisão enquanto mordisco seu pescoço, deliciando-me com a vingança.

— Se quiser me foder, Malakai, tem que pedir por favor.

Os olhos dele se acendem de um jeito perigoso que deixa nítido que vou pagar por isso da próxima vez. Uma vibração de expectativa me invade até cessar de repente. Não vai ter próxima vez. Esta é a única vez. A *última* vez.

— *Por favor*, Kiki. — Malakai sobe a mão por minha barriga, para em meu seio com gentileza e acaricia meu mamilo com o polegar, antes de apertar. — Deixa eu fazer você sentir prazer. Deixa eu fazer isso por você. Sei que você aguenta.

Ele muda de tática, transformando a súplica em um ato de fazer um favor a nós dois — fico maravilhada com a Alquimia de Malakai. Funciona de imediato; estou praticamente ansiando por ele.

— Cadê a camisinha?

— No bolso da frente da minha mala de mão.

Arqueio a sobrancelha.

— Na mala de mão? *Sério* mesmo, meu amigo?

Malakai dá de ombros, com um sorriso fraco.

— É preciso estar sempre preparado. Ter acesso fácil. Olha como veio a calhar…

Reviro os olhos e saio de cima dele, pego algumas camisinhas e abro uma embalagem, beijando-o enquanto coloco o preservativo nele.

Malakai segura meu rosto, com os olhos turvos.

— Kiki. Você tem certeza, né?

Hesito com a gentileza com que ele segura meu queixo. Isto não é sobre *gentileza*. Nem sobre suavidade. Isso é biológico. Tenho certeza de que quero fazer um sexo selvagem com Malakai Korede. *Não* tenho certeza de que é uma decisão sábia. Tenho *muita* certeza de que eu não poderia estar me fodendo mais para isso. Em resposta, ergo o corpo, conduzindo a cabeça de seu pau para dentro de mim devagar enquanto me abaixo. Nós dois arfamos, e solto um arquejo com a ardência deliciosa que é ele me dilatando, à medida que me posiciono com delicadeza sobre sua ereção, me familiarizando de novo com a sensação intensa, apertada e indulgente.

Malakai perdeu qualquer compostura.

— *Kiki*, é tão gostoso sentir você assim… Não faz sentido… *Caralho*…

E ele tem razão, não faz sentido, porque parece fazer todo o sentido do universo. Não devia ser tão gostoso depois de tanto tempo. Não devia parecer que estamos continuando de onde paramos. O senso de novidade não devia parecer tão acolhedor, tão certo, mas em vez de pensar nisso, paro de pensar no geral quando Malakai sussurra:

— Senta gostoso, Kiki.

Obedeço, sentindo a doce dor quando ergo o corpo e abaixo de novo, com a ajuda de Malakai, que mantém as mãos espalmadas em minha bunda, puxando-me para cima e para baixo nele com um som satisfatório de pele colidindo com pele enquanto redescobrimos nosso ritmo. Ele muda o ângulo dos quadris, e solto um

gemido alto quando seu pau acerta o ponto que sabe que me deixa louca, e a umidade vira um dilúvio, misturando os sons molhados e meus gemidos aos suspiros dele para formar uma sonata que achei que nunca mais ouviria.

— Isso, Malakai. Bem aí…

Olho para seu rosto e de imediato me arrependo. É estonteante. Ele se perdeu no momento, talvez tenha se encontrado no momento, sua atenção toda está em mim, nisto. É marcado pela areia movediça feita dos grãos de meu desejo. Também é o rosto que partiu meu coração. Também é o rosto que me deu as costas. Um mundo que eu conhecia desmoronou ao redor daquele rosto. E é um rosto que quer *isto*, mas não necessariamente me quer. Então ergo a cabeça, mudo meu foco, olho para a cama que evitei de propósito, e o prazer toma meu corpo, fazendo-me sentar com mais velocidade enquanto Malakai me come com ainda mais força. É delirante de tão maravilhoso, mas estou ciente demais para gozar assim, com meus mecanismos de defesa a postos. Parece perigoso de tão seguro deixar meu corpo se envolver tanto na satisfação. Inclino-me para a frente, mordo e chupo o pescoço de Malakai. Sei que estou trapaceando, sei que este é o ponto que o desestabiliza, sei o que o faz se entregar mais rápido quando está dentro de mim. Preciso que isto acabe. O risco ficou alto demais; eu calculei mal.

Como eu sabia que aconteceria, Malakai mete mais rápido, frenético, cravando os dedos em minhas coxas enquanto ele geme meu nome. Meu peito se aperta porque gosto de ouvir, porque o som é como oxigênio para mim. Meu coração dispara de novo. Quando Malakai goza, nós nos apoiamos, exaustos, um no outro, encharcados de suor, com a respiração irregular e pesada.

Ele me dá um beijo no ombro.

— Cacete. Foi…

Ainda não consigo encará-lo. É demais, e toda a minha energia emocional se foi. Descanso a cabeça em seu ombro enquanto recupero o fôlego.

— É. Foi.

Malakai me empurra para trás com gentileza até que eu tenha que mirá-lo. Ele afasta minhas tranças e segura meu rosto enquanto me analisa. Seu olhar é gentil com afeto genuíno, uma suavidade na qual seria fácil mergulhar.

— Ei. Tudo bem?

De perto, percebo as olheiras dele. Sem pensar, acaricio a pele com o polegar. Malakai parece surpreso, mas não se mexe quando acaricio sua bochecha com

delicadeza. Pode ser só por causa da viagem — com o voo e a diferença de fusos, ele deve estar exausto —, mas a preocupação me revira o estômago. *Ele* está bem? Sei que sua rotina de trabalho é insana, e ele perdeu muita coisa antes de ir para os Estados Unidos — mais do que só nós. A maior parte da família dele está em Londres. Sei que Malakai tem um primo no norte de Nova York, mas o mundo dele é aqui. Ele é amado lá? Tem um lugar lá onde se sente seguro? Por que isso me importa tanto? Ele é feliz?

— Estou bem — respondo. — Você está?

Malakai sorri, uma expressão que é tanto maliciosa quanto doce. Ele interrompe minha carícia ao segurar meu pulso, beijar a palma da minha mão.

— Como eu não estaria, Scotch?

Fico tonta. Meu coração martela em um ritmo frenético, aumentando em três vezes o tamanho. É péssimo, terrível, nauseante. Por um milésimo de segundo, os últimos dois anos e meio somem. Esqueço. Esqueço do coração partido, das lágrimas, do mundo vindo abaixo. Lembro de nós dois assim, sempre assim, fácil, tenro. Lembro da sensação de estar segura aqui, de querer permanecer aqui. *Não* é seguro ficar aqui. É uma ilusão, fingimento. Não posso ficar aqui. Saio de cima dele às pressas, pegando a calcinha, recolocando o vestido.

A expressão de Malakai murcha quando percebe, e ele leva a mão à nuca.

— Merda, desculpa, esqueci…

— Não, está tudo bem. Tudo bem.

Como se a repetição fosse transformar a verdade, um feitiço para manifestar a situação como algo que não é um puta erro do caralho.

Malakai me observa, desorientado por um momento, então se endireita, desviando o olhar de mim como se tivesse esgotado a cota de fingir que se importa, e então vai para o banheiro jogar a camisinha fora.

Nós nos sentamos um ao lado do outro, a pele ainda brilhando por causa do esforço de colocar um ponto-final na história. Li em algum lugar (bem, foi uma terapeuta do TikTok que disse) que colocar um ponto-final nas coisas é uma mentira que contamos a nós mesmos para nos agarrarmos a alguma coisa. Não sei por que lembro disto neste momento. Malakai e eu *já* colocamos o ponto-final. Está feito. Sinto a sinergia que alcançamos quando estávamos pele a pele se calcificar. Nós nos viramos um para o outro e dizemos "Então" ao mesmo tempo. Ele ri baixinho, eu rio também. Não tem nada de engraçado. É estranho, esquisito,

porque nunca foi estranho depois de transarmos. Nunca precisou ser.

— Resolvemos o problema da tensão — declara ele, por fim, e algo dentro de mim se esfria.

Assinto.

— Isso. A gente lidou com a questão, se livrou.

A luz nos olhos de Malakai diminui um pouco. Talvez a atração tenha ido embora depressa.

— De muitas formas essa foi a coisa madura a se fazer.

— Olha só nós dois. Arrasando como ex-namorados.

— Devíamos dar uma palestra no TED Talk.

— Como acabar com o estresse com o ex: sexo.

Não é minha melhor piada.

Malakai me lança um sorriso breve e cortês antes de pigarrear.

— Hum. Quer água?

A frase soa como se eu fosse uma colega de trabalho a quem ele oferece uma xícara de chá na copa da empresa. Acho que meio que é isso mesmo. Duas pessoas que trabalharam juntas com o mesmo objetivo: ter um orgasmo.

— Aham. Valeu. E, hum, pode pegar meu celular, por favor? É melhor eu chamar o Uber…

Não amo a ideia de sair cheirando a sexo para pegar um carro de aplicativo, mas entrar no chuveiro daqui parece íntimo demais, arriscado demais. Há uma sombra momentânea no rosto de Malakai — provavelmente percebendo que cometemos um erro gigante — antes de confirmar com a cabeça.

— Aham. Claro. Sem problema.

Ele vai para a pequena cozinha enquanto minha mente gira a toda. Não sei ao certo se esta foi uma boa decisão. Na verdade, tenho certeza de que foi a pior decisão que eu poderia ter tomado neste momento. A intenção era matar essa tensão sexual com Malakai Korede, mas estou sentindo que só tornou tudo mais intenso. O sexo com Malakai sempre foi bom, quase abençoado, considerando que ele foi meu primeiro. Sempre me perguntei se talvez fosse parte do motivo de ser tão bom — não só nossa conexão, mas o fato de que meu desejo evoluiu com Malakai. Aprendi o poder de meu próprio tesão com ele. Não sei o que sentir ao confirmar que não é verdade. Nosso sexo era bom porque éramos nós dois. Ainda assim *nós* não funcionamos. Quebramos a cara. No fim das contas, agora somos quase meros

conhecidos. Então por que não consegui olhar nos olhos dele enquanto eu me desmanchava toda?

Quando Malakai me passa o copo d'água e o celular, a postura dele mudou por completo, ficou mais distante. Nós não estávamos exatamente confortáveis antes, mas agora ele mal me olha. Nem se senta a meu lado de novo, em vez disso vai vestir a camisa, reorganizar a mala japonesa chique dele — uma mala que não precisa de reorganização. Ele está fazendo *de tudo* para não interagir comigo. O que me causa uma pontada de dor, e fico com raiva de mim mesma por permitir isso; se Malakai quer dar uma de babaca, por mim tudo bem. O celular reiniciou, e, antes de abrir o aplicativo para pedir o Uber, vejo uma mensagem:

> **Bakari ❤:** Kiki... você está linda. Sou um tonto por não ter ido hoje. Eu devia ter estado a seu lado mesmo com tudo que está rolando. Espero que esteja bem. Com amor.

É uma resposta à foto que mandei mais cedo, antes de Malakai chegar — uma que chamei de Selfie Provocante, tirada sob a luz favorável do banheiro do hotel, deixando os seios em destaque, o quadril para o lado, o olhar sedutor, os lábios entreabertos. Foi feita para tirar a paz dele. Óbvio que funcionou, mas a satisfação que eu esperava sentir é atenuada por algum motivo. Ergo o olhar para Malakai, que está dobrando algumas camisas. Por que ele está *dobrando* as roupas se vai deixar o hotel daqui a dois dias? Que cara esquisito. A ansiedade faz minhas mãos formigarem. Não tenho dúvida alguma de que Malakai viu a mensagem. Em teoria, não devo explicação nenhuma, e em teoria isso não tem nada a ver com ele. Ainda assim, fico desconfortável, enojada, e, de um jeito bizarro, com um sentimento de traição. A pergunta de a quem estou traindo fica girando em minha mente, sem resposta. Talvez seja a mim mesma.

Depois de pedir o Uber, pigarreio.

— Malakai.

Ele olha para mim com um sorriso superficial de quem trabalha com atendimento ao público. O que é tipo uma facada.

— Kiki.

— Eu sei que você viu a mensagem.

— E daí?

Malakai tem razão. *E daí?* Ele está pouco se fodendo, e por que não seria o caso?

Ele não me quer desse jeito. *Eu* não o quero desse jeito.

Pigarreio de novo.

— É só que… eu não quero que as coisas se confundam. Que haja complicações. Quero deixar claro que… estou jogando limpo aqui.

Tenho dificuldade de encontrar as palavras certas para lidar com a situação. Jogar limpo? O que é isto: uma negociação comercial? Isto é, *de fato*, uma negociação comercial? Como as pessoas conversam sobre transar com o ex enquanto estão dando um tempo com o atual?

— Hum, eu não estou me relacionando com ninguém agora.

Talvez não assim.

Malakai me lança um olhar que é cortante, irônico, sombrio e incrédulo.

— Ah, é? O cara mandou mensagem para você às duas da manhã. Parece pra caralho com uma relação para mim.

O comentário me acerta, e inclino a cabeça para o lado, os mecanismos de defesa a postos que nem arame farpado.

— É, bem, sabe de uma, Malakai? Nem todo mundo corta todo contato quando termina com alguém. Tem gente que ainda se importa um com o outro.

A sobrancelha de Malakai treme, a irritação tomando seu semblante antes de se dissipar, seu rosto logo ficando plácido. Ele dá de ombros.

— O bom desse lance nosso é que eu não tenho que ficar debatendo nada com você. De boa. O que tem de confuso aqui? Cada um tem a própria vida. Como o combinado, foi coisa de uma vez só. Talvez tenha sido uma emoçãozinha para variar um pouco a sua vida, e foi… foi um bom jeito de me dar boas-vindas a Londres.

Bacana. Que *bacana*. Como se eu tivesse o levado para jantar no Nando's e não o feito alcançar o Nirvana do jeito que sentei nele quinze minutos atrás. É como se eu pudesse ter sido qualquer uma. Talvez eu pudesse ter sido qualquer uma. Talvez eu *seja* qualquer uma para ele. Meu coração vai parar no pé, e solto uma risada sem humor antes de balançar a cabeça, pegando minhas coisas.

— Quanta maturidade — murmuro baixinho.

Malakai para de se movimentar pelo cômodo e se vira para mim.

— Como que eu sou imaturo, Kiki? Nós dois conseguimos o que queríamos com isto. — Ele faz uma pausa. — A menos que esteja se sentindo culpada?

Reviro os olhos.

— Por favor, Malakai, eu não sou você. *Eu* respeito os limites da minha relação.

Talvez seja sua própria consciência que está te incomodando e você esteja projetando as coisas, porque é o tipo de cara que mente para a namorada sobre…

O olhar dele é duro que nem pedra.

— Eu nunca menti para você, Kiki.

A antiga mágoa se agita, todo o passado grunhindo.

— Deu no mesmo.

— Você devia ter confiado em mim.

Sinto o nariz começar a arder.

— É, e você devia ter me dado motivo para confiar.

Malakai fica imóvel por alguns instantes. Sua mandíbula está retesada, e os sentimentos estão confinados sob papel-filme de novo, abafados, comprimidos. Então ele assente com pesar, dá um passo para trás e coça a barba.

— Sabe, Kiki, talvez a gente só não se conhecesse muito bem. Por exemplo, eu não achei que você fosse o tipo que usa emoji de coração, mas é.

Fico sem reação com a mudança brusca de assunto.

— De que caralho você está fala…

— O nome de seu namorado. — Ele diz "namorado" como se estivesse sentindo um cheiro podre. — O emoji do lado do nome dele. Você deve amá-lo mesmo.

Quase rio diante de tamanha bobagem. Nunca nem me passou pela cabeça colocar um coração ao lado do nome de Kai. *Nós dois* éramos o emoji de coração. Ele era a porra do meu coração inteiro. Kai era o suficiente. A menção a Bakari me incomoda. Eu o amo. Tenho certeza de que sim. Embora, quando penso melhor nisso, não parece ter nada real a que me agarrar na ideia, a ideia de eu amar Bakari. Antes, eu conseguia reunir provas tangíveis nas quais me basear, mas agora me escapa, some. Não encontro nada. A ideia de meu amor por ele escorrega na nova lembrança de Malakai me fazendo gozar diante da paisagem de Londres. Depois que nós terminamos, levei uns oito meses para sequer considerar a possibilidade de transar com outro homem.

Meu celular vibra, salvando-me da resposta que eu nunca daria, avisando que o Uber chegou.

Olho para o rosto de Malakai, ainda indecifrável, tenso.

— Eu tenho que ir.

Ele confirma com a cabeça, abrindo caminho para eu passar.

— Eu agradeço se puder me avisar quando chegar em casa.

— Aham. Valeu pela bateria.

Depois de falar, logo me xingo por dentro. Por que tive que falar assim? Como se Malakai tivesse me energizado com o pau superpoderoso? Quando chego à porta, dou uma tossida.

— A gente se vê por aí, então.

Ele me leva até a porta, mas mal me olha enquanto assente, todo forçado.

— Aham. Foi divertido, Kiki.

E não sei por que é essa declaração que me assombra no caminho para casa. Fica alojada em minha alma de um jeito intrusivo, fazendo o coração palpitar. Não sei por que é isso que faz meus olhos arderem, e as lágrimas escorrerem e eu soluçar tanto que o motorista, um homem mais velho e preocupado, passa um lenço para mim e murmura:

— Vai ficar tudo bem, amiga. Vai passar.

Espero que passe. Não sei por que dói. Não era mais para doer.

CAPÍTULO 7
Irmandade e confidencialidade

CONFIDENCIAL:

Querida Kiki Banjo,

Você é uma das seletas e requisitadas convidadas para um encontro exclusivo e íntimo com uma aclamada artista de R&B.

Por favor, assine e envie de volta o anexo para receber detalhes.

— Tão lindo, Minah.

— Está deslumbrante, Nanica.

Damola, a irmã mais velha de Aminah que está bem grávida, suspira em concordância. Recém-chegada da viagem para as ilhas Turcas e Caicos antes de o bebê nascer, sorrindo a beça por cima do vapor do chá de ervas. Elegante em um vestido de tricô bege queimado, ela pega um lenço da bolsa Kelly, enxugando os cantos dos olhos.

— Malditos hormônios.

— Ìyáwó, Kofi! Está parecendo uma realeza *ohemaa* de verdade! — exclama Laide de onde está sentada a meu lado em um sofá de veludo rosa, erguendo a taça de champanhe e fazendo barulho com as pulseiras grossas e douradas. — Dá uma voltinha, coisa pouca.

Aminah se pavoneia toda e dá voltas no plinto. Faz pose, mão na cintura, a outra no ar.

— Isso aí — diz Laide, que abre um sorrisão e se inclina à frente para dar um tapa na bunda da irmã, fazendo barulho com a saia de couro e a jaqueta larga pelo movimento. — Até faz sua bundinha parecer maior.

Aminah abre um sorrisinho, dá uma rebolada e mostra a língua, e Laide murmura:

— Dança da bundinha, dança da bundinha, a Nanica perde a linha.

Caímos na risada, animadas com o champanhe de graça e a felicidade do momento. Quando elas não estão de picuinha, é uma grande maravilha ser membro honorária de elite que é a irmandade Bakare, sendo englobada à rotina de brincadeiras, amor e provocações.

Minha melhor amiga se vira para a mãe, cheia de expectativa.

— O que achou, mamãe?

Tia Rafiat está sentada do outro lado do vestiário de marfim da butique, trajando um cafetã roxo esvoaçante, empoleirada em uma poltrona de bouclé. Ela inclina a cabeça enquanto analisa a filha de cima a baixo com uma expressão neutra.

O sorriso de Aminah fica hesitante. Laide pigarreia e volta a se sentar a meu lado, cruzando uma das pernas com bota de couro envernizado que vai até a coxa sobre a outra. As assistentes da designer que ajudam na prova de vestido parecem sentir uma mudança no ar, porque logo anunciam que vão pegar outra garrafa de champanhe.

Por fim, a sra. Bakare levanta um ombro só em resposta.

— Bom, minha querida, se você gostou, está bom.

Ah, *merda*.

— Ah, merda — sussurra Laide baixinho.

Damola começa a esfregar a têmpora. Várias expressões passam pelo rosto de minha melhor amiga, mas a mágoa é berrante. Seus olhos ficam brilhantes.

— Então você odiou? — A voz dela soa mais baixa, mais jovem.

Fico com o peito apertado.

A mãe dela faz um som de escárnio e comprime os lábios, pintados de vinho hoje.

— Oreoluwa, você é sempre tão dramática.

Ela está usando o nome do meio de Aminah? Endireito a postura. Esse dia longo está prestes a ficar mais longo. Faz duas horas e meia que estamos provando vestidos, e este é o primeiro que minha amiga bastante exigente amou sem ressalvas, os olhos cintilaram assim que viu o próprio reflexo no espelho. Minha pele começa a formigar com o estresse. Dou outro gole no champanhe.

Laide murmura para mim enquanto se vira para espiar pela cortina atrás de nós:

— Pô, cadê aquela moça com a outra garrafa, hein?

A sra. Bakare continua:

— Da onde saiu isso de que "odiei"? Falei que se você gostou, está bom.

Vejo o esforço que Aminah faz para evitar revirar os olhos até o lustre no teto. O

respeito pela mãe lutando contra a intolerância de ficar sendo testada.

— Mamãe, só diz o que quer dizer…

A mulher fica sem paciência. Remexe-se no assento e cruza as mãos no colo.

— *Wòó*, *Oreoluwa*, *ma me estressa*. *Fï mí sí 'lẹ*. Já falei o que queria falar. Você está bonita, ah!

— *Bonita*. — A voz de Aminah é gentil de um jeito enganoso. Vejo a frustração borbulhando sob a fachada de serenidade. — Entendi. Quando Damola experimentou o vestido de casamento, você chorou!

Tia Rafiat gira os pulsos com as mãos abertas em um gesto de perplexidade inocente.

— Não entendo. Tenho que chorar toda vez?

— Tem! — Aminah literalmente bate o pé. — Se Laide um dia se casar, aposto que vai chorar quando ela experimentar o vestido!

— Minha querida, vou chorar porque significa que Alá fez um milagre.

Damola solta uma risada baixa enquanto Laide arfa.

— Hum, o que eu tenho a ver com a história? — Laide se levanta em protesto, gesticulando para o espaço. — Vamos só nos concentrar no fato de que a mamãe não gostou do vestido da Nanica porque achou que é de piriguete?

Aminah arregala os olhos.

— *Como é que ê*?

Damola solta um grunhido.

— Laide, qual seu problema, caramba? Aminah, não liga pra ela. Dá pra todo mundo se acalmar? Vocês estão agitando o bebê…

— Quem é esse "todo mundo"? — indaga tia Rafiat, arqueando as sobrancelhas bem-feitas até chegarem ao cabelo arrumadíssimo.

Damola suspira.

— Desculpa, mamãe.

Revirando os olhos, Laide se senta no sofá.

— Enfim, não é melhor para a criatura saber logo onde está se metendo? Provavelmente está adorando a agitação, considerando que você só coloca aquela chatice de Beethoven para tocar.

Damola, que em geral — algo relativo para uma Bakare — é impassiva, estala a língua no céu da boca.

— Hum, o "bebê", não a "criatura", e saiu um estudo no *New York Times* que

mostra que música clássica estimula o desenvolvimento intelectual no embri…

Laide dá de ombros e gesticula.

— Tanto faz. De qualquer jeito, você não toca uma Victoria Monét ou algo do tipo para o bebê ouvir. Além do mais, não saiu também um estudo no *New York Times* sobre tocar Fela Kuti estimular desenvolvimento intelectual nos bebês? Ele é música clássica para *nós*.

— Oiê! — O grito de Aminah é quase um guincho. — Podemos voltar a focar o assunto em questão, por favor? Mamãe, o que você achou *de verdade*?

Silêncio. Fico imóvel na esperança de conseguir desaparecer. Por fim, a sra. Bakare ergue o ombro majestoso.

— Eu só acho que você devia ter ido à butique que sugeri. Esta é muito…

Ela faz uma expressão que fica entre um bico e uma carranca. A frase está completa. Aminah estreita os olhos para a mãe, e sinto o silêncio fervilhar. Minha amiga me olha, e com discrição movimento as mãos para baixo em um gesto apaziguador, articulando sem som: "Vamos de contagem de Beyoncé". Ela engole em seco, assente, e a vejo recitar a letra na cabeça, de olhos fechados, respirando de um jeito meditativo. Até que Aminah abre os olhos com calma e sorri serena para mim antes de se virar para a mãe, falando com neutralidade:

— Mãe. A outra butique custa o dobro desta aqui, que já é cara, e, além disso, pesquisei bem esta butique cujos donos são pretos. Você só quer que eu escolha a outra porque a filha de sua amiga escolheu um vestido daqui e você não quer parecer estar copiando alguém, mas eu gosto deste vestido.

A mãe de Aminah hesita por alguns instantes antes de piscar devagar.

— Não sei por que está fazendo tanto escândalo. Eu disse que está bom.

Aminah infla as narinas, e logo me levanto, fico de frente para ela, pego suas mãos e olho em seus olhos já marejados.

— Minah, você está linda. Sério. O vestido ficou maravilho. É o vestido de seus sonhos para quando se casar com o homem de seus sonhos.

Vale a pena correr o risco de ser alvo da ira da sra. Bakare para ver o sorriso de Aminah. Ela aperta minhas mãos, então levanta o ombro bem alto.

— Obrigada, Kiks.

A assistente volta com uma garrafa, em um timing suspeito de tão perfeito, e pergunta, cheia de alegria:

— Então, o que me dizem, moças? É o *Vestido Ideal*?



— Não — diz Aminah, olhando para a salada caesar, depois de voltar do banheiro do restaurante —, está tudo errado. Pedi para o molho vir a parte. — Ela olha para mim. — Por que não avisou quando serviram? Você sabe que gosto de medir o quanto de molho coloco.

Dou um gole no rosé Provence e mantenho a expressão delicada porque sei que isto não é sobre mim. Inclino a cabeça.

— Por que você não escolheu o vestido, Minah? Você amou.

Ela começa a espetar a salada, aparentemente esquecendo de minha negligência por completo.

— Tipo, ok, eu amei mesmo, mas talvez minha mãe esteja certa. Não quero que fique parecendo que estou comprando o vestido só porque a filha da amiga dela comprou no mesmo lugar. Eu crio as tendências! Não as sigo! Lembra quando comecei a usar rabo de cavalo bem puxadinho na faculdade, e aí todo mundo começou a usar rabo de cavalo bem puxadinho? Além do mais, Sekemi Lawal — continua ela, citando a tal filha da amiga — jogou água em mim de propósito um dia na casa de praia em Lagos quando a gente tinha 14 anos, porque eu estava falando com um cara que eu não sabia que era crush dela. Beleza, talvez eu até tivesse uma noção, mas ela já era meio escrotinha. Aquela mulher faria a festa se achasse que estou a copiando!

Estendo a mão para segurar a dela, contendo um sorriso.

— Ei. Aminah Bakare jamais seria qualquer coisa que não original. O vestido ficou lindo em você. O casamento deveria ser sobre o que *você* quer. Não é sobre copiar alguém. Faz anos que você quer um vestido daquela designer. Vai deixar uma amiga da onça impedir você de conseguir isso?

Aminah relaxa e aperta minha mão, esvaindo parte do estresse e da irritação dos olhos que estavam um tanto marejados quando voltou do banheiro.

— Você tem razão. Elas disseram que tenho uma semana para decidir, de qualquer forma. — Minha amiga limpa o canto dos olhos com os indicadores. — *Afê*, desculpa, é só que… ter que ouvir todas essas opiniões o tempo todo está me deixando doida! E não é só minha mãe, mas, abençoada seja, a mãe de Kofi também… a quem adoro, mas, sabe, ela não tem filha mulher e quer que eu use as luvas de renda que a mãe dela usou no próprio casamento. Sem querer ofender, mas

não quero ficar parecendo uma noiva-fantasma da era vitoriana! Além do mais, outro dia no trabalho, minha gerente, Charlotte, disse que me deixaria comandar a campanha de moda esportiva da Tolami Benson, o que é uma oportunidade incrível, porque sei que ela me vê como uma pupila e está me treinando para assumir o cargo dela quando for promovida à diretora de contas, e aí Ollie… sabe, minha arqui-inimiga do trabalho… ficou falando: "Que tudo! Mas é muita coisa com que lidar, né? Considerando o casamento e tal. Charlotte, me avisa se quiser que eu divida as coisas com Aminah". — Aminah usa um tom leve de patricinha de Chelsea. — E ela ficou dando um sorriso falso pra caralho. Sabe aquele que os olhos parecem de peixe morto e os lábios ficam bem retos?

— Que cuzona.

Aminah arregala os olhos.

— *O ṣé o*! Exato. Óbvio ela está se metendo em meu caminho para ser a rainha da Comunicação e do Branding que nasci para ser! — Aminah fecha os olhos e inspira fundo. Sacode os ombros, livrando-se do estresse. Então junta as mãos em oração e abre um sorriso sereno, o olhar disponível e acolhedor. — E voltei. Energia ruim, vá para longe. Por favor, me distrai. Fala de você. Como estão as coisas?

Espeto o coquetel de frango, alface e crouton com o garfo e coloco na boca, mastigando devagar. Não contei o que aconteceu com Malakai um mês antes. Mal contei a mim mesma. Não o vejo durante quase três anos e no *segundo* em que ele aparece a gente vai para cama? Ou, bem, para o sofá da suíte… Não interessa, é decepcionante. Malakai me mandou mensagem quando voltei para casa naquela noite.

Só confirmando que você chegou bem. Se cuida.

"Se cuida"? Basicamente um "Vai se foder". Dei uma curtida na mensagem em resposta. Era para eu dizer o quê? *É, cheguei bem em teoria, mas a questão é: será que estou bem por ter estado tão perto de você? Porque minha pele continua formigando em todos os pontos que você tocou, e quando me chamou de Scotch, a parte de mim que achei ter morrido vibrou assim como meu corpo vibra sempre que lembro de você me masturbando sobre o horizonte de Londres. O que é ruim porque é óbvio que você está ressentido comigo, algo confirmado pelo seu "Se cuida", como se eu fosse uma transa casual que encontrou em uma festa e não alguém com quem namorou por cinco anos.*

Cacete. Eu sou uma transa casual que você encontrou em uma festa, por acaso? Deixa pra lá. Ignora tudo o que falei. E, aliás, vai se foder também!

Enfim, achei que não devia dizer isso. Acabaria com a postura tranquila, evoluída e indiferente que decidi adotar. Sou adulta. Qualquer outro ex-casal teria feito o que fizemos e seguiria vivendo a vida com perfeição e muita saúde depois. Nós não nos falamos desde então porque não tem o que ser dito. Fizemos sexo sem compromisso porque era o que queríamos. É isso. Ainda assim, preciso desabafar com alguém. É parte do motivo de eu ter sugerido que, depois da prova do vestido, viéssemos almoçar neste bistrô fofo em Greenwich, na esquina da butique. Sim, para dar um tempinho para Aminah relaxar depois do que eu sabia que seria uma situação bem estressante, mas também para desemaranhar o que vem rondando minha mente no último mês. Começo com cuidado. Não acho que ela vai julgar, mas, por algum motivo, não acho que a orientação dela para eu me "comportar" incluía transar com Malakai. Uns diriam que significava especificamente para eu *não* fazer isso.

— Hum — murmuro, reunindo toda a força que consigo da salada e do rosé —, aconteceu um bocado de coisa, na verdade.

Então Aminah afasta a taça da boca e coloca a mão no peito como se uma verdade estivesse prestes a irromper dali.

— Calma, ai, meu Deus, rapidinho, uma coisa. Tenho que dizer que estou muito impressionada com você e Malakai conseguindo ser supermaduros em relação ao término. Kofi disse que ele mal tocou em seu nome. Sendo que você estava um espetáculo naquela noite. Não vou mentir, achei mesmo que Malakai fosse ir para cima de você com tudo na festa. Ainda mais porque você está vulnerável por causa do lance com Bakari… Só pensei que, sei lá, fosse fazer alguma besteira. Dá para imaginar?

Ela mostra uma expressão apavorada só com o pensamento.

Forço uma risada apesar do bolo na garganta, as palavras ficando ásperas e grandes demais para saírem.

— Não…

— Imagina só que dramalhão! E Deus sabe que a última coisa de que preciso agora é lidar com mais complicações e contingências, e não sei o que significaria a madrinha da noiva e o padrinho do noivo *de rolo* se não uma complicação e contingência. Eu só preciso de paz e tranquilidade. Por favor promete que vai continuar, tipo… *não* fazendo nada. Deixar Malakai Korede arrastar você para um

problema não é do que você precisa. Seria regredir, sabe? Você já superou tanta coisa.

Vim franzindo a testa e assentindo com gentileza, concordando de forma neutra enquanto ela fala, mas a minha cabeça está a toda e as mãos, formigando, e é só até Aminah inclinar a cabeça para mim em interrogação que percebo que ainda estou assentindo e sorrindo como alguém que passou por uma lobotomia. Então, em vez disso, abro um sorriso enorme, escancarado, maníaco, como alguém sob o efeito de opioides, antes de soltar uma risada engasgada que sai alta demais, bem mais estridente do pretendia.

— Pois é. Imagina só que caos? Não, não tem nada acontecendo entre mim e Malakai — falo, o que não deixa de ser verdade — e nada nunca vai acontecer.

Uma crença fervorosa.

— Estou orgulhosa de você, Kiks — declara Aminah com tanta doçura que me sinto azeda por dentro. Ela balança a cabeça. — Desculpa, foi mal, interrompi você… Como estão as coisas?

De alguma forma, em meio aos pensamentos girando, consigo extrair algo coerente e verdadeiro.

— Ah! Hum! Então. Não surta.

— Não vou…

— Obrigada…

— … prometer nada disso.

— Você tem mesmo que fazer isso toda vez?

Aminah abre um sorrisão.

— Óbvio. Eu me divirto. Você cai sempre.

— Beleza, tudo bem, sério. Tive que assinar um contrato de confidencialidade, então, por favor, não conta para ninguém.

Aminah arqueja.

— Ai, meu Deus. Com qual rapper você transou? Como não me contou? Vou ficar com vergonha? Me fala se eu preciso fazer cara de paisagem *agora mesmo*.

Seguro os pulsos dela.

— Aminah, eu não transei com rapper nenhum.

Ela se tranquiliza, deixando o corpo relaxar com o alívio.

— Ah, graças a Deus. Eu acho que a gente já está grandinha demais para que usem nossa voz em interlúdio musical. Embora eu fosse aprovar se fosse, tipo, um

grande gostoso. Tipo o Skepta. Então o que rolou?

Apesar do desconforto dos minutos anteriores, eu me permito ser positiva, sentir algo leve depois de um mês tumultuado. Tudo bem que não contei a Aminah o que aconteceu entre mim e Malakai. Só seria algo estressante para ela, e o que rolou não é algo digno de estresse — na verdade, duvido muito que a gente vá se ver até o casamento. Não estou nada preocupada com isso. Foi só um sexo gostoso entre pessoas que conhecem o corpo uma da outra. O choro naquela noite foi só um choque resultante de ver meu ex pela primeira vez em uns anos. Uma reação emocionalmente saudável e normal. Uma limpeza, na real. Estou purificada da nocividade do amor e tesão por Malakai Korede. Contar a Aminah não teria sentido e seria até *egoísta*. Na verdade, este é um dos poucos momentos na vida que alguém pode destacar como sendo de um altruísmo radical. Fico confortável com o raciocínio e relaxo, voltando ao presente.

Inspiro com força.

— Então, Taré Souza me chamou para o que eu *acho* que é um show secreto?

Aminah arregala os olhos em alegria e dá um gritinho antes de olhar ao redor e sussurrar-sibilar:

— Ai, meu Deus, sim! Que incrível! Tipo, *dã*, óbvio, como que ela não estaria de olho em você? Você é a líder do fã-clube dela.

Taré Souza, uma artista de R&B e soul, apareceu na indústria quando eu estava no segundo ano de faculdade, e de imediato me reconheci na música dela. Ela tinha um EP de R&B com seis faixas chamado *Sol em mim*, lançado no SoundCloud. A coisa se entranhou em minha pele e envolveu meu coração que aprendia a amar. Era como se a Lauryn Hill fizesse um aceno a Sade, abraçasse Lala Hathaway e trocasse uma ideia com Jasmine Sullivan, criando algo novo e fresco, uma suavidade com um toque cortante, o amor expressado como uma faca que poderia atravessar a dor ou só ferir. Era uma melancolia singular, uma alegria visceral.

Conforme fui levando a vida, apaixonando-me perdidamente e acabando com o coração partido, depois me apaixonando cuidadosamente para não acabar com o coração partido, Taré também seguiu em frente: assinou com gravadora, fez turnês pelo mundo, sua estrela brilhando enquanto eu me descobria em mim mesma e ela se descobria enquanto artista. Os críticos a chamavam de prodígio. Aí seu estilo artístico mudou um pouco, Taré Souza se apoiou no atletismo que aprendeu por ter sido uma criança ginasta e assim virou uma popstar completona que fazia

coreografias, sua música assumiu temas mais leves e produções mais pesadas, o público dela começou a se expandir. Então foi capa da revista *Rolling Stone* de um ano, com os rumores de que o álbum mais recente, *Luz na escuridão*, era o favorito ao Grammy de Melhor Álbum Pop, quando de repente, no momento em que parecia estar à beira do precipício do estrelato, Taré Souza desapareceu.

Sumiu das redes sociais. Retirou o álbum das premiações, apesar da inevitável consternação da gravadora e dos novos fãs vampíricos que se alimentavam de sua personalidade peculiar, pessoas que não se pareciam nada com ela, que insistiam que tinham uma "Taré Souza" vivendo dentro deles quanto faziam algo que consideravam excêntrico.

As pessoas se perguntavam se Taré estava em segurança, se estava sã, se estava grávida do próprio empresário, e aí surgiu uma única mensagem no perfil dela do Instagram, letras brancas em fundo preto, com a franqueza marota que lhe era característica: "Em busca de liberdade. Já volto. Guardem meu lugar ou não. Quando eu voltar, vou abrir caminho queimando tudo mesmo".

E desde então — embora fosse vista em Los Angeles de mãos dadas com algum cara malhado que atuou em um dos filmes *Magic Mike*, ou lendo *Tudo sobre o amor* enquanto fumava um baseado em uma praia em Barbados, ou nos bastidores de um after do Met Gala com Megan Thee Stallion despejando um shot em sua boca —, Taré sumiu dos holofotes. Até que, no ano anterior, lançou um e-book de poesia gratuito do nada, sem divulgação, sem entrevista. *Notas do exílio*. Ela postou a capa no Instagram e adicionou o link na bio. Foi esclarecedor, nu e cru — e mexeu tanto comigo que falei da obra no *Batida*. Fiquei feliz pelo sucesso dela; apesar de seu lançamento musical mais recente ser divertido, parecia meio incongruente ao estilo com que tinha começado: uma musicista cujas melodias me ofereceram uma orientação sagrada para tudo o que eu sentia.

Mas parece que Taré Souza está se encontrando de novo.

Quando minha agente recebeu o e-mail, eu não fazia ideia do que esperar, mas senti um arrepio de animação. Talvez a artista muitíssimo reclusa estivesse planejando um grande retorno e queria que eu cobrisse o evento de algum forma? Eu poderia usar isso para me lançar no editorial, apresentar propostas para um livro. Aquele era o lado prático, o lado "Preciso de um trabalho, caralho", mas eu também era uma fã declarada, curiosa para saber o que Taré fez nos últimos anos, o que apresentaria, o que a sua presença poderia significar para a cena musical.

Estou tão nervosa quanto entusiasmada, e compartilhar isso com Aminah me estabiliza um pouco. Ela não é tão fã, mas gosta das músicas, um equilíbrio de "mina emburrada do R&B" (eu) e "dança da bundinha" (ela). Tecnicamente, porém, eu nem tinha permissão para contar que a coisa vai rolar, o convite é condicional a eu assinar um contrato de confidencialidade. Mas imagino que o privilégio de melhor amiga sobreponha um contrato de confidencialidade. Rezo para que seja admissível em tribunal.

— Cara, isso pode ser bom pra caramba. Viu só, Deus abençoando minha amiga. Quando Alá diz sim, ninguém pode dizer não! — exclama ela, e sorrio com a mistura do ditado. — Taré Souza não aparece em público faz anos, e te convida? Isso com certeza vai abrir portas para você. Estou muito animada, amiga!

Ainda estou cautelosa, mexendo em um crouton dentro da tigela quase vazia enquanto penso.

— Vamos ver. E se ela estiver achando que o *Batida* ainda existe?

Aminah nem se abala, ergue as sobrancelhas, endireita os ombros em um comando implícito de que é para eu tomar tenência.

— Beleza. E daí? *Você* é o *Batida do Coração*. Você que faz o coração bater. Você que refina tudo. É Banjo Bélica na parada. Não desperdiça essa chance. — Ela agita uma faquinha sem serra na frente de minha cara. — Ou vou fazer você usar… — Aminah faz uma pausa, solta a faca, frustrada. — Caramba, eu ia dizer que vou obrigar você a usar uma cor feia de vestido de madrinha, mas você fica linda em tudo.

Solto um som de deboche.

— Foi mal.

— O plano teria dado certo se não fosse sua beleza intrometida. Ok, vou fazer você ir até o altar com o primo de terno brilhante de Kofi. Lembra quando esse homem falou que só ele traz o *ouro* para colocar no seu tes*ouro*? E falei para você que ele começou um podcast? O nome é *Papo de Grana*. Com certeza está doido para contar para você a respeito.

Dou uma risada e jogo as mãos para o alto.

— Beleza, tudo bem, valeu! A chance não vai ser desperdiçada. Você é *má*.

Aminah abre um sorrisão, toda triunfante.

— Acho que você quis dizer "a pior de todas". Bom, tem certeza de que não consegue me levar junto na coisa secreta? Diz que sou sua amiga fodona que serve

de suporte emocional…

— Bem, na real, meio que você é mesmo…

— E isso devia bastar, viu.

— Né? Mas, não. Deixaram bem claro que, se levar alguém junto, não vão deixar a pessoa entrar. Ao que parece, é uma "lista de convidados curada pela própria Taré".

Aminah suspira.

— Beleza, se eu não posso ir, você *tem* que me contar tudo depois. Óbvio, não vou contar para ninguém, mas se não me passar a fofoca completa, talvez eu morra, e aí seria uma tristeza para Kofi.

— Declaro solenemente que vou contar se Skepta estiver lá.

— Obrigada. É só o que peço. Ah, como você está solteira agora, se ele estiver lá mesmo, você vai ter que fazer o trabalho sujo…

— E trabalho sujo significa…

O rosto de Aminah é seríssimo, sem qualquer humor.

— Você sabe o que significa.

Abro um sorrisão.

— Vou me dedicar ao máximo. Por nós. Por você.

Aminah finge se engasgar antes de erguer a taça.

— Um brinde à irmandade. E a contratos de confidencialidade.

Brindo com ela, firme, acolhida, enquanto rio, cheia de uva fermentada e amor. O que quer que aconteça, não importa o que aconteça, sempre terei isto.

— À irmandade. E a contratos de confidencialidade.

CAPÍTULO 8
Autoestima elevada

—Hum, é… Não, superentendo.

O sino da porta do Sákárà tilinta quando saio correndo, segurando o celular na orelha e puxando as tranças para fora do sobretudo marrom-avermelhado com a outra mão. Jogo a bolsa de suede por cima do ombro — é da década de 1980, roubada do guarda-roupa de minha mãe —, segurando firme, como se fosse uma espécie de talismã para evitar que eu perca as estribeiras. Minha mãe é uma rainha da serenidade, mas sempre que tento canalizar sua energia, o temperamento sem paciência que herdei de meu pai ruge. Reprimindo a vontade de chamar a pessoa do outro lado da linha de estúpida ao cubo, afasto o celular um pouco para verificar o horário. Não queria passar por essa merda agora. O convite disse "oito em ponto", e já são 20h05. Por sorte — e por bizarrice — o local fica a doze minutos andando, e estou me movimentando que nem a esportista Dina Asher-Smith se Dina Asher-Smith fosse boa apenas em fazer uma leve caminhada. Ajusto o vestido que vesti às pressas depois de mudar de ideia no último minuto.

Pensei muito no que usar para o evento de Taré Souza, sabendo que haveria pessoas a quem impressionar (Skepta), mas sem querer exagerar. Escolhi um vestido preto e curto de costas nuas e decote canoa, que me deixava gostosa o bastante (para o Skepta), mas casual quando necessário. Combinei a peça com botas de couro que vão até o joelho, são do estilo anos 1970 e possuem um salto em formato flare, e destaquei o traje com anéis dourados delicados que escapam por debaixo das mangas, e nas orelhas, minha armadura: argolas douradas.

Pareço composta, embora não me sinta assim, até porque estou andando em direção ao local em De Beauvoir Town ao mesmo tempo que tento convencer uma colega, que é editora de revista, de que:

— Tudo bem, não tem problema não conseguir me encontrar amanhã. Valeu

por avisar que a vaga de editor de música foi para alguém interno… Mas se surgir alguma outra coisa… Ótimo… Beleza… Obrigada… O podcast? Ah, não sei bem se vai voltar… — Considerando que a grande empresa de streaming que pagava tudo deu para trás e não consigo bancar tudo sozinha. — Sim, hum, é uma pena. Beleza. Bom, mais uma vez, obrigada!

"Por *porra nenhuma*" adiciono para a noite fresca, balançando a cabeça enquanto passo por fachadas que no passado eu conhecia de cor.

Inalo o ar escuro do fim de inverno, pelo qual, de um jeito misericordioso, um leve aroma de frango frito paira levemente, e me mantenho firme. Tento me acalmar, e as luzes dos postes piscam como se me encorajassem. Se uma franquia local de frango frito consegue sobreviver, eu também consigo. Preciso me ater a esta crença. É o terceiro contato que me dá bolo, e de alguma forma sinto que a SoundSugar deu ordem para acabar com minha carreira. Eu poderia voltar para o mercado editorial, mas significaria quase começar do zero, e depois de ter um gostinho de um trabalho que não é comandado por vozes externas, seria ainda mais difícil me reencaixar naquele espaço, conseguir entrar no jogo outra vez.

Só que também não posso me dar ao luxo de não fazer porra nenhuma. Meus pais encontraram compradores em potencial para o restaurante, eles podem vender dentro de um período de três meses e preciso resolver se vou conseguir manter o apê o quanto antes, o que, no momento, é bem improvável, considerando que só o que faço é passar as semanas escrevendo avaliações de músicas aleatórias de pessoas que viralizam no TikTok, cujas letras vez ou outra parecem ter sido escritas por I.A. Com eu me recusando a aceitar que meus pais me paguem e minhas economias evaporando, tem muito em jogo hoje para além de assistir a uma artista que admiro e, talvez, conseguir pegar uma lenda do *grime*. A exclusividade da lista de convidados poderia me apresentar a contatos importantes, e estou precisando urgente de um bote salva-vidas. Meu celular apita, e, quando checo, sinto a ansiedade se amenizar um pouco com o nome.

MinahMoney: Banjo Bélica 🪕🪕🪕. Você consegue! Te amo! BEIJO (esse foi para Skepta 😘)

Lembro que consigo nadar.



Vi você correr como rio na estrada,
Tão vermelho como sua língua, fluindo.
Segurei, dei braçada, tossi e Vega
Surgiu, rindo.
Tenho
Você e um verso aqui dentro,
A galáxia nos ossos,
Criada a partir do nada,
E toda noite
Rezo,
Que haja luz,
Que sejamos luz.
Anseio,
Só pelo doce calor,
Sob minha pele.
Taré Souza — "Notas do exílio"

Tem alguma coisa errada. Quando chego à casa geminada vitoriana, uma assistente trajando Carhatt e uma cara azeda me conduz escada abaixo e para dentro de um cômodo exuberante que está empesteado de incenso. Parece o toalete de uma deusa. A atmosfera é tão intoxicante que logo dissipa a ansiedade imediata que ameaça entrar em combustão em meu interior. Tapetes com cores de pedras preciosas e puffs de couro artesanal feito à mão que parecem ser do norte da Nigéria adornam o espaço que projeta um brilho âmbar, com paredes pintadas em um borgonha intenso.

Justifico a ausência de gente do lado de fora da casa com o fato de que estou atrasada e atribuo a ausência de barulho de conversas a reverência por uma artista em ação. Taré Souza está no meio do cômodo, empoleirada em um banco sobre um pequeno pódio redondo, dedilhando um violão junto a um homem de dreadlocks que toca djembê. Ela parece etérea. Uma auréola abriga seu coque afro cor de vinho que emoldura o rosto angelical, sua pele escura com subtom quente brilha à luz fraca e o nariz de botão é adornado com um piercing reluzente. Taré usa um bralette de seda cor creme, um quimono da mesma cor, calça jeans rasgada e saltos delicados. É um traje que demonstra que ela flui de um prédio ao carro e vice-versa,

com pés que mal tocam a calçada; uma fada graciosa do R&B.

A única coisa que se mexe é sua boca, que se expande um pouco, dando-me as boas-vindas. É mágico e teria feito eu me sentir a única pessoa presente ali mesmo se eu não fosse a única pessoa compondo a plateia. Dou uma olhada ao redor para ver se há mais gente escondida no espaço aberto. Não tem. Nem um vestígio de alguém como Skepta. Diante do palco há uma poltrona rosa bordada vazia. Fico sem reação e meu coração vai parar no pé. O show acabou. Eu ferrei com tudo. Talvez fosse, tipo, uma espécie de performance experimental em que ela toca uma música, e aí todo mundo se manda. Será que um e-mail me passou despercebido? A informação se perdeu na caixa de entrada de Nina?

— Desculpe pelo atraso.

Minhas mãos estão suando em completo constrangimento. Levo-as às coxas para secar com discrição, mas encontro apenas uma tirinha de pele e couro. Coisas difíceis de eliminar umidade.

— Eu, hum, tive que trabalhar no restaurante de meus pais, e não deu para fechar mais cedo…

Por que estou divagando com essa moça cuja voz já me fez *soluçar* de tanto chorar? Por que Taré ligaria, depois de eu ter desrespeitado a honra de vê-la se apresentar pela primeira vez em cinco anos? *E por que estou falando diretamente com ela?*

Taré inclina a cabeça e gesticula para o assento à frente de si.

— Menina, relaxa. Não tem como o show começar sem você. Você chegou bem na hora. Tira esse sobretudo maravilhoso e senta aí. Fica à vontade.

Não sei o que está acontecendo, mas também sei que foi uma ordem direta. Então obedeço. A assistente emburrada some com meu sobretudo enquanto me sento e tento acalmar o coração que vibra. Certo. Este é só um show inexplicável de tão exclusivo diante de um dos talentos mais reclusos do mundo. Considerando que Deus está por aí fazendo coisas aleatórias, talvez amanhã eu vá encontrar Sade para um brunch, hein? Não tenho tempo de questionar se este é um sonho muitíssimo vívido porque, assim que minha bunda toca o estofado do assento, os dedos de Taré dançam nas cordas do violão, e ela cantarola no microfone, capturando minha atenção. Sinto calafrios nas pernas desnudas.

Com os olhos astutos e vivos com emoção, Taré canta de todo o coração, apropriando-se da arte. Em carne e osso, ela é menor, mais magra, como se tudo o

que a atrelasse à terra fosse o peso da própria voz; é rouca, múltipla em tons, um instrumento por si só. Logo esqueço da surrealidade da situação, e a única coisa que parece estranha é como a energia dela me é familiar, apesar de eu tê-la conhecido hoje, apesar desta *oeuvre* ser nova. A voz de Taré foi trilha sonora de tantos momentos de minha vida que me acalenta como um abraço de uma amiga de longa data.

Neste instante, sua voz e violão conjuram a lembrança de uma melodia e um humor específico. Consigo visualizar Malakai e eu ouvindo a música dela no dormitório minúsculo dele na faculdade, eu querendo me fundir à pele dele, e ele já tendo se fundido à minha — e era tão profundo que eu queria ficar naquele momento para sempre. Tem algo em uma música de amor boa que se assenta bem em seu âmago e acerta um ponto que causa uma sensação entre prazer, dor, anseio e deleite, o sentimento de que era aquele, *aquele* o motivo pelo qual a música foi criada; a transcendência que de algum modo faz a gente sair do próprio corpo e ao mesmo tempo ficar mais consciente de si. Algo tipo o primeiro beijo com a pessoa certa. Aquele que diz que tudo além daquilo esteve errado porque não tem como nada ser tão bom quanto isso.

Boas músicas como essa se derretem na pele e fazem o coração disparar, levando à conclusão de que sentimentos podem ser reais apesar de intangíveis. Vídeos de terapeutas do TikTok, que tiram para merda o juramento de Hipócrates quando falam dos próprios clientes, repetem mantras de "Sentimentos. Não. São. Fatos." Verdade, às vezes. Às vezes, as inseguranças ditam o que sentimos — projetamos pensamentos em outras pessoas e deixamos que nos encurralem —, mas uma música boa desperta emoção junto à compreensão. O que se sente é potencializado, confirmado pela melodia, pela letra que descreve nossa realidade. Faz os sentimentos ganharem vida, se anunciarem. Ficam transparentes como a água gelada descendo pela garganta em um dia de verão. O que você sente é real.

E sentada aqui, neste porão, só penso uma coisa: Bakari nunca me fez sentir como esta música. Fato. O blues sedutor da música de Taré Souza me faz pensar em beijos apaixonados que fazem os ossos esfarelarem até virarem açúcar mascavo que derrete na boca e faz a gente gemer, que me faz pensar em acreditar em um amor que poderia resistir a tudo, porque, como a natureza, é tudo. Eu tinha dito a mim mesma que um amor assim só poderia ser temporário para mim porque tinha que ser. Tem que ser. Porque, sim, um amor assim deixa o coração em chamas, faz a

pessoa se sentir compreendida, conhecida, mas aí que mora o perigo. Ao nos entregarmos por completo, nosso "eu" completo está em risco. Quando adentramos um amor que engloba "entregas" específicas, é mais seguro… mas a que preço? Eu me sentia segura, contente, com Bakari, mas será que já fui feliz? E qual é o valor da "segurança" no fim das contas, se nada de precioso está em jogo? A última música termina, e o som das minhas palmas parte minhas dúvidas à medida que Taré se levanta, sorri e faz uma reverência para a plateia de uma pessoa só enquanto o percussionista se retira em silêncio.

— Obrigada, minha querida — diz ela com a voz melodiosa, grave e suave. — Agradeço muito a você por vir. Sabe, estive viajando pelo mundo por tanto tempo, e queria muito que meu primeiro show em Londres fosse especial. Uma conversa entre mim e as pessoas que me entendem.

Fico pensando em quem mais forma "as pessoas", levando em conta que só tem eu aqui. Franzo a testa, confusa, quando a fada hipster que é Taré me passa um drinque que parece surgir do nada. Dou um gole, e é a melhor margarita à la Tommy que já tomei na vida. É assim que sei que é provável que eu tenha caído a caminho da apresentação e tudo isto é um tipo de sonho resultante de uma concussão.

— *Porra*. — É o que me escapa, sem nenhuma orientação de meu cérebro, o sabor cítrico intenso dando estrelinhas em minha língua. — Sabe, pode soar estranho, mas este é meu drinque favorito…

— Eu sei de tudo, anjo. Sou basicamente onipresente.

O aroma de peônias, sucesso e o melisma cristalino alcança meu espaço pessoal quando Taré Souza se senta diante de mim, depois que a assistente pega uma poltrona de veludo roxa e coloca um drinque de cor verde turva em sua mão. Taré é ainda mais estonteante de perto. Sua pele sem poros é decorada com um rompante reluzente de tons de pôr do sol emoldurando os olhos, que estão destacados por extensões de cílios. Há um brilho um tanto celestial em suas bochechas e um sorriso simpático no rosto. Parece uma fada afrocentrada. É só quando me belisca de leve que me toco que isto pode ser de verdade mesmo.

Taré dá um gritinho.

— Brincadeira! Pedi para meu pessoal perguntar à sua agente. Tudo bem, anjo? Você pareceu ir para outro lugar enquanto eu cantava. Acontece, mas sempre fico curiosa para saber para onde as pessoas vão. Sou só a piloto. Sei mais ou menos para

onde quero conduzir a pessoa, mas não sei ao certo se ela vai chegar ao destino em si, sabe? Não sei o que habita aí dentro. É como se meu escritório fosse na praia, e talvez você seja do tipo que gosta de fazer trilha às cinco da manhã?

— Ah, não. Com certeza não.

Dou uma risada, e o gesto me força a relaxar de imediato. A bizarrice desbloqueia certa liberdade; como eu *poderia* estragar algo assim? Além do mais, já entrevistei vários artistas ao longo do tempo. Dou conta disto. E daí se eu já transei ouvindo a voz dela?

Eu me remexo no assento, inclinando-me à frente.

— Então, você já foi a um encontro bem ruim e precisou escapar daquela realidade, e aí precisou acessar um lugar feliz dentro da mente? Tipo, para sobreviver? Esta experiência foi o oposto disso. Eu me senti tão *presente*, e eu me senti aberta. Eu não estava escapando para dentro de mim, eu estava… descobrindo e redescobrindo coisas que eu sabia e não sabia ao mesmo tempo. Lembranças. Questionamentos que tenho. Sentimentos. Foi… foi a coisa mais linda de que já participei. Sério. Tipo, já fui a shows ao vivo que foram maravilhosos, e ainda não sei ao certo o que está rolando aqui, mas foi… *é* algo surreal. Suas músicas novas são lindas. Ainda acho que isso tudo é meio que um sonho, e não sei se é uma espécie de experimento artístico imersivo em que todo mundo acaba sendo uma plateia individual, mas… obrigada. Pareceu algo sagrado.

Os olhos de Taré brilham, e ela sorri.

— Para onde você vai em sua mente? Quando tem um encontro ruim e sente que tem que escapar?

— Ah! — Dou de ombros. — Para uma viagem romântica de duas semanas com Skepta.

Taré solta uma risada estrondosa, então dá um gole na bebida estranha, gesticulando a mão com joias.

— Uma viagem romântica de duas semanas com Skepta é superestimada.

Solto um som surpreso com a franqueza dela e comprimo bem os lábios com gloss. Imaginei que ela fosse ser assim — divertida e esperta, meu tipo de mulher — por causa do jeito que lidava com os sanguessugas da imprensa quando tentavam enfiá-la em uma caixa ou jogá-la contra outros artistas. Ela roubava o microfone e, já que estavam querendo fofocas, perguntava com quem *eles* estavam transando. Celebridades têm o costume de decepcionar, o brilho deles vai se apagando à

medida que se aproximam demais, e a autenticidade acaba cedendo à pressão, mas Taré parece divertida de verdade, real mesmo.

— Mentira — argumento com ousadia. — Não acredito.

Taré hesita por um instante, cruza as pernas, e por um segundo acho que passei dos limites, forcei demais uma intimidade que não existe. Talvez Taré seja uma daquelas estrelas que só gosta de provocações que ela controla, alguém acessível contanto que suas regras sejam seguidas, mas então ela abre um sorrisinho, seus olhos reluzem malícia. Percebo que o drinque dela tem um cheiro bem forte — o *que* é aquilo?

— É, menina, estou mentindo. Foi divino. Aquele homem devia ensinar ioga, porque fez com que eu me abrisse de jeitos que nem imaginei ser possível. Fiquei flexível que nem a Britney nos anos 2000.

Minha risada escapa, irrestrita.

— *Ops!… I did it again*?

Taré dá um gritinho.

— E de novo e de novo. Eu precisava contar a alguém que fiz uma viagem romântica de duas semanas com Skepta, juro.

Concordo com a cabeça, o rosto sério em compreensão.

— Um direito constitucional, na verdade. Destrinchado nas leis dos Contatinhos Clandestinos. Boca fechada não entra mosca e tal, mas também não entra homens que a deusa criou quando estava de bom humor. Depois que tomou um café gelado, completou todas as tarefas a tempo e resolveu criar uma coisinha para as meninas. Um mimo.

Taré dá uma gargalhada feliz, um som rouco e delicioso, que combina com sua voz angelical de canto. É alta, obscena e muito charmosa.

— Uau. Eu sabia que gostaria de você. Escuto o *Batida* o tempo todo, então imaginei que fosse gostar, mas não dá só para supor que as pessoas vão ser maneiras só por *parecerem* maneiras, sabe? Mas você é maneira.

Ela ecoa minha apreensão como se não fosse nada antes de dar outro gole na bebida com cor de meleca.

Encorajada pela curiosidade, digo:

— Muito obrigada. Considerando que eu sou maneira e tal, posso perguntar o que está bebendo?

Taré sorri.

— Ah, é uma Margarita de Matcha Melhorada. Antioxidantes com um toque extra! Prova só.

Ela enfia a bebida em minha cara, e não tenho escolha a não ser dar um gole. Logo sinto ânsia de vômito. É poroso, amargo e fica grudando na garganta. Não é para álcool vir com *pedaços*. Prolonga o processo de consumi-lo e ninguém quer ter tempo de pensar muito no que está engolindo, do contrário desiste. Uma filosofia que poderia ser aplicada a outras coisas.

Com os olhos marejados, dou uma tossida, engulo saliva e devolvo o copo.

— Hummm! — Uma tosse errante me escapa, e dou um gole em minha bebida para aliviar a garganta. — Tem um toque extra mesmo!

Ela parece satisfeita, erguendo os ombros em júbilo.

— Incrível. Estou fazendo parceria com uma empresa de tequila como embaixadora da marca deles, então estou testando umas receitas novas para uma série de vídeos promocionais.

Meu sorriso segue intacto, e aceno a cabeça em concordância com essa ideia horrorosa.

— Ah. Nesse caso, por que não escolhe algo acessível? Margarita de matcha pode ser algo de que as pessoas gostam com… o tempo. Talvez queira algo que seja apaixonante de cara. Tipo sua música! Algo doce, sedutor, obscuro e indulgente como sua voz. Qual sua fruta favorita?

Taré inclina a cabeça, observando-me com atenção.

— Cereja.

— Perfeito. Faz margarita de cereja com o nome de Twist da Taré. Ou La Souza Vita!

Ela começa a sorrir de leve enquanto concorda com a cabeça, seus olhos ficam mais vívidos e disponíveis, algo mais intenso.

— Nossa, que interessante — comenta, devagar. — Você odiou o drinque pra um caralho.

Abro a boca para negar, mas nada sai, e percebo que não quero mentir. Não acho que ela esteja tentando me pegar no pulo, mas também não vejo vantagem em omitir a verdade. Faço uma careta, então.

— Ai, sim. Achei repugnante. Para mim o gosto parece… saído dos Pântanos de Hackney. Ou a água da banheira de um antivacina hollywoodiano. Desculpa.

Se Aminah estivesse aqui me censuraria horrores por não conseguir "dar uma

fingidinha", mas, para ser sincera, contar a verdade foi a melhor coisa. Deixar o povo beber aquilo talvez destruísse a marca dela… e o estômago deles também. Estou fazendo um trabalho humanitário aqui.

Taré dá de ombros.

— Não se desculpe. Como falou, é algo que se demora a gostar, e, além do mais, não tem campanha nenhuma. É meu drinque de preferência mesmo. Eu gosto do toque extra. Só acho fascinante você não ter mentido. Tipo, você disse *alguma coisa*, mas não falou que gostou. E quando percebeu que sua opinião podia valer de algo, sugeriu algo que achou melhor, de um jeito sutil pra caralho, aliás, sem me fazer querer dar na sua cara.

O que está acontecendo? Não sei dizer se estou estragando as coisas ou arrasando. O que é *isto*, afinal? Taré me convidou para o evento do nada, e sou a única pessoa aqui. Eu me pergunto por um instante se estou sendo recrutada para fazer parte dos Illuminati. Embora eu ache mesmo que ser bem-sucedida — ou ao menos estar empregada — seja um pré-requisito para a seleção deles. E por que ainda sinto grudado no fundo da garganta o gosto de mijo de sapo da bebida dela?

— Desculpa… qual era o nome da bebida mesmo?

— Margarita de Matcha Melhorada — informa ela com a voz leve, como se eu perguntasse a cor do céu.

Concordo com a cabeça enquanto uma lembrança esquecida começa a me fazer reconhecer o gosto.

— Sei. E o que é a melhoria? Tem um, hã, um sabor característico…

Taré se vira para a assistente, que não largou o celular desde que parou perto da porta.

— Ei, Celestial. O que é que dá o sabor característico? — A artista se vira para mim e explica. — Celestial fez curso de mixologista. Passo um humor a ela, e ela inventa uma bebida. Esta é uma das criações dela, aliás. É a única pessoa que permito que faça meus drinques. Minha experiência nesta indústria me fez desconfiar de muita gente. Além disso, sou metade nigeriana, metade brasileira, então sou muito supersticiosa. Muitas pessoas nessa vida são recalcadas.

Ela olha para a bartender pessoal quando ela responde em um tom gélido:

— O sabor vem do THC.

Concordo com a cabeça, forçando-me a manter a compostura.

— Saquei, saquei. E no caso THC é o mesmo que CBD? — Coço o pescoço. —

Só para esclarecer?

— Não, não. THC. Gosto de desestressar depois das performances. Entrar em outro plano.

— Saquei. *Saquei*.

Ainda estou assentindo? Acho que sim. Digo à mente para parar, e acho que consegui porque minhas argolas param de se mexer.

Taré está horrorizada de verdade, colocando a mão na boca.

— Caralho! É um dose bem pequenininha, minúscula. Tipo um tiquinho de nada. Eu devia ter falado, né?

Dou de ombros com casualidade.

— De preferência.

— Claro… Ah, cara, que horror. Desculpa mesmo. Estou tão acostumada à bebida que esqueci…

— Quer saber? Tudo bem! Eu precisava dar uma relaxada de qualquer forma. Enfim, voltando a…

Chamo a atenção dela para esta noite, percebendo que logo, logo nós duas vamos perder a noção de para onde a conversa deveria rumar.

Taré bate uma mão na outra.

— Isso!

Estou notando que a artista é como uma fadinha peculiar, sua mente perspicaz e brilhante é fugaz e gira a uma velocidade impressionante, em uma magia que não é cruel nem angelical — só *é*, de acordo com os caprichos dos próprios desejos.

— É provável que queira saber o que está rolando. Como falei, sou fã de seu trabalho já faz um tempo. Como você se conecta com a música, a visão e a emoção humana. Sua compreensão, sua curiosidade. É nítido que você escuta com o corpo todo. A música não é só um momento para você, é uma experiência. É uma história pessoal. Você vai fundo. Faz um mapeamento até os sentimentos, até a evolução artística. Você é tipo… uma arqueóloga musical fodona, algo sobrenatural.

Ela movimenta bem as mãos enquanto fala, conduzindo uma orquestra com as seções que formam minha autoestima.

— Hum, obrigada…

Fico toda aquecida por dentro, e a tensão que nem senti em meu corpo vai sendo liberada, parte dele se distendendo. Embora talvez isto seja efeito da bebida dos infernos, também é a sensação de ser vista, de saber que o que fiz com o *Batida* não

foi em vão. Tudo me fez chegar até aqui, para conversar com alguém cujo ofício artístico me inspira.

Taré balança a cabeça e dá um gole na bebida nojenta.

— Hum-hum, *eu* que agradeço. Sabe, você viu coisas em meu trabalho que nem eu conseguia articular. — Ela se recosta no assento e balança a cabeça, jogando o braço no encosto da poltrona e cruzando as pernas. — E eu sou meio narcisista, então fico muito absorta no trabalho. Quando soube que você não estava mais fazendo o podcast, me informei um pouquinho. Perguntei à SoundSugar sobre você. Falei para meu pessoal falar com o pessoal deles dizendo que queria trabalhar com você. Talvez participar do podcast. Sabe o que aqueles putos disseram?

A apreensão deixa minha língua dormente, então nego com a cabeça.

Taré abre um sorrisão.

— Eles disseram que era "difícil" trabalhar com você.

Meu coração vai parar no pé com a confirmação de que meu palpite estava certo. A SoundSugar está me boicotando. Por isso todos os meus contatos dão em nada, por isso estou tendo dificuldade de me reerguer. Eles estão tomando a frente da narrativa sobre o que fizeram, tentando me tirar de cena. E tentaram prejudicar minha oportunidade de trabalhar com uma de minhas artistas dos sonhos.

— E no mesmo e-mail — continua Taré, contorcendo o rosto em nojo —, eles me ofereceram a chance de participar do novo podcast deles com Kitty St. James. "É uma vibe parecida", disseram. Fui dar uma olhada. "Uma vibe parecida" como as lojas de fast fashion produzem uma cópia barata de um desfile de moda de um dia para o outro, tudo sem o molho do designer. Não veste bem. Dá para ver os fiapos na costura. A cor desbotada. Fica destinado ao aterro da mediocridade dos nepobabies.

Engulo a raiva, sentindo a coisa ficar emperrada na garganta.

— Sei.

Taré inclina a cabeça, os olhos ansiosos.

— Ei. Era isso o que eu queria ouvir, Kiki. Quando as pessoas erradas dizem que você é difícil é porque está fazendo algo certo. Vai por mim. Foi tudo o que eu precisava ouvir para saber o que tinha rolado. Eles tentaram desmembrar você e vender os pedaços, né? Tentaram extrair sua essência sem *você* ali?

De maneira humilhante, lágrimas queimam em meus olhos, lágrimas que vim contendo porque não tive tempo de pensar, *de verdade*, no que havia acontecido. Só

continuei em movimento, buscando outros trabalhos, pegando turnos no restaurante, transando com o ex… *maldito* ex… e ajudando Aminah com o casamento. Não tive tempo de recuperar o fôlego. Agora sinto a coisa toda no peito, a dor, a fúria, o senso de possessividade.

Balanço a cabeça.

— Desculpa. Não sei por que estou…

Taré segura e aperta minha mão.

— Tudo bem. Eu sei por quê. Olha, eles estão se sentindo ameaçados por você. Tentaram fazer a mesma coisa comigo porque eu estava de saco cheio de ser silenciada. Tentei seguir as regras deles por um tempo, falei a mim mesma que só precisava chegar a uma determinada fase e aí recuperaria o poder, mas não funciona assim. Porque essa "fase" só foi parecendo mais e mais distante. Acordei um dia e mal reconheci a mim ou à música que fazia. Estava farta de sentir que estava negociando minha alma, sabe? Por isso entrei em um hiato.

Assinto com uma mistura de surpresa, gratidão e possível efeito da droga batalhando em minha mente.

— Agradeço muito. Isso me faz sentir menos… bagunçada, acho? Compreendida. E, sério, isso é tudo incrível, mas…

— Para que estamos aqui? A gente está chegando lá. — Taré volta a se recostar na cadeira e abre um sorriso travesso. — Fala o que achou das músicas novas, Kiki. São versões iniciais, para ser sincera.

Engulo em seco, a cabeça ainda a toda, tentando acompanhar o raciocínio. A bizarrice da situação foi intensificada de tal maneira que ironicamente facilita eu conseguir responder no automático.

— Bem, as primeiras músicas foram lindas, e dava para perceber as influências, mas acho que essa é a questão. Estão bem perto de algo transcendental, só que ainda dá para *perceber* as influências. Elas se encaixam na sua proposta normal, mas tem algo entranhado nas músicas que está lutando para sair. Acho que depende de até onde você quer ir, o quanto quer experimentar. Mas a última música? Perfeita. De outro mundo. Todas juntas… são uma tapeçaria épica. Uma história. Não sei se pensou no que fazer para o projeto visual, mas pensei em… não afrofuturismo em si, mas um… taréfuturismo. Casa todos os lugares em que você esteve com todos aqueles para os quais quer ir, tudo o que você vai ser… — Paro por um segundo, percebendo que comecei a dizer à Taré como fazer o próprio trabalho. — Ah… são

só ideias gerais. Não espero…

— Para com isso. — Taré me observa o tempo todo com os olhos estreitados em uma análise focada, e agora assente para si mesma, com o sorriso se ampliando. — Não duvide de si mesma. Acho que tem algo dentro de *você* lutando para sair. Eu consigo ver. Olha, estou em uma nova fase da vida, Kiki. Encerrei o contrato com a gravadora e estou quase terminando de montar uma nova equipe. Escrevi um álbum novo, mas ainda estou refinando ele, descobrindo a história que vou contar. — Ela gesticula como se conjurasse a realidade do ar, e seus olhos dançam como se enxergassem tudo. — É um álbum visual. Um documentário com o álbum, junto aos videoclipes. Quero que o documentário seja o roteiro definitivo desse trabalho. Não vou dar entrevistas nem ficar explicando nada. Vai ser isso. Não uma reinvenção, mas uma reintrodução. Daqui a quatro meses, quero fazer um show relâmpago intimista que vai fazer as vezes de clipe para o single principal. Vai ser uma mistura só de profissionais e amantes da música. Quero que pareça real, autêntico. O projeto todo vai ser lançado no meu site e as pessoas que me apoiam vão precisar pagar para ter acesso.

Tento, sem sucesso, conter a animação me atravessando.

— Taré, parece… incrível. A intencionalidade por trás de tudo rompe com o movimento atual da indústria… É maravilhoso.

Taré abre um sorriso surpreso e bem-humorado.

— Bem, que bom que acha isso. Porque quero que você seja a produtora criativa do documentário e do show.

Esse foi com certeza o momento erradíssimo para eu dar outro gole no drinque porque me engasgo tanto que tenho que bater no próprio peito.

— Desculpa, eu… Quê?

Taré se remexe no assento, os olhos brilham com determinação.

— Minha intuição está apontando para você, e estou tentando me atentar mais a ela hoje em dia. Acho que preciso de seu olhar, da sua escuta e do seu sentir. Quero que tome a frente da produção, que me entreviste enquanto embarco no processo criativo até o lançamento e me ajude a desbravar minha… jornada de ressurreição musical. Vai ser a principal promoção do álbum. Não vou dar entrevista nenhuma. Não vou participar de nenhum podcast. Vai ser isso, e acho que você é a pessoa perfeita. Também acho que dá conta de criar um show mágico. Além disso, você trabalha com a verdade. Preciso disso a meu redor.

"Vai ser um risco… não vou mentir. Não sei como vai ser recebido, e é quase de todo autofinanciado. Tudo independente. Vai ser intenso… É pouco tempo, mas acho que tem que ser agora. Seu pagamento vai ser o máximo dentro das minhas possibilidades, mas vou ser sincera e dizer que não vai ser o mesmo que ganharia se estivesse sendo paga por uma gravadora grande. É um trabalho de amor e fé. Além disso, você não poderia pegar outros trabalhos enquanto está no projeto. Tem que ser único. Preciso de sigilo total. Lógico que vamos conversar mais, envolver advogados, gerentes e agentes, mas por ora… o que acha?"

Nos olhos de Taré, não vejo bem desespero, mas algo pesado envolvendo o entusiasmo e a paixão.

Ela engole em seco, e seu sorriso oscila um pouco.

— Esse álbum me ajudou a me reencontrar. Eu sei que você *entende*. É isso que importa para mim. Não posso prometer nada, mas sei que é especial. Não vai mudar o mundo, mas pode mudar o mundo *de alguém*. Pode fazer a pessoa se sentir menos sozinha. Acho que é o que o *Batida* fazia também.

As palavras são tão pesadas que se assentam dentro de mim com um baque, agitando uma fome. Não me sinto assim desde que desenvolvi o *Batida*, e sim, a mulher diante de mim está um pouco chapada e é meio peculiar, mas algumas de minhas melhores amigas sempre ficam um pouco chapadas e são meio peculiares, e algo no brilho do olhar dela me reassegura. Vejo alguém como eu. Ancorada por uma visão e encorajada pela paixão.

Lembro da última vez que colaborei com alguém para criar algo especial; foi na faculdade, e sim, meio que me apaixonei pelo meu parceiro de trabalho, mas também me apaixonei pelo *processo*. A alquimia de visões, e ajustar e aperfeiçoar e mexer e moldar para transformar em algo belo. Foi um sentimento satisfatório de forma única, fazia com que eu me sentisse plena, como se eu dedicasse aquilo a todas as minhas partes feitas para criar. Um milhão de perguntas gira em minha mente, e não sei se é por causa da Margarita de Matcha Melhorada, mas estou tranquila com a ideia de não perguntar tudo de uma vez. Minhas mãos formigam, e sinto um frio na barriga, tipo quando se está à beira de algo que você sente que vai impactar sua vida para sempre. É um *trabalho*. Um dos sonhos. Desvio o olhar do copo para o rosto cintilante e cheio de expectativa de Taré.

— Essa última música que tocou? É perfeita, mas você não falou o nome. Como se chama?

Taré dá de ombros.

— Não faço ideia. É mais… *conceitual* do que literal. Amor perdido sendo reencontrado. Não só o amor por outra pessoa, mas o amor por si. Um renascimento de algo. É anseio, mas também algo triunfante. O anseio faz parte do processo. É difícil definir.

Faço uma pausa e deixo a lembrança da letra, da música e da atmosfera me envolver, cantarolando um pouco.

Taré abre um sorriso malicioso.

— Ah. Ela canta. Vamos de collab?

— Eu sou especialista em canto no chuveiro. Tenho uma ideia de nome. Que tal "Fênice"?

Taré inclina a cabeça, pensativa, estreitando os olhos que então começam a brilhar, o rosto todo se ilumina, e simples assim, acho que formamos uma equipe.

— Por favor me diz que está prestes a aceitar.

Sorrio, o entusiasmo da possibilidade vibrando junto ao THC em minhas veias, prestes a responder, quando Celestial aparece — literalmente — ao lado de Taré e sussurra no ouvido dela, que sorri e bate palmas.

— Maravilha. Pede para ele descer. — Taré se vira para mim, toda cúmplice. — Mandando a real, a pessoa que está prestes a ver é um rolo antigo meu. Bem, a gente teve um tempo delicioso antes de seguir os próprios caminhos. Nós resolvemos manter contato porque, de maneira chocante, gostei dele como pessoa. Não mantenho contato com homem hétero a menos que seja absolutamente necessário, mas ele é maneiro. Sabe o quanto é difícil encontrar um cara que é doce e engraçado?

Solto uma risada sarcástica.

— Aham, e ainda estou me recuperando do último. Olha, hum, eu posso deixar você à vontade… Mando um e-mail para seu pessoal amanhã…

Taré gesticula, dispensando minha sugestão.

— Não, não, aí que está: eu o chamei aqui justamente porque quero que se conheçam. Ele ouviu as novas músicas, tem um bom olho, e estou pensando em colocá-lo na equipe, mas quero checar como a vibe vai bater primeiro. Se não gostar dele, podemos considerar outras opções. Talvez eu seja um tanto parcial por causa do charme todo do cara. Entre outras coisas.

Arqueio a sobrancelha, sacando tudo.

— Ah, é? Bom assim?

Ela dá um sorrisinho.

— Amiga. Estou falando bom estilo anos 1990. Olha, não sou mesquinha e respeito muito os limites profissionais — declara ela. Presumo que isso não inclua me fazer ingerir THC sem querer. E acho que Taré não tem um pessoal de Recursos Humanos. — Então nada mais pode acontecer, e não quero que aconteça. Não necessariamente. Somos melhores como colegas, mas se você quiser se servir…

Eu me recomponho, contendo um som incrédulo, porque uns minutos atrás eu estava sem trabalho e agora estou em uma posição absurda como produtora criativa de um projeto de uma artista que admiro enquanto ela joga em meu colo a oportunidade de pegar um contatinho dela. Deveria contar para minha mãe, assim ela pode repassar meu testemunho na igreja no domingo.

Eu me endireito no assento, conseguindo soar neutra.

— Hã, confio em seu gosto, mas estou tirando um ano sabático de homem. Nada me abala. Nem mesmo um Denzel de brinquinho de argola.

Taré solta uma risada rouca.

— Bom saber. Porque esse homem é um perigo.

Ela foca algo atrás de minha cabeça, e seu sorriso vira pura malícia.

— Ah, falando no diabo.

Apontando para o pingente em forma de cruz dourada no meu pescoço, respondo:

— Não esquenta, eu protejo você.

Eu me levanto com Taré e me viro, pronta para conduzir um exorcismo se preciso for, quando ela anuncia:

— Kiki, o diretor que eu queria que você conhecesse.

"Diretor." Ela nunca disse que era um diretor. Sei antes de saber. O pavor se espalha por meu sangue, e a coisa fica tão grossa que parece que para de circular por meu corpo enquanto meus olhos vislumbram a última pessoa que quero ver.

— … Malakai Korede.

CAPÍTULO 9
Fênice

Filme: Sem Título
Diretor:> Malakai Korede
Produtora: Kiki Banjo

Sem Título é louvável em sua tenra análise das fases iniciais do amor pelas lentes de um cineasta ambicioso e meticuloso. Korede, com um olho inquisitivo, trata o tema com gentileza, uma curiosidade que poderia cair no ceticismo se não estivesse equilibrada pelas perguntas elaboradas da produtora, Kiki Banjo. Intersticiais deslumbrantes retratam o romance no campus: o primeiro olhar, o primeiro corar, o primeiro beijo, o primeiro encontro e o programa de rádio de Banjo. A produtora e o diretor formam uma equipe espetacular, um vaivém desafiador, aprendendo juntos enquanto seguem o processo. Parece que estamos nos apaixonando com eles; e no fim há uma revelação preciosa que faz a atenção que dedicamos ao projeto valer ainda mais a pena. Embora este filme não tenha ganhado o prêmio final, queremos recomendá-lo de maneira excepcional; é bruto, vulnerável e demonstra uma verdade, e estamos entusiasmos para ver o que Korede — e também Banjo — farão daqui para a frente, separados ou em equipe.

Minha mão, enfraquecida por causa do fenômeno que é meu sangue parar de circular, escorrega no copo que seguro, o líquido entorna em minha pele que está queimando enquanto murmuro um incrédulo:

— *Kai?*

Ele fica sem reação ao me ver, tão espantado quanto eu, o sorriso sumindo do rosto como o queijo quente escorrega de uma pizza. Fico feliz em saber do novo superpoder que adquiri: a habilidade de fazer toda a alegria desaparecer de Malakai Korede. Ah, Deus — um pensamento horrível me vem à mente —, será que ele veio aqui achando que ia *pegar* a Taré? Fico tonta, preciso me sentar, mas seria esquisito agora, só a cereja bizarra no topo de um bolo enorme com sabor desta caralhada, então fico imóvel, tentando não agitar mais o coração.

— Ah, na verdade ele prefere "Malakai" — informa Taré com doçura e uma confiança íntima. Inflo as narinas de imediato. — Tentei chamá-lo de "Kai" uma

vez e ele ficou todo nervosinho, disse que odeia ser chamado assim. Artistas homens são os *mais* sensíveis. — Ela vai até Malakai, passa os braços em volta de seu pescoço, roçando a boca em sua bochecha antes de dar um toquezinho em seu nariz. — Não é, amore? Você é meio dramático.

Malakai a envolve com os braços em cumprimento de um jeito meio desanimado, o olhar ainda em mim.

Eu me pergunto o que aconteceria se eu vomitasse neste tapete marroquino neste instante? Parece bem caro. Taré descontaria a taxa de limpeza de meu pagamento? Será que sequer vou ter um pagamento? Porque não sei se vou mesmo pegar um projeto para trabalhar com meu ex-namorado que aparentemente fez sexo intenso (imagino que tenha sido intenso — a julgar pelos braços, Taré com certeza faz treino de força) com minha suposta futura chefe? Meu estômago se revira de forma perigosa, e sinto que estou tendo um suadouro interno.

— Ah, desculpa. Que vergonha. — Eu me viro para Malakai, que parece tão enjoado quanto eu ao afastar seus braços de Taré. Não sei se devo ficar grata ou enfurecida. — *Malakai*.

Meu sangue, que pelo jeito voltou a circular, parece estar recuperando o tempo perdido ao pulsar tão forte por mim que ouço a vibração nos ouvidos. Sinto que a pressão conseguiria expelir minha alma do corpo. Eu queria que ela se apressasse e acabasse logo com isso. Existe uma grande possibilidade de meu nariz começar a sangrar.

Malakai ainda me observa, visivelmente abalado.

— Kiki. Eu não sabia que você estaria aqui.

Contenho o "ah, mentira!" dentro da boca. Era para a gente se ignorar até o casamento, daqui a cinco meses, tempo o bastante para qualquer tensão residual se desfazer, para eu marcar várias sessões de terapia, e para minha bunda ficar bem maior e acentuar o arrependimento dele. O que eu disser agora pode salvar a pátria ou estragar tudo, eu sei, e é crucial que eu mantenha uma aparência de maturidade neutra, que tome a dianteira.

Pigarreio.

— Foi mal. Com certeza você estava esperando encontrar Taré a sós.

O olhar de Malakai vira uma lâmina que perfura o duplo sentido de minha frase sem dificuldade, e ele parece tão atormentado, tão incomodado, que por um instante sinto uma sensação triunfante sobrepor meu próprio incômodo. Aí lembro

que Malakai transou com essa mulher que já saiu na capa da *Vogue* Arábia.

— Espera aí. — Taré reveza o olhar entre nós, franzindo a testa de leve. — Vocês se conhecem?

— Da faculdade. — Deixo escapar. — A gente se conhece da faculdade.

Não vou pôr em risco algo que pode definir minha carreira ao deixar as coisas ainda mais caóticas. Malakai engole em seco, tenso, antes que o charme afetuoso tome seu rosto e ele lance um sorriso fácil para Taré, recuperando-se rápido, recompondo-se. Uma coisa que esse homem odeia é parecer desconcertado em público.

— Isso. Faculdade. Amigos de amigos. Somos conhecidos, na real.

Mordo a parte interna da bochecha para evitar revirar os olhos.

— Ah, sim, quase nem nos conhecemos.

Se ele quer jogar sujo, vou fazer a gente rolar no lixão.

Malakai ri, os olhos brilhando em "Olha só como a vida é cômica". Uma sensação repentina, intensa e sádica me atravessa. Peguei ele.

Malakai fala entredentes, a um fiapo de rangê-los:

— Embora eu lembre do pessoal comentar que você tinha uma quedinha por mim. Eu achava fofo.

Babaca. Ele quer chafurdar nos detritos. Meu rosto fica quente de raiva, e estou com a mão coçando para alcançar minha bebida esquecida. Quero jogar a coisa naquela cara insuportável de tão convencida dele. Malakai sabe bem o que fazer para me enfurecer e está aproveitando o momento. Seus olhos cintilam, cheios de si, provocando, testando para ver se o último resquício de civilidade se fragmenta.

Taré arfa, deliciada.

— Mentira!

— Na verdade, é mentira mesmo. — Balanço a cabeça, sorrindo com uma simpatia que espero que brilhe que nem lâmina de faca. — Você deve estar pensando em outra pessoa. — Eu o olho de cima a baixo. O que é um erro, sério, porque o que vejo só reforça a falácia das próximas palavras. — Você não faz meu tipo.

Malakai hesita, e algo momentâneo brilha em seus olhos, como a rebobinação particular do momento em que ele detinha meu orgasmo na mão. A testa dele treme, e Malakai ri de leve, todo modesto, colocando a mão no peito em um pedido de desculpas mais falso que bronzeamento artificial.

— Foi mal. Devo ter te confundido com alguém. Eram algumas.

Acho que esse homem está flertando com a morte.

Dou um gole no drinque e mastigo o pedaço de gelo que entra em minha boca, usando o ato para acalmar o sangue fervilhando e evitar dizer algo que complicaria a nós dois. Malakai abre mais o sorriso, interpretando meu gesto direitinho.

Taré, de algum jeito, está alheia ao fato de que está no meio de um campo de batalha enquanto bate uma das mãos na outra.

— Ai, amei! Um reencontro. Perfeito. Vamos nos sentar.

Malakai puxa uma poltrona de veludo azul-petróleo para perto de nós com o mesmo entusiasmo com que assistiria a um filme de Tyler Perry, e nós nos sentamos rígidos no triângulo mais desconfortável do universo. O esforço que ele faz para não me olhar deixa o ar mais denso. Taré corta a tensão aos rodopios.

— Então, Kiki, com certeza você já conhece o trabalho dele, mas preciso reforçar que Malakai é um diretor incrível, tem um olho *fascinante* para projetos visuais e uma excelente habilidade de construção de mundo. E, Malakai, quanto a Kiki, a voz dela, sua escuta e compreensão emocional e inteligência e imaginação… *Porra*, fico arrepiada só de pensar nas histórias que vocês podem me ajudar a contar, por isso eu quero que se conheçam e se familiarizem um com o outro. Para ver se podemos criar um trisal criativo, sabe?

Eu me pergunto por um instante se estou sendo punida. Afinal, que outra razão pode haver para eu estar passando por esta grande piada cósmica? Será que é porque falei para meu pai que estava frequentando outra igreja em vez da antiga que eles vão, quando na verdade eu só ouço uma playlist gospel aos domingos enquanto limpo os pincéis de maquiagem? Sei bem que Taré não teria como ter visto *Sem Título*, meu filme com Malakai, porque está na página sete dos resultados do Google e protegido com senha no YouTube, então isso só pode ser uma *intertensão* divina.

Esfrego o pescoço e concordo com a cabeça.

— Aham. Aham. Beleza. Beleza.

Celestial reaparece e coloca um Old-Fashioned na mão de Malakai, e ele logo vira o drinque, abafando com o copo o grunhido que dá em concordância. Observo o movimento de sua garganta ao engolir. Um pensamento rápido de lamber bem ali me ocorre. É óbvio que o choque da situação desconfigurou meu bom senso a tal ponto que meus impulsos estão bagunçados, então "lamber" está substituindo o

comando de “esganar”. Porém, chega a ser inconveniente o quanto ele está gostoso, com a camiseta branca, outra camisa de flanela verde-musgo por cima e uma calça chino afunilada bege. Esbelto, mas não mais tão magro quanto era quando éramos mais novos, a amplitude de seus músculos ocupa a poltrona minúscula em que está sentado. Estou o encarando demais, algo que só percebo quando a risada rouca de Taré me interrompe.

— Eu tenho que dizer, Malakai, você é o ponto vulnerável aqui. Kiki é quem quero mesmo, e se ela não gostar de você, já era, então se comporta, viu?

Ele afasta o copo do rosto e se recosta no assento.

— Qual é, Taré. Eu já fui de me comportar alguma vez?

Taré prende a respiração e contorce a boca, ativando o modo flerte.

— Tem certeza de quer que eu responda a isso na frente de uma convidada?

De repente me vem à mente que não tenho muitos itens valiosos para deixar como herança, e Aminah vai ficar bem puta por ter que pedir para uma das irmãs ser madrinha dela. Esses pensamentos me ocorrem porque tenho certeza de que morri depois de fazer algo tão asqueroso quando estava viva, pois, neste momento, estou em meu espaço exclusivamente designado no inferno. Não existe uma razão compreensível para eu estar sendo forçada a assistir a meu ex-namorado flertar com uma mulher linda, talentosa e deslumbrante, que talvez seja responsável pelo boleto da hipoteca de onde moro.

Em teoria, claro, não estou nem aí. Malakai pode fazer o que quiser. Não temos nada, e isso não é de minha conta. De maneira realista, porém, estou sentindo um surto de violência tomar conta de mim. Foco o olhar no sapato dele. Bem bonito. A edição especial de Nike Dunks com blocos de cores vibrantes no estilo anos 1990: rosa, verde e amarelo. Combina com Malakai. Quero colocar o calçado no forno e observá-lo derreter.

Taré abre um sorriso torto e ergue a sobrancelha com a resposta, então se vira para mim.

— Não falei, anjo? Ele só traz problema.

Solto uma risada frágil.

— Felizmente, esse problema não é meu.

Taré sorri.

— Gosto de você. Ele precisa de alguém para deixá-lo pianinho. — A mulher se vira para Malakai e pergunta: — Ela é o máximo, né?

— Tudo e mais um pouco.

Ele mal olha para mim, a voz brusca.

Celestial aparece de novo e sussurra no ouvido de Taré, que assente em resposta e se vira para nós dois.

— Beleza, vou ter que entrar em uma reunião de vinte minutinhos, as delícias de ser independente são que nem ninguém pode fazer nada por mim…

— Espera aí… Este aqui é seu escritório? — indago quando ela se levanta, o quimono esvoaçando atrás de seu corpo.

Taré dá de ombros.

— Bem. É uma possibilidade. Aluguei o espaço esta semana porque queria que fosse acessível para você. Perguntei à sua agente onde era mais fácil para você chegar. E funciona bem, porque tem um estúdio lá em cima. Alguém da música morava aqui antes. Se aceitar o trabalho, posso alugar por três meses, e aí vira nossa base. — Ela sorri enquanto assimilo a informação. — Mas sem pressão, viu! Volto em vinte minutos. Pensem bem. E se conheçam! Química importa! — complementa por cima do ombro.

Espero até ouvir o clique da porta que indica que ela e a assistente foram embora.

— Então, óbvio, esta situação é insustentável. Você tem que recusar — declaro. Malakai fica sem reação antes de cair na gargalhada. — Qual a graça?

— Você, Kiki. Sua arrogância é hilária. Mas respeito isso, na verdade. Se não for você por você, quem vai ser? Só que neste caso, não vou recusar nada. Por que você não recusa?

Eu me inclino à frente, inflamada pela futilidade da pergunta.

— Hum, porque eu *preciso* do trabalho. Não tenho mais o podcast, acabei de descobrir que a SoundSugar está me *boicotando* e meus pais vão vender o Sákárà, então, mesmo se eu quisesse largar tudo e só focar o negócio da família como se este fosse um filme fofinho de Natal, não posso! Além disso, como assim eu desistiria de meu sonho por causa de homem, porra?

Malakai fica imóvel, a expressão se torna séria.

— Seus pais vão vender o Sákárà? Merda. Eu… Cara, sinto muito.

Sentimentos demais vieram à tona e muitas verdades foram reveladas sem que eu refletisse direito. Considero a ideia de encerrar a conversa, mas o rosto de Malakai é atento, ansioso, sem sinal de petulância, e sei que o comportamento compreensivo nem foi a intenção dele. Eu me recosto no assento e engulo em seco, tirando uma

trança do rosto, abaixando os olhos até conseguir expelir depressa as palavras que envolvem meu coração.

— Está de boa. Faz uns anos que o negócio está fraco, e está ficando caro demais manter o lugar. Eles querem se mudar para Lagos. Os dois merecem descansar, e estou feliz por eles…

— Mas ainda é difícil.

Viro a cabeça na direção dele, e seu olhar é convicto. Malakai viu para além de meu roteiro — o que digo a mim mesma e aos outros —, declarando uma verdade da qual venho fugindo. Tentei extrair o sentimentalismo dos fatos, porque de que adianta? Mesmo se eu quisesse manter o Sákárà, como eu bancaria tudo? Como o administraria? De maneira lógica, entendo por que querem vender. Conseguiram o dinheiro de que precisavam, e há infinitas oportunidades para serviços de bufê em Lagos, uma cidade em que ninguém precisa de desculpa para fazer festa: aniversários, velórios, batizados, uma sexta-feira qualquer. Tudo é motivo para *jaiye* — ou nós levamos a vida ou a vida nos leva, e enquanto isso, que tal levar comida? Por que o que é a vida se não comida boa e desfrutar disso com pessoas com quem pode rir e dançar? Seria uma decisão prática de negócios na idade deles, mesmo se o movimento não viesse caindo.

Entendo, meus pais veem a mim e a Kayefi como seu verdadeiro legado, e depois do susto que tivemos com a doença da minha mãe anos antes, eles querem levar a vida de boa. Não precisam tentar ressuscitar um negócio decadente, e por que precisariam? Só que para mim o restaurante é mais que isso, é um conduíte para nossa sobrevivência; é um atestado da habilidade de meus pais de transformarem o nada em ouro. O jeito como o restaurante ficava cheio nos domingos depois da igreja, no dia do Eid, como era uma casa longe de casa para estudantes estrangeiros, como nosso povo se conectava com as próprias raízes por meio da sopa, as massas de acompanhamento e a versão afro-caribenha do Supermalt. Já houve várias transmissões barulhentas da Copa das Nações Africanas ali, e nos anos 1990 havia as *danças*. Uma pista de dança à moda antiga que funcionava mesmo enquanto o povo comia, uma banda ao vivo que tocava Palm Wine Highlife, música jùjú, covers antigos de Motown, ou gospel africano a depender da ocasião.

Aos 7 anos, eu ficava sentada no balcão e observava o romance se desenrolar: os flertes, o glamour fácil de mulheres com o cabelo alisado e os cachos modelados. Os lábios vermelhos se curvando; e sorrisos abertos, estalando a língua no céu da boca

em um prelúdio a um potencial beijo; o perfume marcante; as cinturas se curvando de um jeito tanto sexy quanto majestoso, todas cientes da própria sensualidade, mas tomando cuidando para não serem vulgares, porque, afinal, eram mulheres de oração, mulheres tementes a Deus. E os homens se encostavam no bar e jogavam charme, dizendo que estavam sendo assassinados por tamanha beleza, e de fato os sorrisos deles eram tão abertos que quase era uma ameaça à saúde mesmo. E havia brigas também, quando, por exemplo, o homem que alegava estar sendo trucidado pela elegância, na verdade, tinha uma esposa em casa. Se tivéssemos sorte, a mulher apareceria lá no restaurante para aplicar sentença da morte dele.

O Sákárà era um local de comunhão, e embora nosso povo esteja espalhado agora, ainda existe. Sei que sim. As pessoas que querem rir e dançar e comer ao mesmo tempo. Mas não faço ideia de como apresentar a ideia a meus pais sem parecer uma criança que não quer mudar de casa.

Para a declaração de Malakai, dou de ombros.

— Pois é.

Ele franze a testa, mas permanece em silêncio, então assente com cuidado.

— E, hã, ouvi falar do *Batida*, mas não sabia que estavam boicotando você. É foda. Era um trabalho bem bom.

Faço uma pausa, sem conseguir resistir a perguntar:

— Você ouvia?

— Só nas noites que não conseguia dormir sem ouvir o doce som de sua voz.

— Babaca.

Kai abre um sorriso seco.

— Acredite ou não, Kiki, eu não queria ouvir a um podcast que fazia leves referências a nosso término, mas li umas coisas a respeito. Sei que era incrível. É você. É o que você faz.

O rosto de Malakai está destituído de emoção, pronunciando palavras neutras sobre sentimentos abafados, mas seu olhar está em mim, e percebo uma luz ali tentando se libertar. Estou tentando lembrar por que fiquei irritada com ele, mas não consigo. Nunca me passou pela cabeça que Malakai teria sofrido com o término. Ele foi para os Estados Unidos viver os próprios sonhos, desimpedido. Fico presa ao olhar dele, e assim que vejo uma mudança, uma suavidade aparecer, a coisa toda é coberta.

Malakai desvia o olhar e dá um gole na bebida antes de dizer:

— Tudo bem, beleza. Então você precisa do trabalho. Eu também.

Eu me recomponho, tentando recuperar os resquícios adormecidos da raiva que sentia instantes antes e retruco:

— Por quê? Você não é o prodígio de Hollywood? O protegido de Matthew Knight? Você subiu de nível.

Malakai hesita, me analisando como se tentasse compreender se esta interação é segura, e vejo o olhar dele, ao que parece sem querer, se fixar em minha pele exposta. Por infelicidade, meu corpo reage sem dar a mínima para a precariedade da situação, o coração dispara, e a faixa de pele exposta entre a borda do vestido e o início da bota se arrepia. Cruzo as pernas, no momento em que Malakai, ao que parece tendo concluído que pode prosseguir, inclina-se à frente, com as pernas abertas e os cotovelos apoiados nas coxas, e fica olhando para dentro do copo. O movimento o faz se aproximar de mim, e seu aroma me acerta, junto ao calor. Ergo o queixo como se em desafio ao tesão residual (que decepção) que ainda sinto por ele.

— Sabe, o programa que ele fez, *Motown*, foi ideia minha. Eu que mostrei o projeto a ele. Desenvolvi tudo junto com ele.

Endireito a postura, sendo tomada pelo choque e a indignação.

— Quê? Eu não fazia ideia…

Malakai assente com um sorriso pesaroso.

— Pois é, e foi intencional. Mas Matthew me "deixou" dirigir alguns episódios.

Episódios a que, de fato, assisti. Quando vi o nome dele no anúncio da *Variety*, meu coração palpitou, e um sorrisão estúpido surgiu em meu rosto. Aí a expressão ficou dura, frígida, me partiu em dois. Foi um ano depois que terminamos, e eu tinha superado, jurava que tinha superado, e ainda assim ver aquilo me desestabilizou. Tentei dissociar, mas é difícil ignorar o sentimento de ver alguém que você amava conquistando aquilo que ambos queriam que se realizasse. Difícil não sentir uma espécie de alegria restrita, uma felicidade que queima porque era para estarmos juntos quando aquilo enfim acontecesse. Não era para estarmos vivendo aquilo separados, na surdina, sem poder gritar "Você conseguiu!" para alguém além das próprias lembranças.

Ainda assim, em segredo, à noite, debaixo da coberta, eu assisti no laptop, toda às escondidas, como se fosse um tipo esquisito de pornografia, como se eu estivesse guardando segredo de mim mesma. Os episódios dele tinham todos os elementos

característicos do estilo Kai. A direção era cheia de emoção, sensível, evocava sentimentos a partir de uma coisinha de nada: um gole de café, um suspiro focando em uma boca. Era lindo. O conceito geral do programa é bom também, direto, uma exploração profunda dos artistas de Motown, cada temporada focando uma era, expondo o close e o corre com um brilho um tanto romântico. É inteligente, mas o conceito sobrepõe o conteúdo — com frequência acaba entrando em um campo de paz e amor superficial. Embora eu tenha visto o crédito de direção de Malakai, não vi crédito de desenvolvimento nem de produção executiva.

Ele solta uma risada vazia.

— Matthew disse que me ajudaria a moldar tudo. A conduzir do jeito certo. Óbvio que ele pegou tudo para si. Apagou meu nome. Pegou minhas ideias de histórias e as deixou… *fracas*, sabe? Muito melosas, nadando em moralismo. Falou que eu não tinha a experiência necessária para transformar a coisa em algo incrível como poderia ser. Eu podia ter aberto um processo judicial, mas teria perdido e eu ia acabar ficando marcado por isso. Ninguém ia querer trabalhar comigo. Meu agente falou que era assim mesmo. Que eu aceitasse uma perda para ter ganhos maiores depois. E não dá para mentir, ainda estou esperando pelos ganhos. Além disso, você me conhece, Kiki…

Malakai coloca o copo no chão, então entrelaça as mãos. Sei que ele está falado de um jeito casual, sem gravidade, mas ao encará-lo, falando com uma determinação impiedosa no olhar, sei que é verdade. Há parte de mim que sempre vai conhecer parte dele.

— … não sou do tipo que faz corpo mole. Eu faria qualquer coisa se fosse para trabalhar em minhas coisas. E meio que acho que esse era o problema, sabe? Matthew sabia o quanto eu queria aquilo. Trabalhar para a produtora dele era para ser um grande acontecimento em minha vida. E, de muitas formas, foi. Abriu caminhos. Fez com que eu acessasse espaços nos quais nunca imaginei estar. Só que acho que ele está me prendendo. Matthew já me colocou em algumas salas como roteirista, e me leva junto para aquelas festas escrotas de Los Angeles, me apresenta como o pupilo dele, mas… parece tudo ilusão. Tipo algo esquisito que ele faz para se convencer de que não é um babaca solipsista. Faz um ano e meio que não tenho tempo de trabalhar em minhas ideias. Eu sou grato e sei que tenho sorte. Não estou reclamando, mas não dá para dizer que não conseguir trabalhar em minhas coisas não está me matando.

Malakai se recosta no assento com um suspiro, esticando a perna até quase encostar na minha. Um rompante estranho de alguma coisa que tem gosto de instinto de proteção me atravessa, quente e insolente. As ideias de Malakai são tão vivas, tão ponderadas, substanciais, multidimensionais, e odeio a ideia de alguém não só as roubando como as diluindo, acabando com a magia da coisa — a magia dele. Posso não gostar muito de Malakai, e as coisas talvez nunca deixem de ser tensas entre nós, mas sempre vou conseguir reconhecer o amor que tem pela própria arte. Isso nunca se esvaiu, mesmo que isso tenha acontecido com o amor dele por mim.

Malakai tosse, recompõe-se e endireita a postura.

— Então, não, Kiki, não posso recusar. Não contei a ninguém ainda, não de todo, mas você precisa saber que isto não é brincadeira para mim. O projeto da Taré é tipo um bote salva-vidas. Um jeito de eu ser criativo de verdade. De me reconectar a mim. De fazer meu nome circular. Matthew foi um bom ponto de partida, e não me arrependo, mas isto… parece especial. Taré é especial.

Minha pele se acende toda com a última frase, uma ardência profunda e afiada nas veias. É um fato verdadeiro que Taré é especial, mas fico me perguntando se ele está dizendo isso de forma objetiva ou se é porque ela é especial *para ele*. E se os dois têm algo especial, e nós dois tivemos algo especial, quão especial poderia ser nosso especial, na real? E minha tolerância para THC é baixa assim mesmo ou essa é uma pergunta legítima?

Engulo em seco.

— Sobre o que é?

Malakai pisca, sem entender.

— O quê?

— Sua ideia.

Malakai fica me olhando um tempo. Sempre consegui discernir quando havia uma ideia rondando a mente dele, esperando para ser libertada. Reconheço seu olhar agitado. Ele não pergunta como sei, apenas diz:

— Paternidade.

Concordo com a cabeça, limpando a garganta.

— Beleza. Então, nós dois precisamos do trabalho.

— É o que está parecendo. — Malakai faz uma pausa e inclina a cabeça. — Dentre as novas músicas, qual sua favorita?

— Não tem nome ainda, mas é a que fala de fogo.

Fecho os olhos e cantarolo por uns dois segundos. Quando os abro, Malakai está me olhando, e a intensidade nele me energiza com a concordância que vejo ali.

— É minha favorita também.

— É meio nebulosa.

— É absurda — afirma Malakai. — Tipo, é tanto suja quanto purificante.

— E a parte que entra tipo um funk groove?

— Cara, *sim*. — Malakai assobia baixinho. — *Pesado*.

— E ainda assim transporta a pessoa para um lugar suave.

Nós nos encaramos por alguns instantes. Concordo com a cabeça.

— Beleza. *Beleza*. — Esfrego as mãos nas coxas enquanto contemplo a realidade da situação. — Então, vai levar só uns três ou quatro meses. Seremos profissionais. Sem falar de nada pessoal. Trabalhamos juntos até o lançamento… e, acho, o casamento, e é isso.

— E tudo bem para você?

— Por que não estaria bem? — rebato, e Malakai ergue as sobrancelhas. Forço uma risada. — Ah. No caso porque você transou com nossa potencial chefe? — Reviro os olhos. — Por favor. Sou adulta, Malakai. Não vou deixar seu pau me impedir de ganhar dinheiro. — Faço uma pausa. — A menos que *você* não consiga lidar com me ver trabalhando no projeto. Por qualquer que seja o motivo. Neste caso, fique à vontade para meter o pé, ainda está em tempo.

— Eu consigo lidar com você, Kiki. Você sabe disso.

O olhar obscuro e cintilante dele me faz prender a respiração. Tenho que permanecer indiferente às habilidades de Malakai de molhar minha calcinha ou isso nunca vai dar certo.

Pigarreio.

— Óbvio que não podemos contar a Taré da gente.

— Bom, não, não mais. Ficaríamos com cara de tacho, mas por que você mentiu, afinal? Taré é maneira. Ela não daria a mínima.

Reviro os olhos. Os homens são tão devagar.

— Porque este trabalho é importante demais para eu correr o risco de ela ficar projetando o que quer que tenha rolado entre a gente em meu trabalho. Por bem ou por mal, quero que Taré confie de cara em meu trabalho, sem o contexto de eu ser ex de um cara com quem ela já teve um rolo. Tipo, nem é relevante. Só quero

conseguir manter o profissionalismo e não quero que nossa conexão afete isso. Não nossa conexão, nosso…

— Passado.

Que nunca mais se repetiria.

— Isso. Passado. Passado pré-histórico. Quase passado da época jurássica.

Malakai inclina a cabeça.

— Você está chapada? Fica piscando muito quando está chapada. Só vi uma vez, mas naquela vez você ficou piscando muito.

Levanto o queixo.

— Para a sua informação, dei um gole no chá de maconha de Taré sem querer.

Malakai está tentando sem sucesso conter o sorriso. Seus olhos cintilam.

— Você é muito fraca para isso. Quando a gente estava em Amsterdã, tive que convencer você que não tinha demônio nenhum subindo a sua garganta; era só uma tosse. Você escreveu "ore por mim" no aplicativo de notas do celular e enfiou o aparelho na minha cara.

— Bem, essa foi a Kiki que você conheceu. Esta Kiki aqui está tranquilona. Tem alguma coisa de comer aí? Tipo um salgadinho de cebola?

Em algum ponto nas profundezas de meu cérebro, estou ciente de que pedir um salgadinho que eu comia quando criança a Malakai provavelmente acaba com minha postura indiferente ao THC.

A boca dele treme.

— Não. Foi mal. — Malakai enfia a mão na mochila sofisticada e saca uma garrafa de água. — Toma isso, ó Kiki Brabona. É nova. Você não vai pegar sapinho. — Ele me observa, com os olhos brilhando, dar vários golões na água que de imediato me tranquiliza, equilibra minha mente. — Melhor?

— Eu não precisava melhorar, mas valeu — respondo e devolvo a garrafa.

O dedo mindinho e o anelar dele cobrem minha mão, e uma sensação de choque, quente, me faz encarar Malakai, que já está me observando, o olhar que nem brasa.

Puxo a mão para longe, mas já era. Ele sente, eu sinto, e é inegável que a energia entre nós vai sempre ser algo vivo, imune à raiva, à desilusão, brilhando de um jeito ostentoso. Um toque, e sou lembrada do prazer de estar à mercê de Malakai. De ele estar à mercê de mim. Só significa que tenho que me esforçar mais para lutar contra isso, porque é nítido que Malakai não me quer por inteira. Talvez nem consiga mais

querer. Sei disso. Tenho certeza… Hmm, o que era para eu saber mesmo?

Malakai abre a garrafa e bebe. A boca dele no ponto em que minha boca esteve parece algo íntimo, vulnerável. Parece obsceno.

— Então, como estamos, galera? — Malakai e eu nos sobressaltamos quando Taré volta, com um baseado na mão, e se senta na poltrona entre nós dois. — E aí, o que acham? Vai ser intenso. Muitas horas por dia. Uma coisa é eu querer vocês comigo nessa, outra coisa é vocês quererem. Preciso de comprometimento, todo mundo à disposição. Quero intimidade nesta equipe.

Malakai se volta para mim, e o olhar dele me atravessa de tal forma que sinto a coisa em meu âmago. Eu me pergunto como é o sistema de ventilação aqui no porão porque de repente fica difícil respirar.

Taré continua o discurso de mobilização:

— Então, se aceitarem, vão conhecer o resto da galera em breve, mas vocês dois serão os que mais vão trabalhar juntos. Quero que o filme seja sem firulas. Nu e cru. — Ela olha para nós com a seriedade de um chefe de Estado falando com a equipe de gabinete. — Estão prontos para isso?

Malakai e eu nos entreolhamos, e o brilho em seus olhos fica mais intenso por causa da luz que sei que aparece no meu. É um desafio. É absurdo, complicado e arriscado demais, mas também, talvez, seja essencial. Não vou deixar uma tensão irritante — sexual ou assassina — me impedir de ganhar dinheiro. Vamos ter que fazer isto funcionar pelo bem de nossas carreiras, e temos que conseguir separar o pessoal e o profissional para a fluidez do casamento de nossos melhores amigos.

Malakai dá de ombros.

— Estou pronto. — Ele inclina a cabeça para o lado, e vejo as referências dele: o sorriso Jodeci, o charme de Ginuwine, aquele toque da música "How Does It Feel" de D'Angelo. — Você está pronta?

A chama em seus olhos é que nem riscar um fósforo. Desta vez não vou queimar, desta vez não posso queimar.

Para provar isso, gesticulo para Taré me passar o baseado. Malakai ergue as sobrancelhas, e os cantinhos da boca se viram para baixo enquanto ele assente de leve, como se dissesse: "Ah, é? Assim que vai ser?".

Dou um trago no tubo estreito e aceso, embora eu seja bem (pouco) conhecida por não fumar depois do incidente em Amsterdã em que achei que precisava de um exorcismo.

— Sempre estive pronta.
Mantenho os olhos ardendo focando ele e engulo uma tosse violenta.

CAPÍTULO 10
Só se vive uma ou duas vezes

— *Corta*. Taré, você está ótima… Ei, Kiki, posso dar uma palavrinha rápida com você…

Malakai está franzindo a testa e observando o monitor, com as mãos na cintura e um fone de ouvido. A irritação por ser interrompida logo surge com a — e talvez, que Deus me ajude, por causa da — constatação de que ele está sendo uma distração de tão atraente. Malakai está mal-humorado, focado e exausto depois de várias horas filmando as sessões musicais de Taré e as entrevistas dela comigo. Tem algo bem doentio em alguém continuar bonito assim mesmo depois de tantas horas de trabalho.

Depois de duas semanas equilibrando *Fênice*, a energia cada vez mais frenética de Aminah e os turnos esporádicos no restaurante, foi preciso uma intervenção de cuidados com a pele conduzida pelo conselho estrito e caro de Shanti para eliminar as olheiras que fizeram morada em meu rosto. Por outro lado, Malakai parece desgrenhado de um jeito cativante, como se fosse o protagonista de um novo filme de ação de Ryan Coogler, suando um pouco por causa do calor dentro do estúdio, e sua camisa azul-marinho um tanto amassada exibe o bíceps definido que me dá vontade de morder. Maldito. Eu me agarro mais à irritação. É útil, apesar de ser meio sem sentido. Ajuda a manter os limites profissionais, a conter a fome voraz, enquanto me lembra que não há futuro nisso — que *não* quero um futuro nisso.

— Por quê? — Eu me recosto no sofá marrom baixo de couro do estúdio no sótão e olho feio para ele. — Eu estava imersa no momento. *A gente* — digo, gesticulando para Taré, que está sentada a meu lado tranquilamente bebendo uma xícara de água quente com limão — estava imersa no momento. Você não pode só estragar o ritmo de duas pessoas conversando assim…

Malakai aperta os lábios, sério.

— É, acontece, Kiki, que eu posso, sim, porque meu trabalho é esse…

— Bem, *meu* trabalho é garantir que a visão geral do projeto seja alcançada, e não acho que…

— Galera, tudo bem? — indaga Taré, distraída; em três segundos ela arranjou tempo de se dissociar da conversa, pegar o celular e começar a rolar a tela.

Malakai mantém o olhar no meu por alguns segundos, os olhos que nem pedra. Por infelicidade, desde que começamos a trabalhar juntos, descobri que certa telepatia residual sobreviveu ao fim de nossa relação. Acontece que mesmo depois de deixar de ser um casal, parte de você continua existindo como casal no subconsciente. Por isso, vejo no lampejo nos olhos e na contração da mandíbula forte que Malakai está me perguntando se quero mesmo discutir na frente de Taré. Como o "pagamento modesto" que Taré me ofereceu é o dobro do que ganhei trabalhando no *Batida*, engulo a ira e cedo aos caprichos tirânicos do diretor Malakai Korede.

Abro um sorriso para Taré.

— Claro. Tudo certo.

Aliso o tecido da minissaia de suede, levanto-me e atravesso o assoalho de madeira em Chevron até me aproximar de Malakai. Ele se afasta um pouco para abrir espaço para mim, e meu braço roça no dele, a estática de sua pele e os pelinhos finos fazem minha pele pegar fogo. Por sorte, Malakai está no modo Espinhoso Lee e não percebe.

— Está vendo aqui?

Estamos longe de Taré, mas ainda assim ele abaixa a voz enquanto aponta para meu rosto na tela do monitor. Engulo em seco e foco a imagem. Tem um vinco profundo entre minhas sobrancelhas recém-feitas, e meus lábios cobertos pelo gloss estão bem apertados, meus olhos, estreitados. Pareço puta da vida.

Dou de ombros e endireito a postura.

— Não sei do que está falando. Só vejo que minha nova rotina de skincare está funcionando. Estou radiante.

— Tá, Kiki, você é uma mulher linda… Não é essa a questão — retruca Malakai com brusquidão, e há um sobressalto em minha barriga. É um sentimento que está adormecido por tanto tempo que achei que tivesse sumido. Preocupante. A única coisa a fazer com esse calor ressuscitado é enterrá-lo de novo. — Conheço seu rosto. Você parece *irritada*, Kiki — sussurra ele. — O elo acolhedor e empático entre Taré

e nosso público não pode parecer irritado…

— Está tentando policiar o jeito como demonstro emoções?

Estou forçando demais a barra, sei disso, mas Malakai tem razão e isso me deixa com ódio. Então vale a tentativa.

Malakai fica imóvel, só me encarando.

— Até você sabe que essa resposta foi tosca.

Ergo o queixo e considero tentar de novo, mas estou sem energia e nem lembro direito pelo que estou brigando. De mau-humor, concordo com uma revirada de olhos.

— Tudo bem. *Tudo bem*. Entendi.

Cruzo os braços por cima da camiseta curta preta.

Malakai ergue as sobrancelhas e encosta as costas da mão em minha cabeça, o rosto fingindo preocupação.

— Está com febre? Porque não tem como Kiki Banjo estar me dando razão assim tão fácil.

Não nos tocamos — de propósito — desde a noite em que transamos, e a sensação me faz estremecer. De certo modo, vínhamos trabalhando bem juntos durante a fase de planejamento uma vez que "nós dois" era fácil de evitar. Éramos só dois colegas de trabalho focando o cronograma, a logística e a direção com pouquíssimo tempo para sofrências ou climões. Falamos sério quanto ao trabalho ser importante. Agora, porém, nossos corpos são forçados a confrontarem a presença um do outro de um jeito holístico, com Malakai tendo que literalmente olhar meu rosto em uma tela e julgar se estou fazendo um bom trabalho ou não. Na minha cabeça, eu estava preparada para a realidade da intimidade, mas, vivendo isso… Meu corpo está em alerta máximo, minhas células desorientadas, confusas pela proximidade delimitada de um homem que no passado me causava arrepios com um único olhar. Dá para usar "no passado" quando a última vez que estivemos juntos foi meros dois meses antes? Ou duas horas antes? Ou dois segundos antes? Ou agora mesmo, caralho, agora mesmo.

Inclino a cabeça para longe de sua mão e lhe dou um tapinha.

— Se estou com febre, é porque tenho alergia à sua supervisão controladora.

— Olha. — Malakai une as mãos em uma súplica gentil. — Só estou pedindo para você ouvir a resposta da pergunta sem parecer que quer esganar alguém.

Observo a gravação do meu rosto de novo. É inegável. Pareço espumar pela boca.

— Isso nem faz sentido. Por que a resposta de Taré à pergunta me deixaria com raiva?

— Me diz você.

O olhar que Malakai me lança é cortante o bastante para dilacerar meus tendões, abrindo rachaduras que fazem ouro líquido escorrer como se eu fosse uma peça de *kintsugi*. *Não, na real, me diz você*. Eu me resguardo para não me expor demais e esfrego a testa, como se eu conseguisse forçar as rachaduras a se fecharem e afugentarem o olhar penetrante dele.

— Quer saber? Só estou com a cabeça cheia hoje, estamos trabalhando há horas.

Malakai me analisa, e sinto o modo diretor oscilar de novo quando articula a pergunta que já li em sua expressão.

— No que está pensando?

— É pessoal. Não falamos de nada pessoal.

Estou muito vulnerável emocionalmente para firmar minha armadura da indiferença, e vejo Malakai se agarrar a algo que logo se esvai, rápido demais para eu identificar. Ele dá um passo à frente, seu calor roçando o meu arrepio antes de se assentar.

— Kiks… — Ele dá uma tossida, como se o apelido fizesse a garganta coçar. — Kiki. Estou perguntando como colega de trabalho. — Malakai lança um olhar para Taré, que ainda está entretida com o celular. — O que quer que esteja te incomodando me incomoda. Sei como você é no trabalho. Você é boa no que faz… e costuma ficar bem focada… mas hoje cedo assumiu o turno no restaurante e desde então está estranha. — A incisividade fácil e sedosa me faz estremecer.

— Está tudo bem. Estou bem. Só… Você tem razão. Não estou em meu melhor. Vou voltar ao normal.

Giro os ombros como se afastando a irritação, e vou na direção do sofá, porque os olhos de Malakai estão mais suaves, o brilho do profissionalismo está se apagando, e não posso entrar em areia movediça agora. Nem nunca.

— Ei, desculpa por isso — digo para Taré, que ergue os olhos da tela com um jeito preguiçoso.

Ela gesticula.

— Não, tudo bem. Vocês sabem o que fazem. Desculpa. Estou mandando mensagem para minha produtora sobre a segunda faixa… Tem algo faltando, não tem? O que é? Corda? É para ser disperso, não vazio… — murmura, antes de falar

em voz alta no microfone do celular, deixando uma mensagem: — DISPERSA, NÃO VAZIA? VIOLA? NÃO DAVIS. INSTRUMENTO, MAS NA VERDADE UMA APOSTA EMOCIONAL, SABE?

Aprendi bem rápido que a artista foi meticulosa para garantir que Malakai e eu tivéssemos tanta paixão pelo projeto quanto ela, porque Taré precisa de pessoas em quem confiar enquanto se perde no processo de criação. Ela não quer ter que ficar supervisionando as mínimas coisinhas nem pensando no que estamos fazendo. Até certo ponto, está muito envolvida no documentário, mas também busca conservar energia, por isso estabeleceu limites firmes, sabendo quando recuar e nos deixar a cargo do nosso próprio processo criativo.

Um grande senso de admiração abafa meu incômodo. Estou *aqui*. Sou parte deste momento. Tenho a oportunidade de ajudar a transformar isto em sua melhor versão. Eu me permito adentrar tal realidade. Taré montou o estúdio em uma réplica quase exata do cômodo em que a vi se apresentar, e percebo que é a personalização padrão dela: cor, acolhimento, paz, isolamento por entre a conexão. Há velas espalhadas por cada superfície disponível, e o ar tem um tom de âmbar e está impregnado com tuberosa e jasmim. Estamos sentadas diante da cabine de som e do painel de controle, locais em que vi Taré fazer magia nas últimas duas semanas. Absorvo o espaço, silencio o barulho em minha mente e foco Taré. Ela não usa maquiagem — por ter passado seis horas gravando —, mas sua pele brilha, ainda mais linda, no que notei ser seu uniforme de gravação: um pijama de seda.

Percebi que a peça funciona como um anel do humor, refletindo seu temperamento no dia. Hoje é rosa-bebê, então ela está relativamente calma, mas um tanto brincalhona, o que significa que posso ir mais fundo, insistir um pouco mais nas perguntas.

Malakai interpreta bem minha calmaria porque o ouço dizer "Ação".

Eu me recosto no sofá, dobrando as pernas debaixo do corpo.

— Então você quer que essa música, "Meninos perdidos", seja mais dispersa do que vazia, mas já tenho essa sensação. Parece um sonho turvo. É sensual, hedonista, e a gente se sente chapado quando escuta. De alguma forma separa a psique do corpo. No que estava pensando quando criou essa sensação na música?

Taré abre um sorriso malicioso.

— Ah, cara, eu estava pensando que *eu* estava chapada. Era assim que me sentia. Desconectada de quem eu era e de quem eu queria ser e de quem as pessoas

achavam que eu era.

Taré fala quase em uma cadência, as palavras atropelando umas às outras e de repente se retraindo: *DesconectadadequemeuERAe… de quem eu queria SER… edequemaspessoasachavam que eu era.*

É hipnotizante, e ela me atrai para sua aura ao mudar de posição para me encarar, de pernas cruzadas, como se estivéssemos em uma festa do pijama.

— Quando criei meu primeiro álbum, tudo veio, sobretudo, de uma sensação de *fome*, sabe? Eu queria lançar minha voz no mundo. Tinha coisas a dizer. Queria mostrar minha alma para todo o mundo porque não sabia se teria outra chance. Não tive medo porque não tinha nada a perder. E quando fez sucesso… Acontece uma coisa engraçada quando a gente realiza sonhos. Tipo, todos os medos que eu não tinha surgiram de uma só vez. E eu fiquei presa dentro da ansiedade. Comecei a pensar duas vezes no que os instintos representavam. Música é meu trabalho, quem eu sou, mas do nada havia muitas outras vozes: o público que gritava comigo do outro lado da tela dizendo para eu fazer isso e não aquilo. É um gesto de carinho, no geral, mas em algum momento não importa mais de quem está vindo. É só barulho.

"Também tinha todas aquelas outras pessoas a quem eu precisava responder para além de mim mesma… Porque tinha muita gente comprometida com esse sucesso, que em algum momento deixou de ter a ver comigo e passou a ter a ver só com eles. No quanto estavam *apostando* em mim. No quanto de lucro iam ter. E eu não queria parecer ingrata, porque sei que muita gente mataria por essa oportunidade, por isso falei para mim mesma para agradecer o barulho, e só… só aceitá-lo. E aí fiquei *morrendo de medo* de decepcionar as pessoas. E quando acabei debilitada…"

O olhar de Taré fica turvo ao relembrar o momento, aquela época, sem olhar para mim, olhando apenas para si mesma. Concordo com a cabeça, sem querer arrancá-la de onde está, mas querendo me aprofundar mais. Falo com gentileza.

— Parece que sentiu que estava se perdendo. E, pelas suas músicas, dá para perceber que você tem identidades diferentes lutando uma com a outra… Há momentos em que ajusta a voz: ora está sussurrando, ora faz um agudo diferente, e aí no fim parece que está quase assumindo o controle do caos. É gostoso, provocante. Você está seduzindo a canção. Traz um senso de triunfo, mas também é incompleto de propósito. Como se a situação estivesse boa por ora. Fosse a resposta por ora. E você estivesse abrandando a coisa, não a detendo.

Taré sorri e apoia o cotovelo nas costas do sofá, apoiando o queixo na mão.

— É bem isso. E foi assim que essa música se tornou uma reflexão de um período em que resolvi assumir o controle da falta de controle. Abraçar a inibição. Sexo. Drogas. Bebida. Fiz de tudo até eliminar todas as expectativas. Tudo era sobre a identidade. Não vou mentir, por um tempo foi bom. Eu não era *eu*, era só meus sentidos. E aí um dia comecei a cantarolar uma melodia, enquanto estava com a cabeça turva, e surgiu "Meninos perdidos".

"Então uns dois anos atrás estava em Los Angeles, passei um tempo trancada em um quarto de hotel com um cara fofo que parecia tão perdido quanto eu. Um artista também, que estava descobrindo o próprio caminho. Foi legal ter companhia sem ter que conversar. Não foi romântico no sentido tradicional da coisa, mas foi… especial. Tipo, um… acordo mútuo e implícito. A gente se conectou no sentido de… — Taré faz uma pausa e olha para o teto alto abobadado, buscando uma explicação — … precisar estar em qualquer outro lugar que não fosse naquele presente… E não quero ninguém ficando *animadinho*, o cara não foi meu muso inspirador nem nada assim, mas aquele momento só marcou um algo que eu vinha *sentindo*."

Não posso olhar para a câmera — é para as entrevistas parecerem orgânicas, afinal —, então não consigo ver a expressão de Malakai, mas a sinto. A coisa se finca em minha barriga que nem chumbo. Taré cantarola uma melodia para si mesma, de olhos fechados, balançando-se em contentamento, antes de me olhar, com os olhos brilhando.

— Pois é, acho que a música é sobre corpos desconectados se encontrando, se perdendo juntos. Não pode ser vazia. Iria contra o propósito. Não há salvação nela, mas há certo consolo… *Caralho*. — O celular de Taré vibra com uma mensagem. — Desculpa, minha amiga está me torrando a paciência para ir a uma festa que não estou nada a fim. Estou muito cansada… OI, QUERIDA, COMO ESTÁ A VIBE? NÃO QUERO IR A NADA QUE TENHA AQUELA MERDA DE MEMBROS EXCLUSIVOS HOJE — berra ela no celular, provavelmente mandando uma mensagem de voz.

Malakai manda cortar, e quando viro o rosto em sua direção, seus olhos estão um pouco embaçados, desorientados, como se tivesse sido transportado para algum lugar dentro de si mesmo. Tem algo errado, e começo a me importar demais antes de me conter. Quando percebe que estou olhando, parece voltar a si, abrindo um sorriso tão genuíno que faz um rompante de mel derretido me atravessar quando ele

diz sem emitir som: "Ficou perfeito", e não é para me deixar tão bem, tão satisfeita, mas deixa, e resolvo guardar segredo de mim mesma. Posso me esbaldar na sensação sem admitir a origem.

— Olha, isso pode soar meio aleatório… — A voz de Taré, ofegante com o que reconheço ser entusiasmo, me arranca de minhas ponderações mentais. — Vocês querem sair hoje? Acabei de saber de uma festa em um lugar com jardim onde *acho* que quero filmar parte de um vídeo… está na lista, Malakai… e é uma oportunidade ótima de conhecer lá. O que acham de uma social da equipe?

Malakai e eu nos entreolhamos de imediato, e ele coça a nuca enquanto a desculpa escapa de mim com facilidade.

— Hum, eu adoraria, mas tenho que acordar cedo amanhã porque minha melhor amiga, Aminah, quer que eu vá com ela e o noivo ver um salão para o casamento deles logo de manhã. A mãe dela insistiu em ir junto, e preciso comparecer para exercer o papel de encantadora de mães. E para evitar que Aminah diga algo de que vá se arrepender, afinal os pais dela vão pagar o espaço.

Taré franze a testa, confusa.

— Mas você também não vai ter um turno no restaurante amanhã de noite? Isso não é, meio que, muita coisa para fazer? Ficar de babá de mãe a manhã toda? Além disso, sei que também estou pedindo pra você trabalhar pra caramba. Quando vai descansar?

Minha pele formiga de um jeito desconfortável com uma articulação de um problema que vem se acumulando. Venho tentando calá-la — parece ilícita, errada —, mas a verdade é que Aminah está mais estressada nos últimos tempos, o que levou a um aumento de ligações tarde da noite, o que se torna uma questão quando Taré resolve que quer começar a gravar às seis para "capturar a essência antes que se dilua". Também estou tentando ajudar meus pais sempre que dá; ambos estão com quase 60 anos, e não tem motivo para estarem no restaurante quando moro lá e posso trabalhar no notebook ao mesmo tempo que gerencio três funcionários e os seis clientes que vão lá todo dia.

Dou de ombros e forço um sorriso.

— Está tudo bem. Estou bem.

A curiosidade surge nos olhos de Malakai de novo, e a coisa se finca em meus poros, acelera minha pulsação cardíaca.

Taré arqueia uma sobrancelha e volta a atenção a seu diretor, inclinando a cabeça

de um jeito provocante.

— E qual sua desculpa? Tem algum encontro hoje?

Há um momento de silêncio em que sinto uma queimação repentina no peito, e Malakai arregala os olhos de leve antes de soltar uma risada forçada, inclinando a cabeça e coçando a orelha.

— Hoje não. Há, só tenho que dar uma revisada nas filmagens do dia e amanhã de manhã vou encontrar uma pessoa.

Ou talvez ele tenha mesmo um encontro esta noite e a coisa de "encontrar uma pessoa" seja só outro jeito de dizer sexo matinal e um brunch carinhoso com a amante — meu Deus, ele tem uma amante? Por que estou falando "amante"? —, e não está a fim de revelar isso para as duas mulheres com quem já transou. O pensamento revira o sanduíche de prosciutto com rúcula que comi no almoço. Olho o horário no celular: nove da noite. Um encontro a esta hora é um provável precursor de sexo. Lógico que isto não é de minha conta. É só uma observação casual de alguém que nota as nuances da intimidade. É tudo parte de meu trabalho. Taré se levanta e fica entre mim e Malakai, jogando as mãos para o alto, como se tentando converter uma congregação cansada.

— *Afê!* Que porra é essa? Qual é, gente. Preciso de minha equipe energizada e relaxada. Sei que coloquei vocês para suarem. É sexta à noite, e vocês são o quê? *Cinco* anos mais novos que eu? Demos duro esta semana. Vivam um pouco. Não morremos ainda.

Vejo o corpo de Malakai se enrijecer com a última frase, uma sombra tomar seu rosto e formar um vinco em sua testa. A mesma coisa de antes, como se lutasse contra uma lembrança. Sinto algo frio me atravessar, e me pergunto no que ele está pensando e então reconheço. O pensamento me deixa com o corpo pesado. Eu o vejo adentrando aquele espaço mental em que já o vi, um lugar sombrio, e a última vez que aconteceu não consegui alcançá-lo. A última vez foi quando terminamos. Um senso de proteção feroz surge dentro de mim, e estou pronta para dizer à Taré que sairemos na sexta que vem, que Malakai tem razão — temos pouco tempo e um cronograma estrito — quando ele dá de ombros. A sombra se esvai no cantinho de sua boca.

— Quer saber? Você tem razão. Não morremos ainda. Eu topo.

O senso de proteção estúpido desaparece. Parece que Malakai quer um tempo a sós com Taré. Eles mantiveram uma distância profissional nas últimas semanas, mas

talvez seja o que querem que eu pense? E se Taré tiver me convidado a essa festa só como desculpa porque sabia que eu negaria? Até onde sei, os dois podem estar trocando mensagens (até nudes) fora do grupo de trabalho que temos, dando uma rapidinha quando vou fazer turno no restaurante, ficando juntos para fazer sexo selvagem no estúdio de gravação depois que saio …

Merda, e se eles transaram neste sofá? Mudo de posição no assento, abaixando as pernas que ainda estavam sob meu corpo. Ai, meu Deus, estou sentada no sofá no qual talvez haja a marca de uma bunda pelada — ou talvez duas, dependendo das posições — quando eles orquestram um prelúdio para uma *trepada*…

— Kiki? E você, o que me diz? — A voz de Malakai me arranca de pensamentos cada vez mais caóticos, e me sobressalto, percebendo-o olhando para mim com uma expressão surpreendentemente gentil. — Bora sair hoje?

Dou de ombros de forma tão serena e artificial que merecia ganhar um Prêmio Nobel da Paz pela exímia execução.

— Quer saber? Por que não?

E está indo tudo muito bem, só que acrescento serenidade demais à receita e acabo adicionando um pouco do frasco de loucura que me apoderou uns segundos antes e forço a barra demais. Em resultado, pronuncio algo que com certeza vai me assombrar pelo resto de meus dias:

— PARTIU!



— Kiki, posso dizer uma coisa?

Faz cinco minutos que Malakai e eu estamos sentados no banco traseiro de um carro sofisticado e alugado, ambos mexendo no celular, esperando Taré sair de casa. Sua voz é séria e grave o bastante para me informar que ele vai fazer gracinha. Suspiro, paro de buscar uma distração no celular, em qualquer coisa que tire minha mente do fato de que estou saindo para uma noitada com meu ex e a ex-peguete dele. E do fato de que fiquei tão perturbada com o pensamento de eles transando que tive um bug, e falei algo que um executivo branco de meia-idade diria em uma tentativa de parecer "moderno".

— Não.

— Bem, vou dizer mesmo assim. Não sou de fazer isso, mas só quero agradecer

você…

Reteso a mandíbula, cruzo as pernas e me viro para ele. Os olhos de Malakai brilham de júbilo. Por infelicidade, ver isso me faz sentir uma comichão dentro da boca, mas me recuso a sucumbir. Ele pisca bem devagar, com insincera sinceridade.

— … por me fazer ganhar a noite, de verdade. Não, meu dia todo. Não, caramba, minha vida toda. Kiki Banjo, você me proporcionou a alegria de uma vida por dizer a palavra "partiu" daquele jeito no ano de 2025 do Nosso Senhor.

Reviro os olhos.

— Isso diz bastante sobre sua vida, viu.

— Ah, minha vida é bem abençoada, mas eu não poderia ter antevisto tamanho presente…

— *Antevisto?* Ok.

— É assim que sei que Deus existe. Ei, amigo. — Ele tamborila o dedo na tela de segurança entre nós e o motorista. — Pode colocar na rádio gospel? Estou precisando demonstrar minha devoção.

Uma risadinha minúscula e nojenta me escapa. Sendo bem sincera, estou surpresa com o autocontrole de Malakai. Faz uma hora desde aquele maldito momento e tudo o que ele fez na hora foi me encarar em completo e total choque e incompreensão antes de retorcer a boca no que eu reconhecia ser um esforço hercúleo de conter o sorriso. Eu sabia que Malakai não deixaria passar. Só fico feliz por ter tido a decência de fazer isso quando estamos sozinhos. Ele teve que me esperar voltar para casa, me aprontar e voltar para a casa de Taré antes de aplicar minha punição, o que significa que teve tempo de marinar a coisa, ou seja, está pronto para se divertir a beça e fazer de minha vida um inferno. Malakai deixa o sorriso escapar, e é deslumbrante, maléfico, divertindo-se como nunca com minha gafe *vergonhosa*. Meu estômago se revira ao ver, como uma criatura bizarra, masoquista e fetichista.

— Não, sério, Kiks — murmura devagar, relaxando no assento, depois de garantir ao motorista que tudo bem continuar na rádio que está porque a música atual pode nos ajudar a entrar no clima para o fim de semana. — Você está, tipo… bem? Está ficando doente? Ou aquela partícula minúscula, *irrisória* de THC diluído que tomou semanas atrás alterou a qualidade de suas sinapses?

— Beleza. — Coloco o celular na bolsinha Telfar laranja. — Vou ser generosa hoje. Você tem direito a mais uma piadinha.

— Beleza, porque tenho mais uma pergunta. Você ficou enjoada na viagem para o trabalho hoje? Porque com certeza você viajou muito.

Mordo o lábio que está implorando para se curvar antes de assentir devagar, prevendo a gracinha, porque conheço o ritmo dele.

— Ah, está falando da minha viagem de 2011 para cá? Não foi tão ruim. Tive que passar na Soho House em 2016 e encontrar com Meghan Markle. Quando o *date* dela estava no banheiro, falei que o cara era bonitinho, mas não valia o estresse. Que ela devia escolher alguém tipo Trevor Noah. Inteligente. Engraçado. Gostoso. Sem conexões com uma antiquada estrutura de governo pautada no imperialismo.

Malakai se desmancha, a risada que escapa me ilumina, e o dia foi longo, então não tenho força para resistir. O som me envolve, e os sabores adormecidos de alegria florescem.

— Você não teria que conhecer Trevor Noah para isso funcionar?

— Bem, eu conheço. Ficamos amigos depois que ele me convidou para o *Daily Show* em 2015 para falar de minha nova invenção, o TikTok. Que eu criei em 2014.

Malakai assente, todo solene, a luz dançando no escuro de seus olhos. Meu corpo responde. Criaturinhas de asas bonitas que habitam partes de minha alma se agitam pelos espaços empoeirados e abandonados.

— Beleza, então você esteve lá como criança prodígio? Ou manteve sua idade atual enquanto viajava por diferentes dimensões?

Meus dedos formigam com uma vibração familiar de que senti saudade.

— Idade atual. Eu também fui me visitar. Falei que ficaria tudo bem, e que eu acabaria tendo peitos lindos com o tempo.

O sorriso que Malakai é mínimo, tão educado que chega a ser malicioso, os olhos brilhando com a piadinha que engole, mas não diz nada, respeitando os princípios básicos de nosso contrato de trabalho. Ficamos em silêncio, e, pela primeira vez desde que nos reencontramos, é confortável. Mordo o lábio inferior para conter ao sorriso persistente e olho pela janela com insulfilme para a rua escura, iluminada pelos postes de luz amarela. Começou a chover, e o sonzinho relaxa meus ossos. É isso: estou *relaxada* pela primeira vez em tanto tempo que nem lembro a última vez que me senti assim. Faz dezoito minutos que estamos esperando dentro do carro, apesar de Taré ter dito que "já saía". Treze minutos atrás, eu estava me coçando para sumir logo dali. Agora, por qualquer que seja o motivo, não estou com pressa, como

se o movimento fosse perturbar a paz delicada que sinto.

— Você mudaria alguma coisa? — A voz de Malakai surge no estático silencioso do carro.

Eu me viro para analisar seu rosto, e a expressão acolhedora ainda está ali, mas com uma curiosidade apreensiva junto.

— Como assim?

Ele dá de ombros.

— Tipo, se pudesse voltar no tempo de verdade, ter uma chance de recomeçar. Fazer as coisas diferentes. Faria?

O ar está crepitando com algo a mais além do som do rádio, a energia rodopia e fervilha, fazendo minhas mãos formigarem. A pergunta dele é tipo uma nuvem carregada, e estou com medo do que vai acontecer caso sucumba.

Penso por um segundo e respondo com cautela.

— Acho que não. Tudo me trouxe até aqui. Não estou insatisfeita com onde estou agora.

Malakai se vira e olha bem para a frente, para o nada, estreitando os olhos enquanto pensa por uns instantes antes de assentir.

— É. Nem eu. — Em um instante a chuva lá fora fica mais forte, e ele complementa: — Mas ainda acho que faria umas coisas diferentes. De um jeito melhor.

Algo se revira de forma violenta e dolorosa dentro de mim, dificultando minha respiração de repente, e uma sensação cortante martela em minha têmpora esquerda. *Por que ele diria isso? Por que ele disse isso? Por que ele tinha que dizer isso? O que ele está querendo dizer com isso?*

E sei que é meu ego, porque a vida de Malakai é expansiva, e pensando no todo sou só um borrão, um percalço na trajetória da vida dele, o que dói, mas é verdade. Ainda assim, não consigo evitar, de um jeito arrogante, egoísta, quero saber onde me encaixo nesse pensamento dele. Malakai se refere a não me beijar naquela festa da faculdade oito anos antes? Ele se refere a não ir embora daquele quarto de hotel três anos antes? Ele se refere a não transar comigo naquela noite depois da festa de noivado? Ou ele não se refere a nada disso, porque, de novo, sou um borrão, um percalço na trajetória da sua vida e nada disso importa?

Há algo frio descongelando entre nós dois, sinto isso, e estou me permitindo achar isso bom — é mais fácil que resistir —, mas o Não Dito ainda dificulta minha

respiração. Fica preso em minha garganta toda vez que tento. Faço a pergunta que tem estado grudada no céu de minha boca.

— Aquele cara de quem Taré falou. O muso que não é muso de "Meninos perdidos". Com quem ela ficou… no quarto de hotel. Era você, não era?

Malakai se vira para me olhar. O assento do meio entre nós dois tinha sumido, e só reparo agora, quando volta a aparecer para me lembrar que ainda existe um espaço ali, um que já foi abismo e que, talvez, sendo otimista, seja uma fenda neste momento, mas ainda existe. A sombra cobriu os olhos de Malakai, e entendo por que parece tão familiar, porque reconheço os contornos. Já a vi em meu reflexo antes, e talvez seja por isso que de início não quis ver. É difícil olhar no olho da própria dor. É a dor de um coração partido. Abro a boca, mas não consigo falar porque o Não Dito ainda é enorme. Quero muito chorar e não sei o motivo. Malakai também abre a boca, mas parece que o mesmo acontece com ele. Meu celular vibra — uma mensagem de voz de Taré.

— OI, MEUS AMORES, CERTO, ESCUTEM. DESCULPA. SOU UM CAOS. ESTAVA TROCANDO DE ROUPA E TIVE UMA IDEIA PARA UMA MÚSICA E COMECEI A TOCAR O VIOLÃO COMO QUEM NÃO QUER NADA E ACHO QUE VAI SAIR ALGO AQUI… CERTO, ESCUTEM SÓ… PERA AÍ… É BOM, NÉ? NÃO ESQUENTEM. FALA PRO MALAKAI QUE ESTOU COM MEU PORTÁTIL AQUI GRAVANDO TUDO. VAI DAR PARA TRABALHAR O SOM DEPOIS. ELE É TÃO DRAMÁTICO. BELEZA, ENTÃO VOCÊS VÃO LÁ E SE DIVIRTAM. SÓ PRECISAM DIZER A SENHA NA PORTA. ENCONTRO VOCÊS LÁ EM UMA HORINHA MAIS OU MENOS. BELEZA, AMO VOCÊS. TCHAUZINHO. NÃO FAÇAM NADA QUE EU NÃO TERIA FEITO TRÊS ANOS ATRÁS… AH, MERDA, FOI MAL. A SENHA É "TEMPESTADE DE AREIA".

Coloco a mensagem para Malakai ouvir e a sombra nos olhos dele é engolida por uma luz que reaparece quando ele ri e passa a mão no rosto.

— Uau. A gente ficou aqui um tempão para nada.

Como uma covarde, aceito a mudança de assunto com fervor em vez de ficar refletindo sobre o que foi interrompido.

— Mas a música parece bem foda.

— Parece mesmo. — Ele pigarreia. — Então, a gente ainda vai e tal? Tudo bem por você?

Dou de ombros.
— Estamos aqui, e o presente é agora. Bora.
Malakai sorri.
— Gostei. Estamos aqui, e o presente é agora. Bora.

CAPÍTULO 11
Tempestade de areia, no aqui e *agora*

Malakai abaixa a janela do carro e diz a senha no microfone chiado. Os portões pretos ornamentados se abrem e revelam uma imagem colossal de vidro e tijolos. A luz cor de mel é filtrada pelas placas de vidro enquanto a percussão de amapiano martela tão alto que o som penetra o vidro insulfilme grosso do sedan. Pelas placas de seis metros vejo tetos altos e formas de vidro irregulares penduradas ali, criando uma auréola cintilante ao redor da casa. Com certeza os lustres custaram o mesmo que o PIB de uma ilhota. Preciso tirar foto e mandar para Chioma, quero consultar a expertise dela como designer de interiores para ver se consigo detalhes de o quanto este lugar deve ser antiético, só de onda.

O carro desliza pela estrada bem asfaltada, ladeada por refletores de piso, criando um caminho enluarado para nós. A placa no pilar no portão informou que o nome da mansão é "Casa de Alkebulan", o que considero um nome intrigante para uma casa em Hampstead Heath que parece ser propriedade de um bilionário da tecnologia em um filme de mistério.

— Manga — diz Malakai em meio ao silêncio, me fazendo sentir um quentinho.

Mantivemos uma conversa tão fácil nos vinte minutos no caminho até ali que comecei a ficar inquieta. Meus ossos se encaixavam na trama sedosa de nossas palavras, entranhando-se umas nas outras mesmo em meio à picuinha verbal. Digo a mim mesma que isto é bom, não é uma reabertura do que fomos, e sim a manutenção de um novo ambiente de trabalho saudável. Somos colegas cordiais, só isso, profissionais conectados por uma chefe peculiar. Podemos sair juntos, sozinhos, sem ficar esquisito, porque somos adultos. A não ser quando Malakai começa a proferir palavras aleatórias como se a esquisitice potencial da situação estivesse o levando a uma pane no sistema.

— Que foi? Está com fome?

Estamos chegando ao que parece ser uma fileira de Mercedes formando um V, no vórtice em que fica a casa. Pessoas muito lindas estão saindo de outros veículos, trajando peças exclusivas de designers, e já sei que quando eu sair do carro, o ar vai ter cheiro do arroto de Francis Kurkdjian.

— Bem, estou com fome, sim, mas, não, "manga" é nosso código. Se um de nós quiser meter o pé, falamos isso.

Malakai se vira para mim conforme o carro desacelera até parar, os olhos nebulosos, e sinto as estrelas nascerem nos meus em resposta; ele está me convidando para ser cúmplice. Seu olhar é escuro e iluminado e porta todas as cores, possibilidades infinitas, e vejo que está investido nisto, de todo, estamos aqui, e o presente é *agora*, e de repente sei que esta noite vai ser um capítulo à parte. O que quer que aconteça aqui fica aqui. Partiu: e esse é o lema, querido, manga.

Sorrio.

— Tudo bem.

Estamos à soleira das portas duplas amplas, as paredes com revestimento de cal e os pisos de madeira chiques vibram com o som de um set sublime de um DJ que casa Kaytranada com afrobeat. A linha do baixo faz algo se desprender dentro de mim. Tiro o sobretudo pelos ombros acompanhando o ritmo. O brilho satisfeito nos olhos de Malakai sintoniza com o gesto que faz para pegar meu casaco. A peça desliza de meu corpo como a casca de uma banana-da-terra madura demais e Malakai me admira descendo os olhos pela curva justa de meu vestido midi de tule laranja, transparente o suficiente para insinuar a sombra de uma calcinha e sutiã pretos. Fico me sentindo o máximo, dos pés à cabeça, tanto que, se me arranhassem, escorreria ouro de mim. Estou me sentindo bem, estou confiante de minha aparência e Malakai está me encarando como se eu estivesse nos pensamentos de Deus quando Ele disse que tudo o que criou era bom.

Malakai abre um sorriso pequeno, balança a cabeça, murmura:

— É um perigo você sair assim na rua.

E, de bochechas quentes, respondo:

— Avisa pra geral ter cuidado, então.

E tudo bem. Tudo certo confrontar o animal que está aqui, olhá-lo nos olhos e domá-lo. Somos adultos. Já transamos. Foi muito bom e acabou mal. Não vamos fazer de novo. *Profissionalismo*. Nada pessoal.

Malakai solta uma gargalhada que se espalha como um tapete vermelho por onde

meu bom senso desfila — Deus, o que está acontecendo? Nem sequer estou bêbada. Ele pega meu casaco, entra na chapelaria à esquerda da porta, um cômodo em que provavelmente caberia meu apê inteiro. Duas pessoas trajando preto estão diante de várias fileiras de cabides, entregando os comprovantes para buscar as peças depois. Malakai se aproxima deles, ao mesmo tempo que alguém com uma bandeja me oferece o que diz ser "rum e outras drogas". Pego duas bebidas e olho para meu acompanhante, que tirou a jaqueta bomber, e bebo. Embriagada por dois motivos. Tonta por dois motivos.

Algo mudou dentro daquele carro. Algo aconteceu quando rimos juntos.

Malakai não precisou trocar de roupa porque a vida é muito fácil para homens, sobretudo homens com braços que são tão firmes que nos distraem das coisas. Ele está todo de preto, e lhe cai bem: camisa preta, calça Dickies de algodão preta justa. A única coisa que atribui um pouco de cor é o pingente de cruz — ouro pesado — e os olhos, mais brilhantes e mais claros que no carro. Percebo que Malakai tem carregado algo denso dentro de si, mas agora parece ter se despido de parte do peso emocional, parte da exaustão ausente em seu rosto. Do que ele vem fugindo?

Fiquei um pouco escondida, e Malakai precisa procurar por entre um mar de gente se mexendo até me encontrar, e quando o faz seus olhos reluzem. Eu o vejo se concentrar para abafar a reação à medida que se aproxima de mim. É inexplicável, porque o Não Dito segue ali, o não debatido ameaça sufocar, mas nossas palavras vêm tropeçando e caindo umas por cima das outras desde a casa de Taré; encontrando morada nos espacinhos entre as frases um do outro. É quase como se, meio que, tipo, estivéssemos virando amigos de novo. Não sei dizer se isso seria ruim. Só preciso ficar atenta. Colegas. Profissionais. Mantendo um ambiente saudável para o casamento de nossos melhores amigos.

— Então, acha que a casa é de quem? — questiona ele quando entrego a bebida.

Voltamos a atenção ao "corredor" (rodovia) amplo tomado por celebridades da diáspora preta, indo das mais famosas às subcelebridades. Um gigante do afrobeat, uma estrela do afropop, uma estrela de *grime* que Aminah adoraria ver, um muso inspirador para Ryan Coogler e uma diva do *dancehall* são alguns entre a constelação espalhada por entre o grupo de elite. Estão salpicados pela grande escadaria curva iluminada por luzes LED camufladas, como se os degraus levassem ao céu ou a uma festa dentro da festa. Habitantes do mundo da fama continuam chegando ao espaço aberto, vindos de ao menos três áreas de estar diferentes.

Adentram um jardim com um pátio elaborado que, de onde estou, parece se dividir em dois andares.

— Talvez um magnata nigeriano jovem. Que tem sotaque de escola internacional, algo entre uma patricinha californiana e nobreza inglesa — respondo enquanto caminhamos por entre a galera.

Passamos por uma cozinha vívida, reluzindo em mármore branco com uma ilha que poderia fazer as vezes de palco, cheia de hors d'oeuvres. Noto um fogão moderno que meu olho de filha de chefs indica como valendo umas dezesseis mil libras fácil e que nunca foi usado no dia a dia.

— Nada disso. Se a pessoa fosse nigeriana, a gente já a teria visto de alguma forma. Ela teria anunciado a própria presença.

Dou uma risada enquanto andamos pelo enorme "espaço de estar/entretenimento" — sei disso por causa dos anos maratonando reality shows sobre propriedades de luxo. Poderia ser também o interior de um clube de luxo, sem problema algum. Tem uma cabine atrás da qual um dos DJs de afrobeat mais badalados conduz o ritmo, assim como um bar completão e sofás felpudos na cor creme que, para mim, são o maior indicativo do patrimônio líquido que compõe esta noite. É o tipo de ambiente que no passado me fez querer sumir dentro de mim mesma, sem saber onde me encaixo, como vim parar aqui, e, neste instante, começo a sentir a comichão que entrega isso.

Olho para Malakai, e sua postura está um tanto mais rígida, mas, quando me olha, relaxa um pouco.

— O que acha de uma Alcoolimpíada?

A Alcoolimpíada foi criada nas festas da casa de campo de Ty Baptiste: uma série de desafios e competições sem sentido com nenhum incentivo além do direito de se gabar de ser vitorioso, cuja punição era sempre tomar um shot. Sinto o entusiasmo me atravessar, quente o bastante para meu nervosismo dar uma recuada enquanto observo o pessoal.

— Vamos competir para ver quem descobre o proprietário da casa por meio de… conversas bobas com os outros convidados — sugiro. — Tipo, *em teoria* conta como trabalho considerando que *em teoria* estamos fazendo uma visita técnica. Em algum momento visitaremos o jardim.

Malakai sorri.

— Quem perder tem que dizer "PARTIU" bem alto para o vencedor do

Grammy mais próximo.

Minha risada escapa em um rompante brusco.

— Caralho, você é perverso. Beleza. De boa. Melhor não parar perto de Rihanna. Vai ser uma vergonha. Para você, no caso. Eu vou amar cada segundo.

— Por quê? Ela vai se apaixonar por mim, e minha mera presença seria uma ameaça para um lar feliz. Sei lá, acho que eu daria um ótimo padrasto. Sempre quis filhos… você sabe disso…

Fico estática, e menos de um segundo depois, as palavras que falou se solidificam na mente de Malakai, porque ele fica rígido e nossa paz precária é abalada, o Não Dito tomando conta. Sim, sei bem que Malakai sempre quis filhos, porque em certo ponto aceitamos como fato categórico de que teríamos tais filhos juntos. Conversamos sobre nomes (Sisqo foi vetado por mim, Knowles, por ele). Falamos de quando nos casaríamos, não "se". Malakai disse que queria fazer a jornada ao altar ao som de "Int'l Players Anthem" e quando destaquei que homens não tinham uma caminhada para o altar, ele respondeu que não sabia que eu era alguém que se adequava a papéis tradicionais de gênero.

"O que vem depois? Vai cozinhar para mim toda noite? Fazer minha marmita de almoço? Bem-vinda ao século XXI, Kiki", dissera ele, revirando os olhos, todo engraçadinho.

Cacete.

O desconforto já dá sinais em meu estômago, ou, na verdade, se eu for sincera, é uma dor mais profunda que nostalgia que se aloja ali, o que já seria bem ruim, mas não, isso tem um toque de anseio. Já fomos bons juntos. Muito bons. Malakai e eu talvez tenhamos voado perto demais do sol, mas resolvo pegar um bronze em vez de queimar de vez a camaradagem que cultivamos.

Abro um sorriso descontraído para apaziguar tudo.

— Então temos dez minutos para o desafio — comento, e Malakai parece aliviado. — Não podemos perguntar direto… Tem que surgir na conversa com naturalidade.

Ele concorda com a cabeça.

— Nos encontramos no bar. — Ele saca o celular do bolso. — Marca aí no timer…

— Oi. Desculpa… Você é Kiki Banjo?

Eu me viro quando me tocam de leve no ombro e vejo uma mulher linda, um

pouco mais velha que eu, com cabelo curto rente ao couro cabeludo e maçãs do rosto angulares.

— Hum. — Lanço um olhar para Malakai, que, por algum motivo, parece encantado. — Sou.

A mulher sorri e estende a mão.

— Eu sou Soraya Sackey, uma executiva na Produtora Akassa. Faz tempo que quero conhecer você, na verdade. Sinto falta de seu podcast! Vi sua postagem fofa de despedida nas redes sociais. Preciso dizer que fiquei surpresa ao ver que não teria mais uma temporada, mas com certeza foi por bom motivo. O que está fazendo agora?

— Ah, muito prazer! Eu conheço a Akassa. Sou fã do trabalho de vocês. Acho que fazem uma preservação cultural e artística linda demais. Hum. Na verdade, estou produzindo um projeto sobre o qual não posso falar muito. É para uma musicista. Estou meio que ajudando na direção criativa. É. É isso que estou fazendo agora.

Por que não consigo falar como uma pessoa que já interagiu com seres humanos? Soraya Sackey estreita os olhos, confusa, o que é compreensível porque mal sei o que estou dizendo, nervosa por não ter mais o *Batida* como a identidade por trás da qual consigo me esconder, como um atalho para o sucesso, para a legitimidade.

Soraya assente devagar.

— Ah, entendi… Então é isso que vai fazer a longo prazo? Produção criativa? Qual seu foco?

Meu *foco*? Que pergunta ótima. Qual é meu foco? Por que não consigo focar meu foco? Não acredito que estou passando essa vergonha na frente de uma mulher com um delineado geométrico impecável. Quero morrer. Estou um tanto ciente que produzir algo do qual não posso falar soa bastante como uma invenção. Minhas axilas formigam, e é provável que eu esteja prestes a dizer algo que vai deixar as coisas ainda piores quando a voz encorpada de Malakai sobressai com facilidade, surpreendendo-me.

— Sabe como tem gente que bebe e começa a se gabar? O problema de Kiki é o contrário. — Ele toca meu cotovelo de leve e me estabiliza, livra-me do nervosismo; estou aqui, e o presente é *agora*. — Ela toma uma e esquece de que é a braba.

Malakai me olha com tanto afeto que sinto minhas convicções chamuscarem. As novas crenças que estabeleci sobre "não se deve chegar tão perto", e "você pode

fantasiar de leve sobre aquela coisa que ele faz com a língua, mas as fantasias não podem se apoiar em nenhum quentinho no peito" vão se fragmentando.

Malakai prossegue com fervor:

— Na realidade, Kiki é produtora cultural, trabalha com arte que se centra na verdade e no ofício… É meio doido vê-la trabalhar, sendo sincero. Ela é quase que uma encantadora de artistas e uma cirurgiã ao mesmo tempo. O jeito que conecta a pessoa com a própria arte e a faz extrair umas… umas complexidades sobre música e cultura, sabe? Não conheço ninguém que faça o que Kiki faz. Chegou a ouvir a retrospectiva dela lincando artistas como Summer Walker e Jazmin Sullivan aos artistas de blues sulistas na década de 1930? Loucura.

Eu o observo falar, esperando pela piada, a pegadinha, porque embora eu saiba que Malakai era meu fã número um enquanto estávamos juntos, a lembrança ou talvez a mágoa mitigou tal verdade porque facilitava compreender o término. Precisei esquecer disso para superar, precisei acreditar que embora ele não fosse uma má pessoa em si, ele não era *certo* para mim. Ainda assim cá estou, lembrando que Malakai espalhava a palavra sobre meu talento como ninguém. O que ele diz é em tom sério, significativo o bastante para ser reconfortante e acabar com quaisquer dúvidas que eu poderia ter tido.

A expressão perplexa de Soraya some, e ela dá uma gargalhada geniosa.

— Ah, não ouvi, não, mas vou checar. Parece interessante.

Eu me percebo voltando para o próprio corpo e gracejo:

— Bem, acho que é meio que vital saber que um pilantra não se restringe a nossa geração, sabe? E, ainda assim, resistiremos.

Soraya sorri.

— Você está fazendo um trabalho acadêmico importante. Então vocês… estão nessa juntos? — indaga a mulher, lançando um olhar curioso a Malakai, em uma evidente tentativa de identificar nossa ligação.

Somos duas, amiga.

— Isso, às vezes. Mas eu só aponto a câmera e gravo. Kiki meio que atribui gravidade à minha direção…

— Bem, verdade… Estou pronta para soltar o verbo agora — declaro, e Soraya ri. — A direção de Malakai é linda pra caramba, e é bem divertido eu entrar na onda e extrair algo de belo da coisa… É um ótimo prisma trabalhar lá dentro como uma contadora de histórias, e muito do que faço é destrinchado pela direção dele. É

muito perceptivo, emocionante mesmo, ele encontra magia no mundano, o sagrado em nossa cultura. O projeto em que estamos trabalhando, na verdade, sai ainda este ano… Assinamos um contrato de confidencialidade, mas é o tipo de imersão cultural ao qual estamos acostumados. É contação de história e registro ao mesmo tempo. Adoraríamos mandar para você quando sair… se tiver interesse?

— Eu ia amar. — Soraya dá um gole na taça de champanhe, os olhos brilhando. — Sabe, é esquisito. Sempre encontro quem eu queria conhecer quando M dá uma festa.

Malakai e eu nos entreolhamos, então ele se vira para a mulher e murmura:

— Hum.

Um som com tamanha profundidade que uma risada indiscreta fica presa em minha garganta.

Concordo com a cabeça.

— Verdade, acho que é o que M faz, sabe: *conecta* as pessoas.

É audacioso, mas funciona, porque os olhos de Soraya brilham ainda mais.

— Exato! Não sei como ela faz, mas ela *impacta* a arte.

— Que loucura… Acabei de falar isso para Kiki. Eu considero M uma Impactadora das Artes. Não falei isso agorinha, Kiks?

Ele se vira para mim, os olhos vívidos e brincalhões, e preciso dar tudo de mim para não me escangalhar rindo.

— Hum. Falou mesmo.

Malakai se volta a Soraya, perguntando enquanto dá um gole na bebida:

— Você a conhece há quanto tempo? A M, no caso…

Soraya fica pensativa.

— Ah, vamos ver, teve a festa de aniversário de Edward Enninful… e aí a estreia da iniciativa de cuidados dentais de Diana Ross, o "Canal da Diana"…

— Ah, nossa. Ela é mesmo uma titã da… indústria — comento, desesperada pelo chá-revelação de qual indústria em si, porque nunquinha que a palavra "PARTIU" vai ser pronunciada quando estou a um metro de distância de um rapper bem famoso com quem já tive sonhos eróticos e que era meu passe-livre quando eu estava com Malakai.

— Todas as indústrias, na real — comenta Soraya de maneira inútil, e Malakai abre um sorriso triunfante com minha tentativa frustrada de investigação. — Sabem, ela estava conversando com Kendrick em uma festa dessas, e falou alguma

coisa tipo "Existe uma noção intrínseca de música em nossa comunidade. É indescritível. Dá para saber quando alguém é igual a gente, e quando *eles não são como a gente*", e anos depois, olha só… Não estou dizendo que ela merece crédito pela música "Not Like Us". Só estou *dizendo* que nós nos encontrarmos aqui me parece uma boa. Ela inspira a arte.

Malakai e eu ficamos tão imóveis que sinto os tremores das moléculas hiperativas dentro dele se sacudindo depressa, animado com a revelação de que a pessoa dando a festa influenciou uma *treta de rap*. Não sei como ele vai metabolizar a informação. Talvez desmaie que nem uma donzela vitoriana em um livro de romance. Olho para ele e vejo o esforço que está sendo necessário para fingir que a frase que acabamos de ouvir não dizimou por completo a postura maneira e indiferente dele.

— Enfim — comenta Soraya com alegria, sem perceber o estrago que acabou de causar —, foi um prazer conhecer vocês. Passem seu contatos, e vamos nos falando.

Fazemos isso, e Malakai consegue esperar até ela se afastar antes de soltar um:

— Ela estava falando de Lamar, não é? No caso, Kendrick Lamar? Porra, talvez isto requeira uma missão conjunta. Precisamos descobrir juntos quem está dando a festa, Scotch. Sério.

Uma bandeja cheia de espetos de carne de suya passa por ali e pego dois, entregando um a ele. Começamos a andar por entre a multidão inebriante de pessoas reluzentes e bem-sucedidas que em teoria me deixam nervosa, mas não ligo mais. Estou aqui, e o presente é *agora*.

— Precisamos de sustância, porque acho que talvez nossa vida mude hoje. Quando descobrirmos quem é M, no caso — comento enquanto saímos para o terraço.

Espirais de fumaça de cigarro se embrenham com as de maconha e uma mistura de aromas tão densa que daria para se engasgar, mas estou respirando com facilidade no que parece ser a primeira vez em um tempo. O ar frio da noite atravessa o tule do vestido, mas é refrescante, porque me sinto quente por dentro, fervilhando como se minhas células estivessem saltando em busca de aproveitar o máximo possível da noite.

Malakai concorda com a cabeça.

— Acho que M provavelmente sabe onde D'Angelo está e conseguiria convencê-lo a fazer outro álbum.

— Acho que M sabe o que aconteceu no elevador entre Solange, Jay-Z e

Beyoncé.

— Com certeza ela sabe o nome da mulher de calcinha que inspirou a maestria de Sisqo.

— Quer saber? Talvez M não seja sobre o destino, e sim a jornada.

Malakai ri, e o som me preenche de tal forma que nem preciso mais comer, e talvez seja por isso que, quando mordo o espeto, nada mude. Malakai, entretanto, não parece nada impressionado.

— Que coisa insossa. O papai Banjo coloca no chinelo.

Dou uma risadinha debochada enquanto me acomodo no banco de concreto que imagino ter sido desenhado por um arquiteto muitíssimo aclamado, e que é muitíssimo desconfortável.

— Lembra de quando meu pai colocou yaji bem picante na suya da primeira vez que você foi lá ao restaurante? Ele queria testar sua tolerância. Falou que qualquer homem que quisesse "cortejar" a filha dele tinha que aguentar a pressão intensa sem suar. "Ora, se ele não aguenta uma pimentinha, o que aguenta?"

— Te falar. Achei que fosse morrer. Ele ficou me fazendo perguntas sem parar enquanto minha cara pegava fogo.

— Tinha uma veia saltando de sua testa.

— Tive que me transformar na dor. Sabe quando Simba viu Mufasa no céu? Pois é, acho que vi meu avô.

Gargalho, os olhos já marejando, e Malakai assente, todo sério, os olhos brilhando, ao se sentar a meu lado.

— O avô que morreu antes de eu nascer. O espírito dele me falou para seguir firme, à medida que a pimenta me engasgava. Ele disse que era tudo em nome de minha futura esposa e que era só um desafio de masculinidade que eu tinha que superar. Homem tinha que aguentar. Eu estava ali para impressionar o pai da minha mina… nada me deteria.

Minha risada vai morrendo, mas o sentimento esquisito que espero surgir não vem. É uma sensação boa reconhecer que o que tivemos foi *bom*. Meu celular vibra, e vejo duas coisas: uma mensagem de Taré informando que ela não vem mais e uma chamada perdida de Aminah. Ela me liga de novo, e fico olhando o nome na tela. Sei bem que a ligação deve ser para informar que mudou de ideia sobre as flores que quer usar ou um tipo diferente de peixe no cardápio de entrada ou que quer mudar o estilo de penteado para o casamento, e me retraio. Não quero estar à disposição

agora.

Malakai enrola o espeto de suya em um guardanapo e deixa de lado.

— Precisa atender?

— Não. Taré não vem mais, aliás. Então, hum, não precisa ficar se você não…

— Por que eu ia querer ir embora? — Ele lambe o tempero que ficou no dedo por causa do espeto. — Eu gosto de terminar o que começo. — Vejo ondas fervilhantes e febris entre nós. — A Missão de Encontrar M, no caso — complementa Malakai, lançando-me um olhar enquanto pigarreia. — Se consigo ingerir tempero de suya que estouraria a escala de Scoville na frente de seu pai sem morrer, descobrir a identidade de uma benfeitora cultural misteriosa é mamão com açúcar.

Solto uma risada forçada e tento conjurar depressa algo que me faça ter vergonha na cara.

— Bem, você com certeza ganhou o respeito do meu pai. E ele achou você hilário. Sabe, depois, quando ele ficou rindo tanto que lacrimejou? Achou engraçadíssimo você se recusar a beber água como se estivesse mesmo tentando provar alguma coisa.

Malakai ergue a sobrancelha, o rosto sério.

— Como assim? Eu estava, *sim*, tentando provar alguma coisa. Provar que eu era bom o bastante para você. Era coisa séria. — Ele esfrega o queixo, soltando uma risada brusca. — Cara, você não faz ideia do quanto eu queria que seu pai gostasse de mim. Foi muito importante para mim ele gostar. Um salve para meu avô que me ajudou a aguentar firme.

Abro um sorriso, pensativa.

— Sei que está brincando, mas… só para sua informação, meu pai não gostou de você só porque conseguiu aguentar uma quantidade letal de pimenta, Malakai. Foi porque ele viu como você agia comigo.

Malakai fica em silêncio por um tempo. Estica uma perna, então se inclina à frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. Ele se vira para mim, a cabeça abaixada, abrindo um sorriso pesaroso que falha e muito na intenção de manter o clima leve.

— Seu pai deve me odiar agora.

— Meu pai só te odiaria se eu odiasse você. — Paro de falar e olho ao redor, vendo uma pessoa que ganhou o Oscar se agarrando com uma pessoa que ganhou o Tony. É legal quando as pessoas se encontram. Viro-me para Malakai de novo, e a

única coisa que resta é a verdade. — Tenho raiva de você. Estou confusa com o que aconteceu, mas não odeio você. Caralho, eu nunca consegui odiar você. Pode acreditar… eu tentei.

Os olhos de Malakai brilham, e ele engole em seco, desviando o olhar antes de confirmar com a cabeça depressa, como se para afugentar qualquer sentimento meloso. Pouco depois, ele volta a falar, a voz grave, com uma risada leve e engasgada:

— Também tenho raiva de você. E você também me confunde.

— Eu acho que sou bem direta…

— Não, Kiki, você é tudo menos isso.

— Sério? Porque não acho complicado querer que alguém diga a verdade.

— Acho que é complicado dizer que ama alguém e não confiar que a pessoa nunca faria nada para machucar você.

— Ainda assim, você fez, então e aí?

O olhar de Malakai fica grudado no meu, retomando o impasse em que sempre acabamos, caindo em um ritmo característico e tropeçando no passado.

Solto um rompante forçado de riso.

— Que diferença faz, de todo jeito? Se eu odiei você ou não?

— Isso me tirou o sono.

— Você não precisa ser sarcástico.

— Não é sarcasmo, Kiki. — Malakai engole em seco e olha para a frente, como se tentando mascarar a emoção. Ele estala os dedos, e sua respiração parece ponderada. — Foi uma coisa estranha pra caralho. A ideia de você me odiar… Cara, fiquei me sentindo um merda, mas também, eu não conseguia lidar com a ideia de você *não* me odiar. Eu precisava acreditar que você me odiava para eu poder, sei lá, me *desprender* de nós.

Há uma discordância somática dentro de mim, algo entre o alívio maravilhoso de saber que Malakai nunca teria conseguido me odiar se ele não me queria o odiando, e o alívio mesquinho de pensar que dava no mesmo, considerando o jeito como me deixou. O pior de tudo é que sei bem como Malakai se sente porque sei a sensação de precisar desesperadamente dar as costas para uma relação que parece ter se embrenhado em nós em um nível psíquico, com tanta intensidade, que quanto mais resistimos pior fica. Imploramos por qualquer meio que ajude a arrancar a coisa, desesperados o bastante para idealizar uma crença de que a outra pessoa odeia você.

Tento analisar o que tudo isso significa, mas o material é tão frágil que se desfaz quando tento segurá-lo, observar com atenção, ver o que é, o que significa. Talvez seja melhor assim.

Então só digo:

— Desculpa ter decepcionado o espírito de seu avô. Cara, você aguentou toda aquela pimenta e acabei não sendo sua futura esposa.

Malakai gargalha e balança a cabeça.

— Eu não esquentaria com isso. Você foi o mais perto disso que vai existir, então acho que ele estaria de boa. Não acho que vou me casar. Acho que não fui feito para isso. Coisas da vida. Acho que não é para mim.

Um pensamento brota, e não sei se é confortante ou desconfortante. Será que eu estava o forçando a ser algo que não era? O que foi real com a gente? De certo modo, devia ser libertador saber que talvez não fosse para ficarmos juntos mesmo. De outro modo, isso me mata, distorce a lembrança de nós dois até virar algo que se veria em um reflexo ilusório, uma piada, uma coisa sem sentido.

Pigarreio para afastar a magoazinha estúpida.

— Achei que você tinha dito que não ouvia o podcast? Porque… sei lá… você destrinchou a coisa toda muito bem para Soraya.

Malakai ri, apoiando-se nos joelhos de novo.

— É preciso dirigir muito em Los Angeles. Engarrafamento. Tive muito tempo de sobra, e já tinha acabado de ouvir o audiolivro da Bíblia.

— Ah, aquele narrado por Katt Williams?

Malakai se acaba de rir, e de novo me acendo toda, locais que esqueci de que existiam se reenergizando, cidades fantasma ganhando vida, engrenagens retomando o movimento. É de foder a cabeça como nossa conexão é tipo uma gangorra.

— Isso, exatamente. O jeito como José descobre que o bebê não é dele tem uma pegada diferente. — Ele endireita a postura e se vira para mim. — Sério, Kiki. Sabe quanto fiquei pilhado? Desculpa se fiquei meio maluco ou se exagerei. É só que… aquela chefona da porra toda reconheceu *você*. Sabe como isso é do caralho? Seu trabalho é real, se conecta com as pessoas. Sempre foi o caso. Vi que você ficou meio retraída. Não sei o que está rolando, mas preciso que lembre quem você é. E se não lembrar, eu dou cobertura. Durante esse projeto, no caso.

Malakai me olha com tanta intensidade que preciso chegar mais perto dele. Deve ser o caso, porque só assim explica minha coxa estar tocando a dele, os braços dele

tocando o tule fino que cobre os meus braços, o calor dele inquietando verdades como "esta é uma péssima ideia" e "a gente nunca vai voltar" e "eu consigo viver sem aquilo que ele faz com a língua". As verdades se reviram com violência graças à proximidade dele, tanto que se partem em duas, e as metades se desmembram em metades, e assim por diante até virarem cinzas, e de repente não sei bem se sequer eram verdades ou simulacros.

— Temos uma missão a cumprir — comenta ele em meio ao silêncio.

Assinto e olho bem ao redor, percebendo os meandros do jardim com dois terraços e uma escadaria retroiluminada que parece ser o único lugar vazio. Uma ideia me vem à mente, fazendo minha boca se mexer antes que haja tempo para me conter, para tachar ela como Ruim.

— Só segue minha deixa.

Malakai sorri, intrigado, quando indico com a cabeça para ele se levantar. Eu me levanto, saco o celular da bolsa, pressionando o dedo indicador em uma orelha e o celular na outra.

— Oi, querida. — Minha voz assumiu um leve tom arrastado transatlântico com um toque lagosiano elegante emprestado das irmãs Bakare. — Beleza, então onde você disse que estava? — pergunto à minha amiga imaginária bem alto enquanto sigo para a escada perto da qual há um segurança que parece novinho rondando. — Ah. Beleza, tudo bem… Aham, já, já chego aí…

Ando com intenção, fazendo clique-clique com os saltos no piso, falando alto, e começo a descer a escada, Malakai logo atrás, logo quando o segurança intervém:

— Desculpe, senhora…

Eu me viro, fingindo distração.

— Desculpe, só um segundo, amiga — falo ao celular enquanto abro um sorriso deslumbrante para o segurança. — Desculpe, senhor, algum problema? — Eu me encolho como se alguém estivesse brigando comigo do outro lado da linha. — Ah, querida, não, não, um de seus seguranças está me parando aqui… Não, já estou indo, M… Não, não, não precisa descer. Não quero arranjar problema para ninguém. Ele está só fazendo o trabalho dele. — Eu me viro para o rapaz e balbucio: — Desculpe.

O segurança balança a cabeça e retruca:

— Não, eu que peço desculpa, senhora. Por favor, prossiga.

Abro um sorriso grato e docíssimo.

— Ah, muito obrigada… Você é um amor. Meu assistente pode vir junto? Como é seu nome, aliás?

— Claro. E meu nome é Zane.

Toco o cotovelo do cara, encaro-o nos olhos e o vejo corar.

— Obrigada, Zane. Você é um querido.

Continuo o caminho escada abaixo, e Malakai sussurra em meu ouvido, tão perto que estremeço.

— Foi uma ideia genial e impressionante, ao mesmo tempo insana e gostosa pra caralho. Estou meio que com medo de você.

Aceno a cabeça em uma aceitação graciosa do elogio, ignorando a faísca de desejo fazendo piruetas entre minhas pernas.

— Que gentileza sua. Não foi nada.

— Então, isso que me assusta.

Malakai vai à frente para abrir a porta de cedro pesada na base da escada, enquanto digo:

— Certo. Acho que descobrir na conversa quem é M vai demorar muito. Precisamos de algo mais. *Desbravar*. Fazer algo fora da caixinha. Ir para um andar superior é batido demais, mas *no andar inferior*? Aposto que todos os segredos moram… Ai, meu Deus…

Malakai e eu chegamos a um recinto meio aberto que abriga um *jardim* subterrâneo — um jardim dentro do jardim, que lembra uma clareira encantada, com arbustos iluminados no escuro, árvores enormes e imponentes formando uma cerca livre ao redor de uma construção de vidro no meio, dentro da qual há uma piscina azul cintilante. Um caminho no pátio serpenteia os arbustos que ladeiam o espaço, e Malakai se vira para mim, um sorrisão no rosto.

— E vamos de nado noturno.

— Está falando sério?

Malakai dá de ombros, o brilho em seus olhos me incitando a brincar, estamos *aqui*, e o presente é agora.

— Estamos em uma festa ridícula sediada por uma transformadora cultural misteriosa. Somos quase anônimos. Me dá um motivo para não fazermos isso?

Tento pensar em um, só um, mas há um calor crescendo em mim, e a coisa desmonta todos os ingredientes necessários para formar um motivo, como o bom senso e a autopreservação, porque, vamos ser sinceras, estou esquentando as mãos

diante de uma lareira amigável que ameaça virar um incêndio. Malakai Korede vai me colocar em perigo. Malakai Korede está me colocando em perigo. Quero que Malakai Korede pegue meu perigo.

Ele abre um sorriso torto para mim que faz meu coração dar uma cambalhota e pergunta:

— Tá de boa?

E a resposta é não. Não, não estou "de boa". Estou de ótima, caralho, tipo quando a gente toma um opioide pós-operatório e não sente nada da dor dilacerante que antes sentia, só uma alegria eufórica e estranha, como se estivesse flutuando acima do mundo real. Está tudo bem.

— Aham, tô de boa — respondo, apavorada porque estou dizendo a verdade.



Malakai, um grande cavalheiro, vira-se quando tiro o vestido, revelando o sutiã de renda preto e a calcinha; dobro a roupa com cuidado e a coloco na espreguiçadeira roxa e branca com tecido impermeável perto da piscina coberta. A luz ali está fraca, os quatro cantos da estrutura de vidro brilham em um dourado fraco que se aproxima da luz do sol adormecido, e pelo teto de vidro, as estrelas reluzem, dizendo, ao que parece: *amiga, que caralho você pensa que está fazendo, cacete?*

A verdade é que não estou pensando, só sentindo.

O ar no natatório está em temperatura ambiente, então não tem motivo para eu estar arrepiada, mas também não tem motivo para eu estar aqui, e estou, então cá estão os arrepios. Fomos meticulosos com nossa espontaneidade; analisamos o espaço antes, vimos uma porta na extremidade do cômodo que leva a uma sala de banho luxuosa, na qual encontramos toalhas dobradas e (acreditamos que) limpas, assim como um secador de cabelo, o que amenizou o medo de que teríamos que voltar à festa pingando como prova de nosso comportamento delinquente.

Malakai vai até o canto em que há um sistema de som. Mexe na coisa e declara:

— O lugar é à prova de som.

E pela primeira vez percebo que não se ouve nadinha além de nós dois, nossos passos, nossa respiração, nossas decisões. Enquanto ele está de costas para mim, entro na piscina pela escada para ficar submersa, espero o choque da água gelada, mas não acontece. A temperatura é morna, bem no ponto, leve na pele. Eu me

sobressalto quando o cantarolar de Lucky Daye preenche o espaço, sendo transmitido do celular de Malakai para os alto-falantes, envolvendo meus sentidos assim como a água, dando-me as boas-vindas.

Meu parceiro na delinquência vem em direção à piscina, e tento devolver o favor, me ocupando em nadar e boiar enquanto ele tira a roupa, mas acabo vendo a cueca boxer em seu corpo, e o ar fica entalado em minha garganta. Abaixo o olhar para suas coxas, fortes, musculosas e grossas… *Como isso me passou batido quando transamos meses antes?* Talvez tenha sido melhor. Talvez eu tivesse perdido ainda mais a sanidade, porque as planícies amplas de seu peito já foram um golpe e tanto.

Malakai sempre se exercitou como forma de lidar com as coisas, limpar a mente, e parece que ele teve muito com o que lidar nos últimos anos. Mas é mais do que isso. É o jeito como o corpo dele preenche o espaço quando se mexe, como se o ar o reverenciasse. É um domínio do próprio corpo que faz meu coração disparar. Ele pula na piscina e ri quando dou um gritinho porque a água me acerta, e levo as mãos para proteger minha maquiagem, e acabamos em um canto da piscina, eu com os cotovelos apoiados em um degrau enquanto meus pés boiam, Malakai à minha frente, com a água batendo logo acima da cintura.

Ficamos nos olhando por uns instantes, absorvendo o absurdo da situação, o ar entre nós rarefeito e nebuloso, e não sei se é por causa do calor entre nós ou o abalo que causamos nesse fim de mundo.

— Tenho uma coisa para contar.

Malakai desvia o olhar de meu rosto e foca a curva de meu peito na superfície da água. A sensação revigorante que o desejo evidente dele me causa é como uma droga, fazendo uma corrente elétrica de péssimas ideias correr por minhas veias, e tento metabolizar a energia na força necessária para sobreviver ao momento.

— É? O quê?

— Eu sou M — afirma ele.

Solto uma risada de deboche ao ver a expressão neutra dele, o brilho revelador nos olhos, e Malakai leva um momento antes de começar a rir junto. Até que o olhar fica sério.

— Não, você tinha razão. Sobre a música. É sobre mim e Taré.

Meu corpo resfria, e movimento os braços pela água um tempo, tentando organizar os pensamentos.

— Não temos que falar disso. Você não me deve explicações.

A voz dele é baixa e gentil.

— Eu sei, mas quero ser sincero. Se você quiser. No fim das contas isso é estranho pra caralho, *sim*. E não sei como eu me sentiria se meu chefe fosse alguém com quem você já tivesse… ficado.

Uma risada rígida me escapa, com um pouco de alívio.

— Você quer dizer que não aceitaria o trabalho. O ego masculino não deixaria.

Malakai ri, abaixa a cabeça, coça a mandíbula, olha para a água.

— É, acho que você tem razão.

Meu sorriso some.

— Continua.

Ele fica olhando para o ondular azul gentil da água.

— Ah, tudo bem. A gente se conheceu em uma festa, tipo, dois meses depois que cheguei a Los Angeles.

Meu coração vai parar lá no chão da piscina. Dois meses? Isso foi, sei lá, três meses depois de nosso término. É *isso*? Foi esse o tempo que ele levou para ir para a cama com outra pessoa? Eu ainda estava trancada no quarto, cantando Summer Walker aos prantos com a cara enfiada em um frasco de pasta de amendoim. Fico imóvel porque não quero que nada da dor nem da raiva descabida transpareça em meus olhos uma vez que estamos indo relativamente bem. Mantenho a expressão neutra.

— Ah — murmuro.

Muito *bem*, *Kiks*. Maturidade. Destituída de preocupação.

Malakai ergue a cabeça, um olhar não de quem pede desculpa, mas fornece empatia… como se entendesse como a revelação pode machucar.

— Eu estava… mal pra caralho, Kiki. Estava em uma cidade nova, onde não conhecia ninguém além de meu chefe. Eu tinha perdido tanto que acho que acabei me perdendo. Eu me sentia um impostor, vivendo a vida de outra pessoa. Sentia que estava andando que nem sonâmbulo a maior parte do tempo, para ser sincero. E eu estava em uma festa de Hollywood em que todo mundo finge ser amigo enquanto se odeia em segredo. Era a casa de algum puto em Hills. Meio que parecida com esta aqui, na verdade. Eu estava pirando. Bebendo demais, frustrado… As pessoas estavam falando comigo, mas, tipo, era como se só estivessem falando comigo porque gostavam da *ideia* de falar com o novo pupilo de Matthew, e eu era "exótico" para eles, sabe? Preto, mas britânico. — Ele solta uma

risada leve. — Então estavam me tratando como uma espécie rara. O que não faz sentido, porque Matthew também é preto…

— É, mas Matthew fala como se tivesse saído de um livro da Agatha Christie. E ele não tem seu rosto.

Não falo como um elogio, e sim como um fato.

Malakai abre um sorriso mínimo.

— Enfim, alguém me ofereceu uma parada, um diretor branco jovem qualquer. Falei algo tipo "não, não curto", e aí a *pessoa* disse uma coisa racista pra caralho que, tipo, "sabia" que eu curto, sim. Que eu podia ser "eu mesmo", que não precisava fingir com ele. E aí… bom, eu meio que perdi a cabeça. Fui para cima dele. E aí… foi como se eu estivesse sedento por um motivo para meter o louco e esse aspirante a Quentin Tarantino desgraçado tivesse me dado um motivo.

Os olhos dele brilham com uma raiva antiga, e Malakai forma um gesto de lâmina com a mão direita, batendo-a na esquerda para acentuar as palavras.

— Eu só queria um motivo. E Taré estava me olhando lá do canto… eu nem sabia que ela estava lá. Ela interrompeu a briga e sussurrou para mim: "Vou te dar duas opções. Você pode ficar aqui e ferrar com sua carreira de vez ou pode vir comigo e ter um resto de noite ótimo". — Ele faz uma pausa, pigarreia sem motivo nenhum. — Então eu fui com ela para um quarto.

Engulo em seco e luto contra a sensação sufocante na garganta. Estou abalada com a revelação da solidão de Malakai, da raiva, e do que poderia ter acontecido se Taré não tivesse ajudado.

Malakai interpreta mal meu silêncio e sugere:

— Eu posso parar aqui.

Balanço a cabeça porque sinto que ele precisa desabafar, e estou aqui como "amiga".

— Você já começou a história. Termina.

Malakai solta uma risada vazia e concorda com a cabeça, passando a mão na nuca.

— Enfim, começamos a conversar. Ela disse que tinha ouvido meu sotaque e soube de cara o que estava rolando pelo tom da voz. Falou que estava passando pela mesma coisa. Também estava perdida. E isso foi logo antes de ela desistir de tudo. Fumamos pra caralho. Bebemos pra caralho. — O "transamos pra caralho" que ele não diz me acerta direto no peito, e engulo a dor intensa. — E, aí, virou uma

coisa… casual. Nós estávamos tentando esquecer das coisas. Nós dois tínhamos tido términos difíceis, coisas emocionais das quais não queríamos falar. Não queríamos sentir nada, na real. Falávamos um pouco de trabalho e sentíamos que, nesse sentido, um entendia o outro, mas, para ser sincero, esta era a ligação principal: a busca pelo vazio. Não querer sentir nada real. Não foi algo emocional em si, mas… tínhamos um acordo. Cada um conseguiu o que queria na época.

Meu estômago se revira, mas me surpreendo por compreender, a nitidez da coisa atravessa o ciúme mesquinho. Eram duas pessoas solteiras e feridas querendo fazer parar a dor em uma cidade na qual ninguém os entendia.

— Tipo, sei que em outras condições seria absurdo eu estar ficando com Taré Souza, mas do jeito que minha mente estava, tudo parecia alucinação de qualquer forma. E também… Eu meio que não a via dessa forma? Como a grande Taré Souza, a artista que a gente escutava. Acho que foi porque a conheci em um contexto diferente. E Taré é ótima, mas também percebi que ela é só humana. Normal. E passando pelo que eu estava passando. Então, foi meio que… por que não? Durou um tempo, não muito. Foi tudo um borrão. Meio que… esfriou. Ambos sabíamos que acabaria. E nós nos falávamos de vez em quando, mas sabíamos que não era, tipo… algo *significativo*. Continuamos amigos. Só amigos.

Assinto devagar, conseguindo controlar os sentimentos, ignorando a intensidade de meu alívio.

Malakai para a meu lado na água, encostando-se na parede. Fica em silêncio, mexendo as mãos na água, o rosto tenso por equilibrar os sentimentos.

— Foi um período bem ruim para mim, Scotch. Eu não era eu mesmo. Não queria me sentir eu mesmo. E quando Taré recontou o momento, fui relembrado disso. Eu tinha bloqueado a lembrança. E acho que não consegui olhar para aquilo… ou melhor, não me *permiti* olhar para aquilo como um período difícil por um bom tempo. Acho que preciso falar em voz alta para evitar que aconteça de novo.

A luz quente toca os ângulos de seu rosto e projeta uma fluorescência ao brilho de umidade na pele. Olho bem para a frente porque sei que ele não quer sentir que está sendo analisado neste momento.

— Eu… Kai, sinto muito pelo que você passou lá.

Imaginei Malakai vivendo tudo o que poderia, aproveitando a liberdade de minhas algemas, mas saber que ele estava sofrendo me dilacera de um jeito que não

esperava, e me contenho para não dizer "Sinto muito por não ter estado lá com você" porque não faz sentido e ainda assim é a única coisa que faz sentido no momento. Sinto muito, *sim*, por ele ter sofrido. Sinto muito, *sim*, por eu não ter estado ao lado dele. Em vez disso, estendo a mão por baixo d'água até segurar a dele. Malakai segura minha mão de imediato. Parece um segredo. Nesta piscina coberta e subterrânea, neste jardim secreto, debaixo d'água, podemos dar as mãos e ninguém vai ficar sabendo. Nós dois mal sabemos.

Malakai olha para mim, com os olhos brilhando de gratidão, antes de dizer:

— Conta por que estava chateada hoje, Scotch. Por favor.

Quero dizer que ele esqueceu das regras, mas o prazer de ouvir o apelido é tão intenso, doce, que não consigo falar, e, além do mais, quais são as regras aqui? Este lugar é como um aeroporto: o tempo não existe, então o passado não existe. Aqui é possível tomar uma cerveja às seis da manhã ou abrir o coração para o ex usando só calcinha e sutiã. Inspiro fundo e expiro algo que tem estado bem preso em meu peito.

— Tivemos umas visitas hoje. Gente indo ver o restaurante. Um deles era um casal de Berkshire. Querem transformar o lugar em um bar de queijos e vinhos. Sam e Cherry, sabe, que nem *cereja*. Eles entraram no Sákárà e disseram que tinha "um cheiro estimulante". Não sei como que surgiu o assunto, mas eles começaram a falar o quanto amam afrobeat, disseram que a filha deles não consegue parar de ouvir "Calm Down" de Rema e Selena.

— Ah. Sim. Entendi.

Malakai acaricia a palma de minha mão, distraído, fazendo círculos com o polegar, e o gesto está me deixando meio tonta, os movimentos propositais e mínimos me reconfortam e causam arrepios ao mesmo tempo. De maneira valente, ele guarda os comentários que sei que está acumulando, dando-me espaço para continuar.

— Só tornou tudo real. Acho que meio que vim… ignorando a verdade, de como me sinto com tudo isso, sabe? Mas é uma droga. É uma droga saber que o lugar que era tão cheio de amor e família vai ficar sem alma. E eu *amo* vinho do Porto.

Malakai dá de ombros.

— Superestimado. Vinho do Porto é só um Magnum gentrificado. Dá para conseguir isso em qualquer lugar. Não se precisa do Sam e da *Moranguinho* lá para

isso…

Dou uma risada e sinto o nó de tensão se desfazendo enquanto balanço a cabeça.

— É que me… assusta um pouco, na real. Tem tanta coisa mudando. Aminah vai se casar, o que é incrível, mas é *mudança*. E se minha relação com ela mudar também? Sinto isso começando a acontecer já, e não quero… não posso perdê-la. Já vou perder uma casa que tive a vida toda. Meus pais vão se mudar para Lagos. Estou construindo uma carreira nova, o que é animador, mas também apavorante. Não tenho nenhuma educação financeira, então estou maratonando *Industry*. O que não está ajudando muito. Além disso, estou invadindo a piscina de uma milionária. O que está acontecendo? Quem sou eu?

— Uau. — Malakai me puxa pela mão para ficar na frente dele, então franze um pouco a testa. — Que isso? Olha essa ruguinha em sua testa. Esse cérebro enorme está *a toda*. Você é Kiki Banjo. Não é qualquer nome, não.

Ele abaixa a cabeça e levanta meu queixo para fazer questão de que eu o olhe nos olhos. É um gesto que seria ousado em literalmente qualquer outro contexto, mas neste não faz sentido que Malakai faça algo diferente. Essa consciência me faz me assentar em mim mesma, como se eu não estivesse bem estabelecida antes.

— Vai ficar tudo bem — afirma ele. — Mudança é algo bom. É só uma evolução. É um processo assustador, mas todas as coisas boas são um pouco assustadoras no início. Porra, você sabe o que eu fiz quando Los Angeles me assustou, mas é bem mais corajosa que eu. Sempre foi, Scotch. Logo, logo você vai pegar o jeito. Só se dá um tempo. Você sempre é muito exigente com você mesma, cara. Por quê? Fica remoendo tanta coisa. Preciso que você se trate do jeito que trata os outros. — Ele abre um sorriso torto. — E, olha, você e Aminah se amam, vai ficar tudo bem. Vocês sempre ficam bem. O Sákárà é uma representação de algo dentro de você, você pode admitir o significado disso e usar esse sentimento em tudo o que faz, assim o lugar vai viver para sempre. Não importa o que aconteça. E esta não é só a piscina de uma milionária… é minha piscina. Já falei para você.

Meu coração poderia fazer as vezes de boia do jeito que está inflado, e talvez seja por isso que faz lágrimas escorrerem por meus olhos, que logo ficam pesados. Consigo falar baixinho:

— Obrigada, K… Malakai.

Malakai balança a cabeça, descartando com gentileza minha gratidão, como se ele não tivesse feito nada de mais, quando está longe de ser o caso. A facilidade com

que faz isso só solidifica o quanto "Foi Demais, Sim". Ninguém nunca me fez sentir assim: segura na própria pele e também transcendendo qualquer coisa que poderia me confinar. Isso é bem deprimente, porque ninguém nunca partiu meu coração como ele. A expressão de Malakai é tão disponível e sincera que quero me afundar nela, mas algo trava meus movimentos, encurralando-me.

— Por que você odeia que chamem você de Kai? Isso é coisa nova? Ou você só me deixou fazer isso durante nossa relação toda, mesmo sem gostar? Tipo, era uma coisa que falou que eu poderia dizer porque soava fofo?

Malakai me olha com bastante atenção, e vejo um conflito em sua expressão enquanto resolve o quanto quer revelar. Talvez esteja tentando decidir o quanto a verdade extensiva pode acabar com essa trégua frágil entre nós dois.

Ele engole em seco.

— Falei isso para Taré porque era mais fácil que dizer a verdade. — Ele tensiona a mandíbula enquanto seu olhar se desvia em algum ponto acima de minha cabeça, antes de voltar a mim, e o calor em seus olhos deixa o ar preso em minha garganta. — Eu odeio ser chamado de Kai por qualquer pessoa que não seja você.

Sua voz soa neutra, o que me deixa perturbada, porque ele diz como se fosse um fato, e eu queria mesmo que não fosse o caso, porque está ficando difícil lembrar das coisas que deveria lembrar.

Malakai ergue meu queixo com o polegar para eu olhá-lo bem nos olhos.

— O nome é só para você, Scotch. É seu. Não importa o que tenha acontecido entre a gente.

É seu. As palavras me atingem e instauram o caos em meu raciocínio. Estou inclinando a cabeça para que a mão dele escorregue para meu pescoço, e é o que faz, porque sabe o que fazer. Seu olhar desce para o emaranhado de cordões dourados tocando minha clavícula, e Malakai pega o pingente entre o polegar e o indicador.

— Você ainda usa.

É um pingente de pimenta chilli que ele me deu em nosso aniversário de três anos de namoro. "Não consegui encontrar uma pimenta *scotch*. Dá para acreditar? Fica com essa aqui por enquanto", disse ele na época, "quando entrar uma grana boa para mim, vou mandar fazer um para meu amor." Esqueci que ainda uso. É parte de meu revezamento diário de joias, parte de mim. Nunca parei de usar. Acho que nunca nem notei que nunca tinha parado de usar até agora.

— É seu — declaro.

Nossos narizes roçam um no outro, e o hálito dele é fragrante, delicioso. Quero guardar para mim e usar nos pulsos, sentir o gosto na língua. Malakai segura minha cintura com a outra mão, pressionando meu corpo no dele, e sinto sua ereção na maciez de minha pele. Solto um gemido que em teoria deveria me envergonhar, mas toda essa situação não deveria em teoria me envergonhar? Ainda assim, não é o efeito que provoca, na verdade, me deixa ousada, confiante.

Há um lampejo nos olhos de Malakai ao me ouvir gemer, e sua respiração fica irregular quando acaricio devagar a prova rígida de nosso caos. Ele abaixa a mão para a parte inferior de minha bunda, aperta e solta um gemido quando traço seus lábios, quando mordisco seu pescoço de forma possessiva, a língua o marcando enquanto desço a mão por seu peito, desfrutando a sensação firme. *É seu.* Então me dou conta da outra parte da frase. *Não importa o que tenha acontecido entre a gente.* Como se nosso término tivesse sido um desacordo pequeno, não meu mundo se acabando. Talvez fosse mesmo algo que Malakai conseguia varrer para debaixo do tapete. Algo leve o bastante para descartar com um aceno de mão. Sinto o ar gelado me acordar do que sem dúvida era uma névoa ilusória movida a nostalgia que me enturvava a vista.

Merda, o que estou fazendo? Por que estou ouvindo R&B e me esfregando de roupa (ou com pouca roupa) em meu ex?

Balanço a cabeça enquanto me afasto dele na mesma hora.

— Não. Não dá. Você pode estar acostumado a essa merda de lance casual em cima do muro, mas eu, não. Beleza? Não consigo fazer isso.

— Scotch…

— Você FOI EMBORA. — Minha voz ecoa pelo espaço, sei que meus olhos estão quentes e úmidos. — Você foi embora, Kai, e eu fiquei *destruída*. — Dou um tapa molhado e forte no meu peito, a voz rouca. — Foi humilhante. E você pode estar bem a ponto de fazer… qualquer porra que isto seja, mas eu não. Não sou assim. Respeito o que nós tivemos o suficiente para não fazer *isto*. Porque isto é um beco sem saída. Raso. E você sabe disso, e talvez seja por isso que queira, porque não tem futuro nenhum aqui. Você mesmo falou que não é *feito* para relações sérias. Desculpa, mas não posso gastar minha energia assim. Eu me esforcei muito para me reerguer, e não dá para ficar me distraindo com uma coisa que nunca vai funcionar.

Parece que Malakai vai dizer alguma coisa, sentimentos conflitantes giram em seus olhos, a mandíbula tensa e firme, então ele inspira fundo e concorda com a

cabeça.

— Quer saber, Kiki, você tem razão.

Razão. Tenho razão. Tenho muita razão. Não é como se eu quisesse que ele argumentasse. Que dissesse que estou errada, que, na verdade, ele me quer, me quer por inteiro. Não é como se eu o quisesse, quisesse por inteiro. Isso é bom.

— Mas não fica me demonizando por algo com o que você concordou três meses atrás — prossegue Malakai, com os olhos ficando duros como aço de escudo, ou de machado. — É melhor falar a verdade, que você não gosta de quem eu sou, e que rolou para você por um tempo, e agora não rola mais. Que quem eu sou mancha a ideia que você tem de você mesma. E tudo bem, Kiki. Tudo bem mesmo. Eu só quero que seja sincera, considerando que você é quem fala tanto da verdade. Você nunca quis que isto desse certo porque, no fundo, nunca acreditou que eu fosse mais do que o boy lixo que conheceu na faculdade. Sabe o que eu acho? Acho que você adorava acreditar que tinha me mudado. E seu ego ficou ferido porque fui eu que fui embora, não você.

Minha respiração fica fraca com tamanha fúria, mágoa, exposição. Minha pele arde.

— Quer saber? Valeu mesmo, Malakai. Você com certeza deixou umas coisas bem claras para mim.

— Aham, digo o mesmo, Kiki.

Estreito os olhos, e estou com o corpo tão quente que sinto que a água está virando vapor ao redor. Nunca desejei tanto conseguir odiar alguém. Percebo que, para conseguir fazer minha saída em fúria, vou ter que subir os degraus da piscina basicamente nua, o que vai contra a imagem de seriedade que quero passar. De qualquer forma, pigarreio e faço exatamente isso, com o sangue pulsando forte em meus ouvidos, o coração resgatado quando estava prestes a se perder de novo; grato, muito grato, por eu ter me impedido de ser feita de otária pela segunda vez.

CAPÍTULO 12
A definição de insanidade

Três anos e meio antes

Acordei às 1h07 da manhã para fazer xixi. E ainda hoje, se eu vir um relógio marcando esse horário, faço uma oração. Acabei olhando para o celular silenciado sem querer e vi seis chamadas perdidas de Malakai. A preocupação de imediato me tomou. Liguei de volta e o que ouvi fez meu corpo resfriar. Ele estava hiperventilando, a voz oscilando, mal respirando, mal conseguindo falar. Cada respirada irregular envolvia e apertava meu coração com força. Tudo o que consegui entender foi: "Ele morreu".

Com um bolo na garganta e depois do que pareceu uma eternidade, perguntei quem, embora de algum modo eu soubesse.

A voz dele se despedaçou em fragmentozinhos enquanto ofegava de um jeito horrível, como se toda a força estivesse sendo empregada no ato de respirar.

— Meu pai… infarto… dormindo.

Não lembro de ir para o hospital. Só lembro de estar lá, vestindo o casaco de meu pai — o primeiro que peguei — por cima do pijama, vendo a ele, a mãe e o irmãozinho de Malakai, Muyiwa, aninhados juntos, um pacote compacto de pranto. Malakai estava com os braços em volta dos dois, embora os próprios joelhos mal conseguissem mantê-lo de pé, e quando cheguei lá ele já tinha escondido bem a própria emoção. Malakai falou com os médicos, seus olhos vermelhos e o rosto sem emoção, enquanto a mãe se debulhava em lágrimas, em negação.

Ela chorava, repetindo "não" várias vezes, um som que vinha da alma, rejeitando a realidade, querendo alterá-la, duelando com a verdade, porque não tinha a *menor* possibilidade de seu marido, um homem tão grandioso, ter sucumbido à morte; *não*, era para eles irem a Lagos no fim de semana seguinte; *não*, como assim?; *não*, o que os filhos fariam sem o pai?; *não*, *não*, tinham que levá-la para ver o marido naquele instante porque tinha alguém mentindo, talvez até ele próprio… embora ela tivesse

estado ao lado dele quando tudo aconteceu; ele estava dormindo… dormindo.

Muyiwa se tremia todo em meio aos soluços, agitado, mas tentando se agarrar à mãe enquanto ela resistia ao contato como se ele fosse a manifestação da verdade. Quando Malakai me viu, pegou-me pela mão em silêncio e me puxou para longe deles, quase como se fosse sonâmbulo, balançando a cabeça. Ele não conseguia parar, estava no automático, a negação como um peso. Foi só quando a mãe e o irmão não conseguiam mais vê-lo nem ouvi-lo que despencou tão forte em cima de mim que quase caí para trás na parede, e quando me abraçou como se eu fosse uma âncora, foi tão apertado que mal consegui respirar. Foi esmagador, desesperado, o peso de seu corpo no meu como se não conseguisse ficar em pé.

Eu estava pronta para aguentar tudo, tudo o que conseguisse, todo o peso dele, toda a dor.

— Estou com você. Estou com você, amor.

Minha voz tremeu, falhou, e nós dois fomos caindo até chegar ao chão, no corredor do hospital.

Chorei e o embalei nos braços enquanto ele sussurrava "Como?", chorei e o embalei enquanto ele sussurrava:

— Era para eu encontrar com ele hoje. Ele ia me ensinar a jogar golfe. Disse que filho dele tinha que conhecer a prática do swing. Eu falei: "Pai, isso não significa o que acha que significa".

Malakai riu, e o som foi doentio e engasgado, e senti calafrios porque não podia ser, aquilo não podia estar acontecendo.

Chorei e o embalei nos braços enquanto ele sussurrava:

— Eu quero meu pai, Kiks. — E daquela vez um soluço escapou dele também. — Eu só quero meu pai — repetiu, e vários soluços fragmentados começaram a escapar. — Eu não me despedi.

E aí veio um uivo, bruto e primitivo, como o de um animal morrendo. O som ficou estampado em mim, o som do coração de Malakai se partindo em tempo real de um jeito irreparável, de um jeito que eu nunca conseguiria consertar, a dor dele me dilacerando.

Presente

— Ele está atrasado.

A voz de Aminah está coberta de irritação enquanto ela se alonga, vestida com legging rosa e um top roxo, a faixa capilar emoldurando o rabo de cavalo como se estivesse em um filme crossover de *Barbie* com *Ela dança, eu danço*.

Shanti dá de ombros ao passar pelas portas do estúdio de dança em uma calça jogger e um top esportivo.

— Que esquisito. Talvez ele tenha achado que uma aula de dança obrigatória pré-casamento fosse demais e aí escolheu fazer literalmente qualquer outra coisa no mundo?

Aminah interrompe o alongamento e revira os olhos para Shanti.

— Escuta aqui, não vou dar sorte ao azar em relação a nada do casamento tradicional. As aulas de dança mistas são obrigatórias para ninguém me fazer passar vergonha no dia. Os padrinhos *e* as madrinhas precisam estar coordenados. Eu ia *odiar* se o casamento viralizasse na página da Bella Naija pelos motivos errados…

Laide dá um gole no copo Stanley verde-menta enorme e responde com um tom arrastado:

— Desde quando *você* liga para essas coisas?

— Não importa! A mãe de Kofi disse que não quer o legado do filho dela se perdendo no esquecimento, então essa dança que mistura afrobeat nigeriano com o ganiano tem que ser perfeita…

— E eu falei para você — comenta Kofi, com uma serenidade ensaiada — que estou tranquilo com isso, mas te amo por se esforçar tanto.

Ele leva a mão de seu amor à boca e dá um beijo na palma.

Laide revira os olhos, impaciente.

— Beleza, valeu, mas por que escolheu aqueles que sabem dançar para fazer aula?

Aminah ergue o ombro, então as mãos, como se a resposta fosse óbvia.

— Equidade, Laide! Tem gente aqui que é boa e gentil, e se importa com apoiar as pessoas sem ritmo!

— Sei, não — argumenta Ty, trajando bermuda de basquete e uma regata folgada. — Acho que vai ser divertido. Vocês sabiam que fiz dança de salão quando eu tinha 12 anos?

Ele pega Shanti pela mão, a rodopia e a faz se inclinar, e de repente ela parece não ter mais reclamação nenhuma.

— Além do mais — adiciona Kofi, passando o braço pelos ombros da noiva —, é uma atividade divertida de integração antes do casamento. Para todo mundo se

conhecer melhor antes do dia. Por isso, com todo o respeito — declara, o sorriso aberto, mas os olhos sérios —, dá para vocês se controlarem? A gente já pagou pelo aluguel do espaço.

Aminah inclina o queixo com um pequeno sorriso, dando tapinhas nas costas dele.

— Obrigada, amor. — Ela vai para a frente da turma. — Bom, antes de começarmos, cadê o Malakai, cacete? Todo mundo precisa estar em dupla para que dê certo…

Chioma, que estava sentada de pernas cruzadas em cima de uma caixa pliométrica nos fundos do estúdio flertando com os *dois* primos de Kofi, decide se levantar, a calça roxa larga esvoaçando ao redor com graciosidade enquanto ela intervém.

— Hum, desculpa, *você* que vai dar a aula? — A postura no geral tranquila de Chi está marcada por uma irritação não característica. — Você arrastou a gente para cá em um sábado de manhã para uma aula de dança que *você* vai dar? Quando sou eu que tenho Certificação de Nível 1 em Movimento Livre?

Aminah dá de ombros.

— Isso. Quem melhor para definir o ritmo de movimento de meu casamento? Queremos algo sensual, mas classudo… Kofi, ele já atendeu?

O noivo nega com a cabeça enquanto franze a testa para o celular.

— Não. Estou ficando um pouco preocupado… Kiks, teve notícia dele hoje?

Engulo em seco.

— Hum, não — respondo, tentando amenizar a minha própria preocupação.

Eu estivera ali, no canto do estúdio, mandando mensagem para ele na surdina. Aminah está por um fio, e, sendo muito sincera, não estou podendo lidar com outro chilique evitável. Até então já tivemos:

- a padaria não acertando no equilíbrio perfeito entre pistache e rosa de que ela necessitava;
- o mixologista renomado que ela queria quebrou o pulso (Kofi fez uma prece silenciosa em agradecimento por causa do quanto o profissional cobraria);
- a mãe dela pediu para adicionar de vinte a sessenta pessoas na lista acompanhantes dela (uma revolta legítima, no caso).

Já estou na corda bamba com Aminah. Ela ficou puta quando não a atendi na noite anterior à visita ao salão (era para perguntar se eu tinha total certeza de que lilás não era uma cor "batida" para vestido de madrinha) e superou faz pouco tempo o fato de eu ter perdido a visita porque falei que fiquei trabalhando até tarde, voltei para casa umas duas da manhã e não acordei com o despertador às sete. Era em parte verdade, se "trabalhar até tarde" incluía nadar na piscina de uma desconhecida com meu ex-namorado.

Malakai e eu assumimos um ritmo gélido mas educado desde a noite da festa, reprimindo o diálogo, atendo-nos a áreas seguras: "Ótima ideia!", "Adorei isso!". Acho que teve um momento em que estávamos tentando manter as aparências na frente de Taré que acabamos trocando um "toca aqui", como se fôssemos apresentadores de um programa matinal infantil, o que não teria sido tão esquisito se não tivesse ficado tão explícito que também tentávamos evitar contato físico prolongado. Ainda assim, não tão esquisito a ponto de ele ignorar minhas mensagens de trabalho. A coisa em que concordamos é que amamos nosso trabalho, e Malakai no geral responde dentro de dez minutos.

Aminah esfrega a têmpora.

— Cara, isso está atrasando a gente. Vocês têm alguma coisa de trabalho ou algo assim? Tipo, que nem quando você esqueceu da visita ao salão três semanas atrás?

A corda bamba se desfia um pouco. O silêncio no espaço é significativo. De maneira impressionante, Aminah tem estado relativamente relaxada quanto a Malakai e eu trabalharmos juntos. Quando contei a ela durante um dia de comprinhas, entre as provas de vestido de madrinha, Aminah assentiu em aprovação.

"Bem retrô. Meio remember da faculdade. Mas faz sentido. Vocês têm uma espécie de sinergia criativa. Dito isso, historicamente, esse tipo de coisa serve de receita para dramas românticos só vistos em séries do início dos anos 2000."

Fiz um som de escárnio.

"É. Foi uma vibe *One Tulse Hill* mesmo."

Aminah deu um sorrisinho.

"*Dalston's Creek*."

Eu ri, apesar da tensão.

"Droga. Essa foi boa."

Aminah deu um tapinha nas próprias costas.

"Valeu, mas sério, Kiks, só tenha cuidado. Você ficou arrasada quando ele foi para os Estados Unidos. Não quero que isso aconteça de novo. Tipo, quando você ousava sair de casa, era só usando sapatos confortáveis e feios. Não tenho como lidar com isso na temporada de casamento." Ela estremeceu. "Tempos sombrios."

E mais uma vez prometi que estava tudo bem; Malakai e eu éramos profissionais. *Civilizados*. E mesmo se eu estivesse propensa a ficar emocionada de novo (não estou), Malakai deixou claro que ele não está (o que é fantástico).

Agora, engulo a leve irritação com a indireta de Aminah.

— A gente tem uma visita técnica para uma gravação de clipe de Taré hoje à tarde, mas nada pela manhã. Além do mais, como falei, eu não *esqueci* da visita ao salão. Só dormi demais…

— Espera aí, ai, meu Deus… — Shanti, que estava distraída no celular, entediada com nossa conversa, arfa e ergue o aparelho para me mostrar. — Por que você e Malakai aparecem ali atrás nesta foto de Daniel Kaluuya e Michael B. Jordan, parecendo um casal-modelo do Amor Afrocentrado?

— Hum, eu não faço ideia?

Franzo a testa quando ela se aproxima, ampliando a foto em um perfil de Instagram. E dito e feito, é da noite da festa na mansão, as duas celebridades ficam em destaque. Em segundo plano na foto, Malakai e eu estamos bem perto um do outro, olhando nos olhos um do outro, que estão apertadinhos em expressões de divertimento reluzente, minha mão no pulso dele enquanto rimos. Parece ter sido tirada logo depois de nossa conversa com Soraya. Merda. A coisa me desconcerta por vários motivos, inclusive, mas não apenas, pelo fato de que parece que poderia ter sido tirada quando ainda estávamos juntos. A foto está debochando de mim: é uma mentira. Não é mais quem nós somos, apesar do que a foto belíssima diz. Sério, estou incrível. A rotina de cuidados da pele que Shanti passou está funcionando. Tirando isso, porém, a foto me deixa deprimida.

Aminah passa por cima de Laide e Chioma e espia o celular. Sinto a ira dela crescer assim que vê.

— Por que diz aqui que a foto foi tirada no dia *anterior* à visita ao salão? Achei que tinha dito que perdeu a hora porque ficou trabalhando até tarde? Como trabalhar até tarde tem a ver com sair para a noitada em que estavam os homens mais gostosos do mundo… tirando Malakai, lógico. Você estava só *de ressaca*?

Eu travo com o tom de acusação dela, mas seguro sua mão, puxo-a para o canto,

porque não vamos quebrar o pau na frente de todo mundo. Abaixo o tom de voz.

— Eu fiquei, *sim*, trabalhando até tarde. Taré — sussurro o nome dela, considerando que nossos amigos sabem que Malakai e eu estamos trabalhando em um projeto juntos, mas não do que se trata — queria que fôssemos à festa com ela, e então fomos. No fim, ela acabou não aparecendo, mas *era* para ser um tipo de social do trabalho. E sim, perdi a hora porque estava exausta tendo que equilibrar o trabalho no restaurante com tudo o que fazemos no *Fênice*.

— Mas por que você e Malakai parecem tão confortáveis juntos? — Ela estreita os olhos em desconfiança. — Você está bem? Me contaria se não estivesse, né?

Em teoria, eu contaria, mas neste momento, quando parece que minha melhor amiga está sempre a ponto de ter um colapso impulsionado pela indecisão de servir bellinis ou mimosas como a bebida de boas-vindas à festa, talvez não.

Eu me forço a dar de ombros.

— O quê? Você queria a gente brigando? Malakai e eu somos colegas que se dão bem. Somos adultos. Agora dá para ficar de boa?

Aminah ainda está com cara de desconfiada, mas assente, relutante.

— Beleza. Beleza. E eu acho que, se tivesse mesmo alguma coisa acontecendo, você saberia onde ele está. Vamos ter que começar sem…

A porta do estúdio se abre, e Malakai entra, moletom preto, calça esportiva e tênis, com uma expressão turbulenta estranha. Parece que não dormiu, as olheiras estão bem pronunciadas.

— Ah! Que gentileza sua dar as caras, diva! — A voz de Aminah transborda sarcasmo.

Malakai mal parece ouvir enquanto vem em minha direção.

— Kiki, temos que ir. E aí, tudo tranquilo, galera? — Ele mal gesticula para nossos amigos antes de se aproximar de mim. — Eu fiz merda. Achei que a visita era às três, mas é agora. Estamos atrasados. T já está indo para lá. Temos que ir.

Fico o encarando, sem entender a grosseria, sem compreendê-lo.

— Como assim? Achei que o gerente do espaço tinha reservado…

Agitado, Malakai passa a mão na nuca.

— Eu agendei porque conheço o dono da boate. — Malakai cumprimenta Kofi com um tapinha na mão, então aperta o braço de Aminah. — Minah, desculpa, mas é importante. A gente tem que acertar a locação esta semana, e T… quem nos contratou odiou todas as outras opções…

Aminah mal contém a irritação que se espalha por suas belas feições.

— Mas como vocês vão saber os passos? Como isso vai dar certo sem um dos padrinhos e a *minha* madrinha? É para vocês *conduzirem*…

Kofi envolve a cintura de Aminah com o braço, dando um beijo em sua testa.

— Amor. Vai ficar tudo bem. Isso é para ser *divertido*, lembra? Só para a gente entrar no clima.

— Hum, desculpa — interrompe Laide, com as mãos na cintura. — Se Kiki e Malakai não vão precisar ficar, por que nós precisamos? Tem um bar de mezcal ótimo *aqui pertinho*, e faz um tempo que quero conhecer. Eles fazem uns brunches com tacos e margaritas. Conheço a gerência… Com certeza vamos conseguir entrar sem reser…

Shanti solta um arquejo de satisfação, esquecendo de todo o caos ao qual ela quase deu início dez minutos atrás.

— Ai, sim, por favor! A gente pode se conhecer melhor virando uns shots? É meu jeito favorito de conhecer pessoas.

— Quer saber? Como eu sou *de fato* certificada em terapia do movimento por causa do curso que fiz online, sei as danças necessárias para ajudar em nossa integração como grupo… *e depois* podemos tomar umas margaritas de mezcal — sugere Chioma.

Aminah arregala os olhos, revezando o olhar entre mim e Malakai.

— Estão vendo! São vocês que dão o tom da coisa! Vocês estão estragando o tom!

Kofi me lança um olhar suplicante, e dou um passo para perto dela, colocando as mãos nos ombros de minha amiga.

— O tom vai ficar ótimo, beleza? Malakai e eu temos mesmo que fechar o local da gravação, se não estaremos ferrados. A dança vai ficar linda no dia. Prometo. A autenticidade é a alma do negócio. Você não vai querer que fique parecendo algo engessado.

Dou um beijo na testa de Aminah, ignorando o fato de que ela está espumando pela boca, e me despeço do restante do grupo. Malakai está digitando furiosamente, com a testa franzida. É uma expressão que já vi em seu rosto, logo antes de a gente terminar. Distraído, irritado, frenético. Ele ergue a cabeça, de repente sem expressar nada.

— Temos que ir agora, Kiki.

Eu me encolho com o tom de voz, olhando por cima do ombro conforme junto minhas coisas.

— É, eu sei, você já disse. Qual seu problema, na real? Não gosto nada do jeito como você está falando. — Fecho o casaco de ginástica justo e olho para ele. — Se controla, caralho.

Malakai passa a mão no rosto e inala fundo.

— Desculpa. Desculpa. Estou só estressado.

— Beleza, bom, *desestresse*, então.

Jogo a bolsa no ombro, lançando um olhar a ele enquanto vamos para a porta, à medida que nossos amigos começam a seguir a orientação de Aminah sobre "o rebolado discreto ser o caminho para o sucesso".

— Fica a meia hora daqui. Vamos chegar a tempo. Você tem que relaxar. Não deixa seus erros virarem problemas dos outros. — Eu lanço um olhar cauteloso. Malakai está com cara de exausto, um tanto desolado. Não ligo. Não é de minha conta. Umedeço os lábios, falando com um tom leve: — Tem mais alguma coisa incomodando você? Estou perguntando como colega de trabalho.

Ele nega com a cabeça.

— Não, tudo certo. Só vamos logo para lá, beleza?

Malakai abre um sorriso ofensivamente vazio e breve, e deixa o lugar. Giro a língua dentro da boca e assinto. É quase satisfatório o jeito como quase de imediato sou levada de volta à época do nosso término. No fim, ele ficou muito fechado, imprevisível, instável. De certa forma, sou grata pela atitude. É um lembrete oportuno.

Três anos antes

Malakai ainda não tinha chegado. Eu me perguntei quantos pãezinhos grátis poderia comer antes de ficar chato. Peguei um pedaço de pão de granary e mergulhei no azeite de oliva. Já tinha terminado o vinho tinto, pedido outro, um merlot, e aí um cabernet só para dar uma variada, imaginava que tivessem gosto diferente, embora a cada gole eu só sentisse o gosto de minha própria apreensão, um temor enjoativo. Continuei falando ao garçom que a outra pessoa estava chegando porque lógico que chegaria — por que ele não chegaria? Era um jantar que eu tinha planejado para nós dois, um dos últimos que teríamos antes que Malakai se mudasse

para os Estados Unidos para trabalhar na próxima empreitada de Knight, e eu tinha ido preparada para fazê-lo perder a cabeça. Havia colocado um vestido de alcinha curto e provocante e saltos. Tinha feito depilação, esfoliação, passado várias fragrâncias gostosas na pele, só para o caso dos feromônios não bastarem. Estava cheirosa, e sabia que estava gostosa, além disso, estava no restaurante do hotel no qual eu planejava fazer uma surpresa para ele.

Sem planejar, eu havia começado a dar umas palestras sobre "Mulheres Negras na Mídia" como se fizesse ideia do que fazia. Uma delas havia sido em um hotel cinco estrelas chique no centro de Londres e, como uma desculpa parcial pelo pagamento ruim, os organizadores me ofereceram um voucher para uma estadia de uma noite, uma noite que teria custado umas seiscentas e cinquenta libras se eu pagasse. Eu tinha guardado para quando realmente precisássemos, mas não havia mais tempo para isso e precisávamos muito naquele momento. Nove meses antes Malakai já teria respondido a minhas mensagens àquela altura. Nove meses antes, ele provavelmente nem teria que fazê-lo, porque teria me avisado com antecedência que atrasaria, mas nove meses antes a vida de Malakai não tinha sofrido uma ruptura. Nove meses antes, Malakai ainda falava comigo como sua parceira, como se me amasse, como se eu fosse sua melhor amiga. Nove meses antes, Malakai não passava todas as noites da semana longe de mim, bebendo com os colegas em festas de trabalho, e quando estava comigo não ficava falando: "Estou de boa, Kiki. Relaxa".

Eu sabia que ele estava sofrendo, mas, de um jeito bizarro, recusava-se a admitir, e então estávamos presos naquele ciclo em que uma nuvem escura pairava acima de sua vida e eu ficava com a responsabilidade de fingir que a nuvem não existia, porque se eu falasse alguma coisa, virava a vilã da história — estava o colocando para baixo. Então engolia o sentimento, porque aquilo não era sobre mim, não podia ser sobre mim. Meu namorado tinha perdido parte de seu mundo, tudo tinha virado de cabeça para baixo. Em uma única noite, Malakai se tornou responsável pelo irmão caçula, pelo bem-estar da mãe, com parentes contando com ele. Eu não poderia incomodá-lo, porque o que eu diria? Que queria assistir filme de conchinha? Que ele acordasse e me puxasse para o corpo dele como antes? Que nunca tinha ficado preocupada com a mudança temporária para os Estados Unidos a trabalho, mas naquele momento estava apavorada com o que aconteceria quando tivéssemos uma distância física entre nós uma vez que a emocional já estava me matando?

Meu coração disparava apenas com o pensamento; a boca ficava seca; as mãos, suadas; o corpo parecendo entrar em choque, porque eu não conseguia imaginar um mundo em que nossa relação não sobrevivesse. Era impensável, inconcebível. Eu começava a sentir que o chão que nos sustentava estava se inclinando, e aquele jantar, aquela noite, era um jeito de nos estabilizarmos, voltarmos para nós mesmos. Nós dois morávamos com outras pessoas, então aquela era uma oportunidade de estar em um casulo, de sermos nós dois. Caralho, eu sentia falta de nós dois. Bebi mais do vinho e senti o coração pulsar porque algo já parecia errado, desalinhado. Não sabia o que era, mas sabia.

Ele apareceu no restaurante trinta minutos depois do combinado, cheirando a tequila, perfume e balela. Ele me beijou na bochecha antes de se sentar.

— Kiki, desculpa o atraso. A gente acabou…

Controlei a emoção agitada, extraindo tolerância das reservas nas quais eu vinha me apoiando por quase um ano. Temia estar começando a esvaziar.

Ergui a sobrancelha.

— "A gente"?

— É. A equipe. Foi um happy hour…

Dei uma risada e esfreguei a testa porque, sério, não tinha como ser possível que Malakai me deixou esperando por *meia hora* porque estava bebendo gim e tônica com os colegas em algum pub no Soho. A expressão dele ficou estática na meia-luz do restaurante. Ele estava tão diferente naqueles tempos, a luz nos olhos menos alegre, distante. Era como ver um parque de diversões abandonado, com todas as máquinas desligadas. Assombrado. Antes, quando eu os fitava, via o amor em que poderia me aninhar, eu os via prontos para pescar tudo que fosse jogado nele, esperando que eu e meu espírito fôssemos à tona, saíssem para brincar. No momento a irritação tomava seu rosto. Senti o coração rachar.

— O que foi? — indagou ele.

Dei de ombros.

— Nada.

Malakai abriu um sorriso educado para o garçom quando ele foi anotar o que queria beber, então se virou para mim, a testa franzida, a nuvem tempestuosa pesada em cima de si.

— Kiki, eu te conheço.

— Eu não quero estragar a noite.

— Você acha que ficar reprimindo as emoções vai ser melhor?

Fiquei o observando por um momento enquanto um sorriso desértico escapava. O vinho e minha irritação contida colaboraram para eu dizer:

— Você quer mesmo falar de emoções reprimidas, Kai?

Ele assentiu devagar e se apoiou na mesa, esfregando a ponte do nariz.

— Beleza. Vamos entrar nessa de novo.

— Nessa qual, Kai? Você pode achar que não falar a respeito está ajudando, que ser um homão forte ou qualquer coisa assim…

— Não força, Kiki…

— *Não* estou forçando. Só estou dizendo que esse comportamento de *macho-man* não ajuda ninguém e não combina com você. Não está *ajudando* você. Tudo vai para algum lugar, amor. Toda a dor vai para algum lugar, e está sangrando, em cima da gente…

— Bom, quer saber, desculpa por meu luto ser inconveniente para você.

A frase me acertou em cheio, me deixou sem fôlego, fez as lágrimas arderem nos olhos de imediato, o bolo se formar na garganta. Não havia nada a dizer em resposta àquilo.

A expressão de Malakai logo ficou envergonhada, e ele segurou minha mão.

— Porra. Scotch. Não foi justo dizer isso.

— Tudo bem.

De novo, extraí força das reservas decadentes de tolerância, porque como eu agiria no lugar dele? Quando minha mãe ficou doente, quase perdi a sanidade por completo.

Ele balançou a cabeça, erguendo meu queixo com o dedo, e tive um vislumbre de meu Malakai, meu Kai, ali em seu rosto de novo, reconhecível, suave.

— Não. Não está. Você ficou o tempo todo do meu lado. Tirou dias de folga do trabalho, ficava checando como minha mãe e Muyiwa estavam. Eu não teria conseguido passar por esses meses sem você.

Não sabia o quanto poderia acreditar naquilo quando era como se ele estivesse tentando fazer de tudo para não passar um tempo comigo.

— Mas… — continuou ele, soltando minha mão e expirando pelo nariz. — Eu só… Eu preciso lidar com isso do meu jeito, tudo bem? E meu pai quer que eu dê duro. Que suba na hierarquia. Ele sempre disse que se for para trabalhar com isso, eu tenho que ser bem-sucedido. E é o que estou tentando fazer. É o jeito de manter

o legado dele vivo. Vencendo na vida. E isso inclui fazer coisas extras. Significa fazer contatos.

Eu me forcei a assentir, um movimento restrito, tentando minimizar todo o sentimento que gestos excessivos poderiam desencadear, expor.

— Eu entendo.

Engoli a mágoa, a dúvida, porque o que eu poderia dizer para um homem que achava que estava fazendo todo o possível para deixar o pai orgulhoso?

Malakai inclinou a cabeça para o lado, analisando-me.

— Você está linda, amor. Você se arrumou tanto assim para quem?

Apesar de tudo, apesar de mim, a frase fez uma sensação empolgante me atravessar, um quentinho por dentro.

— Bom, o garçom e eu ficamos bem chegados durante sua ausência. Deu uma olhada nele? É meio Semana da Moda em Paris.

— Ah, com certeza. Lindão.

Malakai riu, a luz voltando a seus olhos. Eu queria me envolver na coisa, grudar na pele, engolir. Tinha sentido tanta saudade.

— Exato. Isso aqui tudo é para Adama. Ele é senegalês, aliás.

— Sério? Um salve para meus irmãos francófonos.

— Ele está fazendo mestrado em psicologia, inclusive. Vai ser terapeuta.

Eu me perguntei por um momento se deveria aproveitar a oportunidade para sugerir a terapia para Malakai de novo — ele tinha dito não estar pronto —, mas mordi a língua para preservar o momento.

Pareceu ser a decisão certa porque Malakai ergueu o copo e me olhou nos olhos, o brilho antigo e brincalhão presente de novo.

— Bem, parabéns para ele e parabéns para mim. Pode dizer a Adama que só eu vou perguntar se você está gostando de qualquer coisa hoje.

Deixei nossa tagarelice acalmar meu nervosismo, amenizar a sensação frágil. Eu não tinha com o que me preocupar. Estávamos bem. Estávamos muito bem.

Presente

Malakai está andando de um lado para o outro em frente ao bar fechado no sul de Londres, falando ao celular, passando a mão pela nuca. Está falando baixo, rápido e furioso, e toda hora se vira para a equipe para garantir que está “resolvendo tudo”.

Algo me diz que não está, não. Algo parece errado. Sua postura é inquieta, arisca, e Malakai nunca é desorganizado quando se trata de trabalho. Até pode ter sido um namorado inconsistente no fim, mas nunca bobeava com o trabalho. E pela primeira vez desde que começamos a trabalhar juntos, Taré parece um tanto irritada, emergindo da névoa criativa para sair da van preta sofisticada com nosso diretor de fotografia, designer e assistente de produção. Eles tinham voltado para a van depois que descobrimos que a locação que íamos visitar ainda estava com correntes na frente da porta.

— Está tudo bem? Eu preciso mesmo voltar, então se a gente puder resolver isso depressa…

Taré está usando óculos de sol enormes e roupa de academia, a roupa ideal para visitar um espaço de gravação em potencial e voltar para o estúdio.

Desvio o olhar de Malakai, que está tentando esconder o pânico, e me viro para ela, desenhando um sorriso.

— Está tudo bem! — exclamo com zero por cento de certeza. — É só uma confusãozinha! Por que não fica de boa lá na van… Está frio! Vou avisar quando for para você e a equipe saírem!

Estou ciente de que minha voz soa sobrenaturalmente alegre e um tanto perturbada.

Taré concorda com a cabeça, hesitando, então resolve confiar em mim, virando-se para a van sofisticada com janelas de insulfilme. Assim que ouço a porta bater, eu me aproximo de Malakai com casualidade e falo por entredentes:

— Beleza, o que está acontecendo, porra? Não mente.

Malakai ainda está ao celular, andando de um lado ao outro, e se afasta um pouco mais, entrando no beco estreito ao lado do prédio enquanto fala.

— Eu sei, sim, para que dia e horário reservei… Por que está tirando com minha cara assim?… É meu trabalho, cara. Pode vir abrir agora?… É isso mesmo que vai fazer?… É. Tranquilo. Agradeço por nada, caralho.

Malakai encerra a ligação e joga o celular no chão, colocando as mãos na cabeça, ainda andando de um lado ao outro, com os olhos vermelhos. Minha pele começa a formigar em pânico — tem alguma coisa muito, muito errada. Malakai não é assim. Nada disso combina com ele. É diferente de *inconstância*. Pego o celular — que por sorte não rachou — e me aproximo, tocando-o no braço.

— Malakai — falo, mas ele não me olha, está com a mandíbula tensa e olha para

o nada. — *Kai*. Olha para mim. — Ele obedece, os olhos estão turvos, de um jeito confuso, desolador. Não pode ser só por causa do trabalho. — O que está acontecendo? O que houve?

Ele balança a cabeça.

— Eu fiz merda, Scotch. Confundi os horários, e agora o bar não está disponível para a gravação. Estamos ficando sem opção. *Merda*, cara. Como eu fiz isso?

Malakai parece estar furioso consigo mesmo; nunca o vi tão furioso.

Meu sangue parece circular mais pesado, a preocupação correndo junto nas veias.

— Ei… Kai… está tudo bem. Fica calmo…

A voz de Malakai sai em arfares frenéticos, os olhos mais brilhantes enquanto mira um ponto acima da minha cabeça.

— Não, Kiks, você não entende. É para eu ser bom nisto… É isto que eu tenho que fazer. É para tudo dar certo hoje. É para tudo dar *certo*. Está todo mundo contando comigo para que dê certo…

Sua respiração está muito mais rápida, e o pavor me atravessa enquanto tiro as mãos dele da própria cabeça com gentileza.

— Tudo bem, me escuta. *Olha* para mim — oriento.

Ele obedece, hesitante, e o que vejo acaba comigo. Já vi esse olhar antes. É a solidão que aparece e o envolve. Coloco o celular no bolso de meu moletom e coloco a outra mão em seu peito.

— Respira comigo, Kai. Consegue fazer isso? — Ele confirma com a cabeça, apático, e assinto junto, abrindo um sorriso reconfortante, sussurrando: — Obrigada. Beleza. — Inalo e exalo bem fundo, e Malakai me imita, o olhar turvo todo em mim. — Ótimo. Você está bem. Você está bem, beleza? Somos uma equipe. Entendo que pareça algo muito grave, mas estou aqui com você. Vamos resolver tudo junto. Estou com você, tudo bem? Estou com você, Kai.

A respiração dele desacelera e os olhos ficam mais nítidos, mirando os meus como ele se tivesse acabado de sair de um transe. Afasto as mãos e Malakai fica me encarando, vulnerável.

— Por favor, não conta para ninguém.

Engulo em seco, tentando conter lágrimas inexplicáveis.

— Eu… eu não vou contar. — Nem sei o que é para eu não contar a ninguém. — Claro que não. Como está se sentindo?

Ele acena com a cabeça, sem jeito.

— Melhor.

— Tudo bem. Então a gente provavelmente tem que voltar agora. Se quiser ir para casa, posso segurar as pontas aqui.

Malakai nega com a cabeça.

— Não. Estou bem agora. Estou bem…

— Malakai, está tudo bem não estar bem. O que aconteceu…

— Eu já falei — brada ele, os olhos acessos. Não é comigo. Sei que não é comigo, a raiva é do que quer que ele esteja escondendo. Mas é amargamente familiar, uma recusa de se abrir comigo, como se eu fosse uma convidada casual no espaço que lhe pertence, não alguém cujos contornos Malakai conhece bem. — Só estou estressado. Como falei. Tem muita pressão nesse trabalho, e a gente não tem muito tempo. Olha, desculpa, não quero jogar isso em cima de você. Vou lá só explicar…

Deixo o fio da ideia se formar e se desenrolar em minha mente, virando algo que talvez funcione. É um risco, mas é a única escolha que temos.

— Não. Eu tive uma ideia.



— Sákárà? O restaurante de seus pais? — Taré está cética enquanto entra no salão do local, subindo os óculos para o cabelo crespo. — Isso foi planejado?

Malakai e eu nos entreolhamos antes de eu rir de um jeito que oro para soar como uma dupla que sabe bem o que faz.

— Claro! Sabíamos que o outro lugar provavelmente não ia rolar, mas queríamos considerar todas as opções antes de mostrar a escolha perfeita. Né, Malakai?

Ele concorda com a cabeça, um tanto aturdido, pigarreando.

— Exato. — Malakai fica mais alerta quando Taré analisa ao redor, curiosa. — É aconchegante e autêntico, tem muito potencial para criar uma aura privativa, e é único. Além disso, a história do lugar conversa com o você que quer fazer. Representa comunidade, cultura…

Assinto, sorrindo para nossa gerente de meio-período, Chidi, enquanto vamos para a frente do restaurante.

— Na verdade, antigamente, existiam apresentações de música ao vivo aqui. Tinha uma banda toda noite, e as pessoas vinham aos fins de semana para relaxar,

trocar ideia, dançar. Acho mesmo que com uns ajustes o Sákárà pode servir bem para o que a gente precisa no vídeo do single principal. Qualquer venda que aconteça não vai ser firmada até depois da data da gravação, então teremos tempo, e seria um ótimo jeito de se despedir do espaço. Além disso, é bem mais barato que as outras opções.

Taré anda ao redor, inspecionando tudo com meticulosidade, observando bem cada detalhe. Até que por fim um sorriso lento surge em seu rosto.

— Olha, não sei o que vocês aprontaram, mas está funcionando. Gostei. É pessoal, tem história, tem potencial. — Ela faz uma pausa e reveza o olhar entre mim e Malakai. — Beleza. Podem começar a ajeitar tudo.

Malakai ergue as sobrancelhas, lançando-me um olhar surpreso.

— Tem certeza?

Taré dá de ombros enquanto segue para a porta.

— Tenho certeza de que vocês dois se importam o bastante com o projeto para não deixar a gravação uma merda. Vou voltar para o estúdio… Vocês vêm?

— Hum, acho que eu vou ficar mais um pouco…

— Eu também — adiciona Malakai. — Acho que vamos acertando a direção agora que sabemos onde vai ser.

Taré reveza o olhar entre nós dois de novo antes de assentir.

— Beleza. De boa. Bom trabalho, galera. Até segunda.

Assim que ela e a equipe vão embora, Malakai se vira para mim, com o corpo relaxado de alívio.

— Scotch… obrigado. — Ele se aproxima de mim, o olhar sincero. — Sério. Eu não sei como teria consertado isso.

Mal assimilo o fato de que fechamos uma locação, porque ainda estou afetada pelo que quer que esteja acontecendo com Malakai.

— Eu falei para você. Somos uma equipe. Então, aproveitando esse fato, pode, por favor, me contar o que rolou naquela hora? Você já teve ataques de pânico assim antes?

Tive alguns na época da escola quando minha mãe ficou doente; reconheço o padrão, os sinais.

O olhar de Malakai é desconfortável.

— Não foi um ataque de pânico. Estou bem. Estou só cansado. Kiki, sou grato por tudo o que fez hoje. Significa… significa muito, mas por favor… por favor,

podemos deixar isso pra lá?

Dou de ombros, deixando as mãos caírem e estalarem nas coxas.

— Eu queria conseguir, Kai, mas infelizmente, eu me pego me importando com você… o que quer que isso signifique no presente contexto… Não gosto do que vi em seu rosto. Da última vez que ficou assim foi quando…

— Kiki. — Meu nome soa brusco, como uma flecha, fazendo-me parar de falar. Ele aperta a pele da testa entre o polegar e o indicador, massageando de leve. — Estou implorando. Hoje, não. — O olhar de Malakai é torturado, quase brigando consigo mesmo, buscando a mim e então se refreando. — Deixa isso pra lá — repete, por fim, o que faz algo gelado se fincar em meu peito.

Não sei que tipo de masoquismo é esse, precisar me envolver com alguém que está fazendo tudo para me manter distante. Não digo nada, ergo as mãos para cima em sinal de rendição.

Malakai assente, então se inclina e me beija na bochecha. Sinto uma pontada de anseio, gelada e dolorosa, quando ele sussurra:

— Obrigado, Scotch.

E aí então deixa o restaurante, quase do mesmo jeito como me deixou da primeira vez. Parece que temos a resposta do que aconteceria se tivéssemos a chance de voltar no tempo.

Faríamos exatamente a mesma coisa.

CAPÍTULO 13
Ao vivo no Sákárà, rosas têm mesmo cheiro de bosta

—Galera, vocês *têm* que parar de ficar encarando. Caso não se lembrem, isso é meu trabalho, e eu preferiria que Taré Souza não tivesse que pedir uma ordem de restrição contra minhas amigas.

— É só que ela é tão linda — responde Aminah com um olhar sonhador para Taré, que está no palquinho baixo que montamos no Sákárà. — Ela está usando uma versão exclusiva de Dye Lab, não é? Ela estava usando Ahluwalia antes! A coleção ainda nem saiu! Acha que ela consegue arranjar para mim? Quero pegar umas coisinhas para a despedida de solteira na semana que vem. Na verdade, será que eu posso só pegar o que ela está usando? Acho que somos do mesmo tamanho. Embora ela já tenha feito muito por nós. Tipo, eu ainda não *acredito* que ela ofereceu mesmo a casa na África do Sul para a despedida de solteira.

Dias antes fiz um comentário informal para Taré sobre estar procurando um lugar para fazer a despedida de solteira de uma amiga, e ela não pensou duas vezes nem parou de fumar o baseado quando sugeriu com a voz rouca:

"Ah, querida, por que não falou antes? Ganhei uns convites para o Festival Afrotopia. Não vou porque vou provavelmente vou estar ocupada finalizando o álbum, mas considerando que vai ser depois de sua parte já ter terminado, você deveria ir. É VIP, lógico. Posso ajeitar as coisas para você."

E como todas as madrinhas já tinham guardado dinheiro, achando que teríamos que pagar por hospedagem, e com as milhas aéreas, uma pesquisa bem programada e uma decisão mútua de fazer dessa oportunidade nossa viagem em grupo anual, conseguimos achar voos com um preço razoável para a Cidade do Cabo. É um alívio criar expectativa para alguma coisa boa depois de meses de trabalho no documentário, planejando o clipe e o show ao mesmo tempo, e ainda dançando um

tango emocional com meu ex-namorado, que é muito bom em bagunçar minha cabeça antes de voltar a assumir uma postura profissional, indiferente e distante.

Agora eu observo Malakai zanzando pelo espaço, cheio de energia, as mangas da camisa de flanela dobradas, conversando com Taré enquanto a maquiagem dela é feita. Ele dá instruções e faz piada com o técnico de som antes de cumprimentar uns amigos que entram no restaurante, parte da lista de convidados dele. Malakai está se sentindo totalmente em casa, brilhando, confortável na própria pele, e é difícil não ficar hipnotizada pela cena. Olhando-o agora, seria fácil esquecer de que um mês antes ele estava andando por aí com uma sombra sobre o rosto. Mas eu não esqueci.

Apesar do comando para eu "deixar pra lá", uma semana depois do que com certeza foi um ataque de pânico, mandei para ele o contato de um terapeuta que Chioma já namorou. O cara era bem pé no chão, engraçado, e todo mundo gostava dele — só não deu certo entre Asani e Chioma porque ele queria uma relação exclusiva e Chi disse que queria "vivenciar intimamente outras almas". Kai não respondeu, mas deu uma curtida na mensagem. Não sei o que isso quer dizer de maneira prática. Não falamos a respeito, porque somos assim, deixamos os Não Ditos se empilharem, atendo-nos à civilidade superficial. Por sorte, minhas amigas estão distraídas demais por Taré para perceberem que estou ao mesmo tempo secando e tentando dissecar emocionalmente o homem que elas (Aminah, no caso) me alertaram para manter distância.

— A pele dela está reluzindo mesmo? Olha esse brilho. Eu tenho que achar esse óleo corporal. Sabe onde a maquiadora dela está? — Shanti continua o cantarolar coletivo sobre a beleza de Taré, de onde estamos sentadas em nossa mesa de sempre.

— Por favor, Shanti. — Chioma parece a manifestação humanoide de um emoji de coração. — Isso não é só cosmético. É uma coisa que vem de dentro. Tem, tipo, uma aura. Vou perguntar como ela se centra espiritualmente.

Ah, aqui tem um estoque *inteiro* de material com o qual vou sacanear todas elas depois. Dou uma risada e me recosto nas costas da cadeira de Aminah.

— Façam isso, mas talvez seja melhor depois do show?

Malakai, Taré e eu criamos o conceito juntos. Ela queria algo que remetesse a países da África Ocidental dos anos 1960, a atmosfera de liberdade, esperança, mulheres em saias curtas, homens ainda compreendendo a arte de flertar, nações em ascensão. Lembrei de uma boate antiga de que meu pai tinha falado uma vez, a qual o pai *dele* frequentara, Kakadu em Yaba, Lagos, um bar com salão de dança em que

pessoas como Wole Soyinka e Chinua Achebe iam trocar ideia, cujo palco abrigou figuras como Fela Kuti e King Sunny Ade. O lugar tinha sido o coração da boemia de Lagos, um espaço para estar e ser visto. Fora destruído durante a guerra civil e nunca reabrira. Achei que funcionava muito bem prestar aquela homenagem no Sákárà, um lugar em que meus pais haviam plantado minha esperança e encontrado a própria liberdade. Todo mundo saía ganhando: encontramos uma locação para o clipe, faríamos uma boa despedida para o restaurante e eu também conseguiria fazer do momento um mimo pré-despedida de solteira para as meninas. A lista de convidados foi elaborada a dedo para incluir escritores, artistas, ativistas, jornalistas, alguns formadores de opiniões que iam na contramão do sistema e nossos amigos.

"Não é sobre quem tem mais seguidores. Não é sobre influenciadores. É sobre *cultura*. Pessoas que querem conservar, preservar e inovar", dissera Taré.

Então, com tal declaração, não mudamos muito do interior do Sákárà, apenas potencializamos a aura de aconchego — a música "Got Til It's Gone", de Janet Jackson, foi uma das principais no painel de inspiração de Kai. Queríamos que o show parecesse uma *jam session* misturada com um lugar íntimo em que o pessoal pode relaxar, por isso tapetes grandes e pequenos foram dispostos; abajures extras; toalhas de mesa Ankara; assim como foram penduradas fotos emolduradas de nossos pais. Está cedo, umas dez da manhã, mas a luz e as coberturas nas janelas fazem parecer início de noite. Há uma pegada sensual e bronze em tudo, todo mundo, um quentinho, uma harmonia, e encorajamos as pessoas a usarem tons terrosos. E Shanti nos ajudou a garimpar uns designers negros para providenciar os trajes.

O intervalo me permitiu um momento para absorver tudo o que fizemos, e uma sensação cálida começa a nascer em mim, algo similar a orgulho, animação, como se algo grande estivesse prestes a acontecer. O formigamento começa nos dedos e vai subindo até o cérebro. Tudo bem que não dormi muito na noite anterior e estou de pé à base de dois cafés, mas ainda assim. Algo se solidifica em minha mente.

— *Opa*. — Aminah sai da mesa e para a meu lado. — Conheço essa cara. Banjo Bélica tem um plano. Qual é a boa? Podemos só pegar as roupas, né? Tipo, ela não notaria.

Sorrio.

— Bem, como produtora do projeto, eu tenho certa liberdade. Vou falar com a estilista.

— Uhul! É a Kinga Kiks! Que bom ter uma melhor amiga poderosa.

Aminah dá um tapa em minha bunda antes de envolver meu pescoço com o braço. As coisas ficaram tensas entre nós por um momento depois da aula de dança obrigatória, mas parece que ela já está mais tranquila; voltamos ao estado relaxado da relação, o que é um alívio.

Rindo, respondo:

— Mas não era isso que estava pensando. O espaço fica maneiro assim, não fica? — Gesticulo para Taré, etérea lá com a banda, as pessoas pelas mesas. — E se — murmuro, observando Shanti e Chioma indo para cima da maquiadora de Taré, que estava saindo do banheiro — isto fosse de verdade?

Aminah franze a testa enquanto olha ao redor.

— Como assim? Estamos vivendo uma alucinação coletiva? — Ela arqueja. — Acha que o óleo de canabidiol que Chi nos deu para relaxar causou isso? Sabia que não era boa ideia, quando até o café me deixa lunática.

Eu me viro para ela, sentindo a pele formigar com as possibilidades que nem a compreensão ruim que Aminah tem da eficácia de canabidiol consegue abafar.

— Bom, sim, só não esquece que você também toma café cremoso com leite de aveia todo dia, mas enfim, eu estava pensando: imagina um mundo em que o Sákárà faz noites de música ao vivo? Toda quinta, uma dose de ânimo no meio da semana. Eu poderia ser a anfitriã. Performances fixas, performances novas, todo tipo. Está tudo mudando ao redor deste lugar, na vida, e se o transformarmos no que era antes? Mas melhor. Uma versão contemporânea.

Aminah assente, balançando com o movimento as pontas viradas da lace no estilo chanel. Ela parece uma das Dreamgirls do filme, angelical sem nem tentar usando um vestido curto e folgado castanho-avermelhado. Está estreitando os olhos, porém, com a perspicácia de uma especialista em relações públicas.

— Já sou fã. Pode se chamar de Sintonia Sákárà?

Faz um tempo desde que Aminah e eu estivemos em *sintonia* deste jeito, considerando o cronograma de casamento e meu trabalho no projeto, então o fato de ela me compreender sem fazer perguntas adicionais parece um presente.

Abro um sorriso e entrelaço o braço ao dela.

— Amei. E… pensa só… e se a gente fizesse no domingo? Assim daria para aumentar o público. A galera jovem fazendo o pós-igreja aqui.

— E os pagãos vêm também — complementa Aminah.

— Bom, eu ia chamar de aqueles que não vão para a igreja.

— Bem, é o que você diria mesmo. Sendo a pagã que é.

— Eu vou para a igreja!

Aminah fica me encarando. Dou uma tossida.

— Online — esclareço. — Às vezes. Enfim. Sou espiritualizada, viu! Não pode me julgar. Você ainda nem escolheu uma religião.

Aminah dá de ombros e fala com uma expressão neutra:

— Ser birreligiosa é meu direito iorubá. Deus conhece meu coração. Você está linda, aliás. *Mashallah.*

Engulo o sorriso e balanço a cabeça.

— Enfim. A questão é: podemos expandir o grupo de clientes. — O entusiasmo correndo por meu sangue diminui um pouco quando a realidade toma à frente. — Dito isso, não sei se vou ter a grana. Na verdade, tenho quase certeza de que não tenho. Tipo, isso aumentaria o lucro, mas para começar em si… e este trabalho nem é permanente. Além disso, meus pais já têm uns compradores em vista. — O pânico começa a me tomar devagar, lutando contra a esperança que comecei a sentir. — Merda, como vou fazer isso?

— Fazer o quê? — A voz afável e grave de Malakai me faz engasgar com o oxigênio. — Ah, trouxe isto que você chama de café, aliás. Avelã e xarope de baunilha. Com meia porção de leite quente. Totalmente nojento.

Ele me entrega o copo, com o rótulo da cafeteria ali perto. Mesmo quando as coisas estão meio gélidas — que é quase sempre — entre nós, Malakai pede um café para mim quando vai comprar um para si. Nossos dedos se tocam quando pego o café, e sinto um formigamento descabido.

Como produtora, a maior parte de meu trabalho aconteceu antes da gravação e tenho uma gerente de logística administrando tudo no set, mas o trabalho de Malakai acabou de começar, então apesar de nós dois estarmos aqui desde as seis da manhã, mal interagimos. E mesmo que isso tenha sido bom, fica nítido que acentuou minha sensibilidade à presença dele porque a palavra "obrigada" sai de mim meio engasgada, e esqueço de fazer uma brincadeira sobre como o amor dele por café puro é um sinal de masoquismo. Malakai está tão lindo que é injusto; ele retirou a camisa verde que usava por cima e expôs a camiseta cinza amassada que é um equilíbrio perfeito entre folgada e justa, fazendo-me ter o vislumbre completo daqueles braços, e expondo os músculos fortes e o pouco pelo que os cobre. Ele está com uma expressão um tanto cansada por estar de pé desde as cinco mais ou menos,

preparando as coisas, mas seus olhos estão vívidos e vivos. Sei que estar no set é tipo uma droga para ele, e fico meio chapada por tabela. A coisa se agita dentro de mim, relaxa meu espírito, mas agora seus olhos me encaram de um jeito confuso e percebo que não respondi à pergunta.

Lançando-me um olhar que grita *O que tem de errado com você, cara?*, Aminah responde por mim.

— Hum, bom, Novato — murmura ela, ainda me lançando olhares perplexos enquanto tento me recompor. — Kiki teve a ideia genial de fazer tipo um Domingo do Soul aqui. Música ao vivo, toda semana. Sintonia Sákárà.

Malakai sorri, reluzindo de entusiasmo, quase como se nunca tivesse me dito para não me meter na vida dele.

— Sério? Que irado. Uma ideia excelente. Você vai ser a anfitriã, né?

Por que ele está se comportando como se ligasse? É uma performance teatral esquisita? Se formos sinceros, isto não é da conta dele, e é certo que estamos *mal*, mas demonstrar isso para Aminah deixaria claro que aconteceu alguma coisa entre nós. Também tem o fato de o interesse dele ser acolhedor, inflamando meu próprio entusiasmo com a ideia.

Dou de ombros, fingindo que a coisa toda é rasa e não está se cristalizando mais e mais como um bote salva-vidas para mim.

— Em teoria, sim, mas não pensei em algo como uma noite de microfone aberto. Seria um lounge. Criar cultura a partir da música.

Os olhos de Malakai faíscam, e seu sorriso se expande.

— Que incrível, Scotch. — Ele olha ao redor do espaço. — Com uma estrutura parecida com esta, né? Íntimo. Caseiro.

Malakai entende, lógico. Ele sempre entende, e fico espumando de raiva com a injustiça, porque como pode o único homem (ao que parece) que consegue se infiltrar sem dificuldade em minha psique ser uma dor de cabeça emocional crônica?

O olhar dele brilha, e começo a suar dentro do look rosa curto, de decote largo, inspirado no conjunto tradicional iorubá iro e buba, apesar das mangas arejadas, o lenço curto e a renda fina. O calor entre nós se acende de novo, inegável, alta temperatura. É uma coisa muito estranha. O ar fica pesado com o Não Dito, engasgando-se com a fumaça resultante do desastre de nosso fim, nossa queima, e ainda assim esse ímpeto entre nós sempre cresce e flutua acima, cintilando.

Dou uma tossida.

— Bem, isso é tudo meio que uma doce ilusão. Meus pais receberam três ofertas de venda. Vão decidir no máximo daqui a duas semanas, provavelmente, e não tem como eu conseguir lotar o Sákárà a tempo, mesmo se eu tivesse os recursos. Então.

— Você não é de ter doces ilusões, Kiki. Você tem, tipo… várias realidades aí marinando. Imagina cenários para o futuro, e sabe bem quais sabores quer.

Malakai fala isso com uma convicção que se assenta como se seu lugar fosse ali, solidificando minha própria certeza, porque sim — sei que ele tem razão —, mas, ainda assim, a crença faz o formigamento correr pelo corpo todo. Preciso me desvencilhar desta novela, mas nem sei quando que voltei a ser personagem, como que acabei presa no elenco. Sinto Aminah começar a revezar o olhar entre nós dois em desconfiança, e fico grata quando uma das assistentes de Taré, Serenity, interrompe.

— Tem alguém esperando você lá fora. Não está na lista de convidados. Falei que está ocupada, mas a pessoa está insistindo. Falou que é uma emergência com Solange, a filha de vocês? Ah, e pediu para entregar isto a você.

Serenity não parece nada animada quando coloca o buquê de rosas do tamanho de minha cabeça em meus braços antes de voltar a cuidar de sua celebridade.

— Você odeia rosa vermelha. — As vozes de Malakai e Aminah declaram em uma sintonia não proposital, os dois com expressões curiosas. — Você gosta de ranúnculo — adiciona ele.

Os dois se entreolham, e meu rosto fica quente, em constrangimento. Faz um tempo desde que vivenciei o poder duplo de raio x deles calibrado especificamente para as minhas nuances emocionais.

— Eu não *odeio*, gente. Quem é que odeia rosa vermelha?

— Odeia, sim. — A perplexidade toma o rosto de Aminah. — Você diz que é muito básica. Diz pra mim quem foi que comprou flor lá da Éden para você? É a floricultura mais cara de Londres. Eu sei porque queria contratá-los para o casamento, aí Kofi viu o preço. Falou: "As flores vêm *mesmo* do Jardim do Éden? Por isso esse preço?". E por que a pessoa está dizendo que vocês têm uma filha chamada Solange? Este buquê é *robusto*.

Alguém está chamando Malakai, mas ou ele não ouve ou finge não ouvir — seu rosto é uma fachada de neutralidade, um interesse leve se insinuando.

— É, Kiki, qual foi a cobra que trouxe um buquê do Éden para você?

Parece que ele se arrepende da frase assim que sai. Fica com o corpo rígido,

arregalando os olhos em pavor, e Aminah o encara como se a cabeça dele tivesse se descolando do pescoço.

— Foi uma piada — adiciona Malakai com uma tossida. — Sabe. Bíblica.

Aminah revira os olhos.

— *Afê*, enfim… — Ela gesticula para eu ler o bilhete no buquê, e abro, confirmando o que eu já imaginava. — *Bakari?* Eu achei que fazia meses que vocês não se falavam.

Minha pele começa a pinicar debaixo da roupa enquanto Malakai me perfura com o olhar.

— Pelo amor de Deus, Minah — murmuro. — Você podia ao menos fingir que não leu.

— Isso seria perda de tempo para todo mundo, e você sabe. Como ele sabia de hoje?

Estou muitíssimo desconfortável e, com todas as luzes e a tensão pós-sexual com Malakai e o fato de que não contei para Aminah que transei com Malakai (incluindo a S.E. bem recente) e com as flores de meu mais novo ex na frente DO ex, talvez eu superaqueça e morra.

Tusso, coloco o café de lado e dou um gole na garrafa de água roxa grande que coloquei na mesa atrás da gente, ganhando tempo, mas desce errado e acabo me engasgando. Aminah dá tapinhas em minhas costas e quando me recomponho, os dois ainda me encaram, inabalados por minha quase morte, esperando uma resposta.

Suspiro.

— Não tem nada de mais. Bakari me mandou mensagem umas semanas atrás, perguntando como eu estava e respondi. Óbvio que o trabalho e o clipe entraram em pauta. Só isso. Ele está só sendo simpático. A gente é, hum, parça.

A risada escapa de Aminah, e o ceticismo a faz arquear a sobrancelha bem-feita.

— *Parça*? Minha querida, você já usou essa palavra de propósito alguma vez na vida? Aliás, você não pode ser parça de seu ex. — Aminah se controla, arregalando os olhos, revezando o olhar entre os rostos petrificados (meu e de Malakai). — Tipo, vocês dois são diferentes porque já tem uns anos, mas você e Bakari? Ainda é muito recente. Sei, não. Acho que ele está querendo voltar. O que não é bem uma coisa ruim, contanto que o tempo o tenha feito tomar tenência. Aliás, acha que Bakari tem algum contato lá na Éden que me arranjaria um desconto?

— Olha, quer saber? Vou só lá ver o que é que ele quer — declaro, a cabeça a toda enquanto coloco as rosas na mesa.

— Hã, a gente retorna em quinze minutos. — A voz de Malakai é da temperatura de um iceberg enquanto gesticula para as flores. — E não podemos ficar com isso aí no set.

Reviro os olhos para a enorme simplicidade do ego masculino enquanto pego o buquê de volta.

— Beleza. Volto em catorze minutos.

— Doze, por favor. Vamos precisar fazer os retoques de maquiagem.

— Boa, verdade. A nossa pegação com certeza vai me deixar toda bagunçada. Sem problema. Alerte os maquiadores.

Abro um sorrisão satisfeito para a expressão irritada de Malakai e saio do restaurante, rebolando o quadril ao som da risada de Aminah.



— Kiki… você está maravilhosa.

Bakari, que estava apoiado na parede do restaurante, mexendo no celular, endireita a postura ao me ver, me analisando enquanto ele abre um sorriso. Ele também está bonito, com uma touca de tricô azul-marinho, regata branca, jaqueta de couro bomber e *calça de couro*? Ousado. No mesmo instante sei que a assistente dele pesquisou as melhores roupas para a época entre estações este ano. Mas combina com Bakari; ele se porta bem, o traje acentua as maçãs do rosto destacadas e o corpo esguio. Parece um pouco o Lenny Kravitz magrinho, se Lenny Kravitz dissesse que "não extrai prazer sensorial da música", mas aprecia como uma "experiência tecnicamente agradável".

— Obrigada, Bakari. Você também está bonito… — Abaixo o queixo, indicando as flores nos braços. — E obrigada pelas flores. São lindas.

A verdade é que Bakari e eu não nos falávamos desde a noite da festa de noivado, mas, quando ele mandou mensagem há algumas semanas, achei que seria estranho ignorá-lo. Não tinha nenhum clima ruim ou bom entre a gente, não tinha clima nenhum. Tipo algo sem vida. Foi educado, amigável, e por isso receber oito dúzias de rosas me deixou meio alucinada das ideias. Sobretudo porque Aminah e Malakai têm razão. Odeio rosas vermelhas, caralho. Acho que não são nada originais e que *se*

acham as mais brabas do mundo botânico, mas já viu um ranúnculo bem roxo florescendo? Bem mais macio, delicado, majestoso. Malakai sempre me dava um buquê de ranúnculos de aniversário — um pensamento que não é para estar me ocorrendo diante do sorriso torto e charmoso de Bakari.

— Bem, eu só queria desejar boa sorte para você hoje — afirma ele. — São as melhores da cidade, e é o que você merece.

Ele lança um olhar para o movimento no restaurante, com a equipe entrando e saindo, e as vans estacionadas ali fora, fazendo as vezes de camarins, com espaços para arrumar cabelo e aplicar maquiagem.

— Então é isso. Você está fazendo uma coisa muito maneira, Kiki. É tão incrível ver que encontrou algo para fazer enquanto não se estabiliza…

Como? Como Bakari sempre faz isso? Usa um elogio para esmagar a esperança que eu nem sabia ter?

— Aham, valeu, hum, Bakari, eu tenho que voltar para o trabalho. Está tudo bem?

— Aham. Aham, mais do que bem, na verdade. — Ele muda de posição, esfregando as mãos. Parece *animado*. Bakari quase nunca "se anima". — Duas coisas que quero dizer. A primeira é que minha empresa-mãe comprou a SoundSugar. O que significa que se quiser o *Batida* de volta, é só dizer e é seu. Já falei com Amelie, e ela elaborou o contrato…

Eu me engasgo com o ar. Será que este é um… gesto romântico de um homem que acha que um gesto romântico é fazer a concessão de me deixar dormir no lado da cama que eu sempre durmo nas vezes em que fiquei na casa dele?

— Espera aí… Quê? Bakari, isso é tão… Nem sei o que dizer…

E isso não é só verdade por causa do choque. Por mais que eu tenha considerado recuperar o *Batida* só por causa do princípio da coisa, nunca pensei de verdade como seria isso na prática.

Bakari parece nervoso de um jeito não característico. A luz do sol ilumina seu rosto, destacando uma vulnerabilidade latente que me lembra de por que gostei dele de início.

— Espera. Não diz nada ainda. — Ele respira fundo e chega mais perto. — A segunda coisa, amor, é que pensei na probabilidade de conhecer alguém tão ótima quanto você no futuro e percebi que é muitíssimo improvável. Você é inteligente, bonita, gentil e tem ótimos valores morais. E ainda que esses valores sejam… pouco

práticos às vezes, no fim das contas fico feliz que os tenha. No sentido de que é melhor ter do que não ter. E acho que precisávamos mesmo desse tempo para pensar e ter certeza de que é para estarmos juntos. Senti falta de sua companhia, Kiki, e acho mesmo que podemos construir uma parceria de longo prazo. Olha, eu sei que você foi à festa de M com Malakai. Eu estava lá. Vi vocês juntos.

Franzo a testa, a mente travando em várias palavras que ele disse, sem tentar elucidar o fato de que embora Malakai e eu estivéssemos juntos lá, não estávamos *juntos*.

— E por que não falou nada?

— Porque não importa, Kiki. — Sua postura é estranha, casual. E não que eu precisasse de um rompante sem sentido de macho por ele ter me visto com meu ex, mas ao menos esperava *alguma* reação emocional que eliminaria a hipótese de Bakari ser, na verdade, um robô. — O passado não importa. Olha, eu queria um tempo para termos mais clareza sobre a relação, e foi isso que aconteceu…

— Espera aí. — Solto uma risada alegre, sacando tudo. — Você não falou nada lá porque também estava com uma pessoa, não é? Na festa?

Inclino a cabeça em uma interrogação gentil, um sorriso não acusatório, e Bakari parece desconfortável.

— Olha, Kiki, somos adultos. Nós dois estávamos tendo experiências…

Faço um som de deboche, colocando a mão na boca, porque, sério, isso é hilário. O cara pintou e *bordou* com geral. Por que eu não fiz o mesmo? Em vez disso, fiquei perdendo tempo em uma dança erótica emocional com um (único) homem.

— Experiências? No *plural*? Olha, você não perdeu tempo mesmo…

— E acho que precisávamos saber com certeza que funcionávamos juntos. Nós combinamos. Dois profissionais pretos determinados. — Credo, por que ele está falando de nós dois como se fôssemos dados estatísticos? — Além disso, eu inscrevi você para a lista dos profissionais "30 Abaixo dos 30" do ano que vem…

Um cenário começa a se formar em minha mente devagar, atribuindo tom e cor ao Gesto Romântico de Bakari.

— Que generoso. O podcast de Kitty está indo bem?

Bakari arrasa na expressão confusa.

— Bem, não. Na verdade, foi cancelado. Óbvio. Tipo, ela não é você…

Assinto, compreendendo.

— Óbvio. Então na verdade seria benéfico para a SoundSugar que eu voltasse,

considerando que eles têm uma vaguinha sobrando. Também venho recebendo muitas mensagens nas redes sociais de ouvintes perguntando por que o podcast não vai voltar. As redes da produtora devem estar cheias de comentários também. Eu voltar seria excelente para o marketing. Acabaria com os rumores de treta, não é?

— Bom, é, mas eu não sei como que isso é relevante…

— … e se for benéfico para a SoundSugar, é benéfico para você. Seria um *ativo* muito bom para o negócio com sua empresa-mãe se conseguisse me fazer voltar, né?

— Bom, claro, mas isso não tem nada a ver com…

— E seria grandioso se eu tivesse um podcast na SoundSugar, ainda mais porque você tem a Ônix. Nós ficaríamos ótimos. Um casal preto no poder.

Bakari sorri e segura minha mão.

— Exato, amor. Pensa em como isso faria nossas marcas pessoais crescerem?

Arregalo os olhos, deliciada, porque, sério, nada causa mais euforia do que ter uma total e absoluta clareza de uma decisão. Diante de mim está um homem que quer ficar comigo mencionando nossas *marcas pessoais*. Como uma mulher recusa uma proposta dessas?

— Na verdade, a primeira coisa em que pensei foi em minha marca pessoal. E, no fundo, você meio que gostou de saber que eu estava na festa da M, não é?

— Bem, M é uma peça-chave na área da cultura. Estar na festa diz muito sobre quem a pessoa é… — (juro, quem é M, *porra*?) — … e o fato de que nós dois estávamos lá mostra que estamos no mesmo momento de vida. Estamos *alinhados*, Kiki.

Balanço a cabeça.

— Ai, cara, Bakari, querido, acho que não estamos, não. — Tiro a mão da dele. — Acho que você é muito superficial e que até esconde bem isso com o discursinho liberal sobre *visão* e *comunidade*, conversinha para boi dormir. Na real, você só liga para si mesmo. E sua imagem. Não estou tentando ser cruel, eu só… acho que preciso dizer a verdade a você ao menos uma vez. O pior é que eu não acho que seja uma pessoa ruim. Só é uma boa pessoa que não tem a coragem nem o senso de identidade para viver a própria verdade, e para mim isso é ainda mais triste. Porque sei quem você poderia ser… é de quem eu gostei e quem pensei amar. É só que… não sei… você meio que foi mudando à medida que foi ficando bem-sucedido. E nem culpo você pelo nosso término. Não culpo mesmo. Eu queria que o adequado *bastasse* para mim, mas não basta. — Faço uma pausa enquanto percebo algo. — O

que, na real, é meio irônico, considerando o quanto você é obcecado com ser o melhor.

Parece que dei um soco na cara de Bakari, e embora eu me sinta um pouco mal, estou tendo uma epifania e não consigo parar. Não tive tempo de pensar em minha relação com Bakari nos últimos meses, e a chance de fazer isso me causa um rompante de compreensão. Eu me sinto mais leve, mais livre, nesse momento de desabafo.

— Enfim. Eu sinto muito *mesmo* por esta relação ter durado tanto tempo quando, na realidade, estava empurrando com a barriga. Não estava sendo desafiada, e gostava disso. Eu estava tão… apavorada com a ideia de sentir demais que falei para mim mesma que tudo bem estar com alguém que não me conhecia…

Bakari enfim fala, franzindo a testa.

— Kiki. Qual é. Eu conheço você…

É interessante como ele só ficou ofendido com a parte de não ser O Melhor Em Relacionamentos.

— Bakari, eu não gosto de rosas. Acho que elas são, tipo, o equivalente àquelas camisetas que têm os dizeres: "Foco, força e fé". Não sei explicar melhor que isso. Enfim, eu devia ter contado. Desculpa, mas você nunca perguntou. Além disso, acho triste que você lê os resumos dos livros na lista dos mais vendidos para ter assunto em festas de angariação de fundos em vez de só ler alguma coisa de que você gosta *de verdade*. Digo alguma coisa que não seja um livro de autoajuda chamado *Como fazer amigos e demitir pessoas*. Desejo que um dia você tire um tempinho para descobrir quem é de verdade e do que gosta sem pensar em quem *deveria* ser, sabe? Acho que você virou uma pessoa muito bem-sucedida cedo demais, e aí deixou isso ditar quem é em vez de ser o contrário.

"E, na real, quem você é *é* bem maneiro. Como falei, gostei de você. Gostei de você de verdade, Bakari. E acho que você gostava de mim também, no início, mas acho que em determinado ponto passou a gostar mais da ideia do que eu era do que de mim. E não fiquei ofendida, aliás. Tipo, sei que sou fantástica. Só acho que você estava ocupado demais para gostar de qualquer outra pessoa que não fosse você. Eu cabia em sua visão de 'vida boa', mas não acredito que você quer construir uma vida comigo. No mais, este trabalho não é algo que estou fazendo 'enquanto não me estabilizo'. Adoro ser criativa. Adoro que é meu coração que guia minha mente. É quem eu sou. Ah, aliás, está *ridiculamente* óbvio que você está comendo Amelie."

Bakari fica sem reação por um tempão e belisca a pele na frente do pescoço. Então dá uma tossida e olha para o chão.

— Só aconteceu depois que a gente terminou.

Abro um sorriso alegre.

— Ah, é, mas você estava se adiantando para isso, né?

Bakari não responde. Era para eu estar triste. Há um espaço dentro de mim destinado para a tristeza, e estou esperando que a coisa se preencha, mas continua oca. Talvez haja uma leve decepção ali, um toque de desilusão, mas no geral parece que estou bem. Na verdade, parece que estou ótima. Sinto que me livrei de um fardo, como se, mesmo não estando mais com ele, eu tivesse mantido viva uma versão distorcida de mim, uma que se permitiu chamar uns ângulos monocromáticos desérticos de amor, quando eu sei que sou capaz de uma floresta tropical, solo fértil, fruta suculenta. Malakai e eu não duramos, e talvez não fosse para ser, mas o que senti foi real, e nem ele pode tirar isso de mim. Aquele amor ainda é meu para dar.

— Sabe, Bakari, seu discurso foi bem à altura do filme *Harry & Sally: Feitos um para o outro*, sobretudo a parte em que falou sobre ter uma parceria de longo prazo como se fosse um líder de uma superpotência global tentando fechar um tratado comigo… Mas você não disse que me amava uma única vez.

A expressão de Bakari se suaviza. Não como se lamentasse por ele, mas como se lamentasse muito por mim.

— Kiki, o amor é… qualquer coisa que as pessoas fazem dele, contanto que se tenha os mesmos objetivos que seu parceiro, mas… entendo que nossos objetivos são diferentes.

— Não, veja bem, eu discordo, Bakari. Sim, concordo que nossos objetivos são diferentes, mas não que o amor seja "qualquer coisa". Tenho certeza de que é uma coisa definitiva e persistente, que dá para sentir e tocar e morder, algo que banha tudo em cor. *Tudo*. Não dá só para dobrar e guardar em um lugar conveniente. Não dá para contorná-lo. Você escolhe, e continua escolhendo, e aí vira parte de você, e essa é uma coisa boa porque, se for certo, é algo feito das pessoas: partes de seu espírito e partes do espírito da outra pessoa se encontrando para criar um mundinho para os dois. Ajuda a nos dar poder, a lidar com o mundo ao redor.

Bakari está me olhando como se eu fosse uma criança de 3 anos falando do amigo imaginário.

— Eu não acredito que tenhamos espírito.

— Como nós ficamos juntos?

— Nós éramos duas pessoas negras muitíssimo atraentes em uma festa com umas pessoas brancas meio racistas — retruca ele. A risada me escapa, impulsionada pelo vislumbre surpreendente do cara por quem um dia achei estar apaixonada. — Foi uma piada, aliás. — Bakari sorri e se aproxima, pegando as rosas de meus braços e as colocando com cuidado no chão próximo à parede. E, em um rompante impressionante de espontaneidade, me puxa para um abraço. — Se vale de algo, Kiki, acho mesmo que amei você. Da forma que pude.

— Eu sei. Digo o mesmo. — Faço uma pausa. — Desculpa se fui muito ríspida. Acho que me deixei levar…

Bakari solta uma risada acolhedora.

— Não se preocupa. Não levo para o pessoal. Entendo como minha forma de ver as coisas pode parecer superficial. A diferença é que não vejo problema nisso. A gente só é incompatível. — Ele me solta, mas continua com as mãos em minha cintura. É confortável, afetuoso, como se fôssemos amigos… de verdade, talvez pela primeira vez desde que nos conhecemos. — Então. — Bakari retorce a boca com humor. — Não vai mesmo aceitar o trabalho?

— Bakari, qual é.

— Kiki, esquece a gente. É um ótimo negócio, garanti que fosse. Sei que você não tem o melhor dos relacionamentos com a SoundSugar, mas pode usar isso a seu favor. É bem mais grana. É estabilidade financeira. — Ele gesticula para o Sákárà com o queixo. — E você poderia usar o dinheiro para comprar o restaurante. Contratar alguém para gerenciar durante o dia. Só pensa um pouco, tudo bem?

Eu hesito. SoundSugar me tratou que nem lixo, e é certo que só querem me usar para limpar a barra deles depois que o outro programa deu errado, mas o mais importante aqui é o Sákárà. O legado de meus pais. Construir algo que vá além de mim. E também tem o fato de que talvez eu precise dar passos para trás para conseguir isso. O *Batida* foi parte muito importante de minha vida, ajudou quando precisei me curar, mas acho que já não serve mais para mim, que eu precisaria usar seus componentes para criar uma nova configuração. Ou talvez eu esteja sendo estúpida mesmo e eu precise dar uma boa olhada no trabalho que esse homem rico está me oferecendo.

Bakari me dá um beijo na testa e apoio as mãos em seus braços.

— Pensa um pouco, Kiki. — Ele toca meu rosto com uma das mãos. — Se cuida. — Então abre um sorriso grande e genuíno. — Te amo.

E sei o que Bakari quer dizer, porque quando digo "Também te amo, chef", significa o mesmo, que fiquei feliz por conhecê-lo, que nós servimos aos propósitos que tínhamos um na vida do outro; como se estivesse o levando até a porta, mas tivesse ficado feliz por ele ter vindo visitar; que se vamos levar alguma coisa da nossa relação, ao menos é a vez bem constrangedora em que tentamos apimentar as coisas na cama e deu muito errado.

Alguém pigarreia de um jeito significativo e afasto as mãos dos braços de Bakari. Quando me viro para a porta vejo Malakai, com o rosto neutro, o fone de ouvido ao redor do pescoço, olhando para qualquer lugar que não seja em nossa direção.

— A filmagem vai começar.

Ele não espera mais nem um segundo antes de entrar no restaurante.

Bakari parece achar graça.

— Acho que ele está bolado.

Pego o buquê do chão e respondo:

— Que bom.

CAPÍTULO 14
Ao vivo no Sákárà, aprendendo a se desprender

—Não está dando certo.

Taré manda cortar pela quinta vez, e Malakai range os dentes, mas consegue se controlar enquanto abre um sorriso e tira o fone.

— O que foi, Taré? Só lembrando que nosso tempo é limitado.

Ela revira os olhos.

— Temos todo o tempo do mundo para fazer direito. Isto *tem* que ficar bom. — Taré aponta para o casal que é para estar explodindo de tesão ali, dançando a música dela no meio da pista de dança, como um símbolo da própria cantora, iluminados pelo dourado em uma atmosfera escura. — Aqueles dois não estão me convencendo.

Os atores se desemaranham, sem jeito. Fico com pena, mas ela tem razão. Embora a pequena plateia seja uma mistura de pessoas comuns em nome da autenticidade, escolhemos profissionais como o casal principal no vídeo para ser um pouco mais fácil de dirigir, e eles são lindos — os dois têm pele escura e lisa, a mulher tem um corte rente ao couro cabeludo e o cara usa dreadlocks —, só que ambos estão rígidos, apoiando-se somente na própria beleza, focando isso, temendo se mexerem com mais liberdade. Vejo a força com que tentam *estar* apaixonados.

Taré se controla e dá um sorriso rápido aos dois.

— Sem querer ofender. Tipo, vocês estão *lindos*, *mas* precisamos mais do que a aparência da beleza. Temos que conseguir sentir o *sentimento*. Sei lá. Talvez seja o jeito como estão se abraçando? O que acha, Malakai?

Com as mãos na cintura enquanto assiste a filmagem no monitor, ele concorda com a cabeça.

— É. Aham, acho que tem razão. Está um pouco travado mesmo. Pode ser questão de se familiarizarem mais um com o outro. — Malakai gesticula para o casal, tentando apaziguar. — Vocês são ótimos. É só questão de fluidez. É para

serem um casal, um perdido no outro. As únicas pessoas aqui são vocês.

— Talvez precisem de um exemplo — sugere Taré. — Malakai, talvez possamos mostrar a eles.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Tipo… juntos?

Taré revira os olhos, impaciente.

— É. Tem problema?

— Não. Pode ser.

Excelente. Estou prestes a observar meu ex e minha chefe dançarem agarradinhos no restaurante de minha família. Não, juro, será *mesmo* que este aqui não é um além muitíssimo realista? E será que de repente não é por eu passar no autoatendimento do supermercado sem pagar pela sacola e por aquela vez que escaneei um abacate grande com o preço do normal?

A música começa, Taré se aproxima de Malakai, envolvendo o pescoço dele com os braços, e ele passa os dele em volta da cintura dela como sem dúvida já fizeram muitas vezes antes. Taré aninha o rosto no peito dele à medida que se mexem, e o holofote foca os dois. Meu estômago se revira. Não tem como negar: estou sentindo um ciúme violento. Eles combinam; é romântico. De certa forma, são tipo a história de amor perfeita do clipe da música "We Found Love" de Rihanna. Muitíssimo atraentes, muitíssimo talentosos, Taré e Malakai se ajudaram quando os dois estavam feridos, desesperados. É uma narrativa que funciona. É sensual, sombria e mais realista que um romance universitário que azedou. Pela primeira vez, consigo montar uma imagem física de como eles ficam juntos, e é ainda pior do que imaginei, porque são *lindos.* Sei que os dois disseram que não tem nada rolando, mas qualquer faísca pode se acender de novo. Sei disso como ninguém. Malakai conseguiu ser vulnerável com ela, livre de um jeito que talvez não tenha conseguido ser comigo. Talvez só tenha se cansado de usar uma máscara perto de mim. Minha pele começa a pinicar, quente, e quero culpar a iluminação, a quantidade de gente, mas sei que a verdadeira razão é ver o homem por quem ainda tenho sentimentos dançando com outra mulher. *Merda*. Por que ainda tenho sentimentos por Malakai?

Bem quando começo a sentir vontade de abanar as axilas, em pânico, porque, sério, estou *suando*, Taré se afasta de Malakai e balança a cabeça.

— Espera aí, não vai rolar. Eu preciso *ver* a coisa. Kiks, amore. — Ela se vira para mim. — Você. Você conhece a música tão bem quanto eu, e sabe a sensação

que precisa passar. Acho que são as melhores pessoas para demonstrar do que é que precisamos.

Fico estática, porque sem dúvida estou entendendo errado, e me anuncio, ali do espaço em que era para eu ser uma cliente sem nome.

— Perdão, só para esclarecer, demonstrar no sentido de… descrever? Com certeza! Faço isso!

Um lampejo de impaciência passa pelo rosto quase sempre cordial de Taré.

— A dança, Kiks, amore. Óbvio. — Ela se volta a Malakai, que parece petrificado. — Andem. Sim, temos todo o tempo do mundo, mas não vamos ficar aqui de bobeira também.

Malakai foca o olhar em mim, perguntando se tudo bem em silêncio. Todo mundo no set está nos observando, incluindo Shanti, Chioma e Aminah, que está franzindo a testa, preocupada, enquanto as outras duas parecem em total, absoluto júbilo. Se eu negar, vai virar toda uma questão, e com certeza *não* é uma. São só dois profissionais se unindo para ajudar a executar o trabalho da melhor forma possível.

Abro um sorrisão.

— Beleza. Vou tentar. Mas, tipo, não danço bem.

Aminah revira os olhos.

— Tá de sacanagem, né? Você rebola essa cintura que nem um mola. E nesta família não somos tímidos, então não sei por que está fingindo.

Eu hesito. Ela gesticula de um jeito mais exagerado que o normal. Sua postura esquentadinha é suspeita.

Chioma adiciona:

— É, digo o mesmo. Você é a braba no set: ative seu poder, sabe, sua energia alfa!

Estreito os olhos e olho para as bebidas; são coquetéis sem álcool feitos para parecerem ter álcool, mas estou desconfiando de que em algum momento elas batizaram os copos para entrar na onda festiva pré-despedida de solteira.

Tenho certeza disso quando Shanti dá um tapa em minha bunda quando me levanto, exclamando:

— Arrasa, amiga!

Não tenho tempo para analisar o quanto isso me irrita, porque Malakai faz um sinal para a música recomeçar enquanto nos posicionamos no lugar dos atores. Não dizemos nada, não podemos dizer nada — ele só acena com a cabeça, e aceno de

volta assim que passa os braços por minha cintura, e passo os meus por seu pescoço. Está de boa, está tudo muito de boa. Só tenho que dançar com meu ex-namorado por quem acabei de perceber que ainda sinto coisas para além do tesão, na frente de todo mundo para quem estou mentindo sobre tê-lo superado. Tento não me concentrar na pressão de suas mãos nas laterais de meu corpo nem no fato de que estamos cara a cara, tão perto que conseguiria tocar seus lábios com a língua. Em vez disso, concentro-me na melodia, que parece segura. Conheço e amo esta música; chama-se "Solstício", uma de minhas favoritas no álbum. É uma canção leve, lembra o verão, uma mistura de soul e afrobeat moderno, que é desacelerada e sensual, e logo o constrangimento se esvai à medida que meu corpo entra no ritmo da batida, e Malakai entra no meu ritmo. Fecho os olhos para sentir, para deixar a melodia penetrar minha pele, e ele me puxa para perto até eu tocar seu peito.

— Vejam bem — murmura Malakai, a voz reverberando por meu corpo todo —, tem que ser íntimo. Sensual sem ser vulgar. Sem tentar contê-la, dando espaço para ela se mexer, enquanto ainda deixa claro que vocês estão juntos.

Abro os olhos, e Malakai está olhando bem para mim, o que dificulta minha determinação de não me deixar levar demais.

— Há limites — declara ao casal. — É o primeiro encontro. É hesitante. Não montamos uma coreografia, só passamos uns direcionamentos básicos, para que fosse autêntico, mas, ainda assim, é focar os sentimentos para que te orientem, tipo… — Malakai ergue a mão para segurar meu queixo de um jeito que é respeitoso, mas íntimo, leve o suficiente para eu querer me inclinar em direção ao toque, para querer sentir os dedos pressionarem a pele. — Como ele olharia para ela? Como se ela fosse tudo. Como se a luz dela fizesse ele florescer.

Malakai volta a olhar para mim, os olhos brilhando com a própria luz, e me lembro que isso é um exercício, uma performance, que estou no trabalho, e também, de maneira crucial, de que esse homem sabe bem o que está fazendo. Lembro a mim mesma que eu também. Conheço Malakai, sei o que testa seu controle, o que o leva ao limite. Confirmo com a cabeça e abro um sorriso iluminado.

— Isso, e em resposta, você — digo para a jovem que interpreta a outra metade do casal — precisa lembrar de seu poder. É você que dá o tom. Você precisa desabrochar devagar, se abrir devagar. Seja ousada porque ele faz você ficar confortável para fazer isso, e você o deixa adentrar seu espaço por uma escolha sua.

Você se conecta com sua sensualidade.

Mantendo o olhar no de Malakai, passo as mãos por seu peito, deixando as pontas dos dedos desbravarem de leve a expansão ampla. A boca dele esconde um sorriso antes de eu me virar devagar e colocar suas mãos em minha cintura, mantendo o ritmo, minha bunda roçando bem, bem de leve a frente de sua calça. Ele leva as mãos para meus quadris, os dedos se curvando um tico para apertar. Sinto que Malakai sorri com o gesto.

— E talvez aí você dá uma sussurrada, finge dizer algo espertinho. — Ele se inclina até a boca se aproximar de minha orelha, o calor de sua respiração deixa cada um de meus poros em alerta, apesar da plateia… merda, sequer há plateia? — Scotch, você está brincando com fogo.

Umedeço os lábios, fazendo a voz ser mascarada pela música.

— Você começou. Só estou ajudando a alcançar o objetivo.

— E eu achei que alcançar o objetivo fosse um esforço coletivo?

Arregalo os olhos e tento conter o sorriso malicioso dentro da boca escandalizada. Toda vez que sinto que perdi o Malakai que eu achava conhecer, um vislumbre dele aparece, maior que nunca, mais irresistível que nunca — e *tenho* que resistir, porque toda vez que sinto que consigo tocá-lo, a coisa se dissipa. É uma miragem.

O gritinho de Taré nos atravessa, fazendo-nos nos separar, e lembramos de onde estamos, do que estamos fazendo, de quem somos — pessoas que não têm nada que ficar olhando tanto uma para a outra nem tocando tanto uma a outra.

— *Isso!* Isso! Exatamente isso! Um jogo de vaivém. *Intimidade*.

Malakai tosse e gesticula para o casal.

— Tudo bem, então se puderem…

Taré nega com a cabeça.

— Ah, não. Não, não, não. — A capa comprida, reluzente e encapuzada forma um rastro atrás dela enquanto se aproxima de nós e pega nossas mãos. — Tem que ser *vocês*, gente. Tão de sacanagem? Não dá para ensinar isso!

Malakai me lança um olhar de pânico na mesma hora que arregalo os olhos, e argumenta:

— Bem, eu tenho que dirigir.

Taré gesticula, descartando o argumento.

— Ah, por favor. Você pode atuar e dirigir ao mesmo tempo. Você é bonito,

mas sei que dá conta dos dois. Com certeza temos uma roupa aqui que cabe em vocês…

Balanço a cabeça, cada vez mais frenética, porque talvez eu não sobreviva a fazer isso uma segunda vez.

— Taré, acontece que sou mais do tipo que fica atrás das câmeras.

Então Aminah retruca com fervor:

— Kikiola, não é, *não*! Você nasceu para os holofotes!

Ah, ela está bêbada, com certeza. A voz soa até mais livre. O que está rolando? Minha irritação esbarra na preocupação, mas não tenho tempo de investigar nenhuma das emoções porque Taré bate palmas, concordando.

— Exato. Kiki, não tenho tempo de ficar debatendo. Quero que o projeto seja o melhor possível, e vocês são a melhor opção no momento. Vão vestir o figurino, por favor. — Taré usa o tom de "Lembra que Sou sua Chefe" para o qual quase nunca apela.

A única outra vez que insistiu foi quando queria que nós todos tirássemos um "cochilo revigorante" antes de continuarmos debatendo conceitos. Malakai e eu nos entreolhamos, e o interpreto bem fácil; se eu topar, ele topa. Suspiro e esfrego a ruguinha no meio da testa. Como que viemos parar aqui? No ponto em que estou prestes a dançar agarradinho com meu ex-namorado em frente às câmeras por causa de um trabalho? Como posso destruir esse caminho para que nunca mais chegue aqui?

Abro um sorriso doce.

— Claro. O que for preciso para ajudar!



— Foi mal… Você sabia que seu pai sabe cantar? — questiona Aminah, inclinando-se em minha direção ao observar meu pai ocupar o estrado com Taré, cantando "Lifted", de Lighthouse Family, uma das bandas favoritas dele sobretudo porque, tenho certeza, parte do duo é um homem iorubá.

Meu pai tem um banco de dados mental de todas as pessoas iorubás com um mínimo de fama. Recentemente, fui informada de que o dono mais recente do Red Lobster era um homem cuja família viera de uma cidade perto da cidade da família dele.

"Nós podíamos ser primos! Parece que isso de negócio de restaurante é de família!", exclamara.

Ele não sabia o que era o Red Lobster antes da matéria da CNN África, mas isso não o impediu de espalhar essa curiosidade a qualquer um disposto a escutar. Sorrio ao ver meu pai e a nova melhor amiga dele, Taré, que tem dificuldade para recuperar o microfone, e olho para o resto do restaurante. Faz anos que a atmosfera aqui não é essa; como um agradecimento por usar o local, meus pais organizaram um jantar para a equipe, e o Sákárà parece ter ganhado vida. A conversa e a risada se assomam, o barulho de pratos; o brinde de taças cheias do Chapman de meu pai; minha mãe, por algum motivo, está imersa em uma conversa intensa com Malakai perto do bar (por que *isso* está acontecendo?). Além dessa última parte bizarra que requer mais escrutínio, é como devia ser: vibrante, cheio, o design do set dando vitalidade ao espaço. Sinto o peito leve com a vista, mas logo se aperta de novo. É um *set*. Temporário. Tudo vai ser desmontado e logo o lugar vai ser de pessoas que colocam frases como "vinho, risadas e boas companhias" na bio das redes sociais.

Forço um sorriso e me viro para Aminah, sentada a meu lado na mesa.

— Sabia, mas não conta para ele. Meu pai já acha que perdeu a chance de ter sido o próximo Fela Kuti porque minha avó disse que tocar violão era coisa de vagabundo desabrigado. Se for assim, eu tenho o mesmo controle de respiração de Beyoncé porque consigo mandar áudio depois de cinco minutos no elíptico.

— Ah, mas consegue mesmo. Estou pronta para sua era popstar. Banjo Bélica, turnê mundial. Você vai aparecer em um *clipe*. Arrasou. Mas deve ter sido estranho ficar dançando com Malakai. Você está bem?

Aminah mergulha o talher com cuidado em uma tigela de sopa abula do único jeito que sabe, a voz toda casual enquanto pergunta.

Chioma gargalha enquanto se serve de Chapman.

— Hum, bom, não pareceu *nada* estranho. A energia erótica foi coisa de doido. Acho que fiquei até meio excitada. Você sabe, sempre falei que superassistiria…

Estreito os olhos para ela, um tanto perturbada.

— É, eu sei, e eu sempre falei que isso era esquisito. Além do mais, acho que não me sairia muito bem sob pressão.

Aminah para de mastigar.

— Por que está agindo como se Chi ver você e Malakai transando fosse uma possibilidade?

Shanti abre um sorrisinho malicioso, dando um gole na bebida.

— Bem, enfim, você com certeza se saiu muito *bem* agorinha. Você e Malakai estavam, tipo, bem *comprometidos* com a coisa.

Aminah balança a cabeça.

— Tudo bem, podem dar um pouco de crédito ao desempenho artístico de Kiki? Malakai pode ter estado comprometido, afinal, qual é, Kiki é um arraso. Como ele não estaria? Mas minha amiga *evoluiu* e não cede a caprichos emocionais. Aliás, já se espera a química física. É a ideia do tabu. Proibido. O fato de que não tem nada rolando é o que deixa a coisa mais gostosa. Funcionou na cena, mas não significa nada. Agora, podem deixar ela em paz?

Dou de ombros e me concentro bastante em empilhar banana-da-terra e arroz frito no garfo.

— Olha, foi só trabalho. Taré queria, a gente fez. É tudo em nome do projeto. Nada além disso.

Shanti ergue a sobrancelha, mas nada diz.

— Hum, enfim, como foi a conversa com Bakari? — pergunta em vez disso. — Ouvi dizer que ele apareceu aqui.

Sorrio.

— Beleza, vocês sabem que vi vocês fingindo entrar e sair do camarim lá fora enquanto a gente conversava, né? Mandando uma de *As Panteras: Fofocando*.

Aminah concorda com a cabeça, sem vergonha nenhuma.

— Obrigada pela parte que exalta minha parte ganesa, mas é, tentamos fofocar e não ouvimos nada. Vocês estavam falando bem baixo. Eu estava lá apenas para dar apoio emocional, para, sabe, intervir se você ficasse estressada. E você não ficou. Nadinha. Na verdade, pareceu bem sorridente…

— Bem, saiba você que tentei acabar com a missão por motivos éticos — diz Chi, espetando um pedaço de banana-da-terra com o garfo —, mas odeio ser a última a saber das coisas, então…

Adoro minhas amigas, mas a conversa com Bakari ainda está recente demais para eu conseguir desabafar — não a parte do término, que na verdade foi uma brisa suave de verão e meio terapêutico, mas o trabalho que ele me ofereceu. Eu estou mesmo podendo negar? *Fênice* está quase acabando, e ainda não sei o que vou fazer depois. Se eu aceitar, vai ser um salário fixo e um jeito de salvar o restaurante — não tem nem o que debater. Então por que sinto um grande estresse se manifestar no

meu âmago toda vez que penso nisso?

A voz acolhedora de minha mãe flui para dentro de nossa bolha quando ela coloca a mão em meu ombro.

— Oi, moças… posso pegar minha filha emprestada, por favor?

— Claro, *mama* B — responde Aminah — e, por favor, quando ela voltar, a senhora pode se sentar com a gente? Estou achando que esta mesa precisa de um pouco mais de classe.

— Eu já ia fazer isso, você pedindo ou não. Senti falta de minhas meninas, e meu marido fica se gabando por saber tudo o que fofocam.

— Isso é o que nós queremos que ele pense — argumenta Shanti. — Guardamos as coisas boas para a senhora.

— Eu sabia. A gente já volta.

Minha mãe dá uma piscadela para elas antes de me rebocar para a sala nos fundos do bar.

Ela fecha a porta e me observa com os olhos gentis e sabichões. A combinação intermitente de alívio-gratidão-amor me atravessa, como aconteceu nos últimos anos. Alívio por minha mãe ainda estar aqui, gratidão por estar saudável e amor, tanto amor pela pessoa que me interpreta com a facilidade com que respira.

— Não aconteceu nada — respondo ao olhar dela.

Minha mãe inclina a cabeça, cruza os braços, e a doçura da imagem dela na calça jeans preta, a camisa brilhosa e o tênis Skecher contrasta com a ferocidade de seu olhar.

— Kikiola, não mente para mim. Você está com essa cara faz algumas horas. O que aconteceu? Você fez um excelente trabalho hoje. Devia estar orgulhosa. É um jeito maravilhoso de se despedir do restaurante… E, pronto, viu, olha essa cara aí de novo. Qual o problema? — Ela atravessa a sala, arrastando os tênis no piso laminado, e levanta meu queixo. — O que está deixando você estressada?

Engulo em seco, sem forças diante do olhar firme e amoroso.

— Hã, então talvez eu consiga voltar a trabalhar com a SoundSugar — já tinha contado para minha mãe os detalhes — e voltar com o podcast. Vai ser muito mais dinheiro. Tipo, *muito*.

A expressão no rosto dela, tão parecido com o meu, não muda.

— Não foi a SoundSugar que desrespeitou você? A empresa de que você saiu?

— Hum, sim, mas o dinheiro poderia me ajudar a comprar o Sákárà. Contratar

um pessoal para administrar. E eu tenho tantos planos, mãe. Poderia ser ótimo mesmo…

Ela assente com cuidado, a boca com o batom vermelho característico bem firme.

— Mas você teria que trabalhar para a SoundSugar. É o que quer fazer?

— Não, mas…

— Kikiola, é o que você quer fazer?

— Não.

Minha mãe dá de ombros.

— Então já tem a resposta.

— Não é simples assim, mãe. O restaurante…

— Kiki, você saiu da SoundSugar por um motivo. Os motivos são válidos. E se ainda quisesse estar trabalhando com podcast, vamos falar a verdade, você já estaria trabalhando. Você criou o projeto em seu *quarto*. Você não quer mais fazer isso, e tudo bem. Pense em você, tá? Ao menos uma vez. Sei que se sacrificou muito quando fiquei internada. Cuidou de sua irmã, fez turnos no restaurante. Agora mesmo, você está revezando os turnos aqui com o trabalho com a cantora.

Ela gesticula para o cômodo em que estamos, que basicamente não mudou ao longo de minha vida. Fotos emolduradas de festas no Sákárà cobrem a parede, eventos familiares, sociais da equipe, fotos de bebês. É aconchegante, é um *lar*.

— Este lugar sempre vai existir. O que a gente fez sempre vai existir, por causa de você. O restaurante foi importante, mas tudo bem se desprender disso.

Meus olhos ficam marejados, de um jeito frustrante, e minha voz falha.

— Mas está tudo mudando, mãe. E não sei qual vai ser meu próximo passo…

Minha mãe parece gentilmente perplexa, chega mais perto e enxuga minhas lágrimas com o polegar.

— Sabe, sim, Kilinda, porque já está fazendo. Você nunca escolheu a opção mais fácil, e é isso que mais admiro em você. Filha, você assume riscos quando sabe que é a coisa certa. E é assim que se evolui. Quando Malakai arrumou o trabalho em Los Angeles, você não escolheu terminar só porque seria mais fácil. Você disse que conseguiriam lidar com a separação.

Fico sem reação.

— Mas a gente acabou terminando.

Minha mãe inclina a cabeça.

— Você está dando uma de espertinha comigo?

— Não, só estou dizendo que esse é um exemplo real de um risco que deu errado, então não sei como é um bom exem…

Minha mãe olha por cima do ombro, pensativa, então me olha de novo.

— Tem um fantasma nesta sala? Porque não pode ser comigo que você está falando desse jeito.

Pigarreio, segurando a onda.

— Desculpa, mamãe. Hum. Você estava dizendo…?

Ela prossegue:

— A questão é que você tentou porque acreditava na relação. Se deu certo ou não é irrelevante.

Faço uma pausa enquanto reflito. Nas muitas, muitas horas durante as quais fiquei remoendo emocionalmente a situação com Malakai, nunca considerei a ideia de que a nossa relação era um sucesso porque tinha acontecido; de que acreditei em nós dois o bastante a ponto de querer mergulhar de cabeça, expor a alma, por cinco anos; de que tive o bastante em que acreditar por cinco anos; de que acreditei até o último segundo.

— Hum… — começo com cautela. — Vi a senhora falando com Malakai…

O sorriso que minha mãe dá é sutil, decorado com uma compreensão antiga.

— É. Eu queria saber como ele estava.

Isso em si não me surpreende. Nunca falei para meus pais sobre os detalhes de nosso término, e nunca falei mal de Malakai para eles. Por algum motivo, não aguentava a ideia de os dois pensarem algo ruim sobre ele; teria sido quase tão doloroso quanto o término em si. Meus pais o amavam, e aquilo era especial para mim. Eu não conseguiria passar por outra desilusão.

— Foi legal botar o papo em dia — continua minha mãe. — Malakai é um bom rapaz. Interessante que voltou tão antes do casamento.

— Bem, ele veio trabalhar.

— Hum. Bom. — Minha mãe se vira para afofar as almofadas no sofá. — Malakai me disse que na verdade só conseguiu o trabalho depois de já estar aqui. Sabe, eu estive falando com a mãe dele…

Solto um suspiro pesado.

— Mãe…

Minha mãe revira os olhos.

— Nem tudo é sobre vocês, Kikiola. Nós não falamos de vocês dois enquanto casal. Somos amigas, penso nela como uma irmã querida, e gosto de dar uma ligada para saber como ela está desde… que tudo aconteceu. — Seu olhar oscila um pouco, e ela endireita a postura. — Ela falou que Malakai está bem mais feliz desde que voltou. Mais leve. Falou que ele está pensando em ficar.

Assinto devagar, tentando não deixar a informação se assentar em mim, enfraquecer a crença de que a proximidade entre mim e Malakai é finita. Preciso que seja o caso porque estou usando toda a força para dissipar uma enxurrada de sentimentos inúteis direcionados a alguém que não tem interesse neles.

— Bem. Bom para ele.

Minha mãe fica me encarando um tempo, os olhos brilhando, antes de se aproximar mais de mim.

— Sabe, você sempre teve uma língua afiada. Mesmo quando criança. Nunca hesitou em dizer às pessoas o que pensava, mas sempre teve essa coisa esquisita. Quando se trata da sua dor, você sempre fica quieta. Não sei o porquê. Como se não quisesse ser… uma inconveniência para as pessoas. Talvez seja nossa culpa. É a filha mais velha, e nós colocamos muita responsabilidade sobre você. Kiki, você cresceu aqui ao redor da gente trabalhando, e acho… acho que sempre tentou não *atrapalhar*. Uma vez, acho que tinha uns 5 anos? Estava em uma festa de aniversário brincando de dança das cadeiras, e aí uma menina pisou em seu pé sem querer; você estava de sandália. Não se ouviu um pio seu. Só foi para um canto. O beicinho tremendo, o rosto todo contorcido. — Minha mãe faz uma imitação de minha careta antes de rir e tocar minha bochecha. — As outras meninas na festa acharam você metida, acharam que não queria mais brincar com elas. Fui perguntar o que tinha acontecido, e depois de um momento você falou, se debulhando em lágrimas. *Ó ké!* Perguntei por que não tinha falado antes, e você respondeu que não queria estragar a festa, mas, meu amor, ninguém sabia da sua chateação porque você não falou nada. A menina não sabia que tinha te machucado e só achou que você não gostava dela. Quando, na verdade, você poderia ter aproveitado a festa se tivesse conversado com ela e dado a chance de pedir desculpa. E a menina fez isso, depois que juntei vocês duas para conversarem, mas fiquei assustada, Kiki. Fiquei assustada porque percebi que você era a pessoa que ia se ater à mágoa e se magoar ainda mais. E desculpe se já sentiu que não podia *compartilhar* as coisas conosco porque não queria nos chatear, mas quero que saiba que sua dor nunca é um fardo.

Sinto meus olhos se encherem de lágrimas de novo, a respiração mais superficial; estou totalmente despreparada para a sessão de terapia improvisada com minha mãe.

— Mamãe, vocês foram incrí…

Ela nega com a cabeça bem firme, a expressão serena como de costume.

— Deixe eu acabar. Você não tem que me consolar. Não é seu papel. Sei que eu poderia ter me saído melhor. Escuta, Kiki, você é tão inteligente. E sei que é inteligente na hora de definir quem vai receber a bênção de seu amor. Com exceção de Bakari. Aquele lá, não sei, não. Ouvi dizer que ele estava usando *calça de couro* na rua? Por quê? Como ele aguenta tanta umidade na perna? Enfim, a questão é: você devia conseguir confiar nos próprios instintos a ponto de confiar que quem você ama vai entender sua dor e não vê-la como um fardo. Porque você faz isso com os outros. Não há virtude alguma em ficar escondendo a própria dor. Não se ganha medalha de honra, minha querida. Só dói mais. E depois de um tempo tem que assumir a responsabilidade pela dor. Pois ela não é mais culpa de ninguém.

Mordo o lábio.

— Mãe… Meus problemas com Malakai eram… complicados. Tanta coisa aconteceu…

Minha mãe nem se abala.

— Com certeza. Tanta coisa acontece na vida. Nós amadurecemos, e tudo bem. A questão aqui não é sobre pessoas voltarem a ficar juntas. Só quero que seja feliz. E não quero que se arrependa de nada. Só lembre de dizer tudo o que quer enquanto pode. Respeite-se o suficiente para fazer isso. E isso é tudo o que *eu* vou dizer.

Tenho certeza de que estou fazendo a mesma cara que fiz aos 5 anos naquela festa. Comprimo bem os lábios para tentar conter as emoções. Alívio. Gratidão. *Amor*. Meu pai pode ser o centro das atenções, mas minha mãe sempre vai ser a rainha astuta, reservada, mas nunca em segundo plano, pois é a que tudo vê, a que tudo sabe. Concordo com a cabeça.

— Entendido. Obrigada, *mama*.

Ela esfrega meus braços e dá um puxão gentil em minha orelha.

— *Pẹlẹ, ọkọ mi.* Chega de cara triste, *ṣo gbọ*? Agora vamos lá tirar o microfone de seu pai. Acho que Taré só está sendo educada.

Quando voltamos para o salão, minha mãe segue em direção a meu pai. Reconheço uma voz estrondosa que me deixa feliz de imediato; o tenor desperta lembranças da faculdade, tempos mais simples, uma casa longe de casa. Assim que

passo os olhos pelo espaço, sou envolvida por um abraço forte, braços me levantando do chão com uma exclamação:

— Ah, ah, Kikiola! Pura riqueza! Minha garota!

Logo o abraço com força, deliciada, antes de Meji me colocar no chão e me fazer dar uma voltinha.

— Uau. Olha só ela! Reluzindo.

Solto uma risada enquanto faço uma reverência majestosa, colocando a mão debaixo do queixo, batendo as pestanas.

— Estou de pé desde às cinco da manhã, mas senti falta de você mentindo para mim. Quando eu ia para o Coisinha Doce parecendo um gato selvagem em época de prova, você me chamava de Nefertiti.

Meji, sempre um príncipe, lindo com as maçãs do rosto acentuadas, olhos astutos que carregam o peso da sabedoria e do gracejo, e usando um cafetã cinza elegante, faz uma reverência.

— E você era mesmo. Ainda não sei que tipo de juju esse aqui usou para conquistar você — comenta ele, virando-se para cumprimentar Malakai com um abraço forte, um toque de mãos e vários tapas nas costas.

Ele provoca Malakai com um beijo na bochecha enquanto o outro tenta afastá-lo de brincadeira.

— O juju era seus waffles — respondo, e estou brincando de pular corda com um cabo em chamas, sei disso, porque estou falando do primeiro encontro entre mim e Malakai no Coisinha Doce.

Malakai entende de imediato e balança a testa, os olhos cintilando.

— E ainda assim foi em mim que você viciou.

Merda. Eu me pego afastando pensamentos imundos enquanto volto a olhar para Meji. Ele era nosso irmão mais velho extraoficial na faculdade, dono da lanchonete em que Malakai e eu — e depois todos os meus amigos — basicamente morávamos. Era um espaço seguro, um lugar em que podíamos relaxar, ficar protegidos, em casa, enquanto desfrutávamos de inovações culinárias: hambúrgueres de suya, waffles de banana-da-terra e o Supermalt Float, uma bebida de malte e cevada, sem álcool e docinha, entre outros pratos. A última vez que vi Meji foi quatro anos antes, quando Malakai e eu fomos ao seu casamento. Ele deu uma piscadela para a gente na época, avisando que éramos os próximos.

Afasto a lembrança e abro um sorriso para meu antigo amigo.

— Esta é a melhor surpresa do mundo.

Meji leva a mão ao peito.

— Fico honrado com a mentira porque sei que uma vez Malakai deu ingressos surpresa para você para uma convenção de livros babalowo.

— Hum, vamos nos sentar em algum lugar! — Eu me esquivo da referência de Meji a uma das muitas coisas românticas que meu ex fez por mim e olho para o ex em si. — Você vem?

Malakai passa a mão pela nuca, desconfortável, e nega com a cabeça, mal me olhando nos olhos.

— Hum, talvez daqui a pouco. Eu tenho que acertar umas coisas do trabalho. Meji, parceiro. — Ele troca outro toque de mão afetuoso com o amigo. — Encontro você daqui a pouco, beleza?

— De boa, *àbúrò*, faz o teu.

Meji dá um tapa nas costas de Malakai, enquanto tento descobrir, mais uma vez, por que caralhos ele está sendo tão grosseiro. Meji é não só um dos melhores amigos dele como também um irmão mais velho, e mora a umas duas horas de distância. Não é como se nós o víssemos com frequência. Por que Malakai está tão esquisito? E por que estou sempre tendo que dissecar o que se passa na cabeça dele? E por que não posso só aceitar quando ele me manda tomar conta de minha vida? Afasto o Problema Malakai da mente ao ver Meji cumprimentar meus pais antes de nós nos sentarmos em uma mesa com sofá lá nos fundos.

Abro um sorrisão.

— Meji, *ẹ̀gbọ́n mi*. A que devo a honra?

— Bom. A honra é minha sempre, mas troquei uma ideia com Malakai umas semanas atrás e ele me contou o que estão fazendo aqui. Eu não podia perder. — Ele lança um olhar pelo espaço, os olhos animados. — Parece que foi tudo muito bonito. É um espaço ótimo. E com certeza a comida deve ser excelente.

Ouvir isso diminui meu ânimo, ainda que me faça sentir um quentinho.

— Obrigada. Sua comida já, já chega, aliás. Meu pai é meio que nem você… não admite ninguém ficando com fome… mas é, eu amo o jeito como a gente transformou o espaço. Em um mundo ideal, eu adoraria transformar em um point, sabe? Meio que o que o Coisinha Doce era para nós naquela época. Um lugar para comer, ficar de boa, interagir, *existir*.

Meji enfia a mão na tigela de amendoim na mesa e joga na boca.

— Sei. E qual o problema?

Engulo em seco quando sinto o bolo na garganta que aparece sempre que falo do restaurante.

— Meus pais vão vender. Caro demais para manter… Você sabe como é. Querem se aposentar. E, sendo realista, seria coisa demais para eu conseguir fazer sozinha.

Meji assente, pensativo, esfregando a barba cheia.

— Saquei. Comandar um restaurante não é para os fracos, mas não é impossível, com visão e determinação… Ah, meu amigo, gratidão. — Um garçom coloca um prato de suya e uma garrafa de Supermalt na mesa. Meji dá um gole. — Sabia que o Coisinha Doce tem duas franquias na região sudeste agora? Claro que a de Paço Branco sempre vai ser a melhor porque vocês nos abençoaram, mas, *Alhamdulillah*, todas estão indo bem. E, na verdade, eu estava querendo expandir para Londres. Tem sido difícil encontrar um lugar que pareça *certo*.

Parece que há bolsas térmicas enroladas em meus joelhos e cotovelos, espirais de calor nascendo em mim e relaxando a tensão, e por algum motivo lágrimas queimam em meus olhos. Não as deixo escorrer, não ainda. Meji não pode estar dizendo o que acho que está dizendo.

— E não quero recomeçar — continua ele —, não com esta idade. Estou ficando velho!

— Por favor, Meji. Você é um menino.

— Hã, é isso o que minha esposa diz — responde com um brilho no olhar —, mas ainda assim, tenho que ser prático. Tenho procurado um lugar com história, em que não seria difícil aumentar o fluxo de gente. Que não fosse uma transição cultural. Sabe, algum lugar que já fale com *a gente*. Você sabe o que quero dizer com "a gente", hum? E digamos, em teoria, se eu assumisse um restaurante que já existe como o Sákárà, provavelmente seria mais uma fusão do que uma aquisição. Eu ia querer trabalhar *com* alguém. Talvez até criar uma coisinha nova. Manter o nome, atualizar o cardápio com uns itens básicos do Coisinha Doce; sabe, os waffles de banana-da-terra, os hambúrgueres de suya, com os tradicionais do Sákárà.

Meji tira um pedaço de suya grelhada do espeto com os dentes. Então faz um sonzinho de aprovação gutural enquanto mastiga.

— Ainda que a suya de seu pai esteja pau a pau com a minha. — Ele solta uma risada áspera. — E sua ideia para o espaço combina muito com a evolução que

quero para meus restaurantes. Música ao vivo. Atmosfera interativa.

— Meji. — Eu me inclino à frente e seguro a mão dele, mal respirando, com medo de acreditar que o que está acontecendo poderia estar acontecendo. — Meji, por favor, não brinca comigo.

Meji abre mais o sorriso. Ele tinha uns 35 anos quando estávamos na faculdade, e agora, oito anos depois, sua aparência quase não mudou, só com um pouquinho de rugas no canto dos olhos, mas ainda lindo, provavelmente até mais, parecendo um Mahershala Ali nigeriano com dreadlocks. Para mim, porém, ele sempre vai ser o cara que cuidou de nós quando tínhamos dificuldade de cuidar de nós mesmos, e é de se admirar que Meji tenha conseguido expandir mesmo com os descontos absurdos que nos dava enquanto estudávamos, ainda mais porque adicionava uns mimos extras de graça. Ele é meu irmão mais velho em tudo o que importa.

— Ora, por que eu brincaria com você? Eu te levo muito a sério, Kiki. Você é uma grande senhora. Uma parceira em potencial. Claro que vou fazer uma oferta formal a seus pais, mas só com sua permissão. Posso comprar o espaço, gerenciar o dia a dia para você trabalhar em suas coisas, mas a responsabilidade de estabelecer a atmosfera, construir a vibe para as noites, é sua. O nome Coisinha Doce não importa; é a cultura. O que representa. Comunidade. E é o que este lugar é.

Levanto-me e vou para o lado dele, jogando os braços a seu redor, sentindo o cheiro intenso de madeira de ágar quando ele devolve o abraço, com os olhos marejados.

— Ah, *ẹ̀gbọ́n mi. Ẹ ṣé gan ni.* Isso significa tudo para mim.

— Ah. Está me agradecendo por quê? Nós vamos fazer uma grana junto. Eu que tinha que agradecer você. Preciso de seu cérebro.

Eu o solto, o corpo fervilhando de alívio, de possibilidades.

— Você não entende, Meji. O timing disto é absurdo. Se tivesse sido, tipo, daqui a uma semana… — Fico imóvel. O timing é perfeito *mesmo*. Meu sorriso some. — Espera aí… Você falou de música ao vivo. Eu não mencionei as noites de música ao vivo…

O sorriso de Meji fica congelado, e aí ele dá de ombros.

— Hã, hã. E precisa mencionar? Você é Kiki Banjo. Você sabe tudo de música. Não seria você se não tentasse fazer alguma coisa com música.

Ele gesticula, a risada forçada. Estreito os olhos, desconfiada.

— Meji. Devo mesmo acreditar que você apareceu aqui umas semanas antes de

meus pais venderem o restaurante com uma proposta pronta do absoluto nada?

O homem gira os ombros, livrando-se de parte da tensão, e se inclina à frente, os olhos brilhando.

— Bom, depende. Você acredita em acidentes? Porque estou mesmo procurando um lugar por aqui. E aí acabei mencionando isso para um amigo nosso em comum mês passado.

Meu coração dispara quando me dou conta, e sinto um quentinho me tomar toda, tudo o que vim reprimindo, abafando, ignorando, incita os sentimentos a desabrocharem, os rios a fluírem, os sóis a brilharem. Olho ao redor até ver Malakai, concentrado em algo no tablet junto a Taré.

— Ai, meu Deus.

— Kiki. — Meji acompanha meu olhar. — Nosso amigo em comum me fez prometer não tocar no nome dele. Insistiu muito nisso. E quero que saiba que eu não teria considerado se não fosse uma boa decisão comercial. Eu te amo, você sabe, mas não brinco com meu dinheiro. A proposta não é de favor. É trabalho. Eu conheço você, sei do que é capaz. Ele também sabe e acredita no seu potencial, muito mesmo. Ele não disse que tudo em que você toca é ouro. Ele disse que *você* é ouro.

Pisco, com raiva, tentando afastar as lágrimas.

— Merda. *Merda*. Por que ele faria algo tão gentil assim? Por que faria isso por mim enquanto está me afastando? Tipo, provavelmente essa é a melhor coisa que alguém já fez por mim. Que caralho. Perdoe o palavreado, Mej. — Meu antigo amigo fica me olhando com um sorrisinho. — Que foi?

Meji dá uma risada carinhosa, balançando a cabeça, os olhos dançando.

— Vocês dois são engraçados. Ficam andando por aí com esse doce calor. Sabe quando alguma coisa é apimentada, quente e faz suar, mas também é deliciosa? Viciante? E quando a sensação abaixa, fica bem baixinha, de algum jeito o gosto fica ainda mais gostoso na boca? Ainda é quente, mas é menos caótico. O sabor, mais acentuado. Algo que dura. Que tem vidas diferentes.

Solto uma risada forçada.

— Meji. Malakai e eu terminamos. Já faz *um tempo*.

— Sim. Uma fase que tiveram terminou. A primeira versão de vocês terminou, mas se deixar o segundo round acontecer, vão ver que o sabor é ainda melhor.

Abro a boca para argumentar, esperando que minha lógica, meu bom senso,

contraponha o absurdo da ideia, mas em vez disso a coisa se envolve no pensamento, fincando-se ali.

De repente, tenho uma coisa muito importante para fazer.

— Desculpa, me dá um segundinho?

Meji sorri enquanto o garçom serve o fufu de inhame com a sopa égúṣí.

— Por favor, à vontade. Estou muito bem aqui. — Ele gesticula para mim. — Vai fazer o que tem que fazer.

Dou um beijo em sua bochecha antes me levantar dando as voltas nas mesas até chegar a Malakai e Taré, que estão perto do bar.

— Desculpa interromper… Malakai, posso falar com você um instante? É, hum, uma coisa de trabalho, bem chata, de logística — complemento depressa para Taré, ignorando a expressão perplexa dele diante de minha afobação.

— Ah, Malakai e eu também estávamos falando de trabalho. Um amigo está querendo alguém para dirigir um negocinho aqui em dezembro, mas nosso amigo lindo aqui acabou de me dizer que vai voltar para Los Angeles. O porquê, nunca vou saber. Pode pedir a ele para ficar, por favor? Malakai não me ouve. A gente precisa da presença de uns homens gatos neste país para levantar a moral nacional. A partida dele seria uma traição à Inglaterra Preta.

Eu me viro para ele, tonta com tantos solavancos emocionais drásticos, desesperadamente tentando não transparecer o sentimento na voz, realocar a secura de minha boca para os olhos.

— Por que você quer ir embora?

Malakai passa a mão na mandíbula e me lança um olhar que faz o tempo desacelerar. Com certeza é um momento breve, mas parece tanto o presente quanto o para sempre, revolvendo-se em uma emoção inominável que envolve meu coração. Então ele abaixa o olhar para meu pescoço, sem o pingente de pimenta chilli. O cordão está em minha cômoda desde aquela noite na piscina. Quando Malakai me olha nos olhos de novo, é mais frio.

— Acho que já fiz o que precisava fazer aqui.

Balanço a cabeça, atordoada.

— Não estou entendendo por que está soando que nem um super-herói voltando para o planeta natal. O que isso *significa*?

O olhar de Malakai se acende.

— Acho que está claro. Não tem nada para mim aqui…

— Hum, sua *mãe*? Seu irmão?

— Eles podem me visitar. Além disso, minha mãe está querendo se mudar para Lagos.

Sinto que estou em um planeta diferente. Talvez o planeta natal de Malakai. Não faço ideia do que está falando, e estou frenética, em pânico, como assim ele vai embora? Malakai acabou de chegar. Ele acabou de voltar (para mim). É para ele ficar aqui (comigo). Os parênteses estão a toda em minha mente, de maneira enxerida, descabida. Lembro que ainda estou diante de Taré, ainda tenho que manter as aparências, ainda tenho que fingir que não estou fatiando meu coração em pedaços minúsculos ao ficar aqui perto dele, deles.

— Então — consigo manter a voz neutra, abrindo um sorriso trêmulo a Taré —, você vai só desistir? — Faço uma pausa. — De, hum, Londres?

(De mim, de mim, de mim.)

Malakai inclina a cabeça um tico, e vejo o movimento do muro se erguendo. Como uma onda se formando, tenho um vislumbre do que ele vem escondendo, uma onda de sofrimento junto ao rompante de algo doce e quente que me atravessa, estende-se em minha direção, procurando por algo em que se fincar, pelo qual crer, pelo qual sentir esperança.

— Não dá para desistir de algo que não é nosso, Kiki. Londres evoluiu, sabe? Seguiu em frente. Não sei mais como me encaixo aqui. E tudo bem. É bom, até. É preciso saber quando se desprender das coisas, e acho que agora sei.

Sinto que estou sufocando. Como se tudo que eu tivesse para dizer fosse um bolo na garganta e eu tivesse que fingir que estou bem, porque falei para todo mundo que estou bem. Estamos presos nesta farsa. Por que Malakai está agindo como se estivesse fazendo uma coisa muitíssimo nobre enquanto ignora os sentimentos que não contei a ele que tenho ainda?

Taré ri em meio a nosso silêncio, sem perceber a intensidade explosiva mal contida diante dela, revezando o olhar entre nós dois.

— Viram só, por *isto* a dança ficou uma delícia. Foi minha parte favorita da gravação, sabe? Vocês têm sinergia. Foi legal ver vocês criando algo incrível. Depois disso, vocês tinham que voltar a…

Aminah, que está passando por ali, bebendo o Chapman de canudinho, estaca no lugar.

— Ah, não. Não, não, não. Kiki ficou *meses* chorando. Uma vez entrei no quarto

dela, e ela estava chorando agarrada ao *moletom* dele. Chegou a usar aquele moletom quando a gente foi tomar brunch. No *brunch*. Minha melhor amiga não vai passar por isso de novo, de jeito nenhum, não se eu puder evitar.

É possível que meu corpo tenha virado pedra porque de repente não estou conseguindo me mexer nem respirar. Malakai também parece estar bem imóvel. Ele olha para mim, os olhos quase entorpecidos de tanto pavor, como se isso fosse possível, inquisitivos. Quase rio. Malakai acha que *eu* sei o que está acontecendo? Não sei a resposta porque não sei nem qual é a pergunta. Não contei a Aminah que Taré não sabia de mim e Malakai porque não achei que fosse necessário. De algum modo, não achei que minha melhor amiga fosse mencionar meu término para minha chefe, e por isso estou sentindo algo que nunca achei que minha melhor amiga fosse despertar em mim: humilhação.

Aminah arregala os olhos de imediato ao notar minha reação.

— Ah, não. Ah, *não*.

— O que eu estava dizendo, na verdade — prossegue Taré, a voz assustadoramente calma —, é que eles tinham que voltar a trabalhar juntos em alguma outra coisa, mas não acho que isso importe mais. Vamos fazer uma reunião rapidinha, equipe?



— Acham que sou otária? Eu tenho olhos. Depois de três semanas, saquei que a ex que tinha deixado Malakai arrasado naquele mês era você.

Ela se senta em meu sofá de veludo azul-turquesa, dobrando as pernas debaixo do corpo, parecendo mais magoada do que brava. É meio esquisito que o "escritório de produção" seja o meu apê. Malakai e eu nos sentamos com cautela diante dela como alunos na sala da diretora. Não acredito que estou prestes a tomar esporro em minha própria casa. Fico com as bochechas quentes, e Malakai, com o corpo rígido.

— Taré — inclino-me à frente —, não tem mais nada acontecendo entre nós dois. E desculpa por termos escondido isso. E nós entendemos que está se sentindo desrespeitada. E, para ser sincera, foi ideia minha… Malakai teria te contado…

— *Kiki*. — Malakai tenta intervir, mas coloco a mão em seu joelho, calando-o.

— Ele teria contado para você, mas a verdade é este trabalho era muito importante para mim e fiquei preocupada que seu, hum, passado com Malakai fosse

interferir em sua percepção do nosso trabalho. O que sei que é *muito* ofensivo, mas eu não queria mesmo colocar em risco o que eu sabia que seria uma coisa incrível…

A fúria de Taré se ameniza, mas a mágoa, não. Continua cintilando nos olhos com sombra laranja e azul.

— *Nós* não temos um *passado* — declara Taré. — Passado é cinco anos de namoro, o que, aliás, é bem fácil de encontrar na internet quando se sabe o que está procurando. E o único motivo para eu ter bisbilhotado foi porque, juro, mesmo que estivessem debatendo o que pedir de almoço, era como se eu estivesse assistindo a um tipo de filme pornográfico bem específico. E não fiquem me olhando assim, não… De novo, não estou nem aí contanto que façam o trabalho direito, mas eu me importo *muito* com confiança. Vocês não me devem nada, mas basicamente mentiram para mim, e quando descobri, já tinha sido provado que vocês dois são excelentes no que fazem. Só que mentira me deixa puta da vida. Sabe quantas pessoas com quem já trabalhei de perto demonstraram que eu não podia confiar nelas?

Assinto em compreensão.

— Sei. O que faz o fato de eu não ter contado ainda mais estranho. Eu não queria que pensasse que não podia confiar na gente. O que é a coisa mais descaralhada do mundo, eu sei…

A irritação no rosto de Taré se ameniza até virar uma expressão rabugenta suave.

— Olha. Eu também sei o que é se importar tanto com uma coisa que não se quer arriscar, e quero acreditar que vocês se importam com o projeto.

— Nós nos importamos, sim — complementa Malakai —, e também foi uma decisão conjunta. É coisa nossa, e não queríamos que fosse uma distração do trabalho, mas desculpa mesmo se pareceu que estávamos passando a perna em você. Não era essa a intenção, Taré. O ponto, porém, é que a visão de Kiki junto com a sua ajuda a formar a alma da coisa, e se acha mesmo que isto não é apropriado, eu posso sair do projeto.

Eu me viro para ele na mesma hora.

— Malakai, o que você está dizendo? Você não pode…

Ele olha para mim com serenidade, a voz calma, baixa, um lago imóvel.

— Você não pode me dizer o que fazer, Kiki.

Meu coração se agita. Seu tom é gentil mas firme, e sei que ele está falando sério. O que é revoltante em si, mas o que é ainda mais frustrante é o fervilhar imediato

em minhas veias, o senso de desafio que desperta.

— Hum, posso, sim, quando o que você quer fazer não faz nenhum sentido. Você entende que se sair estará tomando a decisão por nós dois? Nós trabalhamos juntos. Como uma equipe. Meu trabalho funciona porque você entende. Você não está sendo nenhum cavaleiro no cavalo branco vindo salvar o dia, não. Está sendo arrogante. Por que não aceita o fato de que eu *quero* trabalhar com você?

O olhar de Malakai se suaviza, e Taré faz um som de deboche alto, balançando a cabeça, torcendo a boca em perplexidade.

— É sério essa merda, gente? Não vai ter *ninguém* saindo do projeto. Já gastei dinheiro demais, não tenho tempo para substituir ninguém, e vocês estão fazendo um trabalho excelente. Não tem problema, só não quero que o caso de vocês interfira com as minhas coisas. — Ela se levanta, toda elegante, uma fada flutuando em uma nuvem, a saia reluzindo com o movimento. — Beleza, isto já me entediou. Vamos em frente, e de agora em diante vamos falar a verdade um para outro. Nada de palhaçada.

— Claro.

— Com certeza.

Mas antes de chegar à porta, Taré joga mais uma coisa em nossa cara.

— Só espero que saibam que esconder faz a coisa ser bem maior do que é. Porque, se não estivesse rolando nada mesmo entre vocês, me contar não seria nada de mais. Talvez seja hora de pensar do que estão fugindo.

Quando ela deixa a sala, Malakai e eu ficamos sentados em um silêncio que é tão alto quanto meus pensamentos conflitantes. Não fujo das coisas. Nem gosto de correr! Malakai pigarreia enquanto olha ao redor do apartamento; o tapete de formatos geométricos em rosa, azul e amarelo por cima do piso laminado claro; minha poltrona rosa; as gravuras de Kerry James Marshall e Deborah Segun; fotos emolduradas das meninas e eu. Minha coisa favorita neste lugar são as janelas amplas colocadas pelos meus pais que dão vista para a paisagem do leste de Londres e derramam a luz do sol sonolenta do dia de início de verão que se acaba, iluminando o espaço.

— Você montou um lugar bem maneiro aqui, Scotch…

Dou de ombros.

— Obrigada. É pequeno, mas…

— Nada disso. Você fez do lugar grande. É você. Colorido. Cheio de vida.

Iluminado. Ousado.

Olho para Malakai, e seus olhos são um raio de sinceridade.

— Valeu. Tenho orgulho disso. — E quero agradecer por ele estar me ajudando a mantê-lo, mas lembro do que Meji falou, então mantenho a gratidão silenciada. Em vez disso, prendendo a respiração, questiono: — Vai fazer o que quando voltar?

Ele dá de ombros enquanto pega um livro na mesa de centro, *Called To The Camera: Black American Studio Photographers* [*Trazidos às câmeras: fotógrafos americanos negros em estúdios*], e começa a folhear, distraído.

— Mais do mesmo. Vou ver ainda.

Engulo em seco. Só agora percebo que comprei o livro porque me fez lembrar dele; ou melhor, por causa dos interesses que a paixão de Malakai despertou em mim.

— Você estava infeliz no trabalho.

— Talvez eu não tenha tentado o suficiente ficar feliz.

— Não acho que funcione assim, não. E, Kai, você ia sair do projeto? Que isso?

— Se significasse que você ficaria. Não é nada de mais, Kiki.

— Não. Não faz isso. É de mais, sim. Este trabalho pode ajudar você a fazer o filme. — Pigarreio, adentrando o assunto com cuidado, escolhendo as palavras: — É… é sobre seu pai, não é? Kai, você tem que fazer o filme.

Malakai coloca o livro no lugar e olha ao redor de novo, focando minha coleção de vinis, ao lado da vitrola. Ele abre um pequeno sorriso antes de assobiar baixinho.

— Claro que ela tem a própria coleção. Tudo bem se eu…

Balanço a cabeça, bem ciente de que Kai está evitando a pergunta. Ele se inclina para a estante de metal preta, dando uma olhada, e tento não ficar maravilhada com o fato de que Malakai está aqui no espaço que criei quando não éramos mais nós, e está se movimentando pelo espaço com tranquilidade, como se pertencesse, como se estivesse sempre aqui; seu cheiro acolhedor com notas de âmbar picante, bem à vontade.

Ele pigarreia, sem olhar para mim enquanto passa pelos vinis, falando com casualidade:

— Acho que é bom o que a gente fez junto. Quer dizer, esse tempo que passei em Londres, trabalhando no projeto, com você, foi bom. Apesar de tudo. Estou feliz por ter criado isso com você. Fez com que eu lembrasse o que é fazer algo que amo. Que me deixa orgulhoso. Tipo, acho que sua voz deixou meu olhar mais certeiro. E

isso me fez sentir como eu mesmo de novo. Fazendo o filme ou não, fico grato por isso.

Por que parece que ele está se despedindo de novo? Meu peito se contorce todo quando ele pega um disco: *Voodoo*, de D'Angelo. Malakai me olha, ergue a sobrancelha.

— Posso?

Concordo com a cabeça, um bolo rígido na garganta, os olhos ardendo a beça. Ele remove o vinil da capa com cuidado enquanto comento:

— Ainda estou caçando um vinil original de *Brown Sugar*. Alguém me venceu no leilão.

Ele estala a língua no céu da boca.

— Tolos. Eles não sabem que *Brown Sugar* pertence a duas pessoas? D'Angelo e Kikiola Banjo.

Malakai coloca o vinil na vitrola com delicadeza, e então, quase com ternura, ergue o braço da vitrola antes de abaixá-lo. Reconheço a música de imediato. Levanto-me e entro na cozinha de conceito aberto, servindo dois copos d'água à medida que "Send It On" preenche o espaço, misturando-se com a luz do sol, suavizando e adocicando o ar com o aroma de minha vela tuberosa apagada e de Malakai. É inebriante. Esqueci do contexto do momento. Esqueci de que há pessoas lá embaixo. Esqueci de que somos quem somos agora. Ele me encontra na cozinha e pega o copo, apoiando-se no armário à minha frente. Sua expressão faz meu coração cantar assim como Malakai fez com a vitrola, tentativa, acolhedora, coberta em mel e se esticando em minha direção.

Ele olha para o copo d'água antes de focar meu rosto.

— Você está feliz, Scotch?

Engulo em seco. Sinto palpitações.

— Você vai ter que ser mais específico se vai fazer esse tipo de pergunta-gatilho, Kai.

Malakai me perfura com o olhar e me faz perder o fôlego. Parece que ele vai falar alguma coisa quando batem à porta, cortando o ar, a música, os Não Ditos, a possibilidade da tolerância.

— Kiki? Sou eu! Posso entrar?



Aminah está uma pilha de nervos. Malakai saiu para nos dar privacidade, e agora ela está sentada a meu lado no sofá, apertando minhas mãos, com os olhos marejados.

— Ai, meu Deus, Kiks, me perdoa! Eu não sabia que ela não sabia!

Odeio ver Aminah chateada assim, então a imagem ameniza grande parte de minha irritação — e ela arriscar estragar a maquiagem feita por profissionais é prova do quanto está arrasada.

Balanço a cabeça.

— Não, não tinha como você saber… Talvez eu devesse ter comentado. No fim, foi estupidez mentir para ela.

— Não, não, entendo super por que fez isso! Você não queria que ela pensasse que estavam tentando uma nova forma de nepotismo ou sei lá o quê, entendo! Ainda que Malakai não seja Tracee Ellis Ross. Taré ficou puta?

Nego com a cabeça.

— Não. Ela entendeu. Eu só… — Escolho as palavras com cuidado, adentrando o terreno novo com passos cautelosos. — Minah, por que você disse tudo aquilo? Sobre o término ter acabado comigo? Na *frente* dele?

Aminah solta um grunhido, colocando a mão no rosto.

— Sério, foi a pior coisa que já fiz. Sinto muito, muito mesmo, Kiki. Só falei a primeira coisa que me veio à mente. Eu não estava pensando, e bebi muito…

— É, e você começou cedo, eu reparei. Por quê?

Aminah fica sem reação, confusa.

— Desculpa, não achei que tivesse problema. Achei que esse evento seria uma coisinha divertida pré-despedida de solteira.

— Beleza, mas Aminah, é meu *trabalho*, sabe?

Aminah enrijece um pouco o corpo, falando devagar:

— *Siiim*, e é importante para mim também. Óbvio. — *Mas é óbvio mesmo?*, me pergunto. — Mas, se Taré soubesse de você e Malakai, o que falei não teria causado atrito. Não tem nada a ver com eu beber. Literalmente ninguém além de você notou que…

Fico inquieta por minha amiga não estar entendendo o que está acontecendo, o quanto que estamos fora de sincronia, considerando que ela nem me ouve enquanto fica se defendendo.

— Aminah, acho que já deu, não?

Ela parece afetada, piscando depressa como se eu tivesse dado um tapa em sua

cara.

— Bom, eu esperava que você soubesse que um pouco do Chapman de seu pai não fosse suficiente para eu dar uma de doida, sobretudo em um ambiente profissional. Por que está agindo como se não me conhecesse? Estou estressada, tá? E, se não tivesse estado afastada nas últimas semanas, você saberia o motivo…

— Hã. — Mal acredito que estou tendo esta conversa. — Eu tenho estado afastada por que estou trabalhando, Aminah…

— Ah, sim, beleza. Como da vez que você e Malakai foram para uma festa incrível, cheia de celebridades, e faltou na visita ao salão.

Fico olhando para ela, tentando identificar quando e como minha melhor amiga virou essa Noivazilla. Estive considerando a ideia de contar sobre Malakai e eu termos transado, mas esse momento só reforça que, na verdade, essa seria a pior ação possível. Se ela já está culpando meu trabalho, imagina como seria com minha situação com Malakai.

— Eu fui a tudo em que precisava estar, Aminah. Provas de vestidos, até degustações para as quais Kofi não conseguiu ir! Eu *tentei*, mas desculpa se não posso estar lá para cheirar as flores com você… Dá para ver por foto…

— Não dá para sentir a textura por foto!

Faço uma pausa. Tem algo louco em seu olhar. Vamos viajar juntas em uma semana, então preciso parar de perguntar se Aminah está precisando de ajuda para encontrar a própria sanidade. Consigo me controlar para não dizer que não sei o que ela quer dizer com *textura* quando, até onde sei, pétalas são todas iguais ao toque.

— Tudo bem. Quer saber, Aminah? Desculpa. Claro que sei que você não estragaria meu trabalho de propósito. Estou só… envergonhada.

A irritação de esvai dos olhos de minha amiga, e parece que isso exorciza o espírito escroto que se apossava de seu corpo.

— Desculpa também, Kiks. Por expor você assim. De verdade, estou me sentindo tão mal, mas só duas pessoas tinham que estar envergonhadas e você não é uma delas. A primeira sou eu, por deixar que a proximidade com a alta-costura me afetasse tanto que ferrou com minha capacidade de ingerir comida, e aí isso afetou minha capacidade em geral impressionante de aguentar a bebida. — Seu olhar é sério enquanto confessa o próprio pecado, e não consigo evitar o sorriso. Droga, eu a amo. Ela segura minha mão. — E a segunda é Malakai Korede, porque não soube

tratar você como devia.

— Ah, foi uma frase fofa, Minah, mas isso meio que implica que ele não sabia agir. Acho que Malakai queria se desapegar mesmo. E tudo bem.

O FIM
(Três anos e meio atrás)

Depois da discussão, o jantar aconteceu sem mais ressalvas; fomos nós mesmos, rindo, flertando, despindo um ao outro com os olhos, às vezes com as palavras. Malakai perguntou se seria melhor pegarmos um táxi, e quando o surpreendi com o quarto de hotel, ele me pegou no colo e me girou, dando-me um beijo tão doce e profundo que perdi o paradeiro de minha mente. Estávamos bem, muito bem, à medida que colocávamos música para tocar no quarto, como se estivéssemos em uma competição de dança nada séria, fazendo movimentos entusiasmados de hip-hop tipo uma sequência de *Ela dança, eu danço*; e à medida que Malakai colocava a música de *Magic Mike* e fazia um striptease para mim, enquanto passava a mão pelo material liso do vestido, um toque mínimo e provocante, sussurrando:

— Caralho, você é tão gostosa, Scotch. — Ele beijou meu pescoço e disse: — Linda. — E aí beijou minha boca e completou: — Tudo. Você é tudo.

Então desceu a mão de minhas costas para minha bunda, apertando, grunhindo depois de dar um tapa, reacendendo em mim uma fome adormecida porque era aquilo, era por aquilo que eu vinha esperando, Malakai me desejando, voraz, como antes. Ele acariciou minha boca com o polegar e a abri. Fechei os olhos, encontrando seu toque com a língua, saboreando a ternura. Chupei de leve, por instinto, e abri os olhos, vendo uma tempestade elétrica que era tanto dor quanto fome no rosto de Malakai, o olhar sendo uma chama de cristal preto.

— Eu te amo, Kiki.

Meus olhos ficaram marejados porque ele ainda estava ali; estava só lutando para conseguir se dissociar de toda a dor, todo o luto. Estava fazendo o que podia. Os primeiros meses foram difíceis, bem mais difíceis do que tudo pelo que eu já havia passado — quando minha mãe ficou doente eu conseguia encontrar conforto, consolar a mim mesma, ter esperança. Como era possível ter esperança quando a

pessoa não estava mais presente? Tudo parecia fútil. Ainda assim, tentei.

Malakai cuidou de tudo no planejamento do funeral e então do apoio a mãe e o irmão, e aí resolver as questões do testamento e questões imobiliárias, indo para Lagos para lidar com os conflitos por causa de terra, sentindo culpa pela própria herança, reconhecendo o que aquilo havia custado. Fiquei a seu lado o máximo possível, indo com ele a todas as reuniões em que era apropriado, dando espaço a ele quando solicitado, e meus pais providenciaram comida do restaurante todo dia pelo tempo que precisassem. No entanto, Malakai nunca falava do sentimento da perda em si. Ele só falava de logística, planejamento, da mãe, de Muyiwa. E aí, quando tudo tinha se ajeitado, Kai se jogou de cabeça no trabalho, fazendo hora extra, nos fins de semana, qualquer coisa para evitar ficar sozinho consigo mesmo, e, por tabela, comigo. Antes eu me sentia culpada sempre que me sentia sozinha, isolada, como se eu estivesse querendo me colocar como centro do luto dele. Então afastei isso para o subconsciente, para o subconsciente de nossa relação. Quem eu pensava que era para dizer o que eu queria quando ele estava lidando com o fim do próprio mundo?

Só que o "eu te amo" choveu em mim como um aguaceiro depois da seca, e meu espírito se agitou, guloso. Sorri, toquei seu rosto.

— Também te amo, Kai.

E aí o celular dele vibrou. Malakai tinha jogado o aparelho na cama, e a tela acendeu. *Jade*. "Desculpa mesmo pelo que rolou hoje", dizia a mensagem. "Estou com tanta vergonha", dizia a mensagem. "Espero que isto não deixe as coisas estranhas", dizia a mensagem.

Logo senti calafrios, o calor deixando meu corpo bem depressa, porque pressenti, senti o cheiro, um desastre fabricado. Dei um passo para trás, tirei a mão dele de meu rosto.

Minha voz soou sinistramente neutra:

— O que é isso, Kai?

Ele engoliu em seco, todo o calor em seus olhos ficando frenético, chamas faiscantes.

— Ah… Scotch, não é nada de mais.

— Sei, mas isso quem decide sou eu. De que caralho Jade de seu trabalho está com vergonha?



Eu já havia tido o prazer de conhecer Jade. Fui com Malakai a um evento pretensioso e pedante que o chefe dele sediou na cobertura de Mayfair, e me afastei para que ele fosse se enturmar. Estava comendo o sexto mini-hambúrguer no bar, conversando no celular com as meninas, contando que eu tinha acabado de ver uma ex-estrela de drama adolescente americano de uns 40 e poucos anos com *mais uma* atriz negra retinta, e perguntando depois de quantas mulheres já pode ser considerado fetiche, quando uma pessoa se aproximou de mim, me encarando como se me conhecesse, o que foi aterrorizante. Tinha olhos grandes cor de avelã e um cabelo cacheado de uma cor cara que era mistura de castanho e loiro. Ela era linda e abriu um sorriso iluminado que de imediato me informou que tinha uma queda pelo meu namorado, antes mesmo de dizer:

— Oi! Você é a namorada de Malakai, não é? Cara, adoro mulheres que têm coragem de comer nestes eventos. Meu tipo de mulher.

Aquela. Vagabunda.

Fiz questão de mastigar bem devagar antes de bater o farelo das mãos e estender uma na direção dela.

— Kiki.

Ela gesticulou e disse:

— Deixa disso.

Então me deu o abraço mais constrangedor que eu já havia vivenciado. Finalizando com tapinhas em minhas costas. Rangi os dentes.

— Meu nome é Jade, sou uma das assistentes de Matthew. Malakai e eu estivemos trabalhando juntinhos neste último ano.

Abri um sorriso tão açucarado quanto o dela.

— Ah, é? Que prazer conhecer você enfim.

Não falei que já tinha ouvido muito sobre ela, embora tivesse. Eu tinha ouvido falar que o pai dela basicamente comandava a BBC e que uma vez ela tinha dito "sem querer ofender" com uma *piscadela* para Malakai logo depois de falar o quanto amava a BBC. Aquilo nos levou a achar que o último motivo pelo qual ela de fato falava que amava a BBC era para poder dizer "sem querer ofender" para Malakai, porque, sério, ninguém fica falando de maneira aleatória o quanto ama a BBC a menos que seja um membro do governo ou parte da família real. Ainda que, sendo

justa com Jade, ela tivesse familiares em ambas as categorias. Achei, sim, estranho que uma mulher que tinha ancestralidade negra fosse ficar falando aquilo, por isso pensei que talvez Jade quisesse mesmo era falar do pau de meu namorado e testar a reação dele. Eu não podia culpá-la tanto. Com certeza devia ter funcionado com outra pessoa. Eu a culpava era por tentar tirar com minha cara.

— Pois é, Malakai é tipo meu marido do trabalho — retrucou ela, dando risadinhas.

Contive o revirar de olhos. Eu estava entediada. Se Jade estava esperando uma reação ciumenta, ficaria decepcionada. Malakai me contava tudo, e confiar nele era a coisa mais simples do mundo. Eu sabia que aquela era uma interação iludida, um cabo de guerra esquisito; Jade gostava dele e estava tentando plantar a sementinha da discórdia. Tinha ficado com peninha. Que sentido havia naquilo? Por que se esforçar *tanto* por causa de um homem? Sim, Malakai era lindo, show, mas, mesmo assim, com certeza investir em Raya, o colega deles, seria mais fácil.

Mantive uma expressão agradável, sem reagir ao que ela achava ser uma revelação e dei um gole no copo de água que havia pedido.

— Sei. Ele comentou mesmo que você insiste em chamá-lo assim. Acho fofo.

Foi sutil, mas ela percebeu. Não sou caloura nisso, não — sou veterana. O sorriso de Jade ficou congelado. Ela não me conhecia, uma mulher iorubá cujas facas eram feitas de ferro banhado em açúcar. Na maioria das vezes eu as mantinha entocadas, mas, por infelicidade, aquela ali tinha me provocado.

— Você deve estar *tão* orgulhosa dele.

— Estou, sim.

Fiquei me perguntando qual era a estratégia dela.

— Tipo, a oportunidade nos Estados Unidos é tão incrível, e Matthew só convidou Malakai e eu. Não é demais? Você vai junto? Imagino que namorar a distância vá ser tão *trabalhoso*.

E lá estava. Fiquei bem imóvel enquanto os primeiros tremores de uma enorme mudança acertavam meu mundo, tremores provocados por Jade, entre todas as pessoas possíveis, uma mulher que usava esmalte nude com glitter. Embora não houvesse nada de errado em si com esmalte nude com glitter, a cor nela me irritava, uma tentativa preguiçosa de parecer divertida. Minhas entranhas se reviravam, confusas — como Malakai não tinha me contado aquilo? Ele estava pensando em aceitar o trabalho? Para Jade, porém, mantive a postura plácida.

— Nada é trabalhoso quando se está apaixonada. Tenha uma ótima noite, Jayda.

— É Jade…

Eu me afastei depressa para ir ao banheiro, mas Malakai me parou, ao que parecia tendo acompanhado meus movimentos de longe. Ele me segurou pelos cotovelos com gentileza, abaixou a cabeça para focar o olhar no meu, quando eu fazia de tudo para não o encarar, porque se o fizesse com certeza choraria, e eu não iria chorar na frente de *Jade*. O problema não era os Estados Unidos em si, era o fato de ele não ter me contado, e se fosse verdade que Malakai não me contava tudo o que acontecia na vida dele, então o que mais escondia? O que a gente era, porra?

— Ei. — A voz dele era tenra e protetora. — O que houve? O que ela disse? Ela me chamou de marido do trabalho de novo? Eu juro que…

Inalei com força.

— Vamos conversar em casa.

— Kiki…

— Este é um evento de trabalho. Faz o que tem que fazer. Vamos conversar em *casa*.

— Não vou conseguir me concentrar. Por favor, Scotch. Conta o que aconteceu.

Suspirei e o puxei pelo corredor até um banheiro próximo, sem levantar nenhuma suspeita porque ao que parecia havia várias idas coletivas ao banheiro rolando.

— Quando que você ia me contar sobre os Estados Unidos?

Malakai levou um baque, dando um passo para trás, a postura mudando.

— Caralho. *Caralho*. — Ele esfregou a testa. — Ela contou *isso*?

— Contou, porque com certeza ela deu em cima de você faz pouquíssimo tempo e está bem carente pelo visto, mas nem se trata disso. É você ter me feito de otária por não ter me contado. E eu nunca poderia ser feita de otária, mas você fez haver um *risco* de eu ser.

Fiquei andando de um lado para o outro no banheiro. Havia uma banheira no estilo antigo ali, com pés feito garras douradas e tudo, e meus saltos que não eram Louboutin faziam clique-clique no azulejo enquanto eu ficava espantada com quanto o cenário da nossa DR era imponente. Havia um troféu BAFTA na prateleira atrás do vaso.

— Sério, Kai, eu tenho mesmo que ouvir *dela* que você vai para o outro lado do oceano?

Percebi o estoque de perfumes Penhaligon em uma prateleira embutida na parede de azulejos verde-esmeralda. Com raiva, comecei a borrifar um mix de aromas em mim mesma. Malakai tossiu, o que me fez espalhar ainda mais cheiros, de um jeito ainda mais caótico.

— Não escondemos as coisas um do outro. Não é assim que nós somos. O que está acontecendo? Não gosto de bancar a controladora, Kai, sobretudo não na frente de mulheres que pintam a unha como se a gente estivesse em 2006!

Malakai se aproximou de mim, retirou Empressa e Halfeti de minhas mãos com delicadeza, então as segurou.

— Kiki, desculpa mesmo. Você nunca poderia ser feita de otária.

— Eu sei. Acabei de falar isso.

— Isso é tudo culpa minha.

— Também sei disso.

— Beleza. — Malakai assentiu, um pequeno sorriso no rosto, embora não tivesse graça, porra. Eu sentia a raiva se esvaindo, apesar de tudo, a verdade irrevogável amenizando tudo. Malakai não esconderia as coisas de mim de propósito. — Certo, no mês passado Matthew nos ofereceu a oportunidade de ir para lá por seis meses. Ele pagaria a hospedagem por dois meses, seria mais grana e… e haveria a chance de fazermos carreira lá. Matthew quer que a gente o ajude com o próximo projeto, mas, tipo, agorinha mesmo, alguém tentou me oferecer outra proposta na frente dele. Um dos amigos diretores com quem ele tem relação de morde e assopra quer trabalhar comigo. Aí ele se ofereceu para pagar meu aluguel lá pelos seis meses. E eu sei que é mais questão de ego, mas, ainda assim, é uma mudança enorme. Enfim, mesmo antes, eu queria um tempo para pensar. Foi em um almoço de trabalho… um almoço em grupo, aliás… que deixei escapar que ainda não tinha contado para você. Jade estava presente. Ela só quer colocar lenha…

Eu ainda estava confusa.

— Malakai, essa é uma boa notícia. Matthew acredita em você, quer *investir* em você. É uma oportunidade única. E agora ele está querendo pagar tudo para você? Por que não me contou?

A expressão de Kai era casual, os olhos focando um ponto em cima de minha cabeça.

— Porque não tem o que contar. Eu não vou.

Afastei as mãos das dele, chocada.

— *Por quê?*

Malakai deu de ombros.

— Não vou aceitar uma coisa que vai me levar para longe de você.

Meu coração se apertou. Eu entendia. Também estava apavorada. Já sentia nossos caminhos se divergindo um tanto, nossos mundos se cruzando cada vez menos, e um país diferente atribuiria toda uma nova dimensão a tudo isso. Ainda assim, toquei seu rosto, forçando-o a olhar para mim.

— Tudo bem, mas você sabe que nada no mundo faria isso, não sabe? Lembra quando fui para Nova York para fazer o estágio? Você me encorajou, mesmo que fosse ser o primeiro verão que passaríamos juntos, e fico grata por…

Malakai acariciou minha bochecha com o polegar.

— Foram seis semanas, Scotch. Estamos falando de seis meses…

O pensamento me deixou tonta por um momento, mas eu ainda estava me atendo à convicção do que tínhamos.

— Vamos dar um jeito. Posso tirar umas férias, visitar você por uns dias. Se alguma coisa mudar depois de seis meses, revemos tudo. Talvez eu possa procurar trabalho lá. — Engoli em seco enquanto a realidade da coisa se cristalizava. Desde aquele primeiro verão, Malakai e eu não passáramos mais que três semanas longe. — Pensar em você longe me revira o estômago, porque vou sentir saudade, mas, Malakai… — Tirei sua mão de meu rosto, precisando deixar nítido o quanto eu falava sério. — Você tem tanto potencial, e nunca vou me perdoar por atrapalhar seu sucesso. Estou *animada* por você. E você não pode tomar decisões em meu nome. Não tem esse direito. Agora, você quer ir?

Os olhos de Malakai brilharam.

— Sim. Quero.

Assenti e o dei um beijo leve nos lábios.

— Então você vai. E vamos sobreviver, vai dar tudo certo. Você vai ver. Vou segurar as pontas, fazendo as coisas daqui, e você vai estar lá de conversinha em um brunch só de pretos ricos ou qualquer porra dessas — declarei. Quando Kai riu, beijei seus dedos. — Vai ser bom para nós dois. Prometo.



Aquilo aconteceu cinco meses antes daquela noite no quarto de hotel. Foi Antes.

Antes de o pai dele morrer, antes de Malakai começar a se retrair. Naquela noite, ele teve a audácia de se aproximar de mim com calma, apesar do nervosismo no olhar.

Sua voz soou estável enquanto ele fazia o relato do que tinha acontecido antes de ele chegar.

— Beleza, a gente saiu para o happy hour. Nós seis, incluindo Jade. Alguém levou shots para a mesa. Não vi a hora passar, percebi que era hora de ir, e aí fui lá para fora pedir um Uber, achei que fosse ser mais rápido. Estava esperando quando ela chegou também. Começou a puxar papo, conversa fiada, na real. Falou que estava muito animada porque nós vamos para Los Angeles, que vamos morar no mesmo prédio. Eu não estava respondendo. Mal estava ouvindo. Eu juro, Scotch, eu não falei nada. O carro chegou, e aí Jade veio me dar um abraço para se despedir, o que nunca fez, mas achei que não era nada. — Ele focou o olhar no meu, a mandíbula tensa. — Aí ela tentou me beijar. Cortei na hora. Jade pediu desculpa. Eu falei que tinha que ir embora.

Eu me sentei na cama, sentindo o peso do coração, destruindo todos os instintos que eu achava ter. Estava enjoada. Fiquei olhando para a frente.

— Entendi.

— Kiki. Kiki, olha para mim. — Malakai se ajoelhou à minha frente. — Eu não a beijei de volta. Eu nunca desrespeitaria você assim. Qual é, você me conhece…

Ergui os olhos pesados para focar ele.

— Conheço?

Malakai ficou imóvel, tendo a audácia de parecer magoado.

— Kiki, *nada* aconteceu…

— Não, Malakai, aconteceu alguma coisa. Você mentiu para mim. Você *mentiu*, caralho. — Eu odiava ouvir a voz falhando, odiava a lágrima grossa escorrendo pela bochecha. — Algo que não era para você fazer nunca. Não era para você ser esse tipo de cara. Quando você virou esse tipo de cara?

Malakai balançou a cabeça, os olhos acesos.

— Kiki, desculpa por não ter contado, mas eu não menti. Eu nunca mentiria para você. Só não contei porque não queria que ficasse chateada por causa de alguém que é irrelevante pra caralho. Não importa. Ela não importa. Ela é insignificante…

Ele estava *mesmo* agindo como se aquilo não fosse digno de ser discutido? Como se Jade fosse uma mulher aleatória que deu em cima dele em um bar? Eu estava

começando a me enfurecer, a voz ficando ríspida, a neutralidade evaporando e me fazendo soltar fogo pelas ventas.

— Ah, sim, ela é uma insignificante que vai morar em seu prédio por seis meses, Malakai. *Aah*, Malakai Korede. — Sorri sem motivo nenhum. — Não me faz de estúpida, não. Eu te peço, por favor. Não vai acabar bem para você. Por que ela sequer ficou confortável para…

— Sério, Kiki? Você vai perguntar o que eu fiz para encorajar a mulher? Não consegue confiar que jamais haveria uma situação em que eu deixaria outra mulher achar que tudo bem…

— Como vou confiar se você nem se deu o trabalho de me contar a verdade?

— É para você confiar em mim porque sou eu, Kiki! — Ele deu um tapa no próprio peito. — É para você confiar em mim porque é assim que a gente é.

Balancei a cabeça, descrente por Malakai não estar entendendo. Eu me levantei e me virei quando ele se ergueu também, juntando as mãos em prece e as apontando para ele.

— Malakai, é absurdo você estar falando de confiança, e que é para eu conhecer você, quando eu tenho que *implorar* para nos encontrarmos hoje em dia. Sabe como isso é *humilhante*? É como se estivesse fugindo de mim…

— Kiki, merda, isso não é sobre você…

— É, reparei.

— Eu falei por que estou ocupado. Você *sabe* o motivo. Scotch. — Ele se aproximou, estabilizando a respiração, os olhos suplicantes. — Por favor. *Por favor*, não vamos brigar por causa de uma mulher aleatória tentando se engraçar comigo. Não vamos diminuir o que temos fazendo isso…

Soltei um gritinho de frustração, despejando meses de sentimentos acumulados.

— Ah, meu Deus, você não entende, Malakai! Não é sobre ela. Estou pouco me lixando para Jade e aquelas unhas com glitter ridículas. Tanto faz se ela tentou bater uma para você na praça Leicester… Tipo, dar em cima de uma pessoa abertamente leal que tem uma namorada é um tipo de fetiche em humilhação que nem consigo conceber… Isso é sobre *você*. Se eu me sentisse segura com nossa relação, isto nem seria uma questão! É sobre você estar se afastando de mim, sendo que você se muda daqui a um mês. E, um ano atrás, você teria rido falando de que uma mulher tentou te agarrar, teria feito piada sobre ainda arrasar corações, e não teria escondido isso de mim…

Malakai gesticulou, a própria irritação fervilhando, e senti o chão começando a tremer. Comecei a sentir cheiro de fumaça.

— Scotch, não contei porque você já estava desconfiada dela e *justamente* porque estou me mudando para Los Angeles na mesma época que ela. Eu sabia como você reagiria…

Abri uma simulação de sorriso.

— Beleza! E como estou reagindo, Malakai? Por favor, esclareça.

Ele endireitou a postura, as palavras tão propositais quanto a bala de um atirador sniper:

— Como uma pessoa que não é madura o suficiente para uma relação a distância.

Meu coração e estômago foram parar no pé, e as lágrimas foram logo atrás, uma fazendo companhia para a outra. Confirmei com a cabeça, mexendo os cantos da boca para baixo, como se impressionada. De certa forma, estava. Por fim, via algum sentimento da parte dele. Mantive a voz inexpressiva. Calma, apesar de eu sentir o céu se abrindo e se despejando sobre mim, deixando o corpo pesado. Eu poderia ter caído.

Em vez disso falei:

— Ah. Pronto. É isso que está rolando, então, Kai? Um ensaio de término? O que foi, é covarde demais para acabar com tudo de uma vez? Quer que eu facilite as coisas?

Malakai ficou bem estático, os olhos cintilando.

— Você está falando besteira, e não gosto disso, Kiki. Em que mundo a gente vai terminar…

— No mundo em que você chega meia hora atrasado ao jantar cheirando ao perfume barato de outra mulher e dizendo que *eu* sou imatura, cara.

Eu sentia toda a mágoa reprimida dos últimos meses prestes a explodir.

A expressão de Malakai era arrependida, mas a coisa se misturava à raiva, então permaneceu inabalada.

— Kiki, já pedi desculpa.

— É, mas você não está arrependido. — Ergui o dedo e comecei a me movimentar para a frente e para trás, lágrimas escorrendo. — E eu não preciso que minta para mim de novo. — Balancei a cabeça. — Porque a verdade é que você tem fugido de mim nos últimos meses e está aí falando que eu tenho que confiar em

você.

Malakai coçou a mandíbula, os olhos escuros e pesados demonstrando um duelo de emoções.

— Bem, Scotch, não vai funcionar se você não confiar. E talvez seja porque estamos em momentos diferentes da carreira que você não consegue se identificar com…

Uma risada vazia e engasgada me escapou.

— Vai se foder, Malakai. Como você ousa? O quê? Eu não consigo me identificar com ficar bebendo em bar com diretores desprezíveis?

— É isso que você acha que eu faço?

— Como eu saberia? Não é como se você me contasse mais as coisas. E sim, você está tentando agradar seu pai, eu sei, mas só tenha cuidado para não cometer os mesmos erros que ele. É melhor ter certeza de que ainda vai ter uma casa para onde voltar.

Arfei assim que as palavras pairaram no ar entre nós, lâminas serradas que vi cortando ele de imediato. Levei a mão à boca enquanto os olhos de Malakai ficaram mais úmidos, e toda a emoção sumiu de seu rosto, uma dor tão aguda que seu corpo no mesmo instante se afastou.

— Merda. Merda, não foi isso que eu quis dizer, Kai.

Fui depressa até ele, mas Malakai recuou, balançando a cabeça.

— Não, você tem razão, Kiki. — A voz dele soava estranha, como se viesse de outro corpo, outra pessoa. — Talvez eu seja como ele. Talvez eu tenha entrado cedo demais em uma coisa séria na vida. Talvez não seja que você é imatura, talvez nós dois sejamos.

— Malakai. — Segurei o rosto dele entre as mãos, assim como os fragmentos de nosso mundo que despencavam ao redor. — Não. Não. Eu só estava puta.

Ele se afastou de mim. Caralho, Malakai estava se afastando de mim.

— Kiki, olha o que estamos fazendo um com o outro? Vou para Los Angeles daqui a um mês, e olha para *isso*. — Ele curvou os joelhos, as mãos estendidas à frente, olhos ainda marejados. — Nós estamos nos *matando*.

Foi então que o pânico bateu. Porque não havia dúvida alguma. Estávamos à beira do abismo. Era como se eu pudesse ver os pedaços luminosos do que fôramos caindo ao redor, colidindo com as arestas afiadas do que éramos no momento.

— O que você está dizendo então, Kai?

O olhar dele quase fez meus joelhos cederem. Nunca tinha visto aquele olhar. Derrota. Os olhos dele continuavam cheios, úmidos.

— Estou cansado, Kiki. Não consigo fazer isso e ainda lidar com todo o resto agora.

— Malakai, *o que* você está dizendo?

Minha voz estava irregular, despedaçada, saindo como menos que um sussurro, tão apavorada com o que acontecia… aquilo não podia estar acontecendo. Éramos algo inevitável, algo certo. Éramos o próprio sol. Éramos nós, para sempre nós. O que estava acontecendo?

Malakai desmontou, levou a mão ao rosto, para se esconder ali dentro, passando a mão pela pele.

— Não sei. Não sei, Scotch. É só… é só coisa demais.

A frase envolveu meu coração, apertou até eu não conseguir respirar, e sem perceber o que fazia, fui até ele, abracei-o, Malakai me segurou também, apertando muito como se tentasse se ancorar a mim, atrelar-se a nós. Ele se afastou um pouco para me olhar, e seus olhos estavam tão vívidos com nosso antigo amor, mas em vez de me dar esperança, matou-a de vez, porque estavam vívidos como uma supernova, nosso amor se acendeu como uma estrela dando o último suspiro. E aí cada parte de meu corpo se inclinou na direção dele. Meu coração fragmentado disparando com toda a força moribunda; necessidade, desespero, o ritmo pulsando no meu ser.

Malakai, entendendo minha expressão como se ele a tivesse estampado ali, porque tinha mesmo, me deitou na cama em silêncio, como se eu fosse feita de diáfana e vidro. Nós tiramos as roupas um do outro. Não conversaríamos mais — não conseguíamos, não deveríamos. O que havia a ser dito? O tempo estava acabando; o sol, se dissipando; o oceano, morrendo. Quando nos beijamos, foi com uma doçura feroz, os corpos emaranhados, precisando o máximo possível que pele tocasse pele, as línguas invadindo as bocas como se para capturar todas as palavras que se recusavam a sair, que eram pesadas demais, leves demais, inúteis demais; mãos vagando, apertando, acariciando, rendendo-se à alquimia de nós enquanto eu virava rio com o toque dele e ele virava pedra com o meu. Malakai se deitou sobre mim, tocando meu rosto ao passo que eu segurava suas costas.

Fizemos uma pausa, como se tentando parar o tempo, sabendo que aquela seria a última vez. Meus olhos começaram a encher de água, mas os dele estavam focados, cheios de intensidade e concentração, como se estivesse se ancorando ao momento,

como se só existíssemos ali dentro, como se tivesse que ser assim, do contrário viraríamos cinzas. Segui o ritmo dele, não querendo perder o tempo nem aquele mundo no qual o único oxigênio que eu respirava era sua respiração, acelerada por causa de meu toque, aquele espaço em que a única coisa que eu via era Malakai me vendo, nossa Pangeia na qual nossa pele desconhecia fronteiras. Abri mais as pernas em acolhimento, e Malakai enfiou o rosto em meu pescoço, a boca quente no momento em que se fundia a mim, fundo, delicioso de tão fundo, um oceano de profundidade, e dei um grito de prazer e de dor à medida que ele me preenchia com todo o próprio prazer e a própria dor, embalando-me devagar, as pontas dos dedos apertando a pele de minha coxa com força, e eu queria que Malakai apertasse mais forte, como se assim fosse deixar marcas, de seu amor, que eu acariciaria quando sentisse falta dele, o que seria sempre.

Desci o braço por suas costas até chegar a uma curva firme e macia e o puxei para mais perto, e ele gemeu e de algum modo pareceu ir ainda mais fundo. Daquela vez Kai enxugou minhas lágrimas, aproximando o rosto do meu, e me beijou devagar enquanto passávamos os corações um para o outro. Pareceram horas, despedindo-nos de novo e de novo, até não ser só sobre sentimento, e sim sobre *ser*, naquele momento, na suspensão de tudo, sem querer se desemaranhar, adiando a realidade. Não sei quando dormimos, mas dormimos, nos braços um do outro, suando, toda a energia compartilhada como sacrifício.

Quando abri os olhos, era por volta de cinco da manhã, o amanhecer de um rosa-pêssego se alongava pelas janelas, zombando de nós com o frescor, com a esperança. Ele estava sentado na poltrona no canto do quarto, vestido. Quando se virou para mim, estava com os olhos vermelhos, cansados. Eu também estava cansada. Exausta.

— Scotch. — Eu soube pelo som da voz dele.

Soava como o partir de um coração.

— Não diga.

— Se nós continuarmos juntos, se continuarmos assim, não vamos conseguir. Você não confia em mim. Depois de tudo que passamos, você não confia em mim, e porra, como isso dói, Scotch. E eu preciso focar o trabalho enquanto estiver lá.

O que eu poderia fazer? Argumentar? Implorar? Eu não implorava. Malakai vinha berrando por espaço em silêncio, e como eu poderia negar? Era para estarmos enfrentando as coisas juntos, aquele foi o acordo, que apoiaríamos um ao outro em

tudo, e se ele queria quebrar o acordo, eu não o impediria. Poderia ter dito que desejava que ele ficasse, que lutasse por nós, comigo, mas uma luta ainda era digna quando se tinha que pedir? Então engoli as palavras, junto com tudo que vinha sentindo nos meses anteriores.

— Você tem razão.

Como cinco anos se transformaram naquilo? Uma briga. Uma foda de despedida. Um coração sendo despedaçado em um quarto de hotel. Porque, com certeza, ele estava bem. Claro, terminar era desagradável, mas não tinha como Malakai ter escolhido aquilo se o coração dele estivesse em jogo. Porque aquilo parecia o fogo do inferno. Parecia que eu queimava de dentro para fora. Ele se levantou, gesticulou alguma coisa, como se quisesse me abraçar, o que não teria sido certo. Fiquei onde estava na cama, usando a camiseta enorme que havia colocado — ironicamente, uma camisa que havia roubado dele.

Ele assentiu para si mesmo.

— Kiki. Espero que saiba que eu te…

— Você não precisa fazer isso, Malakai. Não me diz isso. Não quero ouvir. Se ficar longe de mim é o que vai fazer você feliz, então vai ser feliz, mas não me ofende dizendo que me ama.

A expressão de Malakai era pura sombra, e eu sabia que ele estava contendo todas as emoções, fazendo questão de não demonstrar nada, evitando agitar a atmosfera volátil.

Funguei.

— Eu vou, hum, vou tomar banho. Se vai embora, vai enquanto eu estiver lá dentro, por favor. É só o que eu peço.

Eu não desmoronaria ali na frente dele. Não lhe concederia aquilo.

Malakai estava me observando com os punhos fechados, tremendo, como se quisesse me tocar, me abraçar. Não podia ser. Ele queria aquilo. Ninguém que quisesse aquilo poderia estar querendo me reconfortar, fazer parar de doer. Malakai era a causa. Ele se aproximou da cama e me deu um beijo na testa. Uma lágrima escapou de meus olhos, mas nada mais se mexeu. Eu estava entorpecida, impassível, tudo em meu corpo inerte. Só quando a água escaldante tocou minha pele, quando o vapor se ergueu ao redor, misturando-se à fumaça de nossa destruição, só quando ouvi o baque da porta se fechando, que chorei. Soluços grandes, altos, trêmulos. Deslizei até o chão e fiquei embalando meu próprio corpo, abraçando a mim

mesma, hiperventilando, arquejando, tentando lutar contra uma realidade que, de maneira agressiva e necessária, adentrava minha consciência. Malakai e eu não estávamos mais juntos.

CAPÍTULO 15
E o que fez você sentir?

Dias depois da gravação, volto para casa após fazer compras para a viagem com as meninas e encontro um pacote fino com o rótulo "Cuidado — Frágil". Coloco as bolsas no chão perto da porta e abro com cuidado o vinil original de *Brown Sugar*. Sinto palpitações. Sei que é o original pelos leves amassados, a capa desbotada, e quando removo o vinil com delicadeza, os leves arranhões me dão certeza. São como beijos. É uma das coisas mais lindas que já vi. Muitas pessoas o ouviram, o amaram. Não era gasto, era *vivido*. Cumpriu seu propósito. Espio dentro da embalagem para ver se tem um bilhete, e sim, tem um dobrado ao meio. Sei de quem é mesmo antes de ver o rabisco curvo que é tão familiar para mim quanto minha própria caligrafia, visto em cartões de aniversário e de aniversário de namoro e Post-its na porta de meu dormitório na faculdade que diziam "Fui comprar meu café e seu sorvete, dorminhoca"; uma mensagem de alguém que amava acordar cedo para alguém que tinha alergia a manhãs. No bilhete atual está escrito: "Para a proprietária legítima. Beijo".

Minha vista fica turva. Xingo à medida que sinto o quentinho me invadir, porque que *caralho* de homem. Que bênção de homem. Coloco o vinil para tocar na mesma hora. Acendo velas, sirvo-me de uma taça de vinho tinto, tiro as roupas até ficar só de calcinha e sutiã, deito-me na cama e fico observando o pôr do sol pelas janelas amplas, fisicamente parada, mas minha mente está se movimentando com a música, movimentando-se pelo tempo. Fecho os olhos, e minha mão escorrega para dentro da calcinha, para o ponto entre minhas pernas; mal penso a respeito, só obedeço a um chamado da lembrança, e assim como o oceano abriga tanto passado quanto o presente, minhas águas também, a história se repete, as ondas trazendo à tona fatos de desejo, meu corpo estremece com verdades complicadas, então dói com a ausência de uma dura verdade. Gemo e choro. Pego no sono e sonho com

uma lembrança tão maravilhosamente vívida que fico chocada ao abrir os olhos às duas da manhã e encontrar uma cama vazia. De repente estou frenética, e, agindo por impulso, sem parar para dar lugar ao raciocínio, pego o celular da mesa de cabeceira e mando uma mensagem.

Kiks: D'Angelo veio aqui em casa ontem.

Ele responde de imediato.

Kai: Ah, é? Você perguntou quando sai o álbum novo?

Kiks: Obrigada, Kai. Não precisava.

Kai: Precisava, sim. Dever cívico. Não tem como ter Voodoo sem a Brown Sugar (vulgo Açúcar Mascavo) 😘.

Fico observando o emoji de beijo, brilhando em meio à escuridão do quarto. Malakai pode ter afeição por mim, mas isso não significa que ele me queira. Está sendo gentil porque é gentil, eu sei, mas fico encarando aquele emoji, como se marcasse o ponto em que a versão dele em sonho me penetrou, fazendo com que eu gozasse *dormindo*. Engulo em seco e percebo o horário, o imediatismo com que respondeu, e isso estimula minha audácia.

Kiks: Por que está acordado?

Kai: Não consegui dormir. Estou editando. Você ficou ótima, aliás. Está ficando lindo. Planejando o novo filme também.

Não consigo evitar o sorriso. Eu me enfio debaixo da coberta, da possibilidade.

Kiks: Fico feliz.

Kai: Acho que você devia continuar fazendo isso. Tipo, depois que o projeto acabar.

Kiks: O quê?

Kai: Esse seu trabalho. É necessário. Você levou Taré a lugares que… só você poderia ter levado. Estou olhando as gravações, e você está brilhando, porra. Acho que o lance com a SoundSugar foi uma bênção. E você fez bem se mandando daquela merda. É preciso coragem para fazer isso. Você sempre foi corajosa.

Há uma pausa enquanto controlo as emoções, tento dar uma segurada no rompante de calor condenatório, e consigo me recompor antes que o que quer que seja transborde de mim. Então ele continua.

Kai: E aí, por que você está acordada?

Kiks: Estou treinando a coreografia da turnê mundial de Renaissance.

Kai: Cê jura? Acabei de aperfeiçoar a coreografia de "U Don't Have To Call" de Usher para fazer o sangue circular.

Kiks: Que retrô.

Kai: Você me conhece. Sou um homem dos clássicos.

Rio, então mordo o lábio e resolvo testar a verdade.

Kiks: Também não consegui dormir.

Kai: Pesadelo?

Kiks: Não sei bem. Depende.

Kai: De quê?

Kiks: De se você também já teve.

Há uma pausa. Vejo o "digitando…", e aí desaparece de novo. Depois de alguns segundos enlouquecedores, uma mensagem aparece.

Kai: E o que fez você sentir?

Engulo em seco. Livre. Sincera.

Kiks: Me fez sentir bem. Confusa.

Kai: Já tive o sonho também.

Há uma pausa durante a qual prendo a respiração, meu coração martela, e aí:

Kai: Boa noite, Scotch. Dorme bem, tá?

A esperança tromba forte com a realidade.

Eu o ouço alto e bom som: às vezes sonhos são só sonhos. Não é uma esperança se anunciando nem um desejo dizendo que pode ser alcançado. Só uma vontade boba, insolente e ingênua de manter algo, uma coisinha que se desfaz ao colidir com a realidade, cedendo sob o peso do passado.

CAPÍTULO 16
Piscadelas, sorrisos e a vontade de esganar um homem

—Beleza, sei que falei que os produtos de despedida de solteira eram bregas, mas não dá para mentir, baby looks que dizem "Minas da Minah"? Real, *incríveis*. Sinto que estou fazendo uma turnê mundial.

Aminah gesticula para meu peito, estampado com o nome dela em lilás como se fosse um escudo de super-heroína, enquanto se empoleira na ilha de mármore ampla na *villa* imponente e gloriosa de Taré.

Faço um som de deboche ao mesmo tempo que meço o *crème de violette*, suco de limão e tequila em um jarro cheio de gelo para as margaritas especiais que estou preparando para o grupo — tinha que ser roxo, por ser a cor favorita de Aminah. A promessa é que a bebida seja a dose certa de vil.

— Jura? — respondo. — Qual seria o nome de sua turnê?

Sem nem hesitar, minha melhor amiga responde:

— "Molejo da Minah Money."

Ela apoia a mão na ilha e inclina o corpo, balançando as pernas por baixo do vestido tomara que caia branco curto, bebendo o drinque da última jarra que preparei. A luz se projeta pelas portas enormes sanfonadas que dão no jardim dos fundos. Uma piscina vívida azul-celeste reflete o céu, e a música R&B de grupos femininos do início dos anos 2000 emana dos alto-falantes à medida que a luz do sol se infiltra, a combinação de tudo nos reenergizando e nos preparando para o segundo dia do festival praiano.

Taré pareceu chocada quando fui confirmar se ainda estava tudo bem ficarmos em uma das *villas* que ela alugava, declarando com um tom leve de desgosto:

"Por que você gosta *tanto* de ficar me desrespeitando… Claro que deve ir. Não me irrita."

Eu mesma fico muito grata pela oportunidade de me desligar do trabalho e de questões com ex, e Aminah ficou felicíssima ao descobrir que a despedida de solteira dela ainda estava nos conformes. Considerando que a única orientação de minha amiga tinha sido "Fazer caipirinhas com os limões da vida", ela parece estar satisfeita. A casa é deslumbrante mesmo, tem vista para o oceano e uma decoração luxuosa e moderna na cor creme e pastel, com certeza combina com os gostos específicos de Aminah. Ela observa o espaço, maravilhada, e suspira, dando um gole no líquido pelo canudinho de metal.

— É o paraíso. Você se superou, Kiks.

Faço uma reverência.

— Bem, o melhor para a melhor, né.

Shanti fica nos observando toda sábia, buscando com cuidado pelos sinais de conflito. Embora Chioma, com toda a paz, amor, kombucha e vibe natureba, seja em teoria a melhor pessoa para detectar e intermediar dramas, na verdade, Shanti é a melhor da Patrulha da Treta. Ela não mede palavras, tem um olhar aguçado e é quem entra em meu quarto depois, quando estou desfazendo as malas, e se encosta na soleira da porta para perguntar, com os braços cruzados e a sobrancelha arqueada:

— Então, você e Aminah vão ficar nesse clima esquisito a viagem toda? Porque, de boa, não tenho tempo para essa merda, não. Paguei para passar um tempo com minhas melhores amigas, e vocês duas sendo superfofoletes uma com a outra é um desperdício de meu dinheiro.

Dobro uma camiseta e coloco dentro do guarda-roupa, fazendo uma expressão confusa.

— Primeiro, você pagou para vir para a despedida de solteira de uma de suas amigas mais antigas.

— Dá na mesma.

Ela joga o cabelo ondulado com as pontas loiras por cima do ombro antes de se sentar na cama, toda bonitinha no vestido curto lilás que já vestiu para a noite.

— E segundo — digo, tirando um sapato de salto da mala —, Aminah e eu sempre nos tratamos bem. Do que você está falando?

Shanti só fica me olhando.

— Jura, Kiki? É bem entediante quando faz isso. Aminah pode arranjar tempo para essa palhaçada, mas eu não. Estou falando do que aconteceu na outra semana.

Estou falando de Aminah te expondo na frente de sua chefe. Estou falando do fato de que, pelos últimos quinze dias, vocês duas vêm se comportando como um casal no limite, tentando se acertar pelo bem das crianças e isso está deixando a mim e Chioma doidas. Você sabe que vou escolher Aminah no divórcio porque ela tem mais regalias no trabalho. Tipo, o que caralhos vou fazer com ingressos de um show acústico íntimo de um artista soul melancólico? Sem querer ofender, te amo, juro.

Suspiro e fecho a porta do quarto, sentando-me ao lado dela na cama *king-size*. Vim reprimindo o que aconteceu no dia da gravação porque foi preciso, para não perder a sanidade. Não só estava concluindo os planos da despedida de solteira na qual estamos no momento, como vim conversando com Meji e meus pais, destrinchando a aquisição, finalizando os últimos ajustes de *Fênice* e evitando meu ex enquanto fazia isso. Meji me disse que Malakai não queria que eu soubesse que ele havia contado sobre os planos que eu tinha para o restaurante, e embora eu respeitasse isso, também era uma tortura. Com certeza é a melhor coisa que alguém já fez por mim, e também a mais perturbadora, porque foi uma ação de alguém que não me quer por perto. Como se agradece a alguém que quer ser deixado em paz? Quem escolheria ir embora do país pela segunda vez só para não continuar uma conversa? Com todas essas situações divertidas e tranquilérrimas, não tive tempo de analisar o fato de que Aminah chegou bem perto de colocar meu trabalho em risco, e, por sua vez, concluiu, sim, a tarefa de me envergonhar na frente de Taré.

— Olha, se eu ainda estou meio irritada pelo que aconteceu na gravação? Um pouco, mas não vale a pena mencionar isso. Eu devia ter contado para Taré, em primeiro lugar. Além do mais, Aminah está estressada com o casamento, e tem muita coisa acontecendo para eu ficar remoendo isso. A gente vai ficar bem.

Shanti cruza as pernas e se estica na cama, o movimento fazendo um som suave.

— Bom, é melhor mesmo. Porque quando ela descobrir que você e Malakai estão se pegando às escondidas e você não contou nada, ela vai ter um chilique, e repito: estou sem tempo, irmão.

Fico bem imóvel.

— O que foi que você falou?

Shanti volta a se sentar e me lança um olhar incrédulo.

— Brincou, né, Kiks? Faz favor. Na verdade, o único motivo de Aminah não ter sacado vocês dois fazendo cara de bobos e dando risadinhas um para o outro é porque ela contraiu uma síndrome braba de Noiva Neurótica Nigeriana. Que

implica em uma dose extra de egocentrismo. O que é compreensível, considerando que a mãe dela convidou umas quinhentas pessoas, mas pô, qual é? A foto na festa? O comportamento de vocês na gravação? A pergunta que não quer calar é: você acha que nós somos tontas? Você e Malakai são famosos por não conseguirem esconder os sentimentos um do outro, a história está aí para provar.

— Hum — murmuro, tentando organizar os pensamentos e me recuperar do choque de tanta informação. — Não tem a ver com *sentimentos*. — Fico estranhamente tímida depois de ter sido exposta com tamanha facilidade. Lá se vai a ilusão de que sou um enigma sensual. — A gente só, tipo, *você sabe*…

Shanti fica incrédula e faz uma expressão leve de desgosto, então arqueia bem a sobrancelha e solta meio que um rosnado.

— "Você sabe"? Não me estressa. Foi mal, isso é ensino fundamental por acaso? Pode ir me contando mais do *você sabe*, por gentileza. E rápido. Aminah está tomando banho, e Chioma está em uma ligação internacional com o casal de namorados dela. E com isso quero dizer que o namorado e a namorada são casados um com o outro. Ela está teimando com esse negócio de trisal, mesmo que saiba que não aguenta administrar as energias eróticas de tanta gente. É uma alma bem sensível. Enfim, falando de energias eróticas, desembucha, anda. Você e Malakai.

Respirando fundo para reunir forças, despejo toda a angústia, a tensão, o vaivém emocional dos últimos seis meses. O senso de liberdade que vem de compartilhar isso com Shanti é surpreendente, mas bem-vindo, e uma camada de ansiedade se esvai. Ela aperta minha mão depois que termino.

— Quer saber, amiga? Estou impressionada. Essa é uma fofoca graúda, orgânica, servida bem quentinha. E eu também não achei que fosse capaz, hein. Ter um caso tórrido secreto…

— Está longe de ser um caso tórrido.

— Ele comeu você na frente de uma janela para a cidade de Londres toda ver.

— Bem, tecnicamente não foi onde a comilança aconteceu em si. Na verdade foi no…

— Enfim, foi isso que deixou você emocionada de novo?

Faço uma pausa para pensar, afinal, como descrever? O medo não é de que eu esteja ficando emocionada *de novo*, e sim de que estou tendo que confrontar os sentimentos que nunca desapareceram. E que esses sentimentos nem importam, porque a existência deles não significa que seja para Malakai e eu ficarmos juntos, e

sem dúvida não significam que acho que Malakai sente o mesmo.

— Não.

É o que resolvo responder.

Shanti não acredita nem de longe. Ela contorce a boca em um sorriso seco.

— Aham. Você quem está dizendo. Olha, não sou Aminah, mas estou aqui se precisar, tudo bem? Porque nem sei como você aguentou segurar essa fofoca sozinha. A necessidade de abrir o bico teria me matado.

— Mas quase me matou. Até para mim o babado é forte. Eu estaria muito envolvida se não estivesse suando bicas de tanto nervosismo.

Shanti dá uma risada de deboche, e um sorriso se insinua em minha boca, apesar da gravidade da situação. Todas nós somos próximas enquanto quarteto, mas somos divididas em duplas mais próximas: eu com Aminah, e Chioma com Shanti; funciona, impulsiona nosso equilíbrio e funcionalidade, mas me acalenta ser lembrada que todas me apoiam cem por cento.

Shanti me lança um sorriso incrédulo.

— Por que está sorrindo assim?

Para seu pavor, eu me jogo nela, caindo por cima de seu corpo na cama e a beijando na bochecha.

— Obrigada, Shanti. Eu precisava disso.

Falo toda doce e melosa, mais para a tirar do sério, e ela faz barulho de vômito.

— Ai, meu Deus. Viu, é isso, por isso que não consigo substituir Aminah. Vocês são muito as *Amigas e um Jeans Viajante* para meu gosto.

— Não. Todas nós, juntas, somos as *Quatro Amigas e um Jeans Viajante*.

— Tudo bem. Mas se você não me soltar agora, vou ter certeza de que você me odeia.



— Não, mamãe. — Aminah está resplandecente em um vestido curto cheio de lantejoulas, saltos prateados fazendo clique-clique no piso enquanto anda de um lado ao outro. — Não dá para adicionar mais gente à lista! Chega! Além do mais, o que me importa que as cores do casamento da filha mais velha de sua amiga eram rosa e menta como as minhas, isso já faz dez anos… E, não, não podemos tirar o tecido kente da cerimônia! Quê? Você não ouviu nada do que falei nos últimos seis

meses? Se Kofi vai usar agbada, não posso não usar kente! Vamos usar dois trajes!

Laide chega perto da irmã bem quietinha e faz o que nenhuma de nós pode fazer, que é pegar o celular de Aminah e dizer:

— Mamãe, a gente ama você, mas Aminah está na despedida de solteira agora e você está estragando a vibe. Deixa minha irmã em paz pelas próximas vinte e quatro horas, por favor. Ela vai falar sobre convidar sua antiga amiga de escola que você não vê faz trinta anos quando voltar para Londres.

E aí desliga.

O alívio me atravessa. Estou feliz por ter uma irmã mais velha a postos. (A mais velha em si estava grávida demais para viajar de avião por doze horas, e, para além disso, ficou óbvio que não queria vir.) Uma irmã de sangue consegue controlar a Pressão Materna sem a ameaça de a mãe dizer que você é uma influência ruim, malcriada e desrespeitosa que deveria ser banida da vida da filha dela. Além do mais, a coisa mais ríspida que falei para a mãe de Aminah foi: "Não, obrigada, tia, acabei de comer" e mesmo assim acabei comendo cinco puff puffs. Movo meus lábios dizendo um "obrigada", e Aminah tenta se recompor, pegando o copo e virando a bebida. As meninas e eu nos entreolhamos.



As coisas vêm estado relativamente bem; fizemos um passeio de barco para ver o pôr do sol enquanto bebíamos alguns dos melhores vinhos da África do Sul, e Aminah e eu estávamos relaxando mais, aproveitando o momento, rindo juntas. Ela até suspirou no barco à medida que olhava para a majestosa e imponente Montanha da Mesa, contrastando com os tons laranjas e lilás, parecendo abrigar todos os mistérios do universo.

— Kiki, obrigada por planejar tudo — disse Aminah. — Sei que tem estado muito ocupada.

Passei o braço em volta dela, puxando-a para mim.

— Brincou, né? Organizar o conforto de três mulheres com requisitos culinários variados e que queriam o segundo maior quarto da casa foi mamão com açúcar. — Bati o quadril no dela, mas Aminah mal abriu um sorriso enquanto observava a água. Não teve nem tentativa de jogar indiretas. Aquilo me deixou preocupada. — Ei, tudo bem? Com Kofi e tal?

Aminah confirmou com a cabeça depressa.

— Ah, Kofi é incrível. Tipo, como um sonho. Sabia que ele reservou um fim de semana de spa para mim na semana que vem porque quer que eu relaxe? Só… não sei.

Ela fez uma pausa, certificando-se que as outras estavam nos fundos do barco, ainda conversando com o guia que parecia um modelo da Calvin Klein, perguntando quais eram os melhores lugares para se passear por ali, se ele conseguia ir junto e se tinha amigos.

Cheguei mais perto dela. Aminah usava óculos escuros e um chapéu de aba mole com o vestido branco, então eu mal via seu rosto, mas, ainda assim, senti em meu âmago que havia algo errado. Aminah não fica *borocoxô*. Ela tem momentos de desânimo que logo afasta. Aquilo parecia mais sério do que eu já tinha visto.

— Aminah.

— Alguma vez você teve vontade de só fugir e abrir uma padaria?

Tipo, sério, *quem* foi que sequestrou o cérebro de minha amiga?

— Eu… Aminah, quê?

— Tipo, em teoria. Quando estávamos lá pelo centro, nós entramos naquela padaria Lesedi's, e percebi que a moça trabalhando lá parecia bonita demais e nova demais para ser dona de uma padaria. Não que não se possa ser bonita e ter uma padaria, mas, sabe, no geral, imagino que as donas sejam avós ou homens brancos engomadinhos de Fulham que sofreram burnout depois de trabalharem com tecnologia e têm capital para investir. *Enfim*, enquanto você estava lá na ligação com Taré, comecei a conversar com Lesedi, que disse que tinha um cargo muito alto em um escritório de advocacia e que deixava os pais dela felizes, mas adorava fazer doces. Sempre adorou, desde criança. Colecionava livros de confeitaria, e o pessoal amava a comida dela. Enfim, um dia ela parou e se questionou por que estava trabalhando com Direito. Sabe o que percebeu? Que nenhum dos motivos tinha a ver com ela. Foi quando pediu demissão e investiu na padaria o dinheiro que vinha guardando para comprar uma casa. Isso não é louco?

Assenti devagar, fazendo o possível para acompanhar o raciocínio.

— Um pouco. Aminah… você quer largar o emprego de relações públicas?

Aminah soltou uma risada meio bufada.

— Eu literalmente controlo como as pessoas pensam. Não, é meu trabalho dos sonhos. — Ela hesitou e deu um gole no vinho. — É só muita coisa às vezes, sabe. É

muita coisa, dar conta de tudo. Ser boa no trabalho, ser boa filha, nora, esposa. E não é sobre Kofi… eu o amo. — Sua voz soou convencida, inabalável, enquanto ela se apoiava nas grades brancas e observava o azul fresco ondulante, tocando a montanha. — Mas às vezes me casar parece parte de uma longa lista das coisas que fiz porque tenho que fazer…

— Aminah, você não é do tipo que faz as coisas só porque *tem* que fazer. Não foi você quem tocou o terror no internato porque, como líder estudantil, desafiava os vínculos escravocratas que o fundador da escola tinha?

— Foi, mas eu só virei líder estudantil porque minha irmã mais velha foi líder estudantil, e se ela tinha sido líder estudantil, eu não podia *não* ser líder estudantil. O padrão tinha sido criado, e eu tinha que seguir.

— Bom. Você foi para Paço Branco e estudou marketing e relações públicas, em vez de engenharia, medicina ou Direito, duas das coisas que suas irmãs escolheram estudar. Isso não foi fácil, Minah. Você trilhou o próprio caminho…

Aminah soltou uma risada vazia e estranha que imitava uma risada. Minha preocupação se intensificou.

— Sabe que antes da faculdade eu queria ter saído viajando por aí? Eu queria desbravar o mundo e me encontrar. Meus pais disseram que era uma total perda de tempo. Fui aceita em Cambridge… contei isso para você, né?… Mas Paço Branco parecia mais certa, mais flexível, menos pomposa, menos… *insular*. Então essa foi a concessão. Eu faria a faculdade assim que me formasse, contanto que fosse Paço Branco. E eu amei, e foi a melhor época, e eu conheceria as pessoas mais importantes de minha vida. — Ela olhou para mim e abriu um sorriso, um de verdade. — E acho mesmo que era para eu conhecer você naquele momento. E Kofi. E Chi e Shanti. Vocês expandiram meu mundo, mas, mesmo assim, ainda sinto que não consegui fazer nada à minha maneira, sabe?

Tentei processar a informação na mente, combinando-a com o comportamento recente de minha amiga. Havia algo de errado com certeza e, bem quando estava prestes a cavoucar mais, Aminah ergueu os óculos de sol, abrindo um sorrisão.

— Desculpa, eu não estava falando nada com nada… Desculpa. Merda, não sei qual meu problema. Isto aqui — disse, gesticulando para a expansão adiante — é uma bênção. Pura bênção. Às vezes, só sinto vontade de fugir. Isso é normal, né?

Fiquei estática. A preocupação explodiu o medidor. Consegui manter uma expressão calma enquanto buscava formular uma resposta que não a deixaria pirada.

— Hã. Acho que sim… hum, é normal se sentir pressionada. É uma mudança de vida e tanto. Só acho que talvez a gente devesse falar da origem dessa vontade…

— Nanica — chamou Laide, de onde estava perto do guia, com uma mão no pescoço dele, a outra segurando a garrafa de tequila que de algum modo ela havia contrabandeado barco adentro. — Kiki, dá para vocês pararem de se pegar, faz favor! Lubanzi falou que vai tomar uns shots com a gente.

O rosto de Aminah se suavizou, e ela começou a rir.

— Estou indo! — Minha amiga se virou para mim, o sorriso aberto, e os olhos não acompanhando bem a emoção que ela queria passar. — Esquece isso. Estou só pensando demais. Ver minha irmã flertar com um cara que tenho bastante certeza de que é gay vai me curar. Você sabia que o primeiro namorado dela era gay? Não sei por que ela tem tara em homens que não a querem.

— Aminah, espera…

Ela se virou para mim, mostrando os dentes no sorriso fixo.

— Estou bem. Estou bem! Vamos deixar pra lá.



Então deixei pra lá, mas a expressão dela agora me faz ponderar se foi uma boa ideia. Estávamos fazendo um esquenta quando a mãe dela ligou, prontas para pegar as atrações noturnas do festival, e eu sentia o humor de Aminah azedando. Levanto-me da poltrona almofadada buclê na qual estou, segurando a taça de champanhe, trajando o conjuntinho de saia midi e cropped que segue o código de vestimenta: lilás.

— Sabe o que eu acho que a gente precisa fazer antes de sair? Uma sessão de cantoria das décadas de 1990 e 2000. Quem é que sabe uma música de Ashanti de cor? Quem sabe entregar o verso de Lisa Left Eye em "U Know What's Up" sem piscar duas vezes? — Tiro o sapato e subo no pufe cor de creme no meio da área de estar. — Todas nós, né? Mas quem sabe cantar a letra sem errar nenhuma palavra? E eu digo sem nem gaguejar! É um pouco mais difícil, né?

Shanti ergue a sobrancelha.

— Na verdade, não.

Abro um sorriso.

— Ah, que bom que falou isso, amiga, porque agora é um desafio. Vou escolher

uma música que você *acha* que sabe, e você tem que entregar tudo, até os murmúrios improvisados. Ou vai pagar penitência tomando um shot. *Ou* ficando pelada e correndo pelo jardim. Aquele ali que tem a cerca baixa de frente para a praia.

Pela primeira vez desde que falou com a mãe, Aminah sorri, os olhos se iluminando. Nada como um pouquinho de prazer com a desgraça alheia para animar minha amiga.

— Ai, meu deus. Amei. Não vou participar, mas é um excelente entretenimento. Sei que expressei o desejo de não ter nenhum stripper… junto aos canudos de pênis, bolos de pênis e faixas que dizem "noiva"… mas gosto, *sim*, de um pouco de nudez em minha despedida de solteira. Seja a stripper que você quer ver no mundo!

— Nananinanão — rebate Laide, erguendo uma tigela de batata chips em protesto. — Hum, não é justo. Tanto Aminah quanto Kiki têm que participar.

Começo a gargalhar de um jeito que considero gracioso, colocando a mão no peito de leve, como uma princesa explicando por que não pode fazer compras na Costco.

— Ah, amiga, minha participação seria injusta. Tenho um conhecimento nível enciclopédia dessa era…

Aminah bebe o champanhe e me lança um sorriso delicado.

— Eu te amo, amiga, juro, mas você não acha que essa é uma excelente oportunidade de provar isso?

Arqueio a sobrancelha e abro um sorrisinho.

— Quer saber? — Desço do pufe. — É mesmo. Na verdade, vou *adorar* botar todas vocês pra mamar.



— Que depilação *de milhões*, amiga. Passa o contato — pede Shanti, abrindo um sorriso grande demais.

De verdade, consigo ver a eficiência de seu clareamento dental. Ela parece uma bruxa bem linda.

— Ah, eu e ela vamos na mesma. Eu passo o número para você — responde Aminah enquanto abre as portas sanfonadas que dão no gramado.

Consegui ganhar seis rodadas. *Seis*. Chioma ficou pelada uma vez, bem fácil, e

precisou caminhar pelo jardim, fazendo uma dança performática aos sons do oceano. Ela pediu que a filmássemos. Laide só quis tirar a roupa, sem participar da brincadeira. Acho que ela esqueceu do que era para fazermos. Estava virando o champanhe com vontade. A vez de Shanti ainda não tinha chegado, o que acho bem irritante. Não sei como isso está acontecendo comigo, mas estou aqui, com o rosto todo maquiado, peladinha da Silva enquanto minhas amigas entoam:

— Não fica chateada, fica pelada! Tem nada errado, mostra o rabo! Bora, Kiki! É tudo aceito, mostra o peito!

Fico tanto impressionada quanto perturbada pela rapidez com que formam rimas para estimular minha nudez.

Foi a música "I Wanna Be Down" que me derrubou. Estava tudo correndo muito bem até eu chegar à metade do verso de Yo-Yo, o que é uma pena porque o verso da Queen Latifah é no qual arraso. Ainda assim, aceito a perda de boa, e Aminah parece leve, livre, e é isso que quero para ela, então tiro a mão que cobria a exímia técnica de trabalho de minha depiladora e digo:

— Quer saber? Às vezes, é bom mostrar minhas imperfeições. Tenho que ser humilde de alguma forma.

E aí vou saracoteando pelo gramado, os quadris balançando enquanto dou a volta na piscina, um giro, com a mão na cintura, enquanto as meninas assobiam, dão gritinhos, e eu, pela primeira vez em muito tempo, sinto que não estou carregando um peso. Livre de tensões, estresses, dúvidas.

Eu em minha melhor forma. Aí ouço o barulho a porta dos fundos da *villa* ao lado se abrindo, e de lá emanam vozes masculinas, uma sobrepondo a outra, e volto com o rabinho entre as pernas para a casa, gargalhando até perder o fôlego, conseguindo entrar antes que me vejam… eu acho.

As meninas estão respirando com dificuldade, e os olhos de Aminah estão marejados de tanto rir.

— Ai, ai, meu Deus, Kiks, foi maravilhoso! Incrível!

Faço uma reverência elaborada.

— Obrigada. Quero agradecer à minha avó materna por minha bunda grande, Don Julio pela confiança e às minhas amigas pelo incentivo moral. — Visto a lingerie e o conjuntinho de novo. — Beleza, agora que nós já ultrapassamos vários limites platônicos — prossigo entre um arquejo e outro —, temos quinze minutos até chamar o táxi, então…

No momento em que estou falando, as paredes da *villa* tremem com o som de "Talking The Hardest" de Giggs. As meninas e eu nos entreolhamos, intrigadas.

— São britânicos pretos — comento.

— Millennials — adiciona Chioma.

— Homens — finaliza Laide. — Eu topo dar uma espiada.

— *Por quê?* — Eu me viro para as meninas, muitíssimo decepcionada. — Preciso admitir, gente, esta situação toda aqui não passaria no teste de Bechdel.

Chioma dá de ombros.

— Ah, é uma despedida de solteira para um casamento entre duas pessoas cis-hétero, acho que de maneira intrínseca a situação já não passa no teste de Bechdel. Por que não abraçar a coisa toda? E por abraçar a coisa toda, eu me refiro a ver se os caras ali do lado são gostosos. Vamos lá nos apresentar.

Shanti ergue o punho no ar em concordância.

— Isso! Amo quando minha linda Chi Chi desce para meu nível!

Não acredito que perdi a aliada em que eu mais poderia confiar.

Eu me viro para a dona da festa, em busca de salvação.

— Bom, eu não acho que Aminah queira curtir a noite com um monte de homem desconhecido…

— Na verdade… — A voz de Aminah me surpreende, e me viro para ela, incrédula. — Por que não? Tipo, *curtir a noite* é exagero. Podemos só dar uma olhadinha antes de sair. Vai ser divertido para as meninas, e bom, tudo vira história.

— *História* — repito, perplexa.

Esta talvez seja a terceira vez na viagem que fico convencida de que alguém trocou de corpo com minha melhor amiga.

Aminah dá de ombros.

— É. Tipo uma aventura — adiciona ela.

Antes que eu possa perguntar o que isso significa, Laide dá um gritinho e pula na irmã, abraçando-a forte.

— Ai, eu *sabia* que minha genética divertida seria ativada em você em algum momento. Esperei a vida toda por isso! Eu pego o mais gostoso, hein, falei primeiro!

CAPÍTULO 17
Guia de como pegar nuvens para leigos: use sal

—Só quero que fique registrado — hesito antes de tocar a campainha pela terceira vez — que acho essa uma péssima ideia. Espera aí… Eles estão ouvindo "Int'l Players Anthem"?

— Viu só! Eles têm bom gosto! — exclama Shanti enquanto a maresia fica mais forte. — Dá para andarem logo? Já estou ficando sóbria! Está frio.

Ela bate o pé de um jeito teatral e se abraça, coberta por tiras justas de tecido.

Aminah me cutuca.

— Qual é! Vai ser legal, Kiks!

Bem, longe de mim ser a estraga-prazeres, embora eu não saiba bem quantos homens tenham ali dentro e fique *bastante* preocupada com o fato de eles saberem que tem um grupo de mulheres na casa do lado.

— Aminah, você ainda lembra dos golpes que a gente aprendeu na aula de MMA "Get'Em Bodied"*?

Aminah dá um soco no ar.

— Opa, ainda sei acertar um pescoço com a coreografia de "Diva"!

— E também — complementa Laide —, eu tenho spray de pimenta na bolsa. É legalizado aqui. E um cara arranjou para mim.

Franzo a testa, confusa com as implicações da frase.

— Bom, qual das duas opções? É legalizado ou um cara só "arranjou" para você?

— Não vamos precisar disso — declara Chioma com um tom reconfortante. — Fiz uma bênção de proteção para nossa viagem.

— *Afê*, achei mesmo que tinha sentido cheiro de sálvia vindo de seu quarto, Chioma — resmunga Shanti, arrancando uma amostra de perfume da bolsa e espirrando tanto nela quanto em Chi. — Dá para dar uma segurada? Seus feitiços vão deixar meu cabelo com futum.

— Enfim — digo para encerrar a picuinha —, sei o número da polícia local e falei para minha irmã me mandar mensagem daqui a trinta minutos. Disse que, se eu não responder, ela tem que ligar para Taré, mas agora que estou pensando, acho que eu não devia ter dado o número de uma celebridade para Kayefi…

— Uma das coisas que amo em você é o quanto você não surta — comenta Shanti com sarcasmo.

— Beleza, bom, desculpa por não querer virar personagem em podcast de *true crime*.

— Não se preocupa, não vai acontecer. Você sabe que esses podcasts só falam de mulheres brancas.

— Valeu, Shanti, pelas palavras reconfortantes de sempre.

Reviro os olhos, volto a tocar a campainha e as meninas dão gritinhos como se tivéssemos 12 anos. Uma sensação de entusiasmo estranha me invade. Tenho que admitir que há um senso de liberdade que vem de deixar as preocupações irem embora junto ao vento caboniano. Além do mais, em teoria estou solteira. Não, estou solteira, *sim*. Estou solteira, sou linda, com um brilho do sol africano na pele e do outro lado da porta talvez haja uma horda de dores de cabeça em forma de homens, e vou poder escolher. Bom, menos o mais gostoso, que Laide já reivindicou para si. A possibilidade me causa formigamentos. Pela primeira vez em meses, estou sem Malakai Korede, sem estresse, com a promessa de uma noite maravilhosa pela frente.

Alguém alto aproxima-se do painel turvo da porta, e sinto um frio na barriga. É possível sentir tesão em uma silhueta? A silhueta está me dando tesão. Aminah tinha razão, isto é *empolgante*. Eu sou quase a Stella do filme de comédia romântica, prestes a conhecer a nova paixão. A porta se abre, e a Silhueta Tesuda vira carne e osso e… músculo firme e um rosto lindo que fica chocado ao me ver.

Não.

— Sabe o que é doido? — comenta Malakai quando se recupera do choque, abrindo um sorriso torto. — Eu jurava que tinha reconhecido você.

— Você me *viu*?

— Bom. Não foi seu rosto que vi.

— Qual é, Scotch — sussurra Malakai enquanto para a meu lado atrás da bancada da cozinha de conceito aberto na *villa* em que estão os rapazes enquanto me sirvo de uma limonada de tequila. — Desencana.

— Estou desencanada. Leve, leve como o caralho de uma pluma, embora meu cronograma bem bolado tenha se afogado em um mar de champanhe Moët, tequila Casamigos e o tesão inerente de nossos amigos — respondo à medida que despejo o licor em um copo, observando a combinação da despedida de solteira e de solteiro desfrutando de uma sessão de karaokê improvisada, cada um com uma bebida na mão.

Aminah e Kofi, perdidamente apaixonados, ficaram surpresos, mas felizes por se verem e presumiram que Malakai e eu tivéssemos planejado tudo. Então ficamos encarregados de fingir que foi um golpe de mestre, uma ode ao amor e à amizade, e não ao fato de que Taré é dona de duas propriedades vizinhas na Cidade do Cabo e portadora de um coração tão grande, com tanta generosidade, que parece que não sobra espaço para a lógica. Ela ofereceu a casa do lado para a despedida de solteiro do amigo de Malakai, ao que parece não achando nada de mais, e sem mencionar que *eu* marquei território primeiro na propriedade vizinha. Como Malakai e eu ainda estávamos em uma interação travada, e sobrecarregados com o trabalho em *Fênice*, não tínhamos conversado sobre os respectivos planos das festas pré-casamento, o que levou a isto: meu pior pesadelo.

Era para termos ido para o local em que o festival está rolando uma hora atrás, mas, depois do choque inicial, os rapazes nos convidaram para fazer uma resenha com eles, e a resenha virou festa, e a festa virou karaokê, e o karaokê vai já, já virar uma orgia, a julgar pelo jeito como Laide está olhando nos olhos do primo de Kofi enquanto canta "Goodies"— e imita a coreografia de Ciara.

Malakai dá uma risada baixa e acaba roçando em mim enquanto abre a geladeira para pegar uma garrafa de mixer. Ignoro o toque que me causa arrepio, seu peito provocando formigamento em minhas costas.

— Kiki, é um festival de house na África do Sul. São onze da noite ainda. Está de boa. E, enfim, você parecia bem animadinha agora pouco. — Ele se encosta na bancada a meu lado enquanto misturo a bebida. — Foi você, não foi? *Pelada* daquele jeito? Não vou mentir, estou impressionado.

Lanço um olhar de canto a Malakai, inclinando a cabeça.

— Por quê? Acha que só você consegue me convencer a tirar a roupa?

Presunçoso de sua parte.

— Estava falando em público. — Os olhos dele ficam mais escuros, e, como conheço o caleidoscópio de suas orbes, vejo o sinal do brilho malicioso feito ouro ali. — Sei do que você é capaz em particular.

Ele leva a cerveja à boca e me olha por cima da garrafa, as pálpebras pesadas que nem cortinas blecaute, tentando mascarar a intensidade dos pensamentos.

O filme favorito de minha mãe é *A noviça rebelde*. Nós assistimos todo Natal sem falta. Agora, um refrão me vem à mente, o da música "Maria", mas trocando por outro nome: "Como resolver um problema que nem Malakai? Como pegar uma nuvem e prendê-la ao chão?". Porque há vários fatos que, juntos, formam um dilema:

Fato 1: Malakai sente atração por mim.

Fato 2: Malakai é mais instável que mudança climática, a tal ponto que os bitolados da direita diriam que ele nem existe.

Fato 3: Nenhum de nós confrontou completamente nosso término.

Fato bônus: Ele está gostoso pra caralho hoje (o que é irritante).

Usa uma camisa bege com gola cubana e bordado azul-marinho em estilo bògòlanfini, combinado com uma calça jeans preta que serve tão bem no corpo dele que fico com inveja da roupa. A corrente dourada brilha em seu pescoço, preguiçosa, convicta do próprio lugar, aninhada no pelo ralo do peito. Quero me deitar no lugar da joia. Também está cheiroso, o aroma âmbar amadeirado emanando em minha direção assim que Malakai coloca a garrafa ao lado de onde estou preparando a bebida.

— Mas, enfim. — Uma leve zoação adentra seu olhar. — O que vocês estavam fazendo vindo bater na porta de homens desconhecidos?

Dou de ombros, misturando a bebida com o canudo, e dou um gole.

— Achei que a gente podia se apresentar. Sabe, só ser boas vizinhas.

— Boas vizinhas — repete Malakai com um ceticismo seco.

— Sabe como é. Pegar uma xícara de açúcar emprestada. Emprestar uma xícara de açúcar.

Lanço um olhar para a festa à frente. Aminah está agarrada às costas de Kofi como um sagui em um galho, e eles agora cantam "My Boo" com tamanha intensidade que parece que possuem um contrato fixo de shows em Las Vegas. Estão bem distraídos, então adiciono uma resposta descuidada e irresponsável:

— Ser a xícara de açúcar.

Uma nuvem cobre o rosto de Malakai.

— Está de sacanagem, Kiki?

A atmosfera fica gélida de um jeito confuso. Nós não estamos nos dando tão bem e tal, mas ainda assim achei que tínhamos um acordo tácito de não azedar as coisas nas festas de pré-casamento de nossos amigos.

Arqueio a sobrancelha.

— O que importa se estou de sacanagem ou não?

— Faz o que você quiser. Só não achei que você era do tipo que traía.

— Espera aí, *quê*? Está falando do quê?

Malakai hesita, os olhos analisando meu rosto e acendendo um rastro de fogo por meu corpo. É mágoa e desejo junto, conheço bem o olhar. Está cravado em meu subconsciente com tanta nitidez que sei todos os contornos.

— Kiki, eu vi você. No Sákárà. Com seu ex. Se eu sequer posso chamá-lo assim ainda, afinal ambos diziam que se amavam. Você vai mentir na minha cara?

As palavras soam baixas, disparando como balas antes que saiam pela culatra.

Pedaços serrados e cortantes passam zunindo por minha mente, fincando-se. Por isso ele ficou tão esquisito no dia da gravação? E por isso respondeu às mensagens de um jeito todo travado naquela noite? Lanço um olhar casual a nossos amigos. Estão incentivando Aminah, e adiciono um "Canta mesmo, Minah!" certeiro. Então olho para Malakai, que ainda está perplexo.

— Malakai, Bakari e eu estávamos nos despedindo. Acabou. Tipo, foi definitivo. E a gente se ama, sim. De certo modo. Só não do jeito que uma relação precisa para ser namoro.

Ele parece ter sido acertado por um raio.

— É sério?

— Por que eu mentiria? E se você tivesse se dado ao trabalho de… — digo, abaixando a voz, esperando que nossos amigos pensem que a discussão acalorada é só sobre qual de nós vai fazer o primeiro discurso no casamento — … *falar* comigo, você saberia disso.

Malakai ainda me encara, confuso.

— Kiki, desde que a gente transou, você basicamente me mandou te deixar em paz. Estava respeitando isso.

Chioma começa a arrasar em uma apresentação de "Call Tyrone" de Erykah

Badu, e a plateia — no caso Shanti — vai a loucura, amando, e isso serve de cobertura para nossa conversa e minha frase incrédula:

— Está *de sacanagem*, Kai? Como eu não ia meter o pé de lá quando você praticamente disse que aquilo era uma *foda de boas-vindas* a Londres? Sabe quando as pessoas vão para o Havaí e recebem aqueles colares quando chegam ao resort? Só faltou você falar que nossa transa foi um *aloha*!

Malakai parece que vai falar alguma coisa, o rosto indignado, antes de se conter, pegar um pacote de chips de tortilla e jogar tudo no chão.

Franzo a testa.

— Está fazendo o quê? Isso é um *chilique*?

Malakai estreita os olhos.

— Não, Kiki. Estou criando um álibi — informa ele baixinho antes de aumentar bem a voz e completar: — Ai, merda. Derrubei o biscoito. Kiki, me ajuda a limpar? Caiu para todo lado. Não acho a vassoura.

Preciso admitir que é meio que genial. Fico impressionada. Nós dois nos abaixamos, atrás dos armários, mas não dou o braço a torcer.

— Atuação digna de pornô.

— Eles estão bêbados demais, nem vão notar. O que é uma pena, porque foi uma atuação digna de Emmy, na real. Enfim, Kiki, depois que a gente transou você saiu de cima de mim como se estivesse com vergonha. Como se eu fosse o maior arrependimento de sua vida. Ou um vibrador senciente.

Meu coração fica apertado quando relembro os acontecimentos daquela noite pela perspectiva dele. O jeito como Malakai me olhou, logo depois que transamos, o jeito como sua ternura ameaçava me desmontar.

— Eu fiquei com medo — sussurro, expondo uma verdade em que mal consegui pensar.

Os olhos de Malakai brilham, analisando meu rosto, boca, nariz, como se estivesse se dando permissão, antes de dizer:

— Bom, o que acha que eu senti, Scotch? Eu estava apavorado. Essa porra é apavorante.

— Não era para ser assim. Não era para ser tão…

— Certo.

— Bom. *Tão* bom.

— O melhor — adiciona Malakai, e seu olhar está fazendo meu fôlego de refém.

— Intenso.

— Nosso.

Sinto os olhos marejados, porque, sim é nosso — esse é o problema. O *nós* sempre vai parecer certo e bom e intensamente o melhor, mas se formos só chuva no deserto? Real, mas passageiro, um anseio transitório?

Balanço a cabeça, minha voz soando como um sussurro entrecortado:

— O que fazemos com isso? Não sei o que fazemos com isso, Kai.

— Ei, galera. — A voz de Laide interrompe a interpretação atroante de Shanti, que acabou de começar a cantar "Love" de Keisha Cole. Malakai e eu nos entreolhamos, então vamos nos levantando que nem suricatos e vemos a irmã de Aminah em cima da cadeira, agitando o celular bem no alto. — Então, meu amigo DJ vai entrar daqui a uns trinta minutos, e prometi que ia chegar a tempo de ouvi-lo tocar. Podemos ir? Kiki e Malakai, podem chamar os táxis? Sério, vocês estão deixando a bagunça correr solta, que é isso. Deem um jeito.

— Estou pronta! Piano, piano! — Aminah dá um gritinho ainda nas costas de Kofi.

— Piano, pia! — responde o grupo animado para ouvir amapiano.

Malakai e eu respondemos meio fraco, considerando que estamos olhando um para o outro, os olhos ousados e vívidos, uma luz nova e antiga se misturando, formando algo místico, curioso.



É isso que fazemos com a batida. Nós nos apoderamos, flertamos, reverenciamos, fazemos amor com ela, a jogamos fora e a pegamos de volta, provocamos, lançamos, brincamos, nos perdemos, nos encontramos, vemos Deus, lutamos contra o diabo, aprendemos. É como uma nuvem formada a partir de um vapor de energia. É como se parte da condensação tivesse se erguido para envolver a Montanha da Mesa, como se também quisesse curtir, apesar de contrastar com uma tapeçaria de estrelas composta por meus amigos e eu, dançando no meio dos outros que dançam com os próprios amigos, braços e pernas tanto soltos quanto controlados, corpos entregues à música. A chapinha que Aminah fez já está encaracolando nas pontas, o cabelo sendo convidado a abraçar as próprias raízes, a ficar tão livre quanto ela, enquanto se mexe, com sorrisão e olhos alegres.

Aminah olha para mim, joga os braços a meu redor, berrando:

— Eu te amo, caralho. — Aí ela se vira, beija Kofi e pergunta: — Quer se casar comigo?

Ele responde:

— Só se você quiser se casar comigo primeiro.

E aí eles começam a dançar lento e agarradinho à batida sincopada, formando um mundo próprio, o próprio ritmo. Laide está lá no palco, lógico, com o DJ, que na verdade era um contatinho, e em algum momento pega o microfone e grita:

— Um salve para as Minas da Minah! Minha irmã caçula vai se casar, todo mundo grita: PARABÉNS!

E Aminah fica felizona, mas sei que vai ficar constrangida ao se lembrar no dia seguinte. Shanti, Chi e eu formamos um pequeno círculo, com os óculos escuros, e estamos todas possuídas pelo espírito de grupos femininos antigos, em sincronia, mexendo a cabeça em sintonia, os rebolados precisos, cheias de atitude. E quando nossa rainha Aminah chega, grito:

— Quebra tudo, Minah Money!

E ela vai para o meio da roda enquanto continuamos a exaltá-la, incentivando e mandando arrasar, porque chegamos à seção de afrobeat, o que é intrínseco a nosso idioma. Somos organizadas e astutas, mas não astutas demais, não arrogantes, sempre acatando o ritmo, mas mantendo nossa postura, dando conta do recado. Os rapazes estão aqui, lá, talvez pegando bebidas para nós, talvez não, mas problema deles se não estiverem. Estamos no inverno, mas não está frio. Chi Chi está usando o bralette lilás e calça cargo preta; Shanti, o vestido curto e justo lilás combinado com tênis; eu, na saia branca midi fofinha e a blusa lilás; estamos suavonas, confortáveis em meio ao doce calor. A roda se afrouxa quando os rapazes nos chamam para a mesa para tomar shots. Um Rapaz Específico me entrega o meu, diz a palavra "manga", o olhar focando o meu antes que cheguemos ao lado deles e o mundo para. Os outros saem, e digo que quero descansar os pés. Ele diz que também precisa de uma pausa. Nossos amigos perguntam se temos certeza, e garantimos que sim, o que é irônico, porque a única coisa de que tenho certeza é do quanto não temos certeza de nada. Nossos amigos se lançam na multidão, à mercê do ritmo.

Os olhos de Malakai estão turvos, e os meus também, com a noite, com a exaustão do que é isto, turvos com a luz mística. Não dizemos nada. Ele umedece os

lábios com a língua, e acompanho o movimento como se estivesse caçando, faminta. Olho para a multidão de novo, quando tenho certeza de que não conseguem nos ver, pego o saleiro da mesa, coloco um pouco no polegar e no dedo indicador. Eu me aproximo de Malakai, que me observa como se fosse um caçador sendo caçado, os olhos avarentos e atentos, olhos de pantera, como o ouro garimpado do solo mais fértil de todos. Quero ser plantada. Quero florescer. Passo o polegar pelo lábio inferior dele, deixando um rastro de sal. Malakai não tira os olhos de mim, os olhos pesados. Fico na ponta dos pés, encosto o corpo no dele, passo a língua por sua boca, então chupo e saboreio. Ele nunca precisou de sal para que o gosto fosse bom. Sinto-o se tornar rocha dura e quente sob meu toque. Pego mais um shot na mesa e viro na boca. Com o jeito que Malakai está me olhando, poderia até ser água, porque não chega nem perto da onda que é seu olhar. Intenso, forte, poderia instigar o início de uma ovulação.

— Saúde — murmuro.

Malakai torce a boca, e aí os lábios se curvam em um sorriso, como uma fita anunciando uma cerimônia de abertura.

— É assim, é?

Que comecem os jogos.

Nossa mesa é VIP, por isso fica mais resevarda, escondida atrás das árvores, e os galhos formam uma cortina, então a noite só se infiltra em sussurros tímidos, a música presente, mas não intrusiva. Malakai vira o próprio shot de tequila antes de pegar uma fatia de limão. Ele se aproxima de mim, segurando-me pela nuca, o toque quente e preciso.

Malakai me olha, calmo, firme, e diz:

— Abre a boca para mim, Scotch.

De imediato sinto o pulsar incessante entre as pernas, e separo os lábios com vontade. Malakai espreme o suco de limão em minha boca e joga o bagaço para longe, então me segura pelo queixo. Em seus olhos há uma pergunta, e respondo segurando sua camiseta. Ele me dá um beijo indecente, mexendo a língua com firmeza e incitando marés a partir de minha fome pulsante.

— O que você quer de mim, Scotch? Porque se quer que eu diga o quanto ainda quero comer você… — Malakai enfia a mão por baixo de minha saia e passa o dedo pelo material que está ficando úmido — … posso fazer isso. Posso dizer o quanto pensei no seu gosto em minha boca. — Ele firma a mão em minha nuca, as palavras

acertando meus lábios, quentes e molhadas e descaradas enquanto ele continua massageando o ponto cheio de desejo. — Não consigo tirar da cabeça o jeito como gemeu quando gozou na minha mão naquela noite. — A voz dele é um borrão, sacudindo sentimentos e fatos, misturando-os, transformando tudo em algo intercambiável enquanto aumenta a pressão do toque, arrancando um gemido de mim. — Como senti falta desse som. A sensação de você me apertando. Como não tem nada no mundo tão incrível quanto estar dentro de você. — Sua boca toca de leve a minha, e parece o toque de uma chama. — Como parece que o lugar que eu sempre deveria estar. Como fazer você ter prazer me faz sentir sagrado, ungido. — Malakai me solta, e o ar frio me acerta sem misericórdia. O desejo latente ainda está em seu olhar, mas parece recuar, abrindo espaço para algo duro e acetinado. — Porque é tudo verdade, Kiki. E é a única verdade em que você acredita, mas não quero mais que seja, porque não é só isso que quero ser para você.

Malakai se afasta completamente e passa a mão pela nuca. Fico olhando para ele, perplexa.

— Kai… não é isso… não é isso que você é para mim. Por que acha…

— Scotch, naquela noite na piscina, você disse que eu só conseguia ter algo casual. Você disse que é isso que eu faço…

Paro de me mexer quando percebo algo na parte interna de seu bíceps que nunca vi. Tem que ser nova: uma tatuagem. Números. Uma data. Uma data que conheço. Está nas profundezas de minha mente, mas sei que conheço. Ainda lembro o número da casa de minha melhor amiga do ensino médio, então sei que estou certa de lembrar desses números. Malakai abaixa o braço quando percebe para onde estou olhando, mas me aproximo dele. Envolvo a parte grossa de seu braço e acaricio o escrito escuro na pele com o polegar. A data da visita técnica ao restaurante que deu errado. A visita em que ele foi grosso comigo, quando me afastou, quando teve um ataque de pânico, quando pareceu estar com raiva do mundo. Também é o dia do aniversário do pai dele. Levo a mão à boca, o coração disparando.

— Ai, meu Deus. Ai, meu Deus, Kai. Desculpa… eu tinha que ter…

Malakai balança a cabeça, e vejo a batalha começar dentro dele de novo, as emoções inquietas, as mãos esfregando a tatuagem como se estivesse apagando a lembrança de eu ter visto.

— Não faz isso, Kiki. Não é nada de mais.

— É, sim, na verdade. É, sim. E desculpa. Eu tinha que ter lembrado.

Seguro sua mão, e seu olhar fica turvo. Puxo-o para mim, passo seus braços em volta de mim enquanto o abraço de volta. Por um momento, seu toque continua frouxo, como se resistindo a ceder a um inimigo incógnito. Aí aperta os braços, tanto que é como se estivesse me usando como gravidade. As mãos apertam minha pele com firmeza, como se estivesse procurando outro lugar em que se apoiar já faz um tempo, como se estivesse exausto. Malakai enfia o rosto em meu pescoço, e passo a mão por suas costas.

— Vamos nos sentar — digo.

Malakai me solta, os olhos nebulosos, a mandíbula tensa.

— Os outros vão querer saber onde estamos.

— Deixa eles. Estou pouco me ferrando. Vamos nos sentar, Malakai. Fala comigo.

Malakai continua com o olhar focando o meu por um momento, antes de resolver que me obedecer é melhor. Ele se senta em uma espreguiçadeira de vime, inclina-se à frente, cotovelos nos joelhos, olhando para as tiras de noite em meio aos galhos. Devagar acaricia os dedos da mão esquerda com o polegar da direita.

— Era aniversário dele o dia que conheci Taré. Eu só queria esquecer. Foi um acúmulo de coisas. Perder você. Perder ele. Ficar com raiva de mim mesmo porque deixar você foi voluntário. Saber que eu tinha que te deixar não facilitava. Com meu pai, ficou mais fácil a cada ano, ao mesmo tempo que ficou mais difícil. Consigo lidar melhor com as emoções, mas é mais difícil porque é, tipo… esquisito. Quanto mais tempo passa, mais se solidifica como fato. A vida. Ele não estar aqui. E toda vez que lembro disso, perco o chão. — Malakai me olha de lado, como se não pudesse confiar em si mesmo para demonstrar demais. — O aniversário dele é um lembrete enorme. Meu pai teria feito 60 anos este ano.

Ele está falando frases difíceis e contundentes, destituídas o máximo possível de sentimento, como se estivesse evitando as palavras pesadas o bastante para desmontá-lo.

— E, Scotch, sinto raiva. Tanta, tanta raiva por ele ter ido embora. Por ter ido embora bem quando a gente estava ficando bem. Ele estava tentando. Nada poderia apagar todas as merdas que meu pai fez, mas ele estava se esforçando com minha mãe. Ela o perdoou e queria que eu o perdoasse, então tentei. Eles estavam se acertando, pensando em se mudar para Lagos juntos. Meu pai estava se esforçando com Muyiwa, se interessando por mim. Disse que estava *orgulhoso* de mim, Scotch.

Orgulhoso do que eu estava construindo para mim mesmo. — Malakai ri e esfrega o queixo. — Ele estava até orgulhoso por eu estar contigo. Chamava você de "pequena guerreira gigante". Boca grande, corpo pequeno. Disse que você era mais inteligente que eu, e que ficava abismado com sua cabeça, que você me fazia bem. Disse para eu ter cuidado para não cometer os mesmos erros que ele, para não deixar você escapar, não partir seu coração. — A voz dele falha, e a coisa me atravessa que nem faca, à medida que começo a encaixar as peças, construindo uma imagem que nunca imaginei que veria. — E aí — interrompe-se Malakai, os olhos brilhando com uma fúria angustiada —, quando ele resolve ser um pai, um marido melhor, um homem melhor, nesse momento, Scotch, ele *se vai*, caralho. É uma coisa toda descaralhada. Típico. Clichê. Como isso é justo? Como é justo eu conseguir meu pai só para perdê-lo de novo?

Passo o braço a seu redor e o puxo para mim, beijando sua cabeça, pescoço, costas.

— Não é justo.

Minha voz sai embargada, mas tento conter as lágrimas, porque são dele, apesar de sentir falta do sr. Korede também. Construímos uma relação nos dois anos antes de ele falecer. Fui da desbocada que, no dormitório do filho na faculdade, lhe disse poucas e boas por ser um pai de merda, para ser a parceira de debate dele nos encontros familiares, nos quais se lamentava de um jeito afetuoso: "Tudo bem, então por qual motivo Kikiola vai implicar comigo hoje? Ainda não entendo por que meu desejo de ter um jatinho particular é 'problemático'".

Ele tentou. Esforçou-se para se redimir. Eu aceitava aquilo, nem que só pelo bem de Malakai.

Malakai olha para mim, o lábio inferior entre os dentes enquanto balança os joelhos.

— Eu, hum, comecei a fazer terapia com aquele cara que me indicou. Obrigado. Por ignorar o que falei e não deixar pra lá. Ele é maneiro. É difícil pra caralho… Ele é tão fechado — Malakai dá uma risada irregular —, mas acho que está ajudando. Está amenizando umas coisas para mim.

A surpresa se transforma em uma sensação quentinha intensa.

— Fico feliz, Kai. É preciso coragem para fazer isso. Estou orgulhosa de você.

Ele abre um sorriso fraco, que desaparece logo que ele pigarreia, esfregando a mandíbula.

— Eu, hã… No dia da festa de noivado não foi o voo que atrasou. Eu tive um ataque de pânico antes de ir para o aeroporto e perdi o voo — confessa, e meu coração se contorce todo. — Acho que a ideia de voltar para Londres… fez minha mente voltar para o que era pouco antes de eu ir embora. Kiki, eu afastei você porque queria te proteger disso. De mim. Você foi tão maravilhosa comigo depois que meu pai morreu. Você merecia mais do que um caos. Não queria que me visse assim.

É um alívio saber que Malakai me afastou de propósito, mas também é enfurecedor, e tento conter a ira.

— Malakai, quem você acha que eu sou? *Olha* para mim. — Endireito a postura, e ele faz o mesmo. Seguro seu queixo. — Eu queria *todo* o seu caos. O que em mim, em *nós*, convenceu você de que eu não queria compartilhar esse fardo? — Algo quente está me atravessando em fúria. — Malakai, *você* terminou comigo. Lembra? E eu sei que falei umas coisas absurdas. Você também, mas foi *você* que terminou nosso relacionamento…

— Kiki, você não confiava em mim. Não teríamos aguentado.

— E como você sabe disso, cacete? — Minha voz falha. — Você nem *tentou*, Malakai. Nem olhou para trás. Estava esperando que eu concedesse permissão para ir embora, e desde quando sou estúpida para tentar segurar um homem que não quer ficar? E tudo isso agora… Como posso acreditar que você quer mais quando conseguiu largar tudo tão fácil? Como sei que isso não é só nostalgia? Talvez você queira algo familiar porque é reconfortante. Só quero que seja sincero consigo mesmo, Kai. Você já quis mesmo estar comigo de verdade? Afinal, você mesmo disse que não é *feito* para uma relação a longo prazo. Então, o que fui nesse cenário? Um contratempo? Um percalço em sua vida? Uma temporada? E o que é *isto* aqui, esta coisa entre a gente agora? — Gesticulo para o pequeno espaço entre nós. — Como posso confiar em você? Olha, se você quisesse ficar, teria ficado. Não vem com essa de que queria me proteger. Isso era sobre você. E tudo bem, mas por favor não age como se partir meu coração tivesse sido um ato de benevolência. Nunca vou aceitar isso.

Malakai hesita, os olhos marejados antes de falar, com a voz rouca:

— Tudo bem, Kiki. E nunca vou aceitar o fato de que não tentou confiar mais em mim. Que não consegue confiar mais em mim.

— Quer saber? Talvez a gente só devesse deixar isto como deixou da primeira

vez.

Malakai assente, tenso.

— Certo. Como um erro.

Shanti aparece do nada, com os óculos tortos, um glitter aleatório na bochecha direita.

— Ei! Mãe, pai! A galera está esperando lá no portão. Vai ter um after na *villa* agoooooraaaaa!

Bem o que preciso depois de uma evisceração emocional.

---

* Música da Beyoncé, cujo título pode ser traduzido para "Acabe Com Eles". [*N.E.*]

CAPÍTULO 18
Dançando ao luar

Estou em uma cama que não é minha. Às quatro da manhã na *villa* dos rapazes, em meio a pizza e uma sessão de *dancehall* e *bashment* que Shanti providenciou como a DJ honorária, alguém (Laide) berrou:

— Festa na piscina!

Acabamos encharcados, rindo, lançando água para o alto, um jogando o outro na água, sob o luar, enquanto os alto-falantes proclamavam que éramos muito especiais, tão especiais, tão especiais. Até Aminah parecia mais animada, mais leve. As dúvidas de antes — de onde quer que tivessem vindo — tinham desaparecido.

— Desculpa por isso.

Estávamos flutuando uma perto da outra na piscina, depois de uma corrida vigorosa entre ela e Shanti (tenho bastante certeza de que a vitória de Aminah foi comprada, porque Shanti corria na época da escola).

— Eu sei que era para ser uma viagem das meninas…

Aminah riu, o cabelo todo no topo da cabeça. Mais provas de seu estado de despreocupação é a extensiva negligência com o cabelo alisado.

— Brincou, né? Amiga, estamos no lugar mais chique do mundo com nossos melhores amigos — declarou ela, olhando para os gritos e barulhos de água de ambos os grupos. — Isto é especial para mim. Com que frequência fica todo mundo junto aqui? A galera de Paço Preto, minha irmã, o pessoal de Kofi. O amor aqui… — disse, os olhos transbordando de alegria. — Isso é perfeito. O casamento em si vai ser tão caótico que não sei qual vai ser a próxima vez que isto vai acontecer. Tudo está mudando tão rápido, sabe? É bom ter momentos assim. Além disso, é resultado de seu novo trabalho! Estou tão orgulhosa de você, Kiks! Você está progredindo, evoluindo… Merda, *Shanti*! Vou acabar com a tua raça! — berrou.

Shanti jogava água em nós, dizendo:

— Ah, meu Deus, por que vocês não se beijam logo?

Aminah se lançou atrás dela, ao passo que minha mente repetia a declaração de minha melhor amiga. "Evoluindo." Eu me perguntei se havia uma definição de evolução emocional que envolvesse um rolo tenso com o homem que havia partido meu coração. Não sei se cheguei a falar disso no podcast. A festa continuou a toda enquanto Malakai e eu estávamos com as mentes a toda, um em cada canto da piscina, do quarto, da conversa, até Kofi jogar Aminah no ombro e anunciar o fim do evento. Foi só depois que terminei de pegar as bolsas e os sapatos que as meninas largaram na *villa* dos rapazes para levar para a nossa que percebi que eu estava presa para o lado de fora; e o pessoal estava ou apagado, ou transando, ou sem bateria. Liguei para cada uma das minhas amigas e implorei no grupo de mensagens, mas todas pareciam estar ocupadas ou não podendo me salvar da já costumeira humilhação de chorar pitangas na frente de meu ex. Sussurrei um monte de xingamentos que acabaram evocando a palavra "Scotch?" atrás de mim, como uma espécie de maldição.

Fui obrigada a me virar devagar.

— Ao que parece… — pigarreei — … minhas amigas me deixaram presa para o lado de fora da *villa* porque estão ocupadas demais dormindo ou transando, mas tudo bem. Acho que tem uma janela aberta na parte de baixo. Consigo passar por lá. Sempre quis fazer isso. Eu era boazinha e nunca saí escondida de casa, então talvez…

O cantinho da boca de Malakai tremeu de leve, o que foi bem irritante porque eu estava falando sério.

— Que nerd. Bom, para evitar possíveis lesões — retrucou ele —, só quero informar que temos um quarto sobrando. Um dos caras não conseguiu vir.

— Está tudo certo. Eu vou, hum, jogar pedra na janela de Chioma.

— Kiki.

Por quê?

— Beleza, mas só se prometer não dizer nada no caminho. E digo nem um pio. Não quero falar mais… da gente.

— Com prazer.

Em silêncio, Malakai me levou até o quarto vazio ao lado do dele, pela *villa* quase idêntica à nossa, conduzindo-me todo galante como um cavalheiro com uma dama. O corredor estava escuro, e a única luz vinha das janelas enormes, projetando

o luar no azulejo de terracota. Quando chegamos à porta, ele ergueu a mão, indicando que eu esperasse, antes de levantar um único dedo — um minuto. Em um quarto do tempo, voltou com uma camiseta preta limpa e larga para eu vestir para dormir. Malakai não consegue evitar. Ele ama frustrar todas as minhas tentativas de continuar com raiva.

— Obrigada.

Malakai não respondeu. Só inclinou a cabeça e voltou para o próprio quarto.

E devia ter ficado tudo bem. Está tudo bem. A questão é que não consigo dormir. Cada ramificação de discussão que já tive com Malakai está se agitando em minha cabeça, junto com todas as vinhetas de nós dois rindo, transando, chorando juntos, até tudo se emaranhar. Não consigo mais ver onde os momentos bons terminam e os "momentos difíceis" começam porque um vai alimentando o outro. É tudo nosso. *Nós dois*. Nós dois, vivendo a vida, *levando* a vida juntos. Nunca briguei com ninguém do jeito que briguei com Malakai porque nunca senti por outra pessoa o que sinto por ele. Meu coração se aperta com a nova conclusão; não estou lutando contra Malakai. Estou lutando contra esta coisa viva entre nós, e é inútil.

Não sei como conciliar isso com meu medo, a ardência, os pontos sensíveis que ainda doem. O que me pega é que ele é meu tipo favorito de problema e nunca soube como resistir. Já falei tanto, mas ainda tem tanta coisa pendente em nossa conversa — nós estamos pendentes — e preciso parar de fugir disso, parar de deixar os Não Ditos se proliferarem e criarem mofo em nossas mentes, porque estou com medo do que acontecerá quando o Não Dito não for mais Não Dito, quando as palavras estiverem livres para se desenvolverem fora do confinamento de nossas complicações e covardia.

Como vou saber se vão florescer ou definhar se eu não as soltar? Então me levanto, os pés fazendo barulho no azulejo frio, vou até a porta, mal me dando tempo de pensar, e, sendo sincera, estou de saco cheio de pensar, de ruminar cada coisinha até virar versões distorcidas e distendidas do que é para ser. Abro a minha porta no instante que Malakai abre a porta dele, sem camisa, de cueca, por um momento tão desorientado quanto deliciosamente desorientador e sempre glorioso, e nós nos olhamos no corredor, o luar cintilando entre nós, uma coluna entre nossos pés; mas, afinal, a lua não é um reflexo do sol? Então a gente se encontra no meio do caminho, prostrados na luz.

— Scotch. — É um som baixo, ardente e convicto. — Eu preciso que saiba que você nunca poderia ser um erro, um contratempo nem um percalço. Você é a única coisa que faz sentido para mim. Você é tudo. Cacete, é tudo para mim, e deixar você despedaçou algo dentro de mim, mas você tem que entender que eu achava que tudo já estava despedaçado. Achava que não tinha nada para oferecer. Acontece, Kiks, que você me entende. Sempre entendeu. Isso sempre me deu segurança, mas também sempre me abalou, sendo sincero. E acho que não tenho sido verdadeiro, não o suficiente, não com você. — Malakai se aproxima de mim. — Você tem razão: eu fui embora mesmo. Fugi, mas não foi de você. Por Deus, Scotch — diz ele e, balançando a cabeça, solta um som de rendição —, só quero correr na sua direção, só na sua direção. Não posso fugir de você… você é parte de mim. A melhor parte de mim. A única pessoa que sei que com certeza encontraria na escuridão. E encontrei. Em meus momentos mais sombrios, ainda via você. Ainda sabia que eu conseguia sentir alguma coisa por sua causa. Você é a única pessoa que já escolhi, mas nunca pareceu escolha, sempre pareceu instinto. Amar você era como memória muscular de um tempo anterior… porra, anterior até à minha existência. — Ele faz uma pausa, reunindo forças. — Mas naquela época… quando tudo aconteceu, eu estava fugindo de mim mesmo, Scotch. Não tenho orgulho disso, mas eu não queria olhar para minha dor. Estava com medo. Para mim, parecia fraqueza. Estava com medo de me sentir fraco. E eu sabia que você criaria um lugar seguro para mim, onde tudo pudesse ser sentido. Eu não queria sentir. Parecia que sentir me… deixaria incapacitado. E é impossível ficar indiferente com você. Todos os meus sentidos, minhas células, estão programados para sentir você. Como se… chegassem à capacidade máxima perto de você. Então me escondi de você.

Malakai foca meu olhar, e seus olhos estão cheios, pesados com o reflexo do sol, de nosso sol, o que achei que tivesse morrido com o que fomos.

— E não contei da situação com Jade porque estava tão acostumado a me esconder. Eu devia ter contado, e sinto muito. Não tem justificativa. Sei que não dei motivo para você confiar em mim. Eu devia ter lutado por você, mas a verdade era que eu não queria lutar e decepcionar você. Scotch, achei mesmo que estivesse fazendo o certo ao terminar tudo. Não conseguia pensar direito. Minha mente não parecia estar funcionando direito. Eu carregava o peso do mundo. E até falei para mim mesmo que, no fim, você ficou aliviada. Quando Aminah deixou escapar, no dia da gravação, o quanto o término afetou você, isso ferrou com minha cabeça.

Muito, muito mesmo, Kiki. Eu nunca quis machucar você. Eu sinto muito, pra caralho mesmo. Teria me destruído achar que tinha sido o caso. Falei a mim mesmo que estava cortando o mal pela raiz, por você. Achei que merecesse uma versão de mim que estivesse consertada. Achei que conseguiria me enterrar e ressuscitar como uma nova versão de mim mesmo, mas não percebi que eu estava me fechando. E aí, quando achei que essa nova versão nunca existiria, fui embora.

"Eu me convenci de umas mentiras escrotas sobre você nunca ter desejado a relação de verdade, sobre ser só seu ego ferido. — Malakai engole em seco. — Eu fui covarde, Kiks. Eu não queria acreditar que tinha partido seu coração. Não queria acreditar que era capaz disso. Olha, eu amo meu pai, mas você tinha razão. Eu estava cometendo os mesmos erros. Ele se fechou. Quando enfim parou de fazer isso, já tinha… — a voz de Malakai falha, a dor envolvendo as palavras — … já tinha passado muito tempo. Não quero fazer isso. Scotch, nunca vou me perdoar por fazer você se sentir sozinha em nossa relação. Este… — Malakai dá um passo para mais perto, aponta para o espaço entre nós — … é o único espaço em que você não deve nunca se sentir sozinha. E estou com tanta vergonha. Porque a verdade é que tinham três coisas que me fizeram passar por aqueles meses mais sombrios. Foi pensar em você, minha mãe e Muyiwa. E nunca agradeci direito por isso. Você me apoiou mesmo quando eu não conseguia apoiar a mim mesmo. Foi corajosa quando não consegui ser. Você foi corajosa por nós dois."

Malakai para de falar e inspira o oxigênio de que eu mesma me esqueci que precisava.

Sua fala toda me abala, afrouxa algo em mim que faz lágrimas rolarem soltas. Quando falo, minhas palavras saem tão baixinhas que acho que vão se fragmentar quando tocarem o *nós* presos aqui na energia entre a gente, quente, tensa.

— Malakai, eu nunca quis nada mais de você do que *você*. Preciso que saiba que você sempre foi mais que o bastante. Kai, você é o melhor. Você é o *melhor* para mim. E você é forte. Apoiou sua mãe e seu irmão enquanto lidava com a própria dor. Sentir dor não faz de você fraco, Kai. É real. E uma das melhores coisas em você é o quanto sente. Essa é sua força. Não foge disso. Se não conseguir sentir o que é ruim, não vai conseguir sentir o que é bom. Tudo sobre você é mais e suficiente e *certo*, e você me faz sentir mais e suficiente e certa. E sim, é uma droga ter se fechado para mim, mas nunca falei sobre isso. Provavelmente piorei as coisas para mim mesma por não ter falado nada naquela época. E eu devia ter confiado em

você a ponto de saber que, se eu contasse, você teria ouvido. Desculpa por não ter feito isso. Porque você nunca deixou de cuidar de mim. Entendo isso agora. Mesmo quando a gente terminou, eu… eu percebo que em meio ao luto você achou que estava cuidando de mim.

— Mas tudo saiu de um jeito errado pra caralho, Scotch. Eu não… eu não sabia o que fazer… como contar… Eu mal conseguia me manter firme…

— Nós dois erramos em algum momento, Kai. Nenhum de nós confiou no outro o suficiente. Não estou dizendo que teria feito tudo perfeito, mas acho que eu poderia ter sido mais tolerante, ter deixado um espaço para considerar o que estava passando por sua cabeça. Você deve ter ficado muito solitário. De certa forma, também me fechei para você. E, se eu tivesse sido mais aberta com você, talvez você tivesse se aberto comigo. Mas tive tanto medo. Tinha tanta coisa acontecendo em sua vida, e eu não queria adicionar mais uma preocupação… — Paro de falar e me controlo.

De novo estou apavorada, com a ideia de virar do avesso, do ar tocar minhas entranhas, do coração ficar exposto.

— Scotch — murmura Malakai enquanto passa o polegar por minha boca e me faz estremecer toda —, eu não quero nunca mais que se sinta assim. Você é abundância, não um fardo. — Seu olhar me atravessa. — Você é *minha* abundância.

A frase faz algo se romper dentro de mim, deixa toda a luz entrar. Mordo o lábio para controlar os sentimentos.

— Eu quero sempre você por inteiro, Kai. Me dê tudo sempre.

O olhar de Malakai perfura o medo e aquece todos os cantos mais frios em meu interior. É só depois de sentir que estamos nos unindo de novo que começo a ver que todas as partes, os pedaços fragmentados do que éramos, estavam me deixando com fome. Só me lembravam do quanto eu estava faminta por mais dele, mais de nós dois. Afasto o rosto e encaro Malakai. A verdade pulsa por meu corpo, martelando nos ouvidos, o calor que mal borbulhava sob o peso do medo, da dor, se irrompe, florescendo. Afirma aquilo de que vim tentando escapar: o desamor nunca aconteceu. Nunca deixei de amar Malakai, de estar *apaixonada* por Malakai, o que houve foi uma supressão, um fingimento de que eu conseguia parar de amar um homem que me olhava como se eu fosse o Universo em pessoa, que me lembrava de sentir o poder que tenho a meu alcance. Que era inteligente, e sensível, e fazia coisas

como ajudar, mesmo que em segredo, a salvar a coisa mais importante para mim no mundo. Mesmo se fosse possível deixar de amá-lo, eu não quereria.

A sensação de ser compreendida com tanta profundidade a ponto de cada parte sua se assentar mais quando está perto da pessoa, a sensação da tranquilidade teimosa que sobrepõe a animosidade, de se sentir capaz, poderosa, *desfrutada*, e *desfrutadora*, a sensação é eufórica. Que se foda a física — somos transcendentais. Nosso sol é criado a partir de nosso calor e não se esgota, não pode ser destruído. Só descansa, mesmo diante do temor de que pode se perder tudo outra vez, esperando a hora de se reerguer, de criar algo novo, projetando luz nos detritos e revelando pedras preciosas, metais, minerais, coisas a serem reconstruídas. Podemos fazer isso juntos, acho; talvez possamos recuperar a ruína, afinal, como tal ruína poderia ser tão desastrosa quando a natureza do que tínhamos era magnífica?

— Tudo que existe em mim é seu, Scotch.

Minhas mãos já se embrenharam pelo peito dele, e as dele estão em minha cintura, alcançando tudo que é necessário para me tocar, para me segurar com força. Nossas bocas se tocam, e o beijo não é tanto uma explosão, mas mais um calor lento e doce que é ainda melhor, maravilhoso, pesado e confiante no que sabe, nossas línguas se demoram em se banhar e apreciar. Quero mais, e Kai vai me dar mais, acredito nisso.

Ele se afasta só para me fazer uma pergunta:

— O que mais você queria quando veio bater à minha porta, Kiki? — Seus olhos são como quartzo, e a pergunta se finca em minha barriga.

Meu corpo responde por mim, porque ergo uma perna, enrolo-a no quadril dele e Malakai a segura, e depois a outra, enquanto minha boca continua a resposta, com uma ênfase redundante:

— Você, você, você — digo, em meio a beijos vorazes que me deixam com a vista turva.

Só consigo pensar *Kai, Kai, Kai*, meu coração pulsando entre as pernas, que estão enroladas nele, os quadris roçando no desejo crescente dele, duro e quente e palpitante, e Malakai geme em minha boca. Ele abre a porta do seu quarto e me carrega para dentro, tendo a sabedoria de fechar a porta, porque tenho muito a dizer, a suspirar, a berrar. Ele me deita na cama como se eu fosse um tesouro delicado encontrado depois de muita busca. Devagar, ergue minha camiseta e a joga no chão, antes de descer minha calcinha, olhando para meu corpo nu como se eu

fosse o primeiro nascer do sol.

— Olha só pra você — murmura, a voz baixa e maravilhada. — Graças a Deus você existe.

E a frase me faz sentir como uma nota musical comovente, suspensa no ar, do tipo que faz a pessoa querer fechar os olhos e se acomodar na doçura do espírito, do tipo que faz a pele se arrepiar.

Estou toda arrepiada quando Malakai passa de leve as mãos por meu corpo, acariciando logo abaixo dos seios, dançando e acarinhando e se demorando, seguindo com beijos suaves o rastro dos toques. Sua boca está em minha barriga e se demora ali, deixando uma trilha úmida, mordiscando, como se garantindo que está desfrutando cada parte de mim, e me pergunto como uma área tão inofensiva pode parecer tão carregada? O beijo em minha barriga é o crescer de uma chama, e gemo, e o beijo sobe para meus seios enquanto ele gira meus mamilos na boca, círculos enlouquecedores que vão espiralando até chegarem entre minhas pernas. Com meu suspiro, ele roça os dentes de levinho, então chupa, afagando e provocando com a língua, antes de fazer o mesmo com o outro bico. Será que Malakai vai ser meu fim? Não, ele é parte de meu viver.

A sensação é gostosa demais para eu aguentar, e preciso me vingar, então digo:

— Vem cá.

E, assim, ele começa a lamber meu pescoço enquanto enfio a mão dentro da cueca e envolvo o volume impressionante entre os dedos, desfrutando do poder ao senti-lo ficando ainda mais firme sob meu toque, antes de alisar o calor aveludado, devagar de início, do jeito que sei que ele gosta, e Malakai xinga, pergunta o que estou tentando fazer com ele, e respondo:

— O mesmo que você faz comigo.

Meu beijo é caótico, lambo seu lábio antes de morder, contrastando com o toque certeiro, a dissonância intensificando a estática entre nós. Anseio por ele. Abaixo a cueca e movimento a mão mais rápido, incitando minha própria sede ao mesmo tempo que Malakai impulsiona a ereção em minha mão e implora, me chama de "mulher" — uma mordida na base de meu pescoço — "muito malvada".

Mordisco seu ombro, mostro as presas enquanto sussurro:

— Kai… só para avisar, estou de boa. Ainda estou com o DIU e fiz exames antes de vir para cá. Só por precaução.

Há um lampejo nos olhos de Malakai.

— Eu também. Tudo certo. Fiz os exames antes de voltar para Londres. Não fiquei com ninguém além de você, naquela noite.

Ouvir isso me faz sentir uma empolgação inflamada pelo ego, e tento (sem sucesso) conter o sorriso convencido.

— Sabia que ninguém teria comparação, né?

— Tipo isso. — Os olhos de Malakai vagam por meu rosto como se estivesse catalogando cada detalhe e ele acaricia meus lábios com o polegar antes de abrir minha boca. — Exatamente isso.

Ele me beija de novo, invadindo minha boca com ferocidade, o que logo me faz abrir mais as pernas, me esfregando em sua ereção sem nenhuma vergonha enquanto minha língua encontra a fome dele.

É devasso e maravilhoso, e falo, arquejando:

— Eu quero sentir você.

Os olhos de Malakai me marcam a fogo, uma chama azul de tão vívida.

— Eu falei, Scotch. É seu.

É assim que minha ânsia chega a um nível crítico, mas minha necessidade de enlouquecê-lo também. Chupo seu pescoço enquanto roço minha umidade nele de leve, e Malakai grunhe e segura meu pescoço com delicadeza, porém firme.

— Seja boazinha.

— Qual a graça disso?

Malakai inclina a cabeça para o lado, a curva malvada da boca surge, antes de ele se aninhar em mim e esfregar a cabeça do pau em minha entrada molhada. Arfo e me contorço com a sensação abrasadora, aquele sorriso dele é um lugar perigoso no qual quero escorregar.

— Se quer jogar sujo, vamos lá — diz ele. — Só não esquece que sou melhor no jogo do que você. Comporte-se.

É o jogo que mais gosto de perder, mas o que se ganha entrando em campo antes da hora? Melhor esperar, conseguir mais expertise, formar-se com louvor. Ele começa a brincar com meu mamilo de um jeito preguiçoso.

Querendo teimar, digo com a voz manhosa:

— Não vou fazer nada que você mandar.

Os olhos de Malakai brilham, um vidro de açúcar com pontas afiadas, e ele enfia a língua em minha boca, tomando tudo, guloso, delicioso, sem pena, enquanto leva a mão para o meio de minhas pernas e me acaricia com dois dedos, cobrindo-os

com o desejo que conjurou, e me arranca um gemido que ele engole.

Malakai se afasta um pouco, as palavras roçando minha boca já inchada.

— Tem certeza? Porque eu sei de uma coisa que faço você fazer, Scotch. — Sua voz soa áspera, rouca de desejo.

Ele captura meu olhar turvo enquanto me prova na ponta dos dedos, colocando a língua para fora. Nunca vi um rosa mais bonito do que a língua dele coberta de mim. A imagem ilícita em si me faz perder a cabeça, quase ofusca minha visão.

— Como você é *vulgar*. — Solto um arquejo brusco envolto em tesão e maravilhamento, e o beijo, sentindo meu gosto doce nele. — Por favor, continue sendo vulgar.

— Juro solenemente — murmura Malakai, colocando-se com delicadeza entre minhas pernas e fazendo meus quadris avançarem, ávidos — continuar sendo muitíssimo vulgar com você.

— Bom saber disso. Pode começar entrando em mim. Agora.

— Sempre tão mandona. — Sua voz soa forçada, brusca, enquanto ele posiciona a cabeça do pau grosso em mim e inalo depressa, sentindo que estou o encharcando, o desejo se acumulando entre nós. — Você não tem modos, não?

Levanto os quadris para roçar nele em uma resposta muito educada para recebê-lo, e os olhos de Malakai se reviram, um homem no limite.

Abro um sorrisinho.

— *Por favor*.

— Nada disso. — O sussurro dele é áspero, irregular, mal se contendo. — Faz tanto tempo que esqueceu das regras. Qual meu nome, Scotch? Fala meu nome.

Malakai me penetra um tantinho mais, e fico desesperada; a súplica teria acontecido de qualquer forma, com alegria, com avidez.

— Por favor, Kai. Por favor, preciso de você dentro de mim. Agora, *agora*, amor…

Estou falando muito sério com cada palavra, e toda a brincadeira deixou o rosto dele, uma vontade visceral tomou a expressão; é a primeira vez que o chamo de "amor" desde que ele voltou, e todo o controle dele se desintegra no mesmo instante. Malakai entra em mim devagar, se acostumando com a parte mais apertada e suave na entrada, a dilatação perfurante e perfeita, até eu estar preenchida por completo. Ofego intensamente com o prazer, nossos gemidos harmonizando enquanto encontramos nosso ritmo.

— Você é tão linda, Scotch. — A sinceridade tenra se assenta em meus ossos, estrutura meus ossos, e lembro dele falando: "Você é minha abundância".

A sensação é tão certa que não consigo lembrar como sobrevivi sem isto, sem ele. Minhas pernas não têm nenhum pudor e se abrem o máximo possível para acomodá-lo; é diferente de tudo que já senti com ele, um acúmulo de tudo que fomos, tudo que somos e tudo que podemos ser, e ondulamos com a maré de prazer do passado, a possibilidade do presente, a promessa do futuro.

— Era isso que queria, Scotch?

Malakai empurra meus joelhos dobrados para trás e pergunta entre as estocadas de constância deliciosa, que me fazem ver o cosmos com os olhos fechados, e respondo que sim, suspiro que sim, berro que sim; é uma dança de chuva que me deixou molhada o suficiente para ele ir mais fundo, e imploro para ele me dar mais, mais, mais, e ele dá, e a sensação é demais-demais-demais. Sinto que o corpo não consegue comportar o quanto é gostoso, mas de algum modo toda vez que acho que cheguei ao máximo da capacidade de prazer, sobrevivo e Malakai se inclina e me beija, lento e doce.

Ele se inclina e suspira, segurando meu rosto:

— Você fica gostosa pra caralho enquanto fodo você assim, meu amor. Você é uma delícia. Aguenta aí, amor. Não acabou ainda.

As palavras me viram do avesso, o corpo é só sensação.

Peço para Kai para ficar por cima porque quero absorver tudo; não quero perder tão rápido. Ele faz isso, e aí estou por cima, rebolando em nosso ritmo, aguentando. Ele segura meus seios e aperta, frustrado, com o prazer mal contido, me deixando maluca, então abaixa as mãos para segurar meus quadris com firmeza à medida que impulsiona os próprios para sustentar meus movimentos, intensificando a profundidade deliciosa enquanto brada ordens obscenas, bruscas e maravilhosas, e me deixa transtornada, abrindo mais as pernas, me fazendo ser ainda mais frenética com os movimentos.

— Assim, Scotch. Pega o que é seu. É tudo você. Tudo é você.

Com a som da voz dele, rouca e vulnerável de desejo, o prazer se acumula, cresce, não consigo parar, não quero parar. Ele diz meu apelido como um encantamento, *scotchscotchscotch*, e aí, apenas:

— É só você.

Como uma bênção.

E embora eu tente não me ater a isso — o tesão o deixa com a língua solta —, muda o tenor da coisa. Ele faz o oceano desabrochar em mim, e nós humilhamos as estrelas e fazemos o céu ficar rosa e roxo e vermelho; somos o sol, vívidos o bastante para fazer o fogo suar — é a história de uma nova criação.

Kai se senta e me abraça junto ao peito, nossa pele grudando uma na outra enquanto ele mete em mim com estocadas intensas, decisivas, deliciosas que me fazem morder seu ombro, arranhar suas costas enquanto o aperto dentro de mim, fazendo-o grunhir.

— Tudo você.

E ele me dá todo o sentimento, de maneira generosa, feroz, e retribuo, e ele retribui, e assim por diante, um ciclo, e há uma abundância da coisa — de *amor* — e mesmo quando parte transborda de mim com um grito, por meio do grunhido e arquejo dele, dentro de mim ainda há uma inundação que resta entre nós, pronta para dar, pronta para receber.

CAPÍTULO 19
A caminhada da vergonha

Quando acordo de manhã, o corpo emaranhado em lençóis brancos, e sinto o braço de Malakai me puxando para seu corpo nu, minhas costas no peito amplo e quente, acho que é um sonho. O quarto está quente demais, claro demais por causa do sol da manhã, e nem reconheço onde estou; tudo é um amarelo pastel suave, o guarda-roupa em um azul-celeste lembra o oceano, e as cortinas, um linho bege. É tudo tão *celestial*. Eu me viro e vejo seu rosto suavizado pelo sono, criminoso de tão adorável, e lembro de tudo o que aconteceu na noite anterior, e como o sentimento era o de voltar para casa.

Não é algo fantasioso. É um homem que ao que parece não consigo deixar de amar, dormindo a meu lado. Ele abre os olhos e um sorriso convicto — nenhum vestígio de arrependimento nem hesitação ali —, parecendo ter ganhado alguma coisa.

— Bom dia, Scotch. — A frase soa como caramelo quente.

Meu sorriso é sem jeito, aberto; não consegue se conter. Estou muito *feliz* (é este o sentimento, afinal), algo iluminado florescendo dentro de mim, um flutuar, uma sensação de era-para-ser.

— Bom dia, Kai.

— Você teve uma boa noite?

— Nada de mais. Mas tive um sonho louco.

— Eu também. Sonhei que fazia você gozar três vezes.

— Duas e meia.

Malakai morde meu braço, e dou um gritinho, rindo antes de jogar a perna em cima do quadril dele. De imediato ele segura minha coxa, aperta minha bunda e me beija, de modo lento e profundo e estonteante, mordendo meu lábio inferior, e me fazendo me esfregar em sua ereção, como um animal feroz. Estou mais que desperta.

Malakai se afasta, um olhar escuro, as pálpebras pesadas.

— Beleza. Foi mal. Consigo aceitar críticas construtivas. Deixa eu consertar.

E é o que faz, saindo da cama e me puxando pelas pernas até a beirada. Ele está de pé, nu, a luz do sol banhando a pele e é tão glorioso olhando para mim como se eu fosse gloriosa, de um jeito que faz minha respiração se bagunçar toda, os pensamentos ficarem caóticos. Ainda com os olhos no meus, Malakai se ajoelha diante de mim, como se fosse rezar, buscando a absolvição. Abro as pernas, um espaço para ele, concedendo a graça.

— Nunca parei de pensar em fazer isso aqui. Deixa eu sentir seu gosto, Scotch.

Mordo o lábio inferior com força e quando ergo os quadris na direção dele, ávida. Malakai coloca as mãos grandes em meus joelhos e os afasta ainda mais enquanto se aninha no meio. Fico mais molhada em expectativa, quando diz, roçando o nariz nos grandes lábios, o hálito quente e provocante:

— Minha.

Ele passa o dedo no meio de leve, acariciando meu clitóris com suavidade, e prendo a respiração, e vai ficando turva a imagem de seu cabelo crespinho no meio de minhas pernas, os músculos ágeis nos ombros e costas. Então sua língua está em mim, dentro de mim, alisando e mergulhando, faminta e chupando como se matasse sua sede de mim, a crença que elimina toda dúvida. Começo a proferir xingamentos, e depois bênçãos, e aí desço a mão para bagunçar seu cabelo, e Kai me segura bem firme na cintura e me puxa mais em sua boca, não há outro lugar em que eu queira estar. Ele grunhe na minha pele, deliciado, *aliviado*, e invoca uma onda, então quando seu dedo se combina com a língua e os dentes, imergindo, afundando, curvando-se dentro de mim, conjurando uma tempestade, ouço o quanto estou molhada. Estou tremendo, chamando o nome dele, no encalço do êxtase, e quando ele sobe a mão e pressiona a base de minha barriga, ao mesmo tempo que sua língua acaricia o ponto mais sensível, eu me debato, me contorço, me desfaço enquanto Malakai se banqueteia, e solto murmúrios entrecortados:

— Isso, assim, bem assim.

Bem assim, para sempre assim, por favor, por favor, por favor, em esperança, em oração, em crença.

Quando volto a mim, sinto que não tenho limites, apesar dos ossos parecerem gelatina. Estou deitada no peito dele, e sorrio em sua boca.

— Estava com saudade.

Kai levanta uma sobrancelha.

— De mim ou disso?

— Tenho que escolher?

Malakai abre um sorrisinho, todo satisfeito.

— Não. Você pode ter os dois pelo tempo que quiser, sempre que quiser. — Ele ergue meu pulso e beija a tatuagem do nascer do sol em meu antebraço. — Estava com saudade também. Com tanta saudade que não conseguia pensar direito.

Abro um sorriso e passo a mão por seu peito.

— Ei. Vamos colocar uma playlist de sexo? Talvez um pouco de Taré? Ouvi dizer que ela está com umas músicas novas iradas.

Malakai grunhe e passa a mão no rosto.

— Retiro o que disse. Não senti nem um pouco de saudade. É cedo demais para fazer esse tipo de zoeira.

Tiro sua mão do rosto.

— Não. Temos que zoar muito para superar como seu sexo metalinguístico foi descaralhado. Tipo, você transou com uma pessoa cuja voz nós ouvíamos transando. Isso é doideira, sabe.

— Olha, a gente nunca a *ouviu* de propósito enquanto transava. Ela estava só no meio de uma mistura entre Usher, Marsha Ambrosius e Jodeci como música de fundo.

— E você já deixou meu podcast tocando quando estava com ela? Só para igualar o placar? — questiono.

Malakai não ri. Ele franze as sobrancelhas e fica com o corpo rígido. De um jeito diferente do que estava ao acordar.

— Kai, eu estava brincando…

— Não, não é isso. Porque a resposta é sim, claro que sim. Na verdade, ouvimos o episódio em que você falava da música dela para deixar as coisas ainda mais metalinguísticas… — Malakai ignora quando dou um chute em sua canela — … mas, não, eu estava pensando: você acha que Taré emprestou as *villas* de propósito? Para sacanear a gente?

Fico boquiaberta.

— *Merda*. Merda! *Óbvio* que sim.

— Bom, foi inteligente. Diabólico, mas inteligente.

— Talvez este seja o trabalho mais esquisito que já tive na vida. E uma vez um

cara escroto com quem eu saí apareceu em uma das apresentações ao vivo do *Batida*. Esse mané me falou que "não acreditava em ficção". Enfim, no dia levantou a mão. Perguntou como que eu encontraria o amor sendo tão esnobe. — Dou risada. — Você conhece meu público, né? O cara foi basicamente *carregado* para o lado de fora. Vaiado pra caralho.

Malakai gargalha. É um som baixo, ondulante que se infiltra no novo, se desenrola no espaço entre nós. Ele balança a cabeça.

— Cara. Acho que, se tivesse levantado a mão quando fui em uma dessas apresentações, você teria dado um jeito de me trucidar.

A frase me deixa confusa, e o sorriso some.

— Como assim? Não quis dizer *se* tivesse ido?

Com meu olhar inquisitivo, Malakai passa a mão pela nuca, ao que parece já se arrependendo da confissão.

— Eu vim tentando encontrar um jeito sutil de mencionar, mas acho que fiz merda. Hum, um ano atrás? Eu fui para Londres visitar minha mãe e meu irmão, fiquei uma semana na cidade. Vi no Instagram as pessoas postando sobre o evento. Fiquei tão orgulhoso. Tipo, você *conseguiu*, Scotch. Construiu uma coisa a partir de sua paixão. Enfim, eu não ia, mas acabei comprando um ingresso só por precaução. E aí, por acaso, acabei estando por perto na hora. Entrei e vi seu rosto na telona. — Ele sorri com a lembrança, os olhos cintilando com um orgulho genuíno que me deixa sem fôlego. — Surreal. A coisa mais maneira que já vi. Um espaço cheio de gente que foi te ver. Kiki, você merece um espaço cheio de gente te ouvindo. Uma das melhores partes foi ficar sentado lá na plateia, esperando começar, ouvindo as pessoas falarem de você. — Kai ri e balança a cabeça. — Cara, Kiks, você sabia que tem *fãs*? Eu queria falar: "Eu a conheço. Ela é minha". Pareceu um pensamento intrusivo, mas aí você subiu no palco, Scotch, e falou e parecia tão… viva. Feliz no próprio caminho. Então aconteceu de novo. E eu queria falar: "Eu a conheço. Ela é minha". E no final teve uma sessão de perguntas e respostas, e alguém perguntou: "O que inspirou o podcast?". E você falou que sempre tinha sido uma possibilidade fazer esse tipo de trabalho. Que era só uma reiteração do que tinha feito na faculdade. E aí você completou…

Lembro que eu disse: "Mas na real… eu tive meu coração partido e percebi que poderia ficar só sentindo que o mundo tinha acabado ou poderia me mexer e me refazer. E foi o que fiz. Encontrei beleza nas outras coisas que eu amava e usei elas".

E lembro de estar naquele palco, e as luzes ofuscando minha vista e eu pensando ter tido um vislumbre dele lá no fundo, e então achando que estava imaginando coisas. Além do mais, alguém teria me contado se Malakai estivesse no país, e, além disso, por que estaria lá? Por que ia querer estar?

— Você esteve… em Londres? Eu não fazia ideia.

Malakai dá de ombros.

— Deixei baixo. Eu não queria ver muita gente. Fui ver minha mãe e depois dei um pulo na casa de Kofi…

Fico imóvel. Kofi e Aminah já estavam morando juntos na época.

— Então… você viu Aminah?

Malakai balança a cabeça.

— Bem rápido. Quando ela estava saindo do apê. Ela me mandou não incomodar você se não fosse para ficar, se eu não fosse levar as coisas a sério. Disse que não queria que eu "perturbasse sua paz". E eu ia ignorá-la totalmente, mas aí pensei no que ela disse e percebi que meio que estava certa. Acontece que eu queria levar as coisas a sério, pra caramba, mas aí pensei que eu perturbaria sua paz à toa. E pra quê? Só para dizer que tinha cometido um erro e que voltaria para os Estados Unidos? Acabaria abalando a vida que você tinha conquistado só por causa de um capricho. Pareceu egoísta. Então, mesmo que estivesse me matando, desisti.

Tento organizar as emoções conflitantes na mente: Malakai estando na mesma cidade que eu e Aminah sabendo disso; Malakai querendo me ver e Aminah falando para ele não ir. Por que ela faria isso?

Malakai entende errado minha expressão, fazendo uma cara de pânico.

— Talvez eu não devesse ter ido à apresentação. Achei que seria de boa contanto que não me visse. Tipo, talvez eu não estivesse passando dos limites…

Balanço a cabeça.

— Não é isso. Eu só estou pensando em como as coisas poderiam ter sido diferentes se eu tivesse visto você. Onde estaríamos a esta altura.

Malakai me aninha em seu corpo e beija minha testa.

— Não importa. Estamos aqui, e o presente é agora.

Sorrio em seu peito, dou um beijo ali.

— Estamos aqui, e o presente é agora, e fico feliz, mas tenho que ir antes que o pessoal acorde.

Malakai inclina a cabeça para o lado.

— Por quê?

— Aminah não sabe. E quero contar a ela direito. Além do mais, eu não quero que tiremos o foco da viagem.

Ele me lança um olhar estranho.

— Mas por que importa as pessoas saberem? Não é só um casinho de férias bobo como o que está rolando entre Laide e o primo de Kofi. O que é esquisito pra caralho, aliás, porque eles são primos de primeiro grau.

— *Tão* esquisito, né? Os filhos deles seriam, tipo, primos-irmãos. É o que agora? *A guerra dos tronos*? Mas não, eu sei que somos algo importante.

Sinto uma leve tensão na barriga. Não é por causa de nós, mas algo externo. Quero proteger o que temos pelo máximo de tempo possível, construir uma base para que não desmoronemos de novo. Deve ser por isso que não falei "te amo" ainda. Espera aí… Por que *ele* não falou "te amo" ainda?

— Isso é grande. Intenso. Podemos ir devagar? Eu estou comprometida com isto — declaro. — Por favor, tenha certeza de que estou comprometida. Eu quero meter a cara *mesmo*.

Malakai abre um sorriso lento.

— Eu também.

Solto uma risada debochada e ergo o punho para Malakai dar um soquinho.

— Parabéns, mas sério. Eu só… quero fazer direito desta vez. Nós ficamos juntos desde a faculdade, e acabamos entrando direto em uma coisa muito intensa, muito rápida. Talvez por isso que tenhamos sido engolidos por tudo. Nós nunca namoramos enquanto adultos. Só quero que a gente dê nosso melhor.

A sombra some do rosto dele, e Malakai roça a boca em meu ombro, e abre um sorriso.

— Claro. O que quiser. No tempo que quiser.

Eu o beijo, um toque profundo, e a sensação é de estar em casa, de ser conhecida por alguém.

— Obrigada, Kai. Até mais tarde.

Espio do lado de fora da porta, virando a cabeça de um lado para o outro como em um filme de espionagem, o que faz Malakai comentar com a voz maliciosa:

— Até mais, James Banjo.

Sibilo para ele se calar enquanto saio, com cuidado para o chinelo de borracha não fazer barulho no piso. Na minha cabeça, estou ensaiando minha justificativa

com um tom indignado: “Bem, se não tivessem me deixado presa para o lado de fora, eu não teria tido que passar a noite no quarto reserva na casa dos meninos!”, testando os tons para ver qual é o mais convincente. Quando acho que me safei, Aminah sai do quarto de Kofi, basicamente saltitando, o cabelo preso em um coque bagunçado parecido com o meu, usando uma camisa larga e short de basquete. Quase trombo com ela. Minha amiga está com um sorrisão satisfeito até me ver. Então o sorriso some e ela fica em choque.

Engulo em seco, sem saber o que dizer. É para eu pedir desculpa? Por ser uma mulher adulta que fez um sexo alucinante com alguém que me atrai? Eu me aproximo devagar.

— Hum. Pois é. Transei com Malakai ontem, e estou muito feliz, então, por favor, não surta porque…

Aminah parece tomar outro baque, o choque ainda tomando seu rosto.

— Por que eu surtaria? Se você está feliz, eu estou feliz, acho. Embora você tenha dito que não faria isso, mas, enfim. Você já é grandinha.

Não sei bem se gosto do tom dela, mas relevo, abro um sorriso descontraído, como se fosse tudo normal, como se ainda estivéssemos na faculdade nos encontrando no dormitório de Kofi e Malakai, como se estivéssemos em uma relação poli estranha.

— Estou, sim. E não me arrependo. Não se preocupa. Malakai e eu não vamos deixar que o que está rolando estrague seu dia…

Aminah fica só me encarando por um tempo.

— E o que isso *significa*? Você faz parecer que sou uma tirana bizarra que quer controlar sua vida sexual e não uma amiga que se preocupa para você não acabar sofrendo de novo. — Ela cruza os braços, a passividade fingida logo se misturando à irritação. — Só explica uma coisinha. O que mudou desta vez? Vocês conversaram?

A reação dela abafa a sensação de formigamento remanescente em meu sangue por causa dos múltiplos orgasmos.

— Aminah, são sete da manhã. Podemos conversar sobre isso depois, por favor?

Ela ergue as sobrancelhas.

— Desde quando não falamos sobre uma coisa assim na mesma hora? Perdão, você acabou de transar com *Malakai Korede*. Por que está tão tranquila assim?

Giro a língua dentro da boca, porque estou vendo que vai ser agora mesmo.

— Não sei. Talvez porque minha melhor amiga estava agindo como se qualquer

estresse derivado de eu transar com ele fosse acabar com o casamento dela…

— Ah, então agora é minha culpa eu não querer que você se magoe? Bem, vamos acionar o alerta de perigo: a péssima amiga está à solta! Não, sério, Kiki. Desculpa aí.

Nossas vozes ecoam pelo corredor, e tanto Kofi quanto Malakai saem dos quartos, cometendo o grave erro de tentarem intervir.

— Kofi, fica fora disso…

Eu me viro para Malakai, que ainda está sem camisa, o rosto fofo confuso.

— Isso não é de sua conta.

— Mas acabei de ouvir meu nome…

— *E daí?* — O grito simultâneo que eu e Aminah damos ecoa pelo corredor de novo, e os dois homens fazem a boa, calando a boca.

— Ai, por favor, Aminah. — Eu me volto a ela de novo. — Isto nunca foi sobre mim. É sobre você não tendo nada na cabeça além de *casamento*, *casamento*, *casamento*. E eu estou muito feliz por você, amiga, juro, mas você não deixou espaço *nenhum* para conversar sobre outra coisa. E foi por isso que não contei da primeira vez que isso aconteceu…

Aminah fica bem estática, e meu coração se aperta.

— Quê? Quando foi a primeira vez?

Um bolo se aloja em minha garganta. Ouço Kofi murmurar "Ai, caralho", e, embora seja um comentário de todo inútil, preciso dizer que compartilho o sentimento. Não era para eu contar para Aminah assim, mas acabou saindo tudo junto com a frustração acumulada e agora é tarde demais.

Inspiro fundo.

— Na noite da festa de noivado.

Aminah volta a ficar boquiaberta, calada por vários segundos, o que é bastante perturbador a julgar pelo fato de que minha amiga sempre tem algo a dizer.

— Ah — murmura ela. Faz uma pausa, piscando bem rápido. Merda. É um sinal nítido de que ela vai perder as estribeiras. Minha amiga dá um passo para trás, com as mãos na cintura. — *Ah*. Hum. Alguém mais sabe?

— Aminah, o que isso importa…

— Importa para mim, Kiki. Para eu saber em qual categoria de trouxa me encaixo.

Engulo em seco.

— Você não foi trouxa, Aminah, mas Shanti adivinhou.

Ela exala bem pesado e solta uma risada sem humor.

— *Ah*. Maneiro. Então você só mentiu para mim. Mentiu na minha cara como se eu fosse a porra de uma babaca. E sim, o problema é seu, mas *sério*?

Aminah quase nunca xinga, ao menos não em inglês. Os xingamentos diários são em iorubá; xingamentos quando ela está puta são em inglês. A mágoa atravessa seu rosto enraivecido, e percebo que fiz uma merda grande, porque sei que nunca é sobre a coisa em si, mas sobre a mentira. Chego mais perto dela, já frenética, o incômodo tomando o corpo. Aminah e não brigamos, não assim.

— Não foi minha intenção, Minah. Eu não sabia o que era na época e parte de mim achava que seria coisa de uma só vez, e aí… e aí começamos a trabalhar juntos e… e as coisas se complicaram. Eu não queria envolver você em minha confusão…

Aminah balança a cabeça, os olhos ríspidos e brilhantes, e não lembro a última vez que a vi magoada assim, o que me assusta.

— Você fez disso um problemão por manter segredo, e agora olha só… É minha *despedida de solteira*, e estamos falando de você e Malakai. Isso é tão egoísta…

A coisa me atinge, porque *só faltava essa*, mas mordo a língua. Não é o momento disso, e ela tem razão. É a despedida de solteira dela, e não vou estragar as coisas; além do mais, a sessão de degustação de vinho hoje não é reembolsável.

— Tudo bem. Entendo que esteja com raiva, e sinto muito mesmo por ter escondido isso de você. Podemos conversar sobre isso depois? Temos a degustação de vinho hoje à tarde, e também reservei uns tratamentos no spa para você se preparar e se recuperar de on…

Aminah revira os olhos.

— Não, não podemos, Kiki. Você ficar fugindo das coisas foi o que nos trouxe a este momento. Você fugiu da responsabilidade de me contar, fugiu de seus sentimentos por Malakai, e foi por isso que fugiu da responsabilidade de me contar. O que é isso? Um esquema pau amigo? Porque eu não acho mesmo que você consiga lidar…

— Beleza, Aminah — brado, espumando com a ofensa —, quer saber, na verdade isso não é problema seu, e talvez eu não tenha contado porque achei que você me diria que era um erro e eu não queria ouvir isso. E, de verdade, quem é você para ficar falando de guardar segredo quando nem me contou que Malakai foi para Londres no ano passado? Você não me contou que ele estava a caminho de

Londres *desta* vez! Não a tempo! Você fica se perguntando por que não contei quando nunca me senti à vontade para…

Aminah fica me observando, assustada, desconcertada por um segundo antes de se recuperar.

— Bem, talvez eu tivesse razão! Olha só como você está se comportando. Fica se encontrando aí com ele às escondidas como se fosse uma *adolescente* em vez de bancar as próprias…

Lágrimas quentes enchem meus olhos.

— Como estou me *comportando*, Aminah? Se começarmos a falar de comportamento, podemos falar de como *faz meses* que estou equilibrando vários pratinhos: trabalhar, ser seu capacho de aluguel *e* estar perto de meu ex, e você nunca, *nem uma vez*, me perguntou como eu estava lidando com tudo. Malakai era o amor de minha *vida*, Aminah! A verdade é que você não queria saber, então não me vem com essa de reclamar por eu não ter contado. Ah, e valeu de novo por me humilhar na frente de minha chefe, foi legal pra porra. Merda, eu sinto que nem conheço mais você.

Os olhos de Aminah estão marejados, e a culpa me atravessa, o arrependimento imediato fazendo meu corpo pesar. Quero engolir todas as palavras, tanto as verdades quanto os golpes defensivos.

— Aminah, eu não queria dizer isso. Descul…

Ela balança a cabeça.

— Não, você tem razão, na verdade. Muito obrigada por isso. — Ela coloca um sorriso no rosto e endireita a postura, algo assustador e superficial, tipo uma miss em concurso de beleza. — Tem total razão. Vamos voltar para a *villa*. Preciso dormir direito e me aprontar para a degustação de vinho. Estamos precisando, né?

Estou muitíssimo apavorada, o pânico me consumindo.

— Aminah, espera, vamos conversar…

— Não tem mais o que ser conversado! — grita ela, e meu corpo fica gélido. — Tudo certo. Vamos voltar. Só consigo usar roupa masculina fora das paredes de um quarto por quinze minutos antes que meu senso de identidade se autodestrua.

Os rapazes intervêm de novo; dizemos que estamos bem, que eles podem voltar para os quartos. A verdade é que nós duas queremos ficar sozinhas, longe uma da outra. Isso não está nada certo. Voltamos para a casa em meio ao primeiro montante de silêncio que Aminah e eu tivemos entre nós a vida toda, e tento afugentar parte

da culpa, da raiva e do sentimento perturbador que ameaça me engolir por inteiro.



— Aminah, por favor. Pode abrir? Vou chamar o táxi para a gente ir para a vinícola. Você não comeu nada, fiz um sanduíche para comer no caminho!

Bato à porta do quarto de minha melhor amiga pela quinta vez, ficando cada vez mais agitada. Liguei várias vezes e caiu na caixa postal. Ela está no quarto desde que voltamos da *villa*, e antes de entrar fez piada sobre não ter pregado o olho na noite passada, o sorriso rígido no rosto.

— Sério, a briga de vocês foi tão ruim assim? Ela não responde às mensagens no grupo desde ontem — comenta Shanti ao se aproximar do quarto, com uma tigela de iogurte e frutas.

Engulo em seco.

— Foi ruim, sim. Bem ruim.

— Sobre o que brigaram? — Chioma aparece, esfregando hidratante nos braços, de algum modo sem melecar as muitas pulseiras. — Não é do feitio dela ficar sumida assim por tanto tempo…

— Por muitas coisas, mas principalmente por eu ter escondido o que aconteceu… bem, o que *está* acontecendo… entre mim e Malakai.

Ela assente.

— Ah. É, estava me perguntando por que não tinha contado isso para a gente, mas queria respeitar seu tempo.

Paro de bater à porta.

— Quê, sério? Você *sabia*?

Chioma me observa como se eu fosse um filhote de pássaro com a asa quebrada.

— Kiki, meu amor. Eu soube no segundo que Malakai pisou em Londres. Faz favor. Bom, já tentou abrir a porta?

— Acho que ela trancou por dentro…

A outra me empurra para o lado e saca o que parece ser uma lâmina do sutiã que usa por debaixo de um cropped com os dizeres “Pode se servir, eu sou vegana”, enfiando o objeto na fechadura até a porta ser destrancada.

Shanti sorri, impressionada, e troca um soquinho com a amiga. Abro a porta. A cama está vazia. Checo o banheiro, e não tem nada lá além de uma quantidade tão

grande de produtos de skincare que daria para encher uma Sephora. Não sei se é bom ou não que o celular dela também não está lá.

— Então ela trancou por fora — declaro, o coração disparado. — Beleza, beleza.

— Tenho certeza de que está tudo bem — murmura Shanti, embora eu veja a preocupação que ela tenta esconder por minha causa. — Aminah deve ter sido macetada tão gostoso ontem que foi ver o noivo para uma rapidinha da tarde. Liga para ele.

— Isso — concorda Chioma, voltando da sacada para onde tinha ido. — Ela deve ter dado uma fugidinha com ele. Lembrei que Laide está no shopping, ela vai nos encontrar na vinícola. Aí, abri o grupo das Minas da Minah para ver se as duas estavam juntas, para espairecer talvez, mas Laide mandou a foto de um lenço no grupo e perguntou à Aminah se devia comprar considerando que reparou "o chupão gritante que Kofi deixou no pescoço dela". Então imagino que a resposta seja não.

Assinto.

— Tudo bem. — Tento acalmar a respiração. — Você tem razão. Ela deve ter ido até Kofi.

Kofi atende no primeiro toque, e pergunto:

— Oi, Aminah está com você, né?

Ele faz uma pausa.

— Kiki, eu ia te ligar para perguntar isso. Nenhuma de minhas mensagens está chegando no celular dela…

O pânico na voz dele também se assenta em minha barriga, e estou começando a ficar com vontade de vomitar. Então ela está com o celular *desligado*? Aminah nunca desliga o celular. Tento me controlar pelo bem de Kofi.

— Há, bom, a porta do quarto estava trancada por fora, mas com certeza tem uma explicação plausível para…

— Estou indo aí.

Homens e mulheres fazem uma busca coletiva extensiva pelas duas *villas* antes de eu começar a hiperventilar. Kofi fica andando de um lado para o outro, mencionando a polícia, suando, e Malakai tenta acalmá-lo, coloca as mãos em seus ombros.

— Mano, vamos pensar primeiro. Da última vez que falou com ela, a conversa foi sobre o quê?

Kofi balança a cabeça.

— Eu… eu não sei. — Ele para, e sua expressão me deixa abalada; está aterrorizado, tem um medo absoluto nos olhos, o que me faz querer chorar. — Ela… ela falou que me ama, mas perguntou se eu estava me casando com ela porque sentia que era uma obrigação, mas estava cedo e achei que fosse brincadeira e… — Kofi se vira para mim. — Kiki, o que você acha?

Meus olhos ficam marejados.

— É tudo culpa minha. Foi nossa briga. Eu não devia ter dito aquilo.

Começo a chorar, tremendo, e Malakai se afasta de Kofi e me abraça.

— Kiki. Fica calma, estou com você…

Aperto a mão dele em um breve agradecimento, mas balanço a cabeça, aproximando-me de Kofi.

— Desculpa mesmo, amigo…

Uma irritação compreensível cobre o rosto de Kofi, e o vejo lutar contra o sentimento e engolir em seco quando vê o que presumo ser o total desalento em meu rosto.

— Você e Aminah brigam que nem irmãs. Ela ama você, e a discussão não pode ter sido o motivo de ela desaparecer assim. Tem que ser outra coisa. Para ser sincero, Aminah vem agindo de um jeito um pouco… *despreocupado demais* nos últimos tempos. Ontem perguntei qual camisa eu devia usar amanhã e ela disse: "você que sabe".

Sentada no sofá laranja queimado atrás de nós, Shanti arfa, o que não ajuda em nada a amenizar a gravidade da situação, mas entendo: isso é motivo de enorme preocupação.

— Kiks, estou com medo de ela estar com o pé atrás em relação ao casamento… — Kofi para de falar e esfrega o queixo. — Não é nem isso. Estou com medo Aminah estar com o pé atrás e não ter me contado. Eu… eu não sei o que faria se…

Kofi está desmoronando, e percebo que não posso fazer o mesmo. Aminah está bem — ela vai ficar muito bem.

— Não existe nenhum "se", Kofi. Ela está bem. Vamos resolver isso, juntos. Como foram as últimas… — Faço uma pausa, emendando. — Como foram nossas conversas mais recentes com Aminah?

— Bem — começa Chioma, sentada na bancada da cozinha —, ontem na piscina ela falou alguma coisa superesquisita sobre querer poder fazer o que eu fazia… sabe, em Bali. Quando eu estava namorando aquele casal lá, lembra? Acha

que ela quer abrir a relação, Kof, e não sabe como contar para você?

Kofi fica olhando para Chioma por alguns segundos antes de negar com a cabeça.

— Nada disso. Não, não acho. Sem querer ofender, mas uma vez ela disse que achava o poliamor um "esgotamento energético desnecessário".

Chioma dá de ombros.

— Beleza, mas alguns diriam que é só questão de ter uma abundância de amor para…

— Chi Chi, eu preciso dizer que — comenta Shanti, sem dúvida, prestes a dizer algo que não precisa dizer — acho que isso tudo é prova de seus problemas com intimidade. Acho que você é do tipo que evita…

— Acho — interrompo antes que desviemos demais do assunto em pauta — que Aminah estava falando de viajar.

— Eu chequei, e o passaporte dela ainda está no quarto — afirma Shanti, voltando ao assunto, com uma expressão preocupada.

— Onde mais ela poderia ter ido? Não é como se ela conhecesse algo por aqui — comenta Ty enquanto pega um cupcake na bancada da cozinha de conceito aberto. — Desculpa, eu como quando fico estressado.

Fico o observando comer o *quarto* (sério, o quarto? O homem pode até deixar de ser um jogador de rúgbi, mas o jogador de rúgbi nunca deixa de ser o homem) cupcake e uma coisa me vem à mente.

— Acho que sei um lugar em que podemos procurar. Kofi, vamos pegar o carro alugado de vocês…

— Eu dirijo — declara Malakai, e aceno a cabeça em agradecimento.

— Shanti, Chioma, podem ficar aqui para o caso de ela voltar? Ty, pede para o pessoal ficar de olho na *villa* de vocês.

A galera concorda e assume os postos enquanto Kofi, Malakai e eu vamos às pressas para o carro, e tento acalmar o coração. Aminah está bem. Tem que estar bem porque não pode *não* estar bem, e eu não deveria ter gritado com ela mais cedo, que tipo de amiga eu sou, afinal?

Malakai aperta minha mão enquanto seguimos para o carro, deixando Kofi tomar a dianteira um pouco, sussurrando:

— Ela vai ficar bem, Scotch. Não é culpa sua.

E estou desesperada para acreditar nisso.

CAPÍTULO 20
Irmandade e desfechos

—Ela vai ficar bem, né? Kiki, ela está bem — diz Kofi do banco da frente, falando tanto consigo mesmo quanto comigo.

Estico a mão e aperto seu ombro, tentando controlar a própria ansiedade.

— Qual é. É Aminah. Lógico que vai. Ela se ama demais para não estar bem. Mesmo que não esteja bem, Aminah está bem, entende?

Malakai concorda com a cabeça, os olhos focando a estrada.

— Exato. Ela é uma das pessoas mais duronas que conheço.

— Eu só — prossegue Kofi — a amo tanto. Tanto que para mim que se foda essa história de casamento se ela não quiser. Só quero viver a vida com ela. Sem desperdiçar mais tempo. Nunca não sou *eu* perto dela… Eu só queria que Aminah tivesse falado comigo…

— Ei — murmura Malakai —, ela não se abrir não tem a ver com você, cara, prometo. Só deve estar pensando demais em alguma coisa e não quer estressar você com isso. Uma coisa que sei com certeza é que aquela mulher te ama. Não tem a ver com os sentimentos dela. Eu posso quase garantir isso. — Ele foca o olhar no meu pelo retrovisor por um instante brevíssimo antes de voltar a se concentrar na direção. — Às vezes, não tem a ver com o amor… é só a pessoa tentando compreender a própria mente.

Concordo com a cabeça.

— Isso. Muitas vezes queremos acreditar que conseguimos consertar tudo pelo que a pessoa que amamos está passando, mas às vezes… está além de nós. E temos que dar espaço para que ela se entenda. E pode ser muito… muito difícil, mas temos que abrir mão do controle um pouco. Vocês se apaixonaram e vivem as vidas juntos, e partes vão se fundir e estão em uma jornada juntos, mas, sabe, ainda temos nossos próprios caminhos para desvendar. Isso não significa que ela vai deixar…

Kofi balança a cabeça, mal se contendo quando fala.

— Gente… eu não sei o que faria sem ela. E eu sei que dizem que dá para ter várias pessoas como almas gêmeas ou sei lá o quê, e talvez seja verdade. Mas, para mim, de que adianta conhecer uma pessoa e não conseguir imaginar mais ninguém sendo a certa? Ou você sendo certo para outra pessoa? Eu soube assim que conheci aquela mulher. E sei que era para eu sair e pegar geral, e olha para mim… a possibilidade existia… e entendo que isso funcione para uma galera, mas não para mim. Nunca vi sentido nessa merda. A questão de alma gêmea é quase irrelevante porque Aminah é tudo o que eu poderia querer. Só quero conseguir continuar a ajudando a ser ela. Não importa o que aconteça. E Aminah faz o mesmo por mim. Ela me faz ser melhor em ser eu mesmo.

Meu coração racha, se parte e alça voo, e, não pela primeira vez, fico tão feliz por Aminah e Kofi terem se encontrado, por eu poder admirar eles e saber com certeza que o amor inspirador capaz de moldar o mundo pode existir para pessoas na época em que vivemos, que pode sobreviver.

— Se serve de algo, Kof, ela me disse a mesma coisa sobre você — respondo, apesar do nó na garganta.

Malakai segura o ombro de Kofi, e olho para os olhos dele no retrovisor, concentrados na estrada, duros e marejados.

— Aqui, à esquerda — declaro, apontando para a padaria enquanto entramos na rua que encontrei no Google.

Olho pela janela para a frente da padaria, Lesedi's, o coração indo parar na boca de tanto medo, e de imediato vejo o perfil de uma mulher negra com um coque apertadinho no alto da cabeça. Usa um vestido branco e pediu o que parece ser um café gelado junto a um pratinho com um cupcake. Está sentada do lado de fora, em uma mesa circular na calçada, debaixo do alpendre, óculos escuros, parecendo a capa de um guia de turismo.

— Ai, graças a Deus. — A voz de Kofi é tomada por um alívio físico. — Graças a Deus.

A sensação me atravessa também, e quase choro. É atordoante, e só percebo o quanto meu medo de ter estado errada era intenso quando noto que tudo deu certo.

— Malakai e eu vamos encontrar um lugar para estacionar, e você entra — declaro.

Kofi nega com a cabeça.

— Vai você primeiro. Quero dar espaço a ela. Talvez Aminah consiga conversar com você algo que não consegue comigo.

— Tem certeza?

Kofi confirma com a cabeça.

— Tenho, Kiks. Você é a única outra pessoa que a conhece tão bem quanto eu. E se for algo comigo, só quero que ela fique confortável para se abrir.

Isso me faz querer chorar de novo.

— Claro.



Distraída, Aminah está olhando no tablet o *Outnet*, seu site conforto ("tantas coisas lindas no precinho" — apesar de ser uma afropaty, minha amiga ama uma pechincha), quando paro diante dela.

— Oi. Tem lugar para uma melhor amiga muito arrependida se sentar?

Aminah ergue o queixo e os óculos, prendendo-os no alto da cabeça. Está sem maquiagem, e é nítido que esteve chorando.

— Fico surpresa por você conseguir me reconhecer, considerando que não sou mais a mesma pessoa.

Ah. Aí está minha amiga rancorosa. Eu me sento e seguro sua mão.

— Aminah, eu sinto muito, muito mesmo. Eu não devia ter dito…

Ela comprime os lábios em uma tentativa de conter as emoções, fazendo uma pausa antes de falar.

— Não, devia ter dito, sim. Você tinha razão. Eu não venho sendo eu mesma. Não venho me sentindo eu mesma nos últimos tempos.

— Minah… por isso você saiu sem avisar a ninguém? E ficou ignorando nossas mensagens? Todo mundo ficou morrendo de preocupação. Kofi está que não se aguenta. Ele estava quase ligando para a polícia…

— Quê? Por quê? Eu não recebi nenhuma mensagem! E, além do mais, mandei uma mensagem no grupo antes de sair, avisando que eu precisava de espaço! Só saí porque eu precisava de tempo para pensar, e minha mãe estava me estressando sobre as lembrancinhas… — Ela saca o celular da bolsa Gucci rosa, e quando olha, seu rosto murcha. — Ah, cacete. Eu não mandei. E eu silenciei as mensagens porque queria entrar no modo "desconectada do mundo, conectada com meu interior" e

tal. Outro fracasso. Estressando meus amigos e meu romance por zero motivos.

Balanço a cabeça, preocupada, e aperto sua mão. Aminah nunca, nunca fala mal de si mesma. Isso me assusta.

— Amiga, para. Do que está falando? Você não é fracasso nenhum e sabe disso. O que está rolando?

Ela leva as mãos à boca, fecha bem os olhos, trêmula. Logo arrasto a cadeira para perto dela e a abraço.

— Kiki… eu sinto muito, muito mesmo. Pelo que eu falei. Por não ver tudo o que devia estar sentindo nos últimos meses com o restaurante, e Malakai, e Bakari e todo o resto, na verdade. Para ser sincera, sinto muito por meu comportamento geral nos últimos seis meses. Eu só… O casamento tem sido uma pressão gigante.

— Está tudo bem. Eu devia ter insistido mais… Percebi que tinha alguma coisa errada, mas estava tão absorta em minhas próprias coisas. Eu devia ter perguntado…

Aminah solta uma risada sem humor.

— Uma coisa sobre mim? Finjo muito bem que está tudo às mil maravilhas. Tão bem que até minha *gêmea* — diz apertando minha mão —, que me conhece melhor que ninguém, só consegue notar uma coisinha de nada. E até isso é muito, considerando o quanto acho que consigo esconder. Acontece, Kiks, que sou boa com gerenciamento de projetos. É minha praia. Então tratei o casamento como um projeto que eu precisava gerenciar. Mesmo quando pareceu que o casamento já não era mais meu, mesmo quando minha mãe e a mãe de Kofi começaram a me encher com todo o tipo de… *expectativas*, só cuidei para que tudo desse certo. E nunca pensei em para *quem* as coisas deveriam estar certas.

"E eu as amo, mesmo, mas parece que nada mais é meu. E aí comecei a pensar: quantas coisas na vida fiz a meu próprio modo? Tipo, amo meu trabalho, mas até isso… Ainda trabalho em uma agência porque meus pais disseram que era mais seguro e que eu não estou pronta para assumir o risco de ser uma consultora freelancer, quando na real… acho que estou, sim. Dá para imaginar? *Manejo da Minah*. Até registrei o nome e tudo. E… amiga, acho que estava projetando tudo em você. Não contar quando Malakai vinha a Londres, tentar proteger você e cuidar de todos os riscos… Só que, primeiro, é sua vida, você é adulta e merecia saber. E também, de maneira egoísta, no subconsciente, fiquei pensando que, se *eu* não estava pronta para arriscar, então com certeza você também não estava. É estúpido, e me desculpa, e juro que não pensei nisso dessa forma na hora… Só achei que

estivesse protegendo você."

— Você estava, Minah. Do seu próprio jeito… Se envolvendo demais e com limites de menos. Para ser sincera, naquela época, eu tinha acabado de reconstruir minha vida. O podcast estava indo bem, eu tinha começado a sair com Bakari e… ver Malakai talvez tivesse bagunçado tudo. Acho que era para eu ter me relacionado com Bakari para chegar onde estou agora. Não estou dizendo que estou feliz por você ter escondido isso de mim. Com certeza eu queria ter tido a escolha. Porque, amiga, isso foi absurdo, até para você…

— *Eu sei*. E eu nem posso jogar a culpa na neurose de noiva. Eu sinto muito…

— Eu sei que sim. Só estou dizendo que… sei que foi um ato de amor. Como tudo que você faz. Olha, eu acho que estamos vendo aqui uma clássica crise dos 20 e tantos anos, o que é bem natural. Lembra quando Shanti trocou as extensões de unhas em gel com detalhes elaborados para as unhas shellac em vermelho simples porque ela achou que tinha que ser uma "mulher séria"? Entrando em uma vibe de "sofisticação sutil"?

Aminah assente, o rosto sóbrio.

— Uma crise dos 20 e tantos anos das sérias.

— Pois é. Enfim, minha pergunta é: você ainda quer se casar com Kofi? Se não quiser, tudo bem, mas precisamos contar a ele.

— Aí é que está. É a única certeza que tenho nesse rolê todo de casamento. Quero me casar com Kofi. Quero ficar com ele. Kofi é a melhor coisa no mundo. Sei que posso ser demais para algumas pessoas, mas Kofi nunca me fez sentir assim… e você também não. Ele me faz sentir que sou a medida certa de Suficiente. Na verdade, muito Suficiente. Um excedente maravilhoso! Por mais que eu me passe, o quanto eu faça drama. Ele me faz sentir que posso fazer qualquer coisa. — Aminah endireita a postura de repente, os olhos frenéticos e arregalados. — Ai, Deus, ele deve ter achado que aconteceu alguma coisa comigo. Ele está bem?

— Kofi está bem. Pirou um pouco, mas como sabe que você está bem, está tranquilo. Está esperando lá no carro com Malakai.

Ela solta um grunhido.

— Ai, não. Estraguei a viagem de todo mundo…

Abro um sorriso e tiro a mão que ela colocou no rosto.

— Te orienta. Estamos na Cidade do Cabo, querida, e ainda faltam dois dias para irmos embora. Nós te amamos. Eu te amo. E me desculpa por não ter dado

mais apoio…

— Também te amo, Kiks. Muito. E desculpa por não ter deixado você à vontade para falar sobre Malakai. Nunca parei para pensar como você estava lidando com a volta dele. Como você está? E, o mais importante, como foi ontem?

Não consigo evitar o sorriso besta na cara, o frio na barriga.

— Foi… incrível. Meio que o mesmo de antes, mas de alguma forma *melhor*.

Aminah abre um sorrisinho.

— Tipo: a saudade é nossa boceta dizendo para onde quer voltar?

— Algo assim. Hã. É. Eu acho… quero tentar não me jogar de cara, sabe?

O olhar de minha melhor amiga é compreensivo.

— Sei. Você é forte, inteligente e capaz, e vai tomar uma decisão que tanto segue seu coração *quanto* é esperta. O que quer que faça, estou com você. E se quiser tentar de novo com Malakai, não é *regredir*. Desculpa ter dito isso. É parte de sua evolução. Da de vocês dois. E, Kiki, Malakai também evoluiu. Com certeza. E me deixa dizer uma coisa, minha linda, ele *nunca* deixou de sentir algo profundo por você. É impossível.

O pensamento me causa um aperto na garganta.

— Estou com muito medo.

Aminah ri.

— Amiga. Eu também, mas a gente tem que identificar a diferença entre autopreservação e covardia. Acho que para conseguir as coisas boas na vida é sempre preciso arriscar. Tem coisa demais em jogo, sabe? Mas só você pode definir se vale a pena. Acho que talvez tenha que se perguntar se você *por inteira* se sente segura com ele. Todas as partezinhas mais preciosas. E se pode confiar essas partes a Malakai. Se você tem liberdade dentro desse espaço. O amor nunca deixa de ser um risco. Mas se as respostas às perguntas são "sim", então, citando o que uma pessoa relativamente astuta com uma bunda linda me disse uma vez: "Você tem que tentar. Tem que assumir o risco".

— Essa pessoa parece irritante pra caralho.

— Às vezes é, mas na maior parte do tempo ela é a melhor.

Fico com os olhos marejados.

— Bastou uma crise dos 20 e tantos anos e virou coach de vida agora?

Aminah assente, toda sábia.

— Acontece que meu estresse foi minha bênção. Minha crise foi minha catarse.

Meu coração transborda de um amor puro e absoluto por minha melhor amiga que é muito protetora, sensível e forte, e aperto sua mão.

— Valeu, Minah. E *você* sabe que Kofi vale a pena. E… ele está vindo para cá. Quer contar a ele o que disse para mim? Minah, ele ama tanto você. Kofi só quer oferecer apoio, você não precisa carregar esse fardo todo sozinha. Não tem que fingir que está lidando com tudo de boa se não estiver. Permita-se receber ajuda.

Aminah concorda com a cabeça, os olhos grandes e delicados brilhando, e me abraça.

— Obrigada, irmã. E obrigada por saber onde me encontrar.

— Não foi difícil. Os cupcakes são bons?

— Para ser sincera? Estão meio secos. Não dá para mentir. Talvez Lesedi não devesse ter feito transição de carreira, não.

Independentemente de qualquer coisa, é reconfortante saber que continuo muitíssimo obcecada por Aminah Bakare.

Aminah se joga nos braços de Kofi quando ele chega à mesa, e entro no café, seguida por Malakai. Ficamos observando nossos amigos terem uma conversa intensa do lado de fora, um segurando as mãos do outro com vigor.

— Eles estão bem, né? — indaga Malakai, dando um gole no café. — Porque acho que eu não conseguiria lidar com Kofi e Aminah terminando. Ela desistiria do privilégio de me visitar na mesma hora.

Dou risada.

— Ah, qual é. Talvez ela enviasse parabéns no seu aniversário.

— Ela fez isso durante todo o tempo em que estive com você. Sem emoji nem nada.

Faço um som de riso mal contido, e Malakai inclina a cabeça enquanto me olha, os olhos reluzindo com alguma coisa que faz a esperança correr por minhas veias.

— Ontem foi…

— Incrível.

Ele abre um sorriso lento e sexy.

— Você foi incrível. Eu estava só fazendo o que você inspira. E não quero pressionar você. Sei que acabou de sair de um… relacionamento sério — declara ele, e dá para ver que dizer isso é desconfortável, mas Malakai estica a mão por cima da mesa e quando a seguro, ele a aperta com firmeza. — Mas quero que saiba que quando falei que não era feito para uma relação séria, eu estava me referindo a me

relacionar com alguém que não era você, Scotch. Então estou disposto a seguir seu ritmo. Podemos namorar de novo. Deixar rolar. O que quiser. Só sei que você é tudo o que quero, Kiki.

Não achei que fosse possível sentir esse sabor de alegria em específico outra vez. É doce, quente e quero mergulhar de cabeça… exatamente o que me faz hesitar. Não posso dar mole. Preciso ter certeza de que consigo suportar o peso novo de uma relação mais evoluída com Malakai. Cara, ser uma adulta responsável é tão chato, mas não sei que tipo de inseguranças carrego comigo depois do relacionamento com Bakari, assim como não sabia o que eu estava levando da relação com Malakai para a que tive com Bakari. Esta nova versão de nós dois merece que eu me entregue por inteiro.

Aperto a mão dele em resposta.

— Sabe o que faz tempo que não faço?

— Kiki, só fazem, tipo, quatro horas. Relaxa aí. Não sou um pedaço de carne.

— Ah. Foi mal. Tem razão. Eu ia dizer que faz muito tempo que não *beijo você em público*, mas…

Malakai abre um sorriso, grande. Sua alegria reflete a minha, eu sei.

— Eu sou uma alcatra. Bife ancho. Wagyu. Suya. Tripa de boi. O churrasco todo, caralho. Vem cá, Kiki Banjo.

Vou até ele e me sento em seu colo, no meio da cafeteria, porque é o tipo de coisa que faço quanto estou com Kai. Envolvo seu pescoço com os braços, e ele segura meu rosto com delicadeza, abrindo um sorriso tenro enquanto me puxa para sua boca, a língua gentil, doce, um derretimento duplo. Assim que nos separamos de um beijo atordoante que talvez chegasse bem perto de nos fazer ser expulsos do recinto, Kofi e Aminah entram, de mãos dadas, puxando cadeiras e se sentando à mesa. Tenho um senso extremo de déjà-vu — ou é nostalgia? —, e a lembrança me assola, fazendo um quentinho se espalhar por mim: nós quatro em uma mesa na cafeteria do campus, ou no Coisinha Doce, comendo waffles de banana-da-terra, hambúrgueres suya, um sacaneando o outro, *felizes*, sem preocupações nem pressões para além de um trabalho acadêmico, um evento da AAC, e como íamos passar mais tempo juntos depois de já ter passado todo o tempo juntos.

Aminah abre um sorriso iluminado, e percebo que a sombra que cobria seu rosto antes se foi. Seu brilho voltou, vívido, e tenho a confirmação disso quando ela exclama:

— Ahh. Senti falta de ver vocês cometendo atentados ao pudor!

Fico de cara com isso, porque, sério, olha a coragem da gata.

— Eu preciso lembrar você do que rolou na cabine de fotos no AfroBaile de Inverno?

Aminah me lança um olhar incrédulo.

— Ah, pronto. *Cabine de fotos*. Privacidade.

— Então imagino que vocês estejam bem? — questiona Malakai, mudando o assunto com maestria, anos e anos conhecendo os padrões de minhas interações com Aminah.

O casal sorri um para o outro, as mãos unidas.

— Estamos — confirma Aminah —, estamos muito bem. Conversamos sobre tudo.

Kofi prossegue:

— Ao que parece nós dois estamos nos sentindo pressionados com o casamento.

— Isso. E não é que eu não queira me casar. O problema eram as vozes de outras pessoas, mas acho que agora que sabemos o problema, vai ser bem mais fácil.

Confirmo devagar com a cabeça.

— Como?

Aminah dá de ombros.

— Bom, o casamento tradicional é o mais importante para nós dois, e não é que não queremos compartilhar o momento com a família, e sim que precisamos fazer nossa voz soar mais alto.

Ainda não estou ouvindo nada sobre ações práticas.

— Aminah, em um mundo ideal, como seria seu casamento dos sonhos? Sem pensar muito.

— Antes era um casamento enorme de conto de fadas. A coisa toda. E não sei… parte disso importa, mas… algo pequeno também seria fofo. Um cenário de fundo bonito. Meus amigos. Eca, quem sou eu?! Estou parecendo alguém que quer se casar em um celeiro remodelado e que serve champanhe em frascos de vidro. Daqui a pouco, vou dizer que quero um buquê com flores silvestres. Só estou dizendo que percebi que não precisa ser superelaborado para ser especial, só… *elegante*, íntimo…

Meu cérebro está a toda à medida que uma ideia absurda começa a se formar. Malakai se remexe até conseguir ver meu rosto, e na mesma hora tanto ele quanto Aminah perguntam:

— No que está pensando?

Eles se entreolham, e Aminah dá um sorrisinho.

— Meio que senti saudade, Novato. É legal ter meu cunhado caçulinha de volta.

— Também senti saudade, Minah. Mas ainda sou um ano mais velho que você.

— Não em espírito.

— Sei. Kiki ainda está com aquela cara… a que parece Raven tendo uma visão? Não consigo ver direito deste ângulo.

— Aham. — Kofi me observa com atenção. — Às vezes, parece que ela está se segurando para não peidar.

Estreito os olhos para ele.

— Eu pareço mais uma gênia tendo ideias geniais. Que é o que está acontecendo agora. Acompanhem o raciocínio. Kofi e Aminah, todos os seus melhores amigos estão aqui… Kofi, seus primos estão aqui e, Aminah, sua irmã está aqui. A gente está em um país lindo… — comento, e Malakai aperta minha cintura. — E ainda temos a degustação particular de vinho ao pôr do sol, lá na vinícola que por um acaso é um empreendimento de pessoas pretas. Aposto que eles fazem casamento por lá. Com certeza vai ter alguém para oficiar.

De maneira incrível, Aminah não descarta a ideia de imediato. Já é um bom sinal.

— Parece muito insano, mas — interrompe-se, olhando para Kofi —, será que é?

Ele a beija no ombro.

— Não. Não se você quiser.

Meu amigo está tão nas nuvens por Aminah estar bem e obviamente tão fascinado que acho que a esta altura ele concordaria em se casar em um pub qualquer em Monument. O que seria, de maneira objetiva, o inferno na terra.

— Vamos precisar de um escrivão, porém, e conseguir um assim de última hora seria impossível… — murmura Kofi.

— Não é impossível quando se tem o contato de uma popstar global. Uma vez ouvi uma música não lançada de Rihanna quando eu estava com ela.

Aminah arfa.

— Bruxaria.

Concordo com a cabeça, solene.

— Então percebem com o que a gente está lidando? Dessa maneira vocês vão ter algo pequeno e íntimo, só para vocês. E aí, quando ficarem estressados com o

casamento, vão conseguir relaxar porque já vão ter feito algo à maneira de vocês. Vocês podem ter esse casamento e cancelar o casamento de branco…

É neste momento que acho que Aminah vai desmaiar. Quase vejo seu rosto ficando pálido. Ela vem segurando bem a onda, então acho que a hora do surto chegou.

— Minha mãe vai falar que estou tentando matá-la de verdade…

— Tudo bem, por isso ainda seguiremos com o tradicional. O líder religioso que escolherem faz uma bênção curta nesse casamento. Talvez percam algumas reservas, mas vão conseguir dinheiro o bastante de volta para estenderem a lua de mel e viajarem um pouco. Eu ajudo ligando para os fornecedores quando a gente voltar. Não se preocupem, é o melhor dos dois mundos. E além disso, você pode usar o vestido branco no tradicional. Que mal faz mais uma troca de roupa? Vai ser que nem uma turnê de Beyoncé. Molejo da Minah Money em turnê.

Aminah fica me encarando enquanto um sorriso vai brotando em seu rosto, os olhos se acendendo.

— Banjo Bélica, é por isso que você é minha madrinha de casamento, esposa, melhor amiga e contato de emergência. Beleza. — Ela bate palmas. — *Beleza*. Manda mensagem no grupo. Precisamos de todo mundo ajudando. Trouxe quatro vestidos brancos diferentes para essa viagem, e são todos lindos, preciso dizer. Amo temas. Só preciso de umas flores não horrorosas… Será que dá para confiar em Laide para cuidar disso?

— Vou levar Kofi para comprar uma roupa e avisar aos outros do que está rolando — anuncia Malakai —, e aí ligo para a vinícola.

— Ei — murmura Kofi, ofendido. — Por que eu preciso comprar uma roupa?

— Porque eu vi o que você trouxe na mala.

— Falou o cara que parece não saber fechar os três primeiros botões de nenhuma camisa.

— O que é bonito é para se mostrar, cara. Você devia seguir meu exemplo. O peitoral é meu orgulho.

Abro um sorriso e seguro as mãos de Aminah por cima da mesa, ignorando os pombinhos.

— Tudo bem. Vamos casar você.

— Já sou casada — retruca ela — com você, mas topo essa nova ideia.

CAPÍTULO 21
Nunca demais

Aminah é como a sensação que se tem quando vê uma flor desabrochando após um inverno gélido. Está radiante, o amor e a alegria emanando da pele enquanto fica diante de Kofi, cujo rosto é todo sorriso; nos olhos, um êxtase acumulado, e direcionado à noiva, cuja expressão reflete o mesmo.

A paisagem da Montanha da Mesa se assoma de maneira majestosa pela vinícola, servindo como uma vista ridiculamente deslumbrante, a expansão verde e inclinada da plantação se desenrola ao além como um tapete, o ar doce, suave e acolhedor ao olfato. O céu parece estar seguindo o código de vestimenta também porque produz lampejos de lilás em meio ao rosa do pôr do sol. Aminah é a melhor representação de um clichê de noiva. Parece uma rainha de conto de fadas, etérea, tão deslumbrante que perco o fôlego, e não é só a roupa, é sua expressão: total contentamento, convicção nas próprias escolhas, lealdade à santidade do momento. E ela tinha mesmo o vestido perfeito: um vestido no estilo bandeau com um tule tomara que caia na cor creme, longo e bordado com flores, por cima.

O buquê é um montante de lírios que a irmã, animada pela pequena rebelião contra os pais, correu para conseguir. Aminah está tanto delicada quanto ousada, a própria imagem de quem é, uma mulher esplêndida. Kofi também está lindo, com um terno com caimento impecável que Malakai conseguiu encontrar em uma loja outlet. A pele escura cintila com um triunfo profundo, os dentes brancos à mostra em uma alegria confiante impulsionada pelo fato de que os sonhos se tornam realidade. No momento, ele absorve o maior sonho de todos, e o sonho o faz ganhar vida.

Malakai e eu mal conseguimos conversar enquanto corríamos com as preparações, cumprindo nossos deveres com primor, com gosto, então é a primeira vez que nos vemos direito desde a cafeteria, em lados opostos, ao lado de nossos

amigos.

Seu olhar encontra o meu, e meu estômago dá piruetas. Ele articula sem som: "Você está linda", e minhas entranhas se desfazem. Meu traje é um vestido maxi de chiffon floral de costas nuas nas cores roxa, laranja e fúcsia que abraça minhas curvas. Fiquei na dúvida se não era casual demais, se não fazia jus à ocasião do casamento de minha melhor amiga, mas Malakai está me olhando como se eu fosse todo o ouro do mundo, e por isso tenho que usar todo o amor que tenho por Aminah e Kofi para me manter de pé.

Articulo "Você também" em resposta porque ele está mesmo, com a camisa branca de botão simples e a calça azul-marinho, o amor desenfreado pelos amigos brilhando no rosto.

Os convidados do casamento sentam em cadeiras brancas dobráveis atrás de nós, trajando o melhor que trouxeram para as despedidas de solteiro, que acaba sendo bem impressionante. Ninguém questionou o plano; fazia sentido, parecia certo. Taré nos avisou que havia ligado para M, que aparentemente ouviu falar dos convidados rebeldes na festa dela que deram um mergulho na piscina, e a cantora ficou tão impressionada pela nossa "audácia" que mexeu uns pauzinhos. Logo, os donos da vinícola ficaram muito felizes em estender nosso tempo aqui e transformar o lanche de degustação em um banquete braai completo.

Laide conseguiu que o DJ que ela estava pegando (nos momentos em que não estava pegando o primo de Kofi) fosse tocar na festa. Shanti arrumou o cabelo e maquiagem de Aminah, e Chi, com recursos limitados da florista e da loja de artesanato, transformou o que era um cenário simples em um minipaís das maravilhas.

Aminah arfou quando viu, os olhos brilhando.

— Ai, meu Deus, ficou… perfeito.

E Kofi levou a mão dela aos lábios, porque é aquilo que Aminah é para ele — ele nem precisou dizer —, e foi o bastante para me deixar em prantos, pela primeira entre as um milhão de vezes no dia.

A cerimônia é linda, o sol banhando o casal com bênçãos enquanto eles proferem as palavras mais preciosas que já ouvi. Kofi a chama de "confirmação do divino", Aminah o chama de "o único homem que alcançou meus requisitos sobrenaturalmente exigentes". Ela o agradece por ser sua parte "mais suave", e acho que eu caio em um pranto bem audível nesse momento. Chioma está se

balançando, como se hipnotizada pela demonstração de amor, Malakai fica com os olhos marejados e Shanti morde o lábio, uma tentativa desesperada de salvar a maquiagem. Lágrimas escorrem pelo rosto de Ty, e eu deveria tirar uma foto para mandar para as legiões de fãs que ele tem online para demonstrar a capacidade do exemplo de galã saradão, desmanchando-se de emoção ao ver os amigos se casando.

Uma brisa suave sopra de forma reverente, em consagração do momento, e fica nítido que estamos em um reduto de amor sem filtro, do amor deles. Esta é a magia da vida real. E então os dois se beijam, e estamos celebrando, e estou chorando de novo, e Aminah se aproxima e me abraça com a mais pura alegria, dizendo:

— Obrigada. Eu te amo. Nunca vou esquecer disso.

— Eu te amo. Obrigada por me deixar fazer parte disto. Você merece — respondo.

E ela complementa:

— Você também merece, amiga.

Então dá uma piscadela e me passa o buquê de lírios.

Laide grita:

— Ei! Isso é trapaça!

Então devolvo o buquê à Aminah, que faz uma cara rabugenta e joga. Laide pega o buquê e acaba caindo em cima de Ty e Shanti.

Ela dá um sorrisinho para eles.

— Desculpa, amiga. Hoje ele é meu.

Ty se vira para ela e retruca:

— Ah?

Por sua vez, Shanti revira os olhos e diz à outra:

— Isso é ganância, a Bíblia já avisou.

Antes de o DJ chegar, coloco minha playlist para tocar, adicionando música à fluidez de nossos amigos, e aí começamos a flutuar em meio ao soul dos anos 1980, Luther Vandross soprando com a brisa, atravessando as risadas, mil-beijos, a música de Kofi e Aminah, que colocam a teoria à prova de novo e de novo, insaciáveis.

Estou dançando, balançando-me, flutuando de alegria, quando sinto uma mão em minha cintura e Malakai me puxando para si. Meu corpo colide e se derrete nos contornos e o calor dele encontrando nichos nos quais se aninhar em mim.

Sorrio para o homem lindo que é meu tipo favorito de problema.

— Oi. Quero dizer uma coisa para você. Estou cansada de não te dizer uma

coisa.

— Tudo bem, mas eu também quero. Posso ir primeiro? Porque estou testando essa coisa nova de não ficar remoendo nada e só contar o que estou sentindo quando estou sentindo.

— Ah. Que emocionante. Beleza, então diz, diz.

Malakai segura meu rosto com uma das mãos e envolve meu quadril com a outra. Encaixa bem ali, eu encaixo aqui.

— A questão é a seguinte, Scotch. Não tinha nenhum motivo para eu voltar para Londres seis meses antes do casamento do meu melhor amigo. Sejamos francos.

Sorrio enquanto ele acaricia meu lábio com o polegar, e os olhos me marcam a fogo com amor, amor, amor.

— Eu fiquei mesmo me perguntando o que tinha de tão importante na degustação de bolo…

Malakai dá um tapinha discreto em minha bunda.

— Assim como não tem motivo nenhum para eu voltar para os Estados Unidos este ano. A verdade, Scotch, é que só quero existir perto de você. O fato de você me receber de bom grado é um bônus abençoado. Só quero ficar perto de você. Conversar com você. Tocar em você. Toda vez que te vejo, penso: *Deus, como? Como você pode ser possível?* Penso que não acredito que cheguei a ter você e a deixei escapar. Penso que nunca tive uma amiga como você e nunca vou ter. Porque, sério, você é minha melhor amiga. Não conta para Kofi. Também penso no quanto quero construir coisas com você. Quero me esforçar muito nisto, me dedicar muito a isto. Penso que a última coisa que quero fazer com você é ir devagar. Amor, vou fazer isso se quiser, mas queria mesmo é mergulhar de cabeça em você. Não sei como diminuir minha noção de você. Como mitigar meu amor por você. Porque essa é outra coisa: estou tão apaixonado por você, Kiki. Nunca me desapaixonei. Nunca tentei, porque amar você é o que faz de minha vida extraordinária, e talvez isso seja egoísta, mas que assim seja. Nunca vou deixar de te amar. Então. É isso. Você vai ter que lidar com isso. O que ia dizer?

Meu sorriso é tão aberto que meus cílios inferiores tocam o alto das bochechas, e meu coração está tão pleno que sinto o sabor da *alegria*.

— Ah, eu só ia dizer tudo isso, e também que falei um monte de besteira hoje cedo. Eu estava com medo, mas não estou mais. Tipo, o mero fato de isto aqui existir já me deixa corajosa… Eu confio. Confio na gente. Eu ia dizer que se foda

deixar rolar. Que se foda ir devagar. Rimou. Nem percebi. Percebe como meu amor por você é que nem poesia? Eu te amo. Muito, por muitos motivos, mas por motivo nenhum.

Malakai sorri tanto, e minha alma entoa tão alto.

— Tudo com rima.

— Sou tão talentosa. E, amor, eu sei o que fez por mim. Com o Sákárà. E eu agradeço tanto…

Kai balança a cabeça, descartando minhas palavras.

— Scotch, eu não estaria onde estou em minha carreira se não fossem aqueles anos com você a meu lado. Sei disso com certeza. Você não tem que me agradecer. É você. Já ia acontecer. Eu não fiz…

— Talvez já fosse acontecer mesmo, mas você deu um empurrãozinho. Fez alguma coisa. Uma coisa bem maravilhosa, e significa muito para mim.

Os olhos de Kai cintilam.

— Eu faria qualquer coisa por você, Scotch. Estou com você.

— Eu sei. E eu estou com você. Além disso, quando a gente estava transando hoje, você falou uma coisa. Sobre eu avisar quando "quiser". Achei que era, tipo, alguma coisa dita no auge da paixão…

— *Auge da paixão*, Scotch?

— Você estava falando sério? Porque é uma coisa grande.

Malakai dá de ombros.

— Nós somos uma coisa grande. Alguns diriam que a maior de todas.

A brisa envolve a nós dois e minhas tranças, como se tentando nos puxar um na direção do outro, como se pudéssemos ficar ainda mais perto, e o sol, em toda a generosidade, resolve compartilhar parte da luz concedida a Kofi e Aminah com a gente. O rosto de Malakai reluz, tão intenso quanto a estrela, e ele abre um sorriso sincero e malicioso. Segura minha nuca, aproxima o rosto do meu, a boca quente perto de minha orelha, a voz baixa vibrando por minha anatomia toda em sincronia com o desejo crescendo em meu interior.

— Além disso, fique sabendo, Scotch, que eu nunca minto quando estou dentro de você.

É tão estúpido e deixa meus olhos e a mim molhados, finca-se nos tendões da alma e da pele, e gargalho porque a verdade é que ele sempre está dentro de mim, sempre aqui dentro. Mas e agora? Estamos aqui, e o presente é agora, vamos tentar e

tentar e dançar à alegria de nossos amigos, em alegria por nossos amigos, em busca de nossa própria alegria, em alegria à busca pelo amor.

EPÍLOGO
Sintonia Sákárà

Dois anos depois

É isto o que fazemos com nosso amor. Estamos dançando, estamos todos dançando, no salão do Sákárà, é o aniversário de nossa reabertura, enquanto a banda toca e alguém canta um cover de uma música clássica de afrobeat, ao mesmo tempo que os tambores falantes berram mesmo que a letra entoe um amor que é tenro. O ar está macio que nem um puff puff recém-saído da air fryer e denso com o sentimento bom. O perfume doce colide com colônias mais almiscaradas, o ar um pouco mais límpido em algumas partes do espaço em que algumas pessoas se recolheram no jardim para engajar em outros tipos de performance, se é que me entendem.

Contei a piada a Malakai e ele falou:

— Todo mundo entende você, Scotch. Sua nerd.

E aí me deu um beijo.

Enquanto me balanço, mexendo-me com a batida, estou com uma criança gorgolejando apoiada no quadril, uma menininha com cachos que querem alcançar o céu e olhos como os da mãe e um sorriso como o do pai, o rosto sempre pronto para competir com o sol. Aminah do Manejo da Minah se aproxima e faz cócegas no bebê em meus braços.

— Ela precisa trocar a fralda — declara ela, fazendo sonzinhos para a criança. — Você não sabe que sua tia ganhou um Grammy de Melhor Filme Musical…

— A tia dela foi indicada como produtora…

— Mesma coisa — argumenta minha amiga. — Você é a consultora criativa de Taré Souza e uma produtora cultural famosa com sua própria série documental. A questão é que ela não vai fazer cocô aí no seu colo, ponto.

Aminah pega Adeyinka Aurora Akua Kikiola Bakare-Adjei de mim e a coloca nos braços de Kofi enquanto ele passa, dando um beijo na bochecha do marido.

— Meu querido, sua princesa precisa trocar a fralda.

E Kofi obedece, logo fazendo caras e bocas para a filha angelical — minha afilhada — enquanto ela balbucia, deliciada. Aminah sorri para os dois antes de me informar que já volta. Minha amiga quer mais bolinhas crocantes de frango e suya que Meji adicionou ao cardápio da nossa empreitada conjunta na qual eu, meus pais e Meji temos ações, uma amálgama doce de tradicional e novo.

Nossa família toda está aqui, a mãe de Malakai e o irmão jogando conversa fora com meus pais e minha irmã; Chioma e a nova namorada estão sentadas em uma mesa, Laide com Ty, dando risadinhas de algo que ele disse, o que é bem interessante porque nunca a vi dando risadinhas. Em um canto, Shanti está com um sorrisinho de flerte para o protagonista bonito do filme de Malakai, *Maçã* — uma belezinha independente e uma reflexão estonteante sobre paternidade e amor que recebeu aplausos de pé em festivais. Na primeira vez que vi o nome de Malakai nos créditos de uma tela de cinema, chorei de orgulho. E na segunda e da terceira vez, também.

Então, o próprio Malakai olha para mim, e a luz aparece em seus olhos, intensa e escura. Se a música suspende o tempo, então estamos ainda mais suspensos no momento. Tenho uma sensação desorientadora que poderia ser só o champanhe misturado ao Chapman de meu pai, mas já fiz isto antes e desta vez parece diferente.

Dizem que existem certos acontecimentos dramáticos, capazes de transformar a vida de alguém, que são previsíveis nos momentos que os precedem. Uma esperança se concretizando, por exemplo. Malakai se aproxima de mim e me envolve nos braços, a mão acariciando a fenda em meu vestido amarelo e fazendo o desejo e os calafrios tomarem meu corpo.

— Ora, Kiki, de novo você tentando me matar na frente de todos os nossos amigos e familiares.

— Dez anos e ainda não consegui. Tenho que mudar de tática.

Kai abre um sorriso e me puxa para o canto do bar, logo atrás da cabine de fotos, e me beija, a língua acariciando devagar, profunda, sensual, com uma entrega precisa, e perco a sanidade e a encontro de novo, duas vezes. Como a fome ainda não foi sanada? Como nunca me senti tão saciada? Ele me dá um selinho suave, deixando-me com a vista turva, com os ossos moles.

— Eu te amo uma quantidade absurda, Kikiola Banjo. Está sabendo disso? Tudo bem para você?

Eu me recomponho depois de me derreter, como de costume. Toda vez que

acontece, eu me sinto mais fortalecida — não contra Malakai; não preciso estar contra ele. Contra o mundo, contra a dúvida. Aprendemos a destrinchar os emaranhados do coração e dos Não Ditos, por mais que doesse ou o quanto expusesse, para confiar que nós dois saberemos lidar com as pontas afiadas um do outro. Nós nos esforçamos para proteger o que é tão fácil para nós. Eu me sinto tão segura; até as partes difíceis foram uma revelação do quanto nosso amor pode ir longe, do quanto sua profundidade é insondável.

— Tudo ótimo para mim, tanto que resolvi chegar à sua quantidade absurda de amor e aumentá-la para uma quantidade *inacreditável*.

— Absurda ganha de inacreditável, mas tudo bem, acho — retruca Malakai. Belisco seu braço, e ele sorri. — Estou tão orgulhoso de você, Scotch. Olha só o que você fez.

— Orgulho da gente. Olha o que a gente fez.

Olho ao redor, para nossa casa cheia de alegria, de nós, ainda aqui apesar de tudo, ainda aqui por causa de tudo.

Ergo a cabeça, foco o olhar brilhante dele.

— Quando?

Kai fica imóvel.

— Quê?

Abro mais o sorriso.

— *Quando?*

O rosto de Malakai é o sol em si e a imagem me nutre, o sorriso irradiando esperança e promessa e segurança para mim, adoração por mim.

— Graças a Deus. Já não era sem tempo. Faz dois anos que carrego isto no bolso. E faz dez anos que espero este momento.

Achei que estivesse dando permissão a ele para um futuro próximo, mas não deveria me surpreender que Malakai, um diretor premiado pelo Sundance, tinha se preparado meticulosamente para este momento. Ele grita para a banda do restaurante:

— Agora!

E aí o amor de minha vida, de duas vezes, se ajoelha e saca uma caixinha do bolso enquanto uma versão Fuji bizarra de "Thong Song" começa a preencher a atmosfera aural do espaço. Escuto Aminah exclamar:

— Ai, meu Deus, até que enfim. Está acontecendo!

Só que, na verdade, é no momento certo. Sempre acontecemos no momento certo. Malakai me olha com todo o amor, os olhos brilhando, segura minha mão. Sim para o que fomos, sim para onde estamos, sim para onde vamos. Evoluímos, estamos evoluindo, vamos evoluir e sempre fomos *isto*, sempre tivemos isto, e sempre vamos escolher, nos comprometer, batalhar, pelo que nossos corações já sabem. É isso que faz o que temos ser sagrado. Glorioso. O sol nasce em mim em meu mundo novo-antigo, mais enraizado, mais presente, bem quando achei que não poderia voar mais alto.

Fim (Começo)

AGRADECIMENTOS

Acredito piamente que o livro seguinte sempre tem que exigir mais de nós do que o anterior. Que temos que crescer, evoluir e desafiar o ofício e a habilidade a cada nova criação. Dito isso, com *Doce calor*, foi tipo: "Beleza, entendi, já chega. Estou evoluindo, *cacete*!". Juro, não acho que o livro tinha que ter dado na minha cara do jeito que fez. Arranquei o cabelo algumas vezes. Marquei sessões de terapia de emergência mais do que algumas vezes.

Há alguns motivos para esta história ter me deixado tão estressada. O primeiro é o tema: como se escreve sobre duas pessoas que ainda são perdidamente apaixonadas uma pela outra, mas estão negando isso com um ímpeto agressivo, ao mesmo tempo que nutrem por si uma raiva que consideram justificada? Uma raiva que mascara uma dor profunda? Como se escreve sobre o vaivém emocional dessa jornada, a tensão, o anseio? O passado, a agitação; o ódio fictício lutando contra o amor? *Não, sério, como é que se faz isso?*, perguntei ao nada. Foram várias tentativas até eu ficar satisfeita; precisava parecer certo, ser exaustivo, abordar o máximo possível de ângulos emocionais. O amor — sobretudo o pós-universidade — é complicado, e eu queria tratar isso com a reverência que merece. A pressão também vinha por conhecer os personagens de cabo a rabo, por não querer falhar com eles, por me certificar de que eu não estava os forçando a fazerem o que eu queria que fizessem, que os permitisse me guiar. Foi um trabalho meticuloso garantir que estava fazendo jus a seus sentimentos complexos. Meus docinhos caóticos. Isso significou mergulhar em seus traumas e dores individuais, entendendo como o amor deles amadureceria e evoluiria enquanto eles amadureciam e evoluíam. Isso levou tempo. Fiquei ressentida comigo mesma por precisar desse tempo, mas quando percebi que precisava, sim, e parei de me punir por isso, ficou mais fácil.

O segundo motivo que me fez afogar as mágoas em uma xícara de chá quentinha foi por ser uma sequência. Eu queria honrar tanto Kiki e Malakai quanto as pessoas que os amavam enquanto indivíduos e enquanto casal. Tanto que me senti

estagnada. Aí me dei conta — ou melhor, lembrei — de que o único objetivo que eu deveria ter era escrever uma história que parecesse verdadeira — verdadeira para Kiki e Malakai, e verdadeira para o tipo de história que eu quero contar. Aí me senti livre. Senti que estava voando. Eu me apaixonei de novo pelo ofício da escrita, redescobrindo-o. Que alegria foi isso! Foi quase que *meu* romance de segunda chance. Reconciliar quem eu era com quem sou, e tratar minha escrita com uma reverência relacionada a ambas as versões. Por Deus, amo escrever. Como sou abençoada por poder fazer isso de novo, e de novo. Cresço um pouco mais a cada livro, mas este aqui de fato me impeliu a olhar para mim mesma, a lembrar quem sou e a reconhecer a forma como evoluí. Esta história significa tanto para mim — Kiki e Malakai significam tanto para mim, o mundo deles significa tanto para mim. Estou tão, tão grata pela história ser lançada agora, por Kiki e Malakai terem o fim deles (ou melhor, o começo). Amo esses dois doidos e amo o amor deles — com os corações partidos e tudo mais — e queria ir fundo de verdade e alcançar todas as camadas da coisa, e ao fazer isso, acho que amadureci com eles. Independentemente do que aconteça com este livro, estou orgulhosa por tê-lo escrito.

Entretanto, não fiz isso sozinha; fui fortalecida por minha comunidade, minha equipe, pelas pessoas que ajudam meu mundo a fazer sentido.

Mamãe e papai! Meus pilares. Vocês nunca duvidaram de mim, meus torcedores, meus maiores fãs. Embora vocês estejam proibidíssimos de lerem este livro, é por causa de vocês que ele existe. Minha confiança como autora com certeza vem de ser uma pessoa cujos pais impulsionaram os sonhos. Por sorte, não a ponto de eu me iludir, mas sim por conseguir mesmo, graças a Deus. Mamãe, obrigada por seu amor firme e direto, pela comida entregue lá em casa, pelos conselhos oportunos de "Bolu, te orienta" que, tudo bem, às vezes são necessários mesmo, e a crença de que tenho algo a oferecer, e por certo vou oferecer. Sei que você se gaba de mim para seus alunos, tá? Obrigada por sempre atender minhas ligações, sempre e sempre, para me ouvir falar de qualquer coisa, por me ajudar a ser adulta. Por me ajudar a me portar (tanto figurativa quanto literalmente), por ser responsável por minha inabilidade de aturar desaforos (evitei usar palavras feias aqui, viu). Papai, obrigada por anunciar em voz alta que me considera genial e que acha que eu deveria ganhar um Pulitzer, e por colocar meu nome nos alertas da Google. Comecei a postar menos no Twitter porque fico um pouco sem jeito quando um simples tweet meu falando sobre *Casamento às cegas* viraliza e você posta isso no grupo da família como

se fosse um feito magnífico. Obrigada por ser minha plataforma de validação iorubá. Consigo falar, mas nem sempre consigo soletrar, então você me ajuda a dar vida às palavras. Obrigada pelo orgulho de vocês dois. É como eu me sustento. Obrigada pelo nome com que me agraciaram. Deus é mesmo maravilhoso, sobretudo por ter me feito filha de vocês. Vocês dois são os melhores. Obrigada por me ensinarem o que é amor. Por darem o exemplo do que é amor.

Aos irmãos e primos! Bomi, Demi, Ibukun, Ore, a todo mundo na *Gang Gang*. Sobretudo Bomi, de verdade, obrigada demais por me ajudar a fazer as coisas quando eu estava sendo sugada pelo vórtice da escrita! Você é muito mais gentil do que eu poderia ser.

Minha agente incrível Juliet Pickering! Que jornada até aqui. Obrigada por sua convicção, por ser minha guerreira, minha torcedora, e por acreditar em mim tantos anos atrás. Nunca vou esquecer daquele e-mail dizendo que você queria me representar só por ter lido meu conto *Netflix & Chill*! Obrigada por ter tanta calma ao responder (em um horário decente) aos e-mails erráticos que eu enviava tarde da noite, obrigada por ler os rascunhos aleatórios que envio e por levá-los a sério! Eu me sinto muito acolhida ao seu lado, e minhas palavras parecem seguras em suas mãos. Obrigada por sempre advogar a favor de mim, de meu tempo, de minha mente e das histórias que posso contar. Fico muito feliz por estar nesta jornada com você, com a noção de que, na real, ainda estamos no começo.

Jennifer Doyle, da Headline, obrigada demais pelo trabalho de edição neste livro, e por absorver tudo com tanta perfeição! Muito obrigada por responder às minhas perguntas insanas e malucas tão depressa, por ter tanto cuidado, consideração, paciência e amor com esta história e por entender o quanto é preciosa para mim! Você me concedeu o tempo necessário para mergulhar na história, para moldá-la, e confiou que, quando comecei a reescrever a segunda metade da história toda de novo (HA!) ou quando adicionei um capítulo extra (HAHA!), era por uma boa razão. Seu encorajamento foi mesmo muito importante em momentos cruciais. Você amenizou muito da ansiedade.

Katie Ogunsakin. Obrigada por ser minha editora na alegria e na tristeza desde o início, por me conhecer, por conhecer os mundos que criei de forma tão íntima, por estar tão comprometida com esta jornada — mesmo quando acabou de começar um trabalho novo! *Pimenta & Mel* e, sem dúvida, *Doce calor,* vieram ao mundo porque você acreditou nas histórias que eu tinha para contar. Nós duas estamos conectadas,

de um jeito oficial e não oficial! Sua percepção e consciência de meus personagens foram essenciais. Suas perguntas me fizeram perguntar coisas a mim mesma, o que me ajudou a formular uma direção para esta história, e fui muito impulsionada por seu amor pelo livro. Obrigada!

Julia Elliot, da William Morrow, muito obrigada por ser minha editora na terra das oportunidades! Obrigada por entender e amar o livro, por suas perguntas norteadoras gentis e pela consciência da história, o que me ajudou a expandir o que este livro poderia ser. Meus leitores estadunidenses são tão importantes para mim, e fico muito aliviada por saber que estou em boas mãos.

Minhas brabas da publicidade! Alara (Reino Unido) e Eliza (EUA), o jeito que hyparam este livro me fez entrar ainda mais no hype, e a confiança no que é e o cuidado ao garantirem que seja divulgado são tão importantes! Vocês lidam com a história com cautela e compreendem as pessoas que a história precisa alcançar, as pessoas que precisam conhecê-la. Vocês ajudam a moldar a forma como a história chega ao mundo, e para fazer isso com eficiência precisam entender o livro e a autora — e vocês entendem! O entusiasmo de vocês significa muito para mim, e sou muito, muito grata a vocês. Obrigada por darem tanto o sangue por Kiki e Malakai quanto eu dou!

Kashmini — obrigada por sua paciência ao adicionar tão bem minhas inúmeras emendas a um arquivo que era para ser o final! Você é um cristal.

À toda a equipe da Headline e William Morrow, a todo mundo que trabalha tanto para garantir que este livro tenha a vida que queremos que tenha, obrigada! Significa demais para mim.

Obrigada à Jessi Stewart e Jenny Maryasis, minhas agentes de audiovisual do Reino Unido e dos Estados Unidos por me deixarem escrever este livro (LOL) e por me deixarem dar uma pausa prolongada em, hum, muitos projetos. Obrigada por saberem que é por uma causa maior! E por saberem o quanto minhas histórias são importantes para mim.

Aos amigos e familiares! Charlet, minha BFF, minha irmã, minha leitora beta, a pessoa mais gentil da face da Terra, de verdade, obrigada pela crença fervorosa em mim, pelo encorajamento, pelos oportunos “Hum, Bolu, lembre quem você é!”, só por estar a meu lado e por me ajudar a me equilibrar. O mundo seria um lugar melhor se as pessoas tivessem um coração como o seu. Danielle Scott-Haughton, a única! Minha irmã mais velha. Obrigada por ativar o modo guerreira de fé, pelo fato

de que você NÃO brinca em serviço quando o assunto sou eu, por seu incentivo, sua crença. Obrigada pela chance de eu ser sua irmã mais nova! Por criar um espaço seguro para mim, pelo fato de que posso só te ligar a qualquer hora por causa de qualquer coisinha e você vai atender e me ouvir. Inestimável. Bernita, eu te amo até o fim, mulher. Acho que você nem sabe o quanto seu incentivo constante significa para mim. Obrigada por me inspirar tanto a bater o pé quanto a não aturar desaforo nenhum. Obrigada por ser o exemplo perfeito de ter um coração enorme e tenro sem deixar de lado a postura estrita! Sasé, minha princesa gourmet, obrigada pela risada que me impele ao longo do processo de escrita. Você pode dizer aos outros que é minha musa de inspiração se quiser. Amna, obrigada por seu espírito doce, por me conhecer, por ser alguém que serve como ponto de descanso para mim. Ivié, obrigada por me representar em Lagos! Folarin, obrigada de novo por ler *Netflix & Chill* tantos anos atrás. À Candice Carty-Williams, por começar a competição na qual inscrevi meu conto, tantos anos atrás, antes de nós duas sermos publicadas em editoras! Olha no que isso foi dar! Há tantos de vocês; Tayo, Gabs, Asha! Aos grupos de conversa; *Twisty Bobcat Pretzels*, e ao que Zara e Cara colocaram emojis como título; mais uma vez, forças vitais.

Ao tio Ferdinand. Ainda tenho muitas das mensagens amorosas e encorajadoras que me mandou. "Também fico muito satisfeito com seu… sucesso literário. Estou aguardando, com muita expectativa, pelo que com certeza vai ser sua incrível evolução enquanto escritora e pensadora." Perder você — bem no meio do processo de escrever este livro — me abalou de um jeito que ainda ressoa, e ainda assim suas palavras me compeliram em meio às profundezas do luto. Você era um excelente escritor. Ainda mal consigo acreditar que não está mais aqui. Nós tínhamos tanto o que conversar! Agora, ao menos, sei da urgência de ter tais conversas com quem eu amo. Obrigada por ser o melhor amigo que meu pai poderia ter tido, um irmão em todos os sentidos que importam, e obrigada por me amar como sua própria filha. Espero deixar você orgulhoso. Vou sempre me esforçar para canalizar a convicção que você tinha em mim, a dar vida a isso. Como sou abençoada por ter sua luz se projetando em mim. Descanse em paz e em poder, com Deus, querido tio.

Meus leitores nigerianos — tão especiais para mim —, obrigada por me pararem no meio de uma festa para me dizer o quanto amam Kiki e Kai, haha! Foi bastante condizente com o livro.

Meus leitores maravilhosos — todos vocês. De verdade, o apoio de vocês me

deixa sem palavras — e já devem ter advinhado que eu adoro ficar de papo. Sou muito grata por meus livros terem conquistado uma vida pelo mundo todo, e por me levarem pelo mundo todo; isso me deu o privilégio de encontrar muitos de vocês, e nunca deixo de me maravilhar com o quanto vocês engajam com esses mundinhos meus e, por consequência, comigo. Como vocês ficam a meu lado ao acreditarem no poder do amor verdadeiro, e não pedem desculpas por isso, são ousados. O amor é global! Universal! E nossa comunidade é forte! Sou muito abençoada por estar entre todos vocês. Obrigada pelas mensagens de apoio, por serem pacientes comigo, e por saberem que quando minha história está levando muito tempo para sair do forninho, é por um bom motivo! Fico muito feliz por estarem a meu lado nesta jornada.

Obrigada a minha terapeuta, que me compreende de forma tão gentil e necessária.

A meu noivo, T, que me pediu em casamento logo depois que entreguei este livro, e, ao fazer isso, transformou esta história em uma metalinguagem mesmo sem querer. Obrigada por me ouvir tagarelar sobre impasses editoriais que mal faziam sentido quando proferidos em voz alta e por me deixar falar até cansar, obrigada pelas conchinhas, obrigada por viver este processo de escrita junto comigo, obrigada pelas pausas para dancinhas, obrigada pelos papos motivacionais, obrigada por cozinhar tanto, obrigada por me dar espaço para ser, obrigada por me mandar ir dormir, obrigada por responder a todo "Beleza, isso faz sentido?", obrigada por dizer "Não, você não está dando uma de maluca", embora com certeza eu estivesse dando uma de maluca, obrigada por transformar todos os clichês de amor em realidade, obrigada por me dar espaço para respirar, obrigada por perguntar "Eles já chegaram na parte da piscina?", obrigada por ser meu kit de sobrevivência enquanto eu escrevia isto, obrigada por dançar devagarzinho comigo na sala, obrigada pela convicção, a convicção inabalável mesmo quando eu mal acredito em mim mesma, obrigada por você, por você, por você. Cara, eu estou tão na sua. Que tal a gente se casar?

Obrigada, Deus, por minha vida, pelo privilégio de fazer o que amo, pelo espírito que me compele a escrever e por tudo mencionado anteriormente.